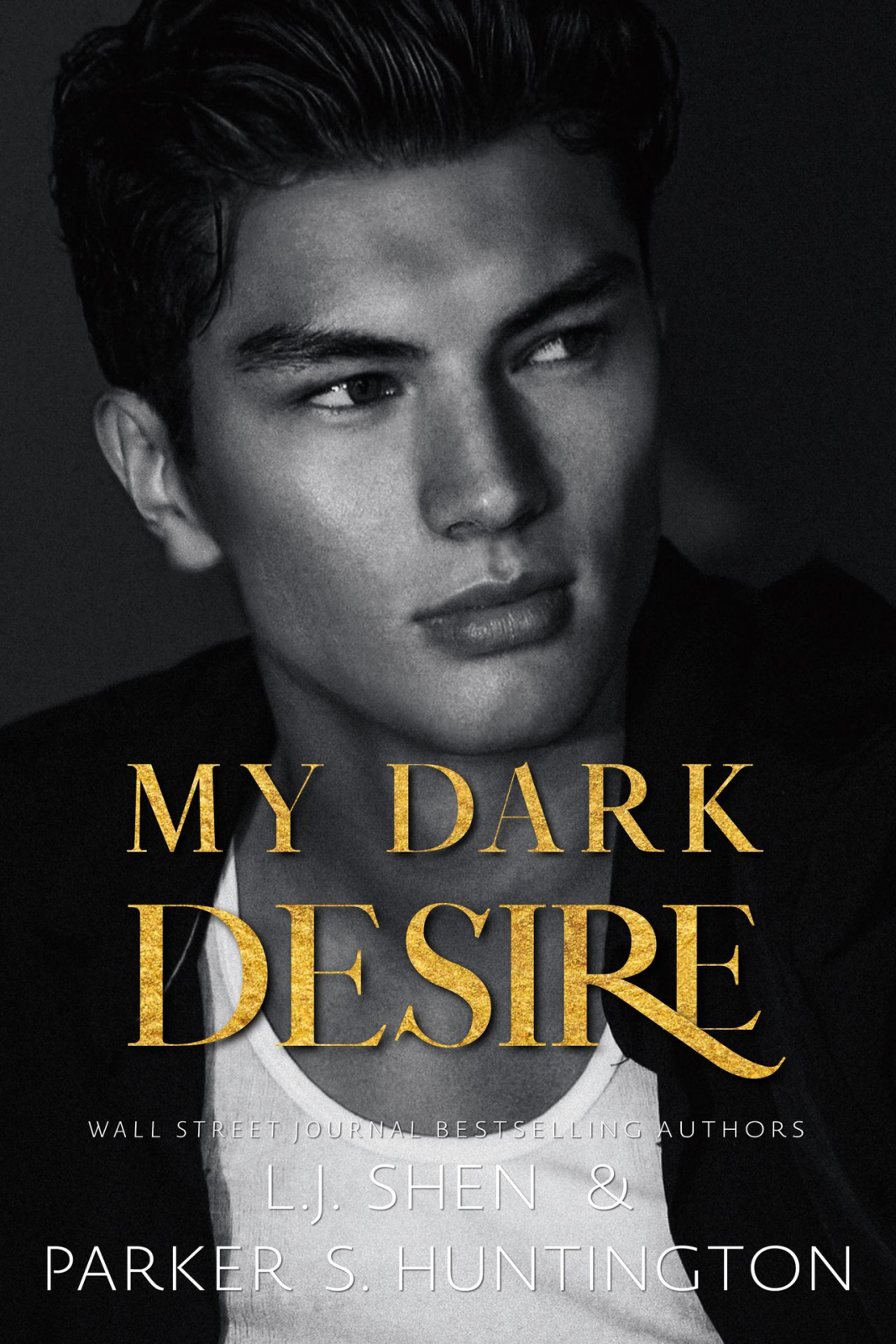




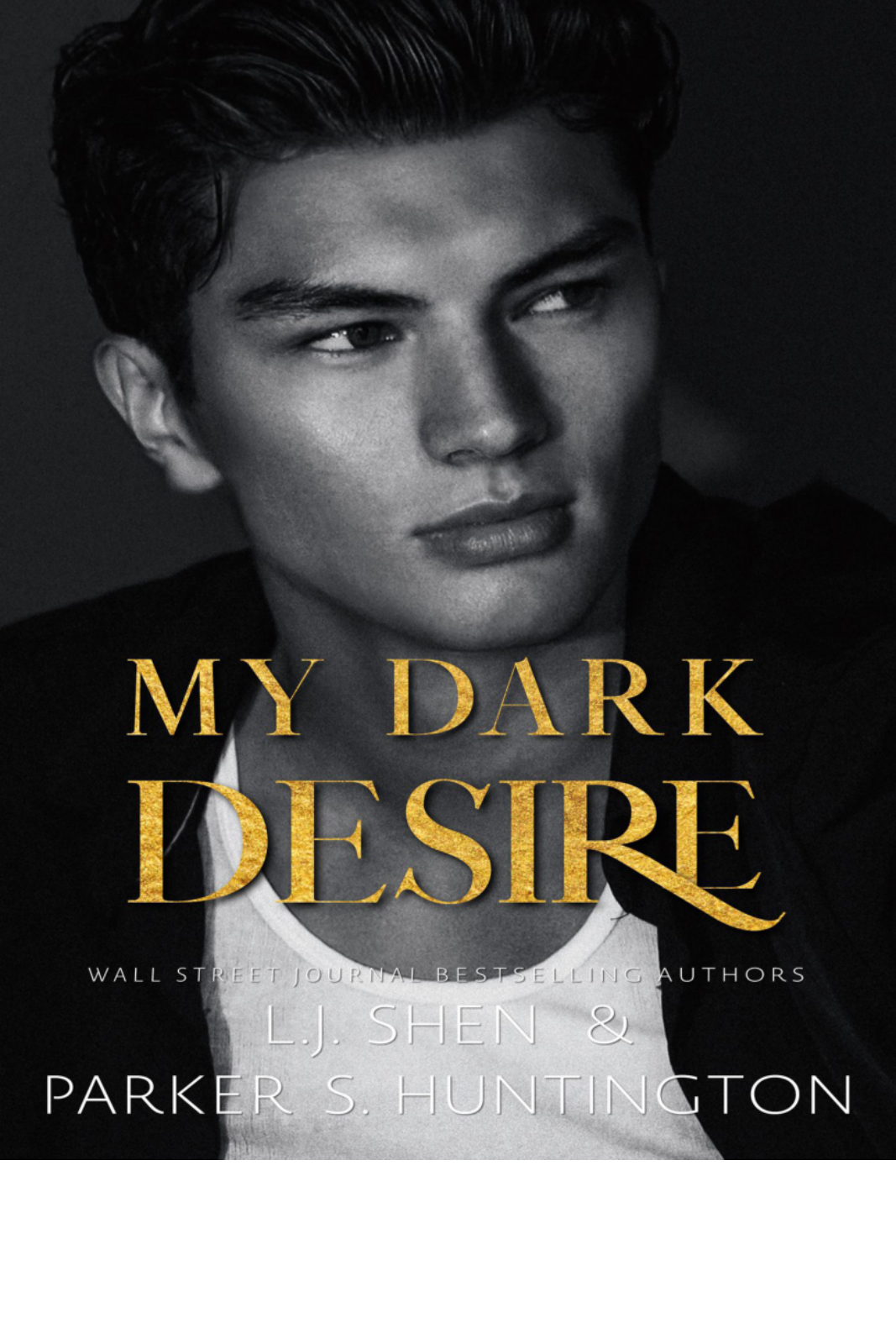
# MY DARK DESIRE

WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHORS

L.J. SHEN &  
PARKER S. HUNTINGTON

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



# MY DARK DESIRE

WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHORS

L.J. SHEN &  
PARKER S. HUNTINGTON

## AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

# SINOPSE

## FARROW

A tarefa era simples.

Entrar. Pegar meu pingente. Sair.

Problema número um? O solteiro mais inatingível da América me flagrou.

Problema número dois? Ele decidiu ficar comigo. Para servir.

O inverno de Zachary Sun pode ser o mais frio que já senti, ele faz minha pele arder.

Reservado, calculista e selvagemmente cruel, ele se aproveita das fraquezas dos outros.

Mal sabe ele que acabou de encontrar seu par.

Ele pode ser da realeza americana.

Mas essa camponesa se tornará a rainha.

## ZACH

Ela é meu bichinho de estimação.

Corajosa, inteligente e astuta.

Tão linda quanto arte valiosa.

Eu coleciono coisas lindas, e ela é minha mais recente adição.

Farrow Ballantine não está nos meus planos. Não é material de noiva.

Muito indisciplinada. Totalmente incontrolável. Sem falar – minha humilde empregada.

Aquelas pernas intermináveis e olhos azuis gelados não costumam me afetar.

Mas somados à sua boca inteligente, não tenho escolha a não ser ceder à tentação.

Vou me dar um passe. Só isso, uma vez.

Afinal, a maioria dos predadores brinca com sua comida.

E eu? Pretendo devorá-la inteira.

Não deixando nada para o homem que vem depois.

“Até milagres levam um pouco de tempo.”

FAIRY GODMOTHER, *CINDERELLA*

# PLAYLIST

LMM – Hwasa

LIPSTICK – Koven Wei & Aleebi

INVITATION – JUNNY ft. Gaeko

A\$\$\$A\$\$IN – Beauty School Dropout

Punchdrunk – Vaines

LEFT RIGHT REMIXX – XG ft. CIARA & Jackson Wang

People Watching – Conan Gray

Braindead – Sion

I hope u see this – thuy

Pretty When U Cry – ieuan

this is how I learn to say no – EMELINE

Back To Me – The Rose

I Love You 3000 II – Stephanie Poetri & Jackson Wang

Free Them – ONE OK ROCK ft. Teddy Swims

Seven – Jung Kook ft. Latto

Yesterday – Jay Park

A Little Bit Yours – JP Sax ft. Eric Chou

Leaves – jaesun & Zeru

Tomboy – Destiny Rogers

TWIT – Hwa Sa

Over 85 – Hojean

Still Life – BIGBANG

cut my hair – MINO

When You Loved Me – Eric Chou & Shan Yi Chun



Cinderella's Dead – EMELINE

WINTER WITHOUT YOU – XG

Sinking – James Lee & Shan Yi Chun

All in – LAY, Victor Ma, & Shan Yi Chun

# PRÓLOGO

## *Zach*

Meu pai sempre dizia que as pessoas são papel e as lembranças são tinta.

Mal sabia, meu livro seria mergulhado em alcatrão, depois rasgado em pedaços.

Cresci com um pai generoso.

Dinheiro. Identidade. Amor. Um bom conjunto de moral – e um conjunto ainda mais agradável de dentes. Ele me deu todos.

Mas a coisa mais preciosa que ele já me deu?

*Sua vida.*

\* \* \*

## **Doze anos.**

Como todas as calamidades, o pior dia da minha vida começou de forma bastante inocente.

Papai e eu viajamos no banco de trás de seu Flying Spur Bentley, nosso motorista entrando e saindo das pistas em uma tentativa desesperada de evitar o tráfego intenso. Uma cadeia interminável de buzinas enchendo meus ouvidos.

O céu caía sobre nós, uma tempestade que nos seguira desde a casa de leilões. O rádio tocava “Bookends”, de Simon e Garfunkel, alto demais para ouvir meus próprios pensamentos.

Eu podia sentir os olhos do meu pai colados na minha nuca enquanto soprava ar quente na janela do carro e desembainhava uma

espada sobre o gelo.

Ele suspirou. — Você realmente poderia usar um hobby.

— Hobbies não são úteis. É por isso que são hobbies. — Desenhei os dedos enrolados em volta da minha espada e o sangue escorrendo da ponta. — Além disso, tenho hobbies.

Da frente, nosso motorista bufou, ligando a seta para a esquerda.

— Você tem talentos — corrigiu papai. — Só porque você é bom nas coisas não significa que você gosta delas. E ficar sentado de braços cruzados durante todo o verão enquanto espera o retorno do seu melhor amigo não constitui um hobby.

Estúpido Romeo Costa.

Ele simplesmente se levantou e foi embora um dia. Nem disse adeus. Primeiro para a Itália no ensino fundamental. E agora, um acampamento de verão chato para o qual seu pai o forçou.

Ele voltou da Europa uma chatice total. Eu meio que esperava que ele voltasse desta vez com um pedaço de seu cérebro arrancado.

Pisquei para papai. — Por que preciso aproveitar as coisas que faço?

Um sorriso suave curvou seus lábios nas bordas.

Ele era enorme.

Ou talvez ele apenas parecesse enorme porque eu ainda não tinha crescido muito. Mas ele preenchia todo o banco traseiro com seu corpo.

Com *a presença dele*.

Com seu cabelo ônix e rugas de riso nas laterais dos olhos. E a cicatriz horrível na testa que ele ganhou enquanto acompanhava os escoteiros.

Uma águia tentou me agarrar e ele me abordou como um atacante no último minuto, batendo em uma espreguiçadeira e cortando a testa.

Papai bateu na minha têmpora com os nós dos dedos curvados. — Porque se você não valoriza a viagem, como você aproveitaria o destino?

— O destino da vida não é *a morte*? — Eu o encarei, para não ter que testemunhar minha arte evaporando com a condensação na janela.

Ele riu. — Você é inteligente demais para o seu próprio bem.

— Isso não é um não — murmurei, ansioso para tapar os ouvidos para evitar o som dos carros buzinando e da chuva torrencial.

— O destino é a família. Amor. Um lugar no mundo para chamar de seu.

Tirei um pequeno galho da lateral do meu tênis. — Você tem muitos lugares.

— Sim, mas apenas um deles é minha casa. E é lá que você e sua mãe estão.

Eu o estudei com uma testa franzida. — O que fizemos para deixar você tão feliz?

— Vocês existem, bobo. É o bastante.

Eu me esparramei no meu assento, batendo no joelho, entediado ao máximo. — Se deixamos você tão feliz, por que você sempre compra coisas para se sentir bem?

— Arte não é *coisa*. — Ele colocou a mão sobre a minha para me impedir de bater no joelho. — É a alma de uma pessoa derramada no material. As almas não têm preço, Zach. Tente proteger a sua da maneira que puder.

Aproximei-me dele, olhando para a bolsa de veludo entre nós. — Posso dar uma olhada neste aqui?

— Não até o seu aniversário.

— É meu?

— Não para carregar. É perigoso.

— Melhor ainda. — Esfreguei as mãos, voltando minha atenção para a caixa de cantão entalhada à mão, embalada entre suas palmas. — Que tal este?

Tínhamos acabado de recolher os despojos da guerra de lances do meu pai em um leilão de antiguidades.

Bem, papai fez.

Sentei-me no carro, resolvendo um cubo de Rubik sem me preocupar em olhar para ele enquanto ele avançava pelo processo de verificação de identidade.

A arte nunca me interessou.

Papai passou os últimos doze anos incutindo em mim sua sabedoria, esperando que um pouco de sua obsessão penetrasse em meu crânio.

Não tive essa sorte.

Eu poderia debater os méritos do *gongbi* versus pintura a tinta e lavagem, mas não poderia me forçar a me importar com um monte de linhas no papel.

Às vezes, eu desejava secretamente ter um pai como o de Romeo. Ele o deixou manusear armas e granadas de mão. Rom até sabia operar um *tanque*.

Agora *isso* era uma flexibilização.

Papai tirou a tampa pesada e inclinou a caixa na minha direção. — O presente de aniversário da sua mãe.

Preso entre paredes de cetim havia um pingente redondo de jade esculpido no formato de um leão. Um cordão vermelho enrolado em torno da borda curva, levando a contas empilhadas, um nó *pan chang*<sup>1</sup> enorme e borlas duplas.

Uns fantásticos dois milhões de dólares, e para quê?

Mamãe nem ia usar essa coisa.

Os adultos às vezes tomavam as decisões mais idiotas. Papai os

chamava de impulsos e dizia que eram humanos. Talvez eu não fosse muito humano, porque nada me deixava muito animado. Sempre pensei nas coisas e não desejei nada.

Nem mesmo doces.

Eu caí de volta no meu assento. — Parece o pedaço de mofo de queijo crescendo no Tupperware do armário de Oliver.

Meu outro melhor amigo tinha a higiene de um javali. Embora isso não fosse justo com o javali, pois este não tinha a opção de tomar banho diariamente.

— Shǎ haizi. — *Garoto bobo*. Papai sacudiu a parte de trás da minha cabeça, rindo. — Um dia você aprenderá a apreciar coisas bonitas.

A chuva se intensificou, batendo nas janelas como se implorasse para entrar. Luzes vermelhas e amarelas brilhavam através do vidro distorcido.

A buzina ficou mais alta.

*Quase lá.*

— Tem certeza que mamãe vai gostar? — Esfreguei meu nariz com a manga da minha camisa. — Parece aquele que Celeste Ayi ganhou anos atrás.

Tenho certeza de que minha tia o comprou em uma loja de souvenirs do aeroporto, quando saía de Xangai.

— Ela vai adorar. — O dedo do meu pai pairou sobre o pingente, movendo-se pelas bordas sem realmente tocá-lo. — É uma pena que tive que voar para Xi'an em janeiro. Quando soube que adicionaram o outro pingente ao leilão de DC, alguém já o havia comprado.

— Há outro? — Desta vez desenhei um polvo no vidro, prestando apenas parcialmente atenção quando um tempestuoso Potomac passou rastejando. Mais alguns quilômetros e entraríamos na Dark Prince Road. — Isso não diminui o valor?

— Às vezes. Mas, neste caso, os pingentes foram confeccionados

como um conjunto para ele e para ela. Eles pertenciam a amantes infelizes durante a Dinastia Song.

Eu me animei.

Finalmente chegamos à parte boa.

— O que aconteceu com eles? Eles foram decapitados?

— *Zach.*

— Ah, isso mesmo. — Eu rebati e cortei meu dedo na garganta. — Eles matavam com mil cortes naquela época. Seus braços devem ter sido *rasgados*.

Papai massageou as têmporas, olhando para mim com um leve sorriso. — Você terminou?

— Não. Quando cortam o nariz das pessoas sem anestésicos, você acha que elas morrem instantaneamente ou sangram?

O engarrafamento diminuiu e o carro ganhou velocidade.

*Finalmente.*

— Zachary Sun, é uma maravilha que você seja meu filho...

Uma buzina estridente soou, abafando sua voz. A chuva. O mundo inteiro.

Papai interrompeu, com os olhos arregalados.

O carro desviou violentamente para o lado, como se tentasse escapar de uma colisão. Papai jogou a caixa fora e se lançou sobre mim, passando os braços em volta do meu torso, agarrando-me dolorosamente.

Ele me prendeu contra o meu assento. Um clarão ofuscante de faróis brilhou em seu rosto.

O Bentley tombou de lado, caindo no teto. Caímos de cabeça para baixo.

Ele ainda estava em cima de mim.

Ainda me protegendo.

Aconteceu rápido.

Toque alto e penetrante.

Então, dor.

Dor completa e absoluta.

Em todos os lugares e em lugar nenhum ao mesmo tempo.

Eu estava entorpecido e em agonia.

Pisquei rápido como se isso pudesse me ajudar a ver ou até mesmo ouvir.

— Você está bem, Zachary. Você está bem. — Seus lábios moldaram as palavras, seu rosto a menos de dois centímetros do meu.

Todo o seu corpo tremeu.

Seus olhos se voltaram entre nós e ele os fechou, respirando com dificuldade. — *Cào nĩ mã*<sup>2</sup>.

Meus olhos brilharam.

Ele amaldiçoou.

Papai *nunca* amaldiçoou.

Algo pegajoso e escuro caiu na minha perna direita, vindo do meu pai. Eu me liberei disso.

*Sangue.*

Era sangue.

O sangue do papai.

E então eu vi.

Um galho da paisagem perfurou suas entranhas. Atirando-o contra a porta.

A borda irregular cutucou meu estômago, roçando-o. Encolhi minha barriga, lutando para respirar ao mesmo tempo.

Pisquei rápido, esperando que esse pesadelo desaparecesse. Papai entrou em foco, com o rosto inteiro ensanguentado, cacos de vidro



grudados em sua pele como pontas de ouriço.

Sangue por toda parte. Deslizando pela têmpora, da cicatriz na testa até o queixo. Seu sangue – quente, metálico, fedorento, *pegajoso* – encharcou minhas roupas, minha pele, meu cabelo.

Eu queria que ele fosse embora.

Eu queria gritar.

Seus lábios se moveram novamente, mas desta vez não consegui distinguir nada além do zumbido em meus ouvidos.

*Não consigo ouvir você*, murmurei. *Diga isso de novo.*

Tentei me mover, tocar sua testa, estancar o sangramento, mas ele era muito pesado e tive que continuar sugando minha barriga para ter certeza de que o galho não me abria.

*A bolsa vermelha.*

Estendi a mão para ele, esticando minha mão o máximo que podia. O galho abriu um pequeno buraco na minha pele, mas consegui agarrar a bolsa e jogá-la de cabeça para baixo.

*Uma faca.*

Envovi minha mão em sua alça e tentei cortar o cinto de segurança. Rasgou de lado, sem fazer diferença.

Eu ainda não conseguia me mover.

*Henry*, tentei gritar o nome do nosso motorista.

Nenhuma resposta.

Olhei por cima do ombro direito e encontrei a testa de Henry pressionada contra um air bag vazio, criando um toque constante e penetrante com a buzina.

Eu sabia que ele estava morto, mesmo sem ver sangue. Ele parecia um fantoche sem vida, com as pupilas pretas e planas.

Os lábios do papai se moveram novamente. Seus olhos me imploraram para ouvir. Eu queria, queria mesmo, mas tudo que

conseguia ouvir era a buzina.

Uma lágrima caiu da bochecha do meu pai para a minha.

Um silvo escapou da minha garganta, como se a gota me queimasse onde caiu.

Papai *nunca* chorava.

Seus lábios se moviam mais devagar, seu corpo ainda cobrindo o meu. Protegendo-me de tudo o que estava acontecendo ou já tinha acontecido.

Uma jaula de aço dobrado nos encurralou. Eu não conseguiria sair de debaixo dele, mesmo que tentasse.

Consegui fechar o punho, agarrando sua camisa antes que ele caísse sobre mim. Minhas mãos tremiam com o peso dele, a outra ainda enrolada no cabo da faca.

Os olhos do meu pai permaneceram abertos, mas eu sabia que ele não estava mais vivo. Sua alma já havia se afastado. E finalmente entendi o que ele quis dizer quando disse que as almas não têm preço.

Meus sentidos retornaram um por um, escorrendo como chuva.

Primeiro, minha audição.

— Tem mais alguém aí?

— Uma criança.

— Vivo?

— Droga... eu duvido. Aquele caminhão foi direto para eles a toda velocidade. Eles não tiveram chance.

Então, meus receptores de pele.

Papai estava frio.

Tão frio.

*Muito* frio.

Eu sabia o que isso significava.

Um pouco de sangue desceu de seu rosto, caindo em meu peito. Se estivesse quente, eu não conseguia sentir.

Eu tremia todo, fechando os olhos, lutando contra a bile que subia pela minha garganta, meu estômago ainda apertado.

*Saia de cima de mim.*

*Não quero sentir sua morte.*

*Eu não quero sentir, ponto final.*

Finalmente, minha capacidade de falar.

— Vivo — eu resmunguei, ouvindo pessoas gemendo, grunhindo, gritando, tentando virar o carro na posição vertical. — Eu estou vivo.

Mas eu não sentia que estava.

— Agente firme, amigo — gritou uma voz. — Estamos vindo buscar você. Só vai levar algum tempo, ok?

— OK.

*Não está bem.*

Nada estava bem.

Apertei minha boca, ouvindo-os falar.

— Espere. Esse não é...?

— Sim. Bo Sun. O Bo Sun. — Silêncio. — Jesus, porra, Cristo.

— É ele...?

— Eles vão ter que interrompê-lo antes que possam chegar até o garoto. Ele foi espetado através do metal derretido.

— Droga. Pobre garoto.

# CAPÍTULO UM

## *Farrow*

— Ouvi dizer que o cabeleireiro dela tem menos seguidores no Instagram do que ela. — Tabby estalou o chiclete no banco de trás do Mercedes GLE. — E ela tem, tipo, quatro mil? Quero dizer, deixe o açougueiro do Balducci's arrumar seu cabelo e pronto.

— Ela está exibindo aquela franja como se fosse 1999. Ninguém tem coragem de dizer a ela que fica horrível em cabelos cacheados. — Reggie riu. — E a balayage<sup>3</sup> dela é totalmente laranja.

Tabitha e Regina Ballantine, senhoras e senhores.

Minhas meio-irmãs.

Juntas, produziam veneno suficiente para matar uma ilha bem povoada.

Minha madrasta Vera fez uma careta atrás do volante.

— Agora, agora, meninas. Isso não é muito caridoso. — As palavras não combinavam com suas risadas maliciosas. — Sylvia é uma garota legal. Um pouco simples, mas não é culpa dela. Você viu a mãe dela?

Tabby zombou. — Infelizmente.

Mordi o lábio o mais forte que pude, reprimindo a vontade de apontar que Sylvia Hall tinha acabado de passar na ordem depois de se formar Magna Cum Laude<sup>4</sup> em Georgetown. Sua cabeça tinha mais a oferecer ao mundo do que um corte de cabelo caro.

Mas eu não estava em posição de dizer nada.

Primeiro, porque as mulheres Ballantine me odiavam e tudo o que eu dissesse seria usado contra mim.

E porque eu literalmente não estava em posição de falar – aninhada no porta-malas, enrolada em posição fetal, respirando o mais

superficialmente possível para manter minha presença desconhecida.

O SUV passou pelos gramados bem cuidados de Potomac. Lá fora, o ar estava repleto de flores desabrochando. Tudo que senti foi o cheiro das botas de montaria de Tabby. Uma mistura de estrume, feno e qualquer cavaliariço que ela tivesse enrolado nas pernas esta semana.

— Estamos quase lá? — Reggie estalou os lábios, fechando algo. — Estou discretamente animada, sabe? Nunca estive na casa de Zach Sun.

— Tire uma foto, porque esta será sua primeira e última vez. — Tabby bufou. — Eu nem sei por que você está nos obrigando a ir, mãe. Todo mundo sabe que Constance Sun arrancaria um rim se isso significasse que seu filho se casaria com quem ela quisesse.

— Zachary Sun tem vontade própria. Se ele decidir que quer uma de vocês como noiva, ninguém o impedirá.

No mínimo, admirei o eterno otimismo de Vera Ballantine. Tabby e Reggie eram tão desejáveis quanto uma doença debilitante crônica. Uma combinação letal de alta manutenção e baixo QI.

— Além disso... — Vera mudou a estação para clássica, mesmo não conhecendo Yo-Yo Ma de *Yo Gabba Gabba*. — Haverá outros homens ricos e influentes lá, prontos para serem ensacados. Tem aquele duque... Oliver alguma coisa?

— Von Bismarck — Tabby resmungou. — O homem é um caçador de saias certificado. Ele provavelmente vai me transmitir uma DST se respirar na minha direção.

Reggie bufou. — É fofo como você finge que não está interessada.

— Tirando meu cartão reverso do Uno, maricas.

— Para sua informação, uma vez ele me convidou para sua mansão na Costa Amalfitana.

— Só você e todas as outras mulheres com pulso. — Tabby estalou a língua. — Uau. Se eu fosse você, começaria a criar esses convites de casamento imediatamente.

Apertei os braços em volta dos joelhos, examinando mentalmente meses de pesquisa.

Meu plano era à prova de balas.

Entrar. Pegar de volta o que é meu. Sair despercebida, coberta pela noite e com um vestido de grife que eu havia pegado de Reggie.

Não era minha primeira agitação e não seria a última.

Eu era uma sobrevivente desde o nascimento. A partir do momento em que minha doadora de óvulos não compareceu me colocou em uma caixa de papelão Costco do lado de fora da porta do meu pai com o bilhete:

*Toda sua.*

*Deveria ter atendido às minhas ligações, idiota.*

*Um aborto não custa tanto quanto uma criança.*

*Tammy*

Naquela época, papai já havia se casado com Vera depois de um romance turbulento. De acordo com Tabby, Vera pediu ao papai que *se livrasse daquela coisa*.

*Como você pode saber que ela é verdadeiramente sua?* Ela bufou durante toda a minha infância, sabendo muito bem que eu a ouvia.

Mas eu não precisava de um teste de DNA.

A Mãe Natureza atestou por mim.

Eu compartilhava os olhos azuis árticos do meu pai. Os cabelos dourados que se enrolavam em ondas grossas, emoldurando nossos rostos e orelhas. A mesma estrutura óssea delicada, corpo de membros longos e até mesmo o mesmo ponto de beleza logo abaixo do olho direito.

Vera suspirou. — É uma pena que Romeo Costa esteja fora do mercado.

— Como se algum dia tivéssemos uma chance.

Reggie bocejou. — Como se *quiséssemos* uma chance. Ouvi dizer que ele é um sociopata.

— Sérió? — O cabelo de Tabby caiu sobre o encosto de cabeça. — Ouvi dizer que ele doou uma nova maternidade para Johns Hopkins assim que sua esposa engravidou.

— Provavelmente porque eles precisarão demolir a entrada para levá-la no dia do parto. Minha maquiadora me disse que Dallas Costa comeu metade da camada inferior de um bolo de três camadas no jantar na Casa Branca ontem, e tudo desabou sobre algum barão do petróleo.

As coisas 1 e 2 se desintegraram em um ataque de risos.

— Alguém mais sente cheiro de alvejante? — Reggie fungou. — Eu juro, o cheiro de Farrow gruda em minhas narinas atualmente. Você tem que expulsá-la, mãe. Ela fede todo o lugar.

— E onde eu a colocaria, exatamente? — Vera ligou o ar-condicionado no máximo. — Precisamos do dinheiro do aluguel para todas as merdas que seu pai deixou para trás. As pessoas já estão começando a falar. Quando assinei o contrato de locação deste carro, nem optei pelo AMG. — Ela fez uma pausa. — Suponho que poderíamos enfiá-la na casa da piscina...

— Não a casa da piscina. — Tabby deu um salto para frente, aliás, todo o veículo quicou. — Estou convertendo-a em um segundo closet.

Eu não conseguia acreditar que pretendia passar por centenas de pessoas tão obcecadas e superficiais quanto minhas meias-irmãs durante a próxima hora.

Mas eu não tinha escolha.

Zachary Sun possuía algo meu.

O pingente de jade nunca deveria ter ido parar dentro do extenso castelo de Sun. Naturalmente, isso tinha impressões digitais

reveladoras da ganância de Vera.

Quando meu pai faleceu, ela leiloou os pertences dele, esperando até que o dinheiro do seguro entrasse em vigor. Aparentemente, Zach Sun deu um lance três vezes maior do que a oferta mais próxima.

Agora, esse bilionário mimado possuía a única lembrança que me restava do meu pai.

*Não por muito tempo.*

Vera ligou a seta, fazendo o veículo saltar por um caminho de cascalho. — Aqui estamos. Meu Deus, olhe para a fila.

*Finalmente.*

Ela silenciou uma discussão entre minhas meio-irmãs, fazendo barulho enquanto esperávamos. — Cristo vivo, olhe o segurança no portão. Um pouco demais, se você me perguntar.

Eu me aprofundei nos bancos traseiros e me envolvi em tecido preto. O material artesanal que costurei combinava tão bem com o resto do baú vazio que eu sabia que eles não iriam vasculhar.

— Abra. — Um segurança bateu na janela do porta-malas.

Ele apareceu, subindo em um ritmo insuportável. O raio intenso da lanterna empalou o tecido que me envolvia antes que a porta se fechasse.

— Tudo limpo. *Próximo.*

Vera estacionou o veículo com um guincho. Elas saíram do carro, trocando de lugar com um manobrista.

Assim como eu havia previsto, ele estacionou no local mais distante da entrada da propriedade de dois acres na Dark Prince Road. Ele se juntou a um carrinho de golfe lotado com outros manobristas, pegando carona de volta à estrada principal.

Assim que os faróis apagaram, rastejei do porta-malas até o banco do motorista e abri a porta.

O terrário Sun olhou para mim, iluminado de ponta a ponta com



holofotes ofuscantes, desafiando-me a invadir. Mesmo a algumas centenas de metros de distância, lançava uma sombra ameaçadora sobre o gramado aparado.

Andei na ponta dos pés por um caminho iluminado por postes de amarração até a casa principal, agachando-me entre fileiras de veículos luxuosos quando um manobrista passou em um Lotus Evija.

Reggie me mataria assim que visse o estado de seu vestido. O suor frio fez o cetim grudar na minha carne. Eu rasguei a fenda vários centímetros mais alto enquanto estava agachada no porta-malas.

Outra coisa que descobri durante minha pesquisa: essa festa marcava a inauguração oficial da caça à noiva de Zachary Sun.

Literalmente.

Eu não tinha dúvidas de que as possíveis noivas presentes pretendiam ir aos *Jogos Vorazes* umas atrás das outras até que uma vencedora permanecesse de pé.

Se fosse para acreditar no boato em DMV<sup>5</sup>, Zachary Sun – para apaziguar sua mãe cansada e desesperada por netos – selecionaria a contragosto uma única candidata para namorar até a meia-noite.

Elas eram todas adoráveis de maneiras diferentes. Alta e baixa. Curvilínea e magra. Com seus vestidos de seda e modos mais sedosos.

Filhas de bilionários de Singapura e ex-oligarcas salvadorenhos. De chaebols coreanos e produtores de Hollywood.

Mas todas elas compartilhavam uma coisa em comum...

Elas queriam ser a próxima Sra. Sun.

Abaixei a cabeça, esperando me misturar com a multidão enquanto passava por vestidos de baile e smokings.

Eu me destacava em ser invisível, uma habilidade que aperfeiçoei na pré-escola. Principalmente para me salvar dos abusos que Vera e as Coisas 1 e 2 lançavam contra mim sempre que tinham um dia ruim.

O castelo elevava-se sobre mim com um esplendor imponente: trechos de calcário francês claro, colunas imperiais e jardins polidos

que rivalizavam com Versalhes.

Engoli o caroço que arranhava minha garganta e fluí para dentro, carregada pelo volume de corpos ansiosos. Grandes escadarias curvas ladeavam o foyer.

Meus olhos subiram até aquele que levava ao meu alvo.

O escritório de Zachary Sun.

Guardas de terno bloqueavam a parte inferior, com as mãos cruzadas na frente e os Bluetooths enfiados nos ouvidos.

No canto, minha família adotiva ria alto demais de algo que homens em ternos de grife diziam.

Vera apertou um aperitivo contra o peito, tentando franzir a testa diante de uma barricada de Botox. Ela envelheceu como leite numa sauna e ostentava uma personalidade azeda para combinar.

Eu precisava evitar ser vista, mas não estava muito preocupada.

Ninguém mais aqui me conhecia.

Papai era mortal demais para esbarrar nessa multidão. Quanto a mim, sempre evitei qualquer evento que envolvesse sugar os bolsos mais fundos de Potomac.

Casar parecia uma total perda de tempo. Você só deve ter um amor em sua vida. Você mesmo. E, talvez, um cachorro.

Esperei até que um membro da equipe subisse correndo os degraus para segui-lo. A sinfonia de vozes abaixo nos perseguiu escada acima.

Movi meus lábios sem emitir nenhum som, fingindo uma conversa para frustrar as suspeitas dos guardas. Assim que dobramos o corredor, redirecionei-me para a biblioteca que abrigava o escritório.

Eu tinha memorizado a planta da mansão de cor.

*Obrigada, Zilow.*

Quando Zach comprou a mansão da realeza suíça que a ocupava antes, ele quase não fez nenhuma mudança, além de converter a

garagem subterrânea em uma galeria de arte de alta tecnologia.

Inicialmente, pensei que teria que de alguma forma invadir aquilo.

Infelizmente, deparei-me com a capa da *Wired* do mês passado. Um artigo sobre a última aquisição hostil de Zach.

Lá estava.

Imortalizado na folha dupla brilhante da revista, quase imperceptível sob o poder de seu olhar desalmado.

O pingente.

Empoleirado em uma prateleira.

Protegido por vidro.

*Lo siento, otário*<sup>6</sup>. *Você está prestes a perder uma obra de arte.*

Passei pelo corredor, passando por pinturas que provavelmente custavam mais do que toda a propriedade de Ballantine.

Especialmente agora, com Vera e suas filhas afundando a companhia de papai a níveis que nem mesmo o Titanic havia alcançado.

Eu não tinha ideia do que ele estava pensando, dividindo a propriedade da empresa de limpeza em quatro partes. Três de nós nunca trabalharam um dia em suas vidas.

A porta da biblioteca apareceu diante de mim. Eu apertei a maçaneta com força, esperando que ela não se movesse. Passei dois meses aprendendo a arrombar fechaduras sem fim com o kit enfiado no sutiã.

Mas a porta se abriu sem esforço e sem fazer barulho.

Uma rajada de ar fresco me envolveu, provocando arrepios em minha pele. Entrei, fechei a porta e encostei as costas na madeira, permitindo-me um rápido momento para regular meu batimento cardíaco.

Esta não seria a primeira vez que eu faria algo que poderia me

levar à prisão. Mas marcava a primeira vez roubando de um dos homens mais poderosos do mundo.

Não perdi tempo apreciando o escritório de Zach Sun, embora nunca tivesse pisado em nenhum lugar tão extravagante antes. Não com o pingente me sinalizando como um farol. Na mesma caixa de vidro da revista *Wired*, ao lado de um exemplar idêntico.

Um conjunto dele e dela.

*Bem, isso parece apropriado. Um deles é dele, o outro é meu.*

Não haveria confusão.

O pingente do papai tinha uma imperfeição que o tornava exclusivamente nosso. Quando criança, eu fazia um – corte de cabelo – nas borlas. Os fios pendiam cerca de dois centímetros mais curtos do que deveriam.

Passei zunindo pela mesa, ignorando a papelada que caiu no tapete com a rajada de vento.

Finalmente – *finalmente* – meus dedos beijaram o vidro grosso.

Logo acima do pingente do papai.

— Desculpe por ter demorado tanto — eu sussurrei, com lágrimas picando o fundo dos meus olhos. — Ele trancou você em uma gaiola dourada. Não se preocupe. Vou tirar você daqui.

Desde que meu pai morreu, eu mantive seu pingente favorito na minha mesa de cabeceira para abraçá-lo sempre que acordasse no meio da noite, sentindo falta dele.

Antes de Vera vendê-lo, um sopro do cheiro dele ainda estava presente nos nós intrincados. Aposto que o cheiro já estava manchado pela existência clínica de Zach.

*Estou recuperando isso, papai.*

*Eu prometo.*

Subindo a bainha esfarrapada do meu vestido, soltei um cortador de vidro portátil do cós da minha calcinha.

A lâmina fez um clique quando a balancei, perfurando o canto do vidro. Batidas violentas martelavam entre meus ouvidos quando comecei a esculpir um círculo ao redor da pequena fechadura.

Então eu ouvi.

Alto o suficiente para perfurar meus batimentos cardíacos.

— O que você pensa que está fazendo?

*Porra.*

## CAPÍTULO DOIS

### *Farrow*

A voz fria não se comparava ao seu dono.

Girei, exibindo um sorriso vago do tipo Reggie. O tipo que gritava: *só tenho poeira e a última coleção da Chanel entre as orelhas*.

— *Oh, meu Deus, é você.* Zach Sun. Eu queria conhecer você desde sempre.

Eu não hesitaria em acariciar o ego dos homens se isso significasse que eles me deixassem em paz. Normalmente eram criaturas simples, facilmente distraídas por elogios.

Infelizmente, o Sr. Sun parecia tão descongelado quanto o Iceberg B-15.

— Eu lhe fiz uma pergunta. — Ele deu um passo à frente, seus olhos eram um vórtice escuro, tão vazio que tive medo de cair em suas profundezas. — Agora seria um bom momento para responder.

Não ajudou que sua presença me distraísse. Que ele era alto, seu maxilar angulado tão definido que eu poderia afiar facas nele. Seus cabelos e olhos são mais pretos que a ponta da asa de um corvo.

Ele usava um smoking com fraque, cabelo repartido de lado e penteado para trás.

Ele era poder, elegância e beleza. Pingando carisma como se fosse ouro derretido.

E ainda assim, muito clínico.

Muito frio.

Como um planeta deserto e sem vida.

Eu o tinha visto inúmeras vezes – sem que ele soubesse – e nunca consegui me acostumar com sua magnificência.

Sua sobrançelha direita apareceu. — O gato comeu sua língua?

*É mais como se eu estivesse me acovardando depois de ser pega.*

— Eu me perdi tentando encontrar a galeria de arte. — Fiz uma reverência, olhando para ele por trás de uma cortina de cílios pesados. — Desculpe. Eu não pude evitar. Os rumores a precedem.

— A galeria de arte fica na garagem. — Zach pegou o interruptor, ajustando o dimmer para a configuração mais alta. A luz branca jorrava do teto. — E se você sabe que isso existe, você também sabe que está estritamente fora dos limites. Além disso, você não gosta de arte.

Ele disse isso com tanta confiança que, por um momento chocante, minha respiração ficou presa na garganta.

Como se ele pudesse ver através de mim.

Ele fechou a porta atrás de si, encostando-se nela para bloquear minha rota de fuga, com os braços cruzados sobre o peito. — Vamos tentar de novo – por que você está aqui?

Com um olhar de despedida, afastei-me do pingente de jade e caminhei pela sala, diminuindo a distância entre nós com os quadris balançando.

Em vez de uma espada, o sexo era uma grande arma.

— Eu não gosto de festas.

*Ou você.*

*Ou o fato de você ter entrado na minha vida e arrebatado o que é meu com tanta facilidade, como se eu não tivesse importância.*

Enterrei as palavras ao lado do meu orgulho e mergulhei para matar, ajustando o decote do meu vestido. Seus olhos nem sequer se moveram.

Ai.

Vamos ao Plano B.

Eu abanei meu rosto, jogando meu cabelo sobre um ombro. — Eu

precisava recuperar o fôlego e minhas pernas me trouxeram até aqui.

— Bem, peço respeitosamente que elas a levem para fora do local, a menos que você queira passar a noite em uma cela de prisão.

O fato de ele não ser um cara legal não me surpreendeu, mas ele estava sendo um idiota. Então, novamente, eu *vim* aqui para roubá-lo.

Flutuei pela sala, ignorando a forma como suas palavras pairavam no ar como uma lâmina. Os nós dos meus dedos tremulavam sobre livros de negócios, pinturas e sofás estofados.

Zach descartou seu copo de uísque em uma mesa de canto, seus olhos acompanhando cada movimento meu como um falcão. — Você é burra?

Burra? Não.

Determinada? Pode apostar.

E eu tinha a sensação de que Zach não estava acostumado com mulheres que não acatavam todos os seus pedidos.

O tabuleiro Go7 aninhado entre dois sofás tufados chamou minha atenção. Madeira Kaya. Pedras Yunzi. Tigelas de amoreira.

Ele devia ter gastado o total de uma hipoteca com este bebê.

Pedras espalhadas pelo tabuleiro como se alguém tivesse abandonado um jogo demorado. Ou, mais provavelmente, desistido.

Por instinto, peguei uma pedra preta da tigela e coloquei-a ao lado de uma ponta de estrela.

Do outro lado da sala, as sobrancelhas de Zach se uniram, seus olhos caindo para o quadro. — Não é xadrez.

Sua voz baixa cheirava a ridículo. Mas algo mais estava envolvido nisso. Uma pontada de pânico. Ele não gostava quando outras pessoas tocavam em suas coisas.

Síndrome clássica do filho único.

— Obviamente. — Eu avaliei a espessura de Black, as pontas dos dedos formigando com o desejo de pegar outra pedra. Uma vida



inteira se passou desde a última vez que joguei. — Bonecas de xadrez são fofas e pontudas. Essas coisas circulares são para damas.

Sua pálpebra se contraiu.

Todo aquele dinheiro e ele não podia se dar ao luxo de ter senso de humor.

*Tsk. Tsk.*

Antes de mim, as pedras transmitiam tudo o que eu precisava saber sobre os jogadores.

Preto – cauteloso, generoso e gentil.

Branco – implacável, agressivo e decisivo.

*Zach é branco*, eu decidi.

Arqueei uma sobrancelha, enterrando minha curiosidade sobre a identidade de Black. — Presumi que fosse a vez das Pretas.

— E por que você presumiria isso?

*Porque eu podia contar.*

Optei por algo um pouco mais ofensivo.

— Como as brancas foram burras o suficiente para responder à ameaça de ko das pretas, então imagino que depois de destruir seu próprio grupo, ele implorou às pretas por um tempo limite para lamber suas feridas e se reagrupar. — Eu balancei minha cabeça. — Não teve coragem de renunciar, teve?

Silêncio.

Tirei uma folha de grama errante do meu vestido, decidindo que gostava mais de Zachary Sun de boca fechada.

Sua expressão permaneceu como uma fortaleza impenetrável, vazia e ilegível. Ele não olhou para mim. Em vez disso, toda a sua atenção se concentrou no tabuleiro.

Havia algo tão desapegado naquele homem que duvidei seriamente que ele fosse capaz de funcionar humanamente.

Isso o tornou imprevisível.

E isso fez dele um adversário muito perigoso.

— Caramba. — Rolei meu lábio inferior em um beicinho, inclinando a cabeça para o lado. — Você é branco, não é? Não se preocupe. Seu segredo está seguro comigo.

O leve alargamento de suas narinas era o único indício de que ele estava respirando. — Não evitei renunciar.

Olhei para a porta, perguntando-me se ele notaria se eu sáísse. — Fico feliz em ouvir isso. Isso seria um *péssimo* espírito esportivo.

As janelas francesas me tentaram.

Não que eu precisasse de meus tornozelos intactos ultimamente.

— Não. — Zach veio em minha direção, um passo deliberado de cada vez. Seu cheiro, de frutas cítricas e madeiras escuras, queimou minhas narinas, avisando-me que o perigo espreitava por perto. — Eu não desisti — ele insistiu, tão perto de mim agora que nossos ombros quase se tocaram.

Nós dois olhamos carrancudos para o quadro.

Ele apontou para o ponto alto. — Olhe.

Olhei.

As mãos dele.

Mãos que nunca tinham visto um dia de trabalho duro. Cutículas perfeitas, limpas e cortadas. Dedos longos e bronzeados. Pele lisa e uniforme. Pulso grosso com um De Bethune amarrado nele.

Tão perfeito.

Tão glamoroso.

Tão *sem alma*.

— Sinto cheiro de aposta — desafiei, percebendo que esse suposto gênio não havia percebido minhas intenções.

Santo inferno.

Na verdade, eu iria escapar tentando roubá-lo.

Meus sentimentos ricochetearam entre alívio e decepção por não ter capturado o pingente.

*Ainda.*

— Tudo o que sinto é besteira. — Ele reivindicou o assento em frente a Black, deixando cair os cotovelos sobre os joelhos e entrelaçando os dedos com uma carranca. — Sente-se.

Sentar. Ir.

Não passou despercebido que cada comando que ele me deu poderia ser confundido como de um cachorro.

— Por quê?

— Porque estou prestes a limpar o chão com você. Sua jornada será mais curta no sofá.

Eu o estudei, meio escandalizada, meio assustada. — Você realmente acha que é mais inteligente que o resto do mundo, não é?

— A teoria é apoiada por fatos. — Ele quis dizer isso.

Pobre de quem ele decidiu se casar. Eu esperava que, para o bem dela, seu pau fosse tão grande quanto seu ego.

— Eu acho que-

— Você *acredita* — ele emendou. — A maioria das pessoas não tem a capacidade de realmente evocar pensamentos reais e originais. Até as dissertações são teorias recicladas de mentes superiores. Eu não poderia me importar menos com o que você acredita. Agora sente-se ou chamo a segurança.

Eu pisquei. — Você está me forçando a *jogar* com você?

— Sim.

— Deixe-me adivinhar: você não era a criança mais popular do parquinho.

— Nunca fui a um parquinho. — Ele arregaçou as mangas,

levantando a tampa de amoreira que cobria as pedras brancas. — Embora meus pais tenham alugado a Disneylândia por um fim de semana no meu quinto aniversário. Voei com toda a minha turma para lá. Não ouvi nenhuma reclamação. *Sente-se.*

Fiz isso obedientemente, imaginando que o jogo seria uma distração bem-vinda enquanto calculava meu próximo movimento. — Ah, gente rica. Eles são como nós.

Ele nem perguntou quem eu era.

O meu nome.

A pura intriga e indignação da perspectiva de ser enganada em um jogo mental antigo o fez jogar toda a cautela ao vento.

Zachary Sun não estava acostumado a perder.

*Que existência terrível.*

Se você não pudesse lamentar suas perdas, como poderia comemorar suas vitórias?

Olhei para seus ombros relaxados. — Você não tem uma festa para voltar? — Ele não olhou para a porta uma única vez.

Zach me ignorou, recolhendo uma pedra entre a unha indicadora e a ponta do dedo médio. Sem parar para pensar, ele bloqueou meu ataque.

Aconteceu em menos de um segundo. Tudo com a etiqueta da pedra impecável.

Ele reclinou-se contra o estofamento macio, apoiando uma perna sobre a outra, finalmente me dando um pouco de sua atenção. Sua calça subiu até a bainha revelar sua meia – preta.

Assim como seu coração.

— Onde você aprendeu a jogar Go?

Eu reconhecia uma acusação quando ouvia uma. Acostumada com isso, infelizmente.

— Coreia. — Não ofereci mais nada, inclinando-me para avaliar

meu próximo movimento.

Lá fora, música, risadas e taças de champanhe tilintando passavam pela porta. Meus pensamentos agitados os abafaram.

Eu precisava escapar.

Eu viria buscar o pingente outro dia. Outra hora.

Sua sobrancelha esquerda arqueou um milímetro. Eu tinha certeza de que ele queria perguntar o que uma garota americana branca estava fazendo na Coreia, mas ele se conteve.

Tive a sensação de que ele se orgulhava de não se importar com os outros. Ou talvez ele simplesmente não se importasse e o orgulho fosse sua configuração padrão.

Dei uma rápida olhada em sua direção, verificando se seu rosto ainda fazia meu pulso acelerar.

Isso aconteceu.

— Se isso faz você se sentir melhor, participei de algumas competições de Go quando estive lá.

Seu lábio se curvou em um rosnado. — Por que isso me faria sentir melhor?

— Quando eu aniquilar você.

— Agora, quem está sendo convencido?

— Por favor, Zach. Só há um idiota nesta sala, e acho que nós dois sabemos que é você.

Sim. Isso acabou de sair da minha boca.

Vera estava certa.

Talvez eu fosse impossível de civilizar.

Zach moveu outra pedra. Ele me encurralou, literal e figurativamente. Ele era um jogador fantástico. Calmo, pragmático, firme.

Não me surpreendeu. Apenas me irritou. Eu estava acostumada a

ter uma vantagem analítica. Papai sempre alertou que o preço da estupidez sempre é pago.

Talvez tenha sido assim que Zachary Sun construiu a sua riqueza, desde uma herança digna da Forbes até ao PIB nominal de Luxemburgo.

Ele não possuía nenhuma fraqueza para explorar. Não tinha estupidez pela qual pagar.

Girei uma pedra na palma da mão enquanto esperava seu movimento, ignorando a etiqueta da pedra, sabendo que isso o incomodaria. — Você não deveria voltar para seus convidados?

— Não — ele disse decididamente. — Eles vão se divertir mais sem mim.

Ele manobrou uma pedra, aproximando-se de mim para fazê-lo. Eu não o interessava nem um pouco. Alguém poderia argumentar que eu estava praticamente seminua, numa bandeja diante dele, completamente à sua mercê.

Ele não se importava.

Aquelas pobres garotas lá embaixo não tinham a menor chance.

Zachary Sun não praticava amor, nem paixão. Os humanos não o emocionavam. Números e jogos mentais sim.

Limpei a garganta. — Você tem uma bela casa.

Eu precisava preencher o silêncio de alguma forma. Para impedi-lo de fazer perguntas sobre mim.

Ao mesmo tempo, fiquei preocupada que ele reconhecesse minha voz. Todas as outras vezes que nos encontramos, ambos usávamos máscaras.

Alguns momentos se passaram antes que ele olhasse em minha direção. Não durou nem um segundo. — Isso não é uma pergunta.

*Cristo.*

— É verdade que sua mãe está forçando você a se casar até o final

do ano...

— Quero jogar em silêncio.

Enterrei o nó do dedo na têmpora, na esperança de aliviar a pressão crescente. — E então você me deixará sair em paz?

— E então eu posso deixar você sair *inteira*. Essa é minha melhor e última oferta.

— Isso não é uma grande pechincha para mim.

— Eu acho que é. A menos que você goste de comida de prisão.

— Eu não sou exigente.

No mínimo, eu não teria mais que desembolsar aluguel para morar na casa da minha infância.

— Nem as pessoas que vão encurralar você no chuveiro.

— Você está insinuando-

— Eu não insinuo coisas. Eu as digo externamente. E agora, estou dizendo externamente: Faça a sua jogada. Sem uma palavra.

Eu o obedeci.

Nas duas horas seguintes, nós nos perdemos no jogo.

A cada vinte minutos, alguém batia na porta e tentava atraí-lo de volta para a festa. Todos foram recebidos com ondas preguiçosas, uma instrução muda para que saíssem.

Toda a atenção de Zach permaneceu voltada para o nosso jogo, e foi por isso que me esforcei para prolongá-lo o máximo possível. Eu não queria que ele começasse a me interrogar novamente.

Mas caramba, ele tinha habilidade.

Se ele me dissesse que competiu no Majors, eu acreditaria.

Suor escorrendo pela minha têmpora. Entramos em nossa terceira hora com florescimento.

Eu – com os pés em chamas, pronta para sair correndo porta afora assim que ele me deixasse.

E ele – com uma carranca perpétua gravada em seus lábios.

Sua carranca se transformou em uma carranca completa quando nosso impasse se tornou evidente. Tínhamos chegado a um beco sem saída.

A música e a conversa diminuíram no andar de baixo, indicando que a maioria dos convidados já havia ido embora. O anfitrião passou a festa inteira aqui. Comigo.

Com certeza, não tínhamos conversado.

Nem uma única palavra.

Quebrei o silêncio primeiro. — Vou ter que pensar no meu próximo passo.

Esfreguei minha bochecha, projetando meu lábio inferior. Eu odiava perder. Além disso, eu nem tinha certeza de como seria sair da cova dos leões.

Esta tarde, antes de chegar, estacionei meu carro a dois quarteirões de sua mansão com a intenção de caminhar até lá, com o precioso pingente em mãos.

Obviamente, fui muito arrogante.

Os olhos de Zach não se desviaram do tabuleiro. — Você está prestes a perder.

— Continue dizendo isso a si mesmo.

Fiquei de pé, esticando os braços e fingindo um bocejo. Ele se levantou também, aquela carranca ainda murchando seus lábios.

Fechei a tigela de pedra. — Bem, obrigado por isso-

— Quando terminaremos o jogo?

Ele tirou o telefone do bolso e o folheou. Seu aplicativo de calendário apareceu diante de mim. Meu Deus, nem lhe ocorreu que eu diria não.

Seu polegar subiu com cada pergaminho, provavelmente classificando as datas convenientes para *ele*. — Amanhã não é bom



para mim e tenho uma reunião em Londres no dia seguinte, embora não passe a noite.

Minha mandíbula se fechou com um estalo audível.

Não deveria ter me surpreendido. Zach queria ser desafiado. Não, ele *precisava* ser desafiado. Todos ao seu redor o entediavam.

Infelizmente para ele, prefiro dirigir para casa com os olhos vendados e algemada do que passar mais um segundo em sua presença.

Coei minha bochecha. — Eu, uh, tenho uma agenda lotada.

— Mais festas para ir?

Passei a mão sobre meu vestido, a palma suada. — Isso é rude.

— Mas não está errado. Quem é você?

Seus olhos eram como dois canos de uma arma, cravados na carne macia da minha têmpora, ameaçando puxar o gatilho.

A morte espreitava por trás daqueles olhos. Eu me perguntei o que eles teriam testemunhado para sugar a alma deles.

— Sou uma convidada.

— Eu me lembraria se convidasse você.

— Eu sou mais um de alguém.

— Nomeie essa pessoa.

Isso o mataria se ele se mexesse?

Eu conjurei o nome de um homem que imaginei que estaria aqui.  
— Pierre Toureau.

Um cliente meu. Um muito rico. Ele era dono de restaurantes, shoppings e uma frota de conservatórios no Meio-Atlântico.

Aposto que Zach convidou ele e sua linda filha, Anamika.

Uma veia saltou em seu pescoço. — Sério?

— Sério.

— Interessante. A esposa dele sabe?

*Merda.*

— Eu sou sobrinha dele.

— Aquela da França?

— S-sim.

— De onde você é na França?

*Jesus.*

Ele não deveria ser gostoso e inteligente.

Novamente – não era uma surpresa. É alarmante estar recebendo uma dose letal.

— Uh... sim?

Ele balançou a cabeça, como se eu fosse uma causa perdida.

— Você não é uma de nós — concluiu Zach, as mãos apoiadas nos bolsos da calça, o queixo mais duro do que o granito que nos cercava.

*Merda.*

Além disso, *vá se ferrar.*

— Como você sabe?

— Para começar, você está usando uma camisola.

*Merda dupla.*

Era o único vestido de Reggie que não tinha penas, couro ou outras partes de animais mortos. Deveria saber que era bom demais para ser verdade.

— Não sei do que você está falando. — Mantive meu queixo erguido, recuando um passo, meus dedos acariciando os arredores, em busca de uma arma. Quanto tempo de prisão eu pegaria se o espancasse com um daqueles livros didáticos de finanças que induzem ao sono que ele não poderia ter terminado? — Está tudo bem não gostar do meu vestido, mas não o ofenda. Não estou dizendo que você parece um pinguim nesse smoking.

Ele caminhou em minha direção, estoico e implacável. — Desista, pequeno polvo. Você está usando tênis furado.

*Pequeno polvo?*

*O quê?*

— Eles são confortáveis. Você nunca sabe quando precisa fugir.

Outro passo para trás.

— Agora seria um bom momento. — Ele parou a cerca de dez centímetros de mim. Perto o suficiente para ser intimidante, mas longe o suficiente para não me tocar. — Vou até dar uma vantagem, já que você é uma presa fácil.

Ele me subestimou.

Normalmente, eu adorava provar que as pessoas estavam erradas. Mas com Zach Sun, duvidei das minhas próprias habilidades. Tanto física quanto intelectualmente.

Estendi meu pescoço para olhá-lo nos olhos. Com um metro e setenta, eu não era dominada frequentemente por homens, mas Zach me fez sentir uma miniatura. Esmagável como um terno coração adolescente.

Ele era magro, alto e musculoso. Proporcional como uma escultura romana.

Tudo em seu rosto era divino. Os arcos de suas sobrancelhas grossas. Seus olhos sem fundo – tão escuros que eu não conseguia ver onde terminavam as pupilas e começavam as íris. E os lábios macios e desenhados à mão que qualquer mulher morreria para chamar de seus.

Eles estavam todos entre colchetes dentro de uma mandíbula tão quadrada, entre as maçãs do rosto tão altas que ele parecia meio humano, meio demônio. Um colecionador de arte que também era uma obra de arte.

— Olha... — Minhas costas bateram na porta. Agarrei a maçaneta na parte inferior das minhas costas por instinto.

O pingente atrás dele praticamente piscou para mim.

*Porra.*

Eu precisava voltar para pegá-lo de alguma forma. Ao me convidar de volta, ele me ofereceu um presente, embalado com pontas afiadas e embrulhado em hera venenosa. Mas um presente, no entanto.

Pena que não confiava em nenhum de nós para abri-lo.

Eu levantei uma palma. — Eu posso explicar.

Um passo final e ele me encurralou completamente.

Seu corpo me prendeu na porta, sem tocar o meu, mas perto o suficiente para que os pelos invisíveis dos meus braços ficassem em posição de sentido. — Duvido sinceramente.

— Você não pode fazer nada de todo o coração. Você não tem coração.

Eu não sabia o que me fez provocá-lo, mas não conseguia parar mesmo que quisesse. Não com a onda de impulso atrás de mim. Com o choque da eletricidade sangrando em minhas veias.

E além da lógica, não com cada fibra do meu orgulho desejando esculpir uma cicatriz em Zachary Sun.

Seu rosto permaneceu impassível. — Posso não ter coração, mas meu cérebro compensa sua ausência e está me dizendo para puni-la por sua...

Não fiquei por aqui para ouvir o que ele tinha reservado para mim. Eu me virei, abri as portas duplas e fugi para fora.

Zach estava atrás de mim em segundos. Seus sapatos elegantes batiam no mármore em golpes longos.

Corri até a beira da escada e pulei no corrimão, descendo pelo corrimão o mais rápido que pude.

Zach estalou os dedos. — Persigam-na.

Num instante, duas pessoas se materializaram, subindo as escadas

atrás de mim. Zach ainda era o mais próximo, mas nem ele era tão rápido e ágil quanto eu.

*Material olímpico, querido, eu queria provocar.*

Em outra vida, Zach e eu seríamos amigos. Talvez. Jogaríamos Go. Faríamos contas mentais. Trocaríamos ideias.

Eu venceria.

Às vezes, pelo menos.

Eu o manteria alerta.

No final da escada, saltei do corrimão e dei uma pequena volta e pisquei antes de correr para a saída.

O lugar estava vazio. Ninguém além de faxineiros e um gerente de eventos circulavam. Eles gritaram com minha súbita intrusão.

Um esfregão saiu voando da mão, espirrando água com sabão no que provavelmente era um Baselitz original.

*Ops.*

Sem perder um passo, saí pela porta da frente, assustando um manobrista na pausa para fumar. O ar fresco não fez nada para esfriar minha pele.

Ganhei velocidade, as coxas queimando com o esforço. Andras realizaria um sacrifício humano se isso significasse que eu treinaria tanto assim em todos os treinos.

Meu calçado pesado abafou o coro de grilos. O doce suor de verão percorreu minha espinha.

A fenda do vestido aumentava a cada passo.

Eu estava com muito medo.

*Mas também mais viva do que há algum tempo.*

Peguei uma mangueira de água descartada na grama e apontei para seus funcionários, borrifando-os e derrubando-os como peças de dominó.

Uma risada sem fôlego subiu pela minha garganta.

*O que você está fazendo, Fae?*

Divertindo-me.

Algo que quase esqueci como fazer.

Joguei a mangueira de lado e acelerei o passo. A essa altura, eu já havia perdido os funcionários. Apenas Zach poderia acompanhar.

— Não faria isso se eu fosse você. — De alguma forma, ele parecia composto. Nem sem fôlego nem pasmo com minha súbita bravura. — Você pode correr, mas não pode se esconder. O que eu quero, eu consigo. E agora, quero respostas.

Meus tênis afundaram no chão macio, arruinando a grama cuidadosamente aparada. Os sprinklers foram ligados, sem dúvida de propósito.

A água me espirrou de todos os ângulos, pesando na camisola até o cetim grudar no meu corpo.

Mas me recusei a desacelerar.

Uma risada sombria envolveu minha pele molhada como hera. — Você é o melhor entretenimento, Octi.

— Por que você está me chamando de Octi? — eu gritei para o alto.

Eu não queria mostrar o quanto ele me irritou, mas não pude evitar.

De todos os apelidos do mundo, não consegui imaginar nenhum menos lisonjeiro. Nem mesmo se eu fizesse um workshop por uma década.

— Porque você é um polvo — ele disse isso em tom de conversa. Como se eu não estivesse correndo e ele não estivesse me perseguindo. — Excepcionalmente inteligente. Mãos em todos os lugares. E venenosa. Além disso, os polvos fêmeas atiram conchas nos machos que os assediam.

— Se você sabe que está me assediando, *pare*.

— Que tal sexta-feira para você? — Ele conseguiu navegar pelo telefone enquanto ganhava velocidade. Que homem estranho, estranho. — Posso participar de um jogo entre onze da noite e uma da manhã.

Uma da manhã?

Para Go?

Só havia uma coisa que eu queria mais do que me virar e despistá-lo: sobreviver a esse encontro bizarro.

Engoli meu orgulho, as pernas bombeando tão rápido que estive a segundos de acender um fogo de fricção na camisola de Reggie.

— Octi.

Eu não ia responder a esse apelido estúpido.

Eu não ia.

— Octi, você precisa parar. Eu odiaria fazer um buraco em seu crânio, o seu na verdade contém algo dentro, mas nós dois sabemos que farei isso.

— É o único buraco que você está interessado esta noite — eu sibilei, subindo pela fenda do vestido quando quase tropecei. — É uma pena que a população feminina de Potomac ainda não tenha percebido.

Ele me ignorou. — Sexta-feira, onze da noite?

— A próxima vez que estarei voluntariamente na mesma sala que você será para comparecer ao seu funeral para ter certeza de que você está morto.

Um barulho repentino perfurou o ar. O cheiro de metal queimou minhas narinas. Uma elegante faca de ouro pousou na grama a poucos centímetros de distância.

Merda.

Ele jogou isso em mim.

Na verdade, jogou uma *faca* em mim.

Que se intensificou rapidamente.

Vera sempre disse que minha boca inteligente me rendeu prêmios estúpidos. Mas nunca pensei que irritaria alguém a ponto de assassinato.

Mudei para zigue-zague, sabendo que isso diminuiria meu ritmo, mas também não querendo sair daqui com uma lembrança no formato de um segundo idiota.

A risada sombria e taciturna de Zach ecoou atrás de mim.

*Ele está gostando disso.*

Sociopata.

Segundo a lenda, Zach Sun nunca ria. Quase nunca abria um sorriso. Ele era um homem taciturno, duro como pregos, com o coração cheio de ferrugem.

*Isso que quebrava sua fachada?*

Eu me vingaria desse idiota nem que fosse a última coisa que fizesse na Terra.

Na pressa, um dos meus tênis se soltou do meu pé, cravando-se em um bolsão de lama. Não tive tempo de olhar para trás. Parar.

Continuei correndo para frente com apenas um sapato calçado. A água encharcou meu pé descalço em um instante.

Quando cheguei ao seu portão de ferro forjado, eu sabia que ele pensava que tinha me encurralado. Eu também sabia que assim que passasse pelas grades, Zach não seria burro o suficiente para me esfaquear.

A autodefesa era difícil de provar quando a vítima tinha um buraco nas costas, mesmo que você fosse o quinto homem mais rico do planeta Terra e todos o tratassem como se você tivesse um pau folheado a ouro.

*Observe e aprenda, otário.*



Com floreio, plantei meu pé na barra de metal e escalei a monstruosa plataforma de três metros e meio. Os trilhos não tinham cantos, mas eu tinha impulso e força suficientes para me içar sobre eles.

Assim que saltei para o outro lado, fiz uma reverência teatral, desta vez agarrando a bainha enlameada do vestido para dar ênfase.

Quando eu inclinei um chapéu invisível em sua direção, seu queixo se endireitou.

A pequena reação pareceu uma vitória.

*Polvo: 1.*

*Lagosta: 0.*

Eu estava encharcada como um gato de rua, meu cabelo uma bagunça e meu coração em ruínas, mas nunca daria a Zachary Sun o prazer de me ver quebrar. — Até logo, Lagosta. E obrigada pelo peixe.

— Lagosta?

— O lanche favorito dos polvos.

Desapareci na noite antes que os portões pesados se abrissem.

Seus homens me caçavam como cães de caça, lanternas perfurando a noite, carrinhos de golfe zumbindo em meus ouvidos. Mas eu os evitei, atravessando os hectares arborizados que cercavam a propriedade.

A coisa sobre polvos?

Camuflávamo-nos muito bem.

Quando voltei para casa, reuni energia suficiente para me deitar na cama. A lama secou em bolos grossos ao redor das minhas panturrilhas e tornozelos.

Amanhã eu acordaria resfriada por causa do vestido encharcado.

Esta noite, tudo o que pude fazer foi passar cada minuto até de manhã chorando no travesseiro.

Pelo pingente que não consegui recuperar.

Para os sonhos que estavam fora de alcance.

Por Papai.

*Da próxima vez, papai. Promessa.*

# CAPÍTULO TRÊS

*Zach*

**Zach Sun:**

Grand Regent.

Noventa minutos.

**Ollie vB:**

Passo.

**Ollie vB:**

Festa incrível ontem à noite, Sun.

Mas ainda estou me recuperando das escapadelas sexuais da semana anterior.

**Romeo Costa:**

Você quer dizer a gala do legado que seu hotel realizou?

**Ollie vB:**

Sim.

**Zach Sun:**

Aquela em que 90% dos participantes eram da Previdência Social?

**Ollie vB:**

Ninguém dá um hummer como um gummer.

*Romeo Costa saiu do chat.*

*Zach Sun saiu do chat.*

*Ollie vB renomeou o chat como Administração da Previdência Social.*

# CAPÍTULO QUATRO

## *Zach*

Inclinei o sapato sujo em minha mão, estudando-o.

Estava tão desgastado que não conseguia distinguir a marca. Eu fiz algumas pesquisas on-line e limitei-as a Vans ou Converse.

Pelo poder da dedução – e da porra da lógica – imaginei que era o mais barato dos dois. A garota parecia pobre demais para pagar por ar.

— E então ela escalou seu portão, pulou para o outro lado e *fez uma reverência*? — Romeo apertou botões no painel da câmara criostática. — Tem certeza de que vivenciou isso e não, bem... sonhou?

O suor encharcava minha camisa por causa do nosso treino matinal – notavelmente não tão cansativo quanto minha pequena corrida com Octi na noite passada.

Puxei-a pelas costas, deslizando pela cabeça de uma só vez e enrolei o tecido em meu punho, jogando-o em um cesto. — Tenho certeza de que minha mente não evocou uma vigarista que sabe jogar Go e anda por aí com lingerie transparente.

Romeo acendeu as luzes da sala de gelo. — Por que não? Parece sua fantasia.

*Não tenho fantasias, seu idiota. Muito menos sobre as mulheres.*

A carne humana me enojava.

Ele esticou os braços. — Talvez tenha sido o álcool? Aquele rum jamaicano era potente *pra caralho*.

— Eu não estava bêbado.

— Mas eu estava. — Ollie veio do banheiro, completamente nu, balançando o pau no ar. Aquela coisa era mais comprida que a cauda

de um lêmure. Eu esperava que ele colasse na lateral da coxa nos encontros. Toda a sua existência era um grande assédio sexual. — Fiquei *arrasado*.

Ele parou perto do painel, tirando Rom do caminho e escolhendo a opção avançada.

Abaixo de -266F.

Quatro minutos.

A tela monitorou a temperatura interna enquanto ela despencava, junto com minha paciência. Ele passou a manhã inteira reclamando da ressaca.

Como nós três morávamos na mesma rua, levamos dois segundos para invadir sua casa, puxá-lo pela orelha e arrastá-lo para a suíte de cobertura de três andares em seu luxuoso hotel familiar.

Ele reclamou de uma dor de cabeça antes mesmo de levantarmos um único peso.

— Oliver, guarde essa coisa. — Meus lábios se curvaram em um sorriso de escárnio. — Está se arrastando pelo chão.

— A propósito, Zachy, espero que você não esteja decidido a escolher uma virgem como noiva, porque eu quebrei algumas cerejas ontem à noite. — Oliver me ignorou, coçando a lateral da bunda. — Certo, tudo bem. Um saco inteiro de cerejas. Aquelas industriais você consegue na Costco.

Romeo soltou uma risada. — Quando você já colocou os pés dentro de uma Costco?

— Nunca, mas ouvi histórias. Quem você escolheu e por que está com o sapato de Oliver Twist na mão? — Ollie balançou a cabeça loira e encaracolada, franzindo a testa para mim. — Por favor, diga que está relacionado à perversão. A única maneira de alguma coisa em você fazer sentido para mim é se você me disser agora mesmo que tem algum tipo de torção por pés imundos.

— *Cristo* — eu zombei, balançando a cabeça.

— O quê? Eu não estou julgando. Todos nós conhecemos minha relação com coleiras de cachorro.

— Não se pode ter relação com objetos inanimados — falei lentamente, esperando que isso penetrasse em seu crânio, mas sabendo que isso não aconteceria.

Ollie apontou um dedo para Rom. — Diga isso para a esposa dele e para a geladeira dela.

Ao contrário da crença geral, Ollie não era idiota. Ele apenas fingia ser um para ser poupado de todas as expectativas e obrigações que um homem em sua posição normalmente tinha de suportar.

Na verdade, era uma configuração inteligente.

Uma que eu não tinha pensado em mim mesmo.

Ele seria o último solteiro entre nós três, porque ele projetou sua imagem para que ninguém, vivo ou morto, quisesse que sua filha namorasse com ele, não importando a riqueza e o status.

Ele era tão corrompido, tão depravado, que a maioria das famílias preferiria aceitar um peixe de estimação como marido do que Oliver Von Bismarck.

Ele também dobrava discretamente sua riqueza natural por meio de investimentos sobre os quais ninguém lhe perguntava, porque todos presumiam que ele compartilhava uma única célula cerebral com esperma descartado.

Nos trinta anos que o conhecia, ele nunca quebrou um coração, nunca teve que gaguejar para evitar o término de um relacionamento e nunca cometeu um único erro de negócios, tendo o cuidado de parecer que não tinha ideia do que estava fazendo e administrava suas conquistas por pura sorte.

Ele navegava pela vida sem ser interrompido fingindo ser um idiota. Que era a coisa mais genial que alguém poderia fazer.

Abaixei minha calça de corrida e joguei o sapato de Octi em um banco de madeira. — Pertence a alguém que invadiu aqui ontem.

Rom riu. — Uma nerd gostosa que veio vestindo lingerie e lhe deu uma boa dose de suas próprias besteiras. Só há um problema: ele não sabe o nome dela.

Esse era o menor dos meus problemas, na verdade.

Mesmo que eu pudesse, de fato, considerar alguém como uma esposa de verdade, o pequeno polvo definitivamente não era matéria-prima.

Ela era uma mentirosa, claramente abaixo da minha posição, e loira. Minha mãe nunca a consideraria para o cargo.

Mesmo que ela fizesse isso, eu não faria isso.

Ela não possuía nenhuma das qualidades que estavam na minha lista.

E sim, havia uma lista:

- Muito rica.
- Aberta a um acordo clínico.
- E acima de tudo, obediente.

Eu não tolerava o amor.

Não suportava romance.

Odiava ativamente o homo sapiens.

E ela era realmente muito humana. Toda carne e sangue bagunçados. Temperamento quente e corpo ainda mais quente.

A tela da câmara criostática apitou três vezes, sinalizando que estava pronta.

— Qual é o problema? — Ollie enfiou os pés gigantes nos chinelos e abriu a porta da sala de crioterapia. A fumaça branco-azulada rolava em ondas grossas, caindo pelo chão. — Basta verificar sua lista de convidados.

Eu o segui, com os dentes cerrados. — Se ela fizesse parte da lista de convidados, não estaríamos tendo essa conversa.

Eu não estava de bom humor.

Eu não gostava de ser enganado.

Não, reformulando a frase: eu não estava *acostumado* a ser enganado.

A criança noiva de Satanás entrou em minha vida como um tornado. Entrando no meu castelo, passando por minhas merdas, quase ganhando um jogo de Go contra mim.

E então, ainda por cima, ela fugiu como um personagem de desenho animado, escalando meu imponente portão como um lagarto.

Quem quer que fosse, ela não era uma herdeira almofadada com sonhos extravagantes na cabeça e um Amex preto em sua Birkin vintage.

Rom entrou na câmara por último, fechando a porta atrás de si.  
— Não acredito que estou dizendo isso, mas Ollie está certo.

O relógio digital acima de nossas cabeças começou a contagem regressiva a partir de quatro minutos, com nuvens brancas de gelo obscurecendo-o em sua maior parte. Ambos os homens estremeceram.

Eu, como sempre, não senti nada.

Rom girou o pescoço, flexionando o abdômen. — Mesmo que ela não estivesse na sua lista de convidados, ela veio com um convidado. No carro deles. Literalmente, não há outra maneira de passar pela segurança. É muito vigiado. E você tem aquele sapato para usar.

— É um sapato comum — rosnei.

Mas não era um tamanho de sapato comum para uma mulher.

Tamanho dez, acabamento estreito.

Ela era alta. Jovial. Aparência quase andrógina. Uma criatura amorfa.

Eu nem sabia se o rosto dela era tradicionalmente atraente ou não. Lembrava de querer desviar o olhar toda vez que nossos olhares se encontravam, porque ela me olhava como um cubo de Rubik que



ela queria descobrir, não como um vale-refeição.

— Você é um homem engenhoso. — Ollie tirou um pedaço de gelo do ombro. — E funcionou para o príncipe da Cinderela.

— Aquilo era um conto de fadas. — Isso me deixou horrorizado. Eu detestava a ideia de felizes para sempre. O final trágico e deprimente era mais a minha marca. — Além disso, na versão dos Irmãos Grimm, as meio-irmãs da Cinderela amputam os pés para caber no sapato.

Romeo correu para se livrar do frio.

Malhávamos seis vezes por semana, juntos quando nossos horários permitiam, depois passávamos pelo ritual da câmara de gelo, luzes ultravermelhas, sauna seca e soro intravenoso, geralmente em minha casa, mas ocasionalmente no The Grand Regent quando eu ansiava por um espaço que mamãe não pudesse me encontrar.

— Contos de fadas existem. — Romeo gesticulou para si mesmo. — Olhe para mim.

Meu lábio superior se curvou em um sorriso de escárnio. — O que você tem com sua esposa não é um conto de fadas.

— Como você chamaria isso, então?

— O pior investimento financeiro da história da humanidade.

— Ele não está errado. — Oliver soltou uma risada. — Você sabe que sou fã de Dal, mas conheci jatos particulares mais econômicos do que ela.

Rom soltou uma nuvem de ar. — Você não acredita em destino?

Como se ele tivesse acreditado nisso antes de ficar obcecado pela sua outra metade.

Ou devo dizer – seu outro quarto.

A esposa dele era pequena, mas fazia muito barulho.

— Sou mais o tipo de cara que gosta da teoria do caos. E ela parece anarquia, personificada.

Romeo forçou Dallas a se casar, o que resultou em um relacionamento turbulento com altos, baixos e angústia suficiente para três dramas C históricos.

Mais de um ano e quatro vírgula três milhões de dólares no vermelho depois, ele parecia feliz com sua esposa. Mas conheci algumas pessoas que se sentiram felizes enquanto estavam infectadas com a doença de Lyme.

Em grande parte, os humanos não tinham padrões.

— Anarquia ou não, ela chamou sua atenção, e ninguém mais o fez nos trinta anos que conheço você. — Romeo olhou para o cronômetro. Provavelmente contando os segundos até se reunir com Dallas. Os dois me deixavam enjoado. — Isso deve significar alguma coisa.

— Isso significa que ela está perturbada — eu forneci. — Completamente desequilibrada e estúpida o suficiente para entrar em meu covil sem ser convidada.

— Ela entrou e ficou lá por algumas horas. — Ollie passou a colocar as mãos em concha nas bolas para protegê-las do frio. — Isso significa que você gostou da companhia dela.

— Eu não estou procurando por ela. — Observei minha pele ficar com um belo tom de azul, perguntando-me por que ainda parecia a mesma, antes e depois.

O relógio marcava dois minutos. Ollie e Rom começaram a conversar, tremer e pular. Eles eram tão macios. Tão vivos e em sintonia com seus corpos estúpidos.

Eu não conseguia decidir se estava com ciúme ou irritado com isso.

Rom migrou em direção à saída. — Por que não?

— Porque eu não tenho utilidade para ela.

— Você não terminou aquele jogo Go. — Ollie estalou os dedos. — Você sabe que não será capaz de viver sabendo que ela poderia ter

vencido você.

— Ela não poderia ter feito isso. Ela mal sobreviveu durante o nosso jogo. — Eu tinha certeza de que iria esquecê-la em breve.

Sua existência miserável não deixou exatamente uma marca em minha vida.

— Ele vai procurá-la. — Romeo passou a mão pela cabeleira escura, olhando para o relógio acima de nossas cabeças. — Porra, parece que estou aqui desde quinta-feira. O tempo rasteja quando você está morrendo de frio.

— Eu não vou procurar por ela — respondi, sem me mover um centímetro, a fumaça gelada não penetrando em minha pele nem remotamente.

Eu estava entorpecido.

Tão dormente.

Sempre entorpecido.

Ollie deu uma cotovelada em Rom, inclinando-se para sussurrar. — Como você acha que eles vão chamar seus filhos?

Rom o empurrou.

O pau de Ollie balançou com movimento. Não encolheu nem um centímetro no frio abaixo de zero. Provavelmente era uma condição médica.

Uma entre muitas, se eu tivesse que adivinhar.

— *Get the Fuck Out* e *Stupid Egg*<sup>8</sup> — eu sibilei com os dentes cerrados.

Ollie inclinou a cabeça para o lado. — Isso está em chinês?

Romeo tremeu. — Está em Zach.

Faltavam vinte segundos.

Eles progrediram e começaram a andar sem rumo, tentando reunir algum calor.

Eu fiquei parado.

Oliver tocou o queixo. — Ela é a primeira mulher de quem ele falou.

— E a última pessoa com quem ele deveria estar. — Romeo deu uma cotovelada em Ollie quando ele tentou se aconchegar para obter calor corporal. — Ela é uma vigarista. Lembra?

*Dez segundos.*

Recusava-me a participar desta conversa. Eu não tinha motivos para encorajar esses dois idiotas a explorar mais esse assunto.

— A vida de Zach é legal pra caramba. — Oliver começou a caminhar em direção à porta, esfregando a orelha pela qual o agarramos esta manhã. — Ele precisa de um pouco de bagunça. Ela seria boa para ele.

*Cinco segundos.*

Romeo sacudiu os pedacinhos de gelo do cabelo, seguindo Oliver. — Eu pagaria um bom dinheiro para conseguir um ingresso na primeira fila para sua queda.

A campainha do relógio acima de nossas cabeças tocou.

Sáímos em fila única. Ollie pegou o termostato digital e pressionou-o na parte de trás da perna.

Depois na de Romeo.

Então na minha.

— Merda, Zach. Você ainda está com 18 graus. — Oliver gargalhou. — Você está brincando comigo? Você é mesmo humano?

Na verdade, eu não era nada humano.

E eu queria continuar assim.

A humanidade era confusa, medíocre e propensa a erros.

Eu já tinha me decidido.

Eu não iria encontrá-la.

Era melhor eu esquecer que ela alguma vez existiu.

## CAPÍTULO CINCO

### *Zach*

— Zachary, preste atenção. Que tal esta? — Do outro lado do escritório, mamãe balançava uma Polaroid de uma beldade de cabelos compridos e lábios escarlates. — Eu adoro a família dela. A mãe dela está no nosso clube de campo. Ela é advogada tributária. Trabalha na Clarke & Young. Ainda não é sócia... — Suas delicadas sobrancelhas se uniram enquanto ela folheava seu arquivo. — Não, não. Ela não vai servir. Demasiado preguiçosa. Ela só foi voluntária duas vezes na faculdade.

Mamãe jogou a foto como um bumerangue na pilha de lixo no tapete. Dezenas de fotos espalhadas pela mesa de centro, cobrindo toda a superfície.

Todas as noivas em potencial, para mim.

Todas elegíveis.

Tudo tão chato quanto uma parede branca recém-pintada.

Esse grupo em particular havia perdido a festa, durante a qual falhei em minha tarefa: escolher uma noiva até meia-noite.

Ontem, mamãe invadiu a agência de encontros da amiga e confiscou esses dossiês. Isso marcou o nascimento do Plano X.

(Ela trabalhou de A a W nos últimos cinco anos, quando ficou claro que eu precisaria da intervenção divina para me arrastar até o altar.)

Bocejei, mantendo os pés apoiados na mesa, os tornozelos cruzados, enquanto jogava uma bola de tênis para o teto. Vai e volta. Vai e volta. — E daí se ela não é sócia?

— Ela já tem vinte e cinco. Ela já deve estar no caminho certo para possuir sua própria empresa. — A cabeça da mãe levantou-se. —

Você me surpreende às vezes.

*Talvez porque tenha sido você quem mudou, mãe.*

Sun Yu Wen – nome americano Constance – tinha uma mente focada.

Para me encontrar uma noiva.

Ela estava ficando sem tempo e eu estava ficando sem opções. Especialmente depois de ela ter considerado o baile um fracasso terrível. Ela o jogou em mim para que escolhesse uma futura esposa.

Na verdade, nem saí do escritório.

Neste ponto, minha melhor aposta era uma noiva por correspondência.

Uma noiva por correspondência não iria bufar quando eu a hospedasse na casa de hóspedes.

Não recuaria quando eu a fizesse passar pela fertilização in vitro para evitar tocá-la.

Não ficaria de mau humor quando me retirasse para um dos meus humores sombrios, onde não queria ver ou ouvir ninguém.

Não protestaria quando ela percebesse que tudo que eu tinha a oferecer era dinheiro e espermatozoides premium.

Eu joguei a bola. — O que importa se ela não for uma pessoa superdotada?

Eu sabia que tinha cutucado o urso, mas tinha dificuldade em aceitar meu destino – e uma esposa inteira que eu não desejava.

Mamãe queria viver indiretamente através de mim. Ela sabia que nunca se casaria novamente. Nunca se abriria para outra pessoa.

Então, ela decidiu, unilateralmente, que eu precisava preencher seu vazio com uma nora perfeita, muitos netos e mais pessoas para ela cuidar.

E *era* um vazio.

Após a morte de papai, mamãe até mudou seu sobrenome de Sun para Zhao, um grande negócio porque:

Um – As mulheres chinesas não mudavam seus sobrenomes.

Dois – Zhao Yu Wen soava anos-luz melhor. Palavras dela, não minhas.

Mamãe alisou a jaqueta Chanel de tweed, os lábios se contraindo para baixo. — Você está dizendo que gostaria de se casar com uma vagabunda?

— Estou dizendo que você me lembra a vovó.

A mesma avó que nunca aprovou o casamento com o pai. Um ponto sensível para a mãe. Um que eu cutucava apenas quando necessário.

Mamãe balançou a cabeça, apertando a ponta de uma Polaroid com tanta força que seus dedos ficaram vermelhos. — Eu não criei você para se comportar assim.

— Deve ter sido uma das babás.

Tínhamos três em rotação.

Eu ainda lhes enviava cartões-postais, bolos lunares e cestas de frutas todo ano novo, para grande desgosto de minha mãe.

Mamãe não aprovava que eu as tratasse como humanos. Quando se tratava das babás, seu ciúme aparecia rapidamente.

Ela ainda não tinha percebido que eu não tinha um relacionamento com elas. Eu simplesmente não tive um com ela também.

Depois que meu pai morreu, ela passou o resto da minha adolescência perdida, perdida na dor, até que minha tia a trouxe de volta à forma.

Falando no diabo.

Zhao Yu Ting – nome americano Celeste (mas Celeste Ayi<sup>9</sup> para mim) – irrompeu em meu escritório, vestindo um agasalho esportivo



Juicy Couture desajeitado e uma pochete Gucci, parecendo a caricatura de uma turista rica.

— Cheguei. — Ela segurava três sacolas de compras de grife em cada antebraço e chá de boba entre os dedos bem cuidados.

Enfiei os dedos nas órbitas dos olhos. — Você nunca foi convidada.

Ela correu até mim, recompensando-me com beijos no ar a poucos centímetros de cada bochecha. Ela sabia que não deveria me tocar.

— Minhas desculpas por perder sua pequena festa, Zachary. Você sabe que eu voo para Seul para fazer meu tratamento facial todo décimo quinto dia do mês.

— Está bem.

Eu também não a convidei para a festa.

Principalmente porque não se podia confiar um cartão de crédito a Celeste Ayi, muito menos outras pessoas. Ela provavelmente causaria uma crise diplomática.

— Não estou brilhando? — Ela girou um pouco, batendo na minha têmpora com sua Birkin. — Rejuran Healer, injeções de Chanel, Aquashine e Baby Face Cell Therapy. É a única maneira de manter minha pele de 22 anos.

Ela não tinha a pele de uma jovem de 22 anos.

Na verdade, ela mal tinha mais pele. Ela era 99% botox.

Eu me esquivei de sua Birkin quando ela correu para os sofás para abraçar mamãe e ficou cara a cara com o tabuleiro Go que eu consegui evitar desde a festa.

Eu prepararia um nocaute perfeito para acabar com o polvo. Que covarde ela era, fugindo de seu fracasso inevitável.

Celeste Ayi apertou a cabeça da mãe contra o peito, forçando-a a ficar meio agachada.

— Estávamos apenas analisando nossas opções. — Mamãe deu um tapa em Ayi, apontando para a agência de encontros improvisada, anteriormente conhecida como minha mesa de centro. Elas falaram em mandarim. — Porque Zachary *não* conseguiu escolher uma esposa na festa. Gostaria de nos contar sua opinião?

— Ora, sim, claro. — Ayi jogou as sacolas de compras no chão e sentou-se ao lado da irmã mais velha. Ela bateu o chá de boba na mesa, esfregando as mãos. — Finalmente, vocês dois são inteligentes o suficiente para me implorar pela minha opinião.

Tecnicamente, foi mamãe quem pediu.

Eu não tinha ideia do porquê.

Celeste Ayi era uma maluca total, e eu dizia isso com tanta simpatia e admiração que um homem como eu poderia reunir.

Ela se mudou para a mansão da minha infância, algumas casas mais adiante, para ajudar a me criar quando meu pai faleceu e nunca se preocupou em se mudar depois que fui para a faculdade.

Dezessete anos atrás.

As irmãs ainda moravam juntas, mas não poderiam ser mais diferentes.

Minha mãe era uma ex-professora puritana e com doutorado, que dedicou sua vida a me criar para ser tudo o que a sociedade esperava que eu me tornasse.

Bem-sucedido. Sofisticado. Impecável e superestimado educado.

Celeste, no entanto, era uma cantora e compositora três vezes divorciada e sem filhos que fazia visitas raras à China para se apresentar, ganhar dinheiro e foder com um brinquedo novo no país.

Ela inalava mais conspirações do que livros, considerava os shoppings uma extensão de seu closet e se importava um pouco menos com o que os outros pensavam dela do que com a coordenação de cores.

Ayi rasgou uma foto, jogando os restos para trás. — Muito

parecida com a amante de Tao.

Tao – apenas um nome – e Celeste eram Sonny e Cher da China, só que muito sexualizados.

Era uma vez, os jornais aclamaram Celeste Ayi como a cantora mais provocativa e controversa do país. Ela emoldurava os artigos, como se fossem motivo de orgulho.

Então, ela pegou Tao em uma banheira de hidromassagem com três mulheres. Dois meses depois, ele passou de segundo marido a segundo ex-marido.

Agora eles apenas se toleravam em público por tempo suficiente para concertos ou sessões de fotos ocasionais.

Ayi bateu em uma foto com uma unha comprida pintada. — Que tal esta?

Mamãe estremeceu dentro de seu terno elegante. — Absolutamente não. O pai dela foi preso por fraude fiscal. Agora sua família mora em uma casa minúscula e degradada em McLean que mal chega a Zillows, com 1,3 milhão de habitantes. Toda a vizinhança fez uma petição à cidade para condenar a coisa.

A pobreza não a incomodava.

Os problemas que vinham com isso sim.

Com certeza, mamãe pegou a foto e jogou-a na pilha de lixo. — Eu nem sei o que está fazendo aqui. Lembre-se, Zachary: você herda os problemas dos seus sogros, então escolha com sabedoria.

Bocejei, ignorando as dezenas de mensagens com as quais Ollie bombardeou o bate-papo em grupo. — Parece que a solução é não ter sogros.

— E esta? — Ayi apontou para outra foto, apertando os olhos. — Ela é bonita o suficiente. Olhos redondos. Pele de vidro leitoso.

— Você está descrevendo uma cabra? — Errei a bola de tênis. Ele ricocheteou na mesa, na madeira e depois na mesinha de centro, onde rolou até cobrir uma Polaroid. — Pensando bem, uma cabra exigiria

menos manutenção do que uma esposa. Continue.

Elas me ignoraram.

Os lábios da mãe se torceram para baixo. — Ela é linda, sim, mas é uma *influenciadora*. — Ela pontuou a palavra com orelhas de coelho. — Esse não é um trabalho adequado.

— Isso não é um trabalho — interrompi. — É um hobby pelo qual você é pago até que o algoritmo mude e você perca sua influência.

Eu absolutamente desprezava as mídias sociais. A única vantagem disso era que parecia nos aproximar um passo do fim da civilização.

— Oh, esta é uma ótima opção. — Mamãe pegou outra Polaroid da mesa, segurando-a contra a luz natural que entrava pelas cortinas. — Ela é médica. Uma neurologista.

— Aos vinte e dois? — Observei pelo canto do olho enquanto mamãe corria em minha direção com uma pasta. — Uma idade perfeita para uma neurologista – antes que a cabeça dela esteja totalmente amadurecida.

— Ela tem a sua idade. — Mamãe ignorou a piada, colocando uma verificação de antecedentes na minha frente. — Não é o ideal se você quiser quatro filhos, o que francamente é o mínimo.

*Isto não é uma creche. Não preciso de uma lista completa de bebês para me manter à tona.*

Abri a boca e depois fechei os lábios, pensando melhor nas palavras. Qualquer coisa relacionada à morte a desencadeava.

Enquanto eu fiquei entorpecido, ela ficou estridente. Ambos eram um incômodo de lidar, mas apenas o último provocava dor de cabeça.

Mamãe bateu o dedo nos lábios. — No entanto, ela vem de uma boa família e está procurando ativamente um marido. Eu a aprovo.

— Eu também a aprovo. — Celeste Ayi caminhou até o carrinho de bebidas, servindo-se de um uísque duplo com gelo. — Ela deve conhecer um bom cirurgião plástico. Já faz algum tempo que pretendo fazer um minilift. Todo mundo tem um.

Uma risada amarga ficou presa na minha garganta.

Quão cruel era a vida que as únicas coisas que meu pai queria para mim – uma esposa, filhos e felicidade – eram as coisas que eu mais insultava?

E ainda.

*E ainda.*

Eu não poderia decepcionar minha mãe.

Quando meu pai faleceu, ele fez isso me protegendo da morte certa. Se ele nunca tivesse me protegido com seu corpo, ele estaria vivo.

Mamãe teria um marido para adorar.

Celeste Ayi estaria livre para encontrar um quarto marido.

O mundo funcionaria exatamente como deveria.

Mas ele nos deixou para trás. E descontando minha desequilibrada Ayi, eu era o único parente vivo de Sun Yu Wen.

Eu senti exatamente um sentimento humano durante toda a minha vida.

*Culpa.*

Culpa por matar meu pai.

Culpa por destruir minha mãe.

Culpa por arruinar minha família.

Abandonar isso me separaria completamente da minha espécie. Agarrei-me a isso como prova de que não era um psicopata completo.

Seu fardo era delicioso contra meus ossos, sua dor sufocante me lembrava que eu não estava completamente entorpecido.

— Aí está ela. — Mamãe jogou a Polaroid na minha cara. Mantive os pés sobre a mesa e inclinei a imagem com uma inclinação torta da cabeça. — O nome dela é Eileen.

Eileen era objetivamente atraente.

Sorriso caloroso. Figura legal. Todas as credenciais corretas.

E ainda assim, ela me entediava até a morte antes mesmo de trocarmos uma palavra.

Devolvi a foto para minha mãe, balançando a cabeça. — Muito saudável.

Meu telefone tocou com outra mensagem de Oliver. Suspirei, decidindo atender antes que ele encontrasse uma maneira de escalar.

Deus não permitisse que ele também invadisse aqui.

**Ollie vB:**

Tem certeza disso?

**Ollie vB:**

Conheço um detetive particular que pode rastrear sua vigarista rapidamente.

**Zach Sun:**

A última vez que contratei alguém por recomendação sua, acabei com o vibrador de um estranho entupindo meu skimmer de piscina.

Passo total.

Eu confiaria em Frankie Townsend antes de confiar em quem você recomenda.

**Ollie vB:**

Ai.

Instável, impaciente, irritável.

**Ollie vB:**

Talvez seja hora de transar.

**Romeo Costa:**

Com algo diferente de sua mão.

**Ollie vB:**

Seu pobre pau. Provavelmente vai para a cama gritando: Socorro!  
Meu dono me bate todas as noites.

**Romeo Costa:**

Gramática impecável. A+.

*Zach Sun tem notificações silenciadas.*

Enquanto isso, mamãe não parava de divagar.

Ela colocou a foto na borda de vidro da moldura personalizada que continha um esboço original do Twombly. — Saudável é ruim?

— Para alguém com um QI estimado em 200, ser saudável pode ser chato.

— Ela gosta de arco e flecha. — Mamãe limpou a garganta. — E sabe cozinhar.

— Os cirurgiões trabalham horas insondáveis. Ela não seria uma boa opção como mãe.

— Eu disse neurologista, não neurocirurgiã. Se ela fosse a última, eu nem perguntaria antes de reservar um local para o casamento. — Quando ela não alcançou o sorriso que desejava, ela suspirou. — Além disso, ela está planejando um período sabático antes de passar para meio período.

Fiquei de pé, andando pelo meu escritório. Um escritório que cheirava cada vez menos ao meu reino desde que Octi o visitou.

O cheiro dela pairava no ar: laranjas, frutas artificiais, sabonete barato e um toque de algum produto de limpeza.

— Ela não serve — rosnei, fixando meu olhar no jogo Go inacabado que zombava mais de mim do que no sorriso daquela mulher sem nome.

— Ela é brilhante. — Mamãe me seguiu enquanto Ayi empilhava

as fotos restantes e as usava como porta-copos. — Seu pai e o pai dela eram bons amigos na faculdade. Eles se conheceram em Tsinghua antes de seu pai partir para Oxford para fazer mestrado. Eles eram xué zhǎng e xué dì.

*Sênior e Júnior.*

Eles deviam ser próximos.

Isso me parou no meio do caminho.

Virei-me para encarar mamãe, assustando-a e fazendo-a parar abruptamente. — Papai a conhecia?

Os lábios apertados da mãe curvaram-se num sorriso inocente que não fez nada para esconder o seu verdadeiro motivo. — Ele a encontrou muitas vezes antes de sua família se mudar para Berlim a negócios. Ele era o padrinho dela, na verdade. Tenho certeza de que ela tem algumas histórias dele para compartilhar.

Peguei a foto de Eileen novamente.

Por um momento, a ideia de conhecê-la me encantou. Os médicos eram pessoas analíticas, não eram?

Talvez eu pudesse explicar minha situação. Meus termos e condições. Todas as letras miúdas.

Entraríamos nisso de forma pragmática, com os olhos bem abertos, cada um com algo a ganhar.

Eu poderia dar a ela a riqueza, o status, as vantagens. Só não o amor, a devoção e tudo o mais que acompanhava uma parceria real.

Ela também ficaria com as crianças e nem sequer teria que fingir que gostava de ser empalada pelo meu pau enorme.

Poderíamos ter um acordo confortável.

Uma espécie de negócio.

Mas havia outra parte de mim, uma parte maior de mim, que sabia que nenhuma mulher sã jamais se sujeitaria a esse tipo de existência. Pelo menos não num mundo livre.



Todas queriam jantares românticos, férias dignas do Instagram, conversas noite adentro, sexo à luz de velas.

O toque.

O toque.

*O toque.*

Eu não poderia tocar em humanos.

Esse era o meu segredo mais mal guardado.

Eu detestava a sensação de uma pele estranha e pegajosa contra a minha. Eu não apertava a mão das pessoas. Não dava tapas nas costas das pessoas, nem beijava as bochechas das pessoas.

Eu não abraçava, acariciava ou beijava.

E sexo?

Totalmente fora de questão.

A simples ideia de alguém deitado em cima de mim me deixava violentamente enjoado.

Flashbacks do tempo que passei preso sob a figura sem vida do meu pai amarravam minha pele como um cinto de couro pontiagudo cada vez que eu chegava ao ponto de pensar em beijar alguém.

Decidi poupar a afilhada do meu pai.

— Não. — Rasguei a Polaroid da mulher entre os dedos, deixando pedaços dela espalhados pelo chão como confetes. — Não interessado.

— Nunca vou usar o vestido que comprei para o casamento dele. — Celeste Ayi balançou a cabeça e bebeu o uísque de um só gole, batendo o copo no carrinho de bebidas. — Eu deveria usá-lo apenas para um encontro.

Mamãe ajustou o blazer, calculando o próximo movimento.

Eu mostrei meus dentes. — O quê?

Ela era alta, queixo erguido, terno impecável, nem um fio de cabelo fora do lugar. Mas por dentro, eu sabia que ela estava

desmoronando. Que todos os dias eu quebrava o coração dela, acordava e fazia isso de novo.

— Você é gay? — saiu em uma respiração ofegante. Não misturado com julgamento, mas sim com desespero.

Um apelo para explicar a última década.

Qualquer coisa que fizesse algum sentido, para que ela pudesse decodificar minha incapacidade de encontrar uma esposa.

Ela devia estar segurando a questão há anos.

— Não.

*Se eu fosse, não estaria sozinho.*

— Você sabe que pode me dizer-

— Eu não sou gay. Não é sobre isso.

— Então do que se trata?

*Minha incapacidade de tolerar quem não posso usar ou explorar, muito menos ser afetuoso com eles.*

— Eu tenho padrões.

— Ninguém os conhece.

— Bem, eles não são muito sociáveis. Assim como seu dono.

— Eu ouvi um boato. — Mamãe amarrou os braços atrás das costas e caminhou até a parede oposta. Meus Damien Hirsts e Warhols colocaram cada lado dela entre colchetes. — Que você estava aqui com uma jovem na festa?

Meu queixo travou com a menção daquela pequena fugitiva. — Ela não era ninguém.

— Uma ninguém com quem você passou três horas.

Ela me avaliou, voltando para a mesa de centro e pegando as Polaroids que estavam debaixo do boba de Ayi. Ela eliminou a condensação.

Éramos parecidos, mãe e eu, no sentido de que não tolerávamos

imperfeições em nada do que fazíamos.

— Jogamos Go.

Ela parou. Zombou. — Esse código é para alguma coisa?

— Sim. — Retomei minha jornada sem rumo, procurando por alguma evidência que minha convidada indesejada realmente tivesse invadido algumas noites atrás. — É um código para jogar Go.

Toquei em enfeites, documentos e móveis. Certifiquei-me de que tudo estava onde deveria estar.

Até agora, não parecia que o pequeno polvo tivesse se servido de uma lembrança. Tudo estava aqui, nem um centímetro fora do lugar.

— Ouvi dizer que ela era... — Os ombros da mãe tremeram com um leve estremecimento. — Uma *loira*?

Curiosamente, eu nem lembrava da cor do cabelo dela.

Lembrava-me que era pálido.

E que ela não era horrível de se olhar.

Que eu não senti a bile subindo pela minha garganta quando estávamos muito próximos e fiquei confortável.

Que eu não recuei imediatamente quando o cheiro dela invadiu meu sistema.

— Ela era? — Parei em frente às prateleiras atrás das telas da minha mesa, inspecionando-as. — Pode muito bem ser. Eu não prestei atenção nela. Apenas pelo fato de que ela tinha duas células cerebrais para unir e poder ser considerada uma jogadora decente por um jogador medíocre.

Atrás de mim, a respiração de mamãe saía em tremores.

*Não era a notícia que você esperava, hein?*

Então, novamente, eu não lhe dava o tipo de notícia que ela queria há anos.

— Ela é inteligente, então? — Ela fungou, tentando reunir algum

entusiasmo. — O que ela faz da vida?

— Não sei.

— Bem, quais são os diplomas dela?

— Não tenho certeza se ela tem algum tipo de educação superior formal.

Ajustei uma estatueta de madeira entalhada de Shou Xing na minha estante. O Deus da Longevidade. Muito disso estava faltando na casa dos Sun.

Passei para a próxima prateleira. — Francamente, duvido.

Octi parecia selvagem demais para cursar quatro anos de ensino superior.

Algo peculiar chamou minha atenção.

Mamãe engasgou. — Quanto você sabe sobre ela? — Ela passou os dedos pelos cabelos, arruinando sua nova escova. Ela estalou os dedos para Celeste Ayi. — Precisamos de uma verificação de crédito, antecedentes criminais e amplo perfil psicológico antes que você possa ser visto publicamente com ela.

Meus pensamentos abafaram a voz dela.

*Merda.*

Octi tentou roubar meus pingentes de jade. Dele e dela. A aquisição final do papai.

Um buraco profundo e crescente abraçava a fechadura. Ela não mentiu. Ela *veio* aqui pela arte.

Só que ela não mencionou que veio para roubá-la.

Eu não me dava bem com os humanos.

Eu me dava ainda pior com ladrões.

— Zach? Zachary? — Atrás de mim, mamãe começou a andar de um lado para outro, seus passos batendo na madeira apesar de seu peso insignificante. — Você está ouvindo? E o fato de as pessoas

dizerem que o vestido dela era completamente inapropriado? Você consideraria pelo menos enviá-la para meu personal shopper? Eu pago a conta.

Mas por que minha convidada misteriosa ficaria fascinada com esta obra de arte em particular quando eu tinha centenas de outras obras caras e menos seguras espalhadas pela casa?

Ela poderia ter escolhido a estatueta bem ao lado dela. Desbloqueada. Desprotegida. À vista de todos. Também custaria o dobro.

Os pingentes deviam ter um significado para ela.

Ou, pelo menos, um deles tinha.

— Aceito o fato de que ela é loira, mas não aceitarei uma prostituta sem instrução como nora. — Mamãe falava monotonamente ao fundo. — Na verdade, não farei promessas de aceitá-la. Ah, isso é horrível. Por que você não poderia ter gosto?

— Porque então ele seria divertido. — Celeste Ayi, que já havia avançado para seu terceiro drinque, bateu uma garrafa no carrinho de uísque, bebendo outro copo como se fosse água. Ela semicerrou os olhos pela janela com o copo enfiado no peito. — É minha sorte ter o sobrinho mais chato possível. Uma cartomante me contou isso quando fui ao Havaí para aquela despedida de solteira. Você conhece qual. Ela disse que ele não seria nada além de uma dor de cabeça. E sabe de uma coisa? Eu o culpo pelo meu vício em Advil.

Nem mamãe nem eu prestamos atenção nela.

Examinei imagens mentais de todas as obras de arte que comprei este ano até chegar ao pingente. Sotheby's. Dona de casa recém-viúva.

Entrei em contato com o vendedor em particular e ofereci muito mais do que a avaliação antes mesmo de o leilão começar, recusando-me a entrar em uma guerra de lances.

Não quando papai queria completar a coleção dele e dela.

Lembrei-me do vendedor. Anos cinquenta. Atarracado. Cabelo

descolorido. Tinha muito plástico na cara para qualquer coisa que não fosse uma cadeira de jardim barata.

Ela falava a mil por hora e continuava se oferecendo para me apresentar às suas filhas. Filhas que poderiam incluir a pequena Octi.

Elas não pareciam geneticamente relacionadas, mas talvez o pai tivesse compensado o algodão doce que a mãe tinha entre as orelhas.

Só havia uma maneira de descobrir.

— Você está ouvindo? Zach? Zachary? — Mamãe estalou os dedos na frente do meu rosto. — Vou levá-lo a Xangai no próximo mês para encontrar um par. Eu não estarei...

Sua voz afundou no oceano turbulento dos meus pensamentos.

Eu sabia que tinha prometido a mim mesmo não procurá-la, mas isso foi antes de descobrir que ela tentou me roubar.

Agora, o encontro peculiar se transformou em algo completamente diferente.

A pequena Octi precisava aprender uma lição.

E eu era um excelente professor.

## CAPÍTULO SEIS

### *Farrow*

**Ari:**

Então? Tem o pingente?

**Farrow:**

Não.

Ele me pegou.

**Ari:**

ELE PEGOU VOCÊ?

**Ari:**

ZACHARY SUN PEGOU VOCÊ?

**Ari:**

COMO VOCÊ ESTÁ TÃO CALMA?

**Ari:**

Preciso chegar aí e pagar fiança?

Eu sempre quis fazer isso. Parece tão legal nos filmes.

**Farrow:**

Ele me deixou ir.

**Ari:**

Isso foi... caridade?

**Farrow:**

Aquele homem não realizaria um único ato de caridade se o futuro do continente dependesse disso.

**Farrow:**

Ele me pegou bisbilhotando, não roubando.

**Farrow:**

Foi bizarro.

De alguma forma, acabamos jogando Go.

**Ari:**

Estou confusa e um pouco excitada com esta cadeia de eventos.

**Ari:**

Você pelo menos ganhou?

**Farrow:**

Nunca terminamos o jogo.

**Ari:**

Você saiu sem dar seu número a ele?

**Farrow:**

Ele me perseguiu pelo jardim da frente e tentou me esfaquear.

**Ari:**

Entendo.

**Ari:**

Ainda bem que você não deu seu número a ele, então.

**Ari:**

Ele realmente tentou esfaquear você?

**Farrow:**

Ele jogou uma faca em mim.

**Farrow:**

Ainda posso sentir o cheiro do aço, três dias depois.

**Ari:**

Claramente você deixou uma impressão.



**Ari:**

Você acha que ele sabe quem você é?

**Farrow:**

Um difícil não.

**Farrow:**

Minha própria família mal sabe quem eu sou e moro sob o mesmo teto.

**Ari:**

Então, o que você vai fazer agora?

**Farrow:**

Encontrar o caminho de volta e pegar o pingente quando ele estiver fora de casa.

**Farrow:**

Vai exigir algum trabalho braçal, mas posso fazê-lo.

**Ari:**

Você é louca.

**Farrow:**

Louca, mas com sorte.

**Farrow:**

Posso não ter vencido no Go, mas ganhei no Catch.

## CAPÍTULO SETE

### *Farrow*

Como todas as calamidades, a minha chegou num ponto baixo.

Esfreguei os restos de lasanha, a textura parecida com cérebro, encharcando minha calça de moletom quando a campainha tocou. Tinha molho de tomate no meu rosto como se fosse tinta de guerra.

Tabby decidiu que a empresa de limpeza da família, Maid in Maryland, não era para ela. Ela começou a seguir carreira como blogueira de culinária.

O fato de ela ser uma péssima cozinheira não a deteve nem um pouco.

Do segundo andar, a voz de Reggie rompeu o véu de uma música de Olivia Rodrigo. — Alguém abra a porta.

Às vezes, eu me perguntava se ela tinha vinte e dois anos, como eu, ou doze.

— Muito ocupada. — Algo desabou na sala de jantar, seguido pelo gemido alto de Tabby. — *Ugh*, bastão de selfie superlongo estúpido.

— Farrow. — Vera ligou a TV da sala. *The Real Housewives of Potomac*. Certa vez, ela encurralou o produtor em um bar e implorou por uma participação especial. — Faça algo útil consigo mesma e abra a porta.

Cerrei os dentes, fazendo o possível para não gritar além deles. — Limpeza.

*A bagunça da sua filha adulta.*

Um dos pratos Le Creuset de Tabby não tinha viajado do forno até o balcão da ilha.

O início de hematomas vermelho-doce cobriu meus joelhos depois

de vinte minutos pegando molho bolonhesa dos azulejos da cozinha e colocando-o em um balde com uma espátula.

A pele das minhas mãos e braços formigava e queimava, graças ao frasco de alvejante vazio ao meu lado.

Minha mente não conseguiu evocar um único pensamento valioso além da nuvem de fumaça que inalei o dia todo.

Eu limpei duas mansões de 3.500 metros de altura sozinha, porque Vera decidiu demitir a maior parte de nossa equipe para *cortar a gordura*.

Deus não permitisse que ela ou suas filhas compensassem sozinhas a falta de mão de obra. Atualmente, começava meus dias de trabalho às quatro da manhã.

A campainha tocou novamente.

A família Ballantine tomou a decisão coletiva de ignorar.

Uma batida forte e furiosa sacudiu a porta.

— Jesus. — Reggie gemeu lá de cima, pausando a música por tempo suficiente para garantir que todos pudéssemos sentir toda a força de sua irritação. — Não pode ser a Amazon, porque eles têm mais tato do que ficar nos incomodando.

Ela aumentou a música de volta.

Vera desligou seu show. — Por que tenho que fazer tudo nesta casa?

Batidas pesadas e vulgares seguiram seus pés, passando pela cozinha e entrando no hall de entrada.

Belisquei a parte interna do pulso para me distrair das dores que subiam pelas minhas coxas. Era melhor que o dono daquela batida saísse logo ou viesse trazer vinho.

A última coisa que eu precisava era de companhia.

Não que tivéssemos muito, de qualquer maneira.

Os Ballantines adoravam fingir ser pilares da comunidade local.

Na verdade, nossos vizinhos nem sabiam seus nomes e morávamos aqui há quase vinte e três anos.

Vera abriu a porta e engasgou.

Então, houve silêncio.

Muito e muito silêncio.

Nem mesmo ter sido maltratada pelos seguranças por assediar o produtor a deixou sem palavras, então tomei isso como um sinal do apocalipse. O que eu estava disposta a encarar.

Eu poderia usar algum tempo de folga.

— S-Sr. Sun.

A espátula caiu da minha mão com um estrondo.

Parei de respirar por um momento.

Vera continuou se atrapalhando com as palavras. — Por que... eu... isso é inesperado.

*Droga.*

Como ele descobriu?

Reggie e Tabby se materializaram dos buracos em que se esconderam, indo até a entrada.

Enfiei o balde no armário mais próximo, joguei um pano sobre a mancha e corri para a despensa.

Não era o melhor esconderijo. Mas não conseguiria passar pela ilha sem ser vista.

A nossa casa era a mais antiga da rua. Minúscula, antiquada e pendurada por um fio.

Mas mudar não estava nos planos.

As memórias que papai e eu compartilhamos aqui permaneceram gravadas em cada arranhão, amassado e rasgo. De jeito nenhum eu desistiria disso.

Além disso, todos os advogados com quem falei me alertaram

contra a mudança, caso eu contestasse o testamento. Eu pretendia totalmente.

Apostava minha mão de esgrima que o testamento que Vera convocou na leitura era falso. Pena que não tinha dinheiro para contratar um representante para lutar contra ela.

Até então, eu planejava jogar bem e baixar a guarda.

— Sra. Ballantine. — Reconheci o teor rouco e conciso de Zach. Ele gotejava autoridade. O tipo de pessoa em quem você confiaria, mesmo que ele lhe dissesse para mergulhar a cabeça na lava. — Espero não estar me intrometendo.

— Intrometendo? — Imaginei Vera literalmente descartando a ideia. — Absolutamente não. Entre, por favor. Minha filha estava apenas fazendo o jantar. Você gosta de lasanha?

Por mais que ele se sentisse em relação ao conceito do prato, ele com certeza não iria gostar de lamber restos do chão. Tabitha ficou chocada ao descobrir que as alças do prato estavam quentes e deixou cair tudo.

Uma horda de passos correu pelo corredor.

— Não ficarei aqui por muito tempo. — A voz de Zach – confiante, entediada e formidável – ficou mais próxima. — Na verdade, tenho uma pergunta pouco convencional para você.

Apertei os olhos como se isso fosse fazer diferença.

*Por favor, não pare na cozinha.*

*Por favor, não pare na cozinha.*

*Por favor, não-*

Uma luz branca e brilhante passava pelas venezianas da porta da despensa.

Prendi a respiração, apertando toda a minha coluna o máximo possível contra as prateleiras de enlatados. Cadeiras raspavam nos azulejos, a menos de três metros de mim.

*Merda, merda, merda.*

Se o desgraçado quisesse açúcar para o café, abririam esta despensa e eu seria pega.

Meus dedos coçavam para atingir seu lindo rosto com a espátula em minha mão.

Por que ele veio aqui?

Não foi como se eu tivesse conseguido roubar o pingente.

Ainda.

Das ripas horizontais, vi Vera inclinar-se na direção de Zach.

— Qualquer coisa. — Ela se aproximou quando ele se inclinou para trás. — A propósito, essas são minhas filhas. Acho que você não teve a oportunidade de conhecê-las adequadamente na festa. Aliás, muito obrigada pelo convite. — Nenhuma resposta. — Esta é Tabitha, e esta é Regina. Tabitha é uma aclamada vlogger de culinária e Regina é a diretora de marketing da nossa empresa de limpeza.

*Diga-me que suas filhas estão desempregadas sem me dizer que estão desempregadas.*

Tabby e Reggie pararam de lutar pelo assento ao lado de Zach para acenar.

— Heeey — Reggie gritou com uma voz falsa. — *Ohmeudeus*, muito obrigada por nos convidar para sua festa. Tipo, gratidão não é suficiente para cobrir isso.

Ah.

Se *gratidão* encontrasse Reggie em um beco escuro, sairia correndo e gritando. Eu não tinha certeza se ela conseguia soletrar a palavra, muito menos senti-la.

— Não precisa me agradecer. Sua mãe incluiu isso como cláusula na venda do pingente.

Ai.

Ele estava extremamente ártico hoje. Já sentia o congelamento.

Tabby tirou Reggie do caminho. — Estou tão feliz que finalmente conseguimos nos encontrar pessoalmente. — Ela ofereceu uma mão. — Você e eu frequentamos os mesmos círculos desde sempre. Parece que sempre perdemos um ao outro.

Zach ignorou seu membro estendido. — Absurdo.

Pelas pequenas rachaduras nas venezianas, eu não conseguia vê-lo bem. Eu estava ansiosa para abrir a porta e espia-lo, mas sabia que era melhor não ceder à tentação.

A julgar pelo suspiro de Vera, ela finalmente teve um vislumbre dos restos da bagunça da filha no chão. — Isso é... sangue?

Tabby rastejou atrás de Reggie. — É bolonhesa.

Alguém poderia argumentar que um quilo de carne moída em um pão enorme queimado coberto com uma lata de tomate San Marzano não poderia ser considerado à bolonhesa, mas o que eu sabia?

Eu não era a aclamada vlogger de culinária.

Vera se virou para Zach. — Sinto muito, Sr. Sun. Acredite em mim quando digo que estou totalmente horrorizada. A casa não costuma ser tão bagunçada, mas nossa empregada relaxa sem supervisão rigorosa. Receio que seja difícil encontrar boa ajuda hoje em dia. Você sabe como é.

Por empregada, ela se referia a mim.

E por dane-se, eu quis dizer ela.

Vera apontou para a bagunça atrás dela. — Oh, espero que isso não estrague a impressão que você tem de mim.

Zach começou a arregaçar as mangas até o antebraço. — Sobre minha pergunta-

— Gostaria algo para beber? — Vera levou a palma da mão ao peito. — Meu Deus, onde estão meus modos? Parece que não está em nenhum lugar ao seu alcance. Eu culpo as longas horas de trabalho. Eu assumi os negócios do meu marido, você sabe.

*O que você assumiu foi o sofá da sala.*

Eu era a faxineira, a contadora e a executiva administrativa. Tudo o que ela fazia era gritar ordens e me chamar de inútil. Mesmo isso, ela só fazia uma vez na lua cheia.

Ela passava os dias fazendo compras com o dinheiro que ganhava penhorando as coisas do papai, gastando dinheiro e pedindo comida para viagem com o cartão corporativo.

A irritação saiu do corpo de Zach como uma fumaça espessa.

— Eu não quero nada. — Ele terminou as mangas e colocou os antebraços no balcão. — Além de fazer minha pergunta, se me permite.

— Ah, com certeza. — Vera ficou sóbria. — O que é?

Ele pescou algo em uma sacola branca de presentes que trouxera consigo, segurando-o contra a luz.

Isso era...?

Sem chance.

Não poderia ser.

Mas era.

— Este sapato pertence a alguém da sua casa?



## CAPÍTULO OITO

### *Farrow*

*Filho da puta.*

O idiota bilionário estava atrás de mim.

Na verdade, ele tirou uma folga de sua agenda para desfilar meu sapato perdido por toda Maryland como se fosse uma cabeça de veado.

Os homens no poder eram muito sádicos. Ele simplesmente não conseguiu deixar passar.

O medo subiu pela minha espinha. Arrepios substituíram o formigamento de alvejante em meus braços.

O centro das atenções de Zachary Sun era um lugar muito ruim para se estar. Ele tinha os meios para destruir qualquer pessoa com um simples telefonema.

O que eu estava pensando ao entrar em sua residência para recuperar o pingente?

O silêncio cobriu a cozinha.

Sem dúvida, Vera, Reggie e Tabby sabiam que o sapato me pertencia. Não passou um único dia sem que elas me provocassem por causa das minhas roupas ou sapatos.

Elas não conseguiam entender por que eu não permitia que o preço das minhas roupas determinasse meu valor como pessoa.

Uma gota salgada de suor desceu pela minha testa até o olho.

*Respire.*

*Apenas respire, Farrow.*

Mas não consegui.

Meu peito desabou. Sufoquei minha boca com a palma da mão,

esperando que isso abafasse o som da minha respiração.

Mais um segundo de silêncio e eles me ouviriam. Certamente.

Pela primeira vez, a voz estridente de Reggie me salvou. — Ah, isso é estranho. Acredito que este seja meu, na verdade.

— Não, não. Acho que é meu. — Tabby deu uma cotovelada para tirá-la do caminho. — Sempre levo uma sapatilha quando vou a festas. Não sei se você sabe disso, mas sou uma ótima dançarina...

— Mas você não se lembra, Tabby... — Reggie colocou a mão no ombro de Tabby, provavelmente cravando o acrílico no osso. Seu tom carregava uma ameaça misteriosa... — Eu peguei emprestado esses... *sapatos* de você naquela noite, porque os meus se perderam quando salvei um coelho ferido no jardim do senhor.

Cravei meus dentes na parte interna da minha bochecha, contendo uma risada frenética. Por mais baixo que tenha chegado, esperava nunca ter me tornado tão patética.

Essa besteira da Cinderela estava no beco delas.

Aposto que se Zach chegasse com um copo menstrual usado e perguntasse se pertencia a uma delas, elas fariam uma demonstração para provar que eram as legítimas proprietárias.

Vera pôs fim ao debate antes que Reggie fizesse um vale no ombro de Tabby. — É o sapato de Tabitha.

Tabby era a mais cara de suas duas filhas, então imaginei que Vera a quera fora de suas mãos, mais cedo ou mais tarde.

Ela assentiu, assegurando-se de que havia tomado a decisão certa. — Definitivamente dela.

Mais silêncio.

Infelizmente para meus supostos familiares, Zach Sun era inteligente demais para acreditar em suas besteiras.

Boas notícias para ele.

Notícia devastadora para mim.

Seus dedos apertaram o sapato. — Você tem outras filhas, Sra. Ballantine?

Meus ombros ficaram tensos.

— O quê? Não. Essas duas são mais que suficientes. Elas me mantêm ocupada. Confie em mim. — Suas mãos se fecharam em punhos. — Haha.

Mais silêncio.

Zach não sentia necessidade de preencher o vazio com palavras sem sentido. Provavelmente era a única coisa boa sobre ele.

Finalmente, ele colocou a imitação de Vans na ilha. — Tem certeza, Sra. Ballantine?

— Bem, eu saberia se tivesse uma filha extra escondida em casa, não é?

Oh, a ironia.

Reggie e Tabby começaram a se contorcer. Eu poderia dizer, mesmo deste ângulo.

Tabby limpou a garganta.

*Tabitha Ballantine, não se atreva a escolher este momento para ser honesta pela primeira vez na sua vida.*

— Ótimo. — A cadeira de Zach arranhou o chão enquanto ele se levantava. — Nesse caso, as duas irmãs Ballantine deveriam me acompanhar até a delegacia. Na verdade, o promotor é um grande amigo meu. Iremos direto para a casa dele. De qualquer forma, eu queria dar uma olhada nas novas reformas dele.

Vera ficou mais ereta, finalmente abandonando a charada de doce tia. — Do que você está falando?

Ela não conseguia nem ganhar um papel direto para streaming com aquela atuação.

Muitas vezes me perguntei o que meu pai viu nela. Parte de mim meio que sabia a resposta. Ele queria que alguém — *qualquer uma* —

fosse dele.

Ele cresceu órfão na Escócia. Mudou-se para cá sem vínculos. Sem amigos. Nada.

E Vera? Ela tinha o pacote inteiro. Irmãs, tias e uma filha com outra a caminho.

Pena que, ao ganhar uma família, ele tenha traído outra.

*A minha.*

Zach tirou o sapato do balcão, pendurando-o no dedo indicador. — Estou falando do fato de que a pessoa a quem pertence este sapato tentou roubar meu pingente na noite da festa. Como ele veio da sua casa quando o comprei, vou me arriscar aqui e acho que alguém se apegou demais e pensou que poderia escapar roubando-o de volta. Bem, o roubo é ilegal em todos os cinquenta estados. Suas filhas deveriam aprender uma lição.

— Oh, isso tudo é um mal-entendido. Elas não querem aquele pedaço inútil de... — Vera se conteve no último segundo, respirando fundo e substituindo-o por uma risada superficial. — Posso garantir que as meninas não se importam nem um pouco com o pingente, senhor.

— E ainda assim, este sapato me prova que uma delas se importa — insistiu Zachary, arrancando-lhe a verdade sem que ela percebesse.

— Provavelmente é da Farrow — Tabby apressou-se.

E eu pensei que seria Vera quem me delataria.

Minhas bochechas queimaram. Maldita Tabby.

Zach baixou o sapato. — Farrow?

— Nossa meia-irmã. — As bochechas de Tabby coraram, sem dúvida de excitação pela oportunidade repentina de agradar Zach. — Ela se veste como uma sem-teto e nosso pai – o pai biológico dela – era o dono do pingente. Ela o guardava em seu quarto antes de ser vendido. Ela sempre se mete em encrencas.

Até agora, eu poderia ter salvado Tabitha se algum dia

estivéssemos em uma situação de Mufasa e Scar. Fiz uma nota mental para não fazer isso.

A mulher era tão simpática quanto um vírus mortal.

— Então, *há* uma terceira irmã. — Zach parecia estar tentando roubar códigos nucleares de uma criança.

— E-ela não é realmente uma irmã. — Reggie mexeu na gola do vestido Oxford. — Embora eu não diria não para compartilhar seu metabolismo...

— Minha enteada está afastada de nós. — Vera tentou parecer digna. — Eu tentei o meu melhor com ela, tentei, mas...

Zach a interrompeu. — Onde está Farrow?

— Em algum lugar da casa. — Os ombros de Tabby cederam, agora que ela não corria mais o risco de ser presa. Ela apontou para os tapos nos azulejos. — Ela precisa terminar de limpar aqui.

A dor de suas palavras beliscou minhas bochechas. O calor explodiu do meu esterno, subindo e descendo por todo o meu corpo.

Minha péssima desculpa de família não tinha ideia de como soavam.

Ou talvez sim, e esse sempre foi o objetivo delas.

Trabalhar como faxineira não me envergonhava. Eu me orgulhava do meu serviço estelar.

Mas ser apresentada como a humilde empregada da minha própria família? Fiquei surpreendentemente envergonhada. Surpreendente, porque eu normalmente não dava a mínima para o que as pessoas pensavam de mim.

Mas de alguma forma, fazia isso quando se tratava de Zachary Sun.

Era uma vez, e por apenas três horas, consegui captar sua atenção. Algo que nenhuma outra mulher jamais fez.

Sim, gostei da ideia de ele me considerar misteriosa e atraente.

Não como alguém que esfregava os banheiros de seus padrastos.

— Encontrem-na para mim. — Ele estalou os dedos uma vez, como se estivesse entregando um decreto aos seus devotados súditos. Eu praticamente podia ouvir o idiota sentado como o rei brusco que ele era. — Ou vocês se encontrarão em um processo infernal.

A comoção que se seguiu fez minha cabeça girar.

Vera apontou para as filhas. — Reggie, você olha em cima. Tabby, vá até a casa da piscina e o porão. Ela não pode estar longe. O carro dela está estacionado na frente. Vou verificar aqui.

Uma agitação de pés avançou em várias direções.

A porta do quintal se abriu. As luminárias chacoalhavam com os passos pesados acima. As portas dos armários se abriram em rápida sucessão.

Zach bocejou, possivelmente... *divertido* com as circunstâncias da minha vida. — Ela não se esconderia em um armário.

Vera abriu outro. — Por que não?

— Porque ela não é uma completa idiota.

— Acredite em mim, ela é...

— Eu não.

— O-o quê?

— Eu não confio em você. Continue olhando. — Ele checkou seu relógio de pulso. — Quero a cabeça dela em uma bandeja e quero isso antes do meu compromisso das seis horas do outro lado da cidade.

Eu vi as palavras pelo que elas eram.

Uma declaração de guerra.

Se ele pensava que eu sentaria e aceitaria, ele tinha outra coisa por vir.

Só porque aceitei abusos em casa para garantir a proteção dos meus bens não lhe dava rédea solta para me tornar seu novo jogo

favorito.

Antes de meu pai falecer, eu passei minha vida inteira infernizando minha madrastra.

A ponto de Vera quase implorar para que eu me mudasse para Seul, Reggie me entregar folhetos de todos os cirurgiões plásticos respeitáveis e Tabby marcar um mapa com todos os pontos gastronômicos. (Eu nem sabia que ela conseguia ler um mapa.)

*Eu sei lutar, Zachary Sun.*

*Tire as luvas. Sem piedade. Até eu tirar sangue.*

— Eu não colocaria nada além dela. — O veneno penetrou no tom de Vera. — Eu tentei com ela, Sr. Sun. Tentei mesmo. Mas Farrow está além do reparo. São aqueles genes que a mãe dela lhe deu, eu acho. Ela é...

Ela exalou, mas não terminou a frase.

— Ela é o quê?

— Tão pouco feminina.

— Explique.

— Indisciplinada, mal-humorada, sem educação. Uma *moleca*. — A palavra passou por seus dentes à mostra. Vera bateu um armário, parando para balançar a cabeça. — Ela teve muitos problemas enquanto crescia. Você acredita que eles a expulsaram da escola particular aos dezesseis anos? Ela distribuiu a pílula do dia seguinte às alunas que precisavam dela. *De graça*.

E eu faria tudo de novo.

Foda-se o patriarcado.

Já que estamos nisso, dane-se Vera também.

— Ela alguma vez terminou o ensino médio?

Neste ponto, isso importava?

*Ironicamente, o mais perto que cheguei de usar meu GED foi por meio*

*das habilidades de pesquisa necessárias para invadir sua casa.*

— Por muito pouco. — Ela jogou as mãos para o alto. — O pai dela teve a ideia de mandá-la para uma academia de esgrima em Seul. É o que ela sempre quis, de qualquer maneira. Ela sempre olhou para mim e para minhas pobres filhas. Não me deixou escolher as roupas dela, fazer as unhas ou cortar aquele cabelo horrível.

— Faculdade?

Vera riu, acenando com a mão. — Nem mesmo faculdade comunitária. Tabitha, no entanto, tem bacharelado em Columbia e minha doce Reggie foi para o prestigioso...

— Não há necessidade de terminar a frase. Garanto-lhe que nenhuma parte de mim se importa.

Mesmo que cada parte dele se importasse, Tabby não tinha, de fato, um diploma daquela *Universidade*.

Mas a Columbia College de Maryland não tinha exatamente o mesmo significado.

Vera abriu a geladeira. O que ela achava? Que eu tinha me enfiado entre o galão de iogurte probiótico e o pote de cebola em conserva XL?

Alguém deveria ligar para Sherlock e dizer que ele poderia ficar desempregado.

O Sr. Sun obviamente não ficou tão chocado quanto Vera queria que ele ficasse, porque ela passou para a parte do programa de choro falso, exceto que ela não conseguia extrair uma lágrima, então seu nariz apenas torceu para cima e para baixo.

Vera limpou a bochecha. Seca como um deserto chileno.

— Ela brigou comigo por causa daquele pingente. Deu-me o inferno. Mas precisávamos do dinheiro. Seu falecido pai trabalhava com margens muito pequenas, e minhas filhas precisam ser sustentadas até que o dinheiro do seguro entre em vigor. — Ela falou como se Reggie e Tabby fossem crianças, e não mulheres capazes de



vinte e poucos anos. — Estou muito envergonhada com o comportamento de Farrow.

Eu também estava envergonhada.

Por ser afiliada a essa bagunça.

Felizmente, não através do DNA.

Zach interrompeu seu gemido. — Sra. Ballantine?

— Sim?

— Experimente a despensa e tire nós dois do sofrimento que é essa conversa.

— Oh. Certo. Boa ideia.

Seus passos se aproximaram.

Meus cotovelos cavaram profundamente em meus quadris. A espátula quase caiu do meu aperto úmido. Pequenos fios de cabelo saltaram da minha nuca.

Balancei-me sobre os calcanhares e respirei fundo, preparando-me para o pior.

Os dedos de Vera se esticaram.

Arrisquei um último olhar para Zach através das ripas e me arrependi. Ele exibia a sombra de um sorriso, as costas apoiadas na ilha, um tornozelo cruzado sobre o outro.

Com uma precisão assustadora, seus olhos encontraram os meus através da porta fechada.

Eu recuei, batendo minha cabeça em uma lata.

Ele descobriu.

*Ele sabia.*

O bastardo sabia.

# CAPÍTULO NOVE

## *Farrow*

As luzes brilhantes me cegaram por um momento.

Pisquei para ajustar meus olhos.

Eu me sentia nua. Nua e exposta.

Eu sabia como eu parecia. Com minhas roupas esfarrapadas e meu cabelo puxado para trás. Manchas de tomate subindo e descendo em meus braços. Uma maldita espátula aninhada em meu punho.

Normalmente, eu não me importaria. Mas eu queria que Zach me visse como igual.

Vera apontou para mim, voltando o olhar para seu convidado. — Aqui está ela.

Tudo – desde a voz até a ponta dos dedos – tremeu.

Zach cruzou os braços sobre o peito, o epítome do casual. Sua presença enchia a sala como se ele tivesse sido esculpido em mármore.

Um corte de cabelo imaculado destacava aquele cabelo grosso e brilhante, sem um único fio fora do lugar.

Com seu suéter de caxemira azul-marinho por cima de uma camisa elegante e calça cinza-claro, ele iria leiloar por um bilhão de dólares e alguns trocados.

Um pequeno sorriso apareceu no lado direito de sua boca. Quase leve demais para ver.

Ele olhou para mim, tão alto e maior que a vida. — Sra. Ballantine?

Mesmo enquanto falava com Vera, seus olhos nunca se afastaram de mim. Como se de alguma forma eu pudesse escapar se ele me desse um centímetro.

A gravidade da situação caiu sobre mim. Costas pressionadas contra as prateleiras. Um animal encurralado. Totalmente humilhada.

Não significava que eu tivesse que aceitar isso.

Depositei a espátula em uma prateleira aleatória, levantei o queixo e encontrei seu olhar de frente.

Vera correu para o lado dele. — Sim?

— Privacidade, por favor.

— Farrow, você...

— Não, Vera. — Zach se endireitou, afastando-se da ilha. — *Você* está saindo.

— Mas...

— Eu não pedi sua opinião. Eu pedi para você gentilmente cair fora.

Puta merda.

Ele realmente estava chateado.

*Bem, você tentou roubar algo dele.*

Risca isso.

Algo *meu*.

Eu precisava me lembrar disso. Isso fazia toda a diferença.

— Você e eu ainda não terminamos. — Vera se virou para mim e balançou o dedo com manicure francesa na minha cara. — Não por um tiro longo.

— Não se preocupe, *mamãe*. — Pisquei para ela. — Eu não vou a lugar nenhum, goste você ou não.

Claro, eu tinha que seguir as regras dela, mas isso não significava que eu tinha que ser uma boa esportista.

Nada sobre a morte do meu pai fazia sentido.

Aconteceu no seu auge. Súbito e violento.

Num momento, ele estava diante da entrada de um restaurante, esperando o manobrista chegar. E no outro, o manobrista colidiu com ele na velocidade da luz.

Os testes voltaram limpos.

Sem álcool. Sem drogas.

O manobrista alegou que seu pé ficou preso no acelerador e recebeu uma sentença de cinco anos. O juiz sentiu pena dele. De sua esposa doente. De seu bebê inocente.

Eu me senti mal por ele também.

Mas me senti ainda pior por mim mesma.

Isso foi há dois anos e eu ainda lambia as feridas, que não davam sinais de cura.

Com um grunhido descontente, Vera foi até a sala. Ainda perto o suficiente para escutar, é claro.

No minuto em que ela evacuou meu espaço pessoal, aventurei-me a sair da despensa.

— Não. — Zach caminhou até mim, levantando a palma da mão.  
— Fique onde está. Os ratos cabem perfeitamente em buracos escuros.

Eu escapei, de qualquer maneira. — Falando em buracos negros, alguém já lhe disse que você é um idiota?

— Não em voz alta, mas tenho certeza que muitos compartilham do sentimento.

Por instinto, fui até uma gaveta de utensílios, abrindo-a para me armar com a coisa mais afiada que pude encontrar.

Ele bateu nela com o quadril antes que eu pudesse pegar uma faca.

*Instintos assassinos.*

Observado.

Ele *estalou*. — Se eu fosse você, não tentaria nada engraçado. —

Sua estrutura colossal bloqueava qualquer caminho que eu pudesse seguir para sair daqui. Não que isso importasse agora que ele conhecia minha identidade. Não haveria como escapar dele. — Não só posso ser mais esperto que você, como também posso matar você. E atualmente estou muito tentado a fazer isso, pequena ladra.

Uma explosão de pura energia inundou minhas veias. — Foda-se, você e seu dinheiro. Você e seus amigos estúpidos não me assustam.

De jeito nenhum eu fiquei tão paranoica nos últimos dias.

Senti alguém me seguindo, os pelinhos da minha nuca saudando o estranho cada vez que eu entrava e saía de uma nova casa para limpar.

Um investigador particular, talvez, já que eu duvidava que esses bebês de fundo fiduciário algum dia realizassem trabalho manual pessoalmente.

E se não foi Zach, devia ter sido um de seus amigos chiques.

Eu ouvi os rumores.

Todos os três eram grossos como ladrões e propensos a usar sua influência em DMV para conseguir o que e quem quisessem. Bem, eu não.

Passei por Zach e fui em direção à porta. — Vá incomodar outra criança no parquinho.

Ele soltou um suspiro dramático.

Foi quando eu senti isso. Uma coisa metálica beijando minha parte inferior das costas.

Fria, afiada e inconfundível.

Uma *faca*.

Que tipo de psicopata andava por aí com uma maldita *faca*? Em plena luz do dia também?

Então, lembrei que ele tinha mandado uma voando em minha direção quando eu escapei dele na festa.

Zachary Sun adorava sua arma.

Ele estava muito longe da versão incontestável e elegante de si mesmo, que aparecia nos painéis da Bloomberg para discutir start-ups em ascensão.

Um selvagem em ternos de grife.

E ele era oficialmente, sem remorso, problema meu.

— Aconselho vivamente que não fuja desta conversa em particular.

Estremeci, mais pelo som barítono de sua voz do que pela faca cravada na parte inferior das minhas costas.

Ele não me esfaquearia. Eu só não sabia até onde ele iria levar isso.

Parei, mas não me virei para encará-lo.

Zach pressionou a borda plana mais profundamente na minha carne. — A menos, é claro, que você não goste muito de sua capacidade de andar.

Ele deveria estar preocupado com minha capacidade de castrá-lo com uma espada. Porque isso se tornou oficialmente meu novo objetivo na vida.

Embora ele não pudesse ver, eu estampeei um sorriso, ignorando meu pulso acelerado. — Estou lisonjeada, Sr. Sun, por você achar que minha miserável vida é digna de uma vida na prisão para você.

— Estou surpreso, Srta. Ballantine, que você pense que algum dia eu estaria sujeito a tal destino. Sou rico, poderoso e inteligente demais para servir nem que seja por um minuto em qualquer sala de seis por oito que não seja uma sauna. Além disso, se você se virar, notará algo muito interessante na minha faca.

Eu girei nos calcanhares, demorando meu tempo, aumentando a expectativa, sem demonstrar nem um pinga do pânico que sentia.

Se Zachary Sun quisesse minha submissão completa, ele teria que arrancá-la das minhas mãos ensanguentadas.

Quando meu corpo enfrentou o dele, percebi nossa distância. Pelo menos dois passos gigantescos nos separavam.

Meus olhos se arrastaram até a faca que esfaqueava meu osso do quadril. O grosso veludo preto abraçava tudo menos a lâmina.

Minha respiração ficou presa na garganta. — O veludo não pega impressões digitais.

Claro, ele sabia disso.

O que diabos esse homem não sabia?

Seus olhos seguraram os meus. — Sem arma, sem crime.

— Isso não pode ser legal.

— Tudo é legal quando você conhece as pessoas certas. — Algo deliciosamente escuro brilhou em seus olhos. — As leis são para pessoas como você. Advogados são para pessoas como eu.

— Você é uma fraude. Nada como a forma como eles retratam você na mídia. — As palavras explodiram entre os dentes cerrados. Se eu diminuísse a pressão da minha mordida, mesmo que fosse um pouquinho, meus dentes iriam bater com tremores raivosos e cruéis. — Quantas pessoas sabem que você é um monstro?

— Não muitas. Somente aquelas que se preocupam em olhar além do meu exterior. É muito conveniente não fazer isso, no entanto. Sou uma criatura altamente útil para a maioria.

A ponta de sua faca deslizou do meu quadril em direção ao espaço entre meu umbigo e o cócs da minha calça jeans.

Uma poça de calor se formou entre minhas pernas.

*O que diabos há de errado com você, Fae?*

Mas não pude evitar.

Algo sobre o poder que ele exalava me pegou. Eu morei em um dos CEPs mais ricos toda a minha vida, mas nunca conheci ninguém como Zachary Sun.

Sua faca parou perto do meu sexo. Ele lambeu os lábios,

inconscientemente. — Você poderia ser uma delas, você sabe.

Todo o meu corpo ganhou vida, meu pulso gaguejou sob cada centímetro da minha pele.

Eu queria mais.

E ainda assim, eu não queria nada com ele.

A lógica ditava que alguém como ele seria uma merda na cama. Ele tinha todas as características erradas de um amante talentoso.

Muito egoísta.

Muito bonito.

*Muito narcisista.*

Mas eu ainda faria.

Meus olhos se ergueram, colidindo com os dele. Ele não teve problemas em encontrar meu contato visual. Ele não era um psicopata.

Não. Ele era algo completamente diferente.

O único monstro de sua espécie.

— Um acordo com o diabo?

Ele olhou para mim, cada centímetro dele era uma tundra congelada. — A única coisa que você perde ao fechar tal acordo é sua alma, e isso não vale muito.

Um caroço inexpugnável impediu que qualquer palavra escapasse da minha garganta.

Eu o limpei, enrolando as unhas na palma da mão. — Como você sabe?

Ele encolheu os ombros, sua faca ainda cravando em meu núcleo, no espaço onde o calor girava. — A maioria das pessoas não as possui em primeiro lugar.

— Talvez eu também não tenha alma.

*Você está realmente conversando com Zachary Sun sobre almas*



*agora?*

*O que há de errado com você?*

A resposta, claro, era muito.

Um monte, na verdade.

Mas cada minuto que falámos era um minuto em que ele não me esfaqueava.

*Sim. É por isso, Fae.*

*Continue dizendo isso a si mesma.*

Ele desenhcou pequenos círculos com a ponta plana da faca, enviando fogos de artifício do meu núcleo até os dedos dos pés. — Você tem.

— Como você sabe?

— Você cheira a isso. — Sua mandíbula se apertou sob a pele lisa e dourada. — E eu sou um colecionador de almas.

*Você está bêbado?*

Ele não parecia, mas com certeza parecia.

Eu queria perguntar, mas tudo que consegui foi: — Você coleciona almas?

— A moeda mais subestimada do mundo. Todo mundo quer uma e é difícil encontrá-la. É por isso que as pessoas compram arte. A arte faz você se sentir vivo.

— Só se você já estiver vivo.

— Mesmo que você esteja a um passo da morte — ele respondeu, desenhando um padrão indecifrável contra mim. Justamente quando pensei que nada o afetava, ele lançou um único olhar para baixo. A lâmina roçou a pequena fatia de pele nua acima da minha cintura. — Uma vez que tenho a alma de alguém, essa pessoa se torna um peão em minhas mãos.

O tipo de merda desse homem fazia Michael Myers parecer um

Teletubby. Uma tese de psicologia poderia ser escrita sobre como ele conseguiu esconder isso com aparência etérea e maneiras impecáveis.

Fiquei me perguntando se Vera e as meninas estavam nos espionando da sala.

Desse ângulo, não conseguíamos ver além do batente vazio da porta, mas eu não diria que não. Elas adoravam boa fofoca quase tanto quanto gostavam de me punir.

Toquei meus lábios. — Sabe o que eu penso?

— Não. Você pode ficar com seus dois centavos. Você parece falida.

Ignorei sua piada. — Você está escondendo alguma coisa. Você não parece ser do tipo que carrega armas por aí.

Percebi, depois de dizer isso, que não estava realmente com medo.

Encantada, irritada e pronta para a batalha? Claro.

Mas com medo? Por mais louco que parecesse, mesmo com a faca apontada diretamente para mim, eu não me sentia realmente insegura.

Ele balançou sua cabeça. — Você não tem ideia de que tipo de homem eu sou.

Seus olhos escuros e brilhantes percorreram meu corpo. Aproveitei a oportunidade para agarrar a faca. Apontei para o cabo, mas meus dedos acidentalmente roçaram os dele.

Zach sibilou, afastando-se como se meu toque o tivesse marcado.

Sua expressão ficou selvagem. Ele tropeçou para trás, os olhos vidrados com algo que eu nunca tinha visto antes.

Não nele.

Não em *ninguém*.

Suas costas bateram na pia com um baque alto. Fiquei tão surpresa com sua reação visceral que cambaleei na direção oposta também.

— *Não me toque.*

As palavras saíram mais duras do que ele jamais havia falado comigo. Pela primeira vez, ele não sussurrou, assobiou ou gritou.

Essa simples declaração carecia de qualquer controle.

Contra toda a lógica, endireitei-me, forçando os ombros para trás. A ideia de que de alguma forma eu tinha virado o jogo me emocionou.

*Seja qual for o seu ponto fraco, vou encontrá-lo. E então vou pressioná-lo até você sangrar.*

Eu bati com força na borda do balcão atrás de mim, forçando minha sede de sangue a recuar. Meu coração batia tão forte que temi que quebrasse minhas costelas e me arrancasse a carne.

Eu não tinha condições de pagar *essa* conta de hospital.

Zach apertou a faca com dedos trêmulos. Repassei os últimos segundos. Ele me ordenou que não tocasse *nele*, e não em sua faca.

Poderia não ser nada, mas meu instinto dizia o contrário.

Eu conjurei toda a confiança que pude reunir, certa de que estava no caminho correto. — E daí? Você vai me matar agora?

Os músculos do meu estômago queimaram.

Eu me senti cobrada. Um fio energizado. Zumbindo de raiva, ira e *vida*.

Eu queria atacar esse homem e estrangulá-lo. Para terminar aquele jogo Go. Para mostrar a ele do que eu era capaz.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que alguém me fez sentir algo além do papai.

Amigos, homens, conhecidos – todos iam e vinham.

Zach segurou a mandíbula, movendo-a para frente e para trás. Sua faca ainda apontava para mim, só para garantir. Ele pareceu pensativo de repente.

Eu precisava afastá-lo de seus próprios pensamentos.

— Você tinha um acordo a me oferecer — lembrei a ele. — Estou ouvindo. — *Relutantemente.*

Seus lábios se curvaram em um grunhido. — Você acha que merece um acordo? — *Menino bonito, alma feia.*

— Acho que você ainda está aqui e pensou um pouco na minha identidade, então, obviamente, você encontrou algo que estava procurando em mim. Não deixe seu orgulho atrapalhar seu objetivo. Tenho certeza de que há pessoas suficientes por aí para acariciar esse seu ego gigante. Eu não preciso ser uma delas.

Eu poderia dizer pela sua expressão que ele achava que eu falava demais, lutava demais e estava com uma dor de cabeça generalizada.

Ele nunca vacilou em sua postura. — Você é a ajudante contratada.

Resumindo toda a minha existência através da descrição do meu trabalho.

Legal.

— Sou governanta — corriji, endireitando a coluna, sem nem um pouco de vergonha. — Bem, se você quiser chegar ao verdadeiro âmago das coisas, eu sou dona da Maid in Maryland com minha fa- — Comecei a dizer família, mas elas não mereciam o título. Não por um tiro longo. — Com minha madrastra, principalmente.

Zach se aproximou, recompondo-se depois daquele momento estranho entre nós. — Sua madrastra é inútil.

Eu podia sentir o cheiro dele novamente.

Seu perfume inconfundível de ar livre que me fez pensar nas florestas escandinavas e nos invernos impiedosos.

Eu podia ser inteligente, mas meu corpo era obviamente um idiota. Mesmo que Zach Sun fosse o diabo, eu deixaria que ele me arrastasse para a escuridão de boa vontade.

Eu era Perséfone, seguindo-o ansiosamente para o submundo.

— Isso não é verdade. Ela tem muitos usos. Se você tiver

dificuldade para adormecer, peça a ela para falar com você sobre seus problemas com o guarda-roupa.

— O que eu não entendo é... — Ele apertou ainda mais a faca, colocando a ponta cega da lâmina na minha clavícula e deslizando-a pela minha garganta, muito lentamente. Minha respiração engatou... — por que a única pessoa nesta família com um cérebro funcionando de verdade se tornou a vadia designada por todos, *Octi*.

Ah.

Uma pergunta para sempre.

Pensei em mentir para ele por um momento. A verdade era, de longe, a coisa mais vulnerável que alguém poderia compartilhar sobre si mesmo.

Mas decidi não fazer isso.

Zachary Sun iria me criticar pelas minhas besteiras antes mesmo de eu terminar minha frase. Não adiantava esconder coisas dele, mesmo sabendo que *ele* estava cheio de segredos.

Claramente ciente de que elas poderiam muito bem estar escutando, abaixei a voz, afastando a faca do meu queixo.

— Tenho alguns problemas para resolver antes de poder me separar delas. Coisas legais. — Eu fiz uma careta. — De qualquer forma, você não veio aqui para gritar comigo pelo pingente?

Sim. Eu estava tão desesperada para mudar de assunto que não me importei que gritassem comigo.

— Gritar é histérico e inútil. Você merece punição, não um tapa no pulso. — Com a ponta da faca, Zach ergueu meu queixo para encontrar seus olhos. — O que me traz de volta ao nosso acordo.

Engoli em seco, algo entre chateada e intrigada. Eu realmente deveria ter medo desse homem.

Eu não sabia por que não conseguia evocar essa emoção específica. Talvez porque ele parecesse controlado demais para matar alguém sem querer.

Ou talvez fosse outra coisa.

A maneira como ele segurava a faca quase me lembrou de como meu vizinho idoso segurava sua bengala. Ou como a criança do outro lado da rua segurava o cobertorzinho.

Como se ele usasse isso com frequência. Casualmente. Como um acessório para ajudá-lo nas tarefas diárias.

Apertei meus lábios. — Ah, o que você vai fazer? Forçar-me a casar como aquele seu amigo psicopata?

Todo mundo sabia que Romeo Costa havia arrastado sua bela esposa sulista pela orelha pelo corredor, chutando e gritando.

O fato de eles serem agora o casal mais elogiado e admirado daquele CEP não importava nem um pouco.

A história de origem deles ficou gravada para sempre em meu cérebro.

Como ele a trancou naquela jaula dourada dele.

Como ela sacudiu as barras, dobrou-as no formato do coração dele e o desgastou, lascando seu exterior pouco a pouco até que ele fosse completa e inegavelmente dela.

*Uma lenda de um Romeo sombrio e uma Julieta teimosa, sussurrava o boato. Um clássico reescrito onde todos tiveram seu final feliz.*

Eu não era Dallas Costa, no entanto.

Se, por algum acidente violento, Zach Sun me obrigasse a casar, eu não jogaria o jogo longo.

Eu provavelmente o esfaquearia durante o sono com minha espada.

Zach inclinou a cabeça para trás, olhando para mim como se eu tivesse alucinado com ele. — Sem ofensa, Srta. Ballantine, mas eu preferiria me casar com um coioote selvagem do que com você. Pelo menos seria excepcionalmente mais agradável passar o tempo com o coioote. Além disso, se eu alimentá-lo, talvez tenha uma chance de domesticá-lo.

Eu sorri, certificando-me de mostrar meus caninos. — Cuidado. Também posso acabar com você no Go.

— Calma aí, pequena Octi. Eu me lembro que você fugiu do jogo porque caiu em uma armadilha.

Eu poderia terminar aquele jogo bem.

Eu tinha repassado isso na minha cabeça antes de dormir todas as noites desde a festa. O efeito colateral de uma memória estelar e uma obsessão doentia pela vitória.

Eu sabia onde cada pedra estava. Antecipei cada movimento que ele poderia fazer. E o mais importante, como eu os usaria contra ele.

Estreitei os olhos, olhando para o relógio na parede atrás dele. — O que você quer então?

Eu tinha muito trabalho para fazer.

Os restos de lasanha no chão não iriam se limpar sozinhos e, nesse ritmo, a família Ahmadi tinha todo o direito de descontar meu pagamento por chegar atrasada.

Zach demorou a responder, ficando diante de mim em toda a sua glória sem remorso e excessivamente atraente.

Duro, frio e implacável.

Uma escultura impecável abandonada antes do verniz.

— Você.

## CAPÍTULO DEZ

### *Farrow*

Minha coluna bateu contra a parede. Um mau momento para perceber que ele me acompanhou de volta, passo a passo. Encurralou-me. Invadiu meu espaço sem realmente me tocar. Essa era a questão. Zach nunca realmente perfurou minha bolha pessoal. Não com seu corpo, de qualquer maneira.

Usando a ponta plana de sua faca, ele inclinou minha cabeça para o lado, em direção à sala de estar. Eu tinha uma linha de visão clara para meus monstros. O nível de precisão com que Zachary Sun operou me surpreendeu. Ele começou a me guiar até aqui há dez minutos, ciente de seu objetivo enquanto eu divagava sobre almas.

Vera, Reggie e Tabby formavam um círculo fechado, brigando entre si como três galinhas frenéticas. Então, elas não tinham escutado. Muito ocupadas jogando a culpa pelo que aconteceu entre elas.

— ... olhou para mim como se fosse me convidar para sair. — Tabby jogou as mãos para o alto. Sua saia Dior subiu, revelando um trecho generoso de suas coxas. — O que eu deveria fazer?

— ... poderia jurar que ele sorriu para mim quando eu disse que o sapato era meu. — Reggie cheirou um lenço, assoando o nariz em decibéis mais adequados para um elefante angustiado. — Além disso, essa é minha saia? *O que* fez você pensar que conseguiria, Tabs?

— Olhe para elas — Zach instruiu, cada grama dele frio como uma pedra. — Estas são as palhaças que mantêm você como refém. Você vive em um mundo de cabeça para baixo, onde o cachorro mantém o humano na coleira.

— Seu castigo é me fazer sentir uma merda? — Eu bati a faca longe do meu rosto. — Porque missão cumprida. Agora, você pode



sair?

— Não antes de eu contratar você para ser minha funcionária, *Governanta*.

O choque durou apenas um segundo. Seguido por uma vontade de estrangulá-lo com minhas próprias mãos. Mas ele não merecia minhas emoções. Então, em vez disso, ofereci-lhe o meu desafio. Inclinei minha cabeça contra a parede e puxei meus lábios em um sorriso vazio. — Saia. Antes que eu mate você. Nem vou precisar de uma arma para isso. Confie em mim.

— Você trabalhará para mim, *sob* meu comando, conforme meu capricho — ele continuou, implacável e impressionado com minha rejeição. — Você servirá, obedecerá e cuidará de mim. Pagando sua dívida por tentar e não conseguir roubar de mim...

— Ouça aqui, Sr. Idiota-ao-Extremo. *Na verdade*, eu não roubei de você. Sem provas, sem crime. Tudo o que você tem para mostrar em sua acusação é um pequeno amassado em uma caixa de vidro. Eu não sou minhas meio-irmãs. Você não pode me forçar a ser sua vadia.

— Eu nunca mencionei um amassado em uma caixa de vidro.

*Ops*. Nunca cometi erros estúpidos como esse. Nunca fiquei tão exaltada que abandonei minha inteligência. Zachary Sun conseguiu derrubar anos de autocontrole estrito. Da calma praticada que se espera de um esgrimista de classe mundial. Bem, *ex-esgrimista* de classe mundial.

O pulso revelador de arrependimento subiu pelo meu pescoço. — Você fez cinco segundos atrás. — Eu me dobrei na minha mentira e levantei a mão para parar sua réplica, recusando-me a cair no buraco que cavei para mim mesmo. — Antes de dizer qualquer coisa, lembre-se: sem provas, sem crime. Simplesmente me perdi na sua biblioteca. Aquele amassado no vidro já estava lá.

— As câmeras de vigilância contam uma história diferente. — Ele ergueu o telefone com a mão livre, balançando-o. Uma imagem clara do meu rosto brilhou para mim.

Merda.

*Merda, merda, merda.*

Eu verifiquei se havia câmeras no teto, mas não me ocorreu verificar se havia câmeras escondidas. *Tudo bem.* Tinha. Mas meu desespero tomou conta de mim.

Puxei meus ombros para trás, fingindo confiança. — As câmeras de vigilância não falam. Minha advogada, entretanto, o fará, e aposto que ela pode ser bastante criativa sobre o que aconteceu lá. Um homem poderoso. Uma mulher encurralada de camisola. — Inclinei minha cabeça para o lado. — Você faz as contas.

Na verdade, o referido advogado não teria que inventar nada. Zachary Sun prendeu-me no seu escritório e obrigou-me a ficar, vestida apenas de lingerie. Uma coisinha chata chamada cárcere privado. Um crime punível com até trinta anos de prisão. Eu pesquisei logo pela manhã.

Zach arqueou uma única sobrancelha. — Você não pode comprar um par de sapatos que fique em pé e espera que eu me preocupe com sua representação legal? Da última vez que verifiquei, o Google não pode representar você em um tribunal. — Ele me olhou fixamente. — Quem está deixando seu orgulho atrapalhar agora, pequena Octi?

E ainda assim, eu me recusei a recuar. Abri a boca, uma resposta atrevida pronta para ser lançada contra ele. Ele me parou com a faca na boca. Ele usou pressão suficiente para separar meus lábios. O que quer que ele tenha visto, suas pupilas dilataram. Durou meio segundo antes que seus olhos se estreitassem.

Ele balançou a cabeça, lavando o que quer que fosse. — O acordo não é uma oferta. É sua única escolha para sobreviver.

— Você quer que eu espante suas prateleiras e chupe seus dedos dos pés para lembrá-lo de que você é melhor do que eu? Passo. Não estou realizando quaisquer fantasias doentias que vivem nessa sua cabeça distorcida.

— Posso garantir que a última coisa com que fantasio é o seu

toque.

— Tudo bem. — Afastei-me de sua faca e arregacei as mangas, sentindo um calor incomum de repente. — Vou confessar.

— Duvido que você reconheça a honestidade se ela bater na sua cabeça com um crachá.

Sua escavação ricocheteou no meu ombro.

— Diga, hipoteticamente, que eu queria roubar de você. E daí? — Dei de ombros. — Não é como se eu tivesse conseguido. Nem há provas amplas. A sala permanece perfeitamente intacta. Na pior das hipóteses, conseguirei algum tempo de liberdade condicional e serviço comunitário por invasão de propriedade. Pode vir.

Com isso, eu me virei, pronta para fugir, mas ele agarrou meu pulso. *Chega de não fantasiar em me tocar, idiota.* Um sorriso de escárnio percorreu meus lábios. Eu girei, ansiosa para apontar isso. Mas quando me virei, Zach já havia soltado minha mão e tropeçado para trás. Pura confusão misturada com repulsa estragou suas feições impecáveis. Ele olhou para a mão que me tocou, depois para meu rosto e depois para a palma aberta novamente. Ele parecia estar esperando para ver se iria explodir em chamas.

Ai. Quão horrível eu fui com ele por ele quase ter gritado? Outra emoção estranha penetrou em minhas entranhas. *Ferida.*

Cruzei os braços, cravando as unhas curtas nos cotovelos o máximo que pude devido ao seu comprimento abismal. — Se você me acha tão enjoenta, não me toque.

Ele endireitou as costas, afrouxando a mandíbula na mesma expressão terrivelmente neutra. — Você trabalhará para mim. — As palavras saíram lentamente enquanto ele costurava sua compostura, fio por fio.

— Eu *não vou*. — Balancei a cabeça, olhando ao nosso redor. — Por que diabos você quer que eu faça isso, afinal? Você acha que tentei roubar de você. Você está implorando para repetir ou algo assim?

— Você precisa ser colocada em seu lugar.

— Minha casa não fica perto de você.

— Seu papel é servir em qualquer lugar e qualquer pessoa que possa pagar por você. Eu posso.

— Eu não sou um objeto para que você possa possuir.

— Você é um objeto que possuirei — ele rebateu, com os olhos mortos. — Até eu sentir que estou farto de você. O que, não se preocupe, deve acontecer muito em breve. Estou lhe oferecendo um acordo extremamente curto e econômico. Você seria uma tola se não tirasse vantagem disso.

Finalmente – *finalmente* – *finalmente* – os milhares de alarmes que deveriam ter disparado há uma hora soaram na minha cabeça. Por que, entre todas as pessoas, ele quis *me contratar*? Claro, eu o desafiei no Go. Mas o mesmo poderia acontecer com algum prodígio de 9 dan na Ing Cup. Por que eu?

*Por que isso importa? Você prometeu ao papai que recuperaria o pingente dele. Você pode mentir para todos, menos para ele.*

— Ok. — Tirei um pedaço de tomate da minha camisa, mirando no sapato dele. Apenas justo. — Se você me devolver o pingente, eu lhe darei um contrato de três meses.

— O pingente está fora da mesa. Você nunca terá isso. — Ele checou o relógio, balançando a cabeça na hora. — Contrato de seis meses e sou seu único cliente. O horário é das oito e meia às seis e meia. Cinco vezes por semana. As taxas de fim de semana são o triplo do salário.

Ele queria uma empregada ou uma colega de quarto? Em que universo eu concordaria com horas tão ultrajantes?

Eu lutei para revirar os olhos. — Tenho uma empresa para administrar. Faço de três a quatro mansões por dia.

— Você fará uma e será a minha.

— Perderemos clientela. Não, obrigada.

— Por que você perderia clientela? Você não é a única faxineira da empresa.

Meu olhar vazio disse tudo.

Seu rosto se transformou de tédio em repulsa. — Você é uma operação de uma mulher só e divide o lucro com sua madrasta? Você é uma faixa de pedestres? O seu propósito na vida é ser pisada?

Na verdade, ela conseguiu uma divisão de sessenta por cento no acordo. Mas eu estava com vergonha de contar a ele.

Inclinei meu queixo para cima. — Isso é rico vindo de você.

— Estou oferecendo uma troca razoável. Ela está lhe oferecendo trabalho forçado.

— O fato é que não posso trabalhar exclusivamente para você.

— Você pode, e irá, assim que sua madrasta contratar mais ajudantes, que é o que ela fará quando eu terminar com ela.

*Por que você está fazendo isso? Por que você está me ajudando?*

Obviamente, ele tinha um motivo oculto, mas eu não sabia o que poderia oferecer que ninguém mais poderia. Além de Go, não tínhamos nada em comum.

— Não estou fazendo isso pela bondade do meu coração. — Zach leu minha mente, tirando o telefone do bolso e verificando seus e-mails.

— Então, por que você está fazendo isso?

— Porque você merece aprender uma lição.

— E isso é? — Arrependi-me da pergunta assim que ela saiu dos meus lábios.

— Neste mundo, existem mestres e existem servos. Eu sou um mestre. Você é uma serva. Aja de acordo e deixarei você ir.

Eu não comprava o que ele estava vendendo. Ninguém se esforçaria tanto para provar algo a alguém com quem não se importasse. Ao mesmo tempo, eu sabia que não deveria pensar que ele

queria me cortejar. Zachary Sun emitia fortes vibrações assexuadas. Eu o vi várias vezes, com os olhos fixos em cada movimento seu, tanto de perto quanto de longe. Ele nunca olhou para outro humano com apreciação. Seus olhos nunca paravam nas bochechas coradas ou nos seios generosos. Os homens também não o interessavam. Ele tratava os humanos como pedras em seu jogo Go. *Falando de...*

— Você quer terminar o jogo. — Um pequeno sorriso interrompeu minha carranca. — É por isso que você me quer por perto.

— Você me pegou. — Sarcasmo escorria de seus lábios. — Sua inteligência não tem limites.

Passei por ele, fui até o balcão e abri um armário superior. — Você acha que vai vencer.

Ele observou enquanto eu pegava um copo, enchia-o até a borda com água da torneira e bebia tudo. — Acho que a palavra que você está procurando é *obrigada*.

— Eu ainda não disse sim ao acordo.

Sua sobrançelha grossa se ergueu. — Você não vai me oferecer água?

Dei-lhe uma lenta olhada, permitindo-me a liberdade de apreciar todas as partes boas. — Suas pernas e mãos parecem estar em perfeita saúde. Eu confio que você pode lidar com a tarefa.

— Eu não pego minha própria água... — Ele fez uma careta, tentando se lembrar. — *Nunca*, eu acho.

Coloquei o copo na pia, limpei a boca com as costas da mão e estalei a língua. — Não há nada tão desperdiçador quanto mãos adoráveis e inúteis.

Sua mandíbula travou, e eu sabia que tinha atingido um ponto nevrálgico. Foi uma ocasião rara, então considerei isso uma vitória.

— Então — ele pronunciou a palavra, flexionando a mão livre, talvez com o esforço de não me estrangular. *Os próximos seis meses*

*serão um inferno para você, amigo.* — Nós temos um acordo?

Demorei um pouco para enxaguar o copo. A casa dos Ahmadi precisava ser limpa, mas de alguma forma, eu confiava que Zach cumpriria sua promessa e eliminaria minhas responsabilidades externas. A pele rosada de minhas mãos marcadas pelo trabalho piscava para mim sob um fluxo constante de água. Água para a qual eu não tinha dinheiro. Sob luzes que ainda precisavam ser pagas. Apenas seis meses e meus problemas podiam desaparecer. Eu poderia fazer isso? Eu poderia entregar minha alma a um monstro em Armani?

A trinta centímetros de distância, as mãos imaculadas de Zach me provocaram. Dedos lisos e longos. Ausente de calosidades, exceto por uma abaixo do dedo médio direito. *De Go*, deduzi. Éramos noites sem lua e dias de periélio. Frio ártico e calor equatorial. Dinheiro velho e sem dinheiro.

Rasguei um quarto de uma única folha de papel toalha de um suporte, enxuguei as mãos o máximo que pude com o pequeno pedaço e coloquei-o ao meio sobre a borda da torneira para secar. A única razão pela qual não mudávamos para um rolo de toalha lavável estava na sala de estar, discutindo com sua irmã sobre quem seria uma noiva mais adequada para o diabo antes de mim. Não podíamos pagar outra pia entupida por Tabby.

Uma rápida olhada em Zach me disse que ele nunca foi pobre o suficiente para reutilizar toalhas de papel.

*Bem, se você me quer em sua vida, é melhor se acostumar com meus hábitos mesquinhos.*

Marchei até ele, com determinação fortalecendo cada passo. Mas no minuto em que cheguei à sua bolha pessoal de um metro e oitenta, ele saiu do meu caminho. *Por instinto*, ao que parecia. Como se a mera ideia da minha sujeira esfregando sua douradura o fizesse querer vomitar. Ele realmente não gostou da ideia de nos tocarmos. Eu estava começando a me ofender.

— Você está pedindo horas extras sérias e concessões não convencionais. — Cruzei os braços sobre o peito. — Volte para a mesa

de negociações e talvez cheguemos a um acordo.

— Você não está em posição de negociar.

Balancei a cabeça, suspirando. — Você pensa muito logicamente. Há uma coisa que você não está considerando.

— O que é?

— *Emoções*. Eu as tenho. E agora, a maioria delas se dedica a odiar você. Então, você terá que me encontrar no meio do caminho.

Ele enfiou o telefone de volta no bolso, deslizando a faca no coldre escondido. — O que é que você quer?

Eu me perguntei se ele percebeu que o verniz perfeito que ele trabalhou tanto para erguer começou a desmoronar diante de mim. Claro, muitas partes móveis constituíam Zachary Sun, e eu não entendia 99,99% delas. Mas eu descobri uma coisa importante. Algo sombrio e incomum escondia-se sob o solteirão mais cobiçado do Hemisfério Norte. Algo aterrorizante que ele não queria que o mundo exterior visse.

— Você pode manter sua péssima estrutura salarial tradicional. Eu não quero parte disso. — Aproximei-me mais, apenas para ultrapassar seus limites, deleitando-me com a maneira como sua mandíbula se firmou com a minha proximidade. — Você me pagará na forma de honorários advocatícios. Cubra o adiantamento de seis dígitos e a taxa horária, depois pague-me o salário-mínimo acima da mesa e cinquenta dólares por hora abaixo dela. — A última coisa que eu queria era encher os bolsos de Vera e enriquecer os meus.

Zach nem sequer estremeceu com o número. — Você não quer que o dinheiro chegue à sua madrastra.

— Correto. E dinheiro não é problema para você.

— Vou fazer melhor para você. Vou contratar para você os melhores advogados e DMV.

Engoli em seco, tentando ao máximo manter as emoções sob controle. Eu sabia que parecia bom demais para ser verdade e, ainda



assim, não conseguia deixar de ter esperança. A esperança era a forma mais cruel de punição. Normalmente, eu sabia que não deveria deixar isso entrar no meu sistema. Mas estava cansada e tola e, pela primeira vez na vida, com um pouco de pena de mim mesma.

Eu segurei seu olhar. — Você entende que, seja o que for que aconteça com aquele advogado, eu nunca poderei pagar, certo?

— Posso pagar um continente inteiro seu, Farrow. — *De* você, não *para* você. Apenas uma carta tímida romântica. — E você terá uma representação tão implacável que a Sra. Ballantine correrá para a mesa de acordo antes mesmo de você apresentar a primeira moção.

Balancei a cabeça, olhos frenéticos correndo em sua direção, amaldiçoando-me por esquecer nossa proximidade. — Ela não pode saber que eu procurei um advogado.

Ele franziu a testa. — Por que não?

Apertei meus lábios, olhando fixamente para sua garganta. Na coluna longa e elegante. Masculino e grosso. Eu nunca tinha pronunciado essas próximas palavras para ninguém antes. Mas eu precisava. Ele era minha única chance nisso. Que reviravolta cruel do destino. Minha salvação veio do diabo.

— Há uma segunda cláusula em nosso acordo. — Enfiei o lábio superior na boca, mordendo, brincando com as palavras que temia que parecessem loucura. — Preciso que você contrate um investigador particular para investigar o testamento. Papai nunca me manteria fora disso. Ele simplesmente não faria.

— Considere isso feito.

Ele não questionou por que eu lutaria por uma empresa de limpeza, como fizeram os advogados durante as consultas gratuitas. Não me aconselhou a abandonar o legado do meu pai. Não me julgou por lamentar o futuro que perdi. Aquele em que me aposentava da esgrima com um ouro olímpico, e papai e eu seguíamos juntos na Maid in Maryland. Apenas nós dois.

Na verdade, seu rosto nunca saiu da tela em branco padrão. Sem

julgamento, sem descrença, sem condescendência. Apenas o tédio e uma pitada de impaciência por qualquer reunião que o fizesse olhar para o relógio de vez em quando. Apreciei a simplicidade de seu egoísmo. Zachary Sun se preocupava consigo mesmo e somente com ele mesmo. Qualquer coisa fora desse âmbito não merecia sua preocupação.

Zach lançou um olhar de advertência. — Não há mais pedidos. — Ele pegou seu telefone, deslizou alguns dedos e me entregou. — Você não deveria ser recompensada por seu comportamento terrível.

Olhei para a tela e notei o nome de um aplicativo de IA que ele acabara de adquirir à força. Ele transcrevia conversas e as convertia em contratos em tempo real, descartando todas as idas e vindas inúteis entre elas. Operávamos em níveis diferentes, ele e eu. Quanto mais cedo eu aceitasse isso, menos miseráveis seriam os próximos seis meses.

Rabisquei minha assinatura na tela e lambi os lábios, meio feliz, meio chocada com o que acabou de acontecer. Eu pensei que ele pretendia me puxar para seu colo e me dar uma boa surra. Em vez disso, escapei com um novo emprego muito mais confortável do que o atual e a oportunidade de finalmente fugir de um destino horrível.

Ele pegou o telefone de mim, tomando cuidado para não fazer contato físico.

Eu semicerrei os olhos. — Você não pode estar fazendo isso como um tapa na cara ou para me vencer no Go. — Mas não tinha tanta certeza. Pessoas ricas gastavam seu dinheiro de maneiras malucas. É por isso que o resto de nós queria comê-los. — O que mais você tem a ganhar com isso?

— Eu não gostaria de estragar a surpresa. — Seu tom gelado me avisou para jogar seu telefone no lixo e fugir enquanto podia. — Agora, se você me der licença, tenho algumas palavras para trocar com sua... *mãe*.

Ele caminhou em direção à sala de estar, sem me olhar ao sair da cozinha.

— Ei, Zach?

Ele parou, mas não se virou. — Sim, pequena Octi?

O apelido estúpido e absurdo estava realmente crescendo em mim? Não era nada sexy, mas gostei do significado.

Eu sorri. — Descobri.

— Descobriu o quê?

— Como sair da situação em que me meti durante o nosso jogo.

Minhas palavras foram recebidas com silêncio. Pensei ter visto seus ombros largos tremendo, só um pouquinho, com... ousou dizer... *risada*.

— Segunda-feira. Oito e meia. — Ele bateu os nós dos dedos no batente da porta. — Não se atrase.

— Claro. Tente não esfaquear ninguém quando perder a calça dessa vez.

# CAPÍTULO ONZE

*Zach*

**Zach Sun:**

@OllievB, chame seu cão de caça, meu pequeno intruso.

**Ollie vB:**

Meu investigador?

**Ollie vB:**

Como você descobriu?

**Ollie vB:**

O que quer que ele tenha descoberto deveria ser meu presente surpresa para você, do tipo desculpe-por-enfiar-meu-pau-na-sua-lista-de-noiva em potencial.

**Ollie vB:**

[GIF Bob Esponja Uma Eternidade Depois]

**Ollie vB:**

É isso?

**Ollie vB:**

Sem detalhes?

**Ollie vB:**

Talvez eles estejam fodendo enquanto conversamos.

**Romeo Costa:**

...

**Ollie vB:**

Certo. É Zach. Ele é alérgico a piolhos.

**Ollie vB:**

Nunca se sabe...

Essa garota pode ser quem o curará.

**Ollie vB:**

Eles poderiam estar fadados.

Como eu e Frankie.

**Romeo Costa:**

Pela milionésima vez, minha cunhada é praticamente uma criança. Mantenha-se a um metro e meio de distância dela por lei.

**Zach Sun:**

E mais três metros por Jesus.

**Ollie vB:**

Ainda bem que meu pau se expande.

*Romeo Costa saiu do chat.*

**Ollie vB:**

Foi algo que eu disse?

**Ollie vB:**

Espere... @ZachSun, você voltou?

**Ollie vB:**

Olá?

## CAPÍTULO DOZE

### *Farrow*

— Lazits, Fae. A precisão requer uma mente clara e uma alma purificada. — Uma máscara de esgrima cobria o rosto de Andras. — Você está dentro da sua própria cabeça e esse não é um bom lugar para se estar. Foco. *Mérd fel a távolságot.*

*Verifique sua distância.*

Minhas habilidades em húngaro pairavam em algum lugar acima do feto e abaixo da criança, mas Andras repetia os mesmos comandos com frequência suficiente para que eu os memorizasse todos.

Ele golpeou minha panturrilha com seu sabre. — Você está muito longe. Você está me mostrando sua fraqueza. Posso sentir o cheiro daqui.

Cada advertência soava mais dura em seu modo formal e sem contrações de falar.

Eu apenas acompanhava parcialmente seu rápido trabalho de perna enquanto ele completava uma balestra, repassando na minha cabeça o confronto de ontem com Zach.

Sua provocação saltou entre minhas têmporas.

*Eu não gostaria de estragar a surpresa.*

Com a minha sorte, a surpresa seria pior do que o castigo do qual escapei por pouco.

Afastei-me de Andras, quase tropeçando na pista quando ele se lançou sobre mim.

— Retiro. — Ele apontou a ponta do sabre para meu rosto mascarado. — Como espera que eu prepare você para as Olimpíadas se perder o foco em um treinamento tão simples?

Eu não esperava que ele me levasse às Olimpíadas.

Não depois de já ter tentado uma vez e estragado tudo da maneira mais espetacular.

Doeria menos se eu tivesse perdido uma vaga no plantel devido às minhas deficiências como esgrimista.

Não. Minha morte era obra minha.

Uma parte de mim – uma grande parte de mim – sabia que não merecia uma segunda chance depois do que fiz.

Cedi meu sabre, voltando minha atenção para meu treinador de cinquenta e quatro anos. — Merda, foi mal.

— *Besteira.* — Ele pontuou sua maldição com um grunhido de desgosto. — Da próxima vez que seus olhos desviarem do meu sabre, vou apunhalar você com ele.

*Concentre-se, Farrow.*

*Antes que ele faça de você uma peneira.*

Nós trocamos hoje, usando sabres para melhorar a velocidade das minhas pernas. Passei um longo período sem nenhum treinamento, graças às minhas novas semanas de trabalho de sessenta horas.

Mas graças ao meu demônio de armadura brilhante, isso mudaria em breve. Trabalhar para Zach liberaria mais tempo para a esgrima.

Eu sorri por trás da minha máscara. — Não pisque.

Sem piedade, avancei, aproveitando a nossa diferença de tamanho.

*Minha vez.*

Mirei na cabeça de Andras quando ele defendeu, direcionando um golpe em meu ombro. Mas fui mais rápida que uma bala.

Eu me mexi, pegando seu rosto mascarado com a ponta da minha espada. A campainha tocou do outro lado da sala, acrescentando um ponto à minha metade do placar.

Eu não precisava dos fios elétricos para me dizer que merecia.

Atrás da espada, você simplesmente *sabia*.

Andras arrancou a máscara do rosto e jogou-a aos pés, balançando o punho enluvado para mim. — Onde você estava durante toda a partida? Você ganhou vida vinte segundos antes de terminarmos.

Tirei minha máscara e dei de ombros. — Vinte segundos é tudo que preciso para vencer.

Perdi qualquer direito de ser arrogante depois do *incidente*, mas com Andras eu poderia.

Ele nunca julgou nada fora da técnica e do esforço. Nunca me fez sentir uma pessoa inferior por cometer *aquele* erro.

Coloquei minha máscara em um banco fora das linhas da pista, ouvindo suas reclamações. Eu merecia cada insulto lançado em minha direção.

Felizmente, a maioria deles estava em húngaro, então não conseguia entender.

Andras gentilmente concordou em reformular sua agenda para se adequar à minha. Ele me treinava às seis da manhã, três vezes por semana.

Ele merecia cem por cento de mim.

Andras me seguiu quando caminhei até o refrigerador laranja. — Você parece um novato que assistiu *The Parent Trap* e decidiu praticar esgrima. Um amador embaraçoso.

Eu parei meus lábios a poucos centímetros da torneira, engolindo água gelada. — Não vai acontecer de novo.

Ele me seguiu quando me dirigi para o vestiário. — Claro que não. Se você aparecer nesta condição na quinta-feira, vou suspendê-la como instrutora.

Isso me parou no meio do caminho.

Eu me virei no meio do corredor. Dois esgrimistas amadores esbarraram em mim, mas pediram desculpas rapidamente, embora a



culpa fosse minha.

Eu balancei minha cabeça. — Você não pode fazer isso.

Andras plantou os punhos na cintura.

Eu costumava me assustar quando seus olhos azul-claros, quase translúcidos, fixavam os meus. Agora, encontrava conforto neles.

Com a morte do meu pai, ninguém mais se importou o suficiente para me olhar assim.

Rugas acumuladas na testa larga de Andras pareciam blocos de Jenga. Baixo e largo, ele não tinha as estatísticas perfeitas para um esgrimista.

E ainda assim, o mundo o considerava o melhor instrutor que já agraciou o esporte.

*O Quarto Mouseketeer.*

Uma lenda viva.

As pessoas passaram por nós, correndo para as sessões com seus instrutores. O Potomac Hills Country Club oferecia instalações de esgrima profissional de nível olímpico.

Se você pudesse pagar por elas.

*Ou se o seu treinador fosse o Andras Horvath.*

O enorme relógio digital fixado na parede oposta me lembrou que meu aluno chegaria em breve. Eu precisava me preparar.

Ele não gostava de atrasos.

Abaixei minha voz para um sussurro, varrendo meus olhos pelo clube. — Eu preciso do dinheiro.

*De fato.*

Eu precisava do cliente.

Mas Deus não permitisse que algum idiota ouvisse nossa conversa e passasse para Vera. Para alguém tão preguiçosa e alérgica a matemática como minha madrastra, ela certamente mantinha um olhar

militante sobre minhas finanças.

— Minha academia, minhas regras. — Andras avançou até que nossos narizes quase se tocaram. Uma onda de apreensão deu um salto mortal em minha barriga. — Não estou aqui para ajudá-la a manter seu hobby. Estou aqui pela medalha de ouro e você é minha melhor chance. Você é a aluna mais talentosa sob este teto. Se não compartilharmos o mesmo objetivo, a mesma disciplina, você sabe qual é a saída.

*Ah, Fae.*

*Tão delirante da sua parte ter chamado aquele olhar direto de Kubrick de afetuoso.*

Algo tão tolo quanto emoções humanas não conseguiria penetrar na espessa nuvem da mente obstinada de Andras.

Ele vivia e respirava esgrima.

Nada mais importava para ele a não ser um ouro olímpico.

Engoli a resposta amarga alojada em minha garganta. Havia muita coisa que eu queria dizer.

Que eu não tinha tempo.

Que às vezes eu via dois dele quando duelávamos e a privação de sono pregava peças em minha mente.

Que os calos da limpeza tinham substituído os calos da esgrima, e agora o cabo da espada parecia estranho em minha mão.

E principalmente, que eu nem tinha certeza se poderia me qualificar para as Olimpíadas com meu histórico e a multa que ainda estava pagando.

No final, tudo que eu disse foi: — Devidamente anotado. Agora... posso, por favor, ir me trocar antes que meu aluno chegue?

Sem dizer uma palavra, ele girou, avançando na direção oposta para a área da recepção.

Andras sempre andava assim. Como um general do Eixo dos anos

Mordi a parte interna da minha bochecha, finalmente chegando ao vestiário. Lá, peguei meu equipamento de esgrima e passei os dedos ao longo do braço.

Andras havia deixado um leve corte ali, como havia prometido que faria. Só ele conseguiu perfurar meu lamé de esgrima e meu plastrão acolchoado.

Eles deviam ter rasgado antes, e ele sabia disso. Uma violação grosseira da ética do esporte. E exatamente algo que Andras faria.

*Idiota.*

Um fio fino de sangue escorreu pelo meu braço, serpenteando até o cotovelo.

Abri a torneira e lavei-o com água morna, antes de tirar um kit de primeiros socorros do meu armário e me enfaixar.

Mechas suadas e irregulares de cabelo branco-amarelado caíram em meus olhos. Cortes de cabelo eram para pessoas com dinheiro.

Em breve, ele chegaria à minha bunda, e Andras me amaldiçoaria por minha frugalidade e depois o cortaria com uma tesoura de cozinha enferrujada.

Enxaguar e repetir.

Verifiquei a hora no meu telefone.

Oito minutos até a aula.

Andras me pagava por baixo da mesa (para economizar impostos trabalhistas), mas não foi por isso que escolhi lecionar.

Eu só tinha um aluno e o aceitei porque precisava de informações. Na verdade, esse mesmo aluno disse certa vez em uma entrevista que os dados eram o novo ouro.

Eu não poderia concordar mais.

Faltavam sete minutos.

Tempo suficiente para responder à série de mensagens que minha melhor amiga da academia de esgrima de Seul me deixou.

**Ari:**

Não acredito que você não está aqui quando estou planejando um CASAMENTO.

A traição é tão profunda.

**Ari:**

[GIF Christian Bale coberto de sangue, acendendo um charuto]

**Ari:**

Quando você vai trabalhar para American Psycho?

**Ari:**

(Eles deveriam reiniciar totalmente isso como um novo filme, estrelado pelos Suns.)

Eu sorri, meus polegares voando sobre a tela enquanto eu respondia.

**Farrow:**

Não até segunda-feira.

Por quê?

**Ari:**

Eu quero que você faça sexo quente e furioso com ele.

**Farrow:**

Eu realmente não acho que ele esteja interessado em mim dessa forma.

**Ari:**

Então, gostaria que me deixasse emprestar a você o dinheiro

necessário para pagar a multa e lutar contra sua madrastra.

**Ari:**

Sério, você pode me pagar aos poucos.

Você sabe que minha família pode pagar.

**Farrow:**

Eu sei.

Mas é a minha jornada.

**Farrow:**

Eu realmente aprecio isso. Simplesmente não seria capaz de viver comigo mesma se fizesse isso.

**Ari:**

Ugh. Odeio você.

**Farrow:**

Eu amo você.

**Ari:**

Tudo bem.

**Ari:**

Também amo você.

**Farrow:**

Diga oi para Hae-in por mim.

Olhei para o relógio suspenso acima dos velhos azulejos azuis.

*7h02*

Porra.

Bufando, preendi meu cabelo em um rabo de cavalo apertado, deixando-o completamente dentro da minha máscara de esgrima.

Verifiquei duas vezes se havia alguma coisa solta no espelho, preendi cada fio e coloquei as luvas, recolhendo meu equipamento do

chão.

O corredor ficou vazio nos últimos dez minutos. Forcei-me a dar passos tranquilos. Para desacelerar minha frequência cardíaca.

Um adolescente uniformizado abriu a porta para mim. Flexionei os dedos sob as luvas, absorvendo a cena.

Uma dúzia de esgrimistas com equipamento completo dançavam em pistas plantadas por toda a enorme sala. As espadas tilintaram em uma sinfonia única que nunca deixou de causar arrepios na minha espinha.

Uma semana se passou desde nossa última aula.

Seis dias desde a festa.

Uma última sexta-feira antes da minha data oficial de início no covil do rei.

Meu aluno estava sozinho em uma pista, o único esgrimista ainda esperando.

De volta para mim. Mãos cruzadas atrás dele. Seu rosto olhando pela janela em silêncio, como se as pupilas inferiores ao seu redor não merecessem sua atenção.

A espada – sua disciplina e arma preferida – complementava-o. Era o combate mais lento e deliberado. Com todo o corpo como alvo.

Mais importante ainda, o direito de passagem não se aplicava a este estilo de esgrima. Portanto, das três disciplinas, esta era a mais selvagem.

E era exatamente por isso que combinava com Zachary Sun.

O homem não era um cavaleiro de armadura brilhante. Um herói de moral elevada que estava aqui para salvar o dia.

Não, ele era um predador elegante.

Um monstro que atacava quem e como quisesse, desde que isso o aproximasse de seu objetivo.

De alguma forma, esse predador implacável convenceu Vera a

contratar três faxineiros para nossa empresa antes de partir outro dia.

Eu não pude acreditar no que ouvi quando ela fez com que eu e minhas meio-irmãs nos sentássemos para dar a notícia.

Ela não conseguia parar de falar dele. Como ele admirava o plano de negócios dela e como lhe ofereceria mais ideias para expandi-lo no devido tempo.

— *Esta é uma nova era, meninas. Abri a porta para a maior oportunidade de negócio. Sua mãe conseguiu algo que seu pai nunca conseguiu.*

— Jane Doe. — Zach ainda olhava pela janela, trazendo-me de volta ao presente. — Você está atrasada.

Durante semanas, mal falei com ele enquanto treinávamos. Com sua astúcia, não demoraria muito para ele reconhecer minha voz.

Eu não poderia arriscar.

Não com tantas informações sobre seu grupo para coletar.

Agora, não havia necessidade de preservar meu disfarce.

Caminhei até a pista, posicionando-me na frente dele. — Espada. Máscara. Postura.

Ele girou nos calcanhares e diminuiu a distância, colocando a máscara sobre o rosto divino e pegando a espada no processo.

Inclinei meu queixo. — *En garde.* [10](#)

Sua postura se fundiu como se ele tivesse nascido na arte da esgrima, o movimento tão fácil que tive vontade de gritar.

Seu pé direito na frente, inclinado em direção à minha posição, joelhos sobre os dedos dos pés. Costas retas. Sempre. Braços bonitos e soltos.

Nada a criticar.

Andei pela pista, respirando pesadamente contra minha máscara de metal. — Vou ser implacável hoje — avisei.

— Dê-me o seu pior.

O cronômetro do aparelho de esgrima começou a diminuir. Afundei em uma estocada profunda.

Para um esgrimista de espada, Zach preferia o jogo agressivo. Ele pulava as sondagens e avançava apenas alguns segundos nos primeiros três minutos.

Seu corpo ágil cortou o ar, a ponta de sua espada apontada diretamente para meu coração. Eu me esquivei, recuei e dei um passo à frente.

Ele desconsiderou o movimento como uma ameaça.

*Bastardo arrogante.*

Fiz questão de que ele se arrependesse, saltando para frente e mergulhando até o chão, cortando-o nos joelhos.

Ele rosnou com o contato, mas conseguiu morder a língua.

O bipe do aparelho pontuou sua retirada.

1-0.

Ele optou por sua linha *en garde*. — De novo.

— Seus instintos... — Estalei os dedos, afastando-me dele e voltando à posição inicial. — ... eles não são tão bons quanto você pensa.

— Não estou pagando para você falar, Jane. — Ele se reorganizou de volta à posição adequada. — Estou pagando para você lutar.

*Desse jeito, e rasgarei você em tiras.*

Na disputa seguinte, eu o intimidei girando minha espada durante todo o tempo em que ela esteve no ar, aumentando sua guarda até que suas defesas ficassem inquietas.

Ele retribuiu o favor com golpes longos e impressionantes que me mantiveram alerta, mergulhando em meu espaço pessoal quando eu menos esperava e vindo até mim com tanta hostilidade que você pensaria que eu havia decapitado a escultura de terracota dentro da



biblioteca de sua casa.

Ele exercia uma combinação letal de força, velocidade e alegria de combate. Um verdadeiro fã da arte da guerra.

A ponta de sua espada beijou meu ombro. Grunhi como se o contato doesse, recuando com um grito. — Ugh.

1-1.

Zach recuou, afastando-se enquanto admirava sua espada. — Seja graciosa na derrota.

*Últimas palavras famosas.*

Voltamos à nossa posição de guarda e começamos de novo.

2-1.

3-1.

3-2.

À medida que a luta avançava, tive que admitir que Zach provavelmente poderia garantir uma vaga na equipe olímpica.

Ele possuía todas as características cobiçadas. Velocidade, agilidade, precognição desumana e habilidades de observação superiores.

Ele se movia como um dançarino com elegância e disciplina incomparável.

No meio do segundo período, parei de acompanhar o placar. Tudo que eu sabia era que iria vencê-lo.

Eu nunca perdi.

Eu lancei a espada nele. — Por que esgrima?

Ele se esquivou habilmente.

Se minha pergunta o surpreendeu, ele não demonstrou. Isso foi mais do que eu falei com ele em todos os quatro meses que praticamos juntos.

Sem uma capa para guardar, satisfiz minha curiosidade.

Correção: eu pretendia estragar meu disfarce de propósito.

Queria que ele soubesse que fui eu quem o ensinou a usar uma espada. Que eu sabia como empalar o coração, e com o dele não foi diferente.

Ele executou um passe arriere perfeito. — O toque de uma lâmina é preferível ao toque de um humano.

— O que há de errado com os humanos?

— Tudo. — Ele tentou acertar meu ombro, mas eu me abaixei, girando no lugar. — Você, por exemplo, fala demais para o meu gosto.

— Encontre outro instrutor.

Uma risada gelada gelou o ar. — Nós dois sabemos que você é talentosa demais para ser substituída, algo que não pode ser dito sobre a maioria dos trabalhadores.

— Andras é um instrutor melhor do que eu.

— Andras é um cavalo morto. Amargo e furioso com o mundo. Uma vítima não pode se tornar um vencedor. E eu não emprego perdedores.

Nossas espadas zuniram, encontrando-se, puxando e depois afastando-se uma da outra.

— Você se considera tão bem — rosnei.

— Só porque a maioria das criaturas é tão humilde. Você não concorda, Jane Doe?

Avancei, investindo tão rápido que deixei uma rajada de vento em meu rastro.

Através de pura capacidade atlética, e não de técnica, ele se esquivou de meus dois saltos e tentou, mas não conseguiu, mirar em meu coração.

Eu o ataquei mais rápido, implacavelmente, recusando-me a dar-lhe uma pausa entre as defesas. Ele tropeçou, caindo no chão, com as costas coladas na pista.

*Acostume-se com esta posição.*

*Afinal, é assim que as lagostas cozidas são servidas.*

Zach tentou se recuperar. Para ficar de pé. Não importava quão estelares fossem seus reflexos, ele não conseguia igualar minha velocidade praticada.

Quando seu pescoço se soltou da liga, sua máscara encontrou a ponta da minha espada, compensando as duas vezes em que ele apontou a faca para mim.

O placar apitou.

9-7.

Um nó se desfez em meu estômago quando pressionei meu pé contra seu joelho, impedindo-o de ficar de pé.

Com um movimento da minha espada, joguei a espada de sua mão.

Zach permaneceu na pista, calmo e controlado sob a máscara, o peito mal subindo com a respiração.

— Esse é um cartão muito vermelho, Jane Doe.

— Acontece que vermelho é minha cor favorita.

Usei a ponta da minha espada para remover a máscara, do pescoço ao couro cabeludo, tomando cuidado para não arranhar seu lindo rosto com a lâmina.

Por mais que eu odiasse admitir, arruinar tal arte seria um desperdício.

Zach foi revelado a mim centímetro por centímetro, como o movimento lento de uma cortina de teatro, seu rosto estoico, inabalável e de tirar o fôlego.

De alguma forma, seus olhos se enroscaram nos meus através da minha máscara. Um arrepio percorreu minha espinha.

Nós não estávamos nos tocando.

Na verdade.

Camadas de tecido pesado e almofadas separavam meu pé de seu joelho.

Mas eu considerava minha espada uma extensão do meu braço, e sua ponta acariciava a ponta de sua testa, exatamente onde seu bico de viúva levava a uma mecha perfeita de cabelo cor de carvão caindo sobre seu olho direito.

Ele ficou perfeitamente imóvel enquanto eu o afastava com minha espada. — Interessante.

— Como assim?

— Você é um polvo, não um touro.

Meu coração parou no meu peito.

Eu tinha feito isso agora.

Eu me revelei a ele.

Com minha boca estúpida e atitude espertinha.

*Você queria isso*, lembrei a mim mesma.

De alguma forma, parecia mais um acidente do que um gol.

Não disse nada, tive a sorte de me lembrar de respirar.

— Você sabia... — Seu tenor rouco perfurou todas as camadas protetoras do meu uniforme, deslizando pela minha pele como veludo preto. — Que Aristóteles pensava que os polvos eram burros? Você considera isso uma ofensa pessoal?

Silêncio.

Eu congelei no lugar, repassando os dois últimos períodos, perguntando-me o que havia revelado minha identidade.

Zachary Sun sendo Zachary Sun, ele não me deixou aproveitar o desconhecido por muito tempo.

— Mesmo atrás de uma máscara, sua expressão impassível é tão medíocre quanto suas habilidades de Go. — Seu olhar se enredou com

o meu tão facilmente que quase esqueci que ainda usava uma máscara. — Parecia que você estava sentada em um tapete de agulhas. Fora do lugar e fora de controle. Muito diferente da minha professora habitual.

Tirei minha máscara, olhando para ele com um sorriso de escárnio.

Mechas loiras rebeldes caíam em cascata pela minha cintura, envolvendo todo o meu corpo. O suor brilhava na minha pele.

Nossos olhos se encontraram. Eu não poderia encarar esse homem sem que meu corpo cantarolasse a batida furiosa de uma música de heavy metal.

Estar em constante proximidade forçada com ele seria um problema. Meu corpo ficava muito quente perto deste homem.

— Então foi assim que você descobriu sobre a festa. — Ele inclinou a cabeça para trás, permitindo que minha lâmina passasse pela curva de sua testa e nariz com o mais leve toque. A adrenalina invadiu minhas veias. Ele estava brincando com fogo. — Eu mencionei isso de passagem para você durante uma de nossas sessões.

Eu não respondi.

Como de costume, ele já tinha tudo planejado.

Ele me avaliou com olhos críticos. — Você realmente não é uma delas, é?

— Quem?

— *Elas*. Pessoas. Médias. Simples. Burras.

Eu não disse nada.

— Bem, bem. Vou me divertir muito com você. — Um sorriso lento se espalhou por seus lábios. Tão fraco. Ele era incrivelmente mesquinho com sua felicidade. — Meu próprio brinquedo brilhante. Para curtir. Para abusar. Quebrar.

A gravidade do meu erro passou por mim.

Eu tinha calculado mal.

Fiz uma curva errada em algum lugar.

Eu não deveria ter concordado em trabalhar para ele. Para me colocar perto dele de propósito.

Para meu horror, fiz exatamente o que uma vez o acusei de fazer. Abandonei um jogo. Recuei para os armários para lamber minhas feridas e me reagrupar.

Sua risada sombria me seguiu enquanto eu desaparecia, esgueirando-me pelas sombras do corredor, deixando-o na pista para absorver sua vitória.

Zachary Sun não se preocupou em se levantar.

Ele sabia que já estava no topo.

## CAPÍTULO TREZE

### *Zach*

**Ollie vB:**

Vi a mãe de Zach fazendo compras de noiva para ele depois do brunch hoje.

**Zach Sun:**

Pela última vez, minha tia não é minha mãe.

**Ollie vB:**

Ela criou você, você fica eternamente envergonhado dela, e ela diz as merdas mais desagradáveis.

Para todos os efeitos, esta mulher é sua mãe.

**Romeo Costa:**

Não acredito que estou dizendo isso, mas concordo com Oliver.

**Romeo Costa:**

Qualquer uma que foda você até esse ponto é mãe.

**Romeo Costa:**

Agora defina as compras de noiva.

**Ollie vB:**

Que bom que você perguntou.

**Ollie vB:**

Literalmente abordou mulheres inocentes, pedindo-lhes suas datas de nascimento e uma lista de doenças hereditárias.

**Ollie vB:**

Sua Ayi até apontou para uma e disse em voz alta: Esta é

pequena demais para carregar bebês do tamanho dos Suns.

**Zach Sun:**

[GIF Bush retirando-se]

**Romeo Costa:**

NA RUA?

**Ollie vB:**

Não, seu porco inculto.

Na Hermès.

**Romeo Costa:**

E dizem que o amor não tem preço.

**Ollie vB:**

Seja qual for o preço, Zach diria que está inflacionado e se recusaria a pagar.

**Zach Sun:**

Isso é embaraçoso.

**Romeo Costa:**

Não é tão constrangedor quanto ter a foto do seu pau ampliada em um tribunal como parte de um amargo julgamento de custódia entre sua ex-amante e o vice-presidente.

**Ollie vB:**

Eu não chegaria ao ponto de chamar isso de constrangimento.

**Ollie vB:**

Talvez um leve inconveniente?

**Romeo Costa:**

Meu Deus, Ollie.

**Romeo Costa:**



As pessoas faziam camisetas com a estampa do seupau e o slogan ELE TEM MEU VOTO.

**Ollie vB:**

Achei bastante lisonjeiro.

**Ollie vB:**

E para que você saiba, a foto do meu pau foi a coisa menos ofensiva que saiu da política na última década.

**Ollie vB:**

A única desvantagem é que agora as pessoas querem tirar uma foto com ele porque é famoso.

**Romeo Costa:**

Como isso é uma desvantagem?

**Romeo Costa:**

Você fez fitas de sexo suficientes para abrir seu próprio Pornhub.

**Ollie vB:**

Não são conhecidas pedindo fotos. Apenas pessoas aleatórias na rua.

**Ollie vB:**

E, aparentemente, atendê-las graciosamente é considerado 'exposição indecente'.

**Zach Sun:**

Isso explica tudo.

**Ollie vB:**

Explica o quê?

**Zach Sun:**

Ninguém dá um boquete como uma boomer.

**Ollie vB:**

Ah. Boomers. A última grande geração. Tesão, experiente e incapaz de operar uma câmera de iPhone.

**Ollie vB:**

De qualquer forma, voltando à miséria de Zach.

**Ollie vB:**

Sente aquela gola forrada de pele apertando seu pescoço, filhinho?

**Romeo Costa:**

O casamento não é um castigo.

**Ollie vB:**

Eu literalmente escolheria a cadeira elétrica.

**Romeo Costa:**

[Emoji revirando os olhos]

**Ollie vB:**

Toda. Vez.

# CAPÍTULO QUATORZE

## *Zach*

Fiz questão de não sair do meu escritório no primeiro dia de trabalho de Farrow.

Em primeiro lugar, e mais importante, eu tinha trabalho a fazer.

O trabalho proporcionava conforto e alegria. Negociando ações. Tomando empresas à força. Absorvendo-as em minhas próprias.

Todas as características que me tornaram inacessível e estranho como ser humano – minha falta de consideração, desejo e empatia – eram vantagens no mundo dos negócios.

Não importava que eu já tivesse acumulado uma fortuna ofensiva. Ganhar dinheiro era meu esporte sangrento preferido. As bolsas de valores – minha arena. E todo ser com pulso – meu oponente.

Sentei-me no meu trono dourado na Dark Prince Road.

O campeão invicto.

Em segundo lugar, e menos importante (ainda assim notável), Farrow precisava de tempo para se ajustar à propriedade.

Para se familiarizar com o imóvel chamado casa. Para passear pelo terreno, explorar todos os cantos e recantos e ficar confortável.

Eu a li como um livro aberto e decidi acomodá-la.

Não porque eu realmente me importasse se ela estava acostumada a estar aqui, mas porque a mulher era uma dor de cabeça ambulante e falante sem cura.

Só depois que ela se acalmasse eu poderia executar meu plano em paz.

A pequena Octi era a prova viva de que a sorte não me abandonou.

Inicialmente, eu a visitei em sua pequena cozinha para provocá-la. Talvez até executar sua punição.

Então, algo aconteceu.

Algo maravilhoso e horrível, ao mesmo tempo.

Eu a toquei e não me encolhi.

Não estremeci.

Não vomitei.

Durante duas décadas inteiras, nenhum ser humano conseguiu encostar um dedo em mim sem me deixar fisicamente doente.

Não um médico.

Não uma mulher.

Nem mesmo minha mãe.

Nunca me ocorreu que existisse um antídoto para o meu problema. O fato de Farrow Ballantine ter conseguido levar uma princesa da Disney ao suicídio só poderia ser considerado a ideia de equilíbrio do universo.

Eu ouvi o ditado.

*Deus envolvia cada presente com um problema.*

Eu não sabia o que havia naquela empregada feroz e indisciplinada que impedia meu corpo de se revoltar com seu toque.

Certamente não era seu senso de moda equivocado.

Ou a mordida com que ela pronunciava cada palavra.

Ou até mesmo o esfregão loiro agitado na cabeça.

Já tinha visto sashimi de supermercado cortados com maior precisão.

Tudo que eu sabia era que nunca desperdiçava uma oportunidade.

Minha pequena Octi iria me consertar. O *como* não importava.

Contanto que eu pudesse suportar o toque de outra mulher – e assim cumprir a promessa que fiz ao meu pai depois que ele me protegeu da morte certa.

E assim, por hoje, mergulhei nos números e nos mercados comerciais espalhados pelas telas divididas.

Ninguém sentiria falta da minha presença, de qualquer maneira.

## CAPÍTULO QUINZE

### *Zach*

A primeira aparência de normalidade desde que descobri que minha instrutora de esgrima de *elite* trabalhava como empregada doméstica não remunerada veio de seis horas ininterruptas de trabalho.

Quando levantei a cabeça das telas do computador, meu relógio marcava meio-dia e meia. Em ponto.

Meu relógio interno funcionava corretamente novamente.

Natalie abriu a porta, enfiando a cabeça pela cavidade. — *Ei-hoo*. Posso interromper?

*Você já interrompeu, porra.*

Reclinei-me em minha cadeira de couro, arrancando do rosto os óculos de leitura pretos de aros grossos e colocando-os no suporte. — Sim?

— Seu almoço está pronto, Sr. Sun.

Comia o mesmo almoço todos os dias desde os dezessete anos. Oito tiras de sashimi, um toro inari, pimentão shishito frio e uma salada de pepino.

A variedade não me interessava.

Não sentia prazer na comida, e a diabetes tipo 2 parecia uma perspectiva menos atraente do que a falência financeira.

— Traga-o.

Natalie invadiu meus domínios, empurrando um carrinho pelas portas duplas.

Ela veio até a mesa de centro, colocou uma tigela de porcelana cavernosa com água e me entregou uma toalha limpa depois que lavei

as mãos nela.

No que dizia respeito aos assistentes, ela era bastante tolerável.

Ex-Phi Beta Kappa da Johns Hopkins. Nenhum produto de beleza perfumado para me enjoar. Capaz de receber ordens com função executiva acima da média.

Um pouco pesada no diálogo, mas imaginei que ainda não encontraria ninguém que pudesse manter suas perguntas, respostas e reações no meu limite preferido de duas sílabas.

Ela transferiu a bandeja de pratos do carrinho para a mesa e pegou o iPad, apertando-o contra o peito.

Se possível, a blusa azul claro enrolada em seu torso como Saran Wrap apertava com o movimento.

Ela combinou a camisa com uma saia lápis cinza e um par de Louboutins tão altos que provavelmente tinha uma visão panorâmica do Monumento a Washington.

Levantei uma sobrancelha, curioso para saber o que havia lhe dado a ideia de que ela seria bem-vinda para ficar. — Sim?

Um gole audível percorreu seu pescoço. — Sr. Sun...

Ela pintou um círculo com a ponta de seu sapato ridículo, deixando os nós dos dedos brancos nas bordas da tela do tablet.

Eu olhei para ela.

Ela sabia que não deveria esperar que eu preenchesse o silêncio.

Natalie ficou inquieta sob meu escrutínio. — Há outra coisa.

Depois de estudá-la por dez segundos seguidos, concluí que ela não tinha intenção de concluir o pensamento.

— Bem, estou em apuros aqui, Natalie. Quando você estiver pronta. De preferência neste século.

Outro gole.

Uma respiração instável.

Eu já deveria ter terminado meu almoço, que preferia aos oito graus Celsius, aos quais esperava que fosse servido.

O quadro Go chamou a atenção de Natalie.

Ela levou a palma da mão ao peito. — Ah. Você não toca no seu jogo de damas há muito tempo.

— É Go. — *E você também deveria ir.* — Você estava dizendo?

— Certo. — Ela limpou a garganta. — Perdoe-me por exagerar, mas não pude deixar de ouvir a conversa de sua mãe com Celeste outro dia, quando elas vieram almoçar.

Ela se forçou a manter contato visual comigo. Não era uma tarefa fácil. Minha expressão padrão definida como hostil.

Ela colocou a mão livre sobre a saia, continuando. — Eu sei que você está procurando mulheres como potenciais... hum, você sabe, parceiras para a vida.

Pobre Natalie.

Ela não achava que tinha chance, não?

Eu não tinha nada contra minha assistente. Da mesma forma, eu não tinha nada contra quem usava Crocs.

Só porque achava fundamentalmente de mau gosto não significava que não merecessem respirar.

Ou assim a sociedade insistia.

Natalie era terrivelmente mediana.

Bonita, mas não linda.

Trabalhadora – não genial.

Ela frequentou uma faculdade da Ivy League para fazer seu mestrado, mas isso sempre produziu idiotas desde o início.

Ela não tinha personalidade ou talento real.

Na verdade, eu só a escolhi como assistente porque ela não possuía a aversão habitual a longas horas de trabalho e matemática



básica.

— E eu estava pensando... — Ela lambeu os lábios, baixando o olhar do meu rosto para o chão, penteando o cabelo castanho para trás. — Eu acho que você definitivamente deveria me considerar. Sou trabalhadora e tranquila.

*Não, você não é.*

Ela pulou de um pé para o outro. — Eu sigo as direções muito bem. Sou zelosa e trabalho em equipe.

Trabalha em equipe? Quantas pessoas ela achava que eu planejava convidar para minha cama?

— Eu não vou causar problemas a você. Eu... eu... — Suas bochechas ficaram vermelhas. Ela apertou os lábios antes de forçar palavras sem sentido a saírem. — Eu farei o que você quiser – como você quiser – na cama. Não estou nem pedindo exclusividade. Eu sou uma sobrevivente. Eu quero uma vida boa. E tenho a sensação de que você também é um sobrevivente, Sr. Sun. Não sei como ou por que, mas vejo isso em você.

Não perguntei o que ela via.

Eu não me importava.

Mas Natalie estava no clima, já longe demais para perceber que seu relutante público não ficou impressionado com seu desempenho sem brilho.

Ela fechou os olhos e respirou fundo. — Você tem esse ar, como se estivesse pronto para a guerra na queda do chapéu. Eu conheço esse olhar. Eu também uso, às vezes.

— Aprecio um bom lutador, Natalie, mas estou em busca de algo bastante específico.

Seus olhos se agarraram aos meus. — O que é?

— Quem receber o selo de aprovação de Constance Sun.

Ela soltou uma risada estranha e afetada. — Constance é sua líder de culto?

— De certa forma. Ela *é* minha mãe.

— Por que você a deixaria ditar com quem você se casaria? — Ela ergueu o iPad até o peito como se isso fosse protegê-la da minha resposta.

*Porque o marido dela morreu me protegendo, e não houve um único dia desde então que eu não desejasse que fosse eu em vez dele.*

— Eu tirei o parceiro dela. O mínimo que posso fazer é deixá-la escolher a minha.

Os ombros de Natalie cederam, todo o seu ser se liquefez e caiu. Eu não gostava de pessoas com má postura.

Ela foi desclassificada antes mesmo de abrir a boca.

— Mas não é justo-

Eu levantei a mão. — Assim como a vida. Você tem mais de três anos. Achei que você já tivesse recebido o memorando. — Abanei o guardanapo de pano no colo e peguei o conjunto de pauzinhos de aço. — Mais alguma coisa que você gostaria de discutir antes de eu almoçar? Desejo fazê-lo em silêncio.

Natalie abriu a boca e depois fechou-a, exibindo sua melhor impressão de truta.

— Pelo menos, você está prestes a realizar seu desejo. — Ela enfiou o iPad debaixo da axila, a voz embargada.

Eu levantei uma sobrancelha. — Eles estão cancelando impostos federais?

Certamente, não tinha essa sorte.

Nasci no quarto dia do quarto mês. O número mais azarado da cultura chinesa.

Em mandarim, quatro compartilhavam pronúncia semelhante com a palavra *morte*.

A cura para minha aversão física aos humanos caindo de cabeça em meu colo parecia um golpe de sorte incomum.

— Bem, não esse desejo. — Natalie colocou o iPad no carrinho, ocupando as mãos recolhendo a tigela de porcelana e colocando-a em cima. — Sua mãe ligou mais cedo para informar que está emprestando seu colar Astteria para uma garota. Aquele de jade e ouro personalizado que você guarda em um cofre para ela.

O estado do namoro moderno deve ter atingido o nível mais baixo desde a última vez que verifiquei, porque ela fungou, não conseguindo conter uma lágrima errante.

Era um castigo particularmente horrível pelos meus pecados ter que suportar as lágrimas das mulheres sem sequer pegar a boceta.

Natalie passou a cerrar os punhos nas alças do carrinho, desafiando sua capacidade de carga. — Constance disse que a garota vai passar aqui hoje e pediu que você *mostrasse o lugar para ela*.

Ela usou os dedos como aspas, o lábio inferior curvado em um beicinho mal contido.

*Isso de novo.*

Mamãe não percebia que encontros às cegas não funcionavam depois do Plano N?

Enterrei as pontas dos dedos nas pálpebras, massageando a área com um suspiro pesado. — Qual é o nome da mulher?

Natalie torceu o nariz. — Electra? Exotica, talvez?

— Eileen.

Minha mãe comeria uma tigela de globos oculares antes de tentar me juntar com uma mulher chamada Exotica.

— Sim. Algo parecido. Nome muito brando, se você me perguntar.

*Ainda bem que não fiz isso.*

— A que horas devo esperar por ela?

— Três horas.

Seria melhor fazer um esforço com Eileen para agradar minha

mãe. Mesmo que eu sentisse vontade de morrer antes de fazer isso.

— Isso é bom. Deixe-a entrar quando ela chegar. Eu cuidarei disso.

— Realmente? Você nunca aceita ninguém sem avisar.

Não respondi Natalie.

Ela balançou a cabeça, bufando. — Todas as mulheres neste estado morreriam para ter sua atenção, e você só tem olhos para sua mãe. Que farsa.

— Cuidado com o que fala, Srta. Mikaylov, a menos que esteja ansiosa para perder o emprego.

Natalie permaneceu parada no meio da sala como uma peça de mobília fora do lugar que você tinha que guardar porque um parente próximo a tinha presenteado.

Parecia que ela queria dizer mais alguma coisa, mas a ideia de que eu estava pagando a ela uma taxa por hora para tentar me convencer a casar com ela, em vez de gastar o dinheiro em algo mais útil – como lavar a seco ou extrair as glândulas anais do Cane Corso de Oliver – esfregou-me do jeito errado.

Peguei uma lasca translúcida de budo ebi do prato de sashimi e levei-a aos lábios.

*Muito quente.*

— Isso é tudo, Srta. Mikaylov?

Por uma razão incompreensível para mim, alimentei a tola esperança de que ela me dissesse que Farrow havia tentado incendiar a casa, leiloar toda a minha coleção de arte ou cometer um crime hediondo em minha propriedade.

Algo que me daria uma desculpa para procurar a Srta. Ballantine e cuspir fogo na sua existência nevasca.

Mas Natalie simplesmente exalou novamente, com a cabeça baixa.

— Sim, senhor, isso é tudo.

Ela recuou com o carrinho, deixando-me com um encontro surpresa que eu não queria e um servidor de agência de encontros de baixa segurança para hackear.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

*Zach*

**Ollie vB:**

Jantar hoje à noite?

**Zach Sun:**

Ocupado. Passo.

**Zach Sun:**

Principalmente se você planeja aparecer com a mesma camisa da última vez...

**Ollie vB:**

O quê? Com vergonha de andar ao meu lado enquanto apresento o visual para agradar?

**Romeo Costa:**

Agradar?

**Ollie vB:**

É um imã de mulheres, mas rebatizado com o melhor de relações públicas.

**Zach Sun:**

Deveria ser queimado.

**Zach Sun:**

Nenhum homem deste lado de Jersey Shore usa regata fora da academia.

## CAPÍTULO DEZESSETE

### *Zach*

A notícia do meu encontro às cegas surpresa arruinou a cadência da minha agenda.

Num dia normal, eu estaria no meio do processo de seleção para uma aquisição hostil.

Eileen Yang acabara de salvar uma empresa às custas do meu humor.

A campanha tocou exatamente às três horas.

No mínimo, ela chegou na hora certa.

Eu valorizava a pontualidade. Mostrava caráter. Bem, o mínimo, de qualquer maneira.

Fui até minha janela, passando pelo meu almoço não consumido. Um Bentley branco estacionado ao lado da minha fonte, brilhando depois de uma lavagem recente.

Uma boa escolha. Nada muito ofensivo ou espalhafatoso. Nada de Range Rover rosa brilhante ou Lamborghini verde-neon.

Enfiando as mãos nos bolsos da frente, saí do escritório e desci as escadas para cumprimentar meu encontro às cegas.

Para ser justo, isso dificilmente poderia ser considerado um encontro às cegas. Não quando eu passei por uma mísera camada de segurança para chegar ao arquivo de Eileen da agência de encontros.

Eileen Yang.

Trinta e três.

Na verdade, uma neurologista baseada em Manhattan.

Três diplomas de duas da Ivy League. Várias passagens pelo Médicos Sem Fronteiras. A autora de um popular guia de estudo da AP

Bio.

No ano passado, ela gastou seus royalties para pagar a hipoteca de 12 milhões de dólares de um condomínio no Upper East Side.

Parecia que mamãe havia encontrado a garota perfeita para ela. O que, claro, significava que ela encontrou a garota perfeita para mim.

Agora tudo que eu precisava fazer era não estragar tudo.

Mais fácil falar do que fazer.

Quando se tratava de humanos, eu tinha mais experiência em estragar tudo do que em ter sucesso. As mulheres, especificamente, consideravam toda a minha existência um desprezo pessoal.

Nunca prestei muita atenção nelas.

Mas quando o fazia, geralmente vinha na forma de uma honestidade brutal, informando-lhes que eu achava a conversa delas tão entorpecente quanto separar grãos de areia por tamanho.

*Você literalmente sabe como dividir átomos, Zach.*

*Certamente, pode fazer com que essa garota não odeie você.*

Andei pelo corredor, descendo as escadas, notando que a casa parecia particularmente imaculada hoje.

Fiquei um pouco desapontado por Farrow ainda não ter tentado nada suspeito. Eu tinha a impressão de que brigáramos assim que ela chegasse.

Talvez ela tivesse algo na manga para mim, para mais tarde.

Nenhuma parte de mim acreditava que ela iria se deitar e aceitar. Aceitar-me como seu chefe e comportar-se.

Quando abri a porta da frente, encontrei a mulher ideal para minha mãe. Alta e esbelta, com cabelos escuros e brilhantes que chegavam aos ombros e um terno Burberry verde-sálvia.

Ela usava o cabelo repartido ao meio, preso atrás das orelhas, em um corte que só poderia ser feito com régua.



Uma expressão neutra decorava seu rosto, sua postura orgulhosa e linear.

— Boa tarde. — Ela parecia quase robótica. Não necessariamente uma coisa ruim para quem não era fã do homo sapiens. — Zachary?

*Lamentavelmente.*

Fiz uma leve reverência, afastando-me e gesticulando para ela entrar. — Eileen.

Cada fibra do meu corpo encolheu com a ideia de que ela pudesse tentar me abraçar ou beijar.

Felizmente, ela marchou para dentro com facilidade, sem se preocupar em olhar em minha direção enquanto colocava sua bolsa preta Ferragamo no aparador.

Ela tirou os saltos confortáveis, arrumou cuidadosamente os Malone Souliers e os colocou ao lado da porta.

Um lenço Hermès enrolado no pescoço, projetado para proteger a pele delicada do sol.

Ela o desatou, amarrando novamente a seda em uma pulseira elegante em volta do pulso.

Apertei os lábios, reprimindo uma careta. Era como se minha mãe a tivesse criado pessoalmente.

— Não vou tomar muito do seu tempo. — As palavras saíram com facilidade, como se tivessem sido ditas dezenas de vezes. Quantos encontros às cegas Eileen sofreu para atingir esse nível robótico? — Se você puder me emprestar o colar, eu irei embora. Informarei às nossas mães que conversamos e chegamos à conclusão de que nossos planos futuros não estão alinhados. Eu, no entanto, apreciaria o colar. Há um evento de caridade do St. Jude's esta noite, e sua mãe vai fazer perguntas se eu não o usar.

Eu não queria nada mais do que mandá-la embora, fora da minha vida com aquele colar.

Mas eu tinha prometido me casar com a noiva escolhida pela

mamãe, e Eileen era o pacote completo. Uma piñata de boas maneiras e educação superior.

— Você gostaria de fazer um tour pela casa primeiro? — perguntei com os dentes cerrados. — Você chegou até aqui, afinal.

Ficamos a cerca de dois metros e meio um do outro, nenhum de nós ansioso para diminuir a distância.

— Oh, sério. Não quero me impor.

*Tradução: por favor, não me faça sofrer mais um segundo disso.*

— Imponha-se. — Meus lábios mal se moviam enquanto eu falava. — O mercado de ações fecha em cinquenta minutos e já acertei o horário hoje.

Ela olhou para mim como se eu tivesse acabado de anunciar que tomava banho em urina de gato todas as noites para relaxar. — Você termina seu dia de trabalho às quatro?

— Trabalho todas as horas do dia — esclareci. — *E* noites. — *Caso você planeje pedir algum do meu tempo como esposa.*

— Você é sempre tão relaxado? — Ela franziu a testa antes de suavizar sua expressão.

Eu não valia a pena.

— Apenas hoje. — Forcei-me a sorrir, a acidez explodindo em minha boca. — Então? Quer se juntar a mim?

Eileen enrijeceu ligeiramente, um suspiro passando por seus lábios, um pouco apressado.

Obviamente, ela esperava que eu não perguntasse.

— Vou fazer um tour, obrigado.

Ela não queria estar aqui tanto quanto eu não queria que ela estivesse aqui. O fato de que eu não teria que afastá-la de mim era estranhamente reconfortante.

Com um rápido aceno de cabeça, inclinei a cabeça para o lado em direção à ala leste.

Caminhamos a uma boa distância um do outro, comigo contando anedotas e fatos chatos sobre cada cômodo e a arte que o decorava.

Eileen assentiu em todos os momentos certos, fingindo se importar, mas eu a peguei verificando seu Cartier de couro fino com frequência.

Eu poderia fazer pior do que me casar com alguém que não queria estar na mesma sala que eu. Na verdade, eu preferia isso à alternativa.

Afastar uma esposa necessitada parecia um novo círculo do inferno.

No caminho para a sala de jantar, avistei Farrow. Tanto para dar espaço a ela no primeiro dia.

Ela se ajoelhou no corredor, esfregando uma mancha persistente de lama no porcelanato.

Eu me acostumei a vê-la nesse estado: suada, exibindo um ninho de pássaro no couro cabeludo, as roupas salpicadas de pigmentos descoloridos.

Ela parecia lamentável. O produto da pobreza e da exaustão. Tão oposta de mim e da minha gentil convidada.

E, percebi, pela primeira vez, tão linda que eu não conseguia respirar.

Com seus traços marcantes, cabelos dourados e olhos azuis cintilantes. E aquela franja crescida – um pouco ondulada e descontrolada – que a fazia parecer uma garota grunge descolada em uma edição dupla da *Vogue*.

A linha de pensamento me assustou.

Nunca admirei os humanos.

Certamente nunca os admirei por algo tão temporário quanto sua beleza.

*Isso é bom. Isso é legal.*

*Contanto que você se lembre que ela é um meio para atingir um fim e não uma pessoa tridimensional real, você poderá admirar sua aparência.*

Para provar meu ponto de vista, desviei-me dela como se ela fosse uma poça de vômito, zombando dela enquanto guiava Eileen pelo corredor. — Você perdeu um ponto.

Farrow olhou para mim, sem dúvida me apunhalando mentalmente. — Desculpe, chefe, mas você é uma característica permanente.

*Aí está ela.*

Ao ouvir a boca inteligente da minha empregada, Eileen soltou um pequeno suspiro, virando-se para olhar entre nós.

Parei entre a sala de jantar e a ala de hóspedes, com os olhos ainda fixos na minha nova governanta. — É Sr. Sun para você.

Farrow encostou-se na parede e soprou uma mecha de cabelo dos olhos, avaliando a mim e a Eileen.

Nenhuma parte dela parecia envergonhada ou angustiada por ser vista assim. Aos nossos pés. Esfregando meu chão para dar brilho.

Ela inclinou o queixo e ofereceu um sorriso cheio de dentes direcionado a Eileen. — Ele contou a você que é péssimo em Go?

Dos seus lábios, soou exatamente como mamãe suspeitava – como se Go fosse um código para outra coisa, e ela tivesse acabado de me acusar de ser ruim na cama.

As sobrancelhas de Eileen subiram até a linha do cabelo, seus dedos delgados beijando sua clavícula. — Você vai deixá-la falar com você assim?

— Espero que não. — Farrow pegou o pano e voltou a esfregar. — Meu sonho molhado é que ele me demita.

Surpreendentemente, comecei a querer fazer parte de seus sonhos molhados.

Na verdade, tive dificuldade em evocar algo que eu queria mais do que vê-la com as pernas abertas, nua, mostrando-me como estava

molhada.

Eu oficialmente perdi o controle. Navegava profundamente em águas turvas e desconhecidas com esses pensamentos estranhos e desejos incontrolados.

Uma partícula de água suja espirrou do pano no meu dedão do pé descalço com sua esfoliação completa. Minha pálpebra se contraiu.

Ela piscou os cílios, concedendo-nos um sorriso angelical. — Não deve ser confundido com ele atirando *em* mim. Porque ele também fez isso. Ele contou a você que gosta de atirar facas?

Eu ia matá-la.

Mas primeiro, eu ia transar com ela.

Porque – e isso era importante – por alguma razão desconhecida, ela parecia ser a única mulher com quem eu poderia considerar ter intimidade.

Na verdade, descobri, não tinha parado de pensar no rosto dela. O corpo dela. Seu sorriso irônico. A maneira como ela se movia na pista. Como Tinker Bell se ela fosse uma assassina.

Tão letal e tão suave ao mesmo tempo.

Eileen deu um passo para trás, girando a cabeça para mim. — Você tem uma faca de arremesso?

— Algumas lâminas antigas. — Lancei a Farrow um olhar fulminante. — Como parte da minha coleção de arte.

— Ele também possui um tanque. — Farrow sorriu, obviamente se divertindo. — É a única coisa que ele dirige. Idiota GI.

— Não é um tanque. É um Cavaleiro da Conquista XV.

— É feito de alumínio. — Farrow gargalhou, apertando a barriga, sem se importar por ter acabado de adicionar outra mancha de sujeira à camisa. — A propósito, dei uma volta. Ele realmente não deveria deixar suas chaves onde todos pudessem vê-las.

Apostava que sim.

E eu não sabia por que, mas melhorou meu humor saber que ela havia se comportado mal.

— De qualquer forma, vejo que vocês dois têm muito o que conversar. — Farrow colocou dois dedos na testa, saudando-nos. — Divirtam-se, crianças. Vou deixar vocês com isso.

Eileen franziu a testa, apertando a palma da mão em volta da nuca, claramente não impressionada com a batalha verbal em que me meti com a empregada.

— Desculpe por isso. — Fiz um gesto para Eileen continuar subindo as escadas. — Um par de caminhantes a encontrou na floresta há apenas cinco anos. Ela foi criada por coiotes selvagens e cresceu pensando que era um deles. Concordei em contratá-la como parte de um programa de reabilitação que se concentra na integração de indivíduos com baixo QI na sociedade.

— Interessante. Apenas cinco anos atrás. — Eileen seguiu meus passos, limpando seu terno como se pudesse afastar o encontro com meu polvo selvagem. — Seu domínio da língua inglesa é imaculado.

Subimos a escada curva ao som das risadas de Farrow. Elas ecoaram pelo saguão cavernoso, amplificados pelo tamanho da mansão.

Até agora, nunca considerei minha casa grande demais.

— O inglês dela é bom. — Eu a levei para o corredor oposto ao meu escritório. — É com o conteúdo que sai da sua boca que discordo.

— Vocês parecem compartilhar uma boa química.

— Dificilmente.

A única química que compartilhávamos era radioativa. Farrow e eu éramos dois elementos corrosivos, fadados a explodir de forma espetacular, mas sempre gostei de ciência.

Eileen me seguiu até o closet do meu quarto, parando perto do cofre.

Fiel à sua educação, ela se virou para me conceder privacidade

enquanto eu digitava a combinação de vinte e dois dígitos e retirava o colar de jade imperial que minha mãe lhe emprestou.

Não passou despercebido que Farrow não apenas me observaria inserir o código, mas também o memorizaria para usá-lo posteriormente.

As duas mulheres não poderiam ser mais diferentes.

E por alguma razão selvagem e incompreensível, preferia aquela com modos de urso faminto.

Depositei a caixa gravada na ilha do closet entre nós. As luzes embutidas lançavam sombras frias e azuis sobre Eileen.

Quando olhei para ela por baixo delas, sem um fio de cabelo fora do lugar, arrumada, elegante e deliberada, eu sabia que nunca conseguiria tocá-la – com ou sem a ajuda de Farrow.

Isso nunca poderia funcionar.

Respirei fundo, odiando-me por quebrar minha promessa ao papai, mais uma vez.

Assim que comecei a mandá-la embora, Eileen me surpreendeu ao deixar escapar: — Eu trouxe bolos lunares.

Cruzei os braços. — O quê?

Não só este não era o momento para eles, mas literalmente não era o momento para eles de acordo com o calendário.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. A primeira coisa humana que ela fez desde que entrou em meu domínio.

*Rico, vindo de mim, eu sei.*

Ela apoiou a mão na ilha, examinando o closet, como se a ideia de ser pega dividindo o espaço comigo fosse tão desagradável para ela quanto para mim.

— Bolos lunares. De Chinatown. O verdadeiro negócio. Feito por uma senhora idosa, que se sentiu mal por ficar sem eles no último Festival da Lua e preparou um lote especial para mim. Eles têm gema

tripla.

*Parece uma receita para artérias obstruídas.*

Ocorreu-me que ela havia abandonado o discurso formal, embora eu não tivesse ideia do porquê.

— Vovó me mandou até este apartamento no terceiro andar no meio da noite para buscá-los. — Quando percebeu que havia deixado uma impressão digital no balcão de vidro, ela a limpou com o lenço Hermès enrolado no pulso. — Ela disse que eles iriam conquistar você. Eu... eu nem tenho certeza se quero fazer isso. — Seu lábio inferior se contraiu como se ela tivesse reprimido um estremecimento. — Conquistar você, quero dizer. Isso não tem nada a ver com você. Você é superqualificado, como eu sabia que seria. Mas não gosto... — Ela fez uma pausa.

— Você não gosta do quê?

*Misturar-se? Ser criada por sua família? Humanos?*

— Homens — ela terminou em um sussurro, olhando para os dedos dos pés.

Isso explicava muito sobre seu status de solteira.

E, para ser franco, a falta de interesse dela no meu pau.

Um nó em meu ombro começou a se soltar. — Você é gay?

Eu poderia trabalhar com isso.

Um casamento no papel.

Sem expectativas de emoções, interação, sexo.

— Não. — Ela colocou o lábio na boca, deliberando suas próximas palavras. — Eu também não gosto de mulheres. Não sinto nenhum desejo por ninguém.

Oh.

Mamãe realmente encontrou a versão feminina de mim.

Bem, até Farrow Ballantine entrar na minha vida. Agora, eu



*queria* cem por cento tocar em alguém.

Na verdade, eu queria fazer muito mais do que isso.

O olhar de Eileen viajou até o meu teto. Lágrimas margearam a parte inferior de seus olhos. Ela soltou um suspiro, o som quase chocante vindo dela.

Eu pisquei. — Você não quer me foder?

— Eu nem iria querer abraçar você se algum dia nos casássemos. O que, aliás, só pensei porque realmente não quero morrer sozinha. Eu quero filhos. Eu quero uma família. Quero experimentar o que outras pessoas gostam.

Acaricieei meu queixo.

Isso poderia funcionar.

Eileen Yang não era simpática, mas também não era horrível. Suficientemente silenciosa. Suficientemente independente.

E nós dois parecíamos compartilhar o mesmo problema.

— Isso é terrível. — Ela balançou a cabeça. — Sinto muito por ter vindo aqui. Eu sabia que o colar era apenas uma desculpa. Estou desperdiçando nosso tempo...

— Srta. Yang?

— Sim, Sr. Sun?

— Vamos comer aqueles bolos lunares. Temos muito o que discutir.

## CAPÍTULO DEZOITO

### *Zach*

— Então, qual foi?

Eileen estava sentada no assento à minha frente na sala de café da manhã do jardim de inverno, servindo-nos outra xícara de chá.

Os bolos lunares ficaram entre nós, intocados.

Ela colocou o bule de volta na bandeja dourada, inclinando a alça simetricamente entre nossas xícaras, acrescentando: — Estou me referindo à variedade de utensílios domésticos que magicamente se materializavam sempre que nos comportávamos mal, enquanto crescíamos. Chinelo de dedo?

Reclinei-me, bebendo o chá de folhas soltas e inspecionando-a por trás da borda. — Acredite ou não, meus pais nunca me ameaçaram.

Talvez essa coisa desse certo, afinal.

O fato de ela não ter despertado nada em mim era uma coisa boa, não um defeito. Ela nunca poderia rastejar sob minha pele, nunca me influenciar de um jeito ou de outro.

— Ah — ela assentiu, quase para si mesma. — A parede.

Coloquei a xícara no pires e retirei uma gota que escorreu pela borda. — Meus quadríceps são firmes desde que comecei a falar.

Ela segurou a boca, rindo na palma da mão. Pela primeira vez em anos, eu me sentia à vontade. Confiante de que cumpriria a promessa feita ao meu pai.

Sabia que Eileen não iria me deixar mal se eu a provocasse. Ela era segura. Uma escolha inteligente e lógica.

O golpe de misericórdia era que ela me lembrava minha mãe em personalidade e experiência, o que significava que eu nunca poderia desenvolver sentimentos por ela no longo prazo, não importava

quanto tempo passasse com ela.

— Sempre pensei que o Sr. Sun seria formidável. — Eileen inclinou a cabeça, um brilho distante cobrindo seus olhos. — Quando criança, lembro-me dele tão severo.

— Ele era rígido — confirmei. — Mas ele também tinha um lado suave. Ele só mostrava para mim e para minha mãe. O que mais você lembra dele?

— Eu lembro que ele adorava você. Ele sempre falava sobre você com meu pai.

Eileen encontrou meus olhos, ficando séria. Seus dedos bem cuidados afundaram-se no veludo vermelho do assento estofado que ela ocupava.

Estávamos ambos tentando compartilhar um momento de ternura.

E falhando miseravelmente.

Ela se mexeu um pouco. — Eu sempre escutei, porque sabia que os dois queriam que um dia nos casássemos.

O silêncio estalou entre nós.

Cheio de tensão e trepidação.

Meu encontro com Eileen Yang sempre esteve destinado a acontecer. Agora que isso aconteceu, tínhamos uma decisão a tomar.

Em nossos círculos, as pessoas desaprovavam longos períodos de namoro. Lealdade, compromisso e preservação da linhagem eram os mais importantes.

— Eu nunca vou amar você. — Descansei meu tornozelo no joelho oposto, recostando-me na cadeira. — E eu nunca vou tocar em você também. Não para beijar você no altar. E certamente não para engravidar você. Na verdade, é improvável que algum dia eu me sinta confortável o suficiente para abraçar minha própria prole.

*Não era verdade, lembrei a mim mesmo. Não se Farrow curasse você.*

Talvez um dia – muito, muito, *muito* longe – eu me sentisse confortável o suficiente para segurar a mão da minha futura prole quando atravessássemos a rua.

— Afeto não... — limpei a garganta — ... vem naturalmente para mim.

Enquanto eu dizia essas palavras, violentos flashes de memórias me atacaram.

*Carne queimada.*

*Sangue por toda parte.*

*Gritos.*

*O cheiro de pele queimada atacando meu nariz.*

*Papai, papai, papai.*

Era por isso que precisava aturar Octi. Para consertar o dano que papai deixou para trás.

Eileen assentiu, olhando para as mãos. Seus dedos se entrelaçaram. Longos e finos, como o resto de sua estrutura óssea.

Teríamos crianças lindas, sem dúvida. E eles não seriam burros. Sempre um bom bônus.

— Eu quero experimentar o sexo. — Ela olhou ao redor como se alguém pudesse captar seu sussurro sem perfurar sua bolha pessoal. — Ver se talvez isso possa crescer em mim com o tempo.

— Você ainda pode. — Empurrei o pires para dentro. — Contanto que você seja discreta, não me importo se você aceitar um amante *cinq-a-sept*. Desde que ele ou ela esteja disposto a assinar toda a documentação necessária.

Recusava-me a ser motivo de chacota, mas também não esperava que minha futura esposa ficasse sentada de pernas cruzadas, apenas para apaziguar minhas fobias.

Eileen bateu no joelho. Achei essa pequena peculiaridade irritante.

Eu me perguntei se Farrow também tinha peculiaridades. Se sim, quais eram? Nada me surpreenderia. Incluindo matar cachorros.

— Eu estou bem com isso. Isso significa...?

Balancei a cabeça. — Inseminação. Se decidirmos assinar este acordo.

Ela suspirou, balançando a cabeça para si mesma. — Isso é realmente muito reconfortante. Sexo foi a única coisa que sempre me impediu de começar uma família. Cada vez que eu tentava namorar, acabava caindo na cama e parando antes de realmente conseguirmos. Independentemente de quão atraída intelectualmente eu estivesse por ele, nunca foi como minha irmã descreveu. Parecia... quase não consensual.

— Bem, isso não será um problema para nós, porque eu não quero o seu corpo.

Ela dividiu um bolo lunar em quartos perfeitos com o dente do garfo. — Então o que você quer?

— Sua cooperação. Para você ser mãe dos meus filhos. Usar meu anel. Ficar ao meu lado durante funções sociais. Podemos ser cordiais. Amigáveis, até. Afinal, teremos muito para compartilhar: filhos, objetivos, riqueza, poder.

Eileen alisou o vestido. — Só não amor.

Eu balancei a cabeça.

Ela respirou fundo.

Ela tinha que respirar tão alto? Como ela esperava que eu tolerasse sua existência quando tudo o que ela fazia me irritava?

— Estamos realmente considerando isso? — Eileen perguntou, colocando o cabelo atrás das orelhas. — Quero dizer... perdoe minha franqueza, mas será que duas pessoas tão fodidas deveriam se reproduzir, afinal? Eu sei que ficamos bem no papel...

— Mas o papel é apenas um papel — terminei para ela. — Facilmente destruído. — Eu já havia pensado nisso antes e sempre

cheguei à mesma conclusão. — Meus filhos não serão infelizes. Sou assim porque minhas circunstâncias me fizeram assim. Tirando essas circunstâncias, eu ficaria tão excitado quanto qualquer outro ser desprezível neste país.

Eileen estremeceu com as palavras grosseiras. — E levamos esse segredo para o túmulo?

— Isso importa? A maioria dos casamentos nesta faixa tributária é um contrato entre dois conhecidos que antigamente gostavam de transar um com o outro. Na verdade, já que a única troca de fluidos corporais acontecerá em um ambiente médico, seremos o casal menos imundo desta cidade.

Ela assentiu, empurrando os ombros para trás. — Quero continuar trabalhando.

Parecia muito cedo para estabelecer seus termos e condições. Ao mesmo tempo, era exatamente o que eu desejava.

Alguém que via o casamento como uma oportunidade de negócio.

Eileen empurrou o prato para longe, indo direto ao assunto. — Eu amo meu trabalho. Eu sei que minha mãe disse à sua que eu quero um ano sabático...

— Trabalhe o quanto quiser. — Levantei a palma da mão, impedindo-a de começar um discurso. — Com exceção do último trimestre de sua gravidez. Meus herdeiros devem ser cuidados e chegar em condições de novos.

Essa era a única parte da reprodução que realmente fazia sentido para mim. Criando uma força de trabalho geneticamente superior do zero para continuar meu negócio depois que eu morresse.

Afinal, eu não poderia arrastar o dinheiro para o Inferno comigo numa mala de mão Louis Vuitton.

Acrescentei, pensando melhor: — Quanto menos eu ver você, melhor. Sem ofensa.

— Não levei. — Ela me olhou. — Eu tenho dinheiro, mas... — ela

parou.

— Mas não o meu nível de dinheiro. Investiguei suas finanças durante a verificação de antecedentes. — Peguei meu telefone e abri meu aplicativo de contrato, colocando o dispositivo sobre a mesa. — Você vem de uma família de seis pessoas com a maior parte da herança passando para seus irmãos. Darei a você bens em torno de vinte milhões, mas você assinará um acordo pré-nupcial rígido.

— Claro. E incluirá algumas das minhas próprias condições em relação ao meu orçamento de estilo de vida e instituições de caridade de minha escolha.

— Acordado em princípio, sujeito a alterações e letras miúdas. Minha esposa deve ser nomeada para os conselhos de algumas empresas que possuo.

— O compromisso de tempo?

— Três horas por semana.

— Quero uma compensação pelo meu tempo na forma de um apartamento de minha escolha em Xangai.

— Feito.

Outra pausa.

Se isso era tudo que papai queria para mim, por que parecia fundamentalmente errado?

— Não quero mais do que dois filhos. Três é demais e pode interferir na minha carreira. — Ela inclinou a cabeça para o lado, estudando o teto como se tentasse extrair de seu cérebro cada exigência que pudesse imaginar. — E uma ama de leite para cada criança. Até vinte e quatro meses. Recuso-me a criar idiotas com deficiência de QI.

— Não há problema, desde que dividamos a custódia se você planeja continuar trabalhando em Nova York.

Mamãe gostaria de ver os netos regularmente. E isso desviaria a atenção dela de mim.

Dois pássaros. Uma pedra.

Além disso, eu ainda mantinha a esperança estúpida de que meu pai queria que eu tivesse uma família por um motivo que não incluía me sobrecarregar com contas desnecessárias, dores de cabeça e privação de sono.

— Isso parece bastante aceitável. — Eileen inspecionou meu rosto, possivelmente em busca de sinais de que eu tinha saído correndo porta afora. A única pessoa que eu queria saindo era ela. — E... você tem certeza de que concordará com esse acordo? — Ela bateu no joelho novamente. *Toque, toque, toque.* — Que você não vai decidir de repente que quer amor, ursinhos de pelúcia e todas essas bobagens. Minha irmã diz que todo homem acaba querendo apenas uma coisa. Se-

— Dinheiro — terminei por ela. — O resto dos vícios da vida me aborrece. Não vou mudar de ideia.

— Isso me lembra: camas separadas?

— *Alas separadas.*

— Eu sou realmente tão pouco atraente para você?

— Não é você, Eileen. Sou eu.

*Na verdade, é você também. Por ser meu clone mental. Eu já faço sexo comigo mesmo. Chama-se masturbação.*

O silêncio nos envolveu.

Sem mais nada para discutir, levantei-me, limpando as rugas da calça. Eileen me espelhou, erguendo-se em toda a sua altura.

Imaginei que um dia ficaria ressentido com o modo como ela usava os lábios – franzidos em forma de idiota – porque sua expressão era eternamente amarga.

Salvei a minuta do contrato em meu aplicativo, ansioso para acompanhá-la para fora do local. — Farei com que meu pessoal entre em contato com o seu para futuras negociações e instruções.

— Eu não tenho ninguém — ela citou a palavra com os dedos. —



Mas o seu pode entrar em contato comigo pelo meu celular. Que tal apertarmos as mãos para isso?

E então, sem um pinga de consideração pelo quão nauseante era seu toque, ela forçou sua mão na minha e deu-lhe um aperto firme, úmido e *quente*.

Imediatamente, o ácido agitou meu estômago.

Fiquei paralisado por um momento, atordoado e horrorizado, meu olhar preso com força no local onde nossa carne se conectava.

Meu braço estava frouxo, minha mão estava flácida na dela.

Eu odiava o quão patético eu parecia.

Quão patético *eu me sentia*.

Minha boca se curvou em forma de grito, mas nada saiu.

*Solte-me.*

*Para de me tocar.*

*Vá embora, porra.*

A bile subiu pela minha garganta.

Eu engoli, todo rígido, exceto o braço que ela pegou.

O contrato. O casamento. A promessa. Eu queria esquecer todos eles. Para lavar todo o meu encontro com essa imbecil imprudente.

Mas papai.

*Papai, papai, papai.*

Todo o meu esforço se concentrou em esperar que Eileen retirasse a mão primeiro, em vez de afastá-la.

Quando ela finalmente o fez, quase desmaiei de náusea. A coisa toda durou menos de dois segundos, mas pareceu um dia inteiro.

Eileen pressionou o polegar sobre um monte de migalhas de bolo lunar que ela derramou em seu vestido, espalhando-as em sua xícara de chá inacabada sem nenhuma preocupação no mundo.

Então, ela enfiou a mão na carteira e tirou um cartão de visita de suas profundezas, colocando-o na minha mão novamente.

*Mais toque.*

*Ótimo.*

— Ligue para mim.

— *Argh.* — Minha garganta entupiu com um grito. Não consegui produzir palavras reais. — Saia.

Não exatamente educado, mas o máximo que consegui.

— Claro. Estou saindo. — Os olhos de Eileen oscilaram entre mim e a porta da estufa, tão sintonizados com meu sofrimento quanto um exame de próstata. — Vou lhe enviar alguns apartamentos em Xangai por e-mail. Por favor, certifique-se de me marcar como contato principal.

Meus dedos se fecharam em punho, a inconfundível queimadura de carne humana se espalhando pela minha pele onde ela tocou.

Parecia que eu tinha sido manchado. Marcado, manchado e contaminado. Uma reação alérgica, se é que alguma vez senti uma.

Minha traqueia se estreitou. Eu não conseguia respirar. Ainda parecia que ela estava me tocando.

Eu precisava tirá-la, tirá-la, *tirá-la.*

*Finalmente,* porra – Eileen desapareceu pelas portas duplas abertas.

Bem a tempo de não ver seu futuro marido desabar nas tábuas de madeira.

## CAPÍTULO DEZENOVE

### *Zach*

*Fraco, inútil e patético.*

Não tive tempo de pensar em quão inadequada para a civilização era a casca quebrada do meu corpo.

No minuto em que Eileen desapareceu, corri até o bule e lavei a mão com o líquido quente.

Quando acabou, corri em direção ao banheiro mais próximo.

Natalie me pegou no meio da viagem, com um lote de documentos nas mãos. — Ah, ei. O Sr. Costa e o Sr. von Bismarck estavam se perguntando se...

Eu a evitei, gritando atrás de mim: — A resposta é não.

A porta do banheiro se abriu com a minha pressa, batendo contra a parede. A alça de cristal presa ao interior quebrou o revestimento.

Fechei a porta com um chute e pisei em cacos de vidro pontiagudos com os pés descalços, correndo até a pia.

O sangue se acumulou em meus calcanhares. A dor nem sequer foi registrada.

Eu só precisava tirá-la de cima de mim.

Abri a torneira para superaquecer, enfiei a mão no jato e inclinei a cabeça para trás, gemendo.

A água saiu quente como fogo, açoitando minha carne, ardendo cada centímetro como fios elétricos. Fechei os olhos, praticando respirações profundas.

O polegar *bom* – aquele que não foi contaminado pelo toque de Eileen – fez círculos calmantes sobre minha pele infectada.

Imagens de carne morta e apodrecida colada em mim atacaram

meu cérebro.

*Sangue.*

*A pele queimava até o músculo.*

— *Espere, Zachary, estamos indo buscar você.*

— *Merda, Stan, esse garoto vai ficar fodido. De jeito nenhum ele vai voltar ao normal com isso.*

— *Se fosse eu, também gostaria de morrer.*

Bati na torneira com a mão livre e trêmula, tentando esquentá-la, mas ela já estava no limite.

A água sibilou enquanto queimava minha pele até os ossos. Eu não retirei. *Não poderia.*

*Não quando eu precisava me livrar do toque dela.*

*Não importava o preço.*

A porta atrás de mim sacudiu, balançando nas dobradiças.

— *GI idiota, você está bem? Eu vi você correndo.*

*Claro, era ela.*

*Eu não consegui fazer uma pausa.*

Outra chocalhada. — *Ei, essa coisa está emperrada?*

— *Vá embora — eu rosnei.*

*Mas ela não o fez.*

*Ela não faria isso.*

*Ela nunca seguia as instruções.*

— *O que...? — A voz dela veio de trás de mim, mas eu estava muito profundamente em transe para descobrir como ela conseguiu entrar, apesar da maçaneta quebrada. — Jesus. Zach.*

*A água foi cortada.*

Eu ainda estava com os olhos fechados e a mandíbula dura como pedra para evitar que a bile alojada na minha garganta se projetasse

por todo o mármore.

Queimava minha laringe com sua acidez.

— Puta merda, cara. Sua pele está rosa.

*Farrow.*

Ela estava aqui. Dentro. Bem ao meu lado.

Meus olhos se abriram.

Ela entrou em foco como uma pintura restaurada, familiar, mas nova. Os olhos azuis brilhando. Boca totalmente aberta.

Por que seu uniforme manchado de empregada parecia mais delicioso do que um terno Burberry?

Seramente. Quando Farrow Ballantine começou a parecer tão linda para mim?

Mesmo agora, com o cabelo preso em um coque bagunçado e a franja torta e ondulada colada na testa de suor.

— Como você chegou aqui? — rosnei, afastando esses pensamentos inúteis. — A maçaneta quebrou.

— A fechadura externa ainda está intacta. — Ela levantou um grampo entre nós antes de jogá-lo na pia. Reconheci o momento em que ela processou meu atual estado de coação. Ela bateu a mão na boca, as pupilas correndo soltas nas órbitas. — Que porra é essa, Zach? Olhe para você.

Farrow examinou os arredores, pegou um vaso decorativo e usou-o para me guiar para longe da pia, guiando-me como um pastor.

*Ela sabe que eu não toco.*

*Ela descobriu.*

A ideia de que ela conhecia meu segredo mais obscuro e depravado – e o respeitava – fez meu estômago se revirar.

Era tão típico da vida me empurrar para uma situação tão cruel – só para me ensinar uma lição ainda mais cruel.

A salvação vinha dos lugares mais inesperados. Às vezes, vinha da religião. Às vezes, do perdão. E, às vezes, vinha da garota que você finalmente percebia que não odiava de verdade.

Farrow me empurrou até a parede oposta do banheiro. — Sua pele está em carne viva. Vai formar bolhas. Você tem queimaduras de terceiro grau. Tudo vai acabar se não tratarmos você.

Ela voltou para a torneira e abriu-a, ajustando a temperatura da água para fria, mas não tão fria.

Enquanto esperava a temperatura mudar, ela começou a abrir os armários, procurando por alguma coisa.

— Gabinete superior à sua esquerda. — Deslizei minhas costas pela parede, sentando-me no chão e segurando meu pulso. — Que tipo de idiota mantém seu kit de primeiros socorros no nível inferior?

— Talvez o mesmo que voluntariamente sofreu uma queimadura de terceiro grau porque não gosta de ser tocado, mas não tem coragem de confessar isso — ela retrucou, abrindo uma caixa vermelha e branca e vasculhando através dela.

Tentei engolir e não consegui.

Ela era mais perspicaz do que meus amigos de infância. Eles levaram muito mais tempo para descobrir meu segredo.

Pela primeira vez, não achei graça em Farrow Ballantine.

Eu estava preocupado.

Não havia nada mais perigoso neste mundo do que uma mulher inteligente.

— Vaselina. — Ela retirou um tubo de vaselina. — Bingo. Ei, por que a maior parte desapareceu?

*Maldito Ollie.*

Reuni coragem para examinar a pele que derretia lentamente da minha mão. Vermelho brilhante. Arroxeadas nas bordas. Dedos inchados e com bolhas.

Eu já tinha visto coisas piores, mas ela provavelmente não.

Farrow depositou a vaselina no balcão, continuou a vasculhar o kit e praguejou.

Ela despejou o conteúdo no mármore e estalou os dedos. — Levante-se.

Eu fiz sem questionar.

Não tenho certeza de quando comecei a receber ordens da minha empregada, mas aqui estávamos nós.

Seu dedo correu sob a torneira, verificando novamente a temperatura.

— Coloque a mão debaixo da água corrente. Eu volto já. Não vá a lugar nenhum. — Ela balançou um dedo na minha cara. — Juro por Deus, Zach, se você se afastar um centímetro deste lugar, vou encontrar você e sufocar com um abraço de urso.

Com isso, ela foi embora.

A água fria parecia boa na minha pele, o que me surpreendeu, já que raramente sentia alguma coisa.

Ouvi Farrow se movendo na cozinha próxima, batendo gavetas, xingando... húngaro?

Não passou despercebido que eu deveria ter ficado mais perturbado por ela saber do meu segredo. Talvez porque *eu* conhecesse todos os *seus* segredos e pudesse mostrar suas próprias fraquezas na cara dela.

Não.

A verdade é que eu meio que confiava naquela merdinha.

Farrow abriu a porta do banheiro, segurando um rolo de Saran Wrap na mão e uma garrafa enorme de Advil na outra.

Ela descartou os analgésicos no balcão e fechou a torneira. Em seguida, ela pegou um cotonete, untou-o com vaselina e aplicou uma camada fina na área escaldada com movimentos longos e suaves.

Ela puxou uma tira do filme e rasgou-a com os dentes. — É melhor você me dar um bônus por todas as coisas que eu faço por você.

Eu a ignorei. Farrow abriu uma almofada de hidrogel e prendeu-a na minha mão, tomando cuidado para não fazer contato físico comigo. A queimação se intensificou, lambendo minha carne como fogo. Eu gemi.

— Fique quieto — ela instruiu. — Não se preocupe. Vou embrulhar você sem tocar em você.

Estava na ponta da minha língua dizer a ela que uma mulher como ela não poderia me preocupar, mas agora não era o momento certo para ser orgulhoso.

Fechei minha boca e estendi meu braço em sua direção. Ela manobrou o rolo de filme com precisão cirúrgica, conseguindo envolver a área afetada e a almofada de hidrogel sem tocar minha pele com a dela.

Uma sensação estranha explodiu da minha mão, atingindo meu estômago.

*Dor?*

Algo que eu não sentia há tanto tempo que quase não reconheci.

Eu não sabia se gostava ou odiava sentir dor quando ela estava por perto.

Seus dedos hábeis trabalharam outra camada de filme sobre minha pele. — Este foi um encontro quente?

Eu fiz uma careta, encostando-me na pia. — Você está tentando ser mesquinha?

— *Tendo sucesso* — ela corrigiu. — Um encontro quente. Pegou? Porque você se *queimou*.

— Pessoas engraçadas não precisam explicar suas piadas e não foi um encontro.

— Graças a Deus. Você estava muito frio e inacessível. Eu teria



desistido no olá. E aquele tour pela casa? Cara, você não é o presidente. Ninguém se importa com a madeira decorativa do seu quarto principal.

Eu a prendi com um olhar de advertência.

Ela me ignorou. — Se não foi um encontro, o que foi?

— Um possível acordo comercial.

Sem nenhuma razão lógica, parecia profundamente errado falar com ela sobre Eileen.

— Natalie sabe? — O canto da boca de Farrow se curvou em um sorriso malicioso. — Ela meio que tem uma queda por você.

— Eu também tenho uma queda por ela.

— Você tem?

— Sim. Tédio.

— Pobre Natalie. — Ela balançou a cabeça, aplicando uma terceira camada do filme em volta da minha pele. Ela acenou com a cabeça para o embrulho. — Posso prender com o dedo? Vou ter que tocar em você.

Ela teria que me tocar através de três camadas de polietileno. Eu sobreviveria.

Apesar de todos os esforços para combatê-lo, uma pitada de calor subiu até meu rosto. — Tudo bem.

Seu polegar cavou no envoltório do meu pulso. Observei com admiração enquanto seus dedos ágeis trabalhavam na folha transparente.

Ainda era desconfortável ser tocado, mas não me importava tanto passando por uma barreira.

Ela pegou o frasco de Advil do balcão, juntou dois comprimidos e os jogou em minha mão saudável. — Engula isso enquanto eu seguro o filme.

Coloquei-os na boca e engoli-os, olhando para ela.

Por que Farrow cuidar das minhas queimaduras me excitava mais do que comer bolos lunares de gema tripla com minha imaculada noiva?

Isso não fazia sentido nenhum. E o bom senso era a única coisa com que eu sempre podia contar.

Inclinei a cabeça, observando o filme ondular enquanto a respiração dela se espalhava por ele. — O que não entendo é: como você pode ser tão pobre quando não precisa pagar aluguel e serviços públicos, ser coproprietária de uma pequena empresa relativamente bem-sucedida e trabalhar como treinadora de esgrima?

A resposta caiu no meu colo durante um mergulho profundo em sua vida, mas achei que deveria estabelecer algum tipo de discurso entre nós antes de abordar o assunto de transar com ela.

A garganta de Farrow rolou ao engolir, seus olhos fixos em minha mão machucada enquanto ela trabalhava. — A casa está paga e a escritura está em meu nome e da minha madrasta, mas eu pago o aluguel na forma de imposto sobre a propriedade e metade dos serviços públicos. Independentemente disso, eu me meti em uma... *situação*. Eu tenho que pagar uma taxa alta. Ainda estou trabalhando nisso.

— O que você fez?

Mas eu já sabia.

O que eu realmente queria perguntar era: *por que você fez isso?*

Ela não parecia o tipo.

— Não é da sua conta.

— Você está na minha casa. Seu caráter é minha preocupação.

— Deveria ter pensado nisso antes de contratar alguém que tentou roubar de você. Alegadamente.

Os nós nas minhas costas começaram a se afrouxar, embora ela ainda me tocasse através do filme. — Você tem um namorado?

Na verdade, eu não me importava.

Isso não influenciaria minha tomada de decisão, embora pudesse se tornar uma dor de cabeça usar a mulher de outro homem.

Ela semicerrou os olhos. — Vou repetir: não é da sua conta.

— Podemos deixar uma coisa clara? — Descansei um quadril contra a bancada. — Tudo o que você faz, todos com quem você se comunica e cada maldita respiração que você respira é da minha conta. Fiz de você meu negócio no dia em que a contratei e sou um *ótimo* empresário. Agora que isso foi resolvido, você pode fornecer as informações voluntariamente ou posso extraí-las de outras maneiras. A escolha é sua.

— Que escolha? Você não está me deixando margem de manobra. — Ela deu um passo para trás e pegou o telefone que havia jogado no chão quando invadiu o banheiro, guardando-o no bolso. — Você obterá a informação de qualquer maneira.

Dei de ombros. — É melhor confessar.

— Eu não tenho namorado. — Suas narinas dilataram-se. — E também não estou interessada em ter nenhum.

— A população masculina do mundo está certamente devastada — falei lentamente.

Mas ela parecia completamente despreocupada com minha piada.

Talvez até aliviada.

— É uma pena. — Ela deu um sorriso. — Você sabe como diz o ditado... *Se você não consegue lidar com o meu pior, então tenho novidades para você. Minha personalidade só irá deteriorar daqui em diante.*

— Esse *não* é o ditado correto.

— É o ditado correto para *minha* personalidade. — Ela limpou as mãos no avental do uniforme. — De qualquer forma, você gosta dela?

*Por quê?*

*Você se importa?*

Eu me fiz de bobo. — Quem?

— Audrey Huffborn.

— É Hepburn — corriji.

— Não a sua noiva. Ela é elegante e fina como a real, mas é obviamente infeliz. — Farrow inclinou a cabeça. — Então? Você gosta dela?

— Sim — eu menti.

Eu precisava.

Ela continuou olhando através de mim, profundamente em uma alma que eu achava que não existia, procurando em meu rosto algo que ela nunca encontraria.

*Emoções.*

— Ela é muito bonita. — A carranca de Farrow suavizou-se. — Cabelo brilhante, lábios vermelhos, olhos amendoados-

— Você é melhor do que isso — eu interrompi, perguntando-me internamente se ela realmente era.

— Melhor do que o quê?

— Descrevendo minorias através da comida.

Ela pareceu surpresa, mas não defensiva. — Nunca pensei nisso dessa forma.

Arqueei uma sobrancelha. — Como você se sentiria se eu dissesse que você tem olhos de panqueca?

Ela inclinou a cabeça para trás, bufando. — Devidamente anotado. Embora...

— Sim?

— Só para constar, adoro amêndoas. *E* panquecas. — Ela gemeu. — Deus, eu adoro panquecas. Oh, panquecas pegajosas de chocolate cobertas com amêndoas extras.

Ela era ridícula. Completamente desequilibrada.

No entanto, meus lábios se contraíram, lutando contra um sorriso.

— Você pode sair agora.

Ela semicerrou os olhos. — Você não vai me agradecer?

— Pelo quê?

— Sua mão!

— Obrigado pela minha mão? — Pisquei, deliberadamente não entendendo. — Você não costurou tudo de novo, Octi. Você apenas embrulhou em filme.

— Uau, você é um idiota.

Ela girou, saindo do banheiro.

*E você é minha.*

Eu me certificaria disso.

— Não se esqueça de limpar a estufa do café da manhã — gritei atrás dela. — Minha acompanhante deixou algumas migalhas.

# CAPÍTULO VINTE

## *Farrow*

A mansão Sun brilhava quando terminei meu primeiro dia.

Claro, eu requisitei o desagradável veículo de guerra de Zach para um passeio alegre e virei o pênis de pedra da estátua romana no labirinto do jardim de cabeça para baixo. (Não que tenha sido eu quem o quebrou em primeiro lugar.)

Mas, no geral, deixei o lugar em melhor estado do que o encontrei, considerando que já estava em ótimas condições. Nada fora do lugar. Nem mesmo um palito.

Quando abri as pesadas portas duplas e segui em direção ao meu antigo Prius, minha tela de bloqueio marcava sete e meia. Tarde demais para caminhar por uma estrada de quatrocentos metros na escuridão total em qualquer outra cidade que não fosse Potomac.

Todas as outras casas na Dark Prince Road eram iluminadas. Não a de Zach. Não. Ele preferia divulgar a existência infernal que vivia.

Caminhei pela calçada, amaldiçoando meu novo chefe.

Esta manhã, quando cheguei aos portões de ferro, um segurança me instruiu a estacionar fora da propriedade.

Ele deu de ombros. — Ordem do chefe.

Eu não duvidava disso.

Parecia o beco de Satanás para me torturar, apenas por diversão. Entretenimento barato me ver correndo até sua mansão na chuva.

Que idiota total.

E ainda assim, algo frágil espreitava sob sua superfície que eu não conseguia explicar. A maneira como ele quase se encolheu quando confrontado com o toque humano partiu meu coração.

Eu não poderia odiá-lo totalmente, mesmo quando sabia que provavelmente deveria.

As folhas de outono estalavam sob minhas botas. A fonte de água borbulhante tomou conta dos meus ouvidos enquanto eu passava por ela.

Cheguei ao portão de segurança, passando através dele em vez de passar por cima desta vez.

À minha frente, a ampla mansão Costa brilhava com luzes cremosas, mesmo àquela distância.

Parei e olhei de longe, exausta demais para me preocupar com o quão patética eu parecia.

Um food truck passou pelo portão particular e navegou pelo caminho de oitocentos metros, deixando o cheiro de gengibre, capim-limão e canela em seu rastro.

Comida.

Para um jantar normal durante a semana.

Uma corrente de baba passou pelos meus dentes. Eu não tinha comido o dia todo.

Avistei a figura borrada de uma mulher muito grávida. Dallas Costa, talvez?

Ela irrompeu pela entrada, correndo para o food truck com um glamoroso vestido amarelo-canário na altura dos joelhos.

Atrás dela, o marido puxou-a para trás, envolvendo-a nos braços, para que ela não tivesse que andar.

Eles arrulhavam nos ouvidos um do outro enquanto um exército de garçons levava bandejas do porta-malas para dentro da casa.

Meu coração chorou de ciúme.

Perguntei-me, pela milionésima vez, como é que pessoas diferentes podiam levar vidas tão diferentes no mesmo CEP.

À minha esquerda, os portões de Oliver von Bismarck

permaneciam permanentemente abertos enquanto uma fila de carros luxuosos passava.

A música ecoava pela rua. Ele provavelmente estava dando outra festa obscena. E por festa, eu quis dizer orgia.

Os rumores viajaram rápido nesta cidade.

— *Oliver é um autoproclamado vaginívoro* — lembrei-me de Reggie dizendo a Tabby. — *Ele sente prazer com qualquer pessoa que considere bonita o suficiente para se tornar sua próxima refeição.*

Apostava que ele não tinha nenhuma preocupação no mundo.

Apostava que ele nunca se perguntou como pagaria uma dívida ou preservaria o legado de seu pai.

*Pare com a festa da piedade, Fae.*

*As lutas não são ruins. Você aproveita mais a vista se subir lá.*

Uma breve buzina desviou minha atenção da mansão von Bismarck. Lama espessa espirrou em meus tênis quando um Maybach parou ao meu lado.

A janela traseira baixou, revelando uma mulher mais velha cuja idade eu não conseguia precisar.

Ela usava uma jaqueta Lululemon sobre um macacão Ernest Leoty que exibia seu físico de Pilates. Uma bolsa de ginástica xadrez Burberry ocupava o resto do banco de couro.

Fiquei chocada ao saber que esta mulher deslumbrante deu à luz um filho cujo sorriso feroz lembrava uma crise de saúde.

— Farrow. — Ela tirou os AirPods das orelhas. — Você tem um minuto?

A mãe de Zach sabia meu nome?

A família Sun certamente fez o dever de casa.

Então, novamente, eu a reconheci da minha própria pesquisa.

Balancei a cabeça, mas isso não importava.



O motorista dela já havia mudado o carro para Park. Ele saiu, abriu a porta da Sra. Sun e estendeu a mão. Ela aceitou, saindo com graça.

A julgar pela linha reta de seus lábios, suspeitei que gostaria de conversar com ela tão pouco quanto gostava de conversar com sua prole.

Mesmo assim, dei a ela o benefício da dúvida, colando um sorriso educado nos lábios.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Você é a nova governanta de Zachary, correto?

Dei de ombros, mas não disse nada.

— Eu sou Constance. A mãe dele.

— Eu sei.

Ela não me ofereceu a mão, mas eu sabia que não tinha nada a ver com fobia. Não importava.

Papai sempre dizia: *Ninguém pode desvalorizar você sem o seu consentimento.*

Bem, permissão não concedida.

Constance apertou seu rabo de cavalo perfeito. — Você estava na festa de Zach, não estava?

Outro aceno de cabeça.

E um... *latido*?

Três Corgis fofinhos espiavam pela janela aberta. Eles usavam roupas combinando, mais bem vestidos do que eu jamais estaria.

Constance acariciou uma de suas cabeças pela janela, seus olhos ainda me mantendo como refém. — Zach parece ter gostado de você.

Na verdade, não havia necessidade do tom de desgosto. Suas palavras faziam tanto sentido quanto o perdão anual aos perus.

Atrás dela, o Maybach bloqueava meu Prius. Mesmo assim,

peguei uma chave na mochila e apertei o botão de desbloqueio.

O carro apitou duas vezes.

Eu considerei isso minha resposta.

— Não é uma grande faladora, pelo que vejo. Ainda bem, suponho. — Ela tirou o pó das mãos e assentiu. — Vamos direto ao assunto. Meu filho é um excelente predador. Como tal, ele decidiu trazer para casa sua presa. Mas você é errada para ele.

— Sou, agora? — Amarrei um lenço barato no pescoço. O aquecedor do carro era um dos muitos luxos que eu não podia pagar.

— Sem ofensa.

— Nenhuma. É um elogio. Seu filho é muito... *peculiar*.

A escavação ricocheteou nela, provavelmente amortecida pela verdade atada a ela. — Não tenho nada contra você.

— Ótimo ouvir.

— É só que... Zach está em um momento importante em sua vida. Temo que você possa interferir nas decisões dele. Que ele está confuso e cego por sua... sua... — seus olhos percorreram um caminho desde meu cabelo despenteado até meus sapatos enlameados, procurando por algo positivo para dizer sobre mim — ... astúcia, talvez.

Eu me perguntei quanto tempo essa conversa levaria. Eu precisava fazer meus alongamentos e correr alguns quilômetros antes do jantar.

Ela brincou com o colar Chanel simples que descansava entre suas clavículas. — Olha, tenho certeza que você é uma garota adorável, que fará alguém muito feliz. Mas esse alguém não é meu filho.

O frio atingiu minha carne como um animal faminto.

Arqueei uma sobrancelha, esperando acabar com isso antes de sucumbir ao congelamento. — Você sabe que passei o dia inteiro limpando o banheiro dele, certo? Não dançando pole em suas colunas gregas.

— Francesas, não gregas. — Suas narinas dilataram-se. — No entanto, você precisa desistir.

— Talvez. — Contornei o Maybach até meu Prius, joguei minha mochila no banco do passageiro e abri o lado do motorista. — Mas eu preciso mais do dinheiro.

*E toda a ajuda que Zach prometeu viria junto.*

— Vou preencher um cheque para você.

Ela bateu minha porta antes que eu pudesse entrar, colando-se no metal enferrujado. Sua figura tonificada mal cobria uma fração dela.

Um pensamento ridículo passou pela minha cabeça: como algo tão pequeno poderia dar à luz alguém tão grande?

Constance esticou os braços, bloqueando-me. — Diga seu preço.

— Essa é a coisa. — Cruzei os braços sobre o peito. — Minha integridade não tem preço.

Isso era maravilhoso, considerando o que eu fiz para ser expulsa da esgrima competitiva, mas ela não precisava saber disso.

— Sua integridade *terá* um preço se garantir a felicidade do meu filho. — Ela ergueu o queixo, recusando-se a se mover. — E não há nada mais importante para mim do que sua alegria.

Uau. OK.

Eu tentei ser educada, mas ela acabou com minha paciência.

Os nós nas minhas costas me provocaram. Eu não precisava lidar com as exigências do filho dela *e* com as dela também.

Pela primeira vez, eu queria ser a espada, não o esgrimista.

— Ah, eu não sei sobre isso. — Levei a mão ao peito, as sobrancelhas franzidas em falsa tristeza. — Eu o peguei em seu closet depois do encontro, chorando em uma garrafa de champanhe. Pobre rapaz. Parece ter realmente perdido o controle. Vomitou em cima de um terno Armani novo.

O espanto em seu rosto praticamente arrancou seu queixo das

dobradiças. Olhei ao redor, perguntando-me como Zach planejava destruir minha vida se sua mãe morresse de ataque cardíaco aqui mesmo.

Ela fechou a mandíbula. — Eu quero você fora da casa dele e longe. Não seja ridícula. Pegue o dinheiro e vá embora.

Na hora certa, o motorista baixou a janela do nosso lado, entregando-lhe um talão de cheques.

Entrei no Maybach para acariciar seus cachorros. Um deles apoiou as patas dianteiras na minha mão, lambendo meus dedos e pulso. — Dois milhões de dólares.

Eu não sabia de onde veio o número. Parecia obsceno. Mas não era como se ela não tivesse tanto dinheiro.

Aposto que os malditos tênis dela custaram mais.

— Você não pode estar falando sério. — Ela acenou para o filhote, afastando-o de mim.

Aparentemente, não era só para Zach que eu não era boa o suficiente.

— Aceito apenas dinheiro e Bitcoin. Não gostaria que os federais ficassem com seus quarenta por cento. — Endireitei-me, apontando para o meu Prius. — Agora, se você me der licença.

Constance Sun olhou para o relógio Apple, balançou a cabeça e olhou para o céu, que decidira derramar chuva sobre esse encontro já miserável. — Um ponto cinco.

*Oh, meu Deus.*

Ela estava falando sério.

— Dois milhões, ou você terá que sofrer por dividir uma mesa de jantar comigo todo Dia de Ação de Graças. — Eu sorri. — Vou comprar para você os suéteres mais feios para o aniversário de Jesus.

— Somos ateus.

— Eu não sou. Zach respeitará minha religião. — Inclinei minha

cabeça para o lado. — Você é P ou PP? E você prefere pizzas espaciais ou luzes de Natal?

O pânico patinou em seu rosto.

Ela realmente me levou a sério.

— Tudo bem. Tudo bem. Bitcoin.

Fiquei momentaneamente sem palavras.

Ela queria me dar dois milhões de dólares para desistir?

Uma parte de mim – uma grande parte – queria aceitá-lo.

Mas outra parte me disse que Zach ofereceu algo muito mais precioso do que dinheiro. Os advogados e investigadores particulares mais talentosos e conectados e recursos ilimitados para descobrir o que aconteceu com papai.

— Na verdade. — Eu torci meu nariz. — Acho que vou ficar por aqui, afinal. Nada como um trabalho que lhe dá um pouco de fofoca.

Sua mão voou para o peito.

Foi preciso tudo para não cair na gargalhada. As pessoas ricas não estavam acostumadas a serem rejeitadas, especialmente depois de ostentarem seu dinheiro.

Se ela tivesse me abordado educadamente, sem condescendência e suposições cruéis, eu poderia ter dito sim.

Mas nunca saberíamos agora.

— Isso não acabou.

— Não tenho medo de você, Sra. Sun — eu pronunciei as palavras, mantendo contato visual. — Você não vai me intimidar até me submeter.

Ela me lançou um olhar antes de desaparecer tão rápido quanto veio.

Sentindo algo – *alguém* – virei a cabeça, olhando para as grandes janelas salientes da mansão de Zach.

Ele estava ali, olhando pelo vidro. Para mim.

Nossos olhares se entrelaçaram.

O dele não vacilou.

*Não vou recuar*, diziam meus olhos.

Ele sorriu e quase pude ouvir a palavra em seus lábios.

*Bom.*

## CAPÍTULO VINTE E UM

### *Farrow*

**Ari:**

Como foi seu primeiro dia?

**Farrow:**

Uma delícia.

**Farrow:**

Comecei me esforçando por dez horas.

**Ari:**

Mas é uma bunda linda, então o copo meio cheio.

**Farrow:**

Então, ele e sua acompanhante me observaram limpando o piso juntos, o que também foi uma delícia.

**Ari:**

Limpando o piso?

**Ari:**

Esse é o código para alguma coisa?

**Ari:**

Eu juro, as perversões mais estranhas vêm da América.

**Ari:**

Espere. Ele levou uma acompanhante para casa?

**Ari:**

Que filho da puta.

**Farrow:**

Comeram bolos lunares e tomaram chá na estufa com vista para o rio Potomac.

**Ari:**

OK. Retiro o que eu disse.

**Ari:**

Isso parece muito pitoresco.

**Farrow:**

Oh. E então a mãe dele me perseguiu, oferecendo-se para me pagar para não trabalhar para ele.

**Farrow:**

Recusei DOIS MILHÕES DE DÓLARES. Agora é uma boa hora para me dizer que sou estúpida.

**Ari:**

Você não é estúpida. Você tem moral.

**Ari:**

Mas por quê?

**Farrow:**

Ela acha que ele gosta demais de mim.

**Farrow:**

Aposto que ela está preocupada que eu roube o esperma dele enquanto arrumo o quarto dele.

**Ari:**

Quero dizer... isso está completamente fora de questão?

**Ari:**

Ele é gostoso. LOL.

**Farrow:**

Vadia, eu daria à luz o próximo ceifador ou algo assim. O homem é letal.



**Farrow:**

Mas chega de falar da minha vida glamorosa.

**Farrow:**

O que está fazendo com sua vida?

**Ari:**

Escolhendo o catering para meu casamento no próximo verão.

**Farrow:**

Gostaria de poder estar aí. Sinto falta de Seul.

**Ari:**

Seul sente sua falta.

**Farrow:**

Venha visitar em breve.

**Ari:**

Prometo. <3

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

### *Farrow*

Considerarei o ovo atirado na minha têmpora como um sinal de Deus de que tomei a decisão certa ao entregar minha alma a Zachary Sun.

Na verdade, expulsar meus monstros da casa do meu pai me daria a paz e a tranquilidade necessárias.

Os lamentos de Reggie ecoaram da cozinha até a entrada. — Acho que estou tendo um ataque de pânico.

Eu também faria isso se tivesse perdido minha vocação no beisebol. Com aquele braço, ela poderia ter sido a próxima Spencer Strider.

Fechei a porta da frente atrás de mim e ignorei a gema respingada, sentindo-me como se um semirreboque tivesse me atropelado várias vezes antes de alguém tirar-me da estrada, jogar-me no fogo de uma lixeira e depois atirar em meus restos mortais.

Cada centímetro meu parecia machucado, desnutrido e cansado até os ossos.

Quando entrei na cozinha, o conteúdo do freezer me cumprimentou. Vegetais congelados, nuggets de frango e meio litro de sorvete antigo espalhados pelo chão.

— Não consigo encontrar meus macarons. — Reggie saiu da despensa com o rosto cheio de maquiagem e um vestido saído diretamente de *Stepford Wives*. — Por favor, diga-me que você não os comeu, Tab. Como posso completar meu vlog?

— Essa merda consegue trezentas visualizações em um dia bom. — Sentada em um banco de ilha, Tabby passou a língua pelos dentes na frente de um espelho compacto. Ela pegou as chaves do carro de uma fruteira feia. — Admita, Reggie, não é uma carreira. É um poço

de dinheiro. Seja uma Elsa, não uma Anna.

— Uma Elsa?

— *Deixa para lá.*

Com um suspiro, abri a geladeira, peguei um copo de iogurte e roubei a bandeja de framboesas meio comida de alguém.

Nem a Coisa 1 nem a Coisa 2 me notaram, mesmo depois que bati a porta com o quadril e comecei a caminhar até o meu quarto.

Eu limparia tudo amanhã.

Eu estava cansada.

Reggie pisou nas minhas costas. — Você está com ciúme, eu realmente tenho uma carreira.

Joguei algumas framboesas na boca e me perguntei que tipo de jantar de dar água na boca o chef de Zach preparou para ele esta noite.

Agarrando-me ao corrimão, subi as escadas de dois em dois degraus, balançando a cabeça. Ficava mais quente à medida que eu avançava pelo longo e estreito corredor.

O meu era o último quarto e de longe o menor. Isso me servia bem. Mais fácil de aquecer no inverno.

Abri a porta com um chute, sem me importar com o fato de que ela já estava entreaberta, quando encontrei Vera sentada como uma compota de maçã na minha cama, cercada por uma auréola de documentos espalhados.

Coloquei meu jantar na mesa de estudo e corri para a cama, recolhendo todos os papéis. — Que diabos está fazendo?

Minha certidão de nascimento.

Uma carta de compromisso com um advogado que já havia me dispensado há seis meses, quando eu não tinha condições de pagar o adiantamento.

Alguns documentos legais relativos à minha penalidade da

federação de esgrima.

Tudo ali.

*Checado, checado, checado.*

Vera se levantou, reorganizando o cinto Gucci na cintura. Um tesouro de segunda mão que ela pegou em um brechó.

— Não fique tão escandalizada, criança. Eu sabia que você estava tramando alguma coisa, então decidi farejar.

— Você mexeu nas minhas coisas? — cuspi, recolhendo tudo em meus braços e abrindo a pasta azul onde tinha tudo organizado. — Quem deu o direito a você?

Ela jogou o cabelo descolorido para um ombro. — Esta é a minha casa, você sabe.

— *Nossa* — corrigi, empurrando os documentos para dentro e apertando a pasta contra o peito. — Pertence a mim também.

Vera olhou ao redor com desgosto, já calculando o que poderia fazer com o espaço. — Eu vou comprar de você eventualmente.

— Com que dinheiro? Sou a única aqui que *trabalha*.

Ela entrou no meu closet. As dobradiças rangeram e gemeram. — Não me venha com essa atitude. Você merece tudo que está vindo em sua direção.

Cada músculo do meu corpo se contraiu quando ela começou a vasculhar minhas roupas, procurando por... *o quê?*

Segredos? Mais documentos? Coisas para ajudá-la a descobrir o que eu estava fazendo?

Ela já sabia que eu planejava contestar o testamento assim que tivesse condições. Qualquer pessoa com um cérebro funcional poderia adivinhar isso.

— Por quê? — Corri atrás dela, reorganizando tudo que ela jogava, puxava e tirava. — Por que você me odeia tanto?

Uma pergunta genuína.

Eu não acreditava em contos de fadas com vilões unidimensionais e heróis angelicais.

Eu acreditava na área cinzenta entre o bom e o ruim. Onde pessoas boas poderiam fazer escolhas erradas e ainda assim tentar melhorar no dia seguinte.

Vera enrolou uma camisa minha e a jogou no chão, girando em minha direção.

— Você realmente quer saber? Mesmo quando a resposta é tão óbvia? — Calças pesadas sacudiram seus ombros. — Você era sua filha biológica, Farrow. Que se parecia com ele. Você tinha a vantagem do DNA. E ele estava obcecado por você. Amou você muito mais do que você merecia. Ele apenas fingiu com Reggie e Tabby. — Ela levou a mão ao peito, o anel de noivado do tamanho de um globo que papai lhe dera brilhando sob a luz. Lágrimas brotaram de seus olhos. — Oh, minhas queridas meninas. Elas tentaram tanto agradá-lo.

Minha mandíbula travou.

Lutei para não chorar.

Sentia muita falta dele, não porque ele fosse o melhor pai, mas porque ele era a única pessoa ao meu lado.

Era uma droga. A solidão que sentia desde que ele morreu se agarrou a mim como um vestido de látex.

Às vezes, eu fechava os olhos e lutava contra a onda constante de solidão contando as primeiras lembranças que papai e eu compartilhamos.

Ultimamente, ficou mais difícil. As memórias eram um péssimo ex. Quando você queria que elas fossem embora, elas ficavam. Quando você as queria aqui, elas iam embora.

Vera se afastou do cabideiro e se abraçou. — E ele investiu todos os seus recursos e tempo na sua esgrima. Sempre ficamos em segundo lugar depois de você. Ele torceu por você em todas as competições que você já participou, mas nunca compareceu aos recitais de balé de Tabby ou às partidas de pickleball de Reggie.

Agora não era hora de apontar que ambas eram péssimas em suas artes e duraram vírgula três segundos.

Toda a carreira de balé de Tabby poderia ser resumida em um vídeo caseiro de três minutos dela estrelando como uma árvore em *O Quebra-Nozes*. A peça não exigia que ela se movesse.

Na verdade, *incentivava* a quietude.

— Você queria que ele me entregasse quando minha mãe me deixou na porta dele. — Agarrei um dos moletons do meu pai que ela havia descartado no meu peito. — Sua crueldade não pode ser desculpada.

— Sim, eu fiz. — Os olhos de Vera encontraram os meus. Ela era alta, orgulhosa e sem remorso. — Você era um bebê querubim saudável. Nem mesmo um mês de idade. Você teria encontrado uma família maravilhosa para adotá-la, em algum lugar onde não precisasse competir por atenção. Eu tentei fazer um favor a você. Você não era material para um orfanato.

— Oh. Uau. — Balancei a cabeça, uma risada amarga me escapou. — Você *não* acabou de dizer isso.

Mas claro que ela disse.

Vera Ballantine não tinha limites.

Abri a porta, acenando com a mão para a cavidade que ela deixou. — Saia do meu quarto.

Vera avançou até mim, enfiando o rosto no meu. — Não conteste o testamento, Farrow.

— Não é o testamento real.

Seu rosto estava tão perto do meu que eu podia ver a raiva flutuando em seus olhos vermelhos. — Como você sabe?

— Porque ele teria me deixado o negócio.

*E o pingente também.*

Aquele que eu receberia de Zach, não importando o que

acontecesse.

Papai queria que eu tivesse tudo o que ele amava, porque sabia que eu manteria isso perto do meu coração. Manteria sua memória segura.

— Sua pequena idiota. — Ela levantou a mão. Eu me encolhi, antecipando seu ataque. Em vez disso, seu sorriso se alargou enquanto ela fingiu limpar algo do meu ombro. — Você nunca vai derrubar a mim e as minhas garotas.

Com isso, ela foi embora.

# CAPÍTULO VINTE E TRÊS

## *Zach*

Brett Conner era uma das pessoas menos palatáveis que já conheci.

Um testemunho verdadeiramente grotesco de seu caráter, considerando que considerava a grande maioria dos meus colegas indignos de oxigênio.

Infelizmente, Brett Junior era o COO de uma empresa que pretendia adquirir. Dot Cum. Uma plataforma de mídia social NSFW emergente com um crescimento de pesquisa acima de 4.900% e dezoito milhões de usuários ativos por mês, um número que crescia a cada minuto.

Você poderia dizer que o amor de Brett Sênior pela boceta era tanto sua bênção quanto sua maldição. Isso lhe rendeu uma empresa avaliada em mais de três bilhões de dólares..., mas também um filho cuja única contribuição para a sociedade foi manter funcionando o nicho de boutiques de designers.

— Ei. — Brett Junior entrou em minha casa usando óculos escuros Prada neon e um agasalho Gucci dourado. — Ei, OC, meu cara.

OC.

Como em: *Orange Chicken*.<sup>11</sup>

Na verdade, o fato de ele ter conseguido sobreviver aos vinte anos sem ser esfaqueado no rosto por uma faca só poderia ser considerado um milagre.

Ele ergueu o punho para dar um cumprimento, seu sorriso idiota característico sendo a única indicação de função cognitiva. — Trouxe um pouco de champanhe feito na Itália. A coisa real.



Não tive coragem de dizer que ele estava errado.

Francamente, eu não tinha coração nenhum.

Se eu possuísse tal órgão, certamente não gastaria um minuto dele com este homem.

Tragicamente, também parecia que meu pulso não seria afetado pela Srta. Eileen Yang, que passou os últimos encontros me enviando links imobiliários em Xangai.

Ela já provava ser uma dor de cabeça.

Brett Sênior seguiu atrás do decepcionante subproduto de seu esperma, seguido pelo chefe de contabilidade de Dot Cum, um terno chamado Jasper.

Quando ignorei seu cumprimento, Junior passou arrogantemente pela estátua de Guan Yu em meu saguão, com os braços abertos para um abraço de irmão.

Eu o evitei quando ele se lançou em mim, fazendo-o cair no chão.

— Ai, credo. — Ele segurou suas bolas, ainda de bruços. — Por que você fez isso?

— Não sou muito fã de abraços. — Usei a ponta do meu sapato para virá-lo e ele se deitou de costas. — Não babe no meu chão. Minha faxineira não precisa de nenhum trabalho extra. E para referência futura, não me chame de Orange Chicken, a menos que você esteja preparado para que eu o chame de *Unpurposed Flour*.<sup>12</sup>

Junior esfregou o joelho, franzindo a testa para mim. — Farinha? Mas eu nem sou Floyd.

Fechei os olhos, respirando fundo.

Sênior estremeceu, baixando a cabeça e balançando a mão antes de lembrar que não fui eu quem fez isso. Ele colocou a mão de volta no bolso.

— Minhas desculpas, Sr. Sun. Meu filho está bastante... sobrecarregado com seu papel corporativo. — Ele tirou o chapéu, alisando tufos brancos de cabelo. — Suspeito que você fará algumas

mudanças na gestão se este acordo for concretizado?

Virei as costas para os três, indo em direção à área de jantar. — Vou nomear minha própria equipe.

Optei por um jantar tranquilo em casa, em vez de uma reunião oficial. Os dados de que eu precisava – números viáveis, receita anual, despesas e lucro líquido – já estavam guardados em um cofre dentro da minha cabeça.

Esta manhã, determinei o preço que estava disposto a pagar pela empresa. Oscilava em algum lugar abaixo da metade da avaliação projetada pela *Forbes*.

Agora era apenas uma questão de submeter os Bretts à minha vontade e fodê-los.

O único tipo de merda que eu fazia.

— Obrigado por sua hospitalidade, Sr. Sun. — Jasper acompanhou meu ritmo com Sênior logo atrás de nós. — Poderíamos ter acertado os detalhes mais sutis em um escritório, então agradeço o toque extra-

— Por favor, retire sua língua da minha bunda. Não é uma torção que eu pratique. — Meus pés me levaram pela grande galeria de latão e marfim. — Ah, e deixe-me poupar-lhe a pergunta embaraçosa: também não vou mantê-lo na folha de pagamento.

Ele fechou a boca.

Junior se levantou do piso e correu para nos alcançar.

— Eu entendo toda a rotina do jogo duro. Entendo, cara. Mas não vou deixar você comer nosso lanche nem nada. Estenda um tapete de boas-vindas debaixo da minha bunda e eu deixarei você fazer um acordo comigo. — Ele circulou o dedo próximo à têmpora, assobiando. — Não seja ilusório, sim?

Nada – e eu tinha certeza disso – poderia me fazer detestar mais esse cara. O fato de falarmos a mesma língua, mas não conseguirmos entender uma palavra dos lábios do outro, era uma prova de quão

longe nossa língua franca havia caído.

— O fato de você querer comprar Dot Cum diz tudo. — Junior bateu no peito. — Fizemos um bom trabalho. Merecemos ficar.

— Não confunda sorte com talento. Você tropeçou em um buraco no mercado, sem trocadilhos. Você tem três desenvolvedores respeitáveis perseguindo você e uma litania de funcionários incompetentes correndo sua maratona. Seus adversários *irão* alcançá-lo e, quando o fizerem, você poderá dar adeus ao cartão preto do papai.

Ele coçou a têmpora. — Adversários?

— Concorrentes. Oponentes. Rivais. Pessoas muito mais inteligentes que você. Você não tem ideia de como monetizar sua própria marca. Eu sou o Jesus para o seu Lázaro, garoto. — Passei por dois garçons, que mantinham cada porta dupla aberta, revelando uma sala de jantar com colunas e janelas francesas do chão ao teto. — Você não está aqui para negociar. Você está aqui para fazer sons no tapete e deixar os adultos falarem.

— Disseram que você era um bastardo frio, mas achei que estavam exagerando — ele murmurou.

— Eles não fizeram isso. — Parei na cadeira na cabeceira da longa mesa oval. — Na verdade, eles provavelmente minimizaram.

As pessoas me perdoavam por minha atitude cruel porque eu era muito rico e poderoso para ser contrariado.

Também porque colecionava uma longa lista de favores ao longo dos meus trinta e três anos, e a perspectiva de exigir suas almas em troca os fazia tremer durante o sono.

Quatro garçons correram para puxar nossas cadeiras. A equipe do bufê rondava a mesa, abrindo garrafas de vinho e colocando-as em nossos copos.

Junior fez um gesto para que uma garçonete continuasse servindo. Aquele idiota precisava de álcool em seu organismo como eu precisava de um segundo pau.

Jasper e Sênior se ocupavam com seus guardanapos, olhando para mim, sem saber o que fazer.

— Sentem-se — eu ordenei.

Eles fizeram.

Balancei a cabeça, tirando meu telefone do bolso interno.

**Zach Sun:**

SOS.

**Ollie vB:**

FINALMENTE PORRA.

**Ollie vB:**

Eu disse que aquelas aulas formativas de Pilates iriam valer a pena.

**Ollie vB:**

E não apenas por causa da boceta entediada de esposa-troféu.

**Romeo Costa:**

O que você acha que significa SOS, Ollie?

**Ollie vB:**

Chupar a salsicha.

O que mais?

**Zach Sun:**

ROM.

**Ollie vB:**

Huh? O nome dele nem tem S.

**Romeo Costa:**

@ZachSun, sim?

**Zach Sun:**

Preciso que você venha ao meu jantar de negócios.

**Romeo Costa:**

Eu quero saber por quê?

**Zach Sun:**

Não confio em mim mesmo para não matar os convidados.

**Romeo Costa:**

Os Ásteres?

**Zach Sun:**

Pior. Os Conners.

**Zach Sun:**

Júnior é uma dor.

**Ollie vB:**

Tive um encontro de cinco com ele uma vez.

**Ollie vB:**

Pode ser uma compensação excessiva.

**Romeo Costa:**

Isso explica tudo.

**Romeo Costa:**

Estou levando Shortbread.

**Zach Sun:**

Se você precisar.

**Ollie vB:**

Uau. Você realmente está desesperado.

**Ollie vB:**

Estou levando uma acompanhante também.

**Zach Sun:**

Você não está trazendo ninguém.

**Ollie vB:**

Por quê?

**Zach Sun:**

Porque você não foi convidado.

**Ollie vB:**

Por que não?

**Romeo Costa:**

Porque então terei duas pessoas que preciso impedir que Zach mate.

**Ollie vB:**

[GIF Kim K chorando]

**Ollie vB:**

Mas onde mais terei a oportunidade de usar algo para agradar minha esposa?

**Zach Sun:**

@RomeoCosta, quão rápido você consegue chegar aqui?

**Romeo Costa:**

Já estou a caminho.

**Zach Sun:**

@OllievB, você pode vir, mas deixe o agrado da esposa e a acompanhante no carro.

**Ollie vB:**

Ah, mas papai, por quê?

**Zach Sun:**

Porque provavelmente são fugitivos.

**Ollie vB:**

Primeiramente obrigado pelo voto de confiança.

**Ollie vB:**

Em segundo lugar, seus advogados estão negociando sua rendição, e foi apenas um DUI.

**Zach Sun:**

Respeitosamente, Oliver, vá se foder.

**Ollie vB:**

Tudo bem. Vou levar Coca-Cola rosa.

**Zach Sun:**

Não se atreva.

**Ollie vB:**

É rude ir para um jantar de mãos vazias.

**Zach Sun:**

Então não venha de jeito nenhum.

**Ollie vB:**

Adoro quando você joga duro para conseguir.

**Ollie vB:**

Você sabe que tenho uma queda por buracos inatingíveis.

**Zach Sun:**

Você está prestes a adquirir um novo entre os olhos se não calar a boca, cortesia da minha faca.

**Romeo Costa:**

Estaremos aí em dez minutos, Zach.

**Ollie vB:**

E estou levando a Coca-Cola rosa. <3

Enquanto trocávamos mensagens, os fornecedores empilhavam mais pratos na mesa.

Frango Piri-piri. Arroz Jollof e sopa egusi. Kanpachi cruído e miso carbonara picante.

— Mais comida. Meu Deus. — Sênior deu um tapinha em sua barriga ampla, chamando minha atenção de volta para a sala. — Você realmente nos mima, Sr. Sun.

Desviei meu olhar para a entrada, seguindo sua linha de visão.

Farrow entrou pelas portas duplas, vestida com seu vestido preto justo de empregada com gola Peter Pan branca.

Ela carregava uma bandeja de prata, sem me olhar enquanto passava.

Mas eu sabia que com uma única palavra poderia tirar aquela expressão estoica do rosto dela. Conjurando suor em sua têmpora, arruinando a trança francesa em que ela havia torcido seu cabelo claro.

Nos poucos dias em que trabalhava para mim, Farrow fez amizade com todos os meus funcionários. A cozinheira, os jardineiros, a governanta.

Ela era uma lufada de ar fresco nesta mansão sem vida.

O problema era que eu não gostava de ar.

Sufocado me servia bem.

Deslizei meu telefone de volta no bolso, meus dedos tremendo no meu colo. Cada vez que ela se movia, a ventilação do ar-condicionado forçava uma corrente de seu perfume em minha direção.

Prendi a respiração para evitar que entrasse em meu sistema. Sem palavras, ela colocou potes de caviar sobre a mesa, com seu corpo ágil e atlético inclinado sobre meu prato.

Ela testava meus limites, aproximando-se constantemente. Trechos de espaço vazio se desenrolavam de cada lado de mim.



Farrow poderia ter ocupado qualquer parte deles, mas decidiu não fazê-lo. Não tive escolha a não ser concluir que era ela mergulhando o dedão do pé na água para verificar a temperatura.

Ela havia descoberto seu propósito aqui?

Era perfeitamente possível que ela tivesse juntado tudo.

O fato de poder me imaginar tocando-a não me proporcionou nenhum conforto. Pelo contrário.

Isso me fez sentir como um inferno queimando sob minha pele.

Junior assobiou baixo e esfregou as mãos, os olhos percorrendo o corpo de Farrow de cima a baixo. — Boa equipe, cara.

Meu sangue – normalmente um líquido congelado e inútil em minhas veias – transformou-se em lava em segundos.

— Eu vejo o que você fez aqui. — Junior piscou, lambendo os lábios. — Muito esperto. Não há necessidade de se acalmar, prender-se com uma garota. Uma equipe rotativa é o caminho a percorrer. De onde ela é, afinal? Noruega? Holanda?

— Seus piores pesadelos — Farrow murmurou baixinho.

— Ah, ela fala também. — Junior deu um tapa na coxa, gargalhando. — Baby, você não é um pesadelo. Um sonho molhado, talvez.

— Que tal testarmos a teoria com um objeto pontiagudo? — Ela sorriu, piscando os cílios enquanto pousava o último pote de caviar. — Sou muito boa em lidar com isso.

Eufemismo do século.

Eu sabia que ela poderia se defender.

Mas eu queria matá-lo por ela.

Quando ela colocou a bandeja vazia debaixo do braço, girando para sair, eu a interrompi com a ponta da minha faca de manteiga. Ela beijava seu cotovelo cada vez que ela exalava.

Inclinei-me para ter privacidade, sibilando: — Você não deveria

servir comida.

Meus dedos se rebelavam contra meu cérebro, tremendo, ansiosos para agarrar seu pulso e arrastá-la para fora daqui na frente de todos.

Não me reconhecia esses dias.

Eu precisava fazer algo a respeito.

Talvez uma lobotomia, já que reduzir minha janela de masturbação de 48 para 24 horas não tinha funcionado.

Normalmente, eu me masturbava com o único propósito de manter a circulação saudável dos espermatozoides. Para não fantasiar sobre os lábios de Farrow rolando pelo meu pau.

A pequena Octi arrancou minha faca de manteiga.

— Eles estão com falta de pessoal. — Ela reorganizou meus utensílios do lado errado, o cotovelo quase tocando meu peito. Eu mal conseguia respirar. — O gerente da empresa de catering disse que você assustou alguém. Você a pegou em uma pausa no jardim e a expulsou?

— Ela estava fumando.

— Essa garota também. — Junior apontou o polegar na direção de Farrow, rindo. — *Muito quente.*

Farrow retribuiu o sorriso. — Queime no inferno.

Ela não tinha ideia de quão perto ele estava desse destino.

— Talvez você aceite essa oferta. — Júnior esfregou as mãos. — Você vem comigo?

Agarrando a faca, inclinei-me para frente, nivelando meus olhos com os de Brett enquanto batia a lâmina a alguns centímetros de seu dedo mínimo.

Ele pulou para trás em seu assento, ofegante.

— Direi isso uma vez, e direi com educação: nunca, *jamaís*, sob nenhuma circunstância, olhe, toque, fale ou respire na direção desta mulher. Fui claro?

Mas eu obviamente não fui.

Porque Brainless Brett respondeu jogando a cabeça vazia para trás e rindo descontroladamente, quase tossindo um pulmão. — Droga, irmão, relaxe. Ela é apenas a servente. Tenho uma dúzia como ela esperando em minha casa, se você quiser fazer uma pequena troca.

— *Júnior* — Brett Sênior latiu à minha esquerda.

Minha cadeira arranhou o chão quando recuou. Comecei a me levantar, pronto para colocar uma faca entre os olhos de Junior, quando duas coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Primeiro, a voz irritante e estridente de Dallas Costa rasgando o ar enquanto ela cantava no hall de entrada: — Oh, *Zacharyyy*.

E dois, Farrow Ballantine passou as pontas dos dedos no meu pulso para me impedir.

# CAPÍTULO VINTE E QUATRO

## *Zach*

Deixando Dallas de lado – em outro continente, se possível – concentrei-me no toque de Farrow.

Queimou um caminho através da minha carne e ossos.

Suprimi um silvo, afastando minha mão e fixando-a com um olhar furioso. — O que você está fazendo?

— Não sei — ela brincou com um pequeno sorriso. — Tirando você da sua zona de conforto, talvez?

— Bem, não faça isso. Eu gosto de lá.

Mas a mordida na minha voz não estava ali.

Nem minha reação instintiva de correr para o banheiro e esfregar minha pele até remover a camada infectada.

Um flash do meu pai, morto e rígido acima de mim, ainda passou pela minha cabeça, só que não perdurou. E eu não tive a mesma reação horrível que normalmente tinha quando as pessoas me tocavam.

Tudo o que senti foi... zumbido.

E um pouco enjoado.

Farrow recuou, soprando uma mecha de cabelo solta do olho enquanto saía.

Dallas se inclinou para me dar beijos no ar. — Olha toda essa comida.

Sua barriga grande e grávida apareceu no meu espaço pessoal. Um terrível lembrete do que minha mãe esperava de mim. Um herdeiro. Alguém para continuar a linhagem Sun.

Romeo suportou o abraço de irmão de Brett Junior, afastando-o

com um dedo na testa.

— Verifique se sua carteira ainda está no bolso de trás — sibilei para Rom, espantando um atendente quando ele tentou pegar a faca espetada na frente do prato de Junior.

Que a deixasse servir como um aviso pelo resto da noite – esperançosamente breve.

— Tudo parece tão bom. — Dallas bateu palmas, saltando o máximo que podia com aquela coisa cozinhando em sua barriga. — Além da empresa, pelo que ouvi.

Ela era uma criatura adorável, Dallas Costa. Com exuberantes cachos castanhos caindo sobre os ombros. Olhos de corça esmeralda, sorriso largo e uma figura pela qual a maioria dos homens iria para a Terceira Guerra Mundial.

E ainda assim, ela não despertava nada em mim.

Muito alta, feliz e simples para o meu gosto.

— Trufas brancas. — Ela pegou um macarrão cavatappi de um prato compartilhado com a mão nua, catapultando-o pelos lábios. — Você comprou isso para mim, não foi?

— Todo seu, agora. — Fiz um gesto para que um garçom me trouxesse outra faca de carne, embora meu apetite já tivesse se reduzido a nada.

Dallas bateu com sua Birkin no peito de Romeo e puxou todo o prato retangular da mesa, correndo para jogá-lo em seu jogo americano.

Dentro do caos, Sênior e Jasper permaneceram em silêncio. Muito impressionados com o homem na frente deles para se preocupar com a interrupção do nosso encontro.

Supus que meus convidados precisassem de uma explicação.

Sem Farrow, relaxei, abrindo o guardanapo no colo. — Rom e Oliver me consultam fora dos livros.

Uma mentira, é claro.

Eu não levaria Oliver a um bordel sem me preocupar com sua conduta, muito menos a uma reunião de negócios. Mas Ollie e Rom me mantinham sob controle.

Em geral.

— Oliver Von Bismarck, presumo? — Sênior – que não veio de dinheiro e nunca deixou de ser encantado por qualquer pessoa nascida nele – inclinou-se apoiado nos cotovelos e me encarou. — O duque?

— Nobreza prussiana. — Oliver entrou na sala, vestido com um terno cinza claro de três peças, passando a mão sobre seus cachos dourados. Considerando que ele não tinha emprego, eu não tinha ideia de onde ele tinha vindo assim. — Um título bastante inútil, uma vez que você conhece as mulheres mais dispostas do mundo, para ser honesto. — Ele roubou a taça de vinho intocada de Jasper em sua jornada até seu assento, dando um beijo no topo da cabeça de Dallas ao longo do caminho. — Está fabulosa, Sra. Costa. Como está minha afilhada aí?

— Está indo muito bem — respondeu Dallas, mastigando uma salsicha Boudin Blanc ao mesmo tempo.

A garota tinha menos classe do que uma mancha de esperma.

— Você está chapado se acha que vou confiar em você com qualquer mulher, muito menos com minha própria filha. — Romeo ocupou o lugar ao lado de sua esposa, enquanto Oliver sentou-se ao lado de Junior, na outra ponta da mesa. — Zach é o padrinho.

— Tire a cabeça da sarjeta. — Oliver fingiu desgosto, olhando carrancudo para Rom. — Eu nunca tentaria nada com a filha do meu melhor amigo.

Romeo ergueu uma sobrancelha. — Sério?

— Sim, com certeza. Isso seria falta de educação, já que pretendo seduzir a cunhada dele. — Ollie inclinou o copo, estalando os dedos na direção do garçom. — Martini Grey Goose. Três azeitonas. Na verdade, faça dois. Também estou bebendo por Daytona Beach.

— É Dallas. — Ela arrancou uma uva da peça central e colocou-a

na boca antes de descobrir da maneira mais difícil que era decorativa. — E, por favor, não me faça seu facilitador.

Direcionei a conversa para um território familiar. Sexo – e tudo o que vinha com ele – não era minha área de especialização.

Minha atenção se concentrou em Sênior, o menos irritante dos meus três convidados. — Acredito que você recebeu minha proposta oficial.

— Nós recebemos. — Ele cortou o wagyu amanteigado, pegando uma pitada de espuma de batata e shiso chimichurri. — Embora seja uma oferta interessante e estejamos lisonjeados, acreditamos que você subvalorizou nossa empresa em um bilhão de dólares.

Na verdade, eu subvalorizei o valor em *dois* bilhões, mas ele queria me encontrar no meio.

— Eu não fiz tal coisa, Sr. Conner. — Recostei-me no estofamento, ignorando minha comida. Eu não jantava bem. Eu comia para sobreviver. — Na verdade, tudo que fiz foi deduzir minha taxa de responsabilidade civil, o que certamente virá.

Junior franziu a testa, inclinando o corpo para frente. — Taxa de responsabilidade?

Seus olhos escuros estavam empoleirados em cima do nariz.

*Dentro de casa.*

Se Oliver tivesse vindo para agradecer sua esposa, ele ainda não seria o pior vestido da sala.

— Sim, responsabilidade. Tenho certeza de que você conhece a palavra, visto que sua existência resume tudo. — Relutantemente, eu me virei para olhar para Junior. — Sua empresa atende pessoas que permitem que outras pessoas os vejam chupando os dedos dos pés e se esfregando nos assentos públicos do metrô. Toda essa operação é um processo judicial esperando para acontecer. Portanto, reservei o dinheiro que calculei que precisarei para limpar a matéria fecal legal de Dot Cum quando a merda bater no ventilador.

Jasper inclinou a cabeça, pegando seu vinho antes de lembrar que Ollie o havia roubado. — Você deduziu um bilhão de dólares por causa de um processo imaginário?

— Não é imaginário. — Oliver cortou seu bife. — As pessoas processam empresas todos os dias. Se eles conseguem encontrar um motivo para processar uma empresa de fraldas, o que faz você pensar que eles não conseguem encontrar um bom motivo para mijar em um site onde qualquer pessoa pode dizer que tem mais de dezoito anos e criar conteúdo pornográfico?

— Sem mencionar que a receita publicitária para empresas de mídia social está na casa dos noventa. — Consertei o arranjo de utensílios que Farrow havia bagunçado até que ficassem alinhados paralelamente um ao outro. — E cerca de oitenta por cento das empresas amigas da família nunca considerariam anunciar na sua plataforma.

— Será uma merda trazer os meninos para o seu pátio de milkshake. — Romeo, que havia enlouquecido há quase dois anos, terminou de cortar o bife inteiro da esposa. — Você não pode tratar seu valor de mercado estimado como um número verdadeiro e testado.

— Exatamente. — Ollie estalou os dedos, recebeu seu martini e deu uma gorjeta de cem dólares ao meu garçom, como se estivesse em um restaurante. O homem estava tão em contato com a realidade quanto um cowboy espacial. — Ninguém quer anunciar seu produto ao lado de uma foto de pau.

Dallas sorriu para Ollie. — Falando nisso, o *seu* não estava na capa da *New Yorker*?

A pequena troll.

— Bem, sim, mas é um pau fotogênico. — Ollie colocou um camarão tigre na boca. — Merece uma capa da *Esquire*, debruçado sobre um cavalo com traje de cowboy.

— Vejo que você pensou um pouco.



Ele assentiu. — Até contratei um diretor de arte para me dar dicas caso meu lindo pau seja convidado para uma sessão de fotos.

Dallas levantou um ombro. — Vi melhor.

— Você é tendenciosa. — Ollie bocejou, tomando um gole de seu martini como se fosse cerveja. — Outro pau engravidou você. Você tem pele no jogo.

Ela deu um tapinha no colo do marido. — Rom realmente tem a circuncisão mais linda.

Por que essas pessoas eram meus amigos?

Por que não optei por viver numa caverna nos Alpes?

Eu não tinha vontade de discutir a genitália de outras pessoas.

— *Pai*. — Junior finalmente arrancou os óculos escuros do rosto, pisando nos tênis Versace dourados. — Você não pode vendê-la por um preço abaixo do valor de mercado. Isso é louco.

Sênior olhou na direção de Jasper. Este último rolou a língua pelos dentes, reorganizando sua nova taça de vinho pela haste sem dizer uma palavra.

Seu olhar voltou para mim. — Um bilhão é sua melhor e última oferta?

— Enquanto ainda estou na corrida. — Entrelacei meus dedos. — Tenho uma atenção terrível quando se trata de adquirir novas empresas. A indústria está em constante mudança. Minha mente também.

— *Pai, não* — Junior implorou, com os olhos fixos no rosto do pai. — Eles estão pressionando você, para que possam enganá-lo. Não vamos vender. Vou ficar mais algumas horas. Desta vez, irei até ao escritório todos os dias. Eu juro-

— Cale a boca e deixe-me pensar — latiu Sênior, batendo na mesa.

Utensílios e pratos fizeram barulho. Um pouco de comida rolou pela borda.

Dallas gemeu. — Não as cerejas recheadas.

A equipe do catering irrompeu na sala, recolhendo os pratos da nossa segunda entrada e substituindo-os por outros frescos para a próxima rodada.

Uma mão estendida agarrou minha comida intocada. Acomodei-me um pouco no assento, sabendo que era Farrow perto de mim.

Que, mesmo que nossos cotovelos se tocassem, eu não desmaiaria.

Ela se inclinou sobre a mesa ao lado do meu braço direito, tentando pegar um acompanhamento. Seu vestido curto subia pelas coxas lisas, revelando a curva de sua bunda redonda e impecável.

Milagrosamente, meus dedos coçaram para agarrar a parte de trás de seu joelho. Cavalgar para o norte ao longo da parte interna da coxa. Para segurar sua boceta através de sua calcinha por trás e deslizar um dedo mindinho em sua calcinha, esfregando a costura de sua boceta apertada.

O desejo chamuscou meu pescoço, enrolando-se em fitas apertadas pelo meu corpo, deslizando pelo meu peito e estômago até meu pau.

Eu estava duro.

Pela primeira vez na minha vida, fiquei duro por causa de uma mulher.

Uma mulher de carne e osso.

Em teoria, sempre apreciei as mulheres sexualmente, mas nunca de perto. A constatação de que eu queria ativamente tocar em Farrow Ballantine me surpreendeu.

Eu não estava mais apenas sem nojo.

Eu estava desejando-a ativamente.

— Com licença, Sra. Costa, senhores. — Sênior se levantou. — Vou precisar de um minuto com Jasper.

Junior ficou de pé, passando a língua pelos dentes.

Seu pai balançou a cabeça. — *Sozinho*.

Júnior piscou incrédulo. — Você está brincando comigo?

Fiz um gesto em direção à porta, a voz cheia da dor do desejo inexplorado. — Há uma sala de estar à sua esquerda.

Depois que Jasper e Sênior saíram, Junior passou os dedos pelos cabelos, puxando com força enquanto olhava ao redor.

Ele semicerrou os olhos para Oliver. — Ei, eu não fiz um ménage à trois com você em algum momento?

— *Cinco*. — Oliver balançou a cabeça, verificando o telefone com a testa franzida. — Embora dois tenham recuado ao ver sua espada. Ou devo dizer, seu canivete.

Dallas riu.

Romeo suspirou.

— Ora, isso é chocante — sussurrou Farrow, sua respiração soprando em meu ouvido. Ela recolheu mais pratos sujos da mesa, batendo com a faca. — Eu nunca teria assumido.

Eu não sabia por que, mas havia algo fundamentalmente errado em vê-la nos servindo. Dallas, especialmente.

Farrow merecia sentar-se ombro a ombro com a bela sulista. Para fofocar e exibir um vestido de grife. Ter a atenção e adoração de todos.

Ela merecia a porra do mundo, e eu esperava que um dia alguém desse isso a ela. Mesmo que o pensamento de que não viria de mim tornasse difícil respirar.

Dallas sorriu, erguendo uma placa solta com um movimento de cabeça. — Certo, irmã.

Júnior zombou de Farrow. — Ninguém pediu sua opinião, Cinderela.

— Cuidado com a boca quando falar com ela. — Mais uma vez,

espetei a mesa com uma faca, provocando reações intensas em todos os sentados. — Ou vou garantir que você não tenha dentes suficientes para falar.

— Oh. — Oliver colocou a mão na testa, deslizando-a para baixo com um aceno de cabeça. — Não a empregada, Zachary. Quem poderia imaginar que você, entre todas as pessoas, seria igual ao Chris?

Rom fez uma pausa no meio da fatia. — Cris?

— Christopher Marshall.

— Nunca ouvi sobre ele. Ele é alguém cuja vida arruinamos?

— O candidato ao Senado — Farrow forneceu, imperturbável com tudo isso. — Naquele filme de J-Lo.

— Finalmente. — Oliver se levantou, enchendo-a de palmas. — Uma mulher de profundidade e cultura. *Maid in Manhattan*.<sup>13</sup> Eu choro toda vez. — Ele pegou uma lágrima invisível com as costas do dedo. — Embora eu tenha certeza de que Zachary aqui é mais sobre a vida da *Maid in Maryland*.

Não me surpreendeu que Ollie soubesse tudo sobre Farrow e sua empresa de limpeza. Mamãe provavelmente desabafou com ele comendo biscoitos de amêndoa e chá hong pao recém-importado antes de reclamar com Romeo.

— Cale-se. — Apontei o garfo para meus dois melhores amigos — um psicopata reformado e um filho da puta com mais quilometragem do que um carro usado. — Vocês dois.

Farrow virou-se para Dallas, ignorando-me. — Ei, você deveria experimentar o elote de medula óssea recheada que estamos trazendo em um segundo. Eles são de morrer. — Ela apontou o polegar para mim. — Eu devorei toda a porção de buzzkill em dois segundos.

Dallas levou a palma da mão ao decote. — Acabamos de nos tornar melhores amigas?

— Eu acredito que sim.

Dal pegou o telefone. — Vou conseguir ingressos para T. Swift.

Farrow mexeu as sobrancelhas. — Vou fazer pulseiras de amizade para nós. Cores favoritas?

— Roxo e verde.

Junior imobilizou Farrow com suas pupilas dilatadas, pronto para lançar outro discurso. — Falando em ser recheado...

Ele lutou contra uma crise de fungadas, enlouquecido por cocaína, seu nariz coberto de neve mais do que um Natal em Syracuse.

Mas Farrow não prestou atenção nele. Ela já estava saindo, equilibrando sete pratos sujos na palma da mão.

Junior limpou o nariz e se levantou, seguindo Farrow. — Vou correr rapidamente para o banheiro.

Oliver puxou a cadeira para trás e soltou um suspiro. — Vou garantir que ele se comporte.

— Não. — Levantei-me, levantando a palma da mão. — Ele já passou de uma pequena surra. Fique aqui. — Eu fiz uma pausa. — E talvez ligue para meu advogado.

Junior alisou o agasalho, murmurando coisas incompreensíveis. — Tenho que dar uma lição a essa garota...

Meu queixo travou. — *Definitivamente* ligue para meu advogado.

Eu persegui Brett enquanto ele seguia os passos de Fae, estalando o pescoço e os nós dos dedos. Ela entrou na cozinha principal, alheia aos homens que a seguiam.

Brett e eu entramos, observando enquanto ela descarregava os pratos em uma pia já cheia.

— *Ufa*. — Ela colocou a mão no balcão e enxugou a testa. — Que trabalho.

— Que idiota. — Junior avançou, parando perto do balcão, a poucos centímetros dela.

Ela não tirou os olhos da louça, abrindo a torneira para enxaguá-

la. — Eu não tentaria nada estúpido se fosse você.

— Sim? — Ele se aproximou, fervendo o sangue em minhas veias a uma temperatura mais adequada ao sol. Seu cheiro estava fora de controle. — Por que isso?

— Porque posso bater com mais força.

— Ah, então você gosta de coisas difíceis, não é?

Observei com uma quietude meticulosa enquanto Junior levantava as mãos, mexia aqueles dedos pegajosos e os esticava, mirando na bunda dela.

Ele se aproximou de seu destino, quase contornando a curva entre a bochecha e aquelas pernas tonificadas que se moviam com habilidade graciosa na pista.

— *Farrow.*

A tensão na minha própria voz me surpreendeu.

A mão de Junior congelou no ar.

Octi virou a cabeça, piscando para mim, surpresa. — O quê?

— Você está enjoada?

— Não.

— Bom.

Deslizei minha faca e joguei-a diretamente na mão estendida de Brett Junior.

## CAPÍTULO VINTE E CINCO

### *Zach*

— Que porra é essa? — Brett ficou boquiaberto com a ponta do dedo que faltava. — Que porra é essa, que porra é essa, que porra é essa?

Boa pergunta.

Que merda, de fato.

*Sem problemas. Nada para ver aqui.*

*Apenas protegendo meu antídoto.*

*Certamente, a proteção das leis de propriedade privada seria válida num tribunal.*

— Não. — Ele derramou grandes lágrimas na mão machucada, segurando-a contra a luz. — Não Palmela Handerson.

Que pena que meu objetivo nunca me falhava.

Eu acertei o alvo. A ponta do dedo médio e indicador. Não o suficiente para causar danos reais além de alguns tecidos e nervos ausentes.

*Pena.*

Um pouco para a direita e eu não teria que ouvi-lo gritar.

— Que porra é essa, cara? — Ele agarrou o pulso, tombando e soltando um grito angustiado. — Você me cortou, cara. Você me cortou!

*Eu fiz, e gostaria de poder fazer isso de novo.*

Junior deu um tapinha no chão, tentando encontrar as pontas dos dedos descartados. Eles se espalharam pelos azulejos como confetes.

Mesmo agora, o sangue jorrava da cavidade irregular que haviam deixado para trás.

Foi a primeira vez que joguei uma faca em um alvo fora do campo de treino. A primeira vez que bati em alguma coisa com essa faca em particular – um presente que meu pai me deu – *em vida*.

Mesmo sabendo que a papelada seria um incômodo, não me arrependi.

— Que porra é essa. — Brett Junior começou a gritar, pisando no mesmo lugar, olhando para a fonte de sangue jorrando de seus dedos.

Acho que ele decidiu não procurar os órgãos perdidos, afinal.

— A porra é que você fodeu com a pessoa errada. Eu disse para você não chegar perto dela. Ela é minha.

— Foi apenas um aperto amigável.

— Que coincidência. — Avancei, peguei a faca e balancei-a diante dele, apertando o cabo. — Apenas um aperto amigável. Agora sua mão direita não será de muita utilidade, nem mesmo para se masturbar só de pensar nela.

— Estou ligando para a polícia.

— E dizer o quê a eles? — Limpei a lâmina na borda de sua camisa e coloquei-a no suporte. — Que você entrou em minha casa e assediou sexualmente minha equipe?

— Estou perdendo sangue — ele choramingou, saindo da cozinha tão alto quanto humanamente possível, abraçando o pulso ao emblema da Gucci em seu peito. — Pai! Papai!

Finalmente, dei uma olhada em Farrow.

Ela ficou quieta o tempo todo, avaliando-me daquela maneira que me fazia temer que ela pudesse desvendar todos os segredos das minhas fachadas.

Eu bocejei. — O quê?

— Você perdeu o controle.

— Estou em perfeito controle — retruquei. — É Brett Junior aqui que não consegue manter as mãos longe.



— Eu não sou sua. — Seus olhos azuis brilhavam de fúria. — Por que você diria isso para Brett?

— Você será.

A verdade escapou sem aviso ou consentimento do meu cérebro.

— Eu não.

— Você irá.

— O que faz você ter tanta certeza?

— Eu sempre consigo o que eu quero. — Lancei minha língua para fora, passando-a sobre meu lábio inferior. — E quero você como nunca quis nada na minha vida.

Se eu pensei que ela estaria acabada com minha confissão incomum, eu tinha outra coisa por vir. Ela não era uma das fangirls.

Na verdade, minha resposta pareceu irritá-la ainda mais.

Ela pegou uma toalha que estava pendurada na torneira, limpando o sangue de Brett do chão. — Valeu mesmo a pena?

Eu não queria que ela tocasse em nada que viesse dele, mas me impedi de arrancar o pano da mão dela. Eu precisava controlar essa obsessão antes que ela saísse do controle.

— Agora você terá problemas, e para quê? — Ela borrifou uma solução de limpeza orgânica no piso. — Minha bunda já foi beliscada antes. Sempre termina do mesmo jeito. Com um olho roxo para o cara que fez isso e os nós dos dedos inchados para mim.

A simples ideia de homens pensando que poderiam tocar essa mulher sem consentimento me fez querer fazer coisas hediondas. Eu precisava de nomes, endereços e horários. E facas.

Muitas malditas facas.

— Não vou me meter em problemas.

Da sala de estar, Sênior perdeu a cabeça com os decibéis vulcânicos. — Como você pode ser tão estúpido?

Apontei o polegar na direção deles enquanto Jasper e Sênior repreendiam Junior, provando meu ponto de vista.

— Acrescentarei alguns milhões para adoçar o negócio quando comprar a empresa. — Um sorriso sombrio e torto cortou meu rosto.  
— Esse sempre foi o plano. Eu os rebaixei muito.

— Você me tratou como um objeto. Como uma posse. — Ela fez uma pausa para me esfaquear com seu olhar. — Posso trabalhar para você, mas é aí que tudo termina.

— Ao contrário. É apenas o começo. Tenho tantos outros planos para você.

Seus olhos se apertaram nos cantos. — *Zachary.*

— *Farrow.*

Ela jogou o pano pesado e encharcado na pia. Sangue respingou nos pratos e canecas. — Você tem algo a me dizer?

— Claro.

Eu andei até ela, parando apenas a um passo tímido.

*Progresso.*

A coluna de sua garganta balançou com a proximidade.

Eu espalhei minha faca, toquei o colarinho manchado de sangue de sua roupa de empregada com a ponta da lâmina e lancei-lhe um sorriso malicioso. — Você fica bem de vermelho.

Com isso, saí, indo para o quarto principal.

Seus Chuck Taylors amassados rangeram no chão de mármore. Eles pisaram os degraus atrás de mim, alto e sem remorso.

Fora de festas e jantares formais, eu nem permitia sapatos na mansão. Ela ignorou a regra desde o primeiro dia.

Passamos por Junior sem dizer uma palavra. Ele caiu contra o poste no primeiro degrau, sendo suturado pelo médico da família de Ollie enquanto seu pai e Jasper cuidavam dele.

Do outro lado do corredor, Ollie, Rom e Delhi riam, copos tilintando e utensílios batendo em pratos de porcelana.

Abri a maçaneta dourada do meu quarto e entrei. Fechou-se atrás de Fae, que girou a fechadura.

Ela me seguiu até o banheiro, onde coloquei a torneira na posição mais fria e enfiei as mãos embaixo dela. A água ficou rosa sob o sangue.

Nossos olhares se entrelaçaram através do espelho. Se ela estava assustada por eu ter cortado um homem por quase segurar sua bunda, ela certamente não demonstrou.

Depois que terminei de limpar, entrei no closet e comecei a desabotoar a camisa. Farrow apoiou o quadril no batente da porta, o uniforme e as pernas nuas ainda cobertas de sangue.

Lentamente, rolei meus ombros para baixo, consciente de seus olhos presos no tecido. Caiu no tapete sem fazer barulho.

Fiquei sem camisa diante dela como uma estátua em uma exibição privada, permitindo-lhe mais alguns momentos para absorver meu tanquinho, os contornos dos meus braços esculpidos e o V profundo que corria em minha calça.

Seus olhos se arregalaram como pires. Calor se acumulou sob meu umbigo, todo meu sangue correndo para meu pau.

Eu conhecia aquele olhar. Eu mesmo usava sempre que procurava um acordo.

Ela estava com fome.

Por *mim*.

*Você não tem ideia, pequena Octi.*

*Vou dar a você segundos e terceiros. Sobremesas e lanches no meio.*

*Você vai ficar tão cheia de mim que sua boceta terá o formato do meu pau.*

O pensamento era tão surpreendente quanto a ideia. Eu não

conseguia nem tocá-la agora.

Quebrei o gelo, estalando os dedos na direção do rosto dela. — A propósito, meus olhos estão aqui em cima.

Ficamos a cerca de três metros de distância um do outro. Mas, diferentemente de qualquer outra época, com qualquer outra pessoa, cada pé parecia um continente inteiro.

— Não há nada por trás deles. — Ela cruzou os braços. — Seu torso é uma visão muito melhor.

Peguei uma camisa branca de botão, coloquei o cabide de veludo vazio de volta no suporte e fui até ela, ainda sem camisa. — Você não deveria deixar ninguém falar com você como Brett fez. Ou Oliver, por falar nisso.

O sorriso dela caiu. — Eles escapam impunes porque sabem que podem. Não sou Dallas Townsend. Não tenho ninguém para me proteger.

Deslizei o tecido sobre meus braços e dei mais um passo em direção a ela. — Sim, você tem.

Depois outro, fechando um botão a cada passada.

— E quem seria?

— *Eu*.

O silêncio arranhou o ar.

Então, eu ouvi.

Uma risada tilintante borbulhou de sua garganta como sinos de casamento levados pelo vento.

Escorria direto para o meu estômago e explodia em todas as direções a partir daí. Só que não pareciam borboletas.

Pareciam morcegos do inferno.

— O que é que foi isso? — eu exigi.

O sorriso dela desapareceu – assim como o estranho murmúrio

dentro do meu peito quando ela fez aquele som. Não foi desagradável. E não parecia uma parada cardíaca.

Eu poderia querer isso de volta.

Ela piscou. — O que foi o quê?

— Esse som.

Suas sobrancelhas subiram até a linha do cabelo. — Eu ri?

Percebi que suas sobrancelhas eram um tom mais escuro que seus cabelos loiros gelados. Que eles tornavam sua beleza mais selvagem. Mais dramática.

Seus olhos também não eram do azul tradicional. Eles eram pastéis – o tom mais claro da paleta – cercados por um círculo azul marinho.

Ocorreu-me que eu poderia olhar para o rosto dela por horas a fio sem ficar entediado. O que era uma coisa absurda, na verdade.

As mulheres geralmente me entediavam. Seus rostos, assim como seus corpos, eram intercambiáveis e totalmente desinteressantes.

— Ria de novo — eu ordenei.

Suas delicadas sobrancelhas se uniram. — Faça-me, então.

— Impossível. Não tenho senso de humor.

— Desenvolva um.

— Não é a porra de um rolo de filme, Farrow. Vai levar mais de algumas horas.

— Por que você precisa que eu ria, afinal?

*Porque senti algo dentro do meu peito e estou desesperado para sentir isso novamente.*

Foi a primeira vez desde que meu pai faleceu. E possivelmente a última.

Mas eu queria tentar.

— Apenas faça.

— Não posso fingir. — Ela encolheu os ombros, recostando-se. — Embora aposte que você está acostumado com mulheres fingindo coisas para você.

*Não, não estou.*

*Eu nunca as deixei chegar perto o suficiente.*

— Eu não sou engraçado. E você também não, a julgar pela sua última piada.

— Faça um esforço. — Ela ergueu o queixo, mantendo contato visual. — Você jurou me proteger. Disse que eu era sua. Bem, o caminho para o coração de uma mulher passa pela boca. Você tem que me fazer rir.

*Não é o seu coração que estou procurando, eu queria lembrá-la.*

Pena que ela não era Dallas Costa.

*Aquela boca não precisava de nenhuma risada. Apenas beignets.*

Ficamos peito a peito agora. Não tocando, mas perto o suficiente para fazê-lo se ela tentasse. O que eu queria que ela fizesse.

Desesperadamente.

Meu coração estava batendo forte no peito, *baque, baque, baque*, tentando arrancar minhas artérias. Mergulhei em meu cérebro, lutando para evocar coisas divertidas.

Eu não ria muito. Ou de todo, para ser honesto. Poucas coisas me agradavam.

Quando realmente pensei sobre isso, Farrow estava no topo da lista. Embora eu achasse que tirar sarro dela não *a faria rir*.

— Isso é ridículo.

Ela inclinou um ombro para cima. — Não é minha culpa que você nunca teve que impressionar uma garota em sua vida. Trinta e três anos é uma boa idade para começar.

Ela me pesquisou no Google. Eu nunca dei a ela minha idade. Essa constatação espalhou algo quente dentro do meu peito.

— Quando Ollie foi para Oxford, ele foi iniciado em Pierse Gav por meio de um círculo idiota. Todo mundo se masturbava em um copo e os novatos tinham que beber. Ele pediu mais um.

Farrow ficou amordaçada. — Isso não é engraçado. Isso é nojento.

— É engraçado em dois aspectos. Um: Ollie é tão ostensivamente decadente. E dois: ele realmente possui dois diplomas.

Ele foi para a Inglaterra para fazer mestrado porque queria realizar pesquisas paralelas sobre problemas europeus por dois anos.

Em outras palavras, ele queria mais liberdade para brincar sem o incômodo de fingir que estava no emprego.

O pouco de piedade de que fui capaz, reservei para as futuras crias de Oliver von Bismarck. A missão de sua vida era repovoar o mundo. Um dia, seus filhos e netos acordariam e perceberiam que sua árvore genealógica era uma coroa de flores.

— Se você tiver que explicar a piada, não tem graça. — Ela me lançou um olhar severo enquanto copiava minhas palavras. — *Próximo.*

Uma respiração irregular me escapou. Não admirava que os comediantes estivessem sempre deprimidos. O humor me exauriu.

— Certa vez comi um saco de laranjas e sofri as consequências.

— Novamente, nojento. *Não é engraçado.*

Eu estava ficando desesperado, o que me enfureceu e me emocionou. Nunca em minha vida estive desesperado por alguma coisa.

— Minha tia costumava esconder todas as suas Birkins do marido no porta-malas de seu G-Wagon. Uma vez, ela deixou a chave na ignição e alguém roubou o carro. Mas eles não sabiam que tropeçaram em uma mina de ouro de bolsas de grife que valiam mais de um milhão, então jogaram as bolsas na beira da estrada. Os policiais recuperaram as bolsas e as devolveram para ela.

A boca de Farrow se contraiu, mas ela não riu.

— Vamos — eu rosnei. — Você quase riu.

— Eu também quase gozei quando fiz sexo com Park Woo Bin no telhado do arranha-céu do pai dele, aos dezessete anos. Mas não o fiz. *Quase* é a palavra-chave aqui, Zach.

Eu não sabia quem era Park Woo Bin.

Eu simplesmente sabia que ele era um homem morto andando.

— Ria. — A ordem escapou como um sussurro estrangulado.

— *Faça-me* — ela disse com a voz rouca, empurrando o peito para fora, quase tocando meu torso parcialmente exposto.

Eu não tive escolha.

Eu tive que sacar as armas grandes.

Respirando fundo, girei até uma gaveta, abri-a e vasculhei alguns álbuns de fotos, arrancando o que precisava. Tirei uma foto do slot e voltei para Farrow.

Balancei a foto pela ponta como se ela me enojasse (de fato), entregando-a a ela. Ela teve o cuidado de agarrá-la pela borda, lembrando-se de não me tocar.

— Só perdi uma aposta uma vez. — Fechei o último botão da minha camisa, limpando a garganta. — Oliver e Romeo me fizeram vestir de couro da cabeça aos pés.

*Rosa.*

Meus olhos se agarraram ao rosto dela.

— Deus, Zach. — Seus lábios abriram o maior sorriso que eu já vi. — A calça não tem bunda.

— Uma lembrança da educação superior de Ollie. Ele voltou da Europa convencido de que as calças são uma conspiração contra as bundas de todos os lugares.

A risada saiu de sua boca. Isso me atingiu direto no peito. De



novo. Como uma injeção de adrenalina diretamente no coração.

Eu senti que estava *funcionando*. Batida. Bombeando sangue. Debatendo-se contra meu esterno.

Porra, era viciante.

*Ela* era viciante.

Sua risada diminuiu e ela olhou para mim por trás de longos cílios. — Feliz?

— O mais próximo que posso — admiti. — O ponto é...

Levantei minha mão, usando o polegar para afastar uma mecha de cabelo de seu olho. Cabelos eram células mortas. Não carne. Mais fácil para lidar.

E ainda assim, nós dois paramos de respirar.

Nossos olhares se chocaram. Mantidos. Sucumbindo a um transe implacável.

— Você é minha agora, Farrow. Para proteger, corromper, arruinar. Não vou deixar ninguém tratar você mal. Muito menos Brett.

Um gole forte desceu por sua garganta. — O que você quer em troca?

*Tudo*, pensei. *Eu quero tudo que você tem para dar e muito mais. Cada centímetro de você. Cada sorriso. Cada risada. Cada respiro. Cada toque.*

Pela primeira vez na minha vida, ansiava por mais do que apenas existir.

Eu queria realmente me permitir *sentir*.

Ignorei a pergunta dela. — Você deveria se mudar para cá. Esqueça ficar em sua casa para proteger a escritura. Sob minha guarda, você terá tudo. A casa. A empresa. As lembranças – além do pingente. Farei um belo casaco para você com a pele de Vera e de suas irmãs, se desejar.

Seus seios subiam e desciam, cheios e sensíveis e implorando para

serem tocados. Os bicos dos seus mamilos cavaram através do tecido barato do seu uniforme. — Não, obrigada.

— Vou comprar a casa dela se for preciso — esclareci.

— Entendi, Zach. Você joga dinheiro nos problemas e eles vão embora. Eu não sou um deles. Comprar meu carinho não vai funcionar. Você terá que merecê-lo.

Eu queria rir.

Eu ganhei tanto em tão pouco tempo na minha vida. De todos os desafios, certamente este era aquele para o qual eu estava totalmente preparado.

— Sinto muito. — Passei meu polegar ao longo de sua bochecha, enxugando uma gota de sangue de Brett. Seus olhos brilharam quando nossa pele se tocou. Um arrepio percorreu minha espinha, uma reação involuntária, como se eu me encolhesse ao som de um garfo sendo arrastado sobre um prato. — Eu realmente sinto.

— Pelo quê? — Ela mal respirava.

— Por arrastar você para o meu inferno pessoal. — Eu mantive meu polegar em sua bochecha. — Você vai me consertar, Farrow... para que eu possa me tornar de outra pessoa.

# CAPÍTULO VINTE E SEIS

## *Farrow*

Eu me livrei do toque de Zach, saindo rapidamente de seu closet como se minha bunda estivesse pegando fogo.

Eu nunca fui nada além de corajosa, mas ouvir meu chefe mais gostoso que Hades me dizer que planejava estragar meus miolos para que pudesse superar algum trauma misterioso e ficar com outra pessoa estava bem acima do meu salário.

Que diabos?

Quero dizer, sério, *o que diabos era isso?*

A pior parte era que a parte superior das minhas coxas estava pegajosa, pingando de desejo por ele. Meu rosto ficou vermelho, sufocando de desejo. Minha pele estava tensa e formigando e implorando para ser tocada.

*Vazia.*

Eu me senti vazia, mais do que qualquer outra coisa.

Apoiando a mão na parede do corredor, lutei para andar em linha reta. Meu estômago caiu quando a ponta de seu dedo encontrou minha bochecha, e aquela sensação vazia e quente aninhou-se em meu núcleo, implorando para ser desatada.

Eu precisava de uma liberação.

*Agora.*

Atordoada, alcancei a porta mais próxima e a abri, tropeçando para dentro. Fechei-a, colando as costas na madeira fria e fechando os olhos.

Tentei regular minha respiração.

O tom elegante das velas Christian Dior e a limpeza geral

arrepiaram meu nariz.

*Concentre-se, Fae.*

Minhas pálpebras se abriram. Examinei os arredores, percebendo que havia entrado na biblioteca de arte de Zach.

Ao contrário das que estavam em seu escritório, peças de arte adornavam cada centímetro das prateleiras de bordo, de parede a parede e do chão ao teto. Esculturas, pinturas, joias antigas e primeiras edições.

Infelizmente, nem a escultura de Brancusi nem a primeira edição de capa dura de *Alice no País das Maravilhas* impediram que meu corpo traidor se revoltasse.

Meu clitóris desleal latejava, exigindo ser tocado, puxado e massageado.

Eu já estava farta.

*Você precisa cuidar disso antes de retornar ao trabalho.*

Girei a fechadura, balancei-a três vezes para verificar novamente e me arrastei até o canto mais distante da biblioteca, apressada pela umidade entre minhas pernas encharcando minha calcinha.

Talvez eu devesse ter me sentido mal por profanar a biblioteca antiga de Zach, mas talvez *ele* não devesse ter indiretamente chamado minha boceta de sua cura.

As prateleiras balançaram atrás de mim quando eu empurrei minhas costas contra elas, derrubando um livro manuscrito de edição limitada da Renascença.

Desci até o tapete, a pulsação latejando entre meus ouvidos. — Uma última chance de acabar com esta loucura, Fae.

*Tarde demais.*

Meus joelhos se abriram por vontade própria.

Pequenas gotas de sangue salpicavam minhas coxas como sardas. Eu provavelmente deveria estar mais preocupada com a bagunça que

abandonei com os Bretts.

Poderia até haver polícia lá embaixo.

Mas eu não estava.

Minha pulsação zumbia dentro do meu núcleo quando alcancei o meio das pernas e empurrei para o lado minha calcinha de algodão, mergulhando os dedos dentro de mim.

Normalmente, eu ia direto para o clitóris, mas nunca me senti tão vazia em toda a minha vida. Ambos os dedos que deslizei para dentro não encontraram resistência enquanto empurravam minha boceta encharcada.

Deus, meus dedos sozinhos não serviriam.

Eu balancei minha cabeça. Lágrimas desesperadas mancharam os cantos dos meus olhos. Examinei os arredores, parando em uma piteira grossa.

Correndo até a mesa, agarrei-a e rastejei de volta ao lugar, enfiando-a dentro de mim enquanto comecei a massagear meu clitóris.

Um arrepio me percorreu. Eu me senti preenchida, carregada, ansiosa para entrar em combustão. Não fazia sentido. A piteira era de metal. Congelante ao toque.

E ainda.

*Ainda.*

Talvez porque fosse a piteira *de Zach*. Na biblioteca *de Zach*. Na mansão *de Zach*. Mas eu podia senti-lo ao meu redor, pairando sobre mim, sussurrando coisas obscenas em meu ouvido.

A dor entre minhas pernas se intensificou. Eu sabia que o que quer que acontecesse aqui nunca estaria à altura do que realmente queria.

*Zach. Empurrando-me contra o tabuleiro Go.*

*Eu esparramada sobre ele, as pedras cravando-se em minhas costas, amassando minha pele sensível enquanto ele descia sua boca pelo meu*

*corpo, sua cabeça desaparecendo entre minhas coxas.*

Meus dedos aceleraram contra meu clitóris. Eu me mexi, levantando minha bunda para inclinar a piteira até atingir meu ponto G.

— Oh, Deus. — Minhas costas arquearam como um arco-íris. — *Sim.*

Movi a piteira, minhas coxas esticadas, queimando, desesperadas por mais fricção.

Vozes levadas para a biblioteca do lado de fora da porta. Oliver rindo. Dallas gritando alguma coisa. Romeo apaziguando-a.

Mas eu tinha saído, perdida dentro da minha própria cabeça. Em outro mundo.

*Zach devorando minha boceta até eu gozar em sua língua. Virando-me de barriga depois que estivesse exausta, provocando seu eixo ao longo da fenda da minha bunda antes de entrar em mim por trás.*

Minha respiração ficou presa, a pressão entre minhas pernas aumentando. Eu choraminguei, pintando círculos desesperados ao redor do meu clitóris.

Beliscando. Provocando. Tremendo.

Seu nome saiu dos meus lábios como um canto. — Zach, Zach, Zach.

Não foi suficiente.

Eu me espalhei ainda mais, empurrando e puxando a piteira dentro de mim enquanto trabalhava no feixe de nervos entre minhas pernas com a outra mão.

A brisa noturna acariciava meus mamilos, entrando pela janela aberta. Eles endureceram sob a corrente de ar. Fingi que era a respiração de Zach, atormentando-me, exigindo que eu me submetesse a ele.

— Faça-me gozar. — Minhas paredes se apertaram em torno da piteira grossa, desesperadas, implorando por uma liberação. — Por

favor, Zach.

*Por favor, por favor, por favor.*

As vozes do lado de fora da porta ficaram mais altas. Mais alegres. Não importava. Meus músculos se contraíram, pulsando com a sinfonia dentro de mim.

Oliver estava do lado de fora da porta agora, gritando sem parar. A risada de Dallas rolou para dentro.

Será que eles decidiram fazer um passeio espontâneo bem quando eu pensei que seria uma boa ideia gozar? Apenas minha sorte.

E ainda assim, não parei.

Sempre teimosa, abaixei-me, forçando todo o meu punho dentro da boca para abafar um grito enquanto montava na piteira como uma onda.

Cerrei os dentes nos nós dos dedos, os quadris balançando para frente e para trás. O prazer queimou através de cada fibra do meu corpo como um incêndio, cada célula pegando calor.

Gritei o nome de Zach em meu punho, a palavra saindo distorcida e crua.

Depois que terminei de gozar, caí contra as prateleiras, ofegante, exausta e totalmente desossada. Tentei recuperar o fôlego enquanto as vozes que vinham do corredor ficavam mais altas.

— ... que diabos são eles? — Dallas estalou a língua. — Que ele cortou o bastardo, eu posso entender. Relacionar-me com, até. Mas ele precisa responder às perguntas do seu advogado.

Passos ecoaram pelo corredor.

— Os Bretts e Jasper acabaram de sair. — Isso veio de Romeo, sua voz monótona. Quase entediada. — Assinaram todas as renúncias e acordos de confidencialidade que o advogado de Zach enfiou goela abaixo. Ele está limpo. — Uma batida. — Falando em NDAs...

— Eu sei, eu sei. — Oliver suspirou. — Primeira regra do Clube da Luta. Não cobice a esposa gostosa do seu melhor amigo.

— Oliver.

— Estou ofendido por você pensar que eu iria denunciar.

— Estou ofendido por você achar que sou burro o suficiente para confiar em você depois de uma garrafa de Clase Azul.

— Estou ofendido por você estar ofendido por...

Seus passos continuaram, clicando mais longe da biblioteca. Enquanto isso, permaneci congelada, com as pernas ainda abertas, sem ousar expirar.

Uma rajada de vento frio lambeu minha entrada.

Finalmente, quando o silêncio persistiu por um minuto inteiro, soltei o fôlego.

*Levante-se, sua idiota imprudente. Limpe-se. Jogue essa piteira pela janela.*

*Volte a si, Farrow Ballantine.*

— Farrow.

Levei um momento para perceber que meu nome não tinha surgido da minha cabeça. A voz rouca de Zach ricocheteou nas paredes, soando ainda mais robótica dessa vez.

Meus olhos se abriram.

Eles imediatamente dispararam para os cantos do teto. Com certeza, em uma diagonal, uma câmera estava pendurada em cima.

Apontada diretamente para mim.

*Oh, meu Deus.*

*Ele me viu me masturbando em sua casa.*

*Ele viu minha boceta bem aberta.*

*Meus dedos brincando com isso.*

*A piteira.*

*A piteira, a piteira, a piteira.*



Eu queria entrar em combustão aqui mesmo.

Mas me recusei a parecer humilhada.

Limpei a garganta e sorri para a câmera. — Sim?

— Você terminou de contaminar minha biblioteca? — Saiu com naturalidade. Imperturbável e não afetado.

De repente, fiquei louca por ele não ter invadido a sala assim que me viu abrir as pernas. Não me jogou contra a janela e me fodeu.

Afundi-me nas prateleiras carregadas, mantendo as pernas abertas. — Sim.

Eu sabia que ele ainda podia ver tudo.

Meu clitóris inchado. Minhas dobras rosadas. Os sucos escorrendo pelas minhas coxas, em seu tapete. O sangue residual do dedo de Brett pintando traços confusos em minhas coxas.

Mas me recusei a mostrar-lhe fraqueza.

— E como a sala excitou você, exatamente? Foram as capas duras de Dostoiévski e Murakami ou as pinturas de Degas?

Tirei uma franja da minha testa. — Foi principalmente a sua ausência.

Ele riu do outro lado do interfone. Um ruído estático que ainda conseguiu penetrar em minhas entranhas.

Tirei o pó das mãos. — Terminamos o bate-papo?

Eu queria me levantar e me limpar. Então, obviamente, eu me esconderei debaixo de uma pedra e passarei o resto da minha vida mortificada com o que aconteceu.

— Quase. — Silêncio. E então: — Chupe seus dedos.

Eu queria desafiá-lo. Para negá-lo. Mas...

Eu também queria fazer isso por mim mesma. Meus mamilos já estavam endurecidos novamente, meu corpo ganhando atenção ao seu comando rouco.

Virei minha cabeça para sorrir para a câmera. — Peça gentilmente.

Ele fez uma pausa, considerando isso. — Por favor, coloque os dedos na boca e experimente o que minha mera existência faz com você.

— Muito arrogante?

— Muito. E tudo isso, da raiz à ponta, está prestes a encher sua boceta, sua bunda e sua boca. Em breve.

Um tremor de ansiedade e euforia percorreu meu corpo. Eu queria isso. Eu queria isso mais do que qualquer outra coisa no mundo neste momento.

Circulei meu mamilo com meu dedo molhado. — Você acha que é capaz de me tocar?

Outra batida de silêncio.

Ele respondeu com firmeza: — Eu *sei* que posso.

Lentamente, levantei meus dedos até a boca e chupei, o olhar ainda fixo na câmera.

— Saborosa? — Soou grosso. Tenso. Sem controle.

— Você não tem ideia.

Eu sorri, juntando meus joelhos e tirando minha calcinha arruinada. O vestido caiu pelas minhas pernas quando me levantei.

Agachei-me, recolhendo a calcinha e a piteira, prestes a enfiá-los no bolso do uniforme.

— *Tsk, tsk.* — Algo parecido com uma risada sombria ressoou pelos alto-falantes. — Não roube, pequena Octi. Este é o seu segundo ataque. Devo colocar cartazes em cada sala para lembrá-la das regras?

Eu fiz uma careta para a câmera. — É uma piteira barata.

Eu havia atingido um novo nível baixo. Parada em uma sala vazia, conversando com o chefe, em quem queria subir como uma árvore.

E ainda assim, de alguma forma, parecia uma sensação de euforia.

— Mesmo assim é minha.

— Vou comprar outra para você.

— Receio que esta seja totalmente insubstituível.

— Você está apenas puxando minha perna neste momento.

— Querida, quero fazer  *muito* mais se você me deixar. — Ele fez uma pausa. Algo parecido com uma risada rouca fez cócegas em meus ouvidos.

Cruzei os braços. — E agora?

— Não é uma piteira *barata*.

— Quão cara pode ser?

— Não se trata de preço. É sobre a história.

Resisti à vontade de me esgueirar pelas sombras, finalmente processando todas as antiguidades que esta sala continha.

— O quê? — Joguei meu cabelo sobre um ombro. — Era Winston Churchill o dono?

— Perto. Thomas Jefferson. Ele segurou-a na outra mão enquanto assinava a *Declaração de Independência*.

Bem, porra.

De jeito nenhum eu conseguiria consertar um problema tão grande. Não adiantava tentar.

Com mais confiança do que eu esperava, fui até uma vitrine vazia, tirei a tampa e coloquei a piteira dentro, junto com minha calcinha.

Virei-me para a câmera, arqueando uma sobrancelha. — Feliz?

— Só depois que você estiver esparramada em cima da minha mesa Go, no meu pau. O convite permanece aberto.

— Você está duro? — eu resmunguei.

— Não — foi sua resposta instantânea.

— Você é um mentiroso.

Fui até a porta, perguntando-me se ele estava.

Talvez eu não fosse o tipo dele. Talvez ele tivesse gostado de me ver me masturbar, mas não quisesse me tocar. Talvez ele sempre tivesse feito isso. Contratava garotas como ajudantes e brincava com elas.

O que eu sabia sobre esse homem?

Apenas os fatos secos que me foram entregues pela Wikipedia.

Sua voz fez cócegas na parte de trás dos meus ouvidos enquanto eu me afastava.

— Talvez, mas você não consegue lidar com a minha verdade.

## CAPÍTULO VINTE SETE

### *Zach*

Eu nem me preocupei em expulsar todo mundo de casa. Isso implicaria que eu estava sob controle, o que certamente não estava.

Simplesmente me tranquei no quarto principal, entrei no chuveiro e coloquei a água na temperatura mais fria.

Não funcionou.

Apoiei minha mão sobre os azulejos, apertando meu pau inchado. Ele latejava, pré-sêmen vazando da coroa.

*Gotejamento, gotejamento, gotejamento.*

Tão quente e pesado que estava roxo.

*Não se masturbe.*

*Tenha um pouco de autocontrole.*

*Você está quebrando todas as suas regras.*

Mas eu não conseguia tirar a visão da minha cabeça. Da sua boceta rosa brilhante, tão apertada e bonita, como uma rosa meio desabrochada, pingando para mim.

Esperando que eu pegasse.

*Porra.*

Agarrei o meu pau pela raiz, apertei-o com força e comecei a mover o meu punho para cima e para baixo, ganhando velocidade à medida que a pressão nas minhas bolas se intensificava.

A maneira como ela pingou para mim.

A maneira como ela arqueou as costas.

A maneira como ela colocou *minha* piteira em sua boceta.

O calor girou em meu estômago e gozei em segundos. O mais

rápido que eu já gozei. Indo mais longe do que eu pensava ser possível.

Porra espessa e quente pintou meus azulejos.

Eu imaginei isso na bunda dela, mergulhando um dedo naquela poça, espalhando-me por todo o seu rosto. Escrevendo meu nome em sua pele lisa em branco perolado.

Desliguei a água, cambaleei para trás e pressionei a cabeça contra os azulejos, fechando os olhos.

Tudo estava mudando.

Incluindo eu.

# CAPÍTULO VINTE E OITO

## *Zach*

**Ollie vB:**

Sou só eu ou Zachary fez um Houdini<sup>14</sup> depois de cortar os dedos de Brett Junior?

**Romeo Costa:**

Não apenas você.

**Ollie vB:**

@ZachSun, quer meu conselho?

**Zach Sun:**

Não estou interessado em seguir o conselho de um homem que coleta mais DNA do que o FBI.

**Ollie vB:**

E a DEA também.

**Ollie vB:**

Por que todos aqui continuam minimizando minhas conquistas?

**Romeo Costa:**

Você estava dizendo...?

**Ollie vB:**

Certo. Meu conselho.

**Ollie vB:**

<https://www.dicksdicksdicks.com/Condoms/Durex-Extended-Pleasure/Family-Pack>

**Ollie vB:**

Preservativos de lidocaína. Assim você não esgota sua carga em 0,2 segundos.

**Ollie vB:**

Não diga que nunca protegi você.



## CAPÍTULO VINTE E NOVE

### *Farrow*

— Você parece feliz.

A acusação ressoou nos lábios de Andras enquanto dançávamos na pista. Eu praticamente podia *ouvi*-lo carrancudo.

Suas juntas estalaram como gravetos debaixo de uma bota. Ele estava me irritando, constantemente batendo na minha espada, tentando me colocar em modo defensivo.

Recusei-me a me encolher.

Meus olhos enrugaram por trás da minha máscara. — Você diz isso como se fosse uma coisa ruim.

Eu me lancei para frente, pegando seu ombro.

— Muito bem, Fae. Então, diga-me, por que você está feliz?

Talvez porque eu quase não passasse mais tempo naquela casa esquecida. A ideia de que ela iria apodrecer e se deteriorar – assim como as pessoas dentro dela – não me incomodava mais.

Papai não gostaria que eu sofresse para preservar uma casa em ruínas.

Ou talvez porque Zach nunca comentava quando invadia seu domínio. Eu gostava de tirar uma soneca em um de seus quartos de hóspedes sempre que tinha vontade.

Passar um tempo em seu território – mesmo quando ele não estava lá – fazia eu me sentir segura. Pela primeira vez, entendia por que as pessoas se acomodavam. Depositavam sua fé em outros humanos e se agarravam firmemente.

Essa sensação de segurança fazia maravilhas ao corpo.

Até meus avanços na pista pareciam mais leves.

Ou talvez porque a marca das duas semanas estava chegando e isso significava meu primeiro salário. Eu planejava lucrar perguntando a Zach o nome de um bom advogado.

Não adiantava guardar as boas novas só para mim.

Eu ofeguei, girando no lugar para evitar seu ataque. — Finalmente estou conseguindo um advogado para lutar contra Vera.

— Postura. Amplie. — Ele me corrigiu, golpeando meu braço com sua espada. Enquanto eu me ajustava, ele puxou a máscara para cima da testa, mesmo estando no meio da partida. Seu rosto apareceu diante de mim, marcado pela confusão. — Onde você conseguiu o dinheiro?

Eu me endireitei, deslizando para cima da minha estocada. — Meu novo chefe e eu temos... um acordo.

— *Remek*. Você tem um novo emprego. — Ele arrancou a máscara completamente da cabeça. — Quem é o chefe sortudo?

Ele não sorriu, nem me parabenizou.

O pavor escorria pelas minhas entranhas. Mas eu me recusei a deixar sua reação morna me afetar. Ele sabia o quão desesperadamente eu queria contestar o testamento.

Este homem cuidava de mim. Queria que eu realizasse meus sonhos. Ajudou-me a alcançá-los, mesmo quando já não podia pagá-lo pelo seu tempo.

— Zachary Sun.

Andras assobiou baixo, dando-me as costas enquanto saía da pista. — O bilionário com todos os encontros às cegas?

Eu fiz uma careta. — Entre outras coisas.

— Pergunto-me por que ele está disposto a financiar este seu pequeno projeto.

Então, acho que terminamos de praticar hoje?

Deixei minha máscara de lado, soltando meu traje de esgrima do

arama ao qual estava preso com mais força do que o necessário. Ele voltou ao lugar.

Pendurando meu porta-espada no ombro, corri atrás de Andras. — Ei, o que você está insinuando? Sou apenas sua governanta.

Embora, a essa altura, eu já tivesse uma boa ideia do motivo pelo qual Zach havia me contratado. Ele disse isso em voz alta. Ele queria que eu o curasse de sua repulsa pelos humanos.

*Se caíssemos na cama, porém, seria totalmente consensual e não teria nada a ver com sua carteira.*

Não doía que ultimamente eu me sentisse vista perto dele. Protegida e adorada sob a intensidade do seu olhar persistente.

Eu pensei que a atenção duraria? Absolutamente não.

O homem passou toda a sua vida adulta focado em aquisições hostis, saltando de empresa em empresa. Ele poderia girar em um piscar de olhos.

E daí?

Por que eu não deveria experimentar sexo quente com um homem bonito?

Minha vida não precisava girar em torno de prática e trabalho. Eu não tinha namorado. Sua mãe ainda tinha o rosto colado nas paredes de todas as agências de namoro de elite a leste do Mississippi.

Nada mudaria para mim, exceto a oportunidade ocasional de relaxar e ganhar pontos de carma por realizar um ato de caridade para alguém que claramente precisava dele.

Andras apertou o botão prateado, forçando a abertura das portas. Seguimos pelo amplo corredor do clube de campo, passando por membros com uniformes de tênis e basquete.

O campo de golfe estendia-se de janela em janela como um lençol verde, pressionado contra montes artificiais e salpicado de bandeiras.

— Não estou insinuando nada. — Ele suavizou a voz. — Só estou preocupado que sua cabeça não esteja no lugar certo.

Meus ombros caíram.

Eu precisava parar de presumir o pior sobre as pessoas. Eu tinha esquecido sua mente focada. Andras queria que eu me concentrasse em meu ofício. Era tudo o que conversávamos.

Ele parou na frente dos armários masculinos, virando-se para mim. — Se você contestar o testamento, você investirá todo o seu tempo, esforço e dinheiro nisso, e já estará se espalhando. Você precisa estar focada. — Uma carranca aprofundou as rugas ao redor de suas bochechas. — O que há de tão difícil em seguir em frente?

Torci meus dedos, balançando meu peso de um pé para o outro. — Não é justo que ela fique com metade da empresa.

Andras revirou os olhos. — É apenas uma empresa de limpeza. Abra outra.

— Não é *apenas* uma empresa de limpeza. É o legado do meu pai. Fizemos esse nome juntos. Escolhemos o logotipo, os produtos, os serviços. Tínhamos planos e eles se foram. — Joguei minhas mãos para cima, o calor subindo pelo meu pescoço quanto mais excitada eu ficava. — E as lembranças. Ela vendeu todas elas. Eu as quero de volta.

Papai sempre dizia: *As memórias são um segundo coração. Depois que você vai embora, elas batem nas pessoas que você deixou para trás.*

Aquela mulher vendeu o segundo coração do papai.

Eu queria isso de volta.

— Elas se foram. — Andras balançou a cabeça. — As joias. A arte. Pelo que sabemos, podem estar na Sibéria. Mesmo se você as localizasse, você nunca seria capaz de comprá-las.

Ele estava certo.

E ainda assim, eu não conseguia deixar passar.

Queria lutar contra Vera com tudo o que restava em mim, mesmo que não fosse muito. Por despeito. Por justiça. Por vingança.

*Pela dor.*

Vinte e dois anos de abuso desde o momento em que cheguei aos seus degraus quando era recém-nascida. Vinte e dois anos rechaçando esquemas para me expulsar de casa.

Se eu deixasse esses vinte e dois anos sem resposta, ainda seria um humano ou um capacho?

*Essa é minha garota. A voz de papai chegou até mim como uma tempestade repentina. Eu queria chorar ao som disso. Levante-se por si mesma. Mesmo contra aqueles que você ama. Se você se encontrar sozinha, eles nunca o amaram de verdade.*

— Aquele não é o testamento real dele — eu sibilei com os dentes cerrados. — Essa é a principal razão pela qual quero contestá-lo. Ela manchou sua herança e roubou seus últimos desejos.

Ele agarrou a cabeça como se pensasse que ela fosse explodir. — O que você está falando?

— Ela mesma redigiu aquilo.

— Como você sabe?

— Porque eu conheço meu pai. Aquele não é o testamento dele. Eu sei disso em meu coração. Em meus ossos.

A leitura do seu testamento referiu-se à sua coleção de arte como *itens diversos*. Itens a serem vendidos em leilão com lucros totais entregues a Vera Ballantine.

O quadro que papai jurou que nunca venderia, mesmo que o próprio presidente se ajoelhasse para implorar.

A escultura maluca de nariz que ele insistia começaria a Terceira Guerra Mundial, já que o lembrava daquele que ele havia passado para mim.

E o pingente que ele prometeu que me daria no meu casamento depois de me levar até o altar.

Eu simplesmente não acreditei no testamento. *Recusei-me a acreditar*, porque se acreditasse, significaria que todas as promessas que meu pai me fez eram mentiras.

E meu pai *não era* mentiroso.

— O que isso importa? — Andras ergueu os braços. — Está feito. Já se passaram quase dois anos. Concentre-se no que você pode mudar.

— Eu *posso* mudar isso. — Cerrei os punhos ao lado do corpo. — Eu não tenho que me deitar e aguentar.

— Se você passar algum tempo com esse Sr. Sun, deitar-se e tomá-lo se tornará sua posição principal, *te bolond* — ele rosnou, abrindo o zíper de seu traje de esgrima.

Uau.

Resistir. Abortar. Retroceder. Pausar a televisão.

Andras basicamente me chamou de vagabunda.

Para começar, uma vagabunda é apenas uma mulher que sabe que pode fazer qualquer coisa que um homem faça. E em segundo lugar, eu não precisava aceitar isso.

Eu me endireitei, falando o mais devagar possível, certificando-me de que minhas palavras fossem absorvidas em seu crânio. — O que você acabou de dizer não está correto. De forma alguma.

— O que acabei de dizer é a verdade.

Eu nunca o tinha visto tão exaltado antes. Não era ciúme. Andras nunca se importou com nada além de esgrima. E mesmo assim, ele me priorizou.

Desde que voltei de Seul, arruinada e desgraçada, ele juntou as peças para mim, fazendo tantas coisas nos bastidores que eu sabia que nunca entenderia o alcance total de seus esforços.

Mas ele era péssimo com as palavras e algumas coisas eram inaceitáveis de se dizer.

Cruzei os braços. — Eu gostaria de um pedido de desculpas.

Não importava que eu considerasse Andras um segundo pai. Ou que suas palavras provavelmente vieram de preocupação.

— Você não ouve os rumores? — Ele se dobrou, apontando na direção da multidão de membros ricos do outro lado do muro. — Zachary Sun e seus amigos só sabem pegar, usar e abusar. Ele é um playboy. Ele nunca vai levar você a sério. Ele pode ajudá-la com alguma coisa agora e depois parar quando se cansar de você.

Ele estava certo.

O próprio Zach disse isso.

Eu era um band-aid. Uma cura. Um antídoto.

Nada mais. Nada menos.

Um meio para o fim.

Inclinei meu queixo para cima. — Eu sou uma menina crescida.

— Ah, mas você ainda é uma *menina*. — Andras bateu no meu nariz, olhando para mim. — Faça um favor a si mesma e ouça um adulto pelo menos uma vez na vida. Essa coisa com sua madrasta deveria ser enterrada junto com seu falecido pai. Ele gostaria que você se desse bem com ela, Fae. Ele gostaria que você começasse do zero. Escolha a paz, não a guerra.

*Não fui eu quem escolheu a guerra.*

*Fui arrastada para dentro dela, chutando e gritando.*

Eu balancei minha cabeça. Minha próxima aula com Zach começaria em dez minutos. Eu me perguntei se ele iria aparecer, considerando tudo.

— Eu preciso ir. — Apertei a alça da minha bolsa por cima do ombro. — Obrigada pelo conselho, mas vou em frente.

Girei nos calcanhares, marchando para o vestiário feminino. Assim que passei pela porta, desabei em um banco desolado e enterrei o rosto nas mãos.

*Tudo bem.*

*Você está bem.*

*Zach Sun é o seu bilhete para a redenção, e você nunca se esquivou de*

*casos de uma noite.*

*Isso não é sujo. Não está errado. E isso não vai acabar com seu coração espalhado na pista, com um sabre atravessado por ele.*

Essa era a questão de crescer em um ambiente ausente de afeto humano. Encontrei-o em qualquer lugar que pude – inclusive, e especialmente, em casos de uma noite.

Enquanto crescia, papai entregava pedaços de amor em doses tituladas, na esperança de que passassem despercebidos pelas outras três mulheres Ballantine.

Ele fez o possível para manter a paz, na esperança de criar as três filhas em harmonia. E ele considerava Tabby e Reggie suas filhas, iguais em valor a mim, mesmo que não compartilhassem uma gota de seu sangue.

Elas simplesmente se recusaram a ver isso.

E eu? Não tinha problemas em aquecer meu coração com exercícios aeróbicos e os lençóis almiscarados de um homem.

Na verdade, há muito tempo eu suspeitava que tinha exatamente o problema oposto ao de Zach. Eu ansiava pela sensação da pele de outra pessoa na minha. Tive prazer em conexões e não olhei para trás.

Os relacionamentos eram de alto risco. Arriscados.

Sexo era simples. Gratificação instantânea.

E Zach era um deus entre os homens. Eu não corria risco de me apaixonar pelo bilionário taciturno e paternalista sentado no topo de uma torre de marfim.

Tirei meu telefone da minha mochila, lendo as mensagens da minha melhor amiga.

**Ari:**

Não acredito que não vamos comemorar seu aniversário juntos.

**Farrow:**



Eu também.

**Farrow:**

Você é minha pessoa favorita no mundo inteiro agora.

**Farrow:**

(Para não soar como um clinger de estágio cinco ou algo assim.)

**Ari:**

Mais do que Keanu Reeves?

**Farrow:**

Sim.

**Ari:**

Mais do que Taylor Swift?

**Farrow:**

Sim.

**Ari:**

Mais do que Madonna?

**Farrow:**

Ei, não force.

Ela é a rainha do pop.

**Ari:**

Merp.

**Farrow:**

Bem, tenho que ir para uma luta de espadas com o cara por quem me masturbei.

**Farrow:**

Falo mais tarde.

**Ari:**

Maneira de me fazer sentir uma perdedora.

**Ari:**

O ponto alto do meu dia foi fazer as unhas.

**Ari:**

P.S. Quando foi a última vez que você transou? Talvez trocar sua espada pela dele, você sabe, a espada.

# CAPÍTULO TRINTA

## *Farrow*

Ele não apareceu.

Os sinais reveladores de decepção envolveram meus tornozelos e puxaram.

Era estúpido. Eu não tinha motivos para ficar chateada. Afinal, eu receberia meu pagamento por essa sessão de treinamento de qualquer maneira.

Agora eu tinha uns raros noventa minutos de tempo livre para fazer o que quisesse.

E ainda assim, quase dez minutos se passaram desde o horário marcado, mas eu pairava perto de nossa pista, embrulhada em equipamento de esgrima completo, meu capacete preso na mão enquanto examinava o ginásio.

Eu continuaria esperando?

*Só se você for uma idiota.*

Hmm... discutível hoje em dia.

Bufando, sentei-me na pista, com os cotovelos enterrados nos joelhos.

Mais dez minutos se passaram.

Depois quinze.

Depois dos vinte, desisti.

Ele não viria.

*Dane-se isso.*

Levantei-me, coloquei meu porta-armas por cima do ombro e saí do ginásio. Os esgrimistas ao meu redor lutavam com força total.

O zumbido dos aparelhos de ar-condicionado e o tilintar das espadas atacaram meus ouvidos. A inveja lambeu meu peito, algo escuro florescendo por dentro.

*Raiva.*

Ele poderia ter me mandado uma mensagem.

Ele *deveria* ter me mandado uma mensagem.

Eu poderia estar em casa. Na cama. Talvez dormindo quatro horas inteiras pela primeira vez em dois anos.

Quanto mais eu pensava nisso, mais raiva sentia. Como ele ousava? O último sono decente que tive foi no útero.

Meus pés bateram nos azulejos quando entrei no vestiário, troquei meu equipamento por camiseta simples e jeans e segui em direção à saída.

Marchei por quadras de basquete cobertas, estúdios de Pilates, campos de pickleball e simuladores de golfe.

Quanto mais idiotas super-ricos eu passava e que me lembravam Zach, mais a temperatura aumentava dentro de mim. Eu poderia quebrar um ovo nas veias agora mesmo e fritá-lo em dois segundos.

Quando o spa do clube se estendeu diante de mim, eu adicionei a fome à minha lista de razões pelas quais Zachary Sun entrou na minha lista de merda.

Talvez eu tivesse começado a ter alucinações, porque jurei que vi Andras entrar.

*Estranho.*

O homem não reconheceria uma agulha de Botox nem se ela o apunhalasse no olho.

Franzindo a testa, corri atrás dele, mergulhando para pegar a porta antes que ela se fechasse e colocando a mão em seu ombro. — Ei, sobre a nossa conversa...

O homem se virou e percebi que não era Andras.

— Desculpe. — Puxei minha mão de volta. — Pessoa errada.

— Ei, Fae. — Stacey, a recepcionista, sorriu para mim atrás de sua mesa. — Como vai você?

— Ótima. — Sorri de volta. Mentiras não tinham gosto de nada hoje em dia. — Você?

Arrastei-me em direção à porta sem me virar, cansada demais para conversar com alguém que mal conhecia. O clube empregava nós duas, mas eu poderia contar nos dedos de uma mão o número de vezes que nos falamos e ainda sobravam dedos.

— Nada mal. Meu namorado vai me levar para a Espanha no próximo mês. Acho que ele pode fazer a pergunta. — Ela enrolou um cacho no dedo, os olhos varrendo o teto como se o painel de gesso tivesse seu painel de casamento no Pinterest projetado nele. — Oh. Esqueci de perguntar... você está doente ou algo assim? Precisa de alguma coisa?

*Bom senso, talvez, com a forma como tenho pensado no idiota do meu chefe.*

Eu fiz uma careta. — Não, por quê?

— Sem motivo. — Ela colocou a caneta atrás da orelha. — É que vi seu aluno entrando na sauna, então imaginei que você cancelou sua aula.

— O que você quer dizer com viu meu aluno? — Cocei minha têmpora. — Ele esteve aqui?

— Ele *está* aqui. — Ela inclinou a cabeça para a parte de trás do spa. — Na sauna. Se ele ainda não evaporou. — Ela riu. — Está lá há quarenta minutos.

*Filho da...*

Ele chegou ao local, mas nunca entrou? Por quê?

Mordi o canto da minha bochecha, amaldiçoando minha tolice. Eu tinha esquecido a regra número um da vida: nunca esperar nada de ninguém. Isso só levava à decepção.

— Com licença. — Aumentei meu sorriso falso, já indo para a sauna. — Acho que deixei algo lá atrás.

Ela franziu a testa. — Mas você nunca entrou-

Sua voz se dissipou com a velocidade com que passei por ela. A raiva latente tamborilou em minhas veias.

Algo mais entrelaçado com isso.

Excitação – com a perspectiva de vê-lo apenas com uma toalha.

Correção: com a perspectiva de *mutilá*-lo com nada além de uma toalha.

\* \* \*

Zach estava sentado sozinho na sauna deserta, a cabeça apoiada na parede sombreada, alheio ao Peeping Tom diante dele.

Na ponta dos pés, olhei para dentro pela pequena janela quadrada, o pulso acelerando ao ver sua expressão des preocupada.

Ele girou o pescoço, massageando um nó com nada além de uma toalha branca. Seus cabelos negros pingavam suor em seu rosto. Ele parecia um deus de bronze, com bíceps e abdominais salientes e brilhantes.

A dor surda entre minhas pernas se intensificou e foi então que percebi que ela sempre esteve lá. Que nunca tinha realmente ido embora desde que entrei em sua biblioteca.

Minha mochila caiu no chão com um baque suave. Empurrei a porta e entrei, ainda vestida.

Os olhos de Zach permaneceram firmemente fechados, mas de alguma forma ele ainda disse: — Como você me encontrou?

— Segui o fedor da riqueza.

— Essa é a parte em que eu deveria ficar ofendido?

— Esta é a parte em que você me conta por que me deu um bolo.

O vapor penetrou lentamente em mim, marinando com a raiva fervendo em minhas veias. A umidade grudou meu cabelo na nuca, umedecendo minhas roupas até grudarem em meu corpo.

Se ele abrisse os olhos, teria uma visão privilegiada dos meus mamilos saudando-o através do tecido branco.

Ele não fez isso.

Zach ajustou a toalha enrolada atrás do pescoço, os olhos ainda fechados. — Não tive vontade de ver seu rosto.

— Você está falando sério agora?

— Acho que estabelecemos que não sou de brincar.

Dando um passo à frente, balancei a cabeça. — Você não pode simplesmente me dar um bolo.

— Eu posso. — Seus olhos se abriram, seu humor mudou de indiferente para atento em 0,2 segundos. — Caso em questão, eu fiz.

— Se você tivesse me contado, eu poderia ter dormido mais.

— Mas você não poderia ter feito isso. Você treinou com Andras.

— Eu poderia ter mudado as coisas.

— Negativo novamente. Você tem trabalho a fazer, Cinderela.

— Mas eu-

Ele me cortou. — Você sabia que a fêmea do polvo não come nem se limpa após o parto? Ela morre logo depois de cuidar dos ovos. Os machos também ficam senescentes e morrem algumas semanas após o acasalamento.

*O quê?*

— Isso é deprimente. — *E bizarro.* — Obrigada pelo fato não tão divertido. De qualquer forma, voltando ao assunto-

— A fêmea do polvo pode botar até quatrocentos mil ovos. E ela passa a vida protegendo-os, noite e dia, protegendo-os com seu corpo

antes de morrer quando eclodem.

— Você está disputando uma carreira na National Geographic? — Suor salgado vazou em minha boca. O ar úmido encharcou todo o meu corpo da cabeça aos pés. Isso não parecia mais o confronto glamoroso que eu esperava que fosse. — O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Você parece ferozmente leal. — Ele levantou um ombro. — Uma vez conheci um homem assim.

Recusei-me a deixá-lo me bajular. Especialmente porque esta era a primeira vez que conversávamos desde que ele me viu me masturbando.

Eu balancei minha cabeça. — Estou com tanta raiva de você.

— Não sinta.

— Por quê?

Suas narinas dilataram-se. — Porque não.

— Isso não é uma resposta, Zach.

— Porque... — Ele deu um tapa na lateral do banco, cuspido fogo. — A única razão pela qual não apareci foi porque você é uma tentação.

A respiração pesada rasgando seu peito fazia seus peitorais se moverem para cima e para baixo. Ele era gloriosamente lindo. Lambível da cabeça aos pés.

E estávamos sozinhos.

Sua confissão me encheu de satisfação.

— Você me acha atraente? — eu perguntei, embora me sentisse tão desejável quanto um guardanapo sujo enquanto suava o peso do meu corpo através das roupas.

Ele tirou fiapos da toalha presa em sua cintura. — Você sabe que eu acho.

— Você com certeza tem um jeito engraçado de mostrar isso.



Seus lábios franziram. — É difícil.

— Hum. — Bati meu beicinho com o dedo. — É assim que geralmente deveria ser, querido. A menos que você precise de Viagra.

— Não estou falando sobre *isso*. — Seus olhos deslizaram para a toalha. *Estava* crescendo abaixo dela, a crista de seu pênis longo e grosso pressionando contra o tecido branco imaculado. — Estou falando sobre tudo isso. Tocar. Soltar. Mudar. Uma coisa é tentar e ter sucesso. Mas se eu falhar... — Ele praguejou, esfregando o queixo. — Se eu falhar, será um prego no caixão. A confirmação final que preciso aceitar plenamente que nunca poderei ter qualquer vestígio de algo humano para desfrutar.

— Zach... — Minha voz falhou.

— Eu vivo a vida de um imortal. Nada significa nada para mim, Farrow. Não vivendo. Não morrendo. Não comendo. Não bebendo. Não rindo. Não tenho nenhuma gama de emoções pela simples razão de que não possuo tal coisa. Você é a única pessoa que encontrei e que quero tocar. Então, se isso não funcionar-

— *Vai funcionar* — eu o interrompi, o coração batendo tão rápido que meu peito poderia desabar a qualquer segundo.

Eu queria ajudá-lo. Não só porque o formigamento entre minhas pernas se tornava insuportável toda vez que estávamos no mesmo quarto, mas porque queria que o homem que me protegia *vivesse*.

Que experimentasse a normalidade. Prazer. *Orgasmos*.

Puxei meus ombros para trás, olhando-o bem nos olhos. — Vou me certificar de que funcione.

Ele molhou os lábios, uma cautela óbvia espreitando em suas pupilas..., mas também misturada com outra coisa.

*Curiosidade?*

De repente, as paredes da pequena e escaldante sala pareciam estar se aproximando, aproximando-se de nós.

Eu decidi agir.

Com um movimento suave, agarrei a barra da minha camisa e a arranquei, jogando-a nas tábuas de madeira.

Zach não respondeu, exceto pelo tremor em sua garganta que me disse que ele estava prestando muita atenção. Meu coração galopou no meu peito.

Uma gota de suor rolou entre meus seios e por baixo do sutiã, desceu até meu umbigo e desapareceu dentro dele.

Ele assistiu sua descida com olhos famintos. Dei um passo em direção a ele, soltando meu cabelo da presilha que o prendia.

Zach inclinou a cabeça e observou fascinado.

— Conte-me algo interessante sobre você. — Desabotoei o primeiro botão da minha calça jeans, despindo-me para ele. — Distraia-se enquanto deixa seu corpo reagir a isso.

— Eu... — ele começou, então parou.

Afrouxei outro botão da minha calça jeans.

Então outro.

— Você o quê?

Essa voz gutural era mesmo minha?

Eu não a reconheci.

Puxei minha calça jeans para baixo de uma só vez e a chutei para o lado. Ela se enredou na minha camisa. Eu tinha certeza de que minha calcinha branca de algodão era transparente com o quão molhada estava.

Zach usava vulnerabilidade como um terno feito sob medida, de alguma forma complementando suas maçãs do rosto salientes e queixo pontiagudo.

— Eu sou virgem — ele admitiu, seus olhos procurando os meus.

Por zombaria.

Por confusão.

*Por pena.*

Ele não encontrou nenhuma dessas coisas.

Porque a verdade era... tudo que eu sentia era dor por ele. Dor e uma pontada de possessividade que me abalaram.

Eu não tinha o direito de sentir isso. Eu disse a mim mesma que não me apegaria. Mas não pude evitar. Ele parecia um menino nesse momento, não um dos homens mais ricos e atraentes do planeta.

*Vou tirar a virgindade dele.*

*Vou ter algo que ninguém mais teve: Zachary Sun.*

Avancei em direção a ele, abrindo meu sutiã atrás das costas com uma mão. — Isso não é algo de que você deveria se envergonhar.

Ele soltou uma risada amarga. — Sou virgem aos trinta e três anos.

— Você é um homem com um passado traumático que torna difícil tocar ou sentir — respondi, adivinhando, mas também certa.

Ele nunca falou sobre isso em entrevistas, mas li artigos descrevendo a morte horrível de seu pai – e a condição em que os bombeiros encontraram Zach.

Se fosse eu, ficaria inconsolável.

Mudada para sempre.

Danificada para sempre.

Deixei meu sutiã deslizar dos meus braços. Meus seios inchados, cheios e prontos para serem tocados. Seus olhos focaram na forma como meus mamilos estavam em pé como dois diamantes.

Ele assistiu paralisado enquanto eu caminhava em seu caminho.

— Aquela coisa com Eileen... — Ele limpou a garganta. — Não é real. É um acordo.

— Eu sei.

*E ainda odeio isso, embora não tenha o direito de fazê-lo.*

Cheguei até ele e montei em sua cintura, toda nua, exceto pela minha calcinha. Meus joelhos afundaram no banco de cada lado dele, pairando acima sem tocá-lo.

Apoiei a mão na parede para manter o equilíbrio.

Ele inclinou a cabeça para cima, observando-me através de olhos encapuzados e bêbados de luxúria. — Como você sabe?

— Porque eu vi o jeito que você olhou para ela.

— E como eu olhei para ela?

— Como se ela fosse uma diretriz de fusão de 600 páginas que você precisa assinar.

Uma risada escapou dele. Ele moveu seu pescoço e peito alguns centímetros para mais perto de mim. Minha boceta vazou em resposta.

Eu me sentia vazia.

Tão vazia.

— O estatuto geralmente não é assinado.

Revirei os olhos. — Você sabe o que eu quero dizer.

— Eu sei. Eu gosto do seu senso de humor. Se algum dia eu desenvolver um, será parecido com o seu.

Este foi o elogio mais estranho e comovente que já recebi.

— De qualquer forma... — Fiz uma careta, desejando tocá-lo. — Você não deveria se casar com ela se não gosta dela.

— Gostar de alguém não tem nada a ver com casar com essa pessoa — ele rebateu, seus olhos caindo para meus seios.

Suas mãos se contraíram ao lado do corpo.

Eu sabia que ele queria tocá-los.

Mas eu também sabia que ele não faria isso.

Ele não estava pronto. Ainda não.

Ele lambeu os lábios. — Na verdade, quanto menos eu gostar

dela, melhor será o nosso casamento. Capturar sentimentos é uma fraqueza terrível. Veja o que isso fez com Romeo.

Eu balancei minha cabeça. — Ah, Zach.

— O quê?

— O que isso fez com Romeo foi maravilhoso – deixou-o feliz.

Queria tocar seu rosto, seu cabelo, seus braços musculosos, mas me contive. Em vez disso, ficamos olhando um para o outro, respirando o mesmo ar quente e úmido. Acostumando-nos com a proximidade.

Eu sabia que alguém poderia entrar na sauna a qualquer minuto. Que eu poderia ser totalmente banida deste clube de campo e do time de esgrima.

E ainda assim, eu não me importei.

— Farrow — ele rosnou, finalmente, os olhos deslizando para o triângulo entre minhas coxas. Para minha calcinha molhada.

— Sim?

— Eu quero ver sua boceta pingando para mim novamente.

— Tire-a de mim, então.

Suas narinas dilataram e ele se concentrou, franzindo a testa para minha calcinha como se ela o tivesse atacado pessoalmente.

Eu sufoquei uma risadinha.

— Eu poderia tocar em você se eu fizer isso — ele disse depois de um instante.

— Eu adoraria isso, Zach.

Ele estendeu a mão para ela, e esta era minha chance.

Curvei minha coluna, afastando-me dele ligeiramente. — Com uma condição.

Ele olhou para cima, alerta, o cabelo pingando, o rosto perfeito.  
— Sim?

— Você cumpre sua parte do acordo. Você me contrata um investigador particular e uma equipe de advogados.

— Feito.

Dei-lhe um pequeno aceno de cabeça, embora lamentasse o momento do lembrete. Tornava isso uma transação, o que não era.

Eu o queria com ou sem advogados.

Eu também queria erguer uma barreira. Para me lembrar da horrível verdade.

*Zachary Sun nunca será meu.*

Eu não sabia o que era mais trágico. Que eu o queria. Ou que eu sabia que isso nunca aconteceria.

Ele lambeu os lábios e estalou os nós dos dedos, como se estivesse se preparando para uma briga. Minhas emoções oscilavam entre o desejo de beijá-lo – suas cicatrizes, seus medos, suas inibições – e a diversão ao ver como ele levava tudo isso a sério.

Zach passou as pontas dos dedos ao longo do elástico da minha calcinha, tomando cuidado para evitar minha carne. — Ver você se tocar ontem me fez quase estourar ali mesmo no meu escritório.

— Por que você não fez isso, então? — Inclinei as costas, apreciando a sensação de seus dedos através da minha calcinha.

Parecia proibido e clandestino. Como um segredo sujo que só ele e eu compartilhávamos.

Sua mandíbula cerrou, sua mão trêmula deslizando pela minha calcinha. — Eu não queria admitir que fui afetado por você.

Para um novato, ele dominava a arte de provocar, pressionando a palma da mão contra mim até cobrir toda a minha boceta através da minha calcinha.

E ainda assim, as pontas dos dedos dele não roçaram minha pele.

— Porra, você está encharcada. — Ele deixou cair a cabeça para trás e sibilou. — Quero pregar você na madeira até que você se torne

um elemento permanente nela.

*Uau.*

OK. Alguém precisava colocar a conversa suja bem devagar e com muito cuidado no chão e chutá-la em minha direção.

Mas agora não era hora de desencorajá-lo. Ele fazia um enorme progresso. Este era o mesmo homem que se queimou *depois* de apertar a mão de uma mulher.

— Eu preciso tanto que você me foda.

A confissão saiu da minha boca.

Eu percebi que estava falando sério. Não havia nada que eu quisesse mais do que estar cheia do pau de Zachary Sun. Sua mão sozinha através da minha calcinha quase me fez gozar, a pressão deliciosa demais, intensa demais para ser ignorada.

Com uma respiração irregular, Zach curvou os dedos, cavando minha bunda através do algodão, um tanto dolorosamente. Ele pressionou o outro polegar no meu clitóris.

Uma onda de prazer percorreu meu corpo, sacudindo meus joelhos. Minhas coxas queimavam, lutando para me manter pairando acima dele.

— Está tudo bem? — Ele estava sem fôlego.

Olhei para sua mão, percebendo que ele estava duro como uma rocha entre nós. Completamente ereto, a pesada coroa de seu pênis aparecendo através da fenda da toalha.

Uma gota de pré-sêmen brilhou na ponta.

Eu queria me inclinar e colocá-lo na boca.

— Está perfeito. — Meus mamilos estavam tão sensíveis que não pude evitar. Peguei um dos meus seios e comecei a massageá-lo, puxando o botão sensível. — Continue.

Ele enfiou o polegar com mais força no meu clitóris, e eu quase entrei em combustão aqui mesmo, uma onda de calor líquido rolando

da parte inferior da minha barriga até o meu núcleo.

Soltei um gemido. — Massageie, por favor. Mas... suavemente. Em círculos.

Eu queria que ele fizesse comigo exatamente o que eu tinha feito comigo mesma para aliviar a necessidade que senti no outro dia.

Ele rolou a língua ao longo do lábio inferior, o polegar massageando lentamente meu clitóris, provocando-o com confiança. Minha pele ficou arrepiada, o prazer absurdamente intenso.

Comecei a montar seu dedo, fechando os olhos, batendo no meu próprio peito, fingindo que seu dedo era a ponta de seu pau.

Eu tinha perdido o controle.

Eu oficialmente perdi o controle.

— Eu quero tocar sua pele. — Uma necessidade desesperada engrossou sua voz.

Abri meus olhos para olhar entre suas pernas. Seu pau estava tão inchado que ficou roxo. Tinha que doer.

— Faça isso.

— Eu... eu não posso. — Sua voz estava suplicante.

— Apenas distraia-se. Conte-me outra coisa.

*Algo que não seja sobre Eileen, de preferência.*

Eu sabia que eles eram apenas para exibição. Que o casamento deles seria de conveniência. Mas eu ainda não gostava de pensar nele com outra mulher.

A pressão entre minhas pernas se intensificou. Minha cabeça girava, os pensamentos girando em uma direção como um ciclone.

Eu estava à beira do orgasmo mais intenso que já tive, e ele ainda nem tinha tocado minha pele.

— Não coloquei os pés em um veículo civil normal desde... desde o que aconteceu comigo. — Sua garganta balançou com um engolir, as



pontas dos dedos deslizando em direção à junção entre minha bunda e minhas coxas – até minha carne nua. — Eu só dirijo veículos com proteção militar e de nível militar.

*O que aconteceu com você? Quem fez isto para você?* Eu queria gritar, mas sabia que precisava manter a conversa. Para mantê-lo distraído.

— Você quer mudar isso?

A ponta de um único dedo tocou minha pele. Acendeu um fogo naquele local, disparando um zumbido confuso por todo o meu corpo.

Sua outra mão ainda pressionava minha boceta através da minha calcinha, o polegar sacudindo meu clitóris.

— Não sei. Sim. Não, talvez. — Seu mindinho descansou totalmente na minha pele agora. — Quero experimentar como é ser normal. Eu quero ser... — Ele fez uma pausa, olhando para mim com luxúria incandescente em seus olhos. — Humano.

*Você é humano.*

Eu queria gritar com ele. Eu queria tatuá-lo em seu peito, bem acima do coração, para lembrá-lo de que ele tinha sangue, carne e ossos.

Exatamente como todos nós.

*Bom trabalho, Fae.*

*Tanta coisa para manter uma distância emocional.*

O que me importava se Zachary Sun se sentisse humano naquele seu peito escuro e sem alma? Eu estava navegando em águas perigosas, fingindo não ver o tsunami avançando em minha direção.

Limpei os pensamentos errantes, concentrando-me em seu dedo mindinho contra minha coxa. — Como é?

Ele sabia exatamente o que eu queria dizer.

Minha pele.

— Parece... não é horrível. Estranho. É como experimentar uma

nova textura pela primeira vez.

— Seu jogo de conversa suja é forte.

Um canto de seus lábios se ergueu. Eles eram lindos. Desenhados à mão e rosa.

Eu me perguntei se algum dia conseguiria beijá-los. Como seriam contra os meus. Eu queria isso, mas nunca concordamos em nos beijar.

Apenas sexo.

Ele olhou entre nós, onde seu dedo me tocou. — O que você quer que eu faça agora?

— Eu me sinto... vazia — admiti.

Seu polegar no meu clitóris parou, e pensei que iria cair e explodir em chamas. Agarrei as paredes, lutando contra o latejar entre minhas pernas.

Nós pingamos suor um sobre o outro, trocando respirações como se fossem beijos.

Então, ele fez a coisa mais gloriosa, sexy e enlouquecedora que poderia fazer.

Ele soltou seu pau da toalha, agarrou-o pela base e guiou-o até minha boceta, pressionando-o contra minha calcinha.

Seus olhos se fecharam. Os meus também fizeram isso, a pressão crescente de sua ponta tensionou todo o meu corpo.

Eu me restringi ao nada, à beira de uma liberação, precisando ser preenchida.

— Você não precisa fazer isso se não quiser. — Eu mal conseguia arrancar as palavras da minha boca.

— Farrow — ele sibilou, apoiando a cabeça na parede e o queixo levantado. Sua mão moveu seu pau para cima e para baixo em minha fenda em movimentos lentos e deliberados. — A porra do mundo chegando ao fim não poderia me impedir de fazer você gozar.

Suas palavras me desfizeram.

Com um gemido selvagem, comecei a montar a ponta do seu pau através da minha calcinha, movendo meu corpo ao ritmo de nossas respirações. Passos pesados e risadas invadiram a sauna.

Estávamos longe demais para nos importar.

A mão de Zach agarrou minha bunda agora, metade dela cobrindo minha pele. Ele enfiou o dedo mindinho na minha calcinha, provocando meu buraco apertado.

Ele rolou a cabeça de um lado para o outro contra a parede, fechando os olhos. — Porra, vou gozar.

Eu queria mais, mas sabia que ele não conseguiria lidar com isso. Que atingimos o limite de sua capacidade.

A porta atrás de mim se abriu. Alguém entrou na sauna, cortando o vapor. Meu coração deu um pulo no peito.

Tínhamos companhia. *Onde eu trabalhava.*

Virei a cabeça para ver quem havia entrado.

Zach agarrou meu queixo e virou-o para encará-lo. — Olhos em mim, pequena Octi. Ele não importa.

*Ele.*

Havia um homem ali.

*Jesus.*

E ainda assim, a sensação era boa demais, o orgasmo muito próximo.

Estávamos ambos encharcados, quentes e pesados, fodendo lentamente através da minha calcinha. Sua ponta provocou minha bunda, minha fenda, meu clitóris.

*Em todos os lugares.*

Eu treinei meus olhos em Zach. — Ele se foi agora?

Zach balançou a cabeça, o rosto completamente tranquilo, estudando-me. — Não. Ele sentou-se no banco oposto. Ele está nos

observando.

Minha boca se abriu. Eu me movi para sair de cima dele, mas a mão de Zach deslizou da minha bunda para a parte inferior das costas, os dedos espalhados sobre ela com força.

Ele me afundou alguns centímetros em seu pau, esticando o tecido da minha calcinha tão fino que eu podia senti-lo pulsar dentro de mim. Tocando, mas não tocando.

Eu queria explodir de prazer.

*O que há de errado com você, Fae?*

Demais para contar.

Vergonha, constrangimento e desejo fizeram piruetas sobre minha pele. Eu não podia acreditar que estava deixando-o me foder enquanto alguém assistia.

Pelo menos agora eu sabia que não tinha feito isso por dinheiro ou ajuda.

Eu teria dormido com Zachary Sun de qualquer maneira.

— Zach — eu sufoquei, desejando poder colocar minhas mãos em seus ombros, abraçá-lo, beijá-lo, senti-lo mais. — Não serei capaz de acolher você quando chegar a hora.

— Você irá. Você aproveitará cada centímetro como uma boa menina.

O intruso se moveu atrás de mim.

Zach parecia tenso, quase sem controle, uma mão deslizando seu pau para dentro e para fora de mim tanto quanto minha calcinha permitia, a outra me segurando firme pela parte inferior das costas.

Seu aperto sobre mim aumentou, possessivo. — Ele está se masturbando agora.

Eu não conhecia esse homem.

Eu nem sabia como ele era.

Mas fiquei inegavelmente excitada com a ideia de alguém se acariciando ao nos ver.

— Eu quero ver você gozar em todo o meu pau, Farrow — Zach rosnou na minha cara, perto agora – perto demais.

Meu coração acelerou.

Apertei a ponta de seu pau, joguei minha cabeça para trás e gozei. Estilhaçada. Encharquei minhas coxas com um jorro de umidade.

Minha cabeça caiu para trás, as pálpebras se abrindo. Avistei o homem no banco oposto ao nosso.

Ele era jovem. Desconhecido e totalmente sexy. Sua toalha totalmente aberta, seu longo pênis grosso sob seu punho. Ele bombeou seu pau com força, aumentando seu ritmo, perto da linha de chegada também.

Meu corpo se apertou como uma corda de arco. Eu estava gozando, e gozando, e *gozando*. Dedos dos pés curvados, músculos tremendo, boca seca, estrelas dançando por toda a minha visão.

— *Farrow* — Zach sibilou.

Eu não conseguia parar de olhar para o estranho atrás de mim.

Fizemos contato visual.

Eu senti como se ele estivesse me fodendo também.

Zach agarrou meu queixo – tocando grande parte da minha pele nua – e virou-o de volta para encará-lo. — Olhe para mim agora, antes que eu apunhale esse bastardo bem no coração.

— Você não pode sair por aí matando todo mundo que olha para mim.

— Temo que posso e vou, porra. Não me tente.

Eu acreditei nele de todo o coração.

Ele cortou um homem por menos. Por *quase* beliscar minha bunda.

Este homem estava fantasiando sobre me foder enquanto eu estava nos braços de Zach.

Olhei diretamente nos olhos de Zach, as ondas de prazer do orgasmo batendo contra minha pele.

— Com o que você se importa? — eu o provoquei com um sorriso, ainda montando em sua coroa inchada, misturando meu esperma com seu pré-sêmen. — Posso fazer o que quiser, com quem eu quiser. Você vai ter uma noiva em meio segundo. Não somos exclusivos. Nós nem estamos em um relacionamento.

Seus lábios se estreitaram. — O casamento não será real.

— O anel será e a papelada também. — Eu avisei: — Não vou dormir com um homem casado.

— Não seria traição. Ambos somos livres para ter amantes como quisermos. — Seu abdômen se contraiu enquanto ele tentava evitar gozar. — E estarei curado muito antes de colocar o anel, então não se preocupe. Nenhuma de vocês duas é o fim do jogo. Nem ela, nem você.

Suas palavras doeram, mas antes que eu tivesse a chance de deixar o insulto penetrar completamente, ele apertou seu pau, estremecendo como se estivesse com dor.

Ele tirou da minha calcinha encharcada e gozou, disparando grossos fios de esperma quente por todo o meu estômago. Observamos fascinados enquanto ele me marcava, jato após jato.

Nossos olhos se encontraram depois de alguns segundos.

— Você me tocou — eu resmunguei.

Seus olhos pareciam irritados, sua boca curvada em um rosnado. Por um momento, pensei que ele iria me atacar. Que ele sairia correndo e sofreria queimaduras de terceiro grau, afastando minha presença dele.

Eu tremia de antecipação e pavor.

Mas em vez disso, Zach me agarrou pela cintura – os dedos

tremendo, tocando minha pele – e me colocou de pé com ele.

Sem dizer uma palavra, ele recolheu as roupas esfarrapadas que eu havia jogado no chão – agora completamente molhadas – e jogou o tecido enrolado em meus braços sem me tocar.

Fiquei paralisada, ainda de costas para o nosso intruso.

— Coloque o sutiã e a calça, Octi.

Fiz o que me foi dito, embora não tivesse ideia do porquê. Ser obediente desafiava minha natureza. Talvez eu realmente temesse que ele colocasse uma faca entre as sobancelhas daquele cara.

Empurrei meu jeans pelas pernas com dificuldade, depois coloquei meu sutiã.

Zach enrolou meu cabelo em volta do punho, usando-o como uma corda para me virar antes que eu tivesse a chance de jogar minha camisa por cima da cabeça.

Caminhamos juntos em direção ao nosso intruso, ele me guiando com a coleira improvisada. Seu esperma branco e pegajoso deslizou pela minha barriga e entrou na minha calça jeans.

Vergonhosamente, meu clitóris formigou novamente, só de pensar nele vazando para dentro da minha boceta.

Paramos a poucos metros do estranho.

Arrastei meus olhos para encontrar seu olhar. Ele parecia exausto, corado e suado, seu pênis agora escondido pela toalha.

Ele olhou para Zach com os lábios entreabertos, sem esperar que o homem o confrontasse.

— Vê isso? — Zach gesticulou para seu esperma na minha barriga. — Responda-me, antes que eu coloque uma faca no seu olho.

— Ele vai — informei o cara sem fôlego, tremendo de horror e... *sim*, de emoção também.

— S-sim — o estranho finalmente tossiu. — Eu vejo.

— Este é o *meu* esperma. Nela. — Ele apertou meu cabelo com

mais força, puxando deliciosamente. — Ela é minha. Entendido?

— Eu não sou dele. — Minha coluna se endireitou, ficando reta como uma vareta. Olhei o homem diretamente nos olhos. — Se eu quiser transar com você, se eu quiser transar com mais *alguém*, eu vou.

Uma coisa era ajudar Zach a superar seus problemas.

Uma coisa era tê-lo ajudando a superar os meus.

Mas me recusava a ser seu brinquedo. Seu brinquedo.

— Ok, calma aí, por favor. — O cara ergueu as mãos, os olhos fazendo pingue-pongue entre nós, as sobrancelhas franzidas. — Eu só queria entrar na sauna antes do trabalho. Eu... eu... você não parou quando entrei, então achei que não havia problema em assistir. Da próxima vez, vou perguntar.

— Da próxima vez que você olhar para o que é meu — Zach se inclinou para frente, sussurrando em seu ouvido — seu orgulho não será a única coisa que você perderá.



# CAPÍTULO TRINTA E UM

## *Zach*

**Ollie vB:**

Eu vou matar Zach.

**Ollie vB:**

@ZachSun, fui expulso do country club por sua causa.

**Romeo Costa:**

Achei que você foi expulso porque dormiu com a esposa do presidente?

**Ollie vB:**

Eles se divorciaram e se mudaram para o Havaí e Nova York, respectivamente, desde o caso.

**Ollie vB:**

Fui reintegrado.

**Ollie vB:**

Até que Dickbag McExhibitionistson aqui resolveu mostrar sua vontade para estranhos.

**Romeo Costa:**

Você vai ter que elaborar.

**Romeo Costa:**

[GIF Michael Jackson sorrindo e comendo pipoca]

**Ollie vB:**

Aparentemente, nosso garoto decidiu transar com alguém na

sauna.

**Ollie vB:**

O filho de McGrew entrou. Assistiu a tudo. Ele disse que era um de nós três.

**Ollie vB:**

Eles naturalmente apontaram o dedo para mim.

**Zach Sun:**

Como você sabe que não foi Romeo?

**Ollie vB:**

A mulher com quem ele fodeu não estava grávida e abraçava um balde de KFC.

**Zach Sun:**

Talvez Romeo tenha decidido provar uma amante descartável.

**Romeo Costa:**

@ZachSun, por favor, não me faça ajudá-lo a matar você.

**Romeo Costa:**

Já tenho o suficiente na porra da minha consciência.

**Zach Sun:**

Vou conseguir sua assinatura de volta.

**Ollie vB:**

É melhor você conseguir.

**Ollie vB:**

A seleção feminina de tênis está prestes a aceitar vinte novas integrantes.

**Ollie vB:**

Este seria meu projeto favorito do ano.

**Romeo Costa:**

Jesus.

**Ollie vB:**

... morreu pelos meus pecados, então eu poderia muito bem fazer com que valessem a pena, certo?

**Romeo Costa:**

O que aconteceu com a noite de bingo do último ano?

**Zach Sun:**

Não me diga...

**Ollie vB:**

Gloria e eu passamos um fim de semana maravilhoso juntos antes de ela se aposentar na Flórida.

**Ollie vB:**

A mulher inventou Kegels. O Rei Arthur não seria capaz de me tirar dela.

*Zach Sun saiu do chat.*

*Ollie vB adicionou Zach Sun ao bate-papo.*

**Zach Sun:**

Existem prisões mais fáceis de escapar do que este chat em grupo.

**Ollie vB:**

Enfim, quem é a mulher azarada?

**Romeo Costa:**

Provavelmente uma nerd STEM três vezes premiada com o Nobel.

**Ollie vB:**

Você está fora.

**Ollie vB:**

Minhas fichas estão com a nova empregada.

**Romeo Costa:**

Aquela que o aniquilou em Go?

**Zach Sun:**

Pela última vez, ela não me aniquilou em Go.

**Zach Sun:**

Ainda estamos jogando.

**Ollie vB:**

E um jogo muito divertido isso.

**Ollie vB:**

Por que não fui convidado?

**Zach Sun:**

Você não joga Go.

**Ollie vB:**

PARA O JOGO DA SAUNA.

**Zach Sun:**

Porque prefiro minha relação sem estar acompanhada de sífilis?

**Romeo Costa:**

Esta é uma confirmação oficial de que você ficou com ela?

[Rosto sorridente com emoji de lágrima]

**Ollie vB:**

Essa é a primeira vez que obtenho evidências concretas de que Zach não é virgem.

**Romeo Costa:**

Cale a boca, Ol.

**Ollie vB:**

E aqui eu pensei que ele estava prestes a ficar noivo daquela médica.

**Zach Sun:**

Eu vou estar. Em breve.

**Romeo Costa:**

Você é de verdade?

**Ollie vB:**

De NÃO ter vida amorosa a se tornar a Bella para Cinderela e Dra. Ulik como Edward e Jacob.

**Ollie vB:**

Bravo, @ZachSun. Bravo.

**Zach Sun:**

Dra. Ulik?

**Romeo Costa:**

Eileen Ulick. [Emoji de rosto não divertido]

**Ollie vB:**

[Emoji de língua]

**Ollie vB:**

Triângulo amoroso é meu tropo favorito, aliás.

**Romeo Costa:**

Você não lê.

**Ollie vB:**

O que a leitura tem a ver com alguma coisa? Estou falando de pornografia.

**Ollie vB:**

Basta pesquisar no Google duas enfermeiras e um policial. Agradeça-me depois.

**Ollie vB:**

Mas certifique-se de fazer isso através do seu iPhone para evitar vírus.

**Romeo Costa:**

Pela milionésima vez, os iPhones não estão imunes a vírus.

**Ollie vB:**

Ah, que droga.

**Ollie vB:**

Isso explica a cobrança de US\$ 2 milhões para Anita Hanjaab.

**Zach Sun:**

Não há amor envolvido com nenhuma delas.

**Ollie vB:**

Continue dizendo isso a si mesmo enquanto quebra todas as regras que você já teve com Cinderela.

## CAPÍTULO TRINTA E DOIS

### *Zach*

O primeiro sinal de que eu precisava frear no acidente de trem que era minha situação com Farrow Ballantine veio de Natalie, entre todas as pessoas.

Ela me encurralou no jardim de inverno, onde estava sentado com seis laptops abertos, tentando, sem sucesso, rastrear vários mercados nas minúsculas telas de 12 polegadas. — Aconteceu alguma coisa no seu escritório?

*Sim. Farrow ia lá.*

Eu não estava evitando-a.

Pelo contrário, *ela* passou os últimos três dias desde o incidente da sauna se esquivando de mim toda vez que eu virava um corredor.

Ocasionalmente, ela entrava em meu escritório e revisitava nosso jogo Go, movendo uma pedra aqui ou ali, mas apenas quando eu não estava lá dentro. O que, pateticamente, forçou-me a montar acampamento na ala oposta da mansão.

Não tirei os olhos das telas. — Existe uma razão para você estar aqui?

— Apenas preocupada.

*Você e eu.*

Desde quando eu reorganizava minha vida para atender às necessidades de outra pessoa que não era minha parente de sangue?

Melhor ainda, desde quando Farrow Ballantine se tornou alguém cujos pensamentos, ações e emoções eu considerava?

Levantei-me da cadeira, assustando Natalie quando ela atravessou o ambiente. Sua mandíbula quase se desalojou depois que comecei a andar pelas janelas do chão ao teto.

Vai e volta.

Vai e volta.

Eu ia entrar em erupção.

Três dias.

*Três malditos dias.*

Três dias desde que Farrow me confrontou na sauna, forçando-me a questionar minha própria sanidade.

Três dias desde que senti seu esperma escorrer em meus dedos e massageei sua bunda – sua *carne* – sem me enrolar ou vomitar.

Três dias desde que as paredes apertadas de sua boceta molhada prenderam a ponta do meu pau dentro delas, apertando-o como se para salvar sua vida.

Qual seria a sensação de transar com ela sem preservativo?

Essa mesma pergunta consumia meus dias e devorava minhas noites.

Eu era um homem obcecado e não conseguia me concentrar em outra coisa senão saborear a sensação dela.

De repente, não conseguia lembrar por que ou quando achei a pele humana horrível. Eu queria a dela na minha vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

O que me levava ao meu próximo problema.

Farrow não mostrava sinais de esquentar a frieza que ela me dava desde aquele dia. Eu ansiava por qualquer sinal de vida dela. Qualquer prova de que ela queria meu toque tanto quanto eu queria o dela.

E então, eu me vi fazendo longas viagens em meu jardim de orquídeas, meditando quatro vezes por dia em vez de três, e vagando pelos corredores da minha mansão como um fantasma assombrado, em busca de sinais dela.

Ela estava em toda parte e, ainda assim, em lugar nenhum.



No aperitivo aleatório na minha bandeja de almoço que não mudava há dezessete anos.

No lençol extra da minha cama, embaixo do edredom, quando a temperatura caiu com a mudança de estação.

E nos feeds de vigilância do meu escritório, que verifiquei para ter certeza de que ela realmente veio fazer seu movimento no Go.

Surpreendentemente, ela cumpria seu trabalho para minha satisfação.

Passei por todas as empregadas do Departamento de Trânsito a ponto de fazer investimentos ridículos em equipamentos robóticos de limpeza, na esperança de nunca mais ter que lidar com a incompetência humana novamente.

Mas sob os cuidados de Farrow, a mansão nunca pareceu melhor.

O problema? Ela mudava as coisas – mais uma vez, forçando a mudança em mim.

Ela colocava flores em vasos. Mudava os móveis de um lugar para outro. Abria todas as cortinas para deixar entrar a luz natural.

Eu deveria ter achado bobagem que ela se orgulhasse de fazer da minha casa um lar. Que ela sorria para si mesma quando reorganizava uma fruteira em uma das ilhas da minha cozinha ou inclinava uma pintura no ângulo perfeito.

Ela parecia completamente contente em me evitar, enquanto eu estava prestes a arrancar minha própria pele. Por que não estávamos conversando? Provocando um ao outro? *Tocando* um no outro?

Eu era como um bebê que acabara de aprender a andar.

Eu queria fazer isso o tempo todo. Tocar no cabelo dela. Suas bochechas. Seus seios. Sua boceta.

No quarto dia de nosso silêncio no rádio, finalmente a encurralei.

Ela estava no meu jardim, entre todos os lugares, eviscerando uma roseira branca para encher meus vasos de arte de seis dígitos.

Achei que ela não aceitaria bem se eu lhe dissesse que aquelas rosas não deveriam ser colocadas em urnas que eram essencialmente tesouros históricos, algumas com mais de 600 anos. A exposição à umidade por si só evisceraria seu valor.

O vestido simples de empregada preto e branco aderiu às suas curvas, destacando cada arco e curva. Seu cabelo, como ouro derretido, emoldurava seus ombros e rosto.

Ela usava fones de ouvido, balançando a cabeça para frente e para trás enquanto usava uma tesoura nas minhas flores bem cuidadas. Ela não me ouviu chegando, mesmo quando eu estava a cerca de trinta centímetros dela.

Seu perfume chegou ao meu nariz. Ela cheirava a verão e pecado; do sol beijando uma flor em flor.

Como ela usava roupas, não pensei duas vezes antes de bater em seu ombro para chamar sua atenção.

Ela pulou um pouco, cambaleando entre os arbustos, e tirou os fones de ouvido. — Meu Deus, Zach. Você me assustou.

*De volta para você. Estou com muito medo de você, Octi.*

Em vez de dizer isso, juntei os dedos nas costas e a fixei com um olhar insatisfeito. — Posso lhe fazer uma pergunta?

— Não.

— Vou perguntar de qualquer maneira. Por que estou recebendo tratamento de silêncio?

— Que tratamento de silêncio? — Ela jogou uma pilha de rosas em um balde, enxugando as mãos no avental. — Você aproveitou todas as oportunidades para me dizer que sou a empregada. Por que eu iria procurar você e puxar conversa?

Ela estava minimizando o que éramos e isso me irritava. Tive que respirar fundo e contar até dez de trás para frente.

Eu nunca ficava com raiva.

O que diabos estava acontecendo?

— Você e eu chegamos a um acordo — eu falei lentamente, elevando-me sobre ela, usando cada grama do meu autocontrole para não atacá-la. Sempre tive pena dos meus colegas e amigos que sucumbiam às emoções diante dos inconvenientes mais triviais. — E agora, você não está cumprindo sua parte no acordo.

— E você está? — Ela voltou para os arbustos, pegando a tesoura do chão lamacento e atacando as rosas com força total. Isso não era cortar. Isso era decapitar. — Comecei a cumprir minha parte no acordo, mas aqui estou, três semanas depois, e não tenho advogado, investigador particular e nenhuma pista para começar a lutar contra Vera.

Então era por isso que ela estava com raiva e me ignorando? Porque ela pensava que eu tinha esquecido minha promessa a ela?

Minha mandíbula ficou tensa. Tive que massageá-la para não latir para ela. — Arranjos foram feitos.

Na verdade, eles não foram feitos.

Eu planejei prolongar o inevitável tanto quanto pudesse.

— Uh-huh. Claro. Arranjos supersecrets dos quais ninguém nunca ouviu falar. — Mais corte de rosas. Ela era implacável. Nesse ritmo, ela deixaria meu jardim completamente vazio. Ela não tinha ideia do que estava fazendo. — É muito conveniente que você tenha mantido tudo em segredo.

— Eu estou trabalhando nisso. — Meus lábios mal se moveram quando falei.

Atrás de nós, as portas da varanda se abriram. Mamãe e Celeste Ayi, sem dúvida. Almoçávamos juntos todas as sextas-feiras.

Só que nesta sexta-feira eu tinha esquecido, porque tinha acabado de descobrir uma boceta e queria minha próxima refeição.

— Eu não acredito-

Agarrei Farrow pelos braços, sem me importar com o que mamãe e Ayi pudessem pensar, e a virei para mim. — Temo que você terá que

acreditar em mim. Você não tem escolha. Firmamos um acordo comercial. Isso nos torna parceiros agora. Quando eu disse que fiz arranjos, quis dizer isso. Temos uma reunião com minha equipe de advogados e um investigador particular hoje às quatro. Eu estava esperando o fechamento do mercado de ações antes da reunião.

Ela piscou rápido, seu rosto pulando de emoção em emoção, começando com confusão e terminando com esperança.

E então ela fez algo completamente terrível.

Ela sorriu.

Ela sorriu e eu senti isso em todo o meu corpo.

— Você fez isso?

— Sim — eu resmunguei. — Eu disse que faria isso. Você provavelmente deveria vestir suas roupas normais para a reunião.

Dei uma olhada rápida, com raiva por ela ter me feito explicar. Eu nunca estive nesta situação antes.

Ela assentiu, tocando as pétalas aveludadas de uma rosa em seu balde. — Eu vou.

Pausa.

Perguntei-me se ela sabia que minha mãe estava observando. Provavelmente não. Ela parecia imersa em pensamentos.

Farrow ergueu o olhar para encontrar o meu. — Preciso pagar alguma coisa? Um retentor? A...

— Eu cuidarei de tudo. — Balancei minha cabeça. — Você só precisa aparecer e nos contar um resumo do que está acontecendo.

Ela assentiu. Eu me senti desesperado por alguma coisa. Eu não sabia o quê.

Meus punhos se fecharam ao meu lado.

*Vire-se, Zach. Vá embora.*

Em vez disso, apenas olhei para ela, a hostilidade irradiando de

mim em ondas. Esperando pelo quê? Um obrigado?

Eu não queria que ela me agradecesse. Agradecer a alguém era formal na cultura chinesa. Significava distância entre duas pessoas e eu a queria próxima.

— Bem? — Ela lambeu os lábios, examinando meu rosto, parecendo insegura. — Você precisa de mais alguma coisa?

*Sua atenção. Suas palavras impossíveis. Sua doce boceta. Especialmente sua doce boceta.*

— Você parar de assassinar minhas rosas — eu deixei escapar, arrancando a tesoura de seus dedos. — Você não tem ideia do que está fazendo.

Ela riu um pouco. — Terminei de limpar todo o lugar e fiquei entediada. Melhora meu humor.

Eu não disse nada.

Na verdade, eu estava brincando com ela. Deixando-a escapar impune de coisas que eu nunca faria com ninguém.

— Zach... — Farrow franziu a testa. — Você quer que eu toque em você?

*Sim. Não.*

*Jesus, eu não tenho a mínima ideia.*

Eu senti como se estivesse regredindo – Benjamin-Buttoning de volta ao ensino médio, onde eu não sabia como pensar, sentir ou agir perto das garotas.

Joguei a tesoura em um balde de rosas frescas que ela havia matado. — Você pode me tocar, eu suponho.

Embora o tipo de toque que eu tinha em mente não fosse algo que necessariamente quisesse que minha família testemunhasse.

Seus lábios se contraíram, não exatamente um sorriso. — Tente novamente.

Minhas narinas dilataram-se. — Por favor, toque-me.

Ela ergueu uma sobrançelha, claramente divertida. — Onde?

*Em qualquer lugar.*

*Em todos os lugares.*

Mas eu tive que mantê-lo SFW, visto que Celeste Ayi provavelmente estava pronta para lançar a câmera de vídeo e oferecer dicas do setor.

— Rosto — eu sibilei, humilhado e exultante ao mesmo tempo. Todo o meu corpo tremeu com a admissão. — Quero sentir a pele do meu rosto.

Seria a primeira vez desde o acidente. Desde que o sangue dele escorreu nos meus olhos, escorreu pelo meu rosto como lágrimas.

Olhamos um para o outro e, por um momento, o mundo deixou de existir. Os pássaros não cantavam. As nuvens não se moviam acima. Minha mãe não nos observava com seu olhar de desaprovação.

O peito de Farrow moveu-se com uma respiração irregular. Ela colocou o balde de flores no chão, suas mãos subindo até meu rosto.

— Diga-me algo para distraí-lo — ela instruiu, seu sorriso suave, sua voz suave. — Algo sobre o polvo.

Fechei os olhos. — Tem três corações.

— Aposto que ama muito.

Suas mãos quase alcançaram meu rosto. Eu podia senti-las pairando na frente dele. Parei de respirar completamente, preparando-me para isso.

— É uma criatura trágica — respondi, abrindo um olho. — E nunca pode amar. Está programado para consumir seu propósito reprodutivo, procriar e depois padecer. Nunca há chance de viver.

— Você não poderia me chamar de gatinho, então? — Farrow torceu o nariz, parecendo irritantemente adorável. — Eu até aceitaria um coelho.

— Gatinhos são uma escolha genérica. Os coelhos pertencem à

mansão de Hugh Hefner. — Abri o outro olho agora, balançando a cabeça, resoluto. — Você é um polvo. Inteligente. Sofisticado. Trágico.

E então aconteceu.

Suas palmas seguraram meu rosto de ambos os lados, envolvendo minhas bochechas. Respirei fundo e fechei os olhos. Sua pele quente e úmida pressionou a minha.

Eu me forcei a abrir os olhos. Para olhar para ela.

Suas unhas roçaram minha pele. Um arrepio percorreu minha espinha.

— Olhe para mim, Zach. — Ela sorriu. *Sorriu.* — Você consegue fazer isso. Você pode tocar. Sentir.

Ficamos no jardim como duas árvores, robustas, mas frágeis, balançando suavemente com o vento, e eu não conseguia suportar. Como tudo bateu em mim de uma vez.

As memórias. O desgosto. E a culpa por querer sentir sua pele ainda, mesmo que meu pai estivesse morto, e eu nem conseguisse me lembrar de suas últimas palavras.

— O que aconteceu com você? — ela resmungou.

Eu balancei minha cabeça.

Eu não sabia. Não poderia repetir para meus próprios ouvidos ouvirem, muito menos para os dela.

— Isso parece bom?

Eu pensei sobre isso. — Parece. — Bom. Ruim. Complicado. — E isso é mais do que posso pedir.

— Zachary — mamãe gritou da varanda, encharcando o momento com gelo. — Você está atrasado e nós estamos com fome.

Farrow tirou as mãos do meu rosto e deu um passo para trás. Seu pescoço ficou vermelho. — Vejo você às quatro.

Ela se afastou de mim, pegou o balde de rosas e correu em direção à porta da frente.

— Não vá embora — eu resmunguei, a voz vindo do nada.

Ela fez uma pausa, mas não se virou para mim.

— Não vou — ela sussurrou, e eu não sabia por que, mas tudo pareceu trágico de repente. Como o polvo, criando vida apenas para acabar com a sua.

Girando sobre meus calcanhares, sentindo a dor de suas mãos em meu rosto, e sabendo que não tentaria limpá-lo de seu toque, fui até a varanda.

Mamãe e Ayi estavam apoiadas no corrimão de mármore, olhando para mim como se eu tivesse acabado de pousar em uma plantação de milho em uma nave espacial com um chapéu de hélice do Bob Esponja na cabeça. Perplexas não começava a defini-las.

Elas pareciam estar tendo uma experiência fora do corpo.

— Você deve ter cuidado com a equipe — mamãe falou alto o suficiente para Farrow ouvir. — Você não quer um processo de assédio sexual.

Eu não respondi.

Enquanto crescia, as pessoas sempre me diziam: Que bom que você sobreviveu.

Mas será que eu realmente sobrevivi àquele acidente?

Eu não achava que sim. Perdi muitas partes de mim naquele dia.

Mesmo assim, vivi sem viver. Afinal, os sobreviventes são profissionais em seguir em frente com o peso de todos que ficaram para trás sobre seus ombros.

E durante vinte e um anos, esse foi o meu destino.

Até agora.

Eu estava progredindo. Lentamente ganhando vida.

As luzes estavam muito brilhantes. Comida supersaturada de sabor.



Mas eu não estava mais morto por dentro.

E isso me assustava.

## CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

### *Zach*

— Você deve concluir o acordo com Eileen antes que ela recupere o juízo. — Mamãe colocou os pauzinhos no suporte, com a coluna reta como a de uma sentinela. — Seus dias de esgueirar-se com a equipe deveriam ter acabado. Você tem trinta e três anos agora.

Celeste Ayi colocou um bolinho na boca, os olhos indo do meu rosto para o da mamãe. — Quem disse que eles estão se esgueirando? O abraço foi praticamente projetado em IMAX.

— Não seja ridícula. — Mamãe pegou o guardanapo do colo, levando a ponta até o canto da boca para limpar uma mancha invisível. — Meu filho sabe que não deve partir meu coração dessa maneira. Uma mulher sem ambições não é uma escolha lógica como esposa. Muito perigoso.

Peguei uma fatia de pepino e enfiei na boca, mastigando. Mamãe espiou na minha direção, esperando pela confirmação.

Quando isso não aconteceu, ela continuou: — Ele sabe que seu pai também não a teria aprovado. Com o que ele se preocupa profundamente, já que Lao Bo não está mais aqui para expressar suas opiniões.

Ela dizia isso com frequência e isso me deixava louco.

Principalmente porque às vezes eu desejava que fosse eu quem tivesse morrido.

Peguei meu vinho. — Estou bem ciente, mãe.

— E desde quando você bebe vinho no *almoço*? — Ayi levou a mão ao peito. — Poderíamos ter passado tantas horas felizes juntos.

Ela não precisava da minha companhia.

Ela tinha mais amigos do que uma pessoa deveria ter, a maioria

deles ela adquiriu depois de patrocinar sozinha uma parada do orgulho local, duas décadas atrás. Ela tinha acabado de chegar aos Estados Unidos, não estava acostumada com siglas e confundiu LGBT com *Let's Get Boba Tea*.

O resto era história.

Mamãe ignorou a irmã. — Existe algum problema que eu deva saber?

— Acho que há *um* problema. — Ayi tirou um espelho de bolso da bolsa e verificou a maquiagem, embora fôssemos apenas nós três. — O problema é que ele acha Eileen um pouco menos atraente do que um tapete de banheiro. E nem estou falando do tipo felpudo.

— Isso não é verdade. — Mamãe colocou o guardanapo de volta no colo. Ela nunca deu um tapa nas coisas. — Ele a adora e ela é deslumbrante. — Ela virou a cabeça para mim. — Não é, Zachary?

— Ela parece bem. — Girei o vinho na minha taça, insatisfeito porque minha mãe estava, de fato, certa.

Pragmaticamente falando, não havia razão para adiar o inevitável. Eu fiz um acordo com Eileen. Desde então, ela me escreveu inúmeras vezes por e-mail e até mandou mensagens de texto.

Ela esperava que eu desse o próximo passo.

Por que ela não deveria? Nós tínhamos um acordo.

Ela iria me dar herdeiros. Estabilidade. Tranquilidade à minha mãe.

E o mais importante, ela me ajudaria a cumprir minha promessa ao papai.

Mamãe empurrou o prato, perdendo a paciência. — Zachary, você está ao menos ouvindo?

Saí do meu devaneio, colocando minha taça de vinho na mesa. — Sempre.

Ela ficou parada, o prato ainda cheio, o chá intocado.

— Conclua isso com Eileen Yang. — Ela pendurou a bolsa no ombro. — Ela é uma boa menina. Não se atreva a manchar a reputação dela.

Mamãe saiu furiosa, deixando-me com minha tia alheia.

— Você vai comer esse espeto? — Ayi apontou para meu prato com seus pauzinhos. — Estou fazendo uma dieta sem carboidratos atualmente.

Ela tinha acabado de comer um bolinho, mas a última coisa que eu queria era conversar com ela.

— Claro. — Fiquei de pé, abotoando meu blazer. — Vá em frente.

\* \* \*

Às três e meia, entrei em uma de minhas salas de conferência. Eu tinha marcado a reunião meia hora antes de pedir a Farrow que aparecesse de propósito.

Eu não queria que ela visse a próxima parte.

No minuto em que entrei, todos se levantaram. Dois litigantes imobiliários e fiduciários – Dan Harlow e Bryan Di Pietro, os melhores da área. Minha própria advogada, Deanne Tibon. E um investigador particular – Tom Coates.

Sentaram-se em linha num dos lados da mesa oval.

Desabotoei meu blazer e me sentei no assento da frente sem apertar a mão de ninguém. Deixando de lado Farrow, eu ainda achava a maioria dos humanos desagradáveis.

— Então? — Bryan olhou ao redor da sala, franzindo a testa. — O que era tão sério que você nos fez reunir como uma força?

— E me fez encurtar minhas férias em Barbados. — Deanne reclinou-se na cadeira, girando o pescoço. Ela estava com sessenta e poucos anos e morrendo de vontade de se aposentar. Na verdade, eu era o único cliente que ela mantinha. — Você finalmente está

assumindo o controle do Walmart?

— Não exatamente. — *Mas também não estava fora de questão.* Entrelacei meus dedos. — Eu tenho uma tarefa para vocês. Falhar não é uma opção. — Eu olhei para eles, sem pressa. — Nenhum centavo será poupado, nenhuma pedra sobre pedra restará. Por todos os meios necessários, vocês quatro vencerão este caso ou enfrentarão o banimento de sua indústria de especialização.

Tom assobiou. — Palavras fortes.

Deanne cruzou os braços sobre o peito. — Não para mim. Eu *quero* me aposentar.

— Então o que é? — Bryan abriu a pasta e pegou um bloco de notas. — O que você quer que façamos?

Apertei um botão no interfone, chamando Natalie, que distribuiu pastas pré-preparadas. — Quero que vocês larguem tudo em que estão trabalhando e se concentrem nesta tarefa.

Se eles arruinassem isso, eu os arruinaria.

Simples assim.

## CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

### *Zach*

A folha de papel amassada enterrada no bolso da frente da minha calça abria um buraco nela.

Eu praticamente podia senti-la queimando através do tecido, queimando minha pele.

— Pelo amor de Deus, este lugar é uma chatice. — Oliver passou pelos balcões de vidro da joalheria, parando em frente a um antigo colar de esmeraldas que devia custar uns bons dez milhões. Vidro grosso bloqueava-o. — Por que todas as joias têm a mesma aparência? — Ele soltou um bocejo provocativo, seu terno cor de vinho costurado ao corpo, todo arrogante. — É sem graça.

— O que mais você precisa? — Rom riu, inclinando-se para frente e semicerrando os olhos para um par de brincos que ele iria cem por cento comprar para sua esposa. — Uma pulseira em forma de pau?

— Por exemplo. — Oliver encolheu os ombros. — Um pouco de diversidade não faria mal.

Ele tamborilou os dedos sobre o vidro da vitrine, examinando a luxuosa joalheria. Pequena, exclusiva e aberta apenas com hora marcada.

Exibia alguns dos anéis de noivado mais caros do mundo.

*É melhor acabar logo com isso.*

Puxei o papel amassado e alisei-o no braço, tentando ao máximo olhar para a lista sem incendiá-la.

- *Corte de pera.*
- *20 quilates.*
- *+ \$ 1,8 milhão.*

- *Diamante branco.*
- *Banda fina.*

*Por favor, esteja ciente também de que não desejo nada que não seja feito sob medida.*

*Para mais instruções, você pode entrar em contato com meu celular.*

*Eileen*

A bile subiu pela minha garganta, mas eu ignorei. A promessa ao papai. Os apelos da mamãe.

Só poderia chegar a isso.

Uma mulher de meia-idade e terno se aproximou de Ollie, com as mãos cruzadas na altura do estômago. — Você está procurando algo para alguém especial, senhor?

Rom respondeu por ele: — Se Oliver tivesse que comprar joias para cada pessoa que encontrasse, você estaria sem estoque. O homem distribui mais proteína do que um açougue.

O nariz da mulher se torceu.

Ao lado dela, Oliver gargalhou, passando um braço em volta do ombro de Rom.

Ignorei os dois e marchei até o joalheiro atrás do balcão de vidro, meus sapatos Oxford batendo no porcelanato. — Eu preciso de um desses.

Descartei o papel no balcão entre nós, esperando que ele caísse no chão e entrasse em combustão espontânea.

Não tive essa sorte.

O homem corpulento e suado nivelou a lista até o rosto, semicerrando os olhos por trás dos óculos de leitura. — Isso diz dois quilates?

— Vinte — corrigi. — Entre um vírgula oito e dois vírgula dois milhões de dólares, por favor.

Ele engoliu em seco.

Qualquer outro código postal e apenas o seguro desta venda lhe dariam outra casa.

— Ah, sim, senhor. — Ele se virou em direção ao seu escritório.  
— Deixe-me mostrar algumas de nossas opções...

— Não há necessidade. — Acenei com a mão na cara dele, verificando meu Philippe Patek. — Eu não preciso ver isso. Contanto que cumpra todos os requisitos, você pode embalá-lo e me dar a papelada do seguro. — Pausa. — Vou precisar do certificado também.

Eileen parecia uma defensora dessas coisas, tanto quanto eu. Isso deveria tê-la tornado mais identificável, mas não aconteceu.

Achei essa característica tediosa e cansativa.

Era assim que as pessoas – *e Fae* – viam-me?

O joalheiro deixou cair a pinça que segurava, boquiaberto.

Ele piscou. — Você não quer ver o anel de noivado de dois milhões de dólares que está prestes a comprar?

— Eu gaguejei? — Fiz uma careta. — Sim, foi o que acabei de dizer.

— Desculpe nosso amigo aqui. — Ollie riu, deslizando ao meu lado. — Ele está sendo fortemente empurrado para se casar a forma humana de seu formulário de imposto de renda.

Eu lancei-lhe um olhar furioso. — Você nem a conheceu.

— Você disse que ela lembra você mesmo. — Ele fez beicinho para mim com pura pena. — É preciso concluir que ela não é a vida da festa.

*É preciso pedir perdão a Deus por ser um homem prostituto, e meu trabalho é organizar esse encontro entre eles.*

Infelizmente, os budistas não praticaram violência.

Budistas que nunca conheceram Farrow Ballantine, claro.



— Estamos perdendo o leilão de arte da Agência Frestone. — Bati no relógio e voltei-me para o joalheiro. — Basta arrumar alguma coisa. Faça rápido.

— Por que estamos indo? — Romeo gesticulou para um dos funcionários da loja embrulhar o colar que ele estava olhando para Dallas. — A arte lá é abaixo da média. Sempre foi.

— E a boceta é inexistente. — Oliver passou a mão pelo rosto. — A idade média lá é de cento e dois anos. Até eu tenho meus limites.

— Você sempre disse que a arte de Frestone é onde o bom gosto morre. — Romeo ergueu uma sobrancelha. — Por que a mudança no coração?

Observei o perplexo joalheiro colocar um lenço de veludo preto em uma bolsa de cetim creme.

— Tem uma peça que quero de lá. — Ele entregou para mim.

Em troca, deslizei o cartão Amex preto em sua direção.

Romeo fez uma pausa. — Um pedaço de quê... merda?

— A réplica de *Salvator Mundi* de Da Vinci.

— O quê? — Oliver se engasgou com a saliva e depois deu um tapa nas próprias costas. — Você está comprando uma *réplica*? A próxima coisa que você vai me dizer é que comprou imitações de Prada e Gucci na traseira de uma caminhonete.

Agora não era hora de admitir que Celeste Ayi possuía algumas bolsas Hermès de edição limitada de origem duvidosa.

Ela as comprou em uma garagem administrada por um ex-associado de uma loja de departamentos de luxo, que insistiu que ela tivesse um bom encontro.

Eu pretendia levar o segredo dela para o túmulo. Derramar o feijão significava entrar na sepultura mais cedo do que o necessário.

— Essa pintura é horrível. — Romeo pegou sua bolsa. — Sou fã de Da Vinci, mas nosso garoto Salvi parece ter um bom decote.

Oliver colocou a mão no peito. — Sinceramente, fico um pouco excitado toda vez que vejo essa pintura.

Eu balancei sua testa. — Você fica excitado toda vez que vê *O Grito*.

Ele estalou os dedos, apontando para mim. — Ei. Há uma boca em forma de O nesse. Perfeita para um boquete.

Revirei os olhos, pegando o cartão e a sacola do balcão. — Vocês dois não sabem nada sobre arte. Vamos.

— Não acredito que você está nos arrastando para essa merda. — Oliver balançou a cabeça enquanto me seguia para fora da loja, Romeo totalmente sem emoção em seus calcanhares. — As coisas que faço pela verdadeira amizade.

# CAPÍTULO TRINTA E CINCO

## *Farrow*

**Ari:**

Ei, gostosa.

**Farrow:**

<Suspiro>

**Farrow:**

Eu nunca deveria ter contado a você o que aconteceu na sauna...

**Ari:**

Absurdo.

**Ari:**

É a primeira vez que você faz algo divertido para si mesma.

**Ari:**

E que DIVERTIDO foi...

**Farrow:**

Ainda tenho tremores orgásticos.

**Ari:**

Não acredito que o mundo inteiro esteja prendendo a respiração para ver quem ele escolherá, enquanto você o monta como uma roda gigante em saunas públicas.

**Ari:**

Na verdade, eu posso.

**Ari:**

É uma coisa muito VOCÊ para fazer.

**Farrow:**

OK. Passando para o próximo assunto.

**Ari:**

Então, você tem oficialmente representação legal agora?

**Farrow:**

Sim. Também me encontrei com o investigador particular.

**Farrow:**

É um time dos sonhos, Ari. Eles são todos tubarões.

**Farrow:**

Parece que é bom demais para ser verdade.

**Ari:**

Isso é só porque coisas boas não acontecem com você há muito tempo.

**Ari:**

Eu realmente acho que Zachary Sun é seu anjo da guarda.

**Farrow:**

Engraçado.

**Ari:**

Por quê?

**Farrow:**

Porque acho que ele é o diabo que pode acabar me matando.

## CAPÍTULO TRINTA E SEIS

### *Farrow*

O resto da semana fluiu como um rio quente contra minha pele.

Na segunda-feira, Zach pediu que eu o acompanhasse em seus almoços. *Plural*.

Suas intenções eram claras. Passarmos mais tempo juntos. Acostumando-o com a ideia de compartilhar sua vida com uma mulher.

Em outras palavras, eu me tornaria seu animal de estimação. Uma companheira obediente que o acompanharia aonde quer que fosse, esperando ordens.

Disse a mim mesma que aceitei por causa dos advogados sofisticados que ele contratou para mim, mas, na verdade, gostava de passar tempo junto. Não era exatamente um elogio, dada a sua concorrência.

A companhia de Vera poderia levar uma freira a um bar. Tabby e Reggie eram mais adequadas para tortura em locais secretos do que para companheiras. A ideia de diversão de Andras incluía treinamento intensivo e hematomas em forma de banana causados por sua espada.

E minha doce e linda Ari vivia do outro lado do mundo.

Atualmente, estávamos sentados no escritório de Zach, comendo peixe cru e discutindo arte abstrata.

Eu não aguentava. Nem a comida, nem a paisagem, nem o homem com quem passava o tempo.

— Por que você come perto das telas? — Eu me mexi na cadeira, jogando as pernas sobre o braço do assento aveludado e olhando para o meu prato.

Sashimi. Uma espécie de salada de pepino, acompanhada de suco

verde.

— Porque o trabalho nunca para. — Um pedaço de toro desapareceu em sua boca, mas ele não estava olhando para as telas.

Ele estava olhando para mim.

Peguei o sashimi unagi entre os dedos, olhando carrancuda para ele como se ele me ofendesse pessoalmente. Tudo o que vi quando olhei para ele foi um polvo.

Zachary Sun sozinho estragou o sushi para mim.

— Se você não faz uma pausa para aproveitar todo o seu trabalho duro, que valor isso realmente tem?

— Você não é um animal. — Zach suspirou. — Use seus pauzinhos.

— Eu não sei como. — Esfaqueei o peixe cru com um único pauzinho, usando o pau como espeto para enfiar o salmão na boca. — E eu pensei que era um polvo?

Seus olhos quase saltaram das órbitas. — Você morou na Coreia e nunca aprendeu a usar os pauzinhos?

Eu não sabia por que, mas tudo que esse homem fazia me deixava com calor e incomodada, mesmo quando ele franzia a testa, fazia cara feia, bufava e me repreendia.

Talvez eu sofresse da síndrome de Estocolmo. Mas isso implicaria que ele me sequestrou, em vez do simples fato de que eu perdi a cabeça e concordei voluntariamente em estar aqui.

— Nãooo — enfatizei o O, soltando um suspiro exasperado e empurrando meu prato em sua mesa. — Sempre uso colher e garfo. Ari sempre me critica por isso.

Para ser justa, tudo ficava melhor nas colheres de metal largas da Coreia.

Zach fez uma careta. — Eu deveria saber quem é Ari?

— Minha melhor amiga de Seul.

Ele arqueou uma sobancelha. — Sexo?

*Ciúme?*

Fiquei tentada a perguntar.

— Não, obrigada — respondi em vez disso.

— Não me contrarie, Farrow. Eu fiz uma pergunta a você.

— Então? Eu não trabalho para você, Zachary Sun.

— Você *literalmente* trabalha. — Seus lábios mal se moviam quando ele falava.

Eu poderia dizer que o estava arrastando à beira da insanidade.

Dei de ombros. — Petiscos pessoais custam mais.

Sua mandíbula travou.

Ele abriu a gaveta e tirou a carteira, jogando um Benjamin entre nós. — Ari é uma garota ou um garoto?

— Garota. — Dei de ombros. — Mas isso não diz nada sobre sua orientação sexual.

Revirando os olhos, ele me jogou outra nota de cem dólares.

Juntei o dinheiro e coloquei-o na cintura.

— Hétero. — Eu sorri. — Felizmente noiva também.

— Ela não poderia ter ensinado você a usar os pauzinhos?

— Ah, ela tentou. Mas quando percebi que não conseguiria colocar comida na boca rápido o suficiente com eles, perdi todo o interesse.

— A comida não é feita para ser aspirada. É para ser consumida por um longo período de tempo.

— Falou como alguém que não tem dois empregos.

Ele balançou sua cabeça. — Constance iria deserdar você.

— Que bom que não sou filha dela, então. Melhor nenhuma mãe do que aquela que dobra você para a única forma em que ela pode

amar. — Fiquei de pé, apontando para o prato que havia descartado, perguntando-me se minhas palavras o atingiram tão profundamente quanto eu pretendia. Muitas camadas de pele morta cobriam seu coração. — Desculpe, isso não é comestível.

De jeito nenhum eu conseguiria comer seis pedacinhos de peixe. Eu ansiava por algo decadente e ruim para mim. Algo que eu não deveria comer.

Como Zachary Sun.

*Não, Fae, o lado lógico do meu cérebro repreendeu. Como jajangmyeon ou pupusas.*

Quanto mais cedo eu conseguisse isso, melhor seria para mim.

— É perfeitamente nutritivo. — Ele continuou mastigando com a boca fechada. Trinta e duas vezes cada mordida. Sem falhar. — O combustível ideal para o seu corpo.

— Talvez se eu fosse uma máquina. — O que eu suspeitava seriamente que ele fosse. — Eu conheço meu corpo. E quer algo que bloqueie as artérias a ponto de precisar de acetona para limpá-las.

Andras me mataria.

*Andras também não estava aqui.*

Ele abriu a boca – prestes a me repreender, sem dúvida – antes de fechá-la e abri-la novamente. — Como o quê?

Boa pergunta.

Qualquer coisa era melhor do que o que eu normalmente roubava da geladeira – a comida dietética nojenta, sem glúten, sem sódio, sem carboidratos e sem sabor de Vera, Reggie e Tabby.

Como eu duvidava que pudesse lidar com as consequências de solicitar isso em uma travessa, as pupusas precisavam de quinze minutos para reaquecer na frigideira, e meu jajangmyeon favorito estava em Rockville, conformei-me com a coisa mais gordurosa que pude imaginar.

— Pizza. — Senti meus olhos enrugarem enquanto sorria com a



lembrança de devorar fatias antes de entrar em um show da Broadway com meu pai. — Eu quero uma pizza estilo nova-iorquina. Enorme, de crosta fina, com queijo suficiente para esculpir uma criança de cinco anos em tamanho natural. — Minha boca encheu de água com o pensamento. — Na verdade, uma criança de onze anos.

Ele parecia horrorizado.

Como se eu tivesse dito a ele que queria comer uma criança *de verdade*.

Então, pensei: por que não forçar um pouco mais os limites? Zach ficava tão profundamente ofendido com os prazeres da vida que quis fazê-lo experimentá-los.

Ver por que tanto alarido.

Cruzei os braços, recostando-me. — Quando foi a última vez que você comeu pizza?

Suas sobranças se uniram enquanto ele vasculhava os arquivos bem-organizados de sua memória. — Terceira... não, quarta série, suponho. Festa de aniversário de Trevor McKee. Veio da Sicília, mas bastante abaixo da média.

Tentei folhear seu calendário de mesa vazio com um pauzinho, balançando a cabeça. — Ah, Zach.

— Eu sei. Por que não trazer chefs e ingredientes da Itália?

— Estamos pedindo pizza agora. E é melhor que seja tão oleosa que precisaremos de quatro toalhas embaixo da caixa para absorver as manchas. E... — Joguei minhas mãos para o alto, iluminando-as como a árvore de Natal do Rockefeller Center. — ... e cervejas. Cerveja universitária de merda e aguada.

— Cervejas belgas — ele rebateu.

Eu balancei minha cabeça. — Desculpe, você vai viver comigo hoje.

— Amável. — Ele pressionou a boca em uma linha fina. — O que vem a seguir na minha cartela de bingo? Uma viagem ao Aldi<sup>15</sup> e uma

overdose de fentanil?

— Aldi é uma merda.

— Isso é fato, suponho?

Apesar do meu horror com seu estilo de vida rígido, comecei a rir. — Ah, e você está pagando, a propósito.

Ele parecia prestes a vomitar, as maçãs do rosto salientes, pálidas e acentuadas. Meu coração subiu até a garganta.

Eu tinha certeza que ele diria não.

Após vários minutos de silêncio, ele empurrou o sashimi para longe. — Tudo bem. Vamos comer pizza.

— Estou feliz que você viu a luz.

Ele levantou um dedo. — Com uma condição.

Meu coração galopou. — Qual é...?

*Por favor, diga algo sujo que eu queira fazer de qualquer maneira.*

— Sem coberturas ruins.

— Só abacaxi.

— *Especialmente* sem abacaxi.

— Você é sempre um negociador tão duro?

— Não. — Ele submergiu as mãos em uma tigela enorme de lavagem. — Normalmente não negocio. Eu apenas pego o que quero.

— O que há de errado com abacaxi?

— Nada. — Ele passou uma toalha na palma da mão. — A pizza simplesmente não é seu habitat natural.

— O que é então?

— A lata de lixo.

*Rude.*

— Bem, eu gosto e você vai aceitar.

A ideia pareceu chocá-lo. — Por quê?

— Porque você quer que *eu* aceite seus trinta centímetros.

— Não tem trinta centímetros.

— Está bem perto.

— Você é anatomicamente construída para empurrar um ser humano de cinco quilos — ressaltou.

— Você foi anatomicamente construído para comer uma flor de bromélia.

Ele balançou sua cabeça. — Isso é terrível.

— Bem-vindo ao mundo do namoro, Zachary.

— Estou tentado a fazer uma meia-volta brusca. — Zach apertou um botão no painel. — Natalie. Peça uma pizza grande de abacaxi para nós.

— Queijo extra — eu sussurrei, correndo para a beirada da cadeira, esquecendo de manter distância.

Um músculo se contraiu em sua mandíbula. Sua perna deu um chute, empurrando minha cadeira meio pé para trás.

Eu fiz beicinho.

Ele suspirou, mas acrescentou: — Queijo extra.

— Sr. Sun? — Natalie engasgou. — Você precisa de alguma ajuda?

— Claramente — ele falou lentamente. — É para isso que estou pagando.

— O que quero dizer é, você está... você está bem?

Sim. Era *tão* inacreditável.

— Nem de longe. — Ele olhou para mim desapaixonadamente, suspirando. — O que eu estou, Natalie, é chicoteado.

No dia seguinte, arrastei Zach para almoçar no jardim de inverno.

Eu sempre quis comer lá, mas imaginei que ele precisaria de algum tempo fora depois de todo o incidente da queimadura de Eileen.

Comemos poke bowls. Salada em vez de arroz e pepino extra para ele. Progresso.

No dia seguinte, comemos branzino na varanda.

Desta vez, ele me deixou alimentá-lo com uma batata assada. Ele olhou carrancudo, reclamando da gordura o tempo todo.

Ainda assim, antes de a refeição terminar, eu o vi engolindo outra.

E no dia seguinte, preparei banh mi thit nuong para nós dois – regando os sanduíches com aioli caseiro extra. Até enfiei patê neles quando ele não estava olhando.

Joguei meu guardanapo no prato vazio, recostando-me na cadeira. — Qual é a sua obra de arte favorita?

— Não tenho uma.

— Seriamente? — Eu fiquei de pé como um bumerangue. — Você coleciona tanta arte e nenhuma é sua favorita?

— Não. Nem tudo precisa ser medido em relação a outra coisa.

— Mas... — Fiz uma careta. — Todo mundo tem uma obra de arte favorita.

— Até você?

— Sim. *Telefone-lagosta*.

Papai tinha uma réplica que eu implorei para ficar. Vera o leiloou semanas após sua morte.

Zach fez uma pausa no meio da mordida. — De Dalí?

Fiquei louca com o quão pequenas e medidas eram suas

mordidas.

Trinta e duas mastigações cada.

Ao meu aceno, ele arqueou uma sobrancelha. — Esse *seria* o seu favorito.

— O que isso deveria significar?

Ele não me respondeu, envolvendo os lábios em torno do sanduíche.

Quando a hora marcada para o almoço terminou, verifiquei novamente o prato. Ele não deixou uma única migalha.

Todas as manhãs, eu passava meia hora vagando pelo terreno, abrindo todas as janelas da mansão para deixar o sol entrar. Assim, o próprio Sr. Sun sentiria calor pela primeira vez em sua vida.

Recusava-me a comer em silêncio, sempre contando a ele sobre minha vida.

A mãe que nunca existiu. O pai que tive, mas eu nunca me cansava dele. A solidão.

Seul. Esgrima. Sonhos olímpicos.

Como sentia falta da minha antiga vida. Aquela na Ásia, longe das minhas meio-irmãs e madrasta malvadas.

Ele sentava-se ali e ouvia tudo. Como se tivesse que suportar a interação humana.

Às vezes, quando eu me fazia rir, ele realmente recuava.

Zachary Sun mal era humano.

Para eu consertá-lo, eu tinha que torná-lo real.

## CAPÍTULO TRINTA E SETE

### *Farrow*

Na noite anterior ao meu aniversário, decidi dormir na casa de Zach.

Acho que fiquei viciada nas pequenas indulgências de seus muitos quartos de hóspedes. O colchão firme e extenso. As almofadas macias. A grande penteadeira. E o perfume de flores frescas e velas decorativas que emanava de cada canto.

O chef mantinha a geladeira abastecida e, ultimamente, isso de alguma forma incluía coisas que eu adorava comer.

Zach me deixava sozinha, ocupado se escondendo de mim e depois me procurando espontaneamente.

Pela primeira vez em quase dois anos, tive um sono longo e ininterrupto. Não havia Vera para gritar comigo para lavar a louça. Nem Tabby e Reggie reclamando para eu preparar o café da manhã.

Apenas... paz.

Acordei com um silêncio delicioso, abrindo os olhos piscando.

*Você tem vinte e três anos.*

*Parabéns. Você conseguiu mais um ano.*

*Para grande desgosto da sua suposta família.*

Permiti-me vinte e três segundos para lamentar minha carreira na esgrima. Valentina Vezzali já tinha conquistado duas medalhas olímpicas nessa idade.

Todos os dias, meu relógio biológico diminuía. Provavelmente não importava. Aparecer em uma competição seria uma vergonha.

Em seguida, toquei a ponta do nariz até não sentir cheiro de nada, depois passei dois minutos me convencendo de que um sopro

das panquecas de confete de aniversário exclusivas do meu pai havia passado.

Eu sentia falta delas.

Eu sentia falta *dele*.

E, finalmente, sem nenhuma razão lógica, peguei meu telefone na mesa de cabeceira e verifiquei as mensagens.

A decepção fez cócegas em meus canais lacrimais quando abri minhas últimas mensagens com papai e não encontrei nenhuma nova. Ele costumava me deixar uma longa mensagem de aniversário de manhã, cheia de afirmações.

À tarde, eu chegava ao meu dormitório para uma cesta cheia de guloseimas.

Reli suas últimas mensagens, embora já as tivesse tatuado em meu cérebro com marcador permanente.

**Pai:**

Lembra da Sra. Langer?

**Farrow:**

Minha professora da primeira série?

**Pai:**

A única.

**Pai:**

Ela finalmente se casou. Fui ao casamento dela ontem à noite.

**Pai:**

Seus votos foram perfeitos. Até o bolo estava em camadas.

**Farrow:**

BRB. Branqueando meus olhos.

**Farrow:**

As piadas do pai são as piores.

**Pai:**

Conversamos sobre você por um tempo.

**Pai:**

(Ok, eu me gabei de você e ela ouviu educadamente.)

**Pai:**

Estou tão orgulhoso de você, menina. Mal posso esperar para ver você arrasar na competição neste fim de semana.

**Farrow:**

Escolha um assento na frente desta vez. :(

**Pai:**

Prometo.

**Farrow:**

Amo você.

**Pai:**

Amo você mais.

Suspirei, saindo das mensagens, verificando novamente se não as excluí acidentalmente.

Ficava paranoica quando se tratava de perder memórias tangíveis do meu pai. Especialmente com todos os seus pertences penhorados.

Uma única lágrima ameaçou escorregar pelo meu rosto.

Era verdade o que diziam... As lembranças mais felizes acabam se tornando as mais tristes.

Agora, eu só tinha um desejo de aniversário.

**Ari:**



Feliz aniversário para você, sua mulher incrível.

**Ari:**

Não se esqueça do quanto amo você.

**Ari:**

Embora eu ainda esteja aqui para lembrá-la todos os dias pelo resto da sua vida.

**Ari:**

Ok, isso pareceu muito assustador. Mas você sabe o que quero dizer.

**Ari:**

Oh. Além disso, enviei-lhe um cheque. Não muito, mas o suficiente para você reservar um dia de spa.

**Ari:**

Você sabe que merece.

**Ari:**

Sério, não venha até mim por causa do dinheiro.

**Ari:**

Eu não tinha certeza sobre sua agenda, então não queria reservar nada para você.

Sorri para o meu telefone, lutando contra as lágrimas de nostalgia e autopiedade.

Eu realmente queria estar com ela agora.

Correção: eu queria viajar no tempo para dois anos atrás, para Seul, para o momento em que papai visitou e ofereceu hanwoo e soju a mim e a Ari.

Limpei furiosamente meus olhos, respondendo a mensagem

através de uma cortina borrada de lágrimas.

**Farrow:**

Indo para você com força total.

**Farrow:**

Além disso, você é uma idiota.

**Farrow:**

Amo você em pedaços. F

Seria tão fácil voltar a dormir. Fechar os olhos e esquecer meus problemas.

Zach me deixaria dormir.

Andras entenderia isso, por causa do meu aniversário.

Em vez disso, peguei minha mochila e fui até o clube de campo para uma sessão de treinos. Eu estava no ponto, focada e com fome.

Andras, no entanto, parecia um pouco distraído, então não liguei por ele ter esquecido meu aniversário. De qualquer forma, ele era meu treinador, não meu melhor amigo.

Eu não tinha ninguém além de mim mesma para culpar pela minha falta de companhia. A maioria dos meus amigos morava em Seul, onde passei meus anos de formação.

E eu estava muito falida, covarde e desonrada para voar até lá.

Assim que terminamos o treino, fui para o vestiário para uma troca rápida antes da aula de Zach. Mas quando peguei meu telefone, vi uma mensagem dele.

(Ele fez questão de exigir meu número depois de passar a segunda-feira me procurando antes do nosso suposto almoço, repreendendo-me por não ter chegado na hora certa. Um: nós dois sabíamos que ele já tinha meu número, um subproduto de suas habilidades de hacker e total desrespeito pela minha privacidade. E dois: quem almoçava às 11h30? Somente pessoas com cartão AARP.)

Por um segundo patético, meu coração subiu até a garganta.

Ele se lembrou do meu aniversário?

**Zack:**

A aula fica para a próxima.

**Zack:**

Mamãe vai dar uma festa hoje.

**Zack:**

Aparentemente, preciso repassar os detalhes do cardápio com ela.

Meu coração desmoronou em escombros, espalhando-se por todo o meu peito.

O que eu esperava, entretanto? Ele não sabia meu aniversário. Não tinha nenhuma indicação de que tinha acabado de completar vinte e três anos.

Acho que ele tinha uma cópia da minha identidade em algum lugar de seus servidores quando me contratou, mas por que ele a verificaria?

Com dedos trêmulos, respondi.

**Farrow:**

OK. Divirta-se.

Afoguei minhas mágoas em um donut de chocolate da Dunkin's. O grande café gelado parecia particularmente glacial sob o ar gelado.

Dirigi até Swallow Falls para ver o rio fluir, enfiei uma vela no buraco do donut e fiz um pedido.

— Pai, se você estiver aí em cima, por favor, dê-me um motivo

para acordar amanhã. Qualquer coisa. Não importa quão pequeno. Considere isso meu presente de aniversário.

Uma lágrima caiu no donut, pintando uma linha brilhante na cobertura de chocolate.

Fechei os olhos, inclinando o queixo em direção ao céu.

— Se você fizer isso, vou perdoá-lo por quebrar sua promessa e perder minha última competição.

O ar frio do início do inverno queimava meu tubo de ar enquanto eu respirava fundo, lembrando-me de *não* chorar, porra.

Eu não tinha motivo para isso.

Em breve, eu derrubaria Vera.

*Você tem um motivo para isso, lembrou-me o pedaço solitário e amargo da minha alma. Você está sozinha neste mundo. Sua melhor amiga está do outro lado do planeta, e você apostou todas as suas fichas em um homem que quer foder e depois largar você.*

Meu telefone tocou com uma mensagem, interrompendo minha festa de pena. Tirei-o do bolso de trás, mordendo o donut.

*Por favor, seja alguém que cuida de mim. Por favor.*

**Vera:**

Vejo que você conseguiu uma representação legal novinha em folha.

**Vera:**

Acabei de receber o documento.

**Vera:**

E quem paga a conta por toda essa bobagem? Diga.

**Vera:**

Tudo bem, Farrow.

**Vera:**

Eu ainda vou esmagar você.

**Vera:**

Tire as luvas agora.

**Vera:**

Exatamente como eu gosto.

Olhei para a tela.

Três pequenos pontos dançavam na parte inferior.

Minha respiração engatou.

Outra caixa de texto apareceu.

**Vera:**

Feliz Aniversário, Farrow.

**Vera:**

Esperemos que seja o último.

# CAPÍTULO TRINTA E OITO

## *Farrow*

Qualquer esperança de que Zach soubesse que era meu aniversário voou pela janela quando voltei para sua mansão.

Sua casa parecia um globo de neve, tão bonito visto de longe, aninhado em uma fina camada de gelo. O interior zumbia – quente e iluminado, a enxurrada de aromas deliciosos me envolvendo como um tecido rico.

A essa altura, meu humor de merda havia penetrado tão profundamente em meus ossos que nem mesmo uma escavadeira conseguiria movê-lo.

Não ajudou em nada o fato de que, no meu caminho para a cozinha, a voz poderosa de Zach cortou o ar da câmara no andar de cima, quebrando a parte de trás das minhas orelhas.

Eu nem tinha chegado ao patamar e ele já havia dado uma ordem.

— Farrow. Meu escritório. *Agora*.

Ele esperou até que eu estivesse a um passo da cozinha antes de me chamar para cima?

Que idiota.

Com um grunhido, subi os degraus, batendo as portas duplas de seu escritório. Ele estava sentado atrás da mesa, esparramado na cadeira como um grande gato, brincando com algo na mão.

Apoiei um cotovelo no batente da porta, recusando-me a me encolher ou me rebaixar diante dele. — E aí?

Chiclete rosa estourou entre meus lábios.

Ele parecia aborrecido. Ele sempre parecia abominado. — Isso é chiclete que você está mascando?

Arqueei uma sobranceira. — Sim. Problema?

Ele balançou a cabeça, ignorando minha provocação. — Você precisa prestar atenção extra ao salão de baile hoje. O decorador e o pessoal do catering já estão lá, mudando as coisas. Eles estão criando uma bagunça.

Outra festa? *Por quê?*

Até mesmo alienígenas a galáxias de distância podiam ver que ele detestava grandes reuniões.

Mas eu sabia a resposta.

*Constance.*

Sempre Constance.

— Entendi. Algo mais?

Ele me lançou um olhar. Um pensamento estranho me ocorreu.

*Eu me pergunto como são esses olhos quando estão apaixonados.*

— Você ainda não arrumou minha cama.

— Saí de manhã cedo. Farei isso agora. Isso é tudo?

Ele traçou o queixo afiado com o dedo, refletindo sobre isso em sua cabeça. Ele estava *tentando* encontrar mais tarefas para mim? Por que ele estava sendo tão idiota hoje?

— Você precisa limpar todas as janelas do primeiro andar. Não podemos permitir que as fotos com flash mostrem marcas de gotas de chuva ou impressões digitais.

Eu fiz uma careta. — Limpei todas as janelas ontem.

— Limpe-as de novo.

Percebi, pela primeira vez, que Zach segurava a piteira que usei para brincar comigo mesma. Reconheci o corpo de metal único e a tampa dourada.

Ele brincava com ele, virando-o entre os dedos.

— Elas estão completamente limpas. — Eu joguei minhas mãos

para cima, perdendo o controle. — Por que eu iria refazer isso? Não faz sentido.

— Você não está aqui para fazer sentido, Octi. Você está aqui para receber minhas ordens.

Zach colocou a tampa na boca e eu engoli em seco.

*Essa coisa esteve dentro de mim.*

Foi por isso que ele quis que eu deixasse a piteira para trás. Para que ele pudesse me provar.

Algo ferveu em minhas veias.

Desejo? Raiva?

Eu não sabia.

Tudo que eu sabia era que meu sangue borbulhava, ameaçando sair de mim.

Fechei os dedos em punhos, lutando para respirar. — Que diabos está errado com você?

— Tudo, eu suspeito.

— Você está sendo extremamente insuportável hoje.

Ele voltou sua atenção para as telas, digitando no teclado, a piteira aninhada entre os dentes brancos e retos. — No entanto, você tem trabalho a fazer. Chop, chop, pequena Octi.

Eu olhei para ele, estupefata.

Chicotadas me atingiam toda vez que falava com ele. Quente um segundo. Frio no próximo.

Este não era o mesmo homem que passou horas em reuniões comigo e com uma equipe de advogados, trabalhando incansavelmente para me tirar da confusão em que Vera me colocou.

Não era o mesmo homem com quem eu almoçava todos os dias, cuja garganta balançava sempre que nossos olhos se encontravam.

Não o mesmo homem que ansiava tanto pelo meu toque, às vezes



eu sentia apenas seus olhos lamberem minha pele.

Balançando a cabeça, eu me virei e desci as escadas para começar meu dia de trabalho.

Lágrimas queimavam o fundo dos meus olhos enquanto eu esfregava as janelas já limpas.

Papai não respondeu às minhas orações neste aniversário, isso era certo.

Fechei os olhos, entregando mais uma mensagem ao universo.

Uma desculpa.

*Sinto muito, pai.*

*Eu não quis dizer isso.*

*Não é sua culpa você ter quebrado sua promessa.*

*Mas é minha culpa ter feito algo que sei que você ficaria envergonhado.*

# CAPÍTULO TRINTA E NOVE

## *Farrow*

A mansão havia se transformado em um castelo da Disney.

Luzes brancas e cremosas cobriam o exército de bordos vermelhos que levavam à mansão. Colunas de flores vermelhas e douradas cercavam as portas duplas de entrada.

No hall de entrada, rosas brancas se estendiam por toda a parede para os convidados tirarem fotos. Sacolas de brindes alinhadas na entrada como soldadinhos de brinquedo, presas por laços de veludo.

No salão de baile, mesas redondas emolduravam a pista de dança enquanto balões de LED cobriam todo o teto alto, iluminando o ambiente por dentro.

Eu entrei em um conto de fadas.

Um conto de fadas para o qual, como sempre, não fui convidada.

Eu me perguntei qual seria a ocasião. Esperançosamente, a emancipação tardia de Zach de sua mãe autoritária. Embora eu não contasse com isso.

A culpa era a única emoção que ele era capaz de sentir. Cortar o cordão seria admitir para si mesmo que estava morto por dentro.

A boa notícia – e não havia muita – era que eu estava de folga.

Eu consegui roubar uma caixa de macarons brancos e vermelhos antes de subir para o quarto de hóspedes. Meu próprio presente de aniversário particular para mim.

Tranquei a porta atrás de mim, joguei-me nos travesseiros e aumentei o volume da música, ouvindo “Water” de Tyla.

Mesmo com meus fones de ouvido baratos, conseguia ouvir tudo lá fora. Carros parando na entrada. Manobristas. Taças de champanhe

tilintando. O riso indulgente de quem não sabia pagar as próprias contas. A banda ao vivo. A agitação de 0,1% se divertindo.

Deitei-me numa cama que não era minha e olhei para o teto, fervendo de raiva. Desta vez, escolhi o quarto de hóspedes mais afastado da escada, e não aquele que normalmente ocupava, esperando que o som da felicidade alheia não me alcançasse.

Mas alcançou.

Alcançou e queimou minha alma.

*Sozinha, sozinha, sozinha.*

Tudo me lembrou desse simples fato.

Esse era o problema da solidão: não existe solitário. Somente alguém que tentou dar uma chance aos outros e acabou completamente decepcionada.

Afundando-me ainda mais nas cobertas, peguei meu telefone e comecei a assistir vídeos antigos das minhas partidas de esgrima no YouTube. Principalmente para ver papai na primeira fila, torcendo por mim.

Andras sempre me incentivava a estudar minhas fraquezas. Que meu caminho até as Olimpíadas exigia disciplina e humildade.

Eu ainda não sabia se algum dia conseguiria.

Parecia improvável, considerando meu passado.

Mesmo assim, a esgrima me deixava verdadeiramente feliz. Eu odiaria decepcionar Andras. Além disso, a única vez que minha mente se desligava era na pista.

*E enquanto era empalada por um bilionário taciturno em uma sauna.*

Uma batida suave bateu na porta. Eu me levantei, o edredom rolando no meu colo.

Talvez eu não tivesse ouvido direito? Por que Zach me procuraria no meio da festa?

Olhei para a porta.

A batida soou novamente, desta vez mais alta.

Limpei a garganta. — Sim?

Uma voz doce e feminina penetrou pela porta. — Farrow?

*Dallas Costa.*

— Sim.

— Posso entrar?

*Por quê?*

— Claro...?

A porta se abriu. Dallas entrou, grávida de cerca de cem séculos, vestida com um vestido dourado brilhante com corte em A e decote em coração.

Seus seios estavam fora de controle. Duvidava que mesmo os militares dos EUA conseguissem levá-los à submissão.

Ela usava o que parecia ser uma conta de quarenta mil dólares para abanar o rosto.

— Graças a Deus eu encontrei você. — Com a outra mão, ela empurrou uma bandeja cheia de comida suficiente para alimentar toda a vizinhança na minha direção, atirando-se na cama ao meu lado. — Tenho procurado por você em todos os lugares. Passei por todos os quartos de hóspedes. Quantos há aqui?

— Treze. — *E eu relaxei na limpeza de cada um deles hoje.* — Além disso, um elevador que leva a um porão secreto. Eu não limpo esse, no entanto. Não posso correr o risco de encontrar os restos mortais das pessoas que Zach matou por pronunciar mal palavras em latim ou por calcular mal suas declarações de impostos.

— Oh, ele faz suas próprias declarações de impostos. — Ela acenou com a mão. — É como um hobby para ele. Uma maneira de relaxar. Mais ou menos como sudoku ou quebra-cabeças de seis mil peças.

Eu a estudei inclinando a cabeça, ainda confusa. — Por quê você

está aqui?

*Tradução: se alguém fizesse uma bagunça lá embaixo e precisasse de limpeza urgente, eu poderia estrangulá-lo.*

Eu estava de folga. Eram quase oito e meia.

— Como assim por quê? Não é óbvio? — Ela se deliciou com um pão de ló da bandeja, seus olhos claros brilhando com calor. — Todo mundo lá embaixo é um chato total.

Eu reprimi um sorriso.

Eu realmente gostava de Dallas, mesmo achando que não deveria.

Todos na cidade sabiam que ela cresceu rica. Que ela passava os verões na Europa, valsava em bailes na Geórgia e conviveu com pessoas em cujas declarações anuais de impostos eu não conseguia contar os zeros.

Ela teve todas as oportunidades de ser exatamente como Tabby e Reggie – uma criança rica e mimada. Não tínhamos nada em comum – nenhum interesse mútuo, amigos, gostos e desgostos.

E ainda assim, eu reconhecia uma amiga leal quando me deparava com uma.

Dallas pegou uma rosquinha, colocando-a em sua boca. — O jeito que você respondeu aquele cara no jantar outro dia? Lendário. Encontrar mulheres com coragem deste lado do rio é difícil. É como se o Força Aérea Um voasse e sugasse a personalidade de todos.

— Obrigada. — Olhei para ela com interesse, ainda confusa, e apontei para a bandeja em meu quadril. — Isso é para mim?

Dallas soltou uma risada alegre e viciante. — Oh, sim.

Admirei os raios de sol que emanavam dela.

Ela me pareceu o tipo de pessoa que poderia incendiar o lugar inteiro se você a esfregasse da maneira errada, mas também iluminaria um ambiente.

Eu gostava da vibração dela.

Ela roubou outro doce. — Pensei em fazer para você um prato de amostra com todas as coisas dignas de comer. Decidi experimentar tudo primeiro. Amiga verdadeira ou o quê?

— Melhor amiga total — murmurei.

— Eu sou o tipo de garota que anda ou morre. — Ela pegou sua pequena bolsa Hermès e tirou algo dela. — Ei, eu fiz aquelas pulseiras da amizade para nós. — Um pequeno saco plástico caiu no meu colo. Ela balançou um idêntico, o círculo de contas balançando enquanto ela o segurava. — Sem julgamento, por favor. Estar grávida é muito chato. Tive que cancelar o bungee jumping na Nova Zelândia na semana passada. Você acredita em como Rom é superprotetor?

Um pequeno sorriso brincou em meus lábios. — Desconheço um.

Eu não podia acreditar que ela me fez rir em um dia em que senti tanta pena de mim mesma.

Quando não fiz nenhum movimento, ela pegou o saco de mim, tirou a pulseira Swiftie verde-roxa (ela se lembrou da nossa conversa) e deslizou-a pelo meu pulso, colocando a dela ao meu lado.

Elas combinavam. Nossos nomes piscavam para nós em contas de plástico baratas. Parecia ridículo entre suas marcas de luxo da cabeça aos pés.

Peguei um musubi de spam, desembulhando o filme. — O que você vai ter?

— Provavelmente o bife com batatas fritas. — Ela soltou um suspiro. — Quero dizer, o sushi lá embaixo parece tão bom que deveria ser totalmente ilegal, mas não posso comer peixe cru agora.

— Estou falando sobre sua gravidez.

— *Oh*. Uma menina, espero. Estou desejando isso para o universo. — O rosto de Dallas se iluminou. — Rom diz que está preocupado em estar em menor número. Mas eu digo que ele sempre esteve em menor número. Tenho múltiplas personalidades, dependendo do meu humor e da época do mês.

— Você vai ser uma mãe incrível.

Eu quis dizer isso.

— Vou tentar o meu melhor. — Ela sorriu. — Se há uma coisa que aprendi com minha mãe é que você precisa ensinar sua filha a ser poderosa o suficiente para se proteger.

Uma pontada de saudade puxou minha barriga.

Eu gostaria de ter uma mãe. Uma de verdade. Não aquela que me abandonou. Ou alguém que passou a vida inteira tentando me expulsar.

Inclinei minha cabeça, brincando com minhas próximas palavras.  
— Você notou algo sobre as mães aqui...?

— Aqui como nesta casa, nesta cidade, neste estado...?

— Aqui como ao nosso redor.

Não que existisse um nós, mas Dallas parecia uma amiga de verdade. Eu não pude deixar de me agarrar ao seu calor.

— Hmm... — Ela bateu no lábio, fazendo uma pausa. — Na verdade, não sei muito sobre a mãe de Oliver, mas a de Romeo deixa muito a desejar. Ele geralmente chama Constance de mãe.

— *Constance*? — Meu queixo caiu. — Tipo, a Constance de Zach?

Ela sorriu, balançando a cabeça. — Eu sei. Parece impossível, mas Romeo disse que ela nem sempre foi assim. Que a Constance de que ele se lembrava costumava ser calorosa. Ela embalava o almoço para ele todos os dias porque não queria que ele comesse porcarias, pegava-o na escola com Zach e ensinava-lhe pessoalmente matemática, que uma vez ela lecionou em nível universitário.

— Constance Sun — repeti.

— Isso mesmo. — Dallas traçou círculos em sua barriga. — Rom me contou que, depois que o marido morreu, ela se tornou um zumbi. Quando ela finalmente saiu dessa, ela se transformou em uma pessoa diferente. *Rígida*. Cheia de regras. Sem humor. Rom acha que Constance tem medo de que, se tudo não for perfeito, algo ruim

aconteça novamente.

Deitei-me no travesseiro, considerando as palavras de Dallas. Perder alguém tragicamente não desculpava o mau comportamento, mas *explicava-o*.

A dor reconectava seu cérebro. Os momentos tranquilos tornavam-se os mais barulhentos. A única maneira de desligá-lo era tornando sua vida mais barulhenta do que sua mente.

Eu, entre todas as pessoas, poderia atestar isso.

O que não me dava o direito de julgar.

E ainda assim, não pude deixar de ficar ressentida com ela pela maneira como fez seu filho sofrer. Mesmo que *ele* constantemente *me* fizesse sofrer.

Mordi um pedaço de cieple lody sem realmente sentir o gosto, embora devesse ter um gosto bom, porque os olhos de Dallas rolaram para a parte de trás de sua cabeça.

Ela cutucou meu braço, limpando as migalhas do queixo. — Ei, o que está incomodando você? Era um foguete na primeira vez que conheci você. Agora parece... *para baixo*.

— Está tudo bem.

Eu estava convencendo-a ou a mim mesma?

— Tente novamente. — Dallas bufou. — Nesta amizade, só fazemos honestidade.

— Hoje é meu aniversário — admiti.

— O quê? — Ela empalideceu, levantando-se num instante. Bem, o mais rápido que pôde com um humano inteiro na barriga. — Você está brincando comigo? O que você está fazendo aqui? Devíamos estar comemorando.

— Não há muito o que comemorar. — Fiquei olhando para as sobremesas, engolindo saliva. — Não tenho família e todos os meus amigos estão na Coreia.



— Nem todos eles. — Dallas abriu o armário, viu que estava vazio e fechou-o. — Estou aqui e tenho algumas roupas lindas para emprestar para você passar uma noite inesquecível. Tudo que você precisa fazer é dizer sim.

— Não.

— A música lá embaixo é incrível. A comida é divina. Além disso, ninguém irá reconhecê-la. E não vou sair do seu lado de jeito nenhum.

— A resposta ainda é não.

— Ah, vamos, Farrow. — Ela dobrou os joelhos, pressionando as palmas das mãos, implorando. — Você não pode me negar. Estou grávida e vulnerável. E se minha bolsa estourar mais cedo por sua causa? Você teria que se mudar para outro planeta para se esconder do meu marido, e então não poderemos comer demais juntas pela Terra.

Eu não poderia me dar ao luxo de comer compulsivamente pela Terra, tanto financeiramente quanto praticamente, se esperava ganhar alguma medalha de ouro nesta vida.

Dallas começou a ofegar, listando todas as maneiras pelas quais seu marido e seus amigos rastreavam seus inimigos. Ela era implacável. Não era à toa que ela desgastou Romeo Costa.

A mulher poderia derrubar regimes inteiros com um acesso de raiva.

— Você quer isso? — Ela não esperou que eu respondesse, dando tapinhas em meu ombro. — Você apenas fica aqui, ok?

Eu queria dizer não. Para dizer a ela que eu estava além do reparo. Mas se Zach conseguiria seguir em frente e fazer uma mudança... então, talvez eu também.

— OK. — Forcei um sorriso. — Vou esperar.

# CAPÍTULO QUARENTA

## *Farrow*

Devia estar parecendo a Fera depois de se arrumar para jantar com Bela.

Exagerada.

Cabelo enrolado até a submissão.

Absolutamente *ridícula*.

Um vestido de baile fofo rosa claro cobria meus membros. Eu me sentia como uma pavlova.<sup>16</sup>

— Comprei semana passada, mas não posso usar porque... — Dallas apontou para sua barriga, suspirando. — Não é tão chamativo, ainda que não muito discreto?

*O mesmo acontece com um bolo de merengue, que é exatamente minha aparência.*

Mas sorri, porque mesmo me sentindo um absurdo, também me sentia... *feliz*.

Minha nova amiga esvoaçava ao meu redor, colocando prendedores de borboleta em meu cabelo e espalhando tanto gloss em meus lábios que parecia que uma colmeia explodiu em minha boca.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que usei maquiagem. Eu nem tinha rímel.

Dallas prendeu outro cacho apertado atrás de uma presilha e recuou, espanando as mãos enquanto admirava seu trabalho. — Garota, você se parece com Candice Swanepoel.

Apertei meus olhos. — Isso era inglês?

Ela riu. — A modelo da Victoria's Secret?

— Eu não assisto TV — murmurei.

Ela riu ainda mais. Era por isso que Ari era minha única amiga.

Dallas puxou minhas mãos, arrastando-me para fora do quarto de hóspedes com um sorriso orgulhoso. — Venha.

Nós duas ainda usávamos nossas pulseiras ridículas.

— Eu quero que todos no salão vejam que você é muito sexy. E então eu quero que alguém dê em cima de você e que Zach fique todo possessivo na sua bunda. A maneira como ele cortou aquele idiota... — Ela colocou as costas da mão na testa e fingiu desmaiar. — *Desmaio.*

— Ainda não sei como ele escapou disso. — Juntei as muitas saias do meu vestido de baile para não quebrar uma perna.

Essa merda era pesada.

Dallas pressionou a mão nos lábios. — Oh, minha doce criança de verão. Zachary Sun é maior que a lei.

*Fan-porra-tástico.*

*Onde isso me colocará se eu irritá-lo?*

Desci cada degrau lentamente, agarrando a parede e o braço de Dallas para me manter em pé. Como as mulheres usavam salto? Seria mais fácil me equilibrar com muletas de circo.

Ela entrelaçou seu braço no meu. — Então... você tem muitos amigos em Seul?

Devia ser bom ser o sol personificado. Conversadora. Doce. Total naturalidade nessa coisa de povoar.

Eu podia ver por que Romeo estava obcecado por ela. Ela possuía a incrível habilidade de fazer qualquer um se sentir visto. Importante. Valioso.

— Não muitos, mas alguns. Minha melhor amiga, Ari, vai se casar em alguns meses. Mal posso esperar para vê-la.

Na verdade, eu economizei por mais de um ano para pagar a passagem de avião e um pequeno presente fora da lista.

Dallas assentiu. — Ari é um nome tão bonito.

— É a abreviação de Arirang. Ela odeia, porque seu nome vem de uma antiga canção folclórica que tocava no quarto de hotel ao lado quando seus pais a conceberam. A música é impressionante, aliás. Mas toda vez que ela tem que explicar que seus pais foram arrasadores, ela fica mais rosada que uma boneca Barbie. — Eu ri na palma da minha mão. — Ela é linda, engraçada e simplesmente a melhor. Uma esgrimista também. Eu gostaria que você pudesse conhecê-la.

— Tenho certeza que irei, um dia.

Chegamos ao salão de baile. Parecia quase proibido estar aqui, embora a mulher ao meu lado praticamente tivesse as chaves da cidade. Sem mencionar que eu literalmente esfreguei este cômodo de parede a parede ontem.

Hesitei, passando os dedos pelo tecido brilhante do meu vestido.

Dois funcionários de terno abriram a porta e, sem mais nem menos, fomos sugadas pelo vórtice da festa deslumbrante.

Vestidos em tons pastéis varriam o chão enquanto os casais valsavam. Servidores entravam e saíam da multidão como fio dental preto girando em torno de diamantes.

As mulheres se inclinavam, sussurrando nos ouvidos umas das outras assim que entramos.

A coluna de Dallas ficou tensa. Ela se aproximou de mim, quase me abraçando.

Nesse momento, percebi que Dallas e eu éramos mais parecidas do que eu esperava.

Ela era muito colorida – muito corajosa para se encaixar.

E eu era muito pobre – muito indisciplinada para querer.

— Não se importe com elas. Somente pessoas sem amor em suas vidas se tornam odiadoras. — Sua mão deslizou na minha, puxando-me para perto. — Vou ensinar você a valsar.

Minha reação instintiva foi protestar, mas então pensei: por que

não? Era meu aniversário. Eu merecia dançar com um vestido bonito.

Dallas me pegou em seus braços, uma mão na parte superior das minhas costas, a outra segurando minha palma livre. Parecia ridículo. Eu era muito mais alta que ela e uma barriga de bebê nos separava. Ainda assim, segui com isso.

— Avante com o pé esquerdo, lado com o direito, feche-os e então... sim. — Ela me guiou com os pés. — Para trás com o pé direito. Você está pegando o jeito. Esqueci que você é esgrimista. Rápida em seus pés.

A música acariciava a pele nua dos meus braços enquanto eu balançava e girava. Fechei os olhos, ignorando os olhares pesados que recebíamos.

*Incógnitas, minha bunda.*

Passamos despercebidas como uma banda marcial em uma biblioteca.

— Você acredita em finais felizes? — eu resmunguei, quase inaudível para Dallas ouvir.

— Sim. — Ela agarrou minhas costas com mais força. — Eu vivo o meu todos os dias. Nem sempre é perfeito, mas com certeza é feliz. Todos nós podemos escrever nossos próprios finais felizes. É por isso que existe esperança. É a nossa caneta.

— Sinto que a minha ficou sem tinta.

— Oh, não. — Ela nos balançou, os lábios curvados para cima. — Você só precisa dar uma boa sacudida.

Nós rimos e giramos, como duas crianças brincando de faz de conta. Quando a música terminou, Dallas fez uma reverência para mim e eu fiz o mesmo. Levantei a cabeça, o sorriso desaparecendo do meu rosto em um instante.

Porque atrás do ombro de Dallas não estava outro senão meu chefe.

Meu chefe formidável e incrivelmente irritado, pelo que parecia.

Zach olhou para mim com ira suficiente para abrir caminho direto até mim. Fiquei surpresa por ele ter me reconhecido com meu vestido emprestado e cabelo elegante.

Seus olhos emitiram um aviso. Ele curvou um dedo para me sinalizar para ir até ele. Virei meu cabelo, dei-lhe as costas e fui para o bar.

*Não.*

Recusava-me a ser tratada como um cachorro malcomportado, especialmente no meu aniversário.

No meio da minha jornada, uma mão agarrou meu cotovelo por trás.

Eu me virei, afastando-o. — Não se atreva...

*Oh.*

Eu esperava Zach, mas em vez disso consegui Oliver von Bismarck.

De perto, ele parecia ainda mais encantador. Olhos mais claros e azuis que o oceano no Caribe, cabelo loiro escuro penteado para o lado como um comercial de Tom Ford.

Tão bonito.

Tão depravado.

Tive pena das mulheres que foram vítimas de sua armadilha.

Ele curvou os lábios rosados. — *Você.*

Arqueei uma sobrancelha. — Eu?

— Você é o antídoto.

*O antídoto?*

Ouvi dizer que ele era jogador, não alcoólatra. Talvez ele fosse um homem de muitas qualidades.

— Não tenho certeza do que você quer dizer.

— Claro que você não. — Oliver me estudou. — Nós precisamos

conversar.

— Discordo totalmente.

— Vamos conversar um pouco. Dance comigo.

— O que tem para mim?

— Uma lembrança para guardar. — Seu sorriso era agonizante. Ele gotejava pecado e decadência. — Algo para escrever.

Encostei-me no bar, acenando com a mão para chamar a atenção do barman. — Belo ego. Eles fazem você pagar mais por bagagem com excesso de peso quando viaja?

— Isso é coisa de classe média? — Suas sobrancelhas se juntaram. — Eu só voei em privado.

*Jesus.*

O barman me ignorou, passando zunindo com três bebidas nas mãos.

Oliver se aproximou para ser ouvido. — De qualquer forma, diga seu preço.

Essa foi fácil. — Uma passagem de ida e volta para Seul. Primeira classe.

Ele riu. — Fechado.

Então, ele agarrou minha mão sem perguntar, arrastando-me de volta para a pista de dança antes que eu pudesse dizer *margarita*. Eu praticamente podia sentir o sorriso de Dallas aquecendo minha nuca enquanto a multidão se abria para ele.

Ele nos colocou no meio da pista e me girou para encará-lo. Seus dedos pressionaram a parte superior das minhas costas, quentes e fortes.

Em outro mundo, em outra época, eu iria gostar deles.

Na realidade, porém, tudo o que me importava era a sobrevivência.

A orquestra começou a tocar. Nós nos posicionamos – ele com uma postura impecável e eu com uma rigidez inexperiente – e dançamos.

— Sr. Sun... — Oliver me girou — ... está quebrado. Tenho certeza que você já percebeu isso.

Ele me segurou mais perto. Ocorreu-me que este parecia um momento íntimo e clandestino intencionalmente.

Eu não sabia como, mas sabia que Zach nos observava como um falcão – e que Oliver pretendia fazer isso.

Eu não respondi.

— Todos os fragmentos com arestas vivas. — Oliver me girou novamente. — Ele não deixa ninguém chegar muito perto, para que não sangrem.

Mesmo assim, não disse nada, deixando-o me girar como uma boneca de pano. Com o redemoinho, notei um mar de mulheres olhando com inveja enquanto eu me agarrava aos ombros de Oliver von Bismarck.

Eu as ignorei, tentando e não conseguindo encontrar Zach.

— Agora, eu não sei quem você é... — Oliver guiou cada um dos meus passos, movendo-se devagar o suficiente para que eu me concentrasse em suas palavras — ... e a maneira como você se intrometeu na vida dele é questionável, para dizer o mínimo. — Esse tom nítido e profissional me surpreendeu. Nada parecido com o festeiro estúpido que sua reputação afirmava que ele era. — Mas se você machucar meu melhor amigo, que parece totalmente obcecado por você, eu pessoalmente vou arrastá-la para as profundezas do inferno e jogá-la no fogo. Ele já passou por bastante. Você me escutou?

Joguei minha cabeça para trás e ri. Devia parecer que estávamos nos divertindo muito.

— Vou esmagá-lo até virar pó se assim o desejar, Von Bismarck. Não gosto muito de ser ameaçada.



Não contei a verdade a ele: que não tinha poder sobre Zachary Sun. Ninguém tinha. Eu era simplesmente a única pessoa que ele achava suportável o suficiente para tocar.

Eu era um brinquedo novinho em folha.

Algo para passar o tempo.

— Você tem uma boca inteligente. — Ele me deu uma olhada apreciativa. — Posso ver por que ele gosta de você.

— Espere até me ver com uma espada.

Seus olhos brilharam, um brilho de curiosidade espreitando dentro deles. Estranhamente, sua beleza não fazia nada comigo.

Ele me lembrava uma estátua.

Perfeitamente polido, mas completamente morto por dentro.

*Uma vez você descreveu Zach dessa maneira. O que mudou?*

Engoli a pergunta, focando em Oliver. — Como você sabe que ele gosta de mim?

— Para começar, não parece mais que a vida esteja empurrando limões para seu reto, dois de cada vez, vinte e quatro horas por dia. — Tropecei em seus pés. Ele me pegou pela cintura, uma risada saindo de sua garganta. — Deus, você é adorável. Todas as arestas, assim como ele.

— É minha primeira valsa.

— Pelo bem de cada par de pés do estado, espero que seja a última.

— Você sempre acha as pessoas que não são da sua turma tão divertidas?

— De jeito nenhum. Geralmente as considero completamente insignificantes.

Deus ajude a pobre garota que conseguir domar esta fera. Que punhado.

A música chegou ao fim.

Nós nos separamos, cerca de trinta centímetros.

Oliver fez uma reverência, pegou minha mão e levou-a aos lábios. Ele olhou para cima, olhando diretamente nos meus olhos enquanto seus lábios roçavam minha pele.

— Lembre-se, pequena Fae. Não fira os sentimentos de Zachary. Posso ser um ursinho de pelúcia, mas não se engane – também posso me tornar um leão e tanto.

Eu formei um sorriso que devia ter parecido uma careta. — Como eu disse antes, Von Bismarck, não vou me deixar intimidar por uma conta bancária gorda e pelo pau medíocre que ela compensa.

Ele riu durante todo o caminho até o bar. Ótimo. Agora eu não conseguiria beber. O idiota pensaria que eu o segui.

Seu ego precisava de seu próprio código postal.

Em vez disso, virei-me para a cozinha, abrindo caminho entre as pessoas. Todos vibravam de excitação.

Em vez de aumentar a minha, isso me sufocou. Quase cheguei à porta quando ouvi meu apelido.

— Octi.

*Eca.*

Não consegui fazer uma única pausa esta noite.

Parei, mas não me virei para Zach.

— Idiota — eu cumprimentei de volta.

Seus passos mal fizeram barulho quando ele se colocou bem na minha frente, bloqueando meu caminho para a cozinha. — Aproveitando minha festa?

Levei um tempo examinando-o em seu smoking elegante, fixando-me em seus olhos injetados de sangue. As palavras de Oliver dispararam na minha mente.

Pela primeira vez, percebi que – por trás do terno de grife e do corte de cabelo de mil dólares – Zachary Sun era um homem em ruínas.

*Se ao menos eu não estivesse tão focada em minha própria miséria.*

— Na verdade. — Levantei um ombro. — Já faz uma hora que estou tentando pegar uma bebida e sempre tem alguém atrapalhando. — Levantei uma sobrancelha. — Atualmente, esse alguém é você. Por favor, saia.

— Esta é a minha casa.

— Estou ciente. Se fosse minha, eu não deixaria *a mamãe* cuidar da decoração.

Merda. Eu realmente estava de mau humor esta noite.

Ele deu um passo em minha direção, seus dedos se contraindo enquanto ele se impedia de me tocar. — O que Oliver disse para você?

*Ele ameaçou minha vida se eu machucar você, seu idiota. Grandes amigos você tem aí. O que você fez para merecê-los?*

— Não é da sua conta, Zach. — Arqueei uma sobrancelha. — Posso lembrar que não somos exclusivos?

— Posso *lembrá-la* que eu mantenho os cordões da bolsa?

— Não se preocupe... lembro-me disso toda vez que vejo seu rosto irritante. Não é a boa vontade que me mantém aqui.

— Cuidado com o que fala, Srta. Ballantine. Posso querer isso enrolada no meu pau, mas também não hesitarei em demitir você.

Meu rosto deve ter traído meus pensamentos. Que ele estava perigosamente perto de levar uma surra.

Ele deu um passo para trás e soltou um rosnado, enfiando a mão no cabelo. — Ele não tinha o direito de tocar em você.

— Você vai parar com essa besteira possessiva? — Cruzei os braços sobre o peito. — Você não tem direito.

— Mas eu tenho vontade. — Seus dentes bateram juntos. — A

vontade de acabar com qualquer um que olhar ou tocar em você.

Ele cerrou o punho, pressionando-o contra a coxa, e eu sabia que ele queria contato. Um abraço. Um momento pele a pele para acalmar sua raiva.

Seu rosto suavizou e, caramba, meu coração também.

Ele desviou o olhar por um momento. — Eu fui um idiota hoje, não fui?

— Você foi — eu concordei. — Por quê?

Ele abriu a boca. Do centro da sala, o *som inconfundível* de uma faca contra um vidro fino interrompeu o momento.

Viramos nossas cabeças em sua direção.

A música parou.

Constance estava em um pódio fortemente microfonado, envolta em um vestido azul marinho com capa, cabelo preso para trás e adornado com joias delicadas.

— Senhoras e senhores, obrigada por se juntarem a nós hoje. Posso gentilmente ter sua atenção?

Sua voz – aço puro, fria e cortante – roçou minha pele, dando-me arrepios. Ela entregou a taça de champanhe a um garçom e examinou a sala até que seus olhos pousaram em Zach.

*Próximo a mim.*

Sua expressão ficou nublada, um relâmpago surgindo, mas ela rapidamente o sufocou com um sorriso. — Gostaria de começar agradecendo por reservar um tempo para participar de uma reunião de última hora. Seu apoio significa o mundo. A família Sun e a Fundação Sun for Warmth são eternamente gratas a esta comunidade e aos seus esforços mútuos na preservação da vida selvagem local.

Oh, ela preservava a vida selvagem? Isso parecia tão apropriado, considerando que ela era uma cadela raivosa.

*A dor, lembrei a mim mesma, mudava as pessoas.*

Mas com seus olhos perfurando minha têmpora, esforcei-me para evocar a descrição de Dallas da velha Constance Sun. Almoços embalados? Carona? Tutoria?

Certamente, não a mulher que me esfaqueava com os olhos.

Um sorriso tenso apareceu no canto de sua boca. — Estamos reunidos aqui hoje para compartilhar notícias emocionantes. Algo que tenho certeza que muitos de vocês já se perguntaram.

Meu coração afundou até os dedos dos pés. Eu tinha uma ideia do que poderia ser. Mesmo que não tivesse sido nenhuma surpresa, todo o meu corpo se revoltou.

— Como você bem sabe, meu filho Zachary está no mercado há algum tempo, em busca da noiva perfeita. — Ela riu tão graciosamente que até eu quis me juntar a ela. — Acredito que minha busca por uma nora é o segredo mais mal guardado da América.

Uma onda de risadas percorreu a sala.

Uma onda de náusea atingiu meu estômago.

*Não, não, não.*

Ao meu lado, Zach ficou tenso, sua expressão se transformando em granito. Seu mindinho tocou o meu.

O. Mindinho. Dele. Tocando. O. Meu.

E isso foi o suficiente para incendiar o mundo inteiro.

— Tenho, portanto, o prazer de informar que a busca terminou. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para anunciar o noivado oficial do meu filho Zachary com a adorável Eileen Yang. Venham, venham, crianças.

A princípio, Zach não se mexeu.

Nós dois olhamos enquanto Eileen deslizava pela sala em um vestido de lantejoulas prateado e verde-oliva brilhante. A cauda batendo no chão de mármore.

Ela usava luvas de cetim até os cotovelos, sua aura sobrenatural e

elegante.

Uma dor penetrante perfurou meu coração. Parecia que tudo que eu prometi a mim mesma não aconteceria. Como se meu coração estivesse ensanguentado na pista, uma espada atravessada nele.

De repente, eu não conseguia respirar.

A voz de Eileen ecoou pelos seis microfones presos ao pódio. — Ah, mãe. — Ela beijou o rosto de Constance. Elas se abraçaram pelos cotovelos, com penteados idênticos. — É uma honra me juntar à sua família. Prometo que farei Zach muito feliz.

Outra mulher – a tia de Zach, eu reconheci – desfilou pela pista de dança, apoiando a mão no ombro de Constance. Ao contrário da irmã, Celeste não parecia exultante.

Seus olhos examinaram a sala. — Falando em Zach, onde está o homem do momento?

— A segundos da migração para a Dinamarca — Oliver tossiu com o punho fechado, arrancando um olhar de advertência de Constance.

Eu senti como se estivesse tendo uma experiência extracorpórea quando Zach me abandonou, entrando mais fundo no salão de baile, tomando seu lugar ao lado das mulheres mais importantes de sua vida.

Os quatro ficaram ombro a ombro sem se tocar.

Constance serviu de amortecedor entre o casal. Mesmo com a dor agonizante que corria pelas minhas veias, senti um pouco de conforto no fato de que Zach não teria que tocar em Eileen.

Eu sabia que ele não queria.

*De onde vinha todo esse ciúme?*

— Senhoras e senhores. — Constance colocou as mãos nos ombros de Zach e Eileen.

Zach se encolheu visivelmente, suas narinas dilatadas enquanto ele reprimia um grito.

Eu queria gritar também.

O rosto de Constance explodiu em um sorriso, felicidade genuína irradiando dela. — Estou feliz em apresentar a vocês os futuros Sr. e Sra. Sun.

Palmas irromperam pela sala, ecoando entre meus ouvidos. Os flashes da câmera brilharam na frente dos meus olhos. Eu me virei e comecei a me afastar rapidamente.

— Eileen... — A voz de Constance explodiu em cada alto-falante espalhado pelas paredes, alta o suficiente para ser ouvida em meio aos aplausos. — Mostre a todos o seu anel de noivado. Faça um pequeno tour.

Minhas pernas me levaram no piloto automático, minha mente girando em torno do que deveria ser óbvio para mim. Zach sempre me avisou que se casaria com Eileen.

Quando cheguei à escada, desabei no terceiro degrau como um cisne quebrado, com meu vestido de baile me envolvendo.

Chorei em meus braços, percebendo que, pela primeira vez desde que meu pai morreu, eu estava realmente chorando. Não me reconheci nessa fragilidade.

Sempre me orgulhei da minha força.

— Estúpida... — Eu funguei, meu rosto inteiro era um mar de ranho e lágrimas. — Você é tão estúpida. — Arranquei os estúpidos saltos dos meus pés estúpidos. — Pensando que você poderia de alguma forma se encaixar com essas pessoas.

Tanto para rejeitar o brilho e o glamour da elite de Maryland durante toda a minha vida.

Em uma noite imprudente, eles me lembraram o que tentei ignorar: que eu poderia ser uma peça secundária, mas garotas como Eileen Yang seriam para sempre o fim do jogo.

— Farrow. — A voz de Dallas surgiu atrás de mim. Estiquei o pescoço, observando-a avançar em minha direção. — Espere, por

favor.

Levantei-me, subindo dois degraus de cada vez.

Eu não queria esperar. Eu não queria que ela me visse tão completamente humilhada e definitivamente não queria ouvir suas mentirinhas inocentes, destinadas a me fazer sentir melhor.

Quando cheguei ao meu quarto, tranquei a porta atrás de mim, pressionando as costas contra a madeira. Fechei os olhos, respirando fundo.

*Você está bem. Você não pode lamentar o que nunca perdeu. Ele nunca foi seu, Farrow.*

Mas ele começou a parecer como meu.

Foi como se o passado, o presente e o futuro conspirassem para me trazer exatamente o que eu precisava e depois mudassem de ideia.

Forcei meus olhos abertos, implorando para que a dor e a humilhação desaparecessem a cada piscada.

E fizeram isso, substituídas pelo choque quando percebi pela primeira vez onde estava – o quarto de hóspedes que normalmente ocupava.

*Meu quarto.*

Levei as pontas dos dedos aos lábios. — Ah, Zach.

Presentes espanavam cada centímetro do quarto. Todo canto. Cada móvel. Cada fio do tapete. Um mar de caixas e sacolas chiques. Tudo embrulhado e amarrado com papel alumínio dourado.

*Ele lembrou.*

Ele se lembrou do meu aniversário.

A menos que... tivesse sido Ari?

Mas não poderia ser.

Ari não sabia o endereço de Zach. E ninguém mais neste mundo se importava o suficiente.



Enxugando os olhos e o nariz, caminhei até uma montanha de caixas e peguei uma, rasgando a embalagem. Uma caixa Chanel se materializou sob o papel brilhante.

Abri e descobri um par de tênis. Pele de bezerro branca com o logotipo da assinatura bordado em preto. Minhas sobrancelhas se juntaram.

Peguei outra caixa e abri.

Tênis Tory Burch. Em tons de camelo.

Outra caixa – Prada desta vez.

Golden Goose prateado.

Tênis de corrida rosa Balenciaga.

Cano baixo da Burberry.

Cano alto Dior.

Calçado de esgrima Louboutin personalizado.

Ele encheu meu quarto com todos os sapatos de grife possíveis – todos confortáveis, todos os sapatos que eu realmente usaria.

Era doce, atencioso e totalmente *enfurecedor*. Porque agora, mais do que nunca, eu não queria me sentir um caso de caridade.

Cada caixa zombava de mim, lembrando-me da distância entre nós. De quão pobre eu era em comparação a ele. Do sapato esfarrapado que deixei para trás no dia do baile.

*Podia ser a Cinderela, mas Zachary Sun não era meu Príncipe Encantado.*

Sem mais delongas, comecei a recolher as caixas de sapatos e a jogá-las pela janela.

Zachary Sun poderia comprar sua entrada na maioria dos lugares.

Mas não no meu coração.

# CAPÍTULO QUARENTA E UM

## *Zach*

Limpei minha estante com o braço, fazendo esculturas, edições especiais e pinturas caírem no chão do meu escritório com um estrondo penetrante. — O que ela estava pensando?

— Ela estava pensando que você está noivo de outra pessoa e não quer a porra dos seus presentes de piedade. — Oliver estava esparramado sobre uma mesa de massagem no meio do meu escritório, sem estar familiarizado com o conceito de limites. — Isso se chama coluna vertebral, Zach. Algumas pessoas têm isso.

— Por que uma tem que estar *naquela* mulher?

Virei-me para as telas da minha mesa, arranquei uma dos cabos e me preparei para jogá-la pela janela antes de lembrar que meus funcionários estavam pegando vinte e três caixas de tênis de grife.

Um para cada ano de sua existência enfurecedora.

— Porque se ela fosse como todo mundo, você não teria gostado dela — Oliver murmurou no buraco da mesa de massagem enquanto um enorme sueco enfiava os polegares nas omoplatas.

Bati a tela de volta, quebrando-a em três. Um belo novo amassado enfeitava a mesa importada.

Meus pés bateram no tapete enquanto eu marchava até a janela, olhando para a bagunça que ela tinha feito no gramado abaixo.

A pior parte foi que eu tive certeza de que depois que Farrow percebesse que eu tinha me lembrado do aniversário dela, reservado um tempo para presenteá-la com coisas que ela realmente usaria, presentes que também eram uma piscadela para a época em que nos conhecemos – ela me procuraria.

Entraria no meu quarto durante a noite.

Praticaria nosso toque.

Meus dedos arranharam o parapeito da janela enquanto eu procurava vê-la lá fora, sabendo que não a encontraria. Verifiquei as imagens de todas as câmeras de segurança da propriedade e nada.

*Nada.*

Onde diabos ela estava?

*Ainda na minha folha de pagamento, é onde está.*

— Vapor está saindo dos seus ouvidos, amigo. — Ollie riu nas minhas costas. — O que você esperava?

— Um funcionário profissional?

— Ela estava lá para sua *festa surpresa de noivado*. Ao lado da sua noiva. Depois que você transou com ela naquela sauna há menos de uma semana.

— Eu não transei com ela.

*Ainda não.*

Mas eu queria. Mais do que qualquer outra coisa nesta maldita Terra, inclusive a *Mona Lisa*.

— Bem, ainda assim. Não espere o prêmio de Chefe do Ano. Você agiu de forma igualmente pouco profissional.

Virei-me da janela para fazer uma careta para ele. — Ela sabe que não é real.

— Pareceu real para mim.

— Vou me casar com Eileen por necessidade. Todo mundo, menos minha mãe, sabe disso.

Eu iria transformar meus molares em pó se não tomasse cuidado.

— Foi mal cara. *Mamãe me obrigou a fazer isso* não é o argumento convincente que você pensa que é.

— Você não está em posição de me dar um sermão, Oliver. Seu relacionamento mais duradouro é com suas contas anais.

— Para que você saiba: eu as substituo a cada duas semanas para garantir altos níveis de higiene para meus parceiros sexuais. — Oliver parecia escandalizado. — Não que eu tenha tido muita ação recentemente. Para ser sincero, ontem me peguei correndo com meus chinelos pelo corredor só para lembrar como é sexo.

— Você teve alguém há dois dias. Você *literalmente* nos enviou fotos.

Para meu desgosto.

— O tempo é subjetivo. — Oliver encolheu os ombros sob os dedos diligentes do Hulk. — A questão é que você conquistou seu lugar na casinha do cachorro. Aproveite os petiscos caninos.

Eu lancei um olhar para ele. — Você é um insulto à espécie.

Ele ergueu o rosto presunçoso do buraco no rosto e sorriu para mim. — Agora use essa mesma energia para rastejar, Zachary.

— Eu não rastejo.

— Você está olhando para aquele quadro Go como se fosse a foto de um ente querido perdido.

Isso porque a bruxinha nem se preocupou em fazer nenhum movimento esta manhã, e era a vez dela.

Ela nunca perdeu um movimento.

— Eu. Não. Rastejo.

Como era rastejar? O que ele esperava que eu fizesse?

— É melhor limpar essa bagunça.

*Como?*

— Pela última vez, eu não...

Oliver me dispensou, enfiando a cabeça no buraco. — Natalie, ei, uh-hoo. Por favor, seja útil e me traga outro coquetel.

# CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

## *Zach*

Não consegui encontrar Farrow.

Ela estava desaparecida desde a festa de noivado da noite anterior, sem se preocupar em aparecer para trabalhar pela manhã.

Quando Oliver foi embora, eu tinha me convencido de que ela estava com medo e voltou para Seul sem avisar com duas semanas de antecedência. Afinal, a irresponsabilidade parecia certa para ela.

Fiquei de mau humor, lati para Natalie para encontrá-la, revi as câmeras de vigilância novamente e finalmente resolvi aparecer na porta de Vera.

Durante todo o trajeto até lá, eu disse a mim mesmo que não se tratava de sentir falta dela. Tratava-se inteiramente de responsabilidade. Um funcionário meu tirou licença sem me avisar.

Eu me recusava a deixá-la escapar impune.

Quando estacionei na entrada da garagem dos Ballantine, estacionando em fila dupla na frente de um Mercedes, ficou claro que Farrow *não havia* se mudado para Seul.

Dois roadsters reluzentes ladeavam seu velho e sujo Prius, mal deixando espaço para ela entrar.

A porta de entrada se abriu antes que eu desligasse o motor. Uma das irmãs – eu não conseguia lembrar qual era qual – correu até minha porta, ofegante ao me ver.

Abri-a, usando o metal pesado para forçá-la a se afastar.

— Sr. Sun. — Ela piscou os cílios, empurrando os seios para fora enquanto se arqueava sobre meu capô. Outra coisa para desinfetar quando voltasse para casa. — Como posso ajudá-lo?

*Você pode desaparecer no éter.*

Chutei a porta atrás de mim. — Estou procurando sua irmã.

— Reggie? — Sua expressão se transformou em uma careta. — Ela está em Nova York, fazendo compras para a temporada. Eu nem sei por quê. Ela é baixa demais para qualquer coisa que valha a pena usar.

— Não Reggie. Aquela que não é um completo desperdício de espaço.

Eu tinha esquecido que sua família a rejeitava completamente.

— Farrow?

— Essa.

— Você acredita que a merdinha desapareceu daqui? A casa está uma bagunça total. — Thabita fez beicinho. — Você sabe... nós também somos dignas.

— Permita-me discordar.

— Não seja tão duro. — Ela riu. A risada da hiena desceu pelos meus ouvidos como pregos em um quadro negro, lembrando-me que eu só gostava da de Octi. — Você sabe do que precisa, Zach?

— Um interlocutor que não tem o QI de uma estrela do mar morta.

— Alguém para completar você. Uma garota que é simples e fácil. — Ela jogou o cabelo sobre um ombro. — Como eu.

Se ao menos mentes vazias viessem com botões de mudo.

— Um conselho grátis? — Tranquei meu carro, não confiando em nenhuma das mulheres Ballantine para não roubá-lo. — Descrever-se como uma fruta ao alcance da mão? Não é tão atraente quanto você pensa.

— Você não é tão durão quanto *pensa*, você sabe. — Ela me seguiu até a porta da frente escancarada. — Você é um livro aberto.

— E você é analfabeta. — Passei por ela, convidando-me a entrar. Aparentemente, eu poderia acrescentar a invasão à minha lista de

influências negativas que Farrow exerceu sobre mim. — Onde ela está?

Fui de sala em sala, notando as camadas de sujeira. Cada centímetro cheirava a comida estragada.

A rachadura na parede da sala de jantar – apenas uma pequena fissura quando a visitei pela última vez – havia se transformado em metástase, cortando de ponta a ponta. Pratos sujos brotavam de pilhas de roupas, salpicando o carpete manchado.

Essas pessoas faziam alguma coisa quando Fae não estava aqui para servi-las?

Tabitha me seguiu, deslizando a minissaia pelas coxas. — É verdade que você está noivo agora?

*Infelizmente.*

Comecei a subir as escadas para o segundo andar.

— Espero que você não pense que tem chance com Fae. — Ela ofegou, tentando me acompanhar, batendo com força no corrimão enquanto eu entrava no corredor. — Porque você não quer. Ninguém quer. Ela... ela é incapaz de emoções. Ela sempre foi assim. Antipática. Sem amor-

Eu me virei, chegando tão perto dela que pude ver as manchas rosadas em seu rosto. — Não termine essa frase se você valoriza sua vida sem sentido. A unha mindinha de Farrow Ballantine vale mais do que todo o seu ser. Agora torne-se útil.

Ela piscou, chocada com minha reação. — C-como?

Boa pergunta.

Sua respiração se espalhou pela minha bochecha.

Eu queria arrancar a carne.

— Dê o fora daqui. Dê um passeio. — Recuei, colocando entre nós tanto espaço quanto o corredor estreito permitia. — Preciso falar com sua irmã... — Não, ela não era sua irmã. — Com Fae.

Além do indicador óbvio de sua presença, seu carro, eu sabia que Octi se escondia em algum lugar dentro destas paredes pelo simples fato de que ela não tinha outro lugar para ir.

Tabitha fungou, com o lábio inferior aparecendo. — Você realmente não gosta dela, não é?

*Não, eu não gosto dela.*

*Eu gosto demais dela.*

*Estou tragicamente obcecado por ela.*

— Saia.

Dei-lhe as costas, passando a abrir portas. Quando cheguei à última porta do corredor, encontrei-a trancada.

*Bingo.*

Soltei a porta. — *Farrow.*

Eu poderia quebrá-la das dobradiças se quisesse. Normalmente, eu faria. Estranhamente, com Octi, eu queria que ela me deixasse entrar. Que me convidasse para seu domínio.

— Idiota — ela cumprimentou por trás da madeira.

Ela parecia bem. Calma e casual. *Corajosa.*

Encostei minha testa na porta, fechando os olhos. Sua voz por si só acalmava a porra da minha alma. E isso era um problema.

Um grande.

— Abra a porta.

— Não vou nem abrir uma lata de atum para você cortar o pulso. Tente novamente.

— Deixe-me reformular a frase: abra a porta ou vou derrubá-la.

Tanta coisa para querer voltar às boas graças dela. Meu corpo zumbia – uma parte de raiva e duas partes de desespero. Ela precisava abrir.

*Agora.*



— Você pode fazer isso. — O som de uma gaveta abrindo encheu o espaço. — Sou tão boa com uma faca quanto com uma espada. — Nesse momento, algo *aconteceu*. Como uma lâmina atingindo a madeira. — Foda-se e descubra, Sun.

Apesar de tudo, um sorriso ergueu meus lábios.

Ela era um exército de uma mulher só, e eu admirava isso.

Encostei um ombro na porta. — Você jogou fora sapatos no valor de cinquenta mil dólares, mocinha.

Ela bocejou. — Você mandou alguém colocá-los de volta no meu closet.

— Como você sabe?

Eu era tão previsível?

O silêncio atendeu minha pergunta.

Outro momento se passou antes que ela respondesse, com óbvia relutância: — Você sempre cuida de mim.

— Mesmo assim, você fugiu.

— Idiota, eu dirigi. Abaixo do limite de velocidade também. Não se dê tanto crédito.

— Abra.

— Desista.

Eu lutei contra um sorriso.

— Uma curiosidade sobre o polvo? — eu negocieei.

Silêncio.

Eu tomei isso como minha deixa.

*Finalmente.*

— O polvo libera tinta quando está em perigo. O muco e a melanina obscurecem o olfato do predador, dificultando a localização do polvo. — Eu me virei, apoiando minha testa contra a porta novamente. — Mas a tinta é tão potente que, se o polvo não escapar

da própria tinta, pode morrer.

*O que você está fazendo e quando se tornou Animal Porra Planet?*

Oliver e Romeo teriam um dia cheio se me ouvissem agora.

Mesmo assim, passei a ponta do nariz pela madeira lascada enquanto meus lábios se moviam. — Às vezes, você tem que arriscar. Você tem muito a perder ao acabar com isso, Octi.

Isso era implorar? Rastejar?

Eu não sabia. Também não me importava.

Na verdade, eu só me importava com uma coisa: levar essa mulher de volta para dentro da minha casa.

Esperei um minuto para ela falar.

Um minuto se estendeu em dois.

Depois três.

Mais um minuto e jurei que sairia daqui com uma marca rosa-púrpura no meio da testa.

Finalmente, Farrow me tirou da minha miséria. — Você poderia ter me contado sobre a festa de noivado.

Meus pulmões se esvaziaram, *expirando* contra a madeira.

Apertei meus lábios. Nunca me expliquei para ninguém além de mamãe, e fazer isso agora me pareceu humilhante.

Farrow estava, claro, certa.

Eu poderia ter.

Eu *deveria* ter.

— Eu evitei isso — admiti.

Mais silêncio.

Então uma resposta.

— Repete? — Eu pude ouvir uma sugestão de sorriso em suas palavras.

*Merda.*

— Eu disse que evitei isso — repeti, mais alto agora. — Peguei o caminho mais fácil, porque não estou acostumado a lidar com bagunça. E o que somos é... *bagunçado*. — Para dizer o mínimo. Suspirei, exalando com força. — E porque tenho o paladar emocional de um canudo vegetariano.

Sua risada passou pela porta e uma pedra de dez toneladas rolou do meu coração. — Eu ainda não gosto de você.

— Você pode não gostar de mim e ainda amar o jeito que meu pau preenche sua boceta, Farrow. Você pode até me odiar e gostar de receber presentes e ajuda jurídica. — Fechei o punho em volta da maçaneta, sabendo que ela não abriria, mas desejando que fosse assim mesmo. — Essa coisa com Eileen não é real. Ela nunca terá meus beijos. Minha adoração. Minha total e completa atenção. Ela é uma marca de seleção em uma caixa. Ela não é uma ameaça para você, da mesma forma que uma estrela cadente solitária não é uma ameaça para o sol.

— Zach... — Saiu mais alto, porém baixo – a voz dela logo atrás da porta agora. — Você pensa em mim como o sol?

*Não. Você é a porra do universo inteiro.*

*E eu odeio isso sobre você.*

— Nós temos um acordo. — Limpei a garganta, tentando parecer pragmático. — E cumprirei minha parte no trato. Estou aqui.

— Até quando?

— Até o fim.

Prendi a respiração, esperando a porta ser destrancada, mas isso não aconteceu.

— Por que você foi horrível comigo no meu aniversário? — Sua voz rolou pela minha pele como veludo. Eu praticamente podia sentir o calor dela saindo do outro lado da porta.

— Porque — admiti com os dentes cerrados — nós dois

precisamos ser lembrados de que esta é apenas uma transação comercial. Gosto de você, Farrow. De mais maneiras do que posso contar. Se não fizermos essa separação... essa coisa pode nos separar. — Meus dedos se fecharam em punhos e mordeu os nós dos dedos, tirando sangue. — Agora, por favor, abra a porta. Tenho algumas informações importantes sobre o seu caso jurídico que gostaria de compartilhar com você.

Finalmente – *finalmente* – a porta se abriu.

Dei um passo para trás, minha respiração presa na porra da garganta quando a vi pela primeira vez em quase vinte e quatro horas.

Sem maquiagem. Cabelo uma bagunça. De calça de moletom azul e camiseta de esgrima dos EUA.

Simples. Modesta. *Perfeita*.

— Farrow — eu engasguei com o nome dela.

*Controle suas coisas, Zach.*

Balancei a cabeça, livrando-me do feitiço sob o qual ela me colocou, e treinei meu rosto para seu habitual desinteresse insensível. — Eu tenho algumas notícias.

Passei por ela, entrando em seu quarto. Uma onda de prazer aqueceu meu ombro onde nos conectamos.

Eu esperava que o pequeno quarto explodisse com uma personalidade tão grande quanto a de sua dona.

Em vez disso, parecia impessoal. Os móveis essenciais. Sem pertences íntimos. Sem imagens. Nada fora do lugar. Nada *em geral*.

Poderia ser um quarto de hóspedes. Ou a câmara de tortura de um assassino em série.

Levantei uma pilha de pastas que trouxe comigo, depositando-as na mesa de cabeceira.

Seus olhos seguiram meus movimentos. — O que é isso?

— Bryan e Deanne verificaram os registros na agência. — Abri

uma pasta e peguei um documento cheio de destaques, entregando-o a ela. — Há uma discrepância de tempo com o testamento.

Sua boca se abriu, seu lábio inferior carnudo implorando para ser colocado em minha boca e sugado até o esquecimento.

*Porra.*

Eu nunca tinha beijado uma mulher em toda a minha vida, mas queria agora. Queria sentir seu calor e sua língua se misturando com os meus. Para nos fundirmos em uma entidade.

Farrow colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, os olhos percorrendo o texto. — O que isso significa?

— Isso significa que o testamento executado não corresponde ao apresentado oficialmente três anos antes. — Estudei seu rosto, procurando uma reação. — O testamento de Vera não tem valor legal.

À medida que lia, seus olhos ficavam mais brilhantes, brilhando com lágrimas que ela se recusava a derramar.

Algo selvagem ergueu a cabeça dentro do meu peito. Eu queria abraçá-la. Para colocá-la ao meu lado. Para protegê-la de um mundo que sempre falhou com ela.

— Zach. — Ela levantou a cabeça, sorrindo. — Isso é incrível. É a prova de que Vera falsificou o testamento. Podemos contestá-lo.

— Ainda não. — Arranquei a folha de seus dedos, colocando-a de volta no arquivo. — Dan, Bryan e Deanne querem mais tempo.

— O quê? — O sorriso dela caiu. — Por quê?

— Quanto mais forte for o nosso caso, mais fácil será vencê-lo. Queremos cronogramas, evidências concretas, detalhes de como ela fez isso, quando fez e quem a ajudou. Há uma testemunha no testamento original com quem precisamos falar. Não podemos fazer isso pela metade, Octi. Precisa ser à prova de balas. Você tem que ser paciente.

— Ugh. — Ela se jogou em mim, passando os braços em volta do meu pescoço, seus lábios beijando minha pele enquanto falava. — Mas

não quero ser paciente.

Por um segundo, congelei no lugar, lutando contra meu instinto de me afastar.

*Que porra, que porra, que porra.*

Fechei os olhos com força, contando até dez.

10, 9, 8...

Abri um olho, percebendo que não estava com vontade de derramar ácido na cabeça.

7, 6...

Meus ombros rolaram para trás, relaxando um pouco, facilitando seu toque.

5, 4...

Respirei pelo nariz, familiarizado com cada aroma delicioso vindo de Farrow.

3...

Parei de contar, permitindo-me aproveitar.

Nossa pele parecia veludo uma contra a outra. A dela deslizando ao longo da minha como seda, apertando-me contra ela.

Era... agradável.

E marcou a primeira vez que a vi se soltar.

Ela abandonou o ato de guerreira, irradiando totalmente sem a armadura pesada no caminho.

Um fio de orgulho costurou-se em meu peito. Ela *me* escolheu para baixar a guarda. O vilão frio e cruel da história da *Cinderela*.

A pior parte: eu duvidava que ela percebesse o que tinha feito.

Passei meus dedos pelos cabelos dela, sem saber o que fazer com eles. Eu acariciava suas ondas? Passava os dedos pelos fios? Dava um tapinha na cabeça dela como se ela tivesse acabado de voltar do jardim de infância com uma estrela dourada em sua apostila?

Meus dedos tremiam. Quase recuei com o quão sobrecarregado as opções me deixaram.

*Está acontecendo.*

*Está acontecendo e não quero que acabe.*

Pressionei meu rosto contra o dela, saboreando o fato de poder fazer isso. — O tempo voará.

— Como você sabe? — Sua respiração fez cócegas em minha orelha.

Eu não me encolhi. Não estremeci. Não recuei.

— Porque sempre acontece quando você se diverte.

— Você é muitas coisas, Zachary Sun, mas diversão não é uma delas.

— Sua boceta está em total desacordo.

— Minha boceta não manda.

— Talvez devesse. Criatura adorável. Sou seu fã número um.

Seus dedos deslizaram pelo meu pescoço, envolvendo minhas bochechas. Ela se afastou do nosso abraço, erguendo o queixo para mim, os olhos dilatando enquanto ela absorvia nossa posição.

A proximidade.

O toque.

Nossos olhos se encontraram. O dela brilhava como o cintilante Mediterrâneo, tão incrivelmente azul que eu não conseguia desviar o olhar. Seus lábios se separaram.

Abaixei meu olhar, traçando-os com meus olhos.

— Só uma vez... — Ela deixou o polegar deslizar até meus lábios, pairando sobre eles. — Só uma vez, posso beijar você? Quero dizer, *realmente* beijar você.

— Farrow. — Seu nome saiu da minha garganta, gutural e cru.

— Você acha que está pronto para um beijo, Zach?

*Não. Sim.*

Fingi confiança, cravando meus dedos em suas laterais. — Querida, estou pronto desde que você se sentou naquela mesa do Go com uma camisola fina e tentou fingir que pertencia.

— Eu nunca tentei fingir, seu idiota. Eu sabia que iria me destacar – e estava orgulhosa disso.

Ela sorriu e, nesse momento, nunca tinha visto nada tão milagroso e impressionante, e *foda-se*. Apaguei o resto do espaço entre nós, queimando meus lábios nos dela.

Por um momento, apenas respiramos um ao outro. O ar crepitava entre nós como fogos de artifício. Seus lábios eram macios e quentes, flexíveis em contraste com o resto dela.

Cada célula do meu corpo formigou.

Parecia que estávamos nos fundindo e eu ansiava por mais.

Lentamente – muito lentamente – eu abri sua boca e deslizei minha língua ao longo de seu lábio inferior.

Ela soltou um pequeno gemido e me lembrei do que Tabitha me disse antes de mandá-la para o inferno: Farrow não fazia amor. Era incapaz de sentimentos.

Não haveria nada com que se preocupar para ela.

Seu coração não iria quebrar.

Mas o meu?

A língua de Farrow encontrou a minha e deslizou para dentro da minha boca, afugentando meus pensamentos. A sensação era estranha – até desconfortável.

Ter o órgão de outra pessoa em meu corpo fez a pele da minha nuca arrepiar.

Congelei no lugar, mas Farrow não cedeu. Ela deslizou as unhas ao longo do meu couro cabeludo, causando arrepios de felicidade na minha espinha.



Ela demorou a retirar a língua da minha boca. Foi só depois que ela recuou que percebi que adorava ter uma parte dela dentro de mim.

Assumi o controle, agarrando seus ombros e beijando-a com abandono. Nossas bocas brigaram, beliscando e mordendo e beijando e rosnando.

Engoli cada gemido e gemido que ela produziu, segurando-a pelos cabelos e apoiando-a contra a parede. Nós dois tropeçamos em cobertores descartados e travesseiros espalhados, rindo durante o beijo.

Eu queria devorá-la. Comê-la inteira e lamber meus dedos depois.

— Paraíso — eu decidi, minha língua perseguindo a dela dentro de sua boca, girando e acariciando, alcançando cada canto. — Você tem gosto de paraíso.

Meus dedos se moveram de seu cabelo, mãos envolvendo sua garganta delicada. Inclinei sua cabeça para cima, beijando seu pescoço.

Ela parecia tão frágil em meus braços, balançando os quadris para encontrar meu pau duro. Eu tremia de antecipação, pronto para transar com ela através da parede e para outra dimensão, estava com tanto tesão por ela.

Sua boca encontrou a minha e, novamente, beijamo-nos como se nossas vidas dependessem disso.

— Roupas. — Ela agarrou minha camisa, sem fôlego. — Não precisamos delas.

E eu estava totalmente de acordo. Ela começou a rasgar minha camisa quando a porta do andar de baixo se abriu e bateu contra a parede.

— Estou de volta.

Reggie havia retornado.

*Ótimo.*

Num instante, Octi me empurrou.

Cambaleei para trás, frustrado, com tesão e no limite.

— Não podemos fazer isso. — Fae enxugou os lábios inchados e machucados. — Ninguém pode saber que estou brincando com um homem noivo.

— O noivado é uma besteira — lembrei a ela.

Eileen me informou ontem que gostaria de voltar para Nova York assim que nossa agenda permitisse.

— Não, seu *relacionamento* é uma besteira. O envolvimento, no entanto, é muito real.

Ela estava certa.

Eu olhei para ela, frustrado e irritado. As vozes abafadas lá embaixo não deixavam espaço para dúvidas – Tabitha havia contado Reggie.

Farrow esfregou o rosto, rosnando. — O que você quer, Zach?

*Quero absorver seu calor só mais um pouco, para que, quando eu voltar à minha vida fria e entorpecente, não congele.*

— Quero que honremos as promessas feitas um ao outro. — Beijei o topo de sua cabeça, parando por um momento para deixar o cheiro secreto de seu corpo penetrar em meu sistema. — Conserte-me, Farrow.

Cada segundo que ela chegava mais perto de se libertar de Vera e de suas meias-irmãs era um segundo que nos separava ainda mais. Quando ela não precisasse mais de mim, ela iria embora.

*E daí se ela fizer isso?*

Eu voltaria à minha existência pacífica e tranquila.

Estruturado, implacável e solitário.

*Sem vida.*

# CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

## *Farrow*

**Farrow:**

Temos um avanço em relação ao testamento do papai.

**Farrow:**

Com certeza poderei contestá-lo.

\* \* \*

**Farrow:**

Ari?

\* \* \*

**Farrow:**

Você está aí?

\* \* \*

**Farrow:**

Você está demitida como minha melhor amiga.

\* \* \*

**Farrow:**

Ok, você não está.

**Farrow:**

Mas volte.

Eu preciso de você.

# CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

## *Farrow*

Dois dias depois do meu aniversário, voltei a esfregar vasos sanitários e limpar janelas.

Meus joelhos raspavam nos azulejos do banheiro do quarto de hóspedes de Zach enquanto eu jogava água sanitária no vaso sanitário que ninguém usava há pelo menos uma década. A fumaça fez cócegas em meu nariz, queimando meus olhos.

Zach vagava pela casa como um fantasma desequilibrado, gritando ordens e lançando uma sombra escura e formidável sobre Natalie e o resto de sua equipe.

Ele não fez nenhum trabalho desde a manhã, em vez disso, enfiou a cabeça nas várias salas pelas quais eu fluía e exigiu saber o que eu queria comer no almoço, quais eram meus planos depois do expediente e se seria possível passar algum tempo juntos.

Presumi que *passar um tempo juntos* era um código para esfregar nossos órgãos genitais até que o fogo acendesse.

Vergonhosamente, não achei a perspectiva muito desanimadora. Sim, ele estava noivo, mas eu tinha lido o grosso contrato com Eileen em sua mesa.

Nenhum deles queria dividir o quarto, tocar-se ou mesmo coabitar no mesmo estado. Eu até estive a par de suas conversas.

Pareciam irmãos mais velhos que mal conseguiam tolerar um ao outro devido ao interesse mútuo de dividir uma gorda herança.

Ainda assim, algo comia meus órgãos internos, devorando-me por dentro e por fora, uma mordida de cada vez.

Troquei o spray de água sanitária por cera de abelha e lenços umedecidos, passando para os armários de madeira.

Atrás de mim, a porta se abriu. Usei o cotovelo para limpar a testa suada, sem me preocupar em olhar para o intruso.

— Eu já disse... quero bolinhos de macarrão com queijo e um hambúrguer para o almoço. — Suspirei. — Sim, sei que não tenho cinco anos. Não, eu não ligo...

— Levante sua bunda, Cinderela. Estamos fora daqui.

Virei a cabeça e encontrei Dallas preenchendo a porta, vestida com um enorme casaco falso de leopardo, um chapéu de cowgirl rosa, óculos escuros cravejados de diamantes e maquiagem suficiente para pintar a Capela Sistina.

Ela parecia... *desequilibrada*.

Mas também extremamente adorável.

Eu ainda estava de joelhos, tentando não ter um episódio epilético ao observá-la sozinha. — O que você está fazendo aqui?

— Comemorando seu aniversário, boba. — Dallas tirou os óculos escuros de seus olhos, sorrindo para mim. — Desculpe, demorei mais de um dia para organizar. Eu estava resolvendo os problemas. — Ela destruiu o interior, protegendo o nariz (e o bebê) da fumaça com os dedos comprimidos. — Venha agora. Nosso voo sai em trinta minutos.

— Nosso voo? — Eu pulei de pé, os olhos brilhando de horror. — O que você quer dizer com nosso voo? Eu nem tenho meu passaporte comigo.

Ela me dispensou. — Não se preocupe, é doméstico.

Deixei que ela me arrastasse para fora do banheiro pelo pulso pelo simples fato de me recusar a ser responsável por machucar seu bebê. — Eu nem fiz as malas.

— Eu fiz as malas para você. — Sua voz praticamente irradiava alegria enquanto ela saltava para o corredor. — Espero que você goste de tangas e aquecedores de couro para mamilos.

Sinceramente, não sabia se ela estava brincando ou me preparando para o que estava por vir.

— Minha identidade... — eu parei.

— Estamos voando em privado. Você não precisa de nada.

*Privado.*

Puta merda. Dallas não estava brincado.

Estávamos quase na porta da frente quando Zach se materializou como um morcego do inferno, bloqueando nosso caminho. Ele era o epítome de alto, moreno, bonito e psicótico.

A escuridão rolou de seus ombros como fumaça subindo para meus pulmões. Um suéter de cashmere preto e calça carvão enrolada em seu corpo, combinados com um relógio de pulso robusto.

Ele cruzou os braços, a atenção voltada para Dallas. — Para onde você pensa que vai levá-la?

— Ela não é o vaso da sua sala, Zach. Ela é uma pessoa. — Dallas ergueu o queixo. — *Eu* não vou levá-la a lugar nenhum. Nós duas estamos indo embora.

Ele fechou os olhos. Respirou fundo. Abriu-os – e ainda parecia prestes a explodir em chamas furiosas. — Para onde vocês duas estão indo?

— Vamos nos divertir. — Dallas tirou seu chapéu de cowgirl e piscou para ele, todas boas vibrações. — É essa coisa de você rir e se distrair e não planejar o assassinato em massa de pessoas de quem você discorda. Procure no google. Eu juro que existe.

— Temos planos juntos. — Suas narinas dilataram e ele se aprofundou tanto em seu rosto que temi que ele a tocasse acidentalmente e depois vomitasse por todo o chão.

Eu tinha acabado de polir há uma hora.

— Sim. — Ela colocou os braços sobre a barriga de grávida. — Eu vi o que você tinha reservado para ela. Mais um dia de trabalho. Ela vem comigo.

Zach foi ainda mais fundo em seu rosto. — Absolutamente não.

— Boa impressão de homem das cavernas, Zach. — Passei meu braço pelo de Dallas, nossas pulseiras da amizade tilintando juntas. — Agora faça ooga-booga na frente de outra pessoa.

— Eu me ofereço como tributo. — O sotaque indiferente de Romeo veio das costas de Zach quando ele se aproximou de nós. — A propósito, Sun, é melhor você sair da frente da minha esposa, a menos que esteja ansioso para descobrir como é mijar em um saco pelo resto da vida.

Zach não se mexeu. — Farrow tem planos.

— Farrow tem *uma boca*. — Romeo puxou-o para trás pelo colarinho. — Se ela quiser ficar, ela pode dizer.

Os olhos de Zach deslizaram para meu rosto, em busca de ajuda.

A verdade é que eu queria ficar com ele. Mas era exatamente por isso que *não deveria ficar*. Ele nunca foi meu, apenas emprestado.

Eu precisava colocar minhas fichas emocionais em outras pessoas.

E Dallas? Uma aposta sólida, se é que eu já tinha visto uma.

Balancei minha cabeça.

— Até mais. — Passei por ele com Dallas logo atrás. — Aproveite seu peixe cru e seus neurônios cozidos demais.

Romeo apoiou a mão nas costas de Dallas, levando-nos a uma elegante limusine preta. — Você ouviu a senhora.

— Você não pode simplesmente ir embora. — Zach me seguiu, ignorando os dois. — Você está em um turno.

O frio penetrou em meus ossos, mas ignorei. — Demita-me.

Eu tinha chegado à limusine agora. O motorista ficou na porta, abrindo-a para mim. Sorri para ele, prestes a entrar quando Zach agarrou meu braço por cima da camisa, tentando me puxar para ele.

Joguei meu braço para trás e girei. — Não se atreva a estragar isso para mim.

Dallas se acomodou no banco de trás com Romeo beijando-a pela



janela, sussurrando suas despedidas contra sua têmpora.

Fiz um gesto para eles. — Este, bem aqui, é o meu momento Cinderela. Passar um tempo com uma nova amiga. Indo para algum lugar divertido. Sentir-me como um ser humano de pleno direito e não apenas como governanta de alguém por um dia. Não me importa o que você planejou para mim, Zach. Você deu uma festa de noivado no meu aniversário. Eu trabalho horas ridículas para você. Eu tenho permissão para ter isso.

Seus olhos percorreram as órbitas, absorvendo meu rosto. — Não quero você sentada em um veículo desprotegida. Pelo menos pegue o meu.

Meus ombros cederam. Parte da minha raiva se dissipou.

Pressionei a mão em seu peito, recebida pelo galope selvagem de seu coração, as batidas tão intensas que machucaram minha palma. — Eu sempre dirijo meu Prius.

— E eu sempre tenho um pequeno ataque cardíaco quando você faz isso. — Ele parecia completamente irritado com o fato. Então, percebendo o que parecia, ele acrescentou: — Você é minha chance de normalidade. Estou totalmente investido em sua vida até descartar você.

— Extremamente romântico.

— Infelizmente, é provavelmente a coisa mais romântica que já disse.

— Eu ficarei bem.

Ele agarrou meus cotovelos e eu lutei contra a vontade de beijá-lo. — Prometa.

— Eu prometo.

Ele enfiou os dedos em meu cabelo, segurando minha cabeça. Minha respiração ficou presa na garganta quando percebi que ele estava prestes a me beijar.

Eu queria ser beijada por ele mais do que sobreviver ao restante

do nosso contrato. E era exatamente por isso que eu precisava acabar com isso.

Para mim, Zachary Sun quebraria todas as suas regras.

Mas por *ele*, eu quebraria meu próprio coração.

Virei minha cabeça no último segundo.

Seus lábios pousaram em minha bochecha, escovando uma lágrima solitária que escapou dos meus olhos.

— Divirta-se — ele resmungou.

— Obrigada.

# CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

## *Farrow*

— Aqui. Tente este. Jianbing de pato. — Dallas abriu um saco de mantecaditos, colocando um em sua boca. — A propósito, como estavam os bolinhos de chá escoceses?

Mordi uma carne seca, um dos cerca de dois mil salgadinhos que estavam espalhados na nossa frente. — Perfeição do orgasmo oral.

Nós nem tínhamos decolado ainda, e Dallas já tinha provado a maior parte da comida que Romeo abasteceu em seu avião particular. Seus favoritos de todos os países.

Evidentemente, ela visitou todos eles.

Olhei para ela com uma mistura de alarme e admiração. Como ela poderia colocar toda essa comida em seu corpo?

Frankie chutou os pés no sofá à nossa frente. Eu não conseguia tirar os olhos da irmã mais nova de Dallas.

Ela era o tipo de beleza que desafiava a natureza e a lógica. Com olhos verdes felinos, lábios carnudos e exuberantes cachos castanhos que caíam em cascata até a bunda.

— Não olhe para minha irmã desse jeito. — Os olhos de Frankie se estreitaram. — Ela está comendo por dois.

Inclinei minha cabeça para um lado. — Lutadores de sumô?

Ela caiu na gargalhada.

Dallas se inclinou para dar um tapa no braço dela. — Eu disse que ela era divertida.

— Você também me disse que ela pode me matar com um palito. — Frankie se abanou, franzindo as sobrancelhas. — Isso é verdade?

— Um leve exagero. — Sorri, pegando meu coquetel e tomando

um gole: — Mas eu sei como causar sérios danos com objetos pontiagudos. Por quê?

— Tenho alguns nomes e endereços. — Frankie soltou um doce do papel celofane e colocou-o na boca. — Mas de qualquer forma. Falaremos sobre trabalho em outro momento. Agora vamos comemorar seu aniversário.

Eu fiz uma careta. — Como você pode celebrar uma pessoa que você não conhece?

— Você é certificada pela minha irmã. Qualquer pessoa que passar por ela é digna de ser comemorada.

O avião começou a girar antes de decolar, cortando densas nuvens prateadas. Eu nem perguntei para onde estávamos indo.

O destino tinha pouca importância quando se tinha boa companhia. E essas garotas eram o melhor material para melhores amigas.

— De qualquer forma. — Dallas chupou as migalhas do polegar, pegando uma bolsa de um assento e jogando-a em meus braços. — Vá tomar um banho e se trocar. Estaremos pousando em Nova York em breve.

*Nova York.*

Uma das minhas cidades favoritas.

Meu coração cantou. Coloquei a bolsa no ombro e caminhei até o banheiro, abrindo a porta.

Então deixei cair a bolsa.

Um grito passou pelos meus lábios. — Ari.

Minha melhor amiga estava na soleira, radiante, linda e sorrindo como uma louca. — Finalmente. Estou escondida aqui há *muito tempo*.

Pulamos nos braços uma da outra, gritando tão alto que um guaxinim ficaria com ciúme. Ela me abraçou com força suficiente para moer meus ossos.

Eu a balancei de um lado para o outro. — O que você está fazendo aqui?

— Sua nova melhor amiga me ligou para fazer uma surpresa. — Ela riu no meu ouvido. — Ela é uma guardiã.

— Melhor amiga? Essa foi a promoção mais rápida que já consegui. — Dallas apareceu na porta, apoiando um ombro no batente. — Então, novamente, é também meu primeiro cargo.

Ari se separou de mim, dando uma olhada em Dallas. — Garota, tenho certeza que você já passou por *muitas* posições para chegar onde está hoje.

Dallas passou a palma da mão sobre sua barriga de grávida. — Você não tem ideia.

— Não, mas quero ouvir tudo sobre isso.

Depois de mais gritos e risadas, Ari e Dallas se retiraram para a cabine enquanto eu tomava um banho demorado, lavava e secava meu cabelo, e vestia jeans colantes e um moletom com capuz de grife que Dallas tinha escolhido para mim.

As roupas vieram com um bilhete:

*Nem toda garota quer um vestido que seja bonito.*

*Algumas deslumbram com botas de combate e espada.*

*Uma delas até se tornou minha querida amiga.*

*Feliz Aniversário, F. <3*

*Dal*

Quando terminei, o avião já estava se preparando para pousar. Logo, as meninas e eu saímos para a pista, onde um motorista uniformizado nos conduziu até o Angelo's.

— Apenas o melhor restaurante italiano de Nova York. — Dallas levantou os pés na parte de trás da limusine. — E eu estive em todos

eles.

Ari e Frankie riram.

Dallas não, olhando para minha melhor amiga, séria como um ataque cardíaco. — Eu não estou brincando. Você sabia que existem dois mil e quatrocentos? E isso não inclui os subterrâneos.

O sorriso de Ari desapareceu. Ela me deu uma cotovelada e sussurrou: — Onde você encontrou essa garota?

— Em um jantar. — Dei de ombros, sorrindo para Dallas. — Onde mais?

Depois de uma refeição de sete pratos, durante a qual comi o suficiente para toda a nação belga, pegamos coquetéis em um bar próximo. Frankie mostrou sua identidade falsa e nos pagou cinco rodadas.

— Como você pode pagar isso? — Dallas olhou para sua irmã. — Achei que papai tivesse confiscado seu cartão de crédito depois que você comprou uma pequena ilha para cães-guia se aposentarem.

— Você consegue acreditar na falta de altruísmo dele? — Frankie revirou os olhos, bebendo um coquetel de frutas. — Esses cães fizeram mais pelo nosso país do que a maioria dos políticos.

— Vou perguntar de novo, irmã. Como você pode pagar isso?

— Oh, Oliver me deu dois de seus cartões Amex. Uma joia.

Dallas se engasgou com seu mocktail. — Vocês dois estão em contato?

— Não. — Frankie deu uma risadinha, como se a resposta fosse óbvia. — Mandeí uma mensagem para ele dizendo que precisava de um ou dois cartões emprestados e ele os enviou para mim por um mensageiro.

— Frankie, cartões de crédito não são um vestido de cocktail. Você não pode pegá-los emprestados.

— Claro que eu posso. Como você acha que tenho financiado minha vida nas últimas três semanas?

Quando chegamos à Broadway para assistir a um show, não estávamos agradavelmente bêbadas – estávamos completamente exaustos.

— O que estamos assistindo? — Eu soluzei, balançando nos braços de Dallas.

Ela bebia margaritas sem álcool enquanto estávamos bêbadas, olhando periodicamente para seus coquetéis sem álcool e sibilando: — Quão irônico é que mulheres grávidas só possam tomar bebidas virgens?

— Cinderela. — Frankie se virou, seu vestido dos anos 50 desabrochando como uma flor. — É uma duração limitada de quatro semanas. Não é ótimo?

*Não é apropriado?* Eu corriji para mim mesma.

Não importava o quanto eu tentasse fugir da comparação, ela sempre voltava para mim como um bumerangue.

Ari me puxou de Dallas para ter certeza de que eu não a esmagaria, enrolando meu braço sobre seu ombro para me levar para o corredor. Os frequentadores do teatro entravam e saíam do prédio.

Encontramos nossos assentos e caímos neles em ataques de risadinhas inexplicáveis. Frankie e Ari até tiraram uma pequena tiara de uma bolsa de grife e colocaram na minha cabeça.

O show foi incrível. Eu tive que me segurar para não chorar durante a maior parte do tempo.

E quando escapamos para a espinhosa noite de inverno, tudo que eu conseguia pensar era que Dallas estava certa.

*Às vezes, você tinha que escrever sua própria história para ter um final feliz.*

— Então. — Ari pressionou seu ombro no meu, andando deliberadamente mais rápido que as irmãs Townsend para despistá-las. — O que está acontecendo com Zach?

— Estamos brincando enquanto ele está noivo. — Eu mal reuni

energia para levantar um ombro. — Então, você sabe, muito confuso.

— Dallas diz que ele é seu cachorrinho. — Ari examinou meu rosto. — Que ele segue você e esfaqueia qualquer um que se atreva a chegar perto de você.

— Ah.

— Isso significa que ele urina um pouco toda vez que vê você?

— Espero que não. Eu também estou encarregada da lavanderia dele.

Eu não tinha ideia de para onde estávamos indo e estava começando a entender que isso não importava.

Mais cedo ou mais tarde, uma limusine apareceria do nada e nos levaria a um aeroporto boutique, onde voaríamos de volta para casa em um avião luxuoso que parecia um apartamento de solteiro em Manhattan.

Essa era a realidade de Dallas Costa, a garota mais encantada de toda a América.

— Ele me quer — admiti, sentindo minha garganta apertar em torno de uma bola invisível de ansiedade. — Mas ele quer agradar ainda mais a mãe. Isso não tem pernas.

Mas tinha um coração e uma alma, e isso me assustou.

Não contei a minha melhor amiga por que Zachary Sun estava tão encantado comigo.

Esse algo fez dele um pagão temente aos humanos.

Que eu era sua única chance de salvação, embora não tivesse ideia do que o havia feito assim.

— E se ele quisesse você mais do que agradar a mãe dele? — Ari passou o braço em volta do meu cotovelo. — O que você teria feito?

Paramos em uma faixa de pedestres, Dallas e Frankie se juntaram a nós. Engoli em seco. Já fazia algum tempo que eu vinha evitando me fazer essa pergunta.



Finalmente, disse: — Se eu me permitir ter esperança, eu me permitirei quebrar. E nunca tive o privilégio de fazer isso.

Uma limusine passou na nossa frente, estacionou em fila dupla e parou aos nossos pés. O motorista saiu e abriu a porta para nós.

Entrei, sabendo que não tinha contado toda a verdade a Ari.

Porque uma parte de mim já havia rachado.

E a cada dia que passava, Zach abria ainda mais a fissura.

# CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

## *Farrow*

A mansão Sun parecia uma casa de biscoitos de gengibre no meu estado de embriaguez.

A neve rodopiava nos parapeitos das janelas como uma cobertura espessa. Eu balancei para frente e para trás nos saltos de Dallas, estremecendo quando a porta da limusine se fechou atrás de mim.

A tiara boba de plástico caiu da minha cabeça. Agachei-me para pegá-la, cambaleando para trás quando Natalie saiu furiosa antes que eu pudesse tocá-la, apertando as pastas pardas contra o peito.

— Oh. — Seus lábios se curvaram para baixo. — Você voltou.

Como sempre, ela parecia impecavelmente organizada e assustadoramente infeliz.

Coloquei a tiara de volta na cabeça, jogando a bolsa que Dallas me presenteou por cima do ombro. — Você parece desapontada.

Natalie me deu merda desde o meu primeiro turno. Normalmente, eu deixava isso rolar pelos meus ombros, mesmo quando ela habitual e *acidentalmente* derramava suas bebidas para eu limpar.

— *Estou desapontada.* — Ela girou, seguindo-me de volta para casa. — Antes de você aparecer, estávamos nos conhecendo.

Deixei cair a bolsa na escada, indo até a cozinha pegar um copo de água, apenas ouvindo-a parcialmente.

Ela me seguiu, desconfortavelmente perto dos meus calcanhares. — Estávamos formando algo até que você o confundiu com o seu... seu...

Ela respirou fundo, dando uma olhada em mim, tentando descobrir o que Zach viu.

*Uau. Déjà vu.*

— Constance também criou você? — Eu chutei meus saltos no corredor, o cérebro um pouco confuso, mas me lembrando vagamente que Zach detestava os sapatos pela casa.

Natalie me ignorou, batendo os pés na entrada da cozinha, gesticulando para cima e para baixo em meu corpo. — Eu nem sei o que ele vê.

Peguei um copo alto da máquina de lavar louça e enchi-o com água da torneira, levando a borda aos lábios. — Muito madura.

— Você precisa ir. Ele está noivo. Ela nunca vai deixá-lo manter você por perto.

*Ha.*

Se ao menos Natalie soubesse que nem eu nem Zach planejávamos nos ver muito depois das próximas semanas. Não que isso importasse para Eileen.

Foi ela quem solicitou uma cláusula que permitisse encontros extraconjugais, caso algum dia ela superasse *sua* aversão às pessoas.

— Obrigada pelo conselho, Natalie, mas Zach não gosta de pessoas aleatórias aqui depois do expediente. — Eu balancei meus dedos em sua direção. — Trabalhadores.

— Espere... você realmente não acha que ele está a fim de você, não é?

*Não.*

*Sim.*

*Talvez um pouco.*

Eu sabia que seu corpo gostava de mim. E que sua mente gostava da minha companhia. Mas também sabia que o mesmo poderia ser dito sobre os brinquedos sexuais.

Não respondi à pergunta dela, joguei fora a água que sobrou e lavei o copo.

— Você sabe que é apenas um brinquedo para ele. — Ela me

observou com um sorriso crescente, tentando avaliar se sua flecha venenosa atingiu alguma coisa vital. — Vejo vocês se esgueirando pela casa. Você é apenas o brinquedo dele. Eileen é o verdadeiro negócio.

Mantive minha expressão neutra, enxaguando a espuma, dizendo a mim mesma o que sempre dizia sempre que Reggie me informava que precisava descolorir os olhos depois de olhar para mim.

*O ódio não é sobre o que lhe falta. É sobre alguém encontrar algo que deseja em você e perceber que não aguenta.*

— Ainda não acredita em mim? — Ela soltou uma risada. — Olhe para ele com você, depois olhe para ele com Eileen. Essa é toda a resposta que você precisa.

Coloquei o copo na pia com muita força. Ele rachou, um pequeno fragmento abrindo caminho até minha palma.

Eu estava sangrando.

Dentro e fora.

*Por que, Fae? Por quê? Era apenas um acordo.*

Mas não era.

E já era hora de eu admitir isso.

Mantive minha mão na pia para que Natalie não pudesse ver. Sempre um animal ferido lutando para salvar a face.

Fingi um sorriso, a agitação passando. — Isso é tudo?

— Talvez verifique a sala de jantar. — Natalie levantou um ombro, insatisfeita por eu não ter começado a chorar. — Isso vai tirar esse olhar presunçoso do seu rosto.

\* \* \*

Na verdade, não verifiquei a sala de jantar.

Primeiro, verifiquei o escritório de Zach, subindo as escadas de

dois em dois degraus, ansiosa para terminar essa noite mágica com ele.

As portas bateram contra os batentes quando entrei na sala. Ele os instalou aqui há algumas semanas, depois da primeira vez que me viu sacudir as prateleiras que cercavam o batente da porta.

Entreí na sala, descalça, verificando a esquerda e a direita, parando para acariciar uma pedra Go.

*Aqui não.*

Em seguida, fui até seu quarto, batendo primeiro.

Nenhuma resposta.

Abri a porta, espiando minha cabeça para olhar sua cama. Ainda feita.

Bufando, comecei a mudar de cômodo em cômodo, tudo vazio. Desci as escadas e fui para o único cômodo que não queria verificar por princípio.

Mas quando me aproximei da sala de jantar, o *tilintar suave* dos utensílios veio em minha direção. Torci meu pulso para verificar meu relógio. Dez. Zach sempre jantava às sete.

Minhas pernas me levaram para frente. Uma luz suave se espalhava pelo corredor. Música ao vivo acariciava meus ouvidos. Violinos. Flautas. Uma maldita harpa.

Uma onda de aromas deliciosos atingiu-me. Lasanha. Pudim de canela. Bacon cristalizadas. Todos os meus favoritos.

Zach sabia disso. Uma vez eu contei a ele depois que ele me pegou movendo uma pedra em nosso interminável jogo Go.

*Qualquer coisa que tenha gosto de família de outra pessoa. Então, posso fechar os olhos e fingir que também tenho uma.*

Uma semente de excitação plantada em minha barriga, brotando raízes.

*Sem chance. Ele...?*

Pulei até a porta, a tiara agarrada com toda a força. Ela caiu no tapete quando virei no corredor e parei.

Meu coração bateu nas costelas com isso. Era uma maravilha como algo tão doloroso poderia ser tão silencioso.

Zach estava sentado à mesa comprida, de costas para mim, jantando com Eileen. Um lindo vestido rosa claro cobria seu corpo ágil.

A sala girou, um borrão vermelho. Rosas. Em todos os lugares. Sufocando a sala como um banho de sangue. E as velas. Deus, as velas – iluminando cada centímetro do lugar.

Eu congelei no lugar, incapaz de me mover.

As palavras de Natalie saltaram entre meus ouvidos.

*Olhe para ele com você, depois olhe para ele com ela.*

Eles estavam compartilhando um jantar romântico.

Ele a estava cortejando.

Cortejar nunca fez parte do contrato.

Eu li tudo. Até espiei pelas costas as mudanças de faixa no documento do Word.

Eileen se inclinou sobre a mesa, sussurrando algo para Zach, que estava sentado ereto. Eu pude ver o momento em que ela me notou.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. Ela manteve contato visual comigo enquanto jogava a cabeça para trás e ria de algo que ele disse.

Agora entendi. A presunção de Natalie. Seu aviso.

Ela sabia onde eu estava me metendo.

Eu pisei para trás, esbarrando em uma luminária. O baque ressoou no ar, quando o conjunto tocou a última nota de Beethoven. Peguei a luminária no último minuto, antes que ela caísse no chão.

A cabeça de Zach se ergueu. — Farrow.

Nossos olhos se encontraram.

Eu não sabia por que, mas não conseguia me mover. Eu não conseguia nem suportar a ideia de enfrentá-lo. Agora não.

*Recuar. Sair. Abortar a missão.*

E ainda assim, meus pés permaneceram enraizados na madeira.

Ele se levantou, correndo para mim. O movimento repentino me estimulou a agir. Corri. Corri mais rápido do que jamais tinha corrido. Direto em direção ao meu Prius derrotado.

Ao sair da mansão, percebi que não tinha para onde ir. Minha suposta família não me aceitaria.

Eu também não as queria.

*Dallas.*

O nome dela disparou na minha cabeça.

Dallas me daria abrigo.

Zach caminhou atrás de mim enquanto eu mudava de direção, indo para a mansão Costa.

— Farrow. — Ele acelerou o passo, provavelmente percebendo que eu tinha um alvo agora. — Para onde você pensa que está indo?

Começou a garoar, a chuva batendo em meu rosto enquanto caminhávamos pelo caminho de oitocentos metros.

Seus passos pararam, hesitaram um pouco e depois continuaram a estalar atrás de mim. — Estou falando com você.

Mostrei-lhe o dedo do meio sem me virar, ganhando velocidade em direção à mansão Costa. — Eu sei. Eu só queria que você não fizesse isso.

— O que, por favor, diga, fiz agora para irritar você?

*Esse cara é sério?*

Eu podia ouvir seus dentes rangendo enquanto ele tentava agarrar meu ombro. Eu me esquivei, sempre mais rápida. A chuva se

intensificou. Água gelada penetrou em minhas roupas.

— Volte para o seu encontro.

— Farrow, venha aqui.

*Dane-se isso.*

Recusei-me a deixá-lo me tratar como um cachorro.

Cheguei à porta de Dallas e bati nela com força suficiente para acordar os mortos. Zach agarrou meu ombro, virando-me.

Eu o vi através de uma cortina de gotas de chuva, o cabelo penteado para trás e molhado, o rosto escuro como um trovão. Seu terno de grife grudava em seu corpo poderoso e, por um segundo, fiquei com ciúme do tecido.

— Precisamos voltar para casa. — Ele estremeceu, mas eu não tinha certeza se era por causa do frio. — *Agora.*

— Eu não sou da sua conta.

— Você literalmente é.

Ugh.

*Droga.*

— Estou de folga — emendei. — Eu posso fazer o que quiser. E o que eu quero é não estar ao alcance de você.

Passos se aproximaram do outro lado da porta.

Zach semicerrou os olhos para o céu, estremeceu com a chuva e depois baixou os olhos para mim novamente. — Posso explicar, se você me deixar...

A porta se abriu.

Romeo Costa preencheu o quadro, aproximadamente do tamanho de um tanque T-54. — O que está acontecendo aqui?

— Nada. — Zach agarrou meu braço, com os dedos congelados. — Farrow e eu estávamos saindo.

— Eu gostaria de passar a noite na sua casa — deixei escapar.



A expressão de Romeo mudou de irritação para confusão. — Ah, porra. — Ele passou a mão pelo rosto. — Shortbread coletando animais perdidos novamente. Ela prometeu parar depois do quarto gatinho.

— Ela não está perdida e também não vai ficar. — Zach me puxou novamente. — Vamos, Farrow.

Mantive minha atenção em Romeo, mantendo minha posição. — Você pode chamar Dal?

Eu sabia que não estava sendo justa. Zach e eu tínhamos um acordo e, até agora, só eu o havia quebrado. Mas não pude evitar.

Ele teve que cortejar Eileen em sua casa? Ele tinha os meios para levá-la à lua se quisesse. Ele não tinha que jogá-la na minha cara uma e outra vez.

*Por quê você se importa? E como ele poderia saber que você se importa?*

Deus, eu realmente precisava enfrentar esses sentimentos incômodos de frente.

Um dia. Só não agora.

Romeo virou-se para Zach com a sobrancelha levantada.

Eu fiz uma careta. — Você realmente acabou de pedir permissão ao seu amigo? Você tem cinco anos?

— Não está ajudando no seu caso — disse Romeo ao mesmo tempo em que Zach disse lentamente: — Não.

Afastei meu braço. — *Sim*.

Zach olhou para Romeo. — Vou vender a descoberto sua nova empresa farmacêutica.

— Eu não posso, cara. — Ele parecia genuinamente arrependido. — Shortbread vai fazer caviar com meu esperma, e ainda não terminamos de ter filhos.

— Farrow, *por favor*. — Zach cuspiu a palavra como se houvesse

ácido em sua boca. — Precisamos voltar para dentro.

Finalmente eu me virei para encará-lo. — Por quê?

— Porque. — Zach lançou um rápido olhar para Romeo, suas orelhas ficando um pouco rosadas, escondidas pelas rápidas gotas de chuva.

Eu levantei uma sobrancelha. — Sim?

— Porque eu não suporto a chuva, porra. — Ele jogou as mãos para o alto. — Feliz agora? Sou acionado. TEPT. Como quer que queira chamar. Nunca, nos últimos vinte e um anos, saí quando choveu.

A chuva se transformou em granizo, atingindo cada centímetro da nossa pele.

Eu não podia acreditar no que acabara de ouvir.

Romeo limpou a garganta. — Vou deixar vocês dois com isso... — Ele fechou a porta, parando antes do clique. — Farrow, avise-me se você ainda precisar de um lugar para dormir.

Zach e eu permanecemos um diante do outro. Estávamos ambos ofegantes. Eu tive uma ideia. Uma ideia terrível. Mas um que precisava ser executada, no entanto.

Enfiei a mão no bolso, procurando o objeto de metal. — Você quer se explicar?

Ele enfiou a mão no cabelo e puxou, jogando gotas de chuva por toda parte. — Desesperadamente.

— Vamos correr para o meu Prius. Eu vou dirigir.

— Eu não... — Ele fechou a boca.

— Você está pronto, Zach. Está na hora. — Agarrei seus braços. — Estou aqui para curar você, certo? Então cure-se.

Ele fechou os olhos, enroscando os dedos nas órbitas. — Este acordo tem muitas restrições.

— Somos um grande nó confuso, Sr. Sun. Lide com isso.

# CAPÍTULO QUARENTA E SETE

## *Zach*

O Prius percorreu as ruas arborizadas de Potomac, protegido da chuva pelo para-brisa.

Parecia tão leve. Tão insubstancial contra a natureza.

*Uma armadilha mortal.*

Agarrei o apoio de braço, cravando as unhas nele até rasgar o tecido barato, ignorando o modo como meu coração batia a dez mil pulsações por segundo.

*O sangue dele.*

*O rosto dele.*

*O cheiro de carne queimada.*

As lembranças me inundaram com a chuva, como sempre acontecia. Mas negar esse pedido a Farrow significava continuar nossa discussão anterior, e eu não queria arriscar.

*Então... você preferia arriscar morrer nesta armadilha mortal?*

Não foi meu melhor ato de lógica, mas rapidamente descobri que lógica não existia quando se tratava de Farrow Ballantine.

Verifiquei novamente meu cinto de segurança, meio que esperando que ele se rompesse se eu puxasse com muita força. — Você precisa dirigir como uma maníaca que acabou de consumir quatro quilos de cocaína?

Ela continuou acelerando em direção aos arredores da cidade. — Estou dirigindo abaixo dos limites da cidade.

Eu queria estrangulá-la e beijá-la ao mesmo tempo.

Nós dois pingávamos água salgada em seus assentos, nossas roupas pesadas e grudadas em nossos corpos.

— Aonde estamos indo?

— Você vai ver.

— Não, você vai me dizer — eu rebati. Então, percebendo que estava sendo um idiota novamente, limpei a garganta. — Preciso de pelo menos algum tipo de controle sobre a situação. Isso está me desencadeando.

Ela apertou os lábios, refletindo sobre isso. — Estou levando você para o meu esconderijo. Eu costumava ir para lá sempre que voltava de Seul. Eu passava meus verões inteiros trancada em uma casa na árvore que construí para mim.

Eu acreditava nela. Acreditava que esta mulher tinha construído um forte inteiro para si mesma porque a vida não lhe deu um reino próprio.

Olhei para as manchas no teto do carro, agradecendo a distração. — Onde?

— Trilha Gold Mine.

— Ótimo lugar para esconder corpos.

— Mantive minhas opções abertas. — Ela encolheu os ombros, com o pulso pendurado no volante enquanto acelerava, ignorando a chuva torrencial. — Eu *morava* com Vera, Reggie e Tabby.

— Seu pai deveria ter se divorciado dela.

Melhor ainda: deveria ter largado-a no minuto em que viu que Farrow não era bem-vinda naquela casa. Eu secretamente nutria alguns sentimentos bastante fodidos em relação ao homem.

Ele estava morto agora, mas não o suficiente para compensar a forma como tratou sua filha.

Fae mordiscou o lábio inferior, considerando minhas palavras.

— Ele era como eu. Ele realmente queria uma família, a todo custo. E... acho que isso o cegou. A possibilidade de ser recebido em uma. — Ela fez uma pausa. — É por isso que não faço relacionamentos. Não quero cometer o mesmo erro. Dar muito de mim

para a pessoa errada.

O carro parou bruscamente. Farrow puxou o freio de mão em frente à placa de regulamentos do parque.

Agarrei a maçaneta da porta, abafando um rosnado. O lugar estava deserto, o Prius era o único carro à vista na noite escura.

Observei seu perfil enquanto meu pulso voltava ao normal. A maneira como seus cílios grudaram por causa da chuva.

Meu telefone tocou no bolso, mensagem após mensagem. Sem dúvida de Eileen.

Eu não conseguia me importar. Para uma mulher que afirmava não querer romance, ela me procurava muitas vezes para o meu gosto.

Farrow virou-se para mim. — Olhe para você.

Ela juntou minhas mãos nas dela. As minhas tremiam tanto que elas se moveram, atingindo o console central e o assento.

O calor subiu pelo meu pescoço, aquecendo minhas bochechas e orelhas. Fiquei envergonhado, aterrorizado, furioso e vivo. Tão vivo que me engasguei com muito oxigênio.

Eu nunca tinha saído tanto da minha zona de conforto antes. Entrar em um carro desprotegido equivalia a pular de um avião sem paraquedas para mim.

E entrar em um chovendo? Poderia muito bem me pedir para cortar meus pulsos primeiro.

— Quem machucou você? — Ela olhou para mim com olhos de anjo que viam o bem onde não havia nada. — Quem fez isso para você? Por que você está assim?

Olhei para as árvores à frente, observando como elas balançavam como pessoas orando em vigília. — Eu não sou do tipo que fala sobre seus sentimentos.

— Eu não sou do tipo que fode seu chefe noivo. — Ela apertou minha mão, tranquilizando-me à sua maneira. — Nós dois estamos perdidos aqui. *Fale.*

E nesse momento, quando parecia que a floresta iria engolir meu segredo e levá-lo para o túmulo, decidi cometer um erro tático sem outro motivo a não ser agradecer essa mulher.

Movi a pedra errada.

— Quando eu tinha 12 anos, papai e eu compramos o presente de aniversário para mamãe. O pingente.

Seus olhos se arregalaram. — O outro pingente do conjunto.

Eu balancei a cabeça. — No caminho de volta, um caminhão bateu em nosso carro e capotou. Papai me protegeu com seu corpo e morreu.

*Sou o único Sun no mundo que traz escuridão.*

— Zach-

Eu a interrompi, falando com vogais nítidas e monótonas. — Mas ele não teve o privilégio de morrer instantaneamente. Nem eu. Um galho perfurou seu corpo, transformando sua morte em uma provação lenta e agonizante. O tempo todo, ele me observou, seus olhos ficando mais vermelhos enquanto seu rosto ficava mais azul.

Farrow respirou fundo, mas não disse nada.

Eu continuei. — Eu o vi perder a vida em tempo real.

Mesmo agora, eu ainda podia vê-lo morrendo diante de mim. Não demorou muito para evocar a imagem.

A bile subiu pela minha garganta. Eu engoli, forçando-me a cuspir o resto do que aconteceu.

— Por causa da forma como o carro tombou, a gasolina vazou para dentro do motor. Eles tiveram que desmontar o carro peça por peça antes de me tirarem de lá. Durante horas, o cadáver do meu pai ficou em cima do meu, o sangue dele pingando em mim.

Farrow apertou minha mão com mais força, encorajando-me a continuar.

— No início, o sangue derramou em cima de mim como uma

corrente. Mas, eventualmente, diminuiu para pingos – espirrando no meu rosto de vez em quando. Eu nem me lembro das últimas palavras do papai. — Engoli em seco, fechando os olhos, sabendo que isso não apagaria a memória, mas desejando que pudesse. — Choveu naquele dia. Tão frio que papai deve ter sentido nos ossos quando deu seu último suspiro.

O ar deixou seus pulmões em *um sopro*.

Eu sabia que ela sentia pena de mim. Isso a maioria das pessoas faria. Foi por isso que me recusei a contar isso a alguém. Nem mesmo a terapeuta para quem Celeste Ayi me mandou até completar dezesseis anos.

Até Romeo e Oliver só ouviram falar do que aconteceu pela mídia e pela mãe.

Farrow sussurrou, sem soltar minha mão: — O motorista estava bêbado?

— Não. — Rolei minha cabeça sobre o encosto, o sal penetrando em meu corpo através das roupas encharcadas. — Essa é a pior parte. Ele não estava bêbado. Ele não era um vilão. Apenas um pai de cinco filhos sobrecarregado, que pegou o café no porta-copos e perdeu o controle do veículo.

O polegar de Farrow acariciou as costas da minha mão, movendo-se em pequenos círculos.

Fechei minha mão livre em punho, cravando as unhas na palma da mão. — Ele ultrapassou o limite para terminar seu último trabalho mais cedo. O filho dele tinha um recital. Ele se declarou culpado imediatamente. Em seguida, decidiu nos escrever uma carta de desculpas.

Ocorreu-me que Farrow também havia perdido o pai num acidente. Olhei para ela, perguntando-me se ouvir sobre a morte do meu pai desencadeou alguma coisa para ela.

Encontrei minha resposta imediatamente.

Ela tinha os olhos fixos em mim, toda a sua atenção focada em

nada além de mim.

Rolei meu lábio inferior em minha boca. — O caso nunca chegou ao tribunal – ele aceitou um acordo judicial. Concedeu à esposa um divórcio rápido, para que ela pudesse seguir em frente e encontrar outra pessoa para cuidar da família. Minha mãe ainda paga as mensalidades dos filhos.

Fae enterrou o rosto nas mãos. — Jesus.

Eu me perguntei se isso mudou a percepção dela sobre Constance.

Apesar de todos os seus traços negativos – e havia muitos – mamãe não era uma humana terrível. Apenas profundamente equivocada, acorrentada pela dor e lutando para existir sem controle total sobre todos os aspectos da vida dela – e da minha.

— Fiquei com toda essa raiva e sem ninguém a quem direcioná-la. — Olhei para o meu colo. — E então, transformei minha raiva em culpa.

Eu nunca tinha dito essas palavras para ninguém antes. Ou em voz alta, aliás. A verdade delas perfurou meu peito como uma bala.

Fiquei tanto tempo sem sentir absolutamente nada que, desde que Farrow entrou na minha vida, fiquei sobrecarregado sensorialmente. Ela era a prova viva de que anjos existiam no inferno.

— Sinto muito. — Sua voz chegou aos meus ouvidos, acalmando-me onde eu estava queimando. — Lamento que o mundo tenha sido tão cruel com você. E sinto muito que você tenha tido que carregar essa experiência sozinho. — Seus dedos entrelaçaram-se com os meus. — Acima de tudo, sinto muito que ninguém lhe ensinou que está tudo bem não estar bem. A cura é como pisar na água. Você se afoga tanto quanto flutua. Você precisa de um ombro para chorar, Zach. Não uma noiva.

— Falando na minha noiva... — Desamarrei nossos dedos, ainda não acostumado a ser tocado tanto assim. — O que aconteceu esta noite-

— Não é da minha conta — Farrow terminou por mim. — Nós



temos um acordo. Sei que você está noivo. Eu deveria ter...

— Deixe-me terminar. — Eu movi, de frente para ela. — Eu tinha tudo planejado para você esta noite. Jantar. Luz de velas. Flores... todas aquelas coisas chatas dos filmes.

— Você assiste a filmes de romance? — Ela não parecia convencida.

— Involuntariamente. E apenas para ter ideias que façam você se sentir... *inutilizado*. — Fiz uma careta. — Só porque o nosso acordo é clínico não significa que você deva se sentir usada. — Eu fiz uma pausa. — Oliver me deu uma lista.

Ela apertou os lábios, mas uma risada passou despercebida. — O que você assistiu?

— Coisas horríveis. — Torci minha manga, fazendo-a rir ainda mais. — *When Harry Met Sally*<sup>17</sup>, o que é péssimo.

— É um clássico — protestou Farrow. — O que há de errado com isso?

— Na minha opinião, duas pessoas com cabelos tão infelizes não deveriam procriar. Só o mal pode resultar disso.

Ela jogou a cabeça para trás, rindo. — O que mais você odiou?

— *Titanic*. Havia espaço naquela porta, Farrow. Na verdade, havia espaço para mais três se eles se apertassem bem.

O carro balançou com sua risada.

Eu não entendi o porquê. Não achei os fatos engraçados.

Ela conseguiu acenar entre gargalhadas. — Continue.

Suspirei. — *Dirty Dancing* deveria ser chamado de Creepy Dancing – Swayze era consideravelmente mais velho que ela. E *Call Me By Your Name* é basicamente *American Pie*, mas com um pêssego. Olha, o que quero dizer é que passei por um desconforto extremo para me desculpar pelo seu aniversário.

Seu sorriso deslumbrou agora, tão grande que aqueceu minha

pele. — Você fez o jantar para mim?

— Todos os seus favoritos.

— E comprou rosas e velas?

— *Era* seu aniversário. E você fez uma grande crítica ao meu presente, embora eu afirme que foi um gesto simpático.

— Você pediu conselhos aos seus amigos? — Ela bateu a mão na boca, uivando por trás dela.

Eu não pude evitar – sorri também.

Sua felicidade era contagiante.

— Pare de parecer tão presunçosa — eu ordenei.

— Você gostou pelo menos de um ou dois? — Ela mexeu as sobrancelhas. — Filmes.

— Octi, eles são objetivamente terríveis.

Suas risadas gotejaram em minha corrente sanguínea, fazendo-me sentir mais leve. — Chame-me assim de novo.

— Octi?

— Sim.

— Octi.

Ela sorriu. — Um apelido tão incomum.

Eu sorri. — Uma garota tão incomum. — Tirei meu paletó dos ombros. — De qualquer forma, sentado ali, rodeado de rosas e de uma refeição caseira que eu mesmo preparei, percebi o quão patético eu era. Você não estava lá. Além do mais, você parecia tão feliz indo embora, mesmo quando implorei para você ficar.

— Achei que fosse uma demonstração de poder. — Seus olhos suavizaram e acreditei nela. — Como Eileen acabou onde eu deveria estar sentada?

Eu dei a ela um olhar vazio e desapaixonado. — Ela apareceu na minha porta. Ela veio visitar minha mãe do outro lado da rua, e

suponho que ela imaginou que poderíamos verificar nossa lista enquanto ela estivesse na cidade.

Mamãe apareceu atrás de Eileen antes que eu pudesse mandá-la embora, arrastando-a para minha sala e insistindo que deveríamos jantar todos juntos.

Então, ela desapareceu antes mesmo de o champanhe chegar à taça.

— *Você sabe como são minhas dores de cabeça.*

Talvez a desculpa menos convincente que existia.

Ela não tinha dor de cabeça há três décadas.

Farrow parecia imersa em pensamentos, batendo nos lábios. — Por que você não diz à sua mãe que não quer se casar com ela?

— Porque eu não devo apenas um bom casamento à mamãe. Devo isso ao papai também.

— E você está disposto a sacrificar sua felicidade pela de sua mãe?

— Sim — eu disse sem perder o ritmo. — Estou acostumado a me sentir infeliz. Na verdade, estou acostumado a não sentir absolutamente nada. Pelo menos mamãe ainda tem uma chance de ser feliz.

Poucas coisas me afetaram, mas aqueles seis ou mais anos em que mamãe ficou fora da vida me assustaram *pra* caralho. Uma repetição iria arruiná-la.

Celeste Ayi e eu fizemos todo o possível para evitar isso.

Farrow parecia infeliz, o que *me* fez sentir infeliz. Eu detestava que o humor dela parecesse se infiltrar no meu, como se estivéssemos conectados por uma corrente invisível.

— Eu posso respeitar isso. — Ela assentiu. — Tudo que sempre quis foi uma família. Um lugar para pertencer. Posso ver por que você inventou uma, mesmo que não seja orgânica.

Os calafrios de Farrow transformaram-se em tremores violentos. Notei que seus dentes também batiam.

— Deveríamos ficar nus — eu deixei escapar.

Ela deu um tapa no meu peito. — Muito conveniente.

Lambi meus lábios. — Para prevenir pneumonia.

— Eu não estou com tanto frio.

— Bem, nesse caso, faça isso por mim.

— Você quer que eu fique nua?

— Eu quero você de qualquer maneira — admiti, sabendo que ela nunca interpretaria mal minhas intenções para ela. — Mas especialmente nua, e especificamente em cima de mim.

Ela alcançou a bainha do moletom, tirando-o de uma só vez.

E assim, eu afundei, afogado pelo desejo.

# CAPÍTULO QUARENTA E OITO

## *Farrow*

O pau de Zach disparou ao me ver sem sutiã.

Meus mamilos imploravam por atenção, ainda mais tensos e sensíveis. Ele os ignorou, reclinando-se no assento, a ereção grudada na coxa através da calça molhada.

Ele acariciou seu pênis preguiçosamente através da calça enquanto a outra mão desabotoava a camisa social.

Arqueei as costas, tirando a calça jeans até os joelhos, ainda mantendo contato visual. — Quantos?

Sua camisa se abriu. — Quantos o quê?

Ele sacudiu o tecido dos ombros – rasgados, bronzeados e perfeitos.

Encostei-me na porta do motorista e tirei as botas com a calça, deixando a calcinha, para que ele pudesse tirá-la com os dentes. — Quantos filmes você assistiu para mim?

Zach tirou os sapatos e desabotoou o cinto, sem tirar os olhos dos meus seios. — Muitos.

De todas as pessoas que conheci, ninguém me fez sentir tão deslumbrante quanto Zachary Sun, simplesmente por olhar para mim do jeito que ele me olhava.

Na verdade, ele foi o primeiro homem a me fazer sentir bonita.

Ele tirou a calça e a cueca de uma só vez. Seu pau saltou, o eixo tão sedoso quanto aveludado. Grosso, longo e complementado por veias lisas e uma coroa proeminente.

A simples visão disso me deu água na boca.

Zach jogou a calça no banco de trás, a mão parando em alguma

coisa. — O que é isso?

Ele puxou-a do banco de trás.

Uma caixa de sapatos Chanel.

Calor atingiu minhas bochechas. — Seu presente para mim.

— Parte disso — ele corrigiu, enganchando o dedo na parte inferior do laço de cetim e desamarrando-o até que se soltasse em um longo cordão branco-creme. — A melhor parte do seu presente ainda está por vir. Junte os pulsos e pressione-os contra o encosto de cabeça.

Normalmente, eu diria à pessoa que me pediu para respeitosamente ir se foder.

Mas com Zach, eu queria abrir mão de um pouco do meu controle. Queria me sentir impotente diante de um homem pela primeira vez na vida. Deixar ir.

Ele temia tocar, então jurei deixá-lo fazer tudo isso.

Lentamente, levantei os braços e pressionei os pulsos no metal que conectava o encosto de cabeça e o assento. Eu esperava que meu corpo reagisse com algo diferente de antecipação. Temor. Relutância. Arrependimento.

Mas isso não aconteceu.

Percebi, pela primeira vez, que confiava em Zachary Sun. Com a minha vida. Com a minha segurança. Com minha busca por vingança...

Só não com meu coração.

Zach se inclinou sobre o console central, segurando a fita branca da Chanel na mão.

— Essa é uma boa garota. — Ele inclinou o encosto totalmente para baixo até que eu fiquei quase deitada, ele montou em mim com suas coxas musculosas e juntou meus pulsos, amarrando-me rapidamente. — Quem diria que você poderia ser tão obediente quando um pau longo e duro é o seu incentivo?

Ele roubou um beijo rápido, dando nós duplos e triplos em meus pulsos. A mordida surda do cetim cravando-se em minha pele disparou uma flecha de adrenalina pela minha espinha.

Uma onda de calor líquido fez cócegas sob meu umbigo, e eu sabia que ele encontraria minha calcinha completamente encharcada. Puxei as restrições, só para testá-las, e descobri que estava firmemente presa ao assento.

Completamente indefesa e à sua mercê.

Apertei meus olhos. — Você é muito bom em amarrar as pessoas.

— Você também seria, se seu melhor amigo se encontrasse constantemente em posições comprometedoras.

— Oliver?

— Romeo.

Marquei esta conversa para mais tarde.

*Isso* eu precisava saber.

Zach se endireitou o máximo que pôde no carro pequeno, ainda montado em mim, admirando seu trabalho.

Ele agarrou meu queixo e inclinou meu rosto para que nossos olhos se encontrassem. — Você é sempre linda, Farrow Ballantine, mas é especialmente linda quando está à minha mercê.

Ele usou os nós dos dedos para roçar meu mamilo direito, um toque suave como uma pena. Meu corpo convulsionou, meus quadris balançando, minha boceta implorando para ser preenchida por ele.

— Mais — eu choraminguei.

— Mais? — Ele brincou com a borda da minha calcinha, afastando-a da minha pele. — Mais o quê?

Olhei-o nos olhos, lembrando-me de que isso não era fácil para ele. Toda essa coisa comovente.

— Mais do que você estiver disposto a dar.

— Estou começando a perceber que estou disposto a dar quase tudo o que tenho. — Os nós dos dedos dele viajaram do meu mamilo direito para o esquerdo. — Onde devo beijar você agora?

Meus olhos desceram para minha calcinha. Mas eu sabia, na prática, que o carro era pequeno demais para ele cair no chão.

— Ah, entendo. — Ele assentiu. — Não se preocupe, baby. Você vai gozar na minha língua esta noite.

Minha garganta balançou com um engolir. Ele se apoiou no volante, segurou minhas coxas com uma das mãos e puxou minhas pernas para cima, apoiando-as em seus ombros.

— Não precisamos fazer isso se você não quiser — eu me senti compelida a dizer, embora um inferno de necessidade ardesse através de mim, chamuscando cada célula da minha pele.

— Não quero? Pretendo fazer da sua boceta meu novo lar. Eu quero viver dentro de você. Para devorar você da cabeça aos pés.

Ele arrastou minha calcinha para o lado, afundando seus lábios em minha boceta e me respirando. Seu nariz massageou meu clitóris, levando-me à beira da combustão.

Seus lábios carnudos e quentes se moviam contra minha boceta enquanto ele falava: — Você é uma droga, Farrow Ballantine. E você já está em minhas veias.

Minhas coxas esmagadas juntas, joelhos enrolados em volta de seu pescoço enquanto ele passava a língua do meu buraco apertado até minha fenda, depois chupava minha boceta inteira em sua boca.

Arqueei, o desejo se transformando em dor desesperada, precisando dar à sua língua molhada mais acesso à minha boceta gananciosa. Sua língua encontrou meu clitóris.

A ponta circulou ao redor da protuberância apertada em um ritmo provocador e torturante. Ele afundou o dedo médio profundamente na minha boceta. Desavergonhadamente, minhas paredes se agarraram a ele como se para salvar sua vida, implorando por mais.



— Olha como você está encharcada — ele murmurou, lambendo meu clitóris mais rápido, um grunhido depravado saindo do fundo de sua boca. — Como você é apertada *pra* caralho. Nunca fodi um buraco tão pequeno na minha vida.

O seu dedo começou a trabalhar na minha boceta, e eu não pude evitar.

Soltei: — Quantos buracos você fodeu?

*Como um homem horrorizado com o toque humano perde a virgindade? Álcool? Drogas? Puro sofrimento?*

Essas perguntas me consumiram por semanas.

Zach acrescentou outro dedo, penetrando em mim com força punitiva, quase ao ponto do desconforto, mas não exatamente.

— Promete não rir? — ele rosnou em minha boceta, devorando meu clitóris, minha fenda, minha parte interna das coxas com a fome de um homem faminto.

— Promessa.

— Bonecas sexuais. — Sua boca parou sobre minha pele, sua respiração difícil batendo seu peito na parte de trás das minhas coxas. — Plástico. Sintético. Frio. Eu precisava cuidar das minhas necessidades.

— É isso?

Meu coração cresceu, expandindo-se para o tamanho da miséria de Zach, querendo engolir cada gota de angústia que ele já sentiu e carregá-la eu mesma.

— É isso. — Ele desatou a fita Chanel para me libertar e deu um beijo quente na parte de trás do meu joelho, fechando os olhos ao admitir. — Fora isso, completa e absolutamente virgem.

Estendi a mão entre nós para colocar a mão nos nós dos dedos dele, onde ele ainda me tocava. — Bem.

Ele parou, olhando para mim com olhos cheios de luxúria. Seu rosto era tão infantil, tão absurdamente deslumbrante que achei difícil

conter as lágrimas.

— Não há nada de patético em você. — Tracei sua mandíbula com a ponta de um dedo. — Eu ficaria muito honrada em tirar sua virgindade, Sr. Sun, se você me desse.

Ele ofereceu um sorriso torto. — É toda sua, Srta. Ballantine.

Olhei entre nós para sua mão que pairava ao lado da minha boceta. — Posso ensinar alguns truques?

Seu pomo de adão rolou com seu aceno.

— Normalmente... — Ele fez uma pausa. — Minhas *parceiras* não são muito boas em me dar dicas. Nenhuma delas tinha boca.

Revirei os olhos, tentando não rir. — Deixe-me mostrar a você.

Guiei seu dedo indicador de volta para minha boceta.

— Agora enrole quando chegar ao fim. Sim, assim. — Eu me movi, meus sucos cobrindo nossos dedos. Um arrepio de prazer cresceu dentro de mim. — Aqui. Dentro e fora. Quando você torce assim, atinge meu ponto G. — Joguei minha cabeça para trás, gemendo. — *Sim*.

Seu olhar se agarrou ao meu rosto enquanto ele trabalhava em minha boceta, seus lábios inchados por me comer. Eu não aguentei. Seu desejo de tornar isso bom para mim. Essa ânsia infantil de aprovação.

Agarrei suas bochechas e puxei-o para mim, beijando-o selvagememente, saboreando meus sucos em sua língua, a chuva em sua pele.

A condensação embaçou as janelas. Ele continuou me dedilhando, seu pau pressionado na parte de trás da minha coxa, quente e pronto, a coroa úmida.

O cheiro de sexo encheu meu carro e eu sabia que nunca conseguiria me livrar dele. Cada vez que o dirigisse, pensaria nesse momento.

Meu orgasmo começou a crescer, girando sob meu umbigo.

Zach colocou um dos meus mamilos na boca, chupando e roçando-o com os dentes superiores. Ele fez uma pausa para olhar para mim, apoiando o queixo no vale entre meus seios.

— Como pode uma criatura ser tão perfeita? — Seu dedo se moveu mais rápido dentro de mim, sua saliva espalhou-se pelo meu peito. Ele mudou do meu seio esquerdo para o direito, sugando-o em sua boca. — Como é que eu não consigo parar de tocar em você?

Peguei seu pau na minha coxa, esfregando-o. — Continue. Mais rápido.

— Não. Eu preciso foder você — ele rosnou, os lábios voltando para minha boca, beijando-me com uma necessidade frenética e animal. — *Agora.*

— Você tem preservativo?

Sua boca deslizou para minha garganta, beijando e mordiscando. — Eu vou tirar.

O orgasmo cresceu entre minhas pernas. Parecia que estava fluindo em um penhasco, esperando que a gravidade alcançasse.

— *Zachary.* Não vou deixar você me foder sem preservativo.

Seus lábios retornaram ao meu mamilo. — Mesmo se eu pedir muito bem?

— Mesmo assim.

— Mesmo que eu esteja disposto a presentear você com todas as obras de arte que possuo, exceto os pingentes?

— V-você faria isso? — Eu engasguei, meus músculos tremendo quando um clímax ressoou pelo meu corpo.

— Eu sou um homem desesperado e você é uma mulher teimosa.

Mas eu estava muito ocupada desmoronando em um trilhão de pedaços para responder. Assim que comecei a gozar, ele parou de me tocar, segurando minha boceta e pressionando-a com força com a base da palma da mão.

Eu gemi tão alto que as baleias no Oceano Pacífico deviam ter interpretado isso como um sinal de socorro.

— Eu posso sentir seu esperma. Porra. Está cobrindo minha palma. — Zach enterrou o rosto no meu ombro, esfregando o pau na parte de trás da minha coxa. — Isso é lindo. *Você é linda.*

Ele ficou de joelhos, lentamente desprendendo minhas pernas de seus ombros, levantando a palma da mão que segurava minha boceta entre nós. Estava coberta com meus sucos.

Mordi meu lábio inferior, recusando-me a me sentir envergonhada. Ofeguei forte por causa do orgasmo, nosso suor se misturando.

Zach levou a mão ao meu rosto. — Viu o que você fez?

Eu balancei a cabeça.

— Agora lamba.

Lambi. Com um nível de entusiasmo que deveria ter sido reservado para salvar a nação inteira da invasão alienígena.

Havia algo incrivelmente sexy em lambar meu próprio desejo por ele. Quando terminei, ele inspecionou a palma da mão através dos olhos semicerrados, sorriu e depois mergulhou para me beijar.

Nossas línguas se entrelaçaram. Nós gememos durante o beijo, abraçados pela vida.

Todo o meu corpo estava destruído, tanto com o orgasmo como com a posição em que o tive, mas ainda assim queria retribuir o favor. Para dar-lhe a liberação que ele precisava desesperadamente.

Final, ele era humano – não importava o quanto negasse isso a si mesmo.

Eu o empurrei de cima de mim. Ele rolou de volta para o banco do passageiro, seguindo meus movimentos com olhos sedentos.

Destranquei a porta, contornei o carro e abri o lado do passageiro, esticando um dedo. — Levante-se.

— Você está me abandonando na floresta? — Zach apertou seu pênis, tentando domar sua ereção, pescando sua cueca boxer no escuro. — Porque posso garantir, pequena Octi, já estou sofrendo aqui

— Vamos cuidar do seu problema sem fazer sexo — anunciei, agarrando sua mão e puxando-o para fora.

Ele parecia bem em tocar – em *me* tocar, pelo menos. Orgulho encheu meu peito pelo quão longe ele chegou.

Através do brilho fraco dos faróis, notei o ceticismo em sua sobrancelha levantada, mas ele ainda me agradou.

Fechei a porta atrás dele e o empurrei contra ela, beijando-o. Nós dois ainda estávamos nus, só com roupas íntimas.

A qualquer momento, alguém poderia nos pegar.

A simples ideia de ser vista me emocionou. Mas eu era diferente de Zach – flertava com o perigo o tempo todo. Eu sabia que estava ultrapassando seus limites.

O que eu não entendi foi por que ele me deixou.

Zach olhou ao redor enquanto eu me ajoelhava. O cascalho cavou minha pele. Empurrei sua Calvin Klein preta ainda mais para baixo.

Seu pau quente pulsou na minha mão, tão grande que eu não conseguia nem segurá-lo.

— Eu preferiria fortemente não ser pego com meu pau na boca da minha governanta — ele murmurou, passando os dedos pelos meus cabelos, puxando-me para mais perto, contrariando suas palavras. — Este é um nível de depravação que apenas políticos brancos de meia-idade podem pagar, Octi. Fique de pé. Faremos isso em outra hora...

Mas antes que ele terminasse a frase, agarrei a base do seu pau e o guiei até a boca, lambendo até a ponta.

— Deixa para lá. — Ele passou a mão pelo rosto, sibilando: — Parece que vou destruir minha reputação, junto com todos os outros princípios que já defendi. É realmente surpreendente como *sua* boca está *me* causando problemas.

Uma risada borbulhou na minha garganta, mas eu a controlei, chupando metade do seu pau em minha boca.

Eu queria mais, mas ele nunca caberia.

Ele envolveu meus cachos selvagens em torno de seu punho duas vezes, inclinando minha cabeça assim que começou a empurrar em minha boca. — Porra, Octi, você é tão boa.

Observei seu rosto através de uma cortina de cílios enquanto balançava a cabeça para frente e para trás, saboreando seu sabor – terroso e cítrico.

— Mais, Farrow. É isso. — Ele empurrou os quadris para frente, implorando-me para colocar mais de seu pau na minha boca. — Uma garota tão boa.

Eu sorri em torno de seu pau.

Ninguém nunca me acusou disso *antes*.

— Você é muito grande — consegui murmurar. — Nunca vai caber.

— Nós vamos fazer isso caber. Prometo.

— É enorme.

— Vamos tentar um centímetro de cada vez.

Fácil para ele dizer.

Não era ele quem teria que acomodar tantos centímetros.

Abri mais minha boca, inclinando meu queixo para cima enquanto ele agarrava seu pau e se guiava mais fundo em minha boca. Sua ponta atingiu o fundo da minha garganta.

Meus olhos arderam de lágrimas, meu reflexo de vômito ativado. Eu reprimi, desesperada para fazê-lo se sentir bem.

Ele parou de repente, seu corpo ficando tenso. Seu pacote de seis era uma loucura. Cada vez que respirava, ele se contraía.

Ele acariciou minha cabeça, quase com reverência. — Você está

bem para pegar mais um pouco?

Eu balancei a cabeça.

*Por que você está balançando a cabeça? Ele vai empurrar suas amígdalas para os pulmões.*

— Tem certeza?

Como eu não podia falar perto de seu pau, mostrei-lhe o dedo em vez de responder.

Zach riu, sua voz rouca penetrando em meu sistema, aquecendo-me em uma noite tão fria. Ele pressionou ainda mais fundo. Seu pênis se curvou no formato da minha garganta.

Respirei pelas narinas e tentei regular a respiração. Eu estava literalmente engasgando com seu pau.

— Você é tão sexy — ele murmurou, e todo o meu coração derreteu em uma poça de gosma no meu estômago. — Eu quero foder sua boca com tanta força que você nunca mais conseguirá fechá-la.

Eu segurei suas bolas, um aviso para ele consertar sua conversa suja. Ele gemeu, deixando a cabeça cair para trás enquanto avançava ainda mais. Ele estava dentro da minha boca agora. Demos um tempo para nos ajustar à situação.

Ele brincou com o cabelo da minha nuca. — Posso empurrar?

Eu o senti vazando pré-sêmen na minha garganta, uma gota de cada vez. Todo o seu corpo tremia.

Dei-lhe um leve aceno de cabeça, tanto quanto pude. Ele começou a empurrar, fodendo minha boca sem piedade enquanto me segurava pelos cabelos.

Apoiei uma mão na porta do passageiro atrás dele, delirando de desejo. Com minha mão livre, alcancei entre minhas pernas, girando meu clitóris com meu dedo indicador enquanto chupava, mordiscava e cuspiava em seu pau enquanto ele enchia minha boca.

As estocadas de Zach tornaram-se mais bruscas, ele segurou meu cabelo com mais firme enquanto eu esfregava meu clitóris com mais

rapidez e força.

— Eu vou gozar em baldes — Zach gemeu. — Eu preciso sair agora.

Eu balancei minha cabeça freneticamente, liberando a porta e segurando suas nádegas de ferro em minha mão, choramingando quando me senti gozando. Eu queria que ele gozasse na minha boca.

— Não sou um homem que acredita, Farrow. — Zach enterrou as duas mãos no meu cabelo, inclinando minha cabeça ligeiramente para cima para olhar para ele. — Acho difícil acreditar que a natureza seja capaz de perfeição tão real quanto você.

Seu esperma lavou minha boca.

Eu gorgolejei com o líquido espesso e quente. Ele grudou nas paredes da minha garganta como mel.

Ele me colocou de pé, ele próprio instável. Lutei para ficar de pé, os joelhos parecendo gelatina sob o peso do meu próprio clímax.

Eu estava aproveitando a euforia do orgasmo quando ele me endireitou e agarrou minha nuca. — Eu quero fazer coisas sujas com você, para você e por você. E vou começar com isso.

Ele me lambeu com força, beijando-me até perder o fôlego, minha boca ainda cheia de seu esperma.

Escorria dos cantos dos meus lábios enquanto nos beijávamos, mordíamos e beliscávamos, gemendo na boca um do outro. Descendo pelo queixo, grudando na pele como cola na noite gelada.

Estávamos emaranhados por toda parte – membros, dedos, cabelos, línguas.

Eu não conseguiria impedir esse acidente de trem, mesmo que quisesse.

Este homem sombrio e torturado me prendeu sob seu feitiço, e eu iria deixá-lo me usar.

Só que isso não era nenhum feitiço.



Era magia negra.

# CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

*Zach*

**Romeo Costa:**

Então? Vocês fizeram as pazes?

**Ollie vB:**

Houve sexo de reconciliação envolvido?

**Ollie vB:**

(Também: de quem estamos falando?)

**Romeo Costa:**

A governanta gostosa apareceu na minha porta ontem à noite, encharcada como uma gatinha abandonada, pedindo abrigo.

**Zach Sun:**

Tivemos um leve desentendimento.

**Zach Sun:**

Nós resolvemos isso.

**Ollie vB:**

Você pediu suas bolas de volta?

**Romeo Costa:**

Não seja ridículo, Oliver.

**Zach Sun:**

Obrigado, Rom.

**Romeo Costa:**

Ele não tem coragem de fazer tal pedido.

**Zach Sun:**

Vocês dois têm cinco anos mentalmente.

**Ollie vB:**

Mentira. Estou claramente no auge da minha adolescência cheia de hormônios.

**Ollie vB:**

Provavelmente algo entre treze e dezenove.

**Ollie vB:**

Ainda não consigo superar o fato de que você está fodendo a governanta.

**Zach Sun:**

Ainda não consigo superar o fato de você ter dado a uma mulher que literalmente não conhece dois de seus cinco cartões Amex.

**Romeo Costa:**

REPETE?

**Ollie vB:**

Eu fiz.

**Ollie vB:**

Três vezes. Hoje sozinho. Para as fotos do IG de Frankie.

**Ollie vB:**

Ela está na Costa Rica, tomando sol, usando biquínis minúsculos.

**Ollie vB:**

O melhor dinheiro que já gastei.

**Ollie vB:**

Além disso, como você descobriu?

**Zach Sun:**

Farrow tem uma boca.

**Ollie vB:**

Ela deveria usá-la para chupar mais seu pau e falar menos sobre meus negócios.

**Zach Sun:**

Você não precisa de um emprego para ter um 'negócio'?

**Ollie vB:**

Como Farrow conhece Frankie?

**Romeo Costa:**

Dallas e Frankie levaram Farrow para uma comemoração de aniversário.

**Ollie vB:**

Uau. OK.

**Ollie vB:**

Não vou fingir que não estou magoado com a falta de pedidos para eu ser o stripper que salta do bolo.

**Zach Sun:**

A última coisa que sua ficha criminal precisa é que você pule de lugar completamente nu.

**Ollie vB:**

Minha liberdade condicional acabou e isso foi totalmente consensual, muito obrigado.

**Ollie vB:**

Eu já disse. Ela ficou brava porque esqueci o nome dela.

**Romeo Costa:**

Pause esta conversa por um segundo.

**Ollie vB:**

Por quê? Você tem algo importante para nos contar?

**Romeo Costa:**

Não. Estou fazendo pipoca para isso.

**Ollie vB:**

[Emoji revirando os olhos]

**Ollie vB:**

Então... onde ela está agora?

**Romeo Costa:**

Frankie? Provavelmente no jardim de infância, aprendendo letras e cores.

**Ollie vB:**

Farrow, seu porco.

**Romeo Costa:**

Na minha sala com Shortbread.

**Romeo Costa:**

Elas parecem estar fazendo bonecos de vodu.

**Romeo Costa:**

Meu erro.

**Romeo Costa:**

Acabei de ser informado que elas começaram a fazer crochê.

**Romeo Costa:**

Merda, elas são muito ruins nisso.

**Romeo Costa:**

Dallas acabou de terminar um gorro e parece um aquecedor de pau.

**Zach Sun:**

Sinceramente espero que você não queira dizer isso.

**Romeo Costa:**

Ouça, Dallas gosta de esquiar. Esta é uma zona sem julgamento.

**Ollie vB:**

Três horas não é hora de trabalho para Farrow?

**Romeo Costa:**

Duvido que a descrição de seu trabalho atualmente incluía qualquer coisa além de colocar o pau de Zach em todos os buracos disponíveis em seu corpo.

**Zach Sun:**

Objetifique-a mais uma vez e você se verá com uma faca na mão como Brett Junior.

**Ollie vB:**

Ah. Zachy Boy, você não deveria se apegar.

Você está noivo.

**Romeo Costa:**

Esse noivado será mais curto que a carreira de Vanilla Ice.

**Zach Sun:**

Vanilla quem?

**Romeo Costa:**

Exatamente.

**Ollie vB:**

Você consegue parar de dizer a palavra Vanilla?

**Ollie vB:**

É muito estimulante para mim.

**Romeo Costa:**

Por quê?

**Ollie vB:**

Lembra-me do sexo missionário.

**Zach Sun:**

Estou levando adiante o casamento.

**Romeo Costa:**

Você não acabou de pagar um adiantamento de 100 mil para Dan? Para os honorários advocatícios de Farrow?

**Zach Sun:**

Isso não vem ao caso.

**Ollie vB:**

Ok, @RomeoCosta, quem vai contar a ele?

**Romeo Costa:**

Eu não.

**Romeo Costa:**

Imagine como será hilário quando ele descobrir.

**Zach Sun:**

@RomeoCosta, você pode dizer a Farrow para voltar para casa?

**Romeo Costa:**

Espere.

**Romeo Costa:**

Ela disse que não tem casa, que mora no quarto de hóspedes do patrão e que está se divertindo muito com minha esposa para voltar hoje.

**Romeo Costa:**

Tente novamente amanhã.

**Ollie vB:**

Esse relacionamento é a melhor coisa que já aconteceu neste mundo desde o pão fatiado.

**Zach Sun:**

Eu não como carboidratos.

**Ollie vB:**

Você realmente deveria. Você é temperamental pra caralho.

**Zach Sun:**

Eu odeio todos vocês.

**Romeo Costa:**

De jeito nenhum.

**Romeo Costa:**

Não Farrow.



# CAPÍTULO CINQUENTA

## *Zach*

Até agora, nunca tinha entendido por que os gregos invadiram Tróia por Helena.

Acordei pronto para justificar uma ou duas guerras se isso significasse afundar meu pau nos lábios carnudos de Farrow novamente.

Comecei minha manhã cedo, passando metade dela me perguntando quando poderia ir para a segunda rodada.

Depois do treino com Oliver e Romeo, fui para minha biblioteca com meu melhor terno. Era patético usar um colete sob medida enquanto trabalhava em meu escritório em casa para impressionar a porra da minha *governanta*, mas há muito tempo eu havia ultrapassado o orgulho.

(Eu já passei por muitas coisas desde que provei a boceta de Fae.)

Enquanto me dirigia para o escritório, passei o dedo pelo telefone e localizei cinco chamadas perdidas. Três da mamãe. Duas de Eileen.

A irritação tomou conta de mim. Incluímos uma cláusula em nosso acordo que limitava mensagens de texto, ligações e conversas. Fiz uma nota mental para lhe enviar uma cópia anotada do contrato de noivado.

Ignorei as ligações, respondi a uma série de e-mails de Dan, Bryan e Deanne e escrevi um e-mail de acompanhamento para o investigador particular.

Isso precisava ser uma operação com todos os envolvidos. Octi merecia aniquilar Vera e eu pretendia garantir meu legado com Farrow.

Sua herança completa, a casa, a empresa de limpeza e um pacote

de indenização para ajudá-la a elevar seu negócio a uma escala monstruosa.

Ou, de preferência, aposentar-se.

A ideia dela limpando a casa de outro idiota com seu uniforme sexy me fez querer colocar fogo em toda a cidade.

(Veja: Guerra de Tróia.)

— Sr. Sun. — Natalie saiu do banheiro, os saltos batendo no chão enquanto ela se precipitava em minha direção. — Bom dia.

Como fazia reuniões de negócios nesta ala, permitia sapatos nesta zona da mansão.

— Discutível. — Mantive meu ritmo, mesmo enquanto ela lutava para acompanhar meus passos mais longos. — O que você tem para mim?

Continuei olhando meu telefone, tolamente esperando que... o quê? Farrow decidiria de alguma forma que queria uma rapidinha na lavanderia?

Eu precisava colocar minhas expectativas em ordem. Duas noites atrás, implorei para transar com ela sem preservativo.

O que teria acontecido se eu a tivesse engravidado?

*Para começar, você seria libertado da cadeia que é o seu futuro casamento com Eileen.*

Balancei a cabeça, não deixando meus pensamentos se afastarem tanto da realidade. Eileen era um fato, não uma opção.

Ela faria mamãe feliz.

Ela cumpriria minha promessa ao papai.

Deixando tudo isso de lado, ela era segura.

Com ela, eu nunca correria o risco de levar um boquete, nu na floresta como um adolescente com tesão.

Nunca esfaquearia alguém porque ousou *pensar* em tocá-la.

Nunca seria consumido por cada respiração que ela respirasse, cada sorriso que ela sorrisse, cada pequena peculiaridade que ela captasse.

— Você tem uma reunião no Zoom às dez horas com a CIRPE Corp, um brunch às onze e meia no centro da cidade com os acionistas da TechT e um voo doméstico às duas horas para Chicago para assinar um contrato finalizando o acordo da GoProBono. Fora isso, você terá um jantar questionável com Constance e Celeste naquele novo restaurante indonésio em Rockville Pike, se puder. — Natalie conseguiu acelerar minha lista de uma só vez.

— Eu não vou conseguir. Envie-lhes minhas desculpas e pague a conta no meu cartão.

Eu não via Farrow há vinte e quatro horas. Entrar na sua calça era de extrema importância. Antes da respiração e outras funções físicas obrigatórias.

Eu tinha comprado preservativos suficientes para durar uma década em todo o distrito da luz vermelha.

Empurrei as portas duplas do meu escritório. — Certifique-se de terminar meus arquivos, lavagem a seco e compras antes das cinco. Quero a casa só para mim.

*Tradução: quero transar pacificamente com a boceta de Farrow em vários lugares da casa, sem ser condenado ao mundo como um perverso.*

Natalie torceu o nariz. — E se eu não tiver tempo para terminar tudo?

— Termine amanhã.

— Mas eu-

— Não estou perguntando, Natalie. Estou ordenando. — Parei na soleira. — Se você não gosta dos termos do seu emprego, posso sempre oferecer seu cargo a alguém igualmente incompetente.

Ela fez beicinho. — Você nunca parece se importar quando Farrow responde.

*Isso porque ela comanda o show e você é apenas uma figurante nele.*

Em vez de responder, fechei a porta na cara dela.

Antes de me instalar em minha cadeira executiva, fiz uma parada em meu interminável jogo Go com Fae. Ela havia movido uma pedra na noite passada, o que significava que ela voltou para casa em algum momento.

Saber que ela dormia do outro lado do corredor me satisfez estranhamente.

Peguei uma pedra da minha tigela e coloquei-a no tabuleiro. Eu abriguei dois prisioneiros dela. Afinal, eu ganharia o jogo nos próximos dias.

— Tola, Octi. Nesse ritmo, vou conquistar todo o seu reino.

Lutei contra um sorriso amargo, sabendo, no fundo, que era eu quem estava sendo capturado.

# CAPÍTULO CINQUENTA E UM

## *Zach*

Como todas as rajadas de esperança, a minha teve uma morte lenta e cruel.

Eu *esperava* outro boquete de Farrow antes do almoço.

Em vez disso, recebi inúmeras interrupções de Natalie, impedindo minhas videoconferências e ligações de negócios agendadas.

Então, mamãe apareceu para reclamar da minha falta de resposta, pedindo-me para baixar um aplicativo de rastreamento caso eu acabasse em uma vala em algum lugar.

Lágrimas genuínas vazaram de seus olhos, e eu sabia que a ansiedade latente ao saber do acidente nunca a abandonou.

Oliver veio em seguida com um pedido absurdo para emprestar minha casa para uma orgia. Eu o expulsei, literalmente, mas ele apenas girou, pedindo-me para fazer isso de novo – com mais força.

E *ainda assim*, nenhum sinal de Octi.

Verifiquei as câmeras de vigilância.

Corredores. Cozinhas. Áreas de convivência.

Em lugar nenhum.

*Pare com essa obsessão. Concentre-se no seu trabalho.*

Duas horas depois, isso se mostrou impossível. Tentei me dar a desculpa de que estava verificando uma funcionária indisciplinada enquanto me levantava da cadeira e me dirigia ao quarto dela.

Bati na porta dela, sentindo-me um idiota certificado. Era *minha* casa. Ela estava na *minha* folha de pagamento.

Por que eu me sentia tão fora de controle?

— Farrow. Eu sei que você está aí. — Nenhuma resposta.

Pressionei meu cotovelo na porta, minhas narinas dilatadas. — Seu carro está estacionado na frente – onde *eu* deveria estar estacionando, aliás – e todos os meus lanches saudáveis foram consumidos durante a noite.

Finalmente, sua voz sem remorso veio do outro lado da floresta. — As bolas energéticas de caju são ótimas. Você precisa comprar mais delas.

Ela falou com seu atrevimento característico, mas percebi algo frágil. Suave, até.

Meus pelos subiram até o céu.

— Octi? — Repassei as últimas quarenta e oito horas, vasculhando minhas memórias. — Fiz algo de errado?

— Surpreendentemente, não. Não é você.

— Posso abrir a porta?

— Prefiro que você não me veja assim.

— Como?

— Vulnerável.

— Farrow. — Fechei os olhos, respirando fundo. — Eu mostrei a você o meu lado mais sombrio e depravado. Descobri minha alma para você. Tudo o que estou pedindo é para dar uma olhada no seu.

O mundo girou em seu eixo enquanto eu esperava pela resposta dela.

Finalmente, ela disse: — Você pode entrar.

Empurrei a porta e entrei, fechando-a atrás de mim. Natalie estava escondida em algum lugar da casa – Constance também, talvez – e eu me sentia protetor em relação à privacidade de Octi.

Ela estava deitada na cama, as longas pernas emaranhadas nos lençóis de cetim, o rosto enterrado em um travesseiro.

Ela não usava nada além de um moletom enorme, de alguma forma parecendo mais linda do que qualquer garota que eu já vi em

um vestido de baile. Seus cabelos dourados espalhados pela franha como raios líquidos de sol.

Algo apertou meu peito ao vê-la.

*É melhor que seja um ataque cardíaco, Zachary,* avisou a voz da minha mãe dentro da minha cabeça.

Corri para a cabeceira dela. — O que aconteceu?

Eu nunca a tinha visto chorar ou algo parecido. Na verdade, uma das razões pelas quais esta mulher me atraiu tanto foi o facto de ser mais forte que o tungstênio.

— Quem fez isso para você? — eu exigi.

Minhas mãos encontraram suas costas, esfregando-as para frente e para trás enquanto me sentava na beira do colchão.

Com o rosto ainda enterrado no travesseiro, ela tirou o telefone de debaixo do peito e o jogou perto da minha mão. — Foi com isso que eu acordei.

Um artigo do *New York Times* apareceu na tela, com a manchete em negrito.

*FARROW BALLANTINE:*

*PRODÍGIO, TALENTO, TRAPAÇA.*

— Confira a aba de notícias em meu nome. — A seda abafou seu gemido – não exatamente um grito, mas um sinal de sua evidente infelicidade. — Basta ter um balde pronto caso precise vomitar.

Dezenas de manchetes escandalosas apareceram em todos os principais sites.

*FARROW BALLANTINE OFICIALMENTE FORA DAS OLIMPÍADAS POR  
PARTIDA PERDIDA.*

*A ESGRIMISTA FARROW BALLANTINE PERDEU DE PROPÓSITO – A  
EQUIPE DOS EUA DEVERIA DAR A ELA OUTRA CHANCE?*

*FARROW BALLANTINE ‘TRAPACEOU’ O SISTEMA:*

Nada nessas manchetes me surpreendeu.

Eu descobri tudo isso em meu mergulho antes de contratá-la.

Pouco antes de retornar aos Estados Unidos, Farrow jogou sua última partida em Seul.

A pequena trapaceira de alguma forma conseguiu manter o assunto em segredo, lidando com isso internamente com a Esgrima dos EUA e o Comitê Olímpico.

*O que eu não sabia como ela tinha feito.*

A mulher tinha menos conexões do que um telefone pré-pago.

— Meu futuro como esgrimista está feito. Estou frita. — Ela se mexeu, abraçando o travesseiro contra o peito. — Nunca vou chegar às Olimpíadas agora.

Verifiquei sua bochecha em busca de umidade.

Nada.

Ainda assim, ela fungou, lutando contra uma nova onda de lágrimas.

— Você precisa me contar o que aconteceu, Octi. Do começo. — Afastei o cabelo do rosto dela, principalmente como desculpa para tocá-la. — Acha que você pode fazer isso?

Ela rolou de costas. Eu tive um vislumbre completo de seu rosto agora. Nariz rosado, olhos injetados, cabelo desgrenhado.

Cerrei os punhos para me impedir de quebrar alguma coisa.

Farrow lambeu os lábios. — Promete não julgar?

*Quem precisa de julgamento sou eu.*

*Para meu horror, você poderia colocar o mundo inteiro em chamas e eu seguraria a porra dos seus brincos e torceria por você do lado de fora.*

— Promessa de mindinho.

Ela se levantou, encostando as costas na cabeceira da cama



enquanto espiava para mim.

Seus dentes afundaram em seu lábio inferior. — No meu último dia em Seul, fiz algo... ruim.

— Elabore.

— Recebi um telefonema informando que meu pai tinha morrido em um acidente estranho. Uma tia distante me contou. Não Vera. Não Reggie ou Tabby. — Seu olhar caiu para seu colo. — Tentei entrar em contato com Vera por e-mail e telefone. Até mandei uma vizinha bater na porta dela, mas ela se esquivou.

Amaldiçoei, passei um braço em volta da cintura de Fae e a carreguei para o meu colo, seu cabelo caindo pela minha perna como uma cachoeira dourada.

Fae piscou para mim, relaxando em minhas coxas. — Mais tarde naquele dia, descobri que ela havia cancelado o cartão que meu pai preparou para eu usar na Coreia. Ela também esvaziou minha conta bancária conjunta, incluindo minhas economias pessoais que eu mantinha lá. Ela sabia que eu não conseguiria comprar uma passagem de avião para casa sem aquele dinheiro.

Passei as pontas dos dedos pela sua cabeça, massageando seu couro cabeludo, principalmente para me distrair da raiva que fervia dentro de mim.

Fae descansou sua bochecha contra meu abdômen. — Ela não me queria no funeral do papai. Provavelmente para me machucar, mas com a vantagem adicional de convencer as pessoas de que não me importei quando ela apresentasse o testamento.

Seus olhos com bordas rosa brilhavam com lágrimas não derramadas.

Para minha sorte, Vera não estava nem perto de nós. Passar o resto da minha vida no corredor da morte parecia uma existência deprimente.

Amassei um nó em seu pescoço, deslizando meu polegar por sua coluna, na esperança de aliviar sua tensão. — Todo mundo que

conhece você sabe que você ama seu pai.

— Ninguém aqui realmente me conhece, exceto você. — Ela torceu o nariz, enxugando as lágrimas que se recusavam a derramar. — Eu tinha opções. Não vou fingir que não. Ari tem um chaebol<sup>18</sup>. Herdeira de uma fortuna gigantesca. Eu poderia ter pedido um empréstimo a ela. Ela nem me pediria para pagar de volta. E meus outros amigos esgrimistas teriam contribuído para uma passagem de avião se eu lhes dissesse que precisava do dinheiro.

Minha mão subiu por sua nuca até seu queixo agora, apenas tocando-a.

Maravilhado com o fato de que eu poderia.

Maravilhado com o fato de ela ter me deixado.

E sabendo que precisava fazer algo com isso, ou caçaria Vera Ballantine.

— Mas eu era tão... *orgulhosa*. — A expressão de Fae escureceu, seu olhar fixo em um ponto invisível no teto. — Meu orgulho não me deixava implorar por dinheiro. Nem mesmo para comparecer ao funeral do meu pai.

Ela se curvou de lado, enterrando o nariz na minha barriga. — Passei minha vida inteira indefesa contra Vera, Reggie e Tabby. Mas isso marcou minha primeira luta contra elas sem papai atrás de mim. Eu queria mostrar a elas que eu poderia me defender.

A vergonha escorria de seus poros. — Eu não estava pensando direito. — O tecido da minha camisa abafava sua voz. — Eu tinha acabado de perder meu pai. Eu estava falida, do outro lado do mundo, com dois dias para conseguir uma passagem para casa. Eu não conseguia ver o futuro. Não com minha carreira de esgrima. Não com as Olimpíadas.

Os dedos de Farrow fecharam-se em punhos apertados contra a minha coxa. — No dia em que papai morreu, ele deveria voar para a Coreia em horário noturno. Para me assistir na minha competição. Minha última luta antes de voltar aos EUA para as eliminatórias

olímpicas. Entra Laura Müller. Rica, jovem e talentosa, mas nem de longe com o nível de habilidade necessário para me vencer.

Ela respirou fundo, as pontas das orelhas ficando rosadas. — O pai dela me abordou semanas antes, insinuando que queria fazer um acordo. Que a competição não significava nada para mim, já que eu ainda chegaria às eliminatórias norte-americanas, venceria todos lá e garantiria minha vaga na equipe dos EUA.

Eu desenrolei seus punhos, acalmando as marcas de unhas em sua palma.

— Mas para Laura... vencer uma esgrimista como eu lhe daria confiança para competir nas eliminatórias europeias. — Os ombros de Fae ficaram tensos. — Claro, eu disse não. Aí continuei minha vida como se nada tivesse acontecido.

— Mas naquela manhã da competição, eu me preparei, a poucos dias do funeral do papai, sem como chegar lá. — Ela engoliu em seco, fechando os olhos. — Sentei-me no vestiário e pensei... *o que poderia doer?* Então, fechei um acordo...

Uma lágrima solitária rolou de seu olho direito, escorrendo por sua bochecha e desaparecendo dentro de seu moletom.

— Concordei em perder a partida em troca de uma passagem para DC e honorários advocatícios ilimitados. — A mandíbula de Fae se contraiu. — Eu sabia que Vera faria algo suspeito com o testamento. Que eu precisaria de um advogado. Parecia tão fácil. Tão inofensivo. Ninguém deveria descobrir.

Tracei a ponte do nariz dela. — Como eles *descobriram?*

Eu assisti àquela partida várias vezes no YouTube depois que Tom me deu o relatório completo de Farrow. A dor óbvia alinhava-se em seus olhos injetados.

O locutor até notou o recente falecimento do pai de Fae. Para todos os efeitos, qualquer desempenho que ela fizesse – bom ou ruim – deveria ser verossímil.

Eu ainda não tinha descoberto essa peça que faltava no quebra-

cabeça. Como Farrow foi pega.

— Vera. — Farrow bufou. — De que outra forma?

*Eu vou matar essa mulher.*

Devagar. Dolorosamente. Com entusiasmo.

— Cheguei ao funeral do papai na hora certa. — Uma respiração instável sacudiu o peito de Fae. — Assim que eles começaram a baixar o caixão no chão. Joguei-me sobre ele e o abracei com força, chorando em cima dele.

Uma risada amarga subiu por sua garganta. — Foi uma grande cena. E a última vez que chorei. — Ela fez uma pausa, imersa em pensamentos. — Até agora. Até  *você*.

Pensamentos cruéis surgiram em minha cabeça.

Pensamentos inúteis e irrealistas.

*Deixe-me ser seu abrigo, Farrow Ballantine.*

*Deixe-me redimir você assim como me redimiu.*

Eu envolvi a mão dela na minha, apertando com força. — O que Vera fez?

— Fez uma cena enorme, é claro. Ela me arrancou do caixão e me jogou no chão. Seus parentes tiveram que tirá-la de mim. Então ela começou a gritar comigo. Que eu não tinha o direito de aparecer lá. Que não fui convidada.

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios de Farrow. — Eu bati palmas de volta, como sempre fazia. Foi assim que aterrissei no mundo em primeiro lugar. Ela ficou cansada dos meus modos – indisciplinados. — Sempre me recusei a deixar Vera, Reggie e Tabby me intimidarem.

Uma fita de orgulho envolveu meu peito. Costumava me frustrar o fato de Farrow se recusar a aceitar merdas – principalmente de mim. Mas passei a ansiar por sua ousadia, procurando-a todos os dias.

*Você está tão regamente fodido.*

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, Farrow suspirou. — Tabby gritou alto o suficiente para estourar meus tímpanos. *Mas como ela chegou aqui, mãe?* E Reggie soltou tudo. *Achei que você tivesse dito que esvaziou a conta bancária dela.* Um número suficiente de pessoas a ouviu para causar espanto na multidão.

— Então o que aconteceu?

— Vera me arrastou para trás de uma árvore e me disse que tinha falado com a mãe de Laura. Que ela tinha admitido o suborno. Eles devem ter deixado escapar porque a consideravam minha mãe de fato. Eles definitivamente não achavam que Vera iria correr ao comitê olímpico com a informação.

— O que aconteceu depois?

— Eles me multaram alto. Da noite para o dia, minha reputação desmoronou entre os funcionários. A equipe dos EUA me tirou das eliminatórias. A única razão pela qual a situação não piorou foi por causa de Andras. Todos o reverenciam.

— Ele nunca ganhou uma medalha. — Passei a mão pelo queixo, lembrando-me do dossiê que li sobre ele. — Nunca houve um esgrimista que ganhou um ouro olímpico.

— Ele é áspero nas bordas. Tem a personalidade de um engarrafamento. Só eu consegui ficar com ele. Mas isso não importa. Há uma lenda urbana na comunidade de que tudo que você precisa é de uma sessão com ele para ganhar a medalha. É verdade. As últimas quatro medalhistas femininas treinaram com Andras. Eles simplesmente não o aceitaram como treinador, porque ele é um idiota furioso.

— E Vera? Ela simplesmente varreu tudo para debaixo do tapete?

— Vera concordou em não correr para a mídia se eu permanecesse no meu caminho e fizesse todo o trabalho sujo dela.

O resto do quebra-cabeça se encaixou.

Por que Farrow se tornou a Cinderela 2.0.

Por que ela ainda praticava esgrima na esperança de competir nas Olimpíadas.

E por que ela passou a manhã chorando com sua chance oficialmente perdida.

— Nunca serei capaz de fazer isso profissionalmente. — Fae balançou a cabeça, ficando de pé e caminhando em direção à janela. — Esse sonho se foi. Morto. Assim como meu pai.

— Por que Vera vazou?

Fae se abraçou enquanto olhava para as roseiras. — Vera descobriu que tenho um investigador particular e um bando de advogados farejando. Ela encontrou Tom mexendo no lixo no meio da noite.

*Filho da puta.*

— Como você sabe?

— Ela me mandou uma mensagem.

A culpa disparou através de mim.

Eu trouxe Tom para sua vida. *Eu matei seu sonho de esgrima.*

Os ombros de Farrow cederam enquanto ela se abraçava com mais força. — Nem tenho certeza se Andras ainda trabalhará comigo. Eu era a chance dele de ganhar o ouro olímpico.

— Ele já entrou em contato com você?

Peguei o telefone dela, folheando os artigos desagradáveis. Essa história tinha pernas, ganhando velocidade à medida que conversávamos. Explodindo em todos os meios de comunicação. Tendências em todas as plataformas de mídia social.

Nenhuma chance no inferno. Andras tinha visto isso. A menos que ele tivesse tirado férias prolongadas em Marte.

Octi balançou a cabeça, virando-se para mim. Lágrimas fortes cobriam suas bochechas agora.

A fúria pura ferveu em meus calcanhares, aquecendo-me da

cabeça aos pés. — Farrow, pare de chorar — eu mordi.

O comando se espalhou pelas paredes como alcatrão pegajoso.

Eu não estava acostumado com isso. *Sentir*.

E com Farrow, eu sentia.

O tempo todo.

Que terrivelmente inconveniente. Eu odiava isso.

Para meu horror, os soluços de Fae ficaram mais altos.

Seus gemidos arranharam meu peito, rasgando minha carne em pedaços.

— Você não entende. — Ela caiu de joelhos, inclinando a cabeça para baixo para que eu não pudesse ver seu rosto. — Durante toda a minha vida, não tive muito em meu nome. Não uma família. Não uma casa. Eu tinha uma coisa: um sonho. Um destino. A pista olímpica.

Seu corpo vibrava com seus soluços. — Eu comprometi todo o meu ser com esse momento. Sonhei com isso todas as noites. Desejei isso todas as manhãs. Li todos os livros, estudei todas as técnicas... — Ela passou os braços em volta dos joelhos, enterrando o rosto neles. — Sem esse objetivo, não sei mais quem sou.

Fui até ela, afundando no tapete também, segurando seus ombros. Nem percebi que eu a toquei com facilidade agora. Que a deixei deitar no meu colo – não para me ajudar, mas para ajudá-la.

E eu queria tocá-la novamente. Muitas vezes.

— Escute-me, Farrow. — Eu cutuquei seu queixo com a ponta do dedo. — A esgrima é apenas uma das muitas camadas em você. Você não está reduzida a um único sonho. Você é uma lutadora. Uma empresária. Uma filha. Uma moralista.

Seus olhos se fixaram em mim, brilhando com lágrimas como duas safiras polidas.

Revirei os olhos. — Uma jogadora de Go um tanto decente.

Ela bufou, um pequeno sorriso brincando em seus lábios agora.

— Esgrima nunca definiu você, Octi. — Limpei suas lágrimas com meu polegar. — Isso lhe deu um lar quando você precisou.

*Mas você não precisa mais disso.*

*Você tem o meu.*

Jesus. De onde veio isso?

Afoguei esse pensamento tão rápido quanto ele veio, agarrando os ombros de Farrow. — Você não é mais uma criança indefesa. Você é capaz. Competente. Irritantemente inteligente. Em breve, você destruirá Vera. E ela sabe disso. Denunciando você para a imprensa? É uma demonstração de fraqueza. Ela piscou primeiro, Octi.

Farrow caiu de costas, agarrando a barriga. Eu fiz uma careta, perguntando-me o que ela achou engraçado das minhas palavras.

Algo estranho aconteceu. Uma lufada de ar que saía da ventilação fez cócegas em minha orelha, causando um arrepio no pescoço.

Parecia... *frio*?

Eu não sentia frio há anos.

Eu não sentia *muitas coisas* há anos. Isso – sentir o gosto do frio enquanto Farrow experimentava todas as emoções sob o sol – parecia o ponto alto da minha existência.

Farrow começou a soluçar, conseguindo parar por um segundo para dizer: — Quem imaginaria que seria *você* quem faria um discurso estimulante? — Ela agarrou o moletom, os ombros tremendo. — Sério, estou esperando Ari acordar há horas.

Apertei meus lábios, sem graça.

Mesmo assim, ela não conseguia parar de rir.

Caminhei até a porta, sem pressa, dando a ela a oportunidade de me impedir.

Ela fez.

— Espere. — Mais risadas. — Alguém já lhe disse que você pode ser um verdadeiro cavalheiro quando quer?



— Deus não. — Eu me virei, levantando uma sobrancelha para ela. — E não conte aos outros. Isso não será uma recorrência.

— Zach?

— Sim, Octi?

— Conte-me algo interessante sobre o polvo.

Eu não tive que pensar muito. Eu guardava essas curiosidades em meu cérebro especialmente para ela, porque sabia que ela gostava delas.

— Os polvos são criaturas tão inteligentes e cerebralmente superiores que, quando desprovidos de estimulação mental, ficam tão angustiados que recorrem à autofagia e comem seus próprios apêndices.

Ela piscou, olhando para mim com a cabeça inclinada. — Vou perguntar de novo – não poderia ser um gatinho?

— Não.

— Por quê?

— Porque você é espetacular, inteligente e diferente. Não um clichê.

Ela colocou o lábio inferior na boca, um rosa delicioso subindo por suas bochechas. Sua respiração saiu mais pesada.

Estávamos caminhando profundamente em algo que terminaria em destruição total.

— Zach? — ela perguntou novamente.

— Sim, Octi? — eu respondi novamente.

— O que acontece depois?

— Para meu próximo ato... — Eu agarrei sua mão e a ajudei a se levantar. — Vou queimar o mundo por você.

## CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

### *Zach*

Quebrei o protocolo.

O protocolo? Não me envolver com humanos, a menos que fosse absolutamente necessário.

Simples o suficiente.

Mesmo assim, eu me vi encurralando Vera Ballantine em um beco escuro como um clichê mafioso.

Disse a mim mesmo que ela praticamente me convidou, já que foi fácil de ser encontrada. Com selfies geo-marcadas em três plataformas de mídia social diferentes e reservas de backup sob o nome de cada uma de suas filhas abaixo da média.

Elas escolheram jantar em um daqueles restaurantes – orientais – horríveis e confusos em termos de gênero, que conseguiam convencer os influenciadores de que sua comida não era uma droga. O tipo que servia sushi, pad thai e pho sob o mesmo teto.

Eu me escondi em uma passagem estreita, esperando que elas terminassem. A última coisa que eu precisava era ser colado em um jornal de fofoca.

Cerca de uma hora depois de eu chegar, Reggie e Tabitha ficaram no restaurante enquanto a mãe saía para pedir seu Mercedes ao manobrista.

Vera entrou no beco, tirando um cigarro da bolsa Gucci.

Assim que as brasas laranja de seu bastão de câncer brilharam, pressionei a ponta da faca na parte inferior de suas costas, ainda escondido nas sombras.

Ela engasgou, tentando se virar. — O que diabos-

Enterrei a lâmina mais fundo em suas costas, forçando seu corpo

a bater de cara na parede. — Não precisa se virar, Vera. Eu gostaria de jantar hoje à noite, e seu rosto é um inibidor de apetite prescrito.

Ela engoliu em seco, sua bochecha cravando-se nos tijolos ásperos. — Zachary Sun?

— Ouça com atenção. — Ignorei sua pergunta, sabendo que ela não poderia me ver, especialmente no escuro. — Sua existência é atualmente um terrível inconveniente para mim. Pare de mexer com sua enteada.

— Farrow? — Ela se recostou antes de se lembrar da faca. — Aquela garota arruinou minha vida. Ela está tentando me derrubar...

— Eu não pedi uma palestra no TED. Eu lhe dei instruções específicas. Não se atreva a mexer com ela. Agora não. Não no futuro. Não importa o resultado da sua disputa. — Inclinei a faca, provocando-a com a lâmina. — Farrow Ballantine está sob minha proteção. Você sabe quem eu sou. Você sabe do que sou capaz.

*Farrow sairá vitoriosa disso nem que seja a última coisa que eu faça na minha vida.*

Eu precisava garantir que Vera não a atacasse depois. Eu não pretendia ficar perto da minha empregada para descobrir.

Vera tentou se virar novamente, segundos depois de bater os pés. — Você não entende.

Ao fundo, o manobrista perguntou ao colega de trabalho aonde ela havia ido.

O cigarro caiu de seus dedos trêmulos na calçada. — Vou ficar sem um tostão-

— Entendo. Perfeitamente. Eu simplesmente não poderia me importar menos. Farrow Ballantine está oficialmente fora dos limites para você. Mexa na vida dela mais uma vez e garanto-lhe que tomarei a sua.

— Você nunca vai me matar. — Uma risada miserável saiu de sua garganta. Ela tentou se virar novamente, mas desta vez encurvei a faca

na lateral de sua garganta, perdendo a paciência. — Você não arriscará sua vida por esse lixo branco.

— Você e eu não somos iguais, Vera. Eu não respondo perante a lei. Arruinar você é tão fácil quanto pedir comida para viagem.

— Sr. Sun-

Eu a interrompi, recusando-me a confirmar minha identidade, sabendo que ela nunca poderia provar suas suspeitas. — Eu me considero uma pessoa completa. Quando eu terminar com você, passarei para suas filhas.

— Por favor-

— Elas viverão em extrema pobreza, incapazes de se casar com alguém respeitável. Nós dois sabemos que elas são incapazes de sobreviver sozinhas. — Enterrei meu calcanhar em seu cigarro, amassando-o sob a sola. Morreu com um assobio. — Quando eu terminar com sua família, você vai se arrepender do dia em que decidiu formar uma e excluir Farrow dela.

Ela soluçou, lágrimas começando a escorrer de seus olhos. — Você é malvado.

Os manobristas ficaram impacientes, chamando o nome dela. Um deles pediu ao outro que corresse até o restaurante e buscasse as filhas.

Eu precisava encerrar isso.

— Sou — confirmei, completamente à vontade com sua observação. — Você ficará melhor se lembrar deste simples fato. Não só sou mais malvado que você, como também sou mais capaz. Considere este o seu primeiro e último aviso, Vera. Deixe Farrow em paz.

Ela começou a chorar e assentiu.

— Agora vire-se e volte para o restaurante. Olhe para trás e a última coisa que você verá antes de morrer será o brilho da minha lâmina.

Eu não tinha intenção de desperdiçar uma faca perfeitamente boa com ela, mas ela não sabia disso.

Ela assentiu, mais rápido que um bobblehead. — Está bem, *está bem*.

Empurrei-a para a rua com o cabo da minha faca. Ela tropeçou nos próprios pés, chorando e sufocando.

— Mãe. Ugh, onde você estava? — Uma das crias de Vera agarrou-se ao seu braço assim que ela se aproximou. — Tivemos que esperar no frio.

— Não se preocupe, querida — Vera ronronou, com sua voz normal. — Acabei de fazer uma pequena pausa para fumar.

— Você realmente deveria desistir disso, você sabe. Isso está consumindo nossa herança e não sobrou muito.

# CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

*Zach*

**Romeo Costa:**

@ZachSun, o que há com esse tráfego interminável de advogados e investigadores particulares entrando em sua casa?

**Romeo Costa:**

Você está planejando um golpe?

**Ollie vB:**

Se sim, posso ser responsável pela Administração de Desenvolvimento Econômico? Adoro não ter emprego.

**Ollie vB:**

Risca isso.

**Ollie vB:**

A Administração da Segurança Social está disponível?

**Ollie vB:**

Dois pássaros. Uma pedra. Não sou nada senão eficiente.

**Zach Sun:**

Hilário. Estou ajudando Farrow com seu caso legal.

**Ollie vB:**

Durante todo o dia todos os dias?

**Ollie vB:**

Você parece estar focado exclusivamente nisso.

**Zach Sun:**

Posso sugerir um hobby?

*Zach Sun:*

E uma porra de vida, enquanto você está nisso?

**Romeo Costa:**

Você ao menos trabalha em suas próprias coisas?

**Ollie vB:**

Ou, você sabe, planeja seu próprio casamento?

**Ollie vB:**

(Sua sugestão de hobby é ridícula demais para ser entretida. Seu show de merda de vida é muito mais divertido.)

**Zach Sun:**

Minha vida é uma máquina bem lubrificada.

**Ollie vB:**

Lubrificante é uma dádiva de Deus. Eu também adoro.

**Romeo Costa:**

Tudo tem a ver com sexo para você, @OllievB?

**Ollie vB:**

Claro que não.

**Ollie vB:**

Algumas coisas são sobre ver vocês dois sucumbirem à rotina monogâmica.

**Ollie vB:**

Isso me traz muita alegria, acredite ou não.

**Romeo Costa:**

Eu acredito nisso.

**Ollie vB:**

Sou oficialmente o último sobrevivente.

**Romeo Costa:**

A menos que uma de suas DSTs se espalhe para seus membros.

**Zach Sun:**

Ainda não sou casado.

**Ollie vB:**

Não estou falando da Dra. Ulick. Ela não conta.

**Ollie vB:**

Estou falando da sua pequena governanta que empunha uma espada.

**Zach Sun:**

O nome dela é Farrow, e ela e eu somos estritamente casuais.

**Ollie vB:**

Respeitosamente, você está estritamente delirando.

**Romeo Costa:**

Eu apoio Oliver.

**Zach Sun:**

Absurdo.

**Zach Sun:**

Ela é um risco calculado.

**Romeo Costa:**

Se sim, você é péssimo em matemática.

**Zach Sun:**

Vocês dois são inúteis.

**Ollie vB:**



Falso.

**Ollie vB:**

Espere até seu coração se partir.

Meu ombro será seu melhor lugar para chorar.

**Romeo Costa:**

Ah. Onde você aprendeu isso, Ol? Bancos externos?

**Ollie vB:**

Chama-se cultura, senhores.

**Ollie vB:**

Você deveria tentar algum dia.

**Ollie vB:**

#JustiçaParaSarahCameron.

# CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

## *Farrow*

Natalie deve ter batido na cabeça de Zach com o bastão de amnésia, porque ele passou os próximos dias fingindo que o momento que compartilhamos no meu quarto – onde nos agarramos um ao outro como se para salvar nossas vidas – nunca aconteceu.

Ela também percebeu meu humor, piscando para mim toda vez que nossos caminhos se cruzavam.

Quanto a Zach, eu não poderia ficar brava. Não que ele tivesse me dado o tratamento idiota que ele dava a todos os outros – com segunda e terceira porções.

Ao contrário de Natalie e sua equipe, ele ainda parava para conversar comigo sempre que nos encontrávamos nos corredores.

Ele apareceu quando Dan, Bryan, Deanne e Tom chegaram com instruções jurídicas – folheando os documentos, orientando-me, fazendo perguntas difíceis que eu não necessariamente sabia como responder.

E ele contratou discretamente faxineiros para fazer o trabalho que parei de fazer enquanto concentrava minha energia no caso, vasculhando toda a papelada.

Em vez de ganhar uma medalha de ouro, decidi me concentrar em ganhar meu caso.

Quanto mais pensava nisso, mais percebia que nunca mais queria voltar ao cenário competitivo.

Eu adorava o esporte, sim.

Mas sabia, desde o momento em que cometi o crime, que merecia ser punida e só consegui contornar isso por meio das conexões profundamente enraizadas de Andras com o mundo da esgrima.

Eu precisava enfrentar a música.

Vera não me roubou minha última chance nas Olimpíadas. Eu fiz isso comigo mesma.

Mas isso não significava que eu a deixaria levar tudo o que papai havia deixado para trás.

Depois de verificar um documento jurídico, percorri a casa de Zach, procurando algo para fazer.

O lugar brilhava graças aos meus esforços conjuntos com o novo serviço de limpeza, e Dallas tinha uma consulta de ginecologia e obstetrícia, então eu não podia gastar o tempo fazendo compras para o bebê on-line e assistindo com horror enquanto ela entrava no DoorDash de sete restaurantes diferentes para satisfazer seus desejos.

Caminhei pelo corredor, passando por portas abertas, quando ouvi meu nome ser chamado na marquise. — Srta. Ballantine?

Constance Sun.

Eu parei no meio do caminho, meus ombros formando um nó rígido.

*Não a deixe pressionar você. Você tem todo o direito de estar aqui. A vida fortalece você para que possa se proteger.*

Redirecionei com um suspiro, parando com a visão diante de mim.

Constance e Eileen estavam sentadas a uma grande mesa de madeira flutuante, com folhetos espalhados por toda parte. O sol se derramava sobre seus ombros, fazendo-as parecer dois anjos caídos.

Zach havia saído horas atrás. Elas deviam ter aparecido.

Ainda assim, a ideia de Eileen perto dele – em sua casa – fez minha pele arrepiar. Tanta coisa para salvaguardar meu coração.

Eu estampeei um sorriso despreocupado. — Sim?

Constance serviu-se de outra xícara de chá. — Você poderia ser uma boneca absoluta e nos ajudar?

— Claro. — Meus dentes bateram, mas mantive meu sorriso intacto. — Como posso ser útil?

— Minha visão não é mais o que costumava ser. Você poderia me ajudar a organizar esses locais de casamento em ordem alfabética?

Meus olhos se voltaram para os óculos de leitura em seu nariz. Uma carranca vincou minhas sobrancelhas.

Suas intenções eram óbvias. Ela queria que eu visse o que o futuro reservava para seu filho, para Eileen e, o mais importante, *não* para mim.

Se eu a deixasse chegar até mim, suas garras afundariam direto em meus ossos.

Tão sutilmente quanto pude, enrolei todos os músculos do meu corpo, consciente de que ambas me observavam como hienas.

Eileen respirou fundo. — Constance...

Ela também não conseguia acreditar na mesquinhez.

Mas eu poderia.

Coloquei em risco a coisa mais importante do mundo para Constance: o futuro de seu filho. Nada importava mais para ela do que manter Zach seguro sob seu olhar atento.

Ela se recusava a introduzir elementos perigosos e desconhecidos em sua vida, para que ele não acabasse como seu pai. Eu entendia, mas não precisava gostar.

— Ah, você também não, Eileen. — Constance enfatizou a palavra *também*. — Essas pessoas estão aqui para ajudar.

— Essas pessoas? — Eileen quase se encolheu na cadeira a ponto de desaparecer.

Constance estalou os dedos para mim. — Querida, apresse-se, por favor. Temos uma degustação de bolo em uma hora.

*Dane-se isso.*

Eu me recusei a deixá-la me ver quebrar.

Eu lancei a ela meu sorriso mais brilhante e feliz. — Já estou indo.

Enquanto reunia os folhetos, decidi não contar a Zach sobre isso. Qual era o objetivo? Ela ficaria depois que eu partisse.

Por mais que eu odiasse Constance, não podia negar o fato de que ela adorava o filho à sua maneira distorcida.

Ela entregava lotes de sua salada de pepino favorita a cada três dias, comemorava todas as suas vitórias profissionais e (de acordo com Dallas) até mexeu os pauzinhos para refazer a estrada em que seu marido havia morrido, para que Zach não a reconhecesse.

Eu não questionava sua devoção por ele.

Eileen me lançou um sorriso envergonhado sem olhar nos meus olhos, ajudando-me a examinar uma pilha de folhetos. Uma pontada relutante de respeito se arrastou por mim.

*As Maldivas.*

*A Costa Amalfitana.*

*Southampton.*

Os destinos não importavam. Nem o casamento em si.

O simples lembrete de que Zachary Sun não precisaria mais de um motivo para mim foi suficiente para enviar uma onda de desespero em espiral através de mim.

— Ah, Eileen. — Constance franziu a testa diante do silencioso – e chocante – ato de resistência, mas aceitou uma pilha de panfletos de sua futura nora. — Tem um coração puro demais. Pessoas desagradáveis tirarão vantagem disso.

Entendi seu significado subjacente.

Ela devia me ver da pior maneira possível.

Eu poderia culpá-la? Invadi a vida do filho dela, invadi sua casa, tentei roubá-lo e compartilhei orgasmos com ele em troca de ajuda jurídica e um monte de dinheiro.

Difícilmente um farol de altruísmo.

O tempo todo, prometi cumprir minha promessa de nunca me envolver em um relacionamento. Para nunca me tornar meu pai e Vera.

Constance segurou o panfleto contra a luz. — Este local não é adorável?

Levei um momento para perceber que ela havia falado comigo. Eu não pude evitar. Mesmo sabendo que iria doer, olhei para a foto.

A Botânica.

Um refúgio exuberante com árvores altas, centenas de milhares de flores raras e móveis externos esculpidos à mão. Acertou como uma bala no estômago.

*O que há de errado com você, Fae? Casamentos fazem você se encolher. Você sempre os chamou de desperdício de entrada.*

— Impressionante — eu concordei, falando sério. Com o sorriso falso ainda estampado no rosto, deposei os folhetos restantes sobre a mesa e fiz uma pequena reverência, dobrando os joelhos com floreio. — De que outra forma posso ser útil para você, Sra. Sun?

Funcionou.

Constance parecia completamente arrasada com meu bom humor. — Na verdade... Eileen, querida, por que você não mostra à Srta. Ballantine os vestidos de noiva que são nossos favoritos? Tenho certeza que ela terá alguma contribuição interessante.

Os olhos de Eileen se arregalaram. Ela parecia horrorizada com a ideia.

Eu não poderia culpá-la.

Eu não me preocupava mais em usar meu uniforme de empregada, então meu estilo de moda – ou a falta dele – era evidente a olho nu. Usava leggings pretas combinadas com um suéter felpudo verde e amarelo.

— Tenho certeza de que a Srta. Ballantine tem coisas a fazer com

seu tempo... — Eileen parou de falar.

O tempo não era meu problema. E sim o pensamento de que queria me enrolar como uma bola e chorar até morrer de desidratação.

Porque escolher um vestido de noiva para a noiva de Zach foi o cúmulo da minha angústia. Eu tive uma reação física literal a isso. Como se escorpiões estivessem rastejando por toda a minha pele.

Mas, novamente, eu não poderia deixar Constance vencer. — Eu adoraria dar uma olhada.

Com um suspiro, Eileen pegou uma pilha de folhetos brilhantes com etiquetas Post-it, examinando três deles até virar para as páginas certas.

Ela colocou as opções diante de mim. Vestidos clássicos de corte A com tule extenso e renda suficiente para abrir um bordel francês.

Zach iria odiá-los absolutamente.

Ele gostava de coisas contemporâneas e artísticas. Seda grega. Cortes plissados. Talvez algo enfeitado com diamantes.

Fiquei assustada por saber tão bem o que ele gostava e o que não gostava.

Engoli um grito desesperado, encolhendo os ombros enquanto batia em uma das fotos. Todos pareciam iguais para mim, de qualquer maneira. — Este é lindo.

Eileen se animou. — Este é o meu favorito.

Por um momento, tive pena dela.

Por sofrer da mesma fobia que Zach. Por entrar em um casamento sem amor. Por não ter ninguém para ajudar a lidar com seus medos.

Pelo menos Zach deixaria nosso acordo curado.

Eu jurei.

Constance procurou em meu rosto qualquer traço de emoção – tristeza, decepção, ciúme – e não encontrou nada.

Mal sabia ela que havia tropeçado em uma veterana quando se tratava de abuso emocional, cortesia do treinamento de 23 anos com Vera.

— Muito bem, Srta. Ballantine. — Ela acenou com a cabeça em direção à porta. — Por favor, saia.

— Se você precisar de mais alguma coisa... — Apontei o polegar em direção ao corredor. — Estarei na sala assistindo a um filme.

Eu deliberadamente antagonizei Constance, ressentindo-a por controlar Zach, sabendo que ela não tinha coragem de chorar por ele.

Ela ficou carrancuda. — Não tinha percebido que este era seu dia de folga.

— Não é. — Coloquei a mão no peito. — Bem, bem. Que *desagradável* da minha parte.

Cantarolando, saí, dando passos medidos até o meu quarto, não deixando cair a primeira lágrima até ter certeza de que não poderia ser ouvida.



# CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

## *Farrow*

Zach nunca chegou em casa.

Peguei meu telefone, verifiquei a hora (dez e meia, *porra?*), e me impedi de mandar uma mensagem para ele pelo único motivo de que ele não me devia nada.

Na verdade, eu cantava isso para mim mesma regularmente desde que Constance e Eileen partiram, três horas atrás.

*Ele não é seu namorado.*

*Não seu marido.*

*Não é seu. Ponto.*

*Em breve, ele prometerá sua eternidade a outra pessoa com um vestido fofo em um campo de pólen.*

*Você é temporária e insignificante. Uma pena ao vento.*

Andei pelo meu quarto, uma leoa em uma gaiola enferrujada.

A ironia não passou despercebida por mim. Embora o agora marido de Dallas a tivesse aprisionado em uma gaiola dourada enquanto ela lutava com unhas e dentes para se libertar, eu entrei voluntariamente em minha própria prisão dourada e não queria sair.

Seria mais fácil se o brilho e o glamour me atraíssem. Eu poderia encontrar isso em outro lugar.

Não, eu ansiava pelos sorrisos suaves que compartilhávamos do outro lado da sala, os toques fugazes e suas palavras viciantes de conforto, cada uma delas gravada em minha pele como uma tatuagem.

Enrolei meus dedos sobre o parapeito da janela, olhando para a piscina reluzente. A água clara brilhava para mim sob a lua.

*O que você precisa é de um mergulho.*

*Refresque os hormônios em fúria e o ciúme ardente.*

Coloquei um minúsculo maiô amarelo de Dallas (*já que agora pareço uma mortadela enfiada em um elástico*, palavras dela), peguei uma toalha e desci as escadas, apesar do tempo gelado.

O vapor saía da superfície da piscina em espessas nuvens brancas. Mergulhei de cabeça, cortando a superfície até o fundo e fazendo uma volta inteira antes de ressurgir do outro lado.

Respirei fundo e inclinei a cabeça para o céu. Estrelas dançavam em minha visão, fundindo-se umas com as outras, girando em uma poça de lágrimas.

*Pare com a estranha festa da pena. Essas estão reservadas para o seu aniversário. Apenas nade.*

Eu fiz. Até que meus músculos ficaram tensos e queimaram. Até que pensei que meus membros iriam cair e flutuar. Volta após volta dolorosa. Até que finalmente minha mente clareou.

Quando terminei, pulei em uma espreguiçadeira na piscina, fechando os olhos, sem me preocupar em me secar. O vento implacável lambeu meu corpo. Meus mamilos endureceram a ponto de ficarem dormentes.

Uma poça de água escorria do meu cabelo para o chão. Moldei meus lábios em torno do verso de uma música que ouvia todas as noites em meu beliche em Seul.

*As costelas não são uma gaiola. Elas são as paredes da sua casa.*

Respirei fundo, afastando a melancolia.

*Você está vivendo com tempo emprestado, Fae.*

Recusei-me a dar a Constance o prazer de arruinar tudo para mim.

*Mas e se ela estiver certa?* Uma pequena voz em minha consciência perguntou. *E se você o estiver machucando?*

A semente brotou em minha mente, plantando raízes em meu peito.

*E você? Este homem irá infligir carnificina em seu coração. Uma vitória contra sua madrasta malvada não vale isso.*

Só a ideia de Eileen em um daqueles vestidos de noiva fofos já parecia ácido no meu estômago.

Como eu lidaria quando chegasse a hora de me separar do meu demônio pessoal?

— Octi. — Sua voz suave envolveu-me como um cobertor de caxemira.

Cada músculo do meu corpo se contraiu, mas mantive os olhos fechados. Seus passos firmes se aproximaram, batendo contra o pesado piso de granito.

Por baixo da parte de cima do meu biquíni, meus mamilos ficaram tensos e meu coração falhou uma dúzia de batidas. O mero som dele fez um calor girar dentro do meu estômago.

Mesmo assim, recusei-me a mostrar-lhe o quanto estava feliz por ele ter voltado.

— O que você está fazendo aqui? Está congelando.

*É isso? Não consigo sentir nada além do meu desejo por você.*

— Você quer pegar pneumonia? — ele rosnou.

— Você não é meu pai.

— Não, mas sou a coisa mais próxima de uma família que você tem agora. — Sua voz suavizou. — Olhe para mim.

Eu abri meus olhos.

Ele era doloroso de olhar. Lindo demais, com cabelos negros, olhos de alcatrão e estrutura óssea devastadora.

— Onde você esteve? — Eu não consegui evitar a irritação na minha voz.

Zach veio em minha direção, pingando poder e riqueza em calça cinza-escuro e um suéter de caxemira azul-marinho enfiado sob um casaco preto.

— Tive algumas reuniões em DC. — Ele enfiou as mãos profundamente nos bolsos, seus olhos vagando pelo meu corpo.

— Às onze da noite?

*Não era da sua conta*, lembrei a mim mesma.

Eu tinha que parar.

Eu *precisava* parar.

Desde quando era uma namorada pegajosa?

— Passei o resto do tempo dirigindo — admitiu Zach, parando quando chegou à beira da piscina, a apenas alguns metros de distância.

Eu esperava fome em seus olhos. Em vez disso, vi preocupação. Uma emoção perigosa que não tinha lugar no nosso acordo.

Arqueei uma sobrelanceira, tentando não me afetar. — No seu carro seguro?

Seus lábios se curvaram um pouco. — Em um BMW normal.

— Vivendo no limite.

— Sim, sempre que tenho certeza de que você não está lá para me empurrar do penhasco. — Ele fez uma pausa. — Eu tinha que pensar.

— Oh? — Uma esperança tola e idiota floresceu em meu peito. Eu queria que ele dissesse *sobre você, sobre nós*. — Esse é um novo conceito. Você sabe que pode fazer isso em qualquer lugar, certo? Mesmo no conforto da sua casa.

— Octi — ele avisou.

— Diga-me o que você pensou.

— Principalmente sobre o cronograma do meu casamento iminente. Como isso se encaixa na minha agenda de negócios. Atualmente estou adquirindo algumas empresas de tecnologia que exigirão minha atenção enquanto reconstruo meus conselhos.

Balancei a cabeça, fingindo que sua resposta não cortou carne e

osso. — A gestão do tempo é importante. Você tem sorte de ter Natalie.

— Não quero falar sobre Natalie ou qualquer outra mulher na minha vida.

Ele parecia tão infeliz e, por um único momento, eu realmente recebi bem sua dor.

Por que eu deveria ser a única a sofrer?

— O que você deseja então?

— Que você suba, tome um banho quente e vista pelo menos três camadas de roupa antes que eu enlouqueça.

— Acho que estou bem aqui. — Eu sabia que não estava punindo ninguém além de mim mesma e, ainda assim, queria agir. Para mostrar-lhe o dedo do meio.

Seus dedos se contraíram ao seu lado, sua paciência se esvaindo.  
— Seus lábios estão azuis.

— Seu coração é negro.

— *Farrow* — ele rosnou, mostrando os dentes para mim. — Venha aqui neste minuto. É *inverno*. Você vai acabar no hospital nesse ritmo.

— Que inconveniente terrível.

— *Farrow*.

— Se você se importa tanto, venha me buscar.

Para minha surpresa, o rosto de Zach nem sequer se mexeu. Ele desceu o degrau da piscina, com água até os tornozelos, e começou a caminhar em direção à espreguiçadeira.

Quando ele me alcançou, tirou o casaco e me pegou no colo, enrolando o tecido pesado em volta de mim. Cítricos amadeirados me invadiram, aquecendo meu corpo em um instante.

Por instinto, tive vontade de passar os braços em volta do pescoço dele. Em vez disso, fingi olhar para algo atrás dele, fingindo um bocejo.

Para meu desgosto, seus lábios se contraíram.

— O que é tão engraçado?

Ele saiu da piscina, empurrando o peso da água enquanto me carregava em direção à casa.

— *Você*. — Seus olhos não se desviaram dos meus nem por um segundo.

— Eu entretenho você?

— Você me *agrada*.

— Bem, você *não* me agrada.

Um calor revelador varreu minhas bochechas. Desviei o olhar, em direção às luzes da casa, para me impedir de beijá-lo.

— Você sabia que o polvo morre depois de acasalar? A espécie exerce fecundação externa. — Ele apertou ainda mais seu controle. — Vários machos inserem seus espermatóforos na fêmea ou entregam-lhe o espermatozoide. Então, os machos partem para morrer. A fêmea põe os ovos. Uma vez eclodidos, seu corpo sofre um *suicídio celular*, começando pelas glândulas ópticas.

Quase bufei. — Zachary Sun.

— Sim, Farrow Ballantine?

— Sua conversa suja é uma das piores que já encontrei.

Ele riu, seu peito vibrando e roncando contra mim.

Descansei minha bochecha contra ele. — Então, o que você está dizendo é que consumir nossa atração terminará em morte?

Ele empurrou as portas da varanda e subiu a escada para o segundo andar. — O que estou dizendo é que o desejo é um negócio complicado, especialmente para criaturas inteligentes.

— Mas?

— Mas vale a pena.

Ele me carregou para seu quarto, onde me deitou na cama antes

de seguir para o banheiro.

O som da água batendo em sua enorme banheira viajou em minha direção. Lavanda encheu o ar.

*Uma bomba de banho.*

Ele odiava produtos perfumados.

Zach fechou a torneira e se aproximou de mim, com a calça ainda encharcada de água da piscina.

Lambi meus lábios quando ele me pegou novamente. — Você deveria se juntar a mim no banho.

Que relacionamento complicado nós tínhamos, sempre jogando pingue-pongue de inimigos para amantes.

Zach não respondeu, colocando-me na beirada da banheira e afrouxando o cordão que prendia a parte de cima do meu biquíni. A parte superior caiu no chão com um golpe molhado.

Ele apreciou um pouco antes de colocar os polegares em cada lado da parte inferior do meu biquíni, deslizando-o pelas minhas pernas.

Ele afundou meu corpo nu na banheira, espalhando meu cabelo pela borda. Eu mal conseguia sentir a água. Meu corpo estava dormiente por causa do frio.

Lentamente, minhas terminações nervosas descongelaram, recuperando a sensação. Inclinei minha cabeça para trás contra a borda e olhei para ele, bêbada de desejo.

Minha frustração se dissolveu em prazer, desenrolando-se enquanto meu corpo florescia de desejo. Ele ainda estava ao lado, observando-me como um falcão, seu pau ereto e grudado na coxa.

Arqueei uma sobrancelha. — Vê algo que você gosta?

— Gostar é um eufemismo. — Ele passou a mão pela calça, fingindo suavizar uma ruga invisível, apertando seu pênis no processo. — E é aí que reside o problema.

— Que problema? — Eu bati meus cílios. — Achei que fosse apenas um acordo temporário.

— Isso é. Sempre tive problemas em me separar dos meus brinquedos favoritos.

Arqueei minhas costas, alcançando entre minhas coxas e encontrando meu clitóris. Meu estômago afundou quando sua mandíbula apertou, suas sobrancelhas se uniram.

Os bicos dos meus mamilos cortavam a superfície da água, rosados e eretos e implorando para serem tocados.

Ele praguejou, virando a cabeça por um momento. — *Farrow*.

— Vamos, Zach. Afinal, sou apenas um brinquedo. — Aumentei o ritmo entre minhas pernas, deixando escapar um gemido. — E você também é meu jogo favorito.

Ele observou sem piscar enquanto eu jogava uma perna sobre a borda da banheira, espalhando minha boceta, sentindo a água quente me penetrar. — Porra, porra, porra.

Ele arrancou o suéter dos ombros, jogando-o no chão. Suas meias foram tiradas em seguida, depois a calça e a cueca em um só movimento.

Seu pau saltou, grosso e longo, a coroa vitrificada com uma pérola de pré-sêmen. Por um momento, temi que não coubesse dentro de mim.

Ele entrou na banheira com um barulho, circulando meus tornozelos e me puxando em sua direção. Agarrei as bordas da banheira para recuperar o equilíbrio.

Meu buraco apertado colidiu com seu pau, provocando um gemido dele. Ele colocou uma mão nas minhas costas, usando a mão livre para agarrar meu queixo e me beijar longa e forte e desordenadamente.

Eu choraminguei durante o nosso beijo, sua língua encontrando a minha. Ele agarrou seu pau, guiando-o para minha boceta.



— Preservativo. — Engoli seus gemidos, ofegando. — Precisamos de um preservativo.

— Por favor, Farrow. — Sua boca deslizou pela lateral do meu pescoço, os dentes raspando minha carne sensível. — Eu vou dar a você tudo e qualquer coisa neste mundo para me deixar foder você. Eu preciso sentir você. Você inteira. Sem barreiras. Eu imploro.

Esfreguei minha boceta para cima e para baixo em seu comprimento, nossos olhos travados em uma batalha de vontades. — Qualquer coisa?

— *Qualquer coisa.*

Ele colocou sua testa na minha, fechando os olhos, uma agonia crua pintando seu rosto. Por um momento cruel, pensei em pedir o pingente.

Mas não seria justo.

Deixando de lado a guerra psicológica, queria que ele me desse isso porque sabia que eu merecia, não como parte de um esquema de chantagem.

— Quero que você me diga por que manteve distância de mim nos últimos dias.

Ele ergueu a cabeça para trás, olhando nos meus olhos. — Você realmente quer saber por quê?

Eu balancei a cabeça.

— Porque você me aterroriza, Farrow. — Ele olhou para o lado, fez uma pausa e se virou para mim, a garganta balançando ao engolir. — Você me lembra que sou humano. Que posso, de fato, ser destruído com um simples toque. Eu deveria banir você, Fae.

— Por quê?

— Você me faz querer aproveitar minha vida, não apenas sobreviver a ela.

Suas palavras percorreram minha espinha como um arrepio. Levantei minha pélvis, colocando meus braços sobre seu pescoço e

afundando em seu pau.

Ele enfiou os dedos nas minhas costas, guiando-se mais fundo. —  
*Porra.*

Um gemido saiu da minha garganta quando ele chegou na metade do caminho. Meus olhos brilharam. Mesmo molhada e pronta, havia muito dele.

— Tudo bem. — Ele me pegou pela cintura, beijando meu rosto, meu nariz, meus olhos. — Nós vamos fazer isso caber. Confie em mim.

Eu não sabia por que estava confiando literalmente em um *virgem* com um pau do tamanho de um AR-15, mas balancei a cabeça, engolindo um grito de dor quando ele alcançou entre nós.

Seu polegar brincou com meu clitóris enquanto seus dedos cavavam meus quadris. Ele enfiou mais um centímetro dentro de mim.

Inclinei a cabeça para trás, sibilando enquanto ele beijava cada canto do meu rosto e pescoço. Meus dedos apertaram as paredes da banheira.

— Minha linda e corajosa garota. — Ele encheu minha boceta, a boca viajando até meus seios, lambendo meus mamilos. — Olha como você toma bem meu pau. Uma garota tão boa. Você acha que pode gozar no meu pau por mim? — Ele mordiscou o lado do meu queixo. — Acha que pode tornar minha primeira vez especial?

Balancei a cabeça, prendendo a respiração enquanto ele deslizava mais um centímetro. Ele estava quase totalmente dentro, tão grande que parecia que seu pau estava esmagando meus órgãos, rasgando-me em pedaços.

E ainda assim, não pude negar o prazer intenso.

Aos poucos, fui me desenrolando, aceitando o objeto estranho dentro de mim.

— É isso. Agora monte meu pau.

As paredes da minha boceta agarraram seu pau com força. Seus olhos reviraram, o prazer tão intenso que ele parou de brincar com

meu clitóris e simplesmente estremeceu dentro de mim.

Cada vez que eu me levantava e afundava em seu pau, montando-o como uma cowgirl, seu abdômen duro batia em minha barriga.

Meus seios saltavam entre nós, pesados e cheios. Ele tentou pegá-los entre os lábios, chupando-os e liberando-os com um estalo.

— Mais devagar. — Ele segurou um dos meus seios, desviou o olhar do meu e sibilou: — Estou prestes a gozar e não quero. Porra, quero viver dentro da sua boceta. Pagarei o aluguel com juros.

Eu o provoquei, ganhando velocidade, apreciando a forma como uma veia inchou em seu pescoço com o esforço para se conter. — Peça gentilmente.

— Por favor... — Sua testa caiu na minha. — Eu preciso de mais.

Ele puxou meu cabelo, beijando-me profundamente. Voraz, devastador e cheio de desespero que nunca senti antes.

Ele se recusou a descolar seus lábios dos meus enquanto segurava meus seios, sua língua girando dentro da minha boca.

Nós nos beijamos e nos beijamos até ficar sem saliva.

Ele agarrou minha nuca, reivindicando minha boca mais uma vez, rosnando. — Minha. Você sempre será minha, está me ouvindo?

Palavras apaixonadas que não significariam nada quando nos separássemos. Virei a cabeça, recusando-me a responder.

Ele agarrou meu queixo, forçando-me a olhar para baixo entre nossos corpos enquanto seu pau deslizava para dentro e para fora de mim, grosso e brilhando com meus sucos.

— Olhe para nós — ele instruiu. — Isso. Bem aqui. O auge da minha existência. *Nada* é tão bom quanto sua boceta apertando em volta de mim.

Diminuí meus movimentos para ver seu pau grosso entrar em mim, dando-lhe tempo para relaxar, mas nenhum de nós conseguiu parar esse trem de carga de prazer.

Em pouco tempo, nós dois ofegamos novamente, o suor brilhando sobre nossos ombros. Eu montei nele com mais força, mais rápido, inclinando meus quadris para que ele deslizasse mais fundo.

Ele agarrou minha cintura, guiando-me com movimentos frenéticos.

O mundo inteiro fracassou, restando apenas nós dois.

Zach – com prazer puro e evidente estampado em seu rosto.

E eu – subindo mais alto na escada do orgasmo.

Minhas coxas tremeram com a tensão quando uma avalanche desceu pelos meus membros. Meu clímax tomou conta de mim como uma tempestade, arrancando um grito dos meus lábios.

— Estou gozando. Porra, estou gozando. — Ele amaldiçoou, agarrando meu queixo e encontrando meus olhos. — Eu preciso gozar dentro de você.

— Zach...

— Eu imploro a você. — Sua voz falhou. — Por favor.

Apertei-me ao redor dele com suas palavras, excitada novamente, sabendo o quão imprudentes estávamos sendo.

*O que diabos há de errado com você, Fae? O que diabos há de errado com vocês dois?*

Mas nos tornamos prisioneiros do nosso desejo.

Incapazes de pensar com clareza.

*Não estou disposta a isso.*

Mal consegui calcular meu ciclo, confirmando que havia atingido um dia seguro, pouco antes da menstruação.

— Por favor. — Os olhos de Zach ficaram vidrados, pouco coerentes, lembrando-me que eu tinha tirado sua virgindade.

Eu possuía um pedaço dele que seria meu para sempre.

Engoli em seco, quase gozando novamente com a ideia dele me

preenchendo. — Goze em mim.

Com minhas palavras, seu pau latejou e inchou.

Então, eu senti isso.

A onda de calor se espalhando em minha boceta enquanto sua semente se derramava em mim.

Nossos orgasmos se chocaram. Nós nos agarramos um ao outro, minhas unhas afundando em sua carne, sua boca se fundindo na minha como se fôssemos uma entidade tentando enfrentar um furacão.

Voamos alto no céu, alcançando nossos picos juntos.

Depois, ficamos enrolados um contra o outro, estremecendo na pele um do outro até a água ficar morna.

Zach beijou meu ombro. Seu nariz roçava meu pescoço de vez em quando.

Eu não queria ir embora. Não queria que esse momento acabasse.

Seu pau começou a amolecer dentro de mim e eu tive vontade de chorar, porque havia algo tão patético em nós.

Eu, desesperada para lutar pela minha sobrevivência e me recusando a admitir que estava me apaixonando por esse homem.

Ele, finalmente encontrando a felicidade e rejeitando-a para apaziguar sua culpa.

Zach apertou meu rosto, virando-o para olhar para ele. — Fae...

Deixei minha expressão neutra, embora meu coração disparasse no peito.

Eu deixei ele me foder sem preservativo.

Eu o deixei gozar dentro de mim.

Eu o deixei entrar em meu corpo, em minha mente, em minha *alma*.

Agora, o único espaço que ele não tinha conquistado era meu coração – e ele estava se aproximando rapidamente dele.

— Desculpe por ter pedido para foder você sem preservativo. Foi uma atitude desprezível. — Seus olhos se enrugaram de arrependimento. Ele ainda estava dentro de mim. — Um terrível erro de julgamento. Se algo acontecer... — Ele engoliu em seco. — Eu prometo que-

Corri para interrompê-lo, não querendo ouvir uma promessa que ele não poderia cumprir. — Nada vai acontecer, porque vou tomar a pílula do dia seguinte agora mesmo.

Eu fiquei de pé.

Nós dois assistimos enquanto seu pau deslizava para fora de mim, centímetro por centímetro. Eu me elevei sobre ele, molhada e vulnerável. Tremendo.

Seu sêmen escorreu pela parte interna da minha coxa.

— Você não precisa. — Ele agarrou a parte de trás dos meus joelhos, fechou os olhos e beijou minha boceta, respirando-me. — Eu nunca faria mal a você. Nunca viraria as costas para um filho meu.

Uma onda de pânico chicoteou minhas costas.

Eu bufei para esconder a bola de lágrimas na minha garganta e passei por cima dele. — Acredite em mim, nenhuma parte de mim quer ser um erro elaborado que se transforma em uma bola de neve e um escândalo.

Ele se levantou, seguindo-me. — Você não é um erro e não é um escândalo.

— Você vai colocar a mim e ao bebê em algum lugar longe? — Enrolei-me em uma de suas toalhas exuberantes. — Enviar-nos um cheque todo mês?

Ele fez uma careta, secando-se. — Isso não foi o que eu quis dizer.

Mas não ficaria por aqui para descobrir.

— Farrow. — Seus passos vieram de trás de mim, ganhando velocidade. — Não fuja de mim.

*Então, convença-me a ficar. Termine seu noivado. Diga-me que sou*

*importante.*

Ele não fez tal coisa.

Tropecei no corredor, correndo para o meu quarto.

Se ele visse meu rosto, veria as lágrimas. A dor. A confusão.

Porque o que aconteceu na banheira dele não parecia sexo.

Parecia fazer amor.

— Farrow, *espere*.

Bati a porta na cara dele.

Esperando que pudesse fechar meu coração também.

# CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

## *Farrow*

Na manhã seguinte, o universo exibiu seu senso de humor distorcido.

Voltei para casa do Walgreens, colocando o Plano B na língua e engolindo-o com suco de laranja, um dia após o vencimento.

Mas assim que saí do meu Prius, o fio revelador da minha menstruação deslizou pela minha coxa.

— Droga.

Quando terminei de lavar o sangue, meu humor havia despencado. Desci as escadas, pronta para invadir a cozinha em busca de algo doce e decadente.

Zach vagava pelos corredores em algum lugar, certamente marchando como um demônio procurando seu pedaço de carne. Eu consegui evitá-lo durante toda a manhã e planejava fazê-lo à noite.

Meu telefone tocou com outra mensagem, provavelmente de Zach.

Ainda assim, verifiquei por precaução, franzindo a testa ao ver o nome que aparecia.

**Andras:**

Amanhã. Mesma hora.

Eu parei, perguntando-me como responder.

Isso marcou nosso primeiro contato desde que surgiu a notícia do meu escândalo de traição. Achei que ele precisava de tempo para processar a notícia antes de me dispensar sem cerimônia, junto com



seus sonhos de promover um medalhista de ouro olímpico.

No final, optei por algo simples.

**Farrow:**

OK.

Entrei na despensa sem me preocupar com as luzes, vasculhando as cestas de salgadinhos quando a porta se fechou atrás de mim.

A escuridão cobriu o lugar. Agarrei um saco de biscoitos e suspirei, girando para a maçaneta.

Eu bati contra um peito musculoso, ofegante.

— Você está me evitando. — A voz de Zach vazou direto entre minhas coxas, uma área que ele aparentemente tinha na discagem rápida.

Eu odiava como meu corpo traidor nunca parecia estar em sincronia com o resto da minha opinião sobre ele.

Joguei meu cabelo por cima do ombro. — Este parece ser um tema recorrente em nosso relacionamento.

— Outra coisa que parece recorrente em nosso relacionamento é minha disposição de gastar todo meu tempo, esforço e recursos com você, enquanto você me ignora completamente.

— Seu prêmio de Chefe do Ano está a caminho. — Suspirei. — O que você quer, Zach?

— Sua companhia. Sua atenção. Sua boceta. Só para citar alguns. — Ele fez uma pausa, consumindo o pequeno espaço com sua presença. — Nós temos um acordo.

Ah.

Nosso acordo.

Nosso acordo estúpido e amaldiçoado.

— Temos um acordo sobre brincar quando o tempo permitir. *Não* temos um acordo de que estou à sua disposição. Como sua *boceta de aluguel* — eu citei as palavras grosseiras, embora ele não pudesse ver no escuro. — Eu não sou sua prostituta, Zachary.

Ele me empurrou contra as prateleiras, sua mão encontrando meu rosto com uma precisão assustadora. — Eu nunca disse que você era.

Zach abaixou a cabeça para me provar.

Virei meu rosto por instinto. — Não posso agora. Acabei de menstruar. Nada de brincadeiras.

— Eu não me importo se você estiver bem com isso.

— Bem, eu não estou bem com isso. E, na verdade, tenho que ir.

Não era uma mentira, por si só.

Eu *tinha* que ir.

Para o meu quarto.

Para descomprimir de todos os sentimentos que me assombravam desde que fizemos sexo.

Sua respiração saiu mais rápida. — Aonde?

— Um encontro — eu deixei escapar, amaldiçoando-me por uma mentira tão estúpida.

— *Um encontro?* — Suas mãos bateram nas prateleiras atrás de mim.

— Boa audição, Zach. Sim. Um encontro. — Lambi meus lábios. — Eu já disse – não somos exclusivos.

— Diga seu preço pela exclusividade. — Ocorreu-me que ele não perguntou o nome do acompanhante por um motivo simples: ele mesmo descobriria de qualquer maneira. As pontas dos dedos dele roçaram minha clavícula. — É o pingente que você quer?

*Mais do que quero vingança.*

Esse pingente me trouxe aqui em primeiro lugar. Isso ficou para

sempre escondido no fundo da minha mente. Nunca deixava de dar uma olhada quando passava em seu escritório.

Mas agora que o conhecia, recusava-me a recorrer ao roubo ou à chantagem.

Em algum momento ao longo do caminho, decidi reconquistar o pingente, de forma justa e honesta.

— Minha liberdade não é negociável. — Tirei o dedo dele de mim. — Eu vou sair, quer você goste ou não. E se isso irrita você, lembre-se: tem uma noiva.

Em vez de me responder, ele se abaixou, puxando meu lábio inferior para dentro de sua boca, sugando com força, roubando meu fôlego.

O beijo foi diferente desta vez. Cruel e exigente, à beira do frenesi.

— Eu quero foder você aqui mesmo. Agora mesmo. — Sua língua acariciou o céu da minha boca. — Eu não dou a mínima se você está menstruada.

Eu ainda estava em carne viva desde ontem, uma dor surda cobrindo as paredes da minha boceta, e não conseguia pensar em nada mais horrível do que sexo durante a menstruação.

Ao mesmo tempo, eu queria isso. Queria preencher esse vazio com ele.

Ele chupou minha língua em sua boca.

Chorei quando ele ousou: — Diga-me para parar, Octi.

Mas não consegui.

Não quando sua boca deslizando pelo meu queixo parecia uma felicidade.

Suas mãos agarraram a blusa do meu pijama, arrancando-lhe todos os botões. Eles voaram por toda parte, girando aos nossos pés.

Ele pegou meu seio através do sutiã e apertou a parte de baixo,

trazendo minha carne macia aos seus lábios.

— Isso não significa nada. — As palavras saíram do fundo da minha garganta.

Ele chupou todo o meu seio em sua boca, lambendo a dor cada vez que eu gemia, passando os dentes pela minha pele sensível.

— Sim ou não? — Ele parecia frio. Então, tão frio.

Eu gemi. — *Sim.*

Ele não jogou limpo. Minhas mãos percorreram seu corpo, os dedos desaparecendo dentro de seus cabelos, agarrando avidamente sua pele lisa e músculos salientes.

Mal consegui acrescentar: — Preservativo.

Desta vez, ele não discutiu.

Ele tirou um do bolso – será que o idiota andava com ele, só para garantir? – e rasgou a embalagem com os dentes, empurrando minha calça de moletom e minha calcinha para baixo.

Um arrepio percorreu minha espinha quando ele empurrou meu sutiã até meu pescoço, sua língua percorrendo minha pele em círculos enquanto viajava para o sul.

— Eu odeio tanto isso — eu o informei, ainda dirigindo sua cabeça para minha boceta.

Ele usou o polegar para acariciar a fenda da minha boceta pingando, sua boca presa no meu clitóris. Soltei um gemido desesperado, arqueando minha bunda, perseguindo seu toque.

*Eu odeio isso.*

*Eu quero isso.*

*Eu preciso disso.*

Pensamentos conflitantes circulavam em minha cabeça, mas ele os afugentou com um movimento da língua.

— Pobre querida. — Sua respiração abanou meu clitóris. — Sinto

muito que você tenha que sofrer outro orgasmo.

Ele lançou a língua para fora, rolando a ponta da minha bunda até o meu clitóris. Meu corpo inteiro teve espasmos de prazer.

— Eu me sinto tão vazia. — A confissão estrangulada passou pelos meus lábios. — Eu preciso de você dentro de mim.

Eu nem me importava que isso fosse errado, fora de controle e até mesmo pecaminoso. Não me importava que meu corpo não tivesse se recuperado da noite passada. Aquelas contusões deliciosas ainda salpicavam minha pele.

Eu o queria onde ele pertencia – dentro de mim.

— Eu sei, baby. Estou prestes a foder você tão profundamente que sentirá meu pau toda vez que andar.

Eu não duvidava disso.

Da última vez, seu pau pareceu atingir meu coração.

Lentamente, ele retirou o absorvente interno e jogou-o no chão. Assim que isso saiu, Zach entrou.

Ele não me acalmou dessa vez. Ele empurrou para dentro com seu pênis embainhado de uma só vez, enchendo-me até a borda.

A sensação foi tão intensa que senti como se estivesse chegando ao clímax e dando à luz ao mesmo tempo.

Meus músculos se apertaram ao redor dele, ordenhando sua ereção enquanto a parte superior de seu corpo pairava acima do meu.

Nossas testas se encontraram.

— Olá, Octi.

Imaginei seu olhar faminto. Ele devia parecer um leão depois de um bom banquete.

Esperei que meu constrangimento aparecesse, mas tudo que pude sentir foi desejo. Tanto desejo.

— Segure meus ombros, Farrow.

— Por quê?

— Porque estou prestes a foder sua alma.

Ele apertou minha garganta entre seus dedos elegantes, saiu de mim e começou a me foder sem piedade.

Um grunhido pontuou cada estocada, seguido por um giro de sua cintura e uma inclinação de seu corpo para atingir meu ponto G.

Ele soltou minha garganta, abaixou a cabeça e arrebatou minha boca. Nossas línguas lutaram e se moldaram uma na outra, nenhum de nós ganhando domínio.

Atrás de nós, a porta se abriu. A luz penetrou, centímetro por centímetro.

— Olá? Alguém aí? — A cabeça de Natalie apareceu. — Eu queria um pretzel-

— *Fora*. — Zach fechou a porta com o pé sem sequer olhar para trás, ainda me beijando e me fodendo.

Ele deve ter atingido o dedo dela, porque eu a ouvi gritar.

Zach se moveu, colocando-nos no chão. Cada vez que ele me atacava, minhas costas deslizavam contra os azulejos brilhantes.

A fricção, a dor e as vibrações me levaram a alturas que eu não sabia que meu clímax poderia alcançar. Tudo em meu corpo parecia eletrificado, inchado e vivo.

Apertei minhas paredes em torno de seu pau, sentindo sua pele cantarolando contra a minha. — Vou gozar.

Meus olhos rolaram para trás. Uma avalanche de calor tomou conta de mim. Eu balancei para frente e para trás enquanto meu clímax me agarrava pela garganta.

Zach não diminuiu a velocidade, fodendo-me ainda mais forte, mais selvagem, como se pretendesse me pregar no chão. — Vou marcar você até que não haja dúvidas a quem você pertence.

— Eu não pertenço a ninguém — gemi, deixando-o devorar meus

seios, provocar meus mamilos, lambe cada centímetro do meu peito.

Salgadinhos caíam das prateleiras, juntando-se aos botões no chão.

— Divirta-se no seu encontro, Octi. — Ele soltou minha pele com um estalo, sem dúvida deixando uma mordida de amor tatuada em minha pele. — Você pode fingir que gosta da companhia de outro homem, mas nós dois sabemos que ninguém jamais chegará perto de mim. — Zach esfregou sua marca com o polegar, deixando-a penetrar na minha pele. — Estou gozando agora.

— Eu também.

Somente com Zach eu tinha orgasmos tão próximos.

Eu não podia evitar.

Ele sobrecarregava meus sentidos. Era demais. O cenário. A sensação. O homem.

Seu pênis estremeceu dentro de mim. Ele soltou um gemido gutural, empurrando o rosto em meu ombro.

Senti o calor do seu esperma dentro do preservativo e o gotejar dos meus sucos a escorrer para os azulejos.

Em segundos, ele se levantou antes que eu pudesse regular minha respiração, enfiando seu pau de volta na calça. Ele abriu a porta, deixando entrar um raio de luz enquanto amarrava o preservativo.

Eu ainda estava deitada no chão, ofegante, molhada e nua.

— Admita, Octi. Ninguém mais aparecerá no gráfico. Eu sou isso para você. Eu sou o único homem que você desejará.

— Como você sabe?

Ele recuou, franzindo a testa. — Porque você também é isso para mim.

Cada grama de desafio que consegui reunir saiu de mim de uma só vez.

Antes que eu pudesse responder, ele se virou e foi embora,

certificando-se de acender as luzes, para que eu pudesse dar uma boa olhada no presente que ele havia deixado para trás.

Meu absorvente descartado, encharcado de meus sucos e coberto de rosa com sangue diluído.

Prova de que eu seria sempre e para sempre sua vadia.



# CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

## *Farrow*

**Zack:**

Não se esqueça de não limpar a despensa.

**Farrow:**

Sua autocorreção é uma merda.

**Farrow:**

E sim, vou limpar a despensa quando voltar.

**Zack:**

Não foi correção automática.

**Zack:**

Não se atreva a tocar nela.

**Farrow:**

?

**Zack:**

Até que eu tenha a chance de fazer você lambar a porra do chão enquanto pego você por trás.

**Farrow:**

Você não pode estar falando sério.

**Zack:**

Eu disse para não tocar.

**Farrow:**

Você é doente.

**Zack:**

Sim, eu sou.

**Zack:**

E você é o antídoto, Octi.

# CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

## *Farrow*

Ocorreu-me que o convite de Andras para treinar podia ser um castigo antes da minha execução.

Afinal, ele tinha atingido novos níveis de irritabilidade hoje. Um milagre, considerando que sua estreita gama de emoções rivalizava com a de um psicopata.

Andras arrancou a máscara do rosto. — Az lsten verje meg<sup>19</sup>.

Ele saiu da pista no meio do nosso treino.

Eu nem sabia o que tinha feito de errado dessa vez – além de aparecer cedo, concentrada e alerta, aniquilando todas as suas tentativas de me pegar com sua espada.

Eu me soltei do fio, correndo atrás dele. — Ei, ainda temos quarenta minutos.

Ele me ignorou, invadindo seu escritório.

Consegui entrar antes que a porta se fechasse. — O que está acontecendo?

O cabelo grudado na minha testa, colado pelo suor. Eu o limpei, saltando de um pé para o outro.

Tínhamos conseguido ignorar o elefante na sala durante toda a manhã, mas tive a sensação de que o elefante estava prestes a transformar em pó a pouca esperança que eu tinha.

— Não faz sentido, Fae. — Andras desabou em sua cadeira, acendendo um cigarro apesar da zona para não fumantes. — *Vege*. Sua carreira está em uma crise existencial. Não importa quão talentosa e motivada você seja, você não tem futuro na esgrima. — Ele reclinou-se em seu assento. — Fingir o contrário é cruel com você e uma perda do meu precioso tempo.

Eu permaneci de pé, franzindo a testa para ele. — Então, por que você esperou três quartos da nossa sessão para me contar isso?

O calor deixou minhas bochechas em chamas.

Andras levantou um ombro. — Eu tentei poupar você dos meus pensamentos.

— Você nunca fez isso antes.

Ele trouxe o cigarro, soltando uma nuvem de fumaça entre os lábios finos. — Eu queria dar uma última olhada em seu trabalho antes de lhe dar minha decisão.

— Oh, sim? — Cruzei os braços. — Qual é o veredicto?

— Você está pronta para as Olimpíadas. — Ele bateu o cigarro no cinzeiro, uma carranca profunda ainda marcando seu rosto. — Lembra do meu amigo do COI?

Ele tinha muitos amigos no alto escalão do Comitê Olímpico Internacional. Afinal, sua reputação como Andras Horvath o precedia.

Balancei a cabeça, embora pudesse ser qualquer um. — Claro.

— Discutimos sobre você a semana toda.

Avancei um pouco. — E?

— Ele voltou para o comitê. Eles estão dispostos a lhe dar uma segunda chance se você pagar o restante da taxa antecipadamente.

Meu coração se rebelou contra minha caixa torácica.

Eu poderia fazer isso.

Agora que Zach pagou minha conta legal, eu poderia realmente *fazer* isso.

A esperança atravancou minha garganta, engrossando minha voz. — Você acha que há uma chance?

— Não posso prometer nada. — Duas colunas de fumaça cinza saíram de suas narinas. — Mas é uma possibilidade.

— Devemos tentar. — Espalhei meus dedos em sua mesa,

inclinando-me. *Chega de aceitar minha aposentadoria.* — Eu farei o que for preciso. Vamos praticar duas vezes por dia. Paguei o restante da taxa adiantado-

— Existem restrições.

Pisquei para ele, esperando.

Ele usou a brasa acesa do cigarro para erguer uma pequena montanha de cinzas no cinzeiro. — Você desiste daquele processo bobo contra sua madrasta e deixa a família de seu pai em paz.

Suas palavras me tiraram o fôlego.

Eu tropecei para trás com a força delas.

*A família do seu pai.*

O que eu era para ele? Uma decoração de Natal?

Por que eu não lutaria contra a injustiça? Vera fabricou o testamento e roubou do papai seus últimos desejos. Aposentar-me em nossa empresa sempre foi meu objetivo.

A esgrima era o sonho, mas não era uma carreira de longo prazo. E me recusava a ser envergonhada até a submissão.

Afinal, uma rosa não sobrevivia sem espinhos.

— Ela fez um testamento completo. — Joguei minhas mãos para cima. — Ela roubou a coleção de arte do meu pai, vendeu a coleção inteira...

Andras bateu com o punho na mesa, sacudindo seu conteúdo com força. — *É o bastante.*

Fechei a boca, mas me recusei a mover um centímetro.

Ele ficou parado, ofegante, enroscando a ponta do cigarro dentro do cinzeiro. — Eu não me importo com o seu drama familiar. Eu não me importo com essa mulher Vera. Ou sobre suas irmãs. Sua mente está fora da pista quando você está ocupada lutando contra elas. Ou você está totalmente dentro ou está totalmente fora. Não vou deixar você perder meu tempo enquanto se espalha.

Eu não entendia por que treinar para as Olimpíadas e derrubar Vera eram mutuamente exclusivos.

— Eu não estou me espalhando. — Balancei a cabeça, apressando as palavras. — A pista tem prioridade máxima. O caso de Vera é tratado pelos advogados e por um investigador particular...

— Investigador particular? — O rosto de Andras ficou manchado como sorvete de morango. Ele apontou o dedo para mim. — Você perdeu a cabeça que tinha. Considere este meu ultimato. Ou você deixa essa bobagem de lado e segue em frente com sua vida, ou eu paro de treiná-la.

— Isso não é justo. — Fechei os punhos, tremendo tanto que praticamente vibrei. — Isso não tem nada a ver com esgrima.

— Tudo tem a ver com esgrima. — Andras contornou a mesa, encostando-se nela. Ele cruzou os braços sobre a barriga, regulando o tom. — Se eu levar você para as Olimpíadas, deve me ouvir. Você vai deixar as coisas passarem quando eu mandar. Você comerá do cardápio que eu lhe der. Você obedecerá a todos os meus pedidos. — Suas narinas dilataram-se. — E meu primeiro pedido é que você largue tudo. Os investigadores particulares. Os advogados. O absurdo. Pare de viver no passado, Farrow. Comece a trabalhar para o futuro.

Nenhum de nós recuou.

Nossos olhos se recusaram a se mover.

Havia tanta coisa que eu queria dizer. Apelar, implorar, explicar, barganhar.

Ele se elevava sobre mim em altura e constituição. Eu estava à sombra do Andras Horvath. Instrutor lendário. Mito urbano.

Mas no final das contas, ele não apenas me pressionava a desistir da justiça. Ele queria que desistisse de quem eu era.

— Se for tudo ou nada... — Dei um passo para trás. — Prefiro não ter nada.

Eu me virei, saindo de seu escritório.

Uma ladainha de palavras húngaros irrompeu pela porta. Vidro quebrado. Os móveis caindo no chão.

Passei a ponta do dedo sobre sua placa de identificação fixada na parede. — Adeus, Andras.

# CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

*Zach*

**Farrow:**

A despensa está limpa o suficiente para você agora?

**Zack:**

Sim.

**Zack:**

Mas agora precisamos cuidar da lavanderia.

**Farrow:**

Não fizemos nada na lavanderia.

**Zack:**

Ainda.

**Ollie vB:**

Legal, Zach. Você deveria levá-la para dar uma volta.

**Zack:**

O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO NESTE CHAT?

**Ollie vB:**

Eu disse que meu técnico é ótimo.

**Farrow:**

Considere-me completamente perturbada.

**Ollie vB:**

Oh, vamos lá.

**Ollie vB:**



Foi divertido.

**Ollie vB:**

Para um giro. Entendeu?

**Ollie vB:**

Porque vocês farão isso em uma máquina de lavar roupa durante uma carga.

*Ollie vB está digitando...*

**Zack:**

Rápido, Fae.

**Zack:**

Bloqueeie o número dele antes que ele faça uma piada pesada.

*Farrow saiu do bate-papo.*

*Zach saiu do chat.*

**Ollie vB:**

E que carga vai ser...

**Ollie vB:**

Droga.

## CAPÍTULO SESSENTA

### *Zach*

Uma tese de mil páginas poderia ser escrita sobre as maravilhas de descobrir o sexo pela primeira vez.

Cada vez que eu saía da boceta apertada de Farrow, os trinta e três anos que passei fora dela pareciam um desperdício total.

Infelizmente, ela tinha coisas para fazer. Levar Vera à ruína. Uma medalha para ganhar. Ajudar a depilar a esposa de Romeo. (Ollie as encontrou fazendo isso e conseguiu enviar fotos antes que Rom jogasse seu telefone no lixo.)

Então, acabei no clube de campo, resolvendo minhas frustrações na quadra de tênis. Sozinho, como sempre. Batendo em cada bola que a máquina lançou em minha direção.

Quando parei para me reidratar, vi mamãe na beira da quadra. Ela usava um terno completo, confirmando minha suspeita de que não nos encontramos por acaso.

— Zachary. — Ela apertou minhas bochechas, empurrando sua Hermès pelo braço. — Meu único filho.

Desloquei meu rosto de suas patas. — Mãe.

*Ah, Constance.*

Nunca entendia uma dica, mesmo que fosse mais grossa que o tronco de uma árvore.

Eu tinha desaparecido da propriedade na semana passada, optando em vez disso por levar Farrow para o Grande Regente e locais de fuga que a lembrassem da Coreia.

— Você é mais difícil de encontrar do que uma Birkin de crocodilo fosco. — Ela mexeu no meu suor, tirando de sua bolsa um protetor solar XL. — Onde você esteve?

*Dentro da boceta pingando de Farrow Ballantine.*

— Fui ao Inferno e voltei. — Pendurei a raquete de tênis no ombro, enxugando o suor da testa. — Por quê? O que você precisa?

Eu não estava com humor para satisfazer seus desejos e necessidades.

Na verdade, tudo que *eu* queria era voltar para casa na esperança de me enterrar dentro de Farrow.

Não admirava que o sistema enfatizasse a abstinência. Uma prova e não consegui pensar em mais nada.

Mamãe bufou. — Isso não é jeito de falar com sua mãe.

— Mas *é* uma forma de falar com uma mulher que está me forçando a casar com alguém contra a minha vontade.

Nós dois congelamos no local. Ela, atordoada. Eu, aliviado.

Essa foi a primeira vez que eu disse categoricamente a ela que não queria me casar com Eileen. Não queria casar *de jeito nenhum*.

Com a verdade aberta, não consegui reprimir a vontade de recuar.

— O que você está falando? Ela é perfeita para você. — Mamãe começou a contar as conquistas de Eileen com os dedos. — Linda. Gentil. Inteligente. Uma médica. Além de tudo isso, ela vem de uma ótima família. Os Yangs são protetores, caridosos e obscenamente ricos-

— Eu não ligo. — Bati a raquete no piso de concreto. — *Sou* obscenamente rico, e quer saber? Minha gorda conta bancária e meu portfólio ainda mais gordo não me deixaram feliz. Longe disso. Desperdicei minha vida tentando conseguir mais, ganhar mais, possuir mais. Persigo emoções seguras para preencher o vazio dentro de mim. Não preciso de outro prêmio para mostrar ao mundo que consegui.

Todo o corpo da mamãe tremia dentro daquele terno sem rugas. — O que você está dizendo?

Eu sabia que havia entrado profundamente em águas turbulentas.

Mesmo assim, dei um salto, pronto para me afogar. Era agora ou nunca. Para sempre era muito tempo para passar com alguém que você não amava.

— Eu não quero me casar com Eileen.

— *Zachary*. Você não pode dizer isso. — Mamãe agarrou o colar Buccellati que papai lhe deu de presente na noite de núpcias. — Já anunciamos isso. Houve uma festa de noivado.

— As pessoas cancelam compromissos o tempo todo. Oliver e Romeo apostam quanto tempo o meu vai durar.

— E a pobre Eileen? Você fez uma promessa a ela. Ela se tornará motivo de chacota. Ninguém a levará a sério. Ou você, nesse caso.

Isso atingiu um nervo.

Ela não estava errada. Tanto Eileen quanto eu sofreríamos grandes golpes em nossas reputações se cancelássemos esse compromisso.

Eu não me importava tanto. A única pessoa cuja opinião importava para mim nunca sucumbiu à pressão social.

Mas não seria justo com Eileen. Não depois de me comprometer com o nosso acordo.

Ainda assim, o que doeria mais? Entrar em um casamento onde nenhum de nós poderia suportar um ao outro ou um golpe temporário no ego?

— Durante muito tempo, deixei você e Celeste Ayi administrarem minha vida pessoal por procuração – simplesmente porque nunca me importei em desenvolver uma. Agora sei que não devo deixar essa bola de neve se transformar em uma situação que será desastrosa para mim e para Eileen. Vou falar com ela e informá-la da minha decisão.

— *Sh*. — Mamãe olhou para os membros do clube perambulando pelo terreno em seus carrinhos de golfe acolchoados. — Eles vão nos ouvir.

Ela agarrou meu braço, levando-me para a parte de trás de uma

cabana particular. Seu toque queimou minha pele, mas não me fez querer vomitar.

A risada fez cócegas na minha garganta. Se eu não estivesse tão furioso, ficaria exultante. Farrow *estava* me consertando. Um toque de cada vez, ela tornava os toques dos outros menos revoltantes.

Mamãe me apertou contra a parede, abrindo sua Birkin. Ela pegou um inalador, colocou-o entre os lábios e deu três tragadas.

Eu fiz uma careta. — O que você está fazendo?

— Estou tendo... — Seu lábio inferior se curvou em desgosto. — ... ansiedade. O Dr. Shahi também me deu comprimidos, que *é claro* que não vou tomar. — Ela enfiou o inalador de volta na bolsa, balançando a cabeça. — Ah, está tudo bem. Não me olhe assim, Zachary. Nós dois sabemos que minha vida não valeu muito desde que seu pai faleceu.

Guerra psicológica barata, mas funcionou perfeitamente. A culpa deslizou em minhas entranhas, transbordando como lava.

Mamãe quis dizer isso, no entanto.

Eu sabia.

Ela tinha um propósito na vida. *Eu*.

Sempre que eu esquecia isso, levava dois segundos para evocar as palavras que Ayi gritou uma vez e que tiraram mamãe de seu estado de zumbi.

*E se seu filho morrer também? Você vai deixar isso acontecer enquanto você se afunda na dor? Não posso proteger Zach sozinha.*

— Você acha que eu não sei que você não ama Eileen? — Os olhos da mãe se encheram de lágrimas. Ela puxou um lenço da bolsa e enxugou os olhos. — Eu sei disso, filho. Acredite em mim.

Obrigando-me a suportar o toque, guiei-a até um banco próximo pela dobra do cotovelo. Seus ombros tremiam tanto que ela nem percebeu que eu a toquei pela primeira vez em mais de vinte anos.

Eu me perguntei o que ela via quando olhava para mim. Tão

esperto. Tão frio. Tão incapaz de preencher as rachaduras de sua alma.

Eu não conseguia nem contar a ela as últimas palavras que seu marido disse.

No final, para cada fato que eu sabia, a única coisa que não sabia era o que mais importava.

Mamãe fungou, afundando meu coração. — Mas seu pai e eu sempre quisemos que você experimentasse as coisas que faziam nossas vidas valerem a pena. Uma linda casa. Crianças. Alguém para quem voltar para casa. O vazio que você tem sentido? Uma família vai enchê-lo de muita alegria. Como você acha que sobrevivi depois que seu pai morreu?

Mamãe piscou, os olhos vermelhos. — Você e sua tia são minha tábua de salvação. Alguns dias, você é a única coisa que me faz acordar de manhã. Quero que você tenha isso com alguém responsável. Alguém confiável. Alguém seguro.

Ela suspirou, brincando com seu lenço. — Eileen é capaz de resistir a todas as tempestades que a vida lança em seu caminho. Ela é resiliente e atenciosa. Ela nunca irá contra sua moral. Nunca trairá ou roubará. Eu a escolhi a dedo para você. Ela é parecida com você em todos os sentidos.

Mamãe estava certa.

Mas a verdade era que Eileen não era quem eu queria.

— E aquela garota... *Farrow*. — A boca da mãe torceu-se para baixo. — Aquela que você trouxe para morar com você... — Ela levantou um dedo, parando-me preventivamente. — Eu me recuso a fingir que ela é sua governanta. Nós dois sabemos o que ela é.

Passei o polegar pela minha mandíbula tensa. — Ela está fora do assunto.

— Mas ela não está. — Mamãe deu um tapinha no nariz com o lenço. — Eu sei que ela é sua amante. Está bem. Não há nada de errado em satisfazer seus desejos. Todos nós temos necessidades.

Se eu pudesse me encolher até o esquecimento, eu o faria.

Ela continuou: — Mas ela não é adequada para esposa. Você também sabe disso. Você viu as notícias. Ela trapaceou para obter ganhos financeiros. Como você sabe que ela não está com você por causa de seu dinheiro e poder?

Não respondi, principalmente porque Farrow *havia concordado* com nosso acordo pelos honorários advocatícios (dinheiro) e por vingança (poder).

Mamãe balançou a cabeça. — Você é um troféu para ela. Se você fosse pobre, vocês teriam se conhecido? Vocês teriam começado um relacionamento?

Fiquei em silêncio, sabendo que isso era verdade. Não porque eu achasse que Farrow era uma garimpeira – na verdade, ela tratava *pior as pessoas com dinheiro* –, mas porque eu entendia as circunstâncias de como nos conhecemos.

Como era para o mundo exterior e por que uma mãe ficaria preocupada.

Mamãe continuou, sentindo uma rachadura no meu escudo. — Eu não estou dizendo para você soltá-la. Você pode ficar com ela nas férias e em alguns deleites ocasionais. — Sua garganta rolou ao engolir. — Eu falei com Eileen. Ela ficará feliz em aceitar isso. Ela mencionou que nenhum de vocês pretende manter um relacionamento físico.

— Qual é o sentido de estarmos juntos se nenhum de nós quer *realmente* ficar junto?

— Ah, Zach. Relacionamentos não são sobre sexo. Relacionamentos envolvem valores mútuos, objetivos e amizade. — Mamãe tremeu ao meu lado, frágil e pequena, vomitando seu argumento como se estivesse no corredor da morte. — Seu relacionamento com essa garota Farrow é uma farsa. Você o construiu sobre uma base instável. A atração desaparece. O desejo evapora. Os desejos vêm e vão. Mas amizades? Elas ficam.

Contra toda vontade e probabilidades, tentei ver a perspectiva dela.

Sua lógica dependia da exclusividade mútua da amizade e da atração. Será que lhe ocorreu que eu poderia considerar Farrow minha amiga e ao mesmo tempo querer transar com ela?

*Isso já ocorreu a você? Se tivesse, você não teria jogado o acordo na cara dela toda vez que as coisas ficaram desconfortáveis.*

Mamãe alisou minha camisa, testando o terreno. Tentei não recuar. — Eileen será boa para você. Você não é um meio para um fim para ela. Você é um investimento de longo prazo.

Talvez ela estivesse certa. Não era sobre me apaixonar por Eileen – isso nunca poderia acontecer. Mas talvez eu tivesse deixado meu tempo com Farrow atrapalhar meu julgamento.

Eileen me ofereceu tudo que eu precisava para marcar na minha lista. Farrow me ofereceu uma contagem regressiva, e mesmo isso teve um preço alto.

— Mãe. — Coloquei minhas mãos em seus braços, guiando-a para longe, maravilhada com o fato de poder tocar qualquer pessoa sem minha faca como barreira. — Sinto muito, mas seria injusto da minha parte dar a Eileen qualquer esperança de que possamos ser algo mais do que conhecidos.

— Por favor. — Ela apertou as mãos. Sua bolsa voou para o chão, seu conteúdo se espalhando pelo chão como tripas. Ela nem percebeu. — Por favor, Zachary. Apenas dê mais uma chance. Para sua mãe. Para sua tia. Para seu *pai*. Ele teria dito para você pelo menos tentar. Você sabe que ele faria isso.

Lágrimas escorreram de seus olhos. Ela parecia frágil nesse momento – a mesma mulher que chorou na minha cama de hospital antes que o tempo curasse minhas feridas físicas e ela lentamente escapulisse.

Mamãe passou a palma da mão sobre minha bochecha.

Fechei os olhos, lutando contra o desgosto que isso despertou em



mim. A náusea intensa tornou-se agora um desconforto surdo, graças a Farrow.

— Por favor, dê uma chance a Eileen. — Mamãe apertou meu ombro por cima da camisa, concentrada demais em seu objetivo para perceber o que tinha feito. — Reservei um fim de semana para vocês nos Hamptons. A casa está pronta. Ela estará lá, esperando por você. Apenas tente por mim.

Fechei os olhos, percebendo que precisava que Eileen interrompesse isso para minha mãe digerir.

Tudo bem. Eu iria para os Hamptons.

Mas não terminaria em sinos de casamento.

— Se eu fizer isso — rosnei — você vai me libertar?

— Sim. — Mamãe agarrou o lenço. — Sim, eu prometo.

— Muito bem. Hamptons.

## CAPÍTULO SESSENTA E UM

### *Farrow*

**Ari:**

Terra para Fae – por favor, envie um sinal de vida.

**Dallas:**

Discretamente tentada a ir até lá e ver se ela está bem.

**Dallas:**

Faz um tempo que não tenho notícias dela.

**Ari:**

Defina um tempo.

**Dallas:**

Três horas.

**Ari:**

Hum.

**Ari:**

Já tive discussões sobre o melhor sabor de Milkis que duraram mais do que isso.

**Dallas:**

Somos meio que codependentes agora.

**Dallas:**

Ela até me ajudou a depilar as pernas outro dia.

**Farrow:**

Eu estou viva.

**Farrow:**

(Infelizmente.)

**Dallas:**

Como sabemos que é realmente você e não outra pessoa fingindo que você está viva para vender seus órgãos internos no mercado negro?

**Ari:**

DALLAS QUALQUER-QUE-SEJA-SEU-NOME-DO-MEIO COSTA.

**Ari:**

Afaste-se da categoria de crimes reais na Netflix.

**Dallas:**

Estou apenas sendo uma cidadã preocupada.

**Dallas:**

Ari, pergunte a ela algo que só Farrow saberia.

**Ari:**

Quem eu beijei no décimo ano e sobre quem jurei segredo porque ele comeu tainha e comeu cebola crua em público?

**Farrow:**

Lee Ji Sub.

**Ari:**

POR QUE VOCÊ CONTOU?

**Farrow:**

VOCÊ LITERALMENTE PERGUNTOU.

**Ari:**

Você está demitida como minha melhor amiga.

**Ari:**

Estou brincando.

**Ari:**

Eu nunca poderia substituir você...

**Ari:**

E não por minha falta de tentativa.

**Farrow:**

Lol.

**Dallas:**

Ok, o lol foi fraco.

**Dallas:**

Você está bem?

**Farrow:**

Andras acabou de me dar um fora porque eu não desistiria do meu processo contra Vera.

**Dallas:**

O que ele tem a ver com isso?

**Ari:**

Eu concordo com a pergunta de Dallas.

**Farrow:**

Não sei, mas estou oficialmente sem treinador e sem medalha olímpica.

**Farrow:**

Depois do escândalo na mídia que Vera me jogou, estou frita.

**Farrow:**

Não acredito que acabou.

**Dallas:**

Merda, Fae. Desculpe.

**Dallas:**

Aguenta aí. Vou com margaritas e todos os lanches.

**Ari:**

Avise-me quando você chegar até ela.

**Farrow:**

Eu vou ficar bem. Foi apenas um sonho.

**Dallas:**

Você não pode conseguir o que deseja sem sonhar primeiro. Caso contrário, como você saberia que quer isso?

## CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

### *Farrow*

Não deveria ter me surpreendido que Zach possuísse um veículo blindado em cada estado.

Seu motorista pessoal passou por exuberantes campos de golfe e gigantescas casas de praia espalhadas por hectares de areia branca.

Olhei pela janela, abraçando minha bolsa contra o peito, meu rosto, sem dúvida, branco como osso. Eu não me importava. Nada importava muito depois da minha conversa com Andras há dois dias.

O céu cinzento estalava como um ovo, a chuva batia nas janelas em camadas grossas. A Mãe Natureza estava chorando. Eu queria fazer o mesmo, lutando para manter intacta minha expressão estoica.

Zach ligou a ventilação do ar-condicionado, para que não soprasse em meus braços nus. — Há alguma coisa que você gostaria de ver nos Hamptons, Octi?

Ele fez questão de sentar-se o mais próximo possível de mim.

Ainda assim, eu o ignorei durante toda a viagem, incluindo o percurso de avião.

— Sim — eu assobieei. — Gostaria de ver sua mansão pelo retrovisor do meu Prius depois que tudo estiver pronto e limpo.

Se a chuva o incomodava, ele não demonstrava.

*Ele está curando, dia após dia, enquanto seus sonhos vão cada vez mais longe.*

Zach reclinou-se em seu assento de couro, esticando-se no apoio para as pernas. — O que eu fiz agora?

— Trazer uma acompanhante para a viagem com sua noiva é baixo, mesmo para seus padrões.

— Você não é minha acompanhante. — Seus olhos grudaram no meu rosto de uma forma que me deixou feliz e infeliz ao mesmo tempo. — E você precisa parar com essa coisa da Eileen.

— Por quê?

— Porque... é complicado.

— Parece muito simples para mim.

— Preciso de tempo.

Eu bufei, virando a cabeça para olhar para ele. — Para quê?

— Para descobrir as coisas. — Ele puxou os fios sedosos de seu cabelo. — Com você ao meu lado.

Desviei meu olhar para a janela novamente, balançando a cabeça. Eu nem estava brava com Zach. Ele deixou as regras claras desde o início e eu concordei com elas.

Não. O objeto da minha raiva atualmente estava a mais de trezentos quilômetros de distância, em Potomac.

*Andras.*

Andras Horvath com seu ultimato ridículo e bizarro.

— Octi. — Zach pegou minha mão e a colocou em seu colo, brincando com meus dedos. O gesto doeu mais do que me acalmou. Isso me lembrou que tudo acabaria em algumas semanas, talvez até dias. — O que está incomodando você? É o Andras? Posso encontrar um treinador melhor para você.

— Não. Fiquei sóbria com relação a essa fantasia — admiti enquanto o carro passava por cercas vivas altas e se aproximava de uma mansão francesa de calcário. — Vou continuar esgrima só por diversão, mas é isso.

— E o treinamento? — Seus dedos se curvaram sobre os meus em seu colo enquanto o carro rodava pelo caminho de pedras até a porta da frente. — Você ainda consideraria me treinar? Você é maravilhosa nisso.

Seu elogio lambeu minha pele como um raio de sol.

— Suponho que você precise de prática.

— Pirralha. — Ele levou as costas da minha mão aos lábios, dando-lhe um beijo prolongado. — Fique perto de mim, ok?

Eileen estava na porta com um vestido cor de vinho impecável e um casaco combinando, com as mãos enluvadas e entrelaçadas diante do corpo.

Engoli em seco, tirando minha mão da dele. — OK.

\* \* \*

Ficar perto de Zach revelou-se impossível à medida que o dia avançava.

Comecei a suar minhas frustrações na academia do porão enquanto Eileen o arrastava pelo lugar pulando por Southamptons.

Ela não perdeu tempo quando saímos do carro. Seu sorriso desapareceu quando ela me notou, mas ela se recuperou rapidamente, alegre e educada.

— Srta. Ballantine, que bela surpresa. — Ela olhou para Zach enquanto entrávamos. — Achei que você traria Natalie, se alguma coisa.

*Você e eu.*

Eu só concordei em vir para acompanhar o caso.

Zach se comunicava regularmente com o time dos sonhos por teleconferência. Eu não podia arriscar perder nenhuma notícia. Não com a vitória sobre Vera tão próxima.

Zach abriu a porta para nós. — Farrow é meu braço direito.

Quase dei uma gargalhada, respirando para que só ele pudesse me ouvir. — Tudo trocadilho intencional?



Nossos ombros roçaram no corredor. Seguimos cerca de meio metro atrás de Eileen.

Ele sorriu, seu dedo mindinho tocando o meu brevemente. — Isso depende se você achou engraçado ou desagradável.

Afrouxei meus ombros, descongelando. — Um pouco dos dois.

— Nesse caso, sim. Trocadilho intencional.

Embarcamos em um passeio de cortesia pela mansão de quatorze quartos, durante o qual Zach descaradamente me designou o quarto ao lado do dele e Eileen um no canto mais afastado.

Enquanto sua equipe levava nossa bagagem para nossos quartos, Eileen anunciou seu encontro com um organizador de casamentos para explorar os locais.

Claro, aproveitei a chance de me redimir.

Eu me virei para ele. — Você deveria ir.

Quanto mais eu pensava sobre isso, mais decidida me tornava. Zach precisava de uma Eileen. Eu não estaria por perto para sempre.

Depois que eu o curasse e nos separássemos, ficaria tranquila se ele tivesse alguém firme e inabalável em sua vida.

Os olhos de Zach se moveram entre nós, o canto de seus lábios se curvando com a ideia.

— Sério, Zach. — Eu sorri, balançando a cabeça. — Você deveria ir. Eu vou ficar bem.

E por bem, quis dizer com um ciúme verde e pegajoso que eu não tinha o direito de sentir.

Eu suei muito no stepper. A máquina tocou quando atingi a marca dos sessenta minutos. Pulei, peguei uma garrafa de água do suporte e bebi tudo.

Durante meu banho, pensei em todas as maneiras que iria rir na cara de Vera quando isso acabasse. Durante dois anos, imaginei esse momento de mil maneiras diferentes.

Mas hoje, por algum motivo, a ideia de tirar as coisas de Vera não me emocionava mais.

A ideia de *dar* coisas para Zach sim.

Coloquei uma calça de moletom e um suéter e desci as escadas quando fragmentos de uma conversa entre Zach e Eileen penetraram em meus ouvidos.

Parei, pressionando minhas costas contra a parede para ficar escondida.

— ... pense apenas que deveríamos honrar o desejo de sua mãe ao comparecer ao jantar. — Eileen serviu-se de uma taça de chardonnay em uma das ilhas duplas. — Demora seis meses para garantir reservas no The Winstonian.

— Pode levar uma eternidade e eu ainda não gostaria de jantar lá. Além disso, não estou com fome. — Zach falou em seu tom desapegado característico. — Tenho papelada para analisar. Você deveria ir, no entanto. Você vai se divertir.

Se fosse eu, já teria arranjado uma briga. E era exatamente por isso que Eileen combinava melhor com ele.

— Ouvi dizer que a comida é divina. — Ela pousou o copo, a imagem da paciência. — Seria um desperdício desistir da reserva. Além disso, seu amigo Romeo não é coproprietário do lugar? Tenho certeza de que ele não gostaria que você desperdiçasse uma mesa para duas pessoas.

Meu coração ficou preso na garganta enquanto esperava sua resposta.

Egoisticamente, queria que ele ficasse em casa. Para virar as costas para ela.

Na verdade, por um momento estranho, tive vontade de gritar: — Sou melhor para você. Por que você não me escolhe?

Em vez disso, não disse nada, todo o meu corpo rígido no silêncio.

— Tudo bem. — Ele checkou seu relógio de pulso. — Nós iremos.

Fechei os olhos, inalando uma respiração irregular.

— Ótimo. — Eileen jogou o vinho na pia. — Vou ligar para o seu motorista e vestir algo sexy. Será uma boa ideia chamar a atenção. Mostrar às pessoas que somos um casal poderoso. Isso pode ser ótimo para nossas carreiras.

Seus saltos bateram na madeira, movendo-se em minha direção. Subi as escadas até meu quarto, fechando a porta atrás de mim. A voz de Eileen inundou o corredor.

— ... levando-me para jantar agora. — Ela suspirou em seu telefone, como se tivesse acabado de voltar de uma corrida de oito quilômetros. — Tive que fazer minha mágica, mas fiz acontecer.

Silêncio.

Então, ela gemeu, rindo. — Eu sei. Mal posso esperar para montar esse homem. Ele é tão mal-humorado e gostoso. Ele está descongelando, no entanto. Você deveria tê-lo visto quando fomos caçar locais. Nenhuma mulher conseguiu desviar o olhar dele. Assim que eu mostrar a ele o quão boa sou na cama, o jogo acaba para esse gênio.

Garras afiadas e enferrujadas agarraram-se à minha garganta. Eu não aguentava mais. Suas palavras deveriam ter soado sinais de alerta, mas eu não conseguia ver além do lembrete constante de que ele logo se tornaria de outra pessoa.

Eileen entrou em seu quarto, deixando um rastro de risadas e perfume atrás dela. Mantive meus ouvidos atentos à porta, ouvindo-a sair novamente, assobiando para si mesma.

Seus saltos bateram nos degraus.

O tempo todo, Zach não apareceu no meu quarto para me ver.

Ele nem me mandou uma mensagem.

Uma hora depois que Zach e Eileen saíram, eu estava na porta de sua mansão, vestida com um minivestido metálico que Dallas me contou que tinha deixado aqui no verão passado.

— Tem certeza de que esta é a maneira certa de lidar com meu ciúme violento? — Agarrei sua bolsa de grife, meu telefone colado na orelha, esperando meu Uber. — Porque pensei que fazer sexo com um estranho resolveria o problema.

— Positivo. — Dallas mastigou algo crocante do outro lado da linha. — Confie em mim, sou uma gênio de relacionamento.

— Isso não é uma coisa.

— Zach está apenas deixando sua mãe brincar com seu coração. — Dallas ignorou meu ceticismo. — É você quem ele quer.

— Mas Eileen é boa para ele. — O sarcasmo que escorreu de mim poderia ter curado uma seca. — Ela é a escolha racional.

Quanto mais eu pensava sobre isso, mais eu sabia que seria um desastre de trem. Um casamento entre os dois seria como realizar uma reunião de Viciados Anônimos numa farmácia.

Como duas pessoas com a mesma fobia poderiam curar uma à outra?

— Não há nada de racional no amor, querida. — Dallas deu sua risada de sinos de igreja. — Eu sou fã de Fackery.

— Fackery é um nome de transporte terrível. — Eu estremeci. — Muito perto da merda.

— Que tal Zarrow?

— Não. — Estremeci no vestido minúsculo, já me arrependendo desta noite antes de começar. — Eu já disse: Zach e eu nem somos uma opção.

— Claro que você é. Quero dizer, olá? Kate Beckinsale e Pete Davidson, alguém? Não existem regras no amor e na guerra.

Mudei meu peso de uma perna para outra, lutando contra o frio que penetrava em meus ossos enquanto os faróis de um Toyota Camry piscavam ao longe, vindo em minha direção.

— Não acredito que vou sair com outra pessoa.

— Ei, você não é exclusiva. — Algo farfalhou ao fundo. Provavelmente outro saco de salgadinhos. — E aconteceu de eu arranjar para você um cara realmente legal. Quem sabe? Talvez algo real possa surgir disso.

Dallas insistiu em marcar um encontro para mim no The Winstonian – arranjando lugares de última hora, cortesia de um Romeo cauteloso – para que eu pudesse lembrar a Zach que nossa falta de exclusividade era de ambos os lados.

Era mesquinho, mas eu não estava em posição de recusar.

Um: porque eu não tinha comido desde a manhã.

E dois: porque eu realmente precisava provar para Zach e para mim mesma que não estava totalmente envolvida nesse relacionamento.

— Defina suas expectativas muito baixas. — Deslizei meu minivestido sobre minhas coxas. A coisa era mais curta que o pávio de Romeo. — Zach me marcou com mordidas de amor em meus seios e barriga outro dia.

— Ugh. Isso é tão sexy. — Dallas suspirou. — E ele está tão ferrado.

O Uber estacionou bem na minha frente.

Abri um sorriso ao motorista, murmurando: — Eu também.

## CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

### *Farrow*

Anderson Stause não era um homem capaz de roubar meu coração.

Francamente, ele não era um homem capaz de roubar o moedor de pimenta que estava entre nós, na mesa à luz de velas.

Não havia nada abertamente errado com ele (além do fato de que seu queixo me lembrava Bob Belcher). Também não havia nada abertamente certo com ele.

Para ser totalmente franca, ele era mais insípido do que aveia sem tempero.

Legal, mas não gentil.

Bem lido, mas não inteligente.

Esteticamente agradável, mas não bonito.

Ele não possuía o mesmo magnetismo poderoso de Zach, nem a paixão infantil e entusiasmada que acendia um fogo em seus olhos.

— Estou tão animado por podermos comer aqui. — Anderson abriu um guardanapo no colo, sorrindo. — Sempre quis experimentar este lugar, mas nunca consegui uma mesa.

Examinei o ambiente.

Havíamos nos acomodado à mesa há menos de um minuto, e ele já havia acabado com todo o pão de cortesia, engolido dois coquetéis e embolsado os utensílios finos.

Onde Dallas encontrou esse cara?

Ofereci um sorriso educado, ainda examinando o restaurante, apenas parcialmente prestando atenção. — Hum.

Meus olhos pousaram em Zach e Eileen, três mesas adiante. Como

se sentisse meu olhar, Zach virou a cabeça, focando em mim com uma precisão incrível.

Assim que ele viu o vestido, sua expressão escureceu, as sobrancelhas franzidas. Um arrepio percorreu minha espinha. Engoli minha saliva.

Eu nunca o tinha visto assim.

Então... *incontido*.

Eileen sentou-se em frente a ele, falando a mil por hora enquanto brincava com o palito de seu coquetel.

Levei minha bebida de cereja aos lábios, concentrando minha atenção no meu encontro, dando-lhe uma chance honesta. Anderson parecia estar discutindo profundamente comigo.

— ... meu pai queria que eu fosse para uma escola pública. Você sabe, para que ele não tivesse que pagar mensalidades. Tudo por causa do chamado caso de *assédio sexual* enquanto eu trabalhava como temporário para o Senador Hurton. Tipo, não posso cometer erros? Onde está a compaixão?

Onde, de fato?

Em nenhum lugar comigo, isso era certo.

O cara era chato e chauvinista.

*Gênia de relacionamento*, minha bunda.

Rapidamente percebi o fato de que Dallas nos uniu apenas com o propósito de irritar Zach. Anderson era tão sem graça quanto uma lata de lixo transbordando.

Como se estivesse lendo minha mente, o nome dela apareceu no meu telefone no colo.

**Dallas:**

Desculpe, eu disse que ele é fofo.

**Dallas:**

Eu sabia que você não teria dito sim se percebesse que ele é um fracasso.

**Dallas:**

Para sua informação, ele também foi acusado de enviar nus não solicitados, mas sei que você pode fazer bolinhos com as nozes dele se ele ultrapassar os limites.

Suspirei interiormente, fazendo uma nota mental para responder a Dallas.

Enquanto isso, Zach e eu estávamos nos encarando.

Nenhum de nós se virou.

Nenhum de nós pegou nossos utensílios.

Nenhum de nós *se moveu*.

Eileen tentou chamar a atenção de Zach de volta para ela, seu comportamento discordando da minha impressão inicial. Ela sacudiu o cabelo, juntando os seios no vestido, rindo como uma colegial.

Meu corpo zumbia de ciúme, mal captando o sinal de outra mensagem.

Anderson nem percebeu quando eu verifiquei meu telefone enquanto ele falava monotonamente.

— ... mal me formei porque estava muito ocupado ajudando minha mãe a montar sua nova casa em Hamptons depois que meus pais se divorciaram, então ele teve a *audácia* de me cortar a herança...

Mantive meu telefone no colo, passando o dedo pela tela.

**Zack:**

O que você está fazendo aqui?



Eu respondi rápido.

**Farrow:**

Comendo. Bebendo. Flertando.

Eu olhei para cima.

Zach estava lendo minha mensagem.

Eileen finalmente percebeu algo errado. Com um beicinho, ela olhou ao redor, avistando-me. Seus lábios se pressionaram em uma linha dura.

Ela engoliu metade de sua bebida.

**Zack:**

Você não está flertando com esse cara.

**Zack:**

Ele não é seu tipo.

**Farrow:**

Como você sabe?

Estávamos agora ignorando abertamente nossos encontros.

**Zack:**

Porque ele parece um pedaço de talco e provavelmente é igualmente fascinante.

Eu odiava que ele estivesse certo. E que estivesse me criticando por estar em um encontro quando ele estava literalmente fazendo o mesmo.

**Farrow:**

Para sua informação, ele é fascinante e legal.

**Farrow:**

Talvez eu o leve para casa.

**Zack:**

Não ouse nem brincar sobre isso.

**Zack:**

Você é minha.

Ele era assumidamente possessivo, quando não tinha o direito de ser. Uma raiva incandescente corria em minhas veias.

Na minha frente, Anderson passou a discutir se nus não solicitados poderiam ser considerados assédio.

Sem pensar, estendi o braço por cima da mesa e apertei a mão dele na minha. Ele engasgou, mas sua surpresa se transformou rapidamente em arrogância.

Com um sorriso, ele beijou as costas da minha mão. A bile atingiu a borda da minha garganta.

Ele aproximou seu assento. — Vejo que não sou o único que percebeu nossa química.

*Idiota, a única química acontecendo aqui é a toxina botulínica que quero dar a você.*

— A química está aqui. — Tentei manter meu estremecimento sob controle. — Eu também sinto isso.

O telefone no meu colo tocou em rápida sucessão.

**Zack:**

Você está deixando-o TOCAR em você?

**Zack:**

Você está brincando comigo?

**Zack:**

Encontro você na frente em dois minutos.

Estamos indo embora.

**Farrow:**

Você não é meu chefe.

**Zack:**

PELA ÚLTIMA VEZ, PORRA, EU LITERALMENTE SOU.

Mas era tarde demais.

Eu já tinha me decidido. E o que eu precisava agora era sair daqui. A comida, os coquetéis e o brilho não valiam a pena.

Dallas estava errada. Eu não precisava disso. Sabia que deveria ter ficado na cama com chocolate quente e meu Kindle.

— Você se importaria se fôssemos para outro lugar? — Afastei minha mão da de Anderson, limpando-a no vestido, embaixo da mesa. Ele a segurou como uma dioneia. Precisei de um batalhão inteiro para desenrolar meus dedos dos dele. — Eu... — *Não posso encarar meu chefe e sua noiva por medo de entrar em combustão.* — ... preciso sair daqui.

— Tem certeza? — Sua testa enrugou-se. — Porque o Sr. Costa mencionou que a refeição será de graça...

— Certeza.

Fiquei parada, perguntando-me se Anderson poderia ser *menos* atraente, quando ele pegou um espeto de bambu dos aperitivos e o usou como palito de dente.

*Sim. Um novo fundo do poço.*

Coloquei meu guardanapo sobre a mesa. — Com licença enquanto vou me refrescar. Eu volto já.

Anderson me cumprimentou. — Sem pressa. Enquanto isso, trabalharei nas entradas. Não há razão para que sejam desperdiçadas.

Suprimindo um balançar de cabeça, atravessei o mar de mesas, entrando no banheiro feminino.

Agarrei a borda da pia em forma de concha, olhando-me no espelho. — Recomponha-se, Fae. Ele é apenas um cara.

— Um chateado com isso.

Zach entrou, trancando a porta atrás de si. Eu girei, minha parte inferior das costas pressionada contra a bancada úmida da pia. Ele caminhou em minha direção, uma névoa escura de ira ronronando ao seu redor.

Meu coração tropeçou em um grito, perdendo uma batida. Cada músculo contraiu-se com a simples visão dele.

Ele pressionou contra mim, seu corpo inteiro cobrindo o meu. — O que você está fazendo aqui?

*Perdendo minha cabeça.*

Mas por instinto, inclinei a cabeça para trás, sentindo a protuberância quente do seu pau contra a minha coxa.

— Desfrutando de uma refeição e de um homem bonito. — Eu precisava desesperadamente lembrá-lo – e a mim mesma – de que era um agente livre. — Eu disse que não somos exclusivos. Não há nada que você possa fazer sobre isso.

Seu pau sacudi entre nós, cavando com mais força na minha coxa. — Posso pensar em uma coisa que posso fazer a respeito.

O desejo líquido inundou o fundo do meu estômago. Meus mamilos se transformaram em pequenos diamantes rosa.

— O que seria isso?

— Você.

Ele agarrou meu cabelo, trazendo meu rosto para o dele e batendo seus lábios nos meus. O beijo queimou meus lábios, evaporando minha raiva, confusão e dúvida.

Ele segurou meu rosto com as palmas das mãos, puxando-me para mais perto, como se quisesse me devorar inteira, engolir meu corpo todo e não deixar nada de mim para mais ninguém.

— Minha — ele rosnou em nosso beijo, mordendo meu lábio inferior, suas mãos vagando, os dedos enrolando em torno do meu corpo.

Agora *ele* era o polvo, tentando dominar cada célula do meu ser.

— Minha, minha, minha — ele repetiu, aprofundando nosso beijo, a mão serpenteando entre minhas coxas.

Os dedos de Zach viajaram ao longo da minha fenda através da minha calcinha. Um gemido me escapou. Decidi que iria odiá-lo de verdade *depois* de fodermos.

Seus lábios viajaram para o sul, ao longo do meu corpo, subindo o minivestido pelas minhas coxas em movimentos bruscos.

Sua boca estava por toda parte – cobrindo meus mamilos através do vestido, mordendo a carne sensível da minha cintura, lambendo e chupando cada centímetro de pele nua que aparecia através da minha roupa.

Ele se ajoelhou e puxou minha calcinha de lado, penetrando-me com a língua.

Arqueei as costas, abrindo as pernas para ele, uma mão apoiada na pia e a outra segurando seu cabelo. — *Zach*.

Ele me fodeu cruelmente com a língua, agarrando minha bunda com força punitiva. Seu mindinho brincou com meu buraco apertado através da minha calcinha enquanto ele me comia como um homem faminto.

Virei a cabeça, o prazer crescendo dentro de mim muito intenso, demais.

Seus dedos afundaram mais fundo na minha bunda. — Essa boceta pingando é minha.

Apertei sua língua com força, já perto do limite.

— Essa bunda é minha — ele continuou, mordendo a junção entre minha bunda e a parte interna da coxa, girando meu clitóris com a ponta do nariz. — Cada respiração que você respira pertence a mim.

Eu balancei para frente e para trás contra sua boca gananciosa.

Ele abaixou o zíper, tirando a calça enquanto um orgasmo rasgava meu corpo. — Você pode exibir seus encontros o quanto quiser, mas nunca escapará de mim.

Ele se levantou e me ergueu sobre a pia de mármore, separando meus joelhos. Com um estalo, ele rasgou minha calcinha, empurrando dentro de mim como um homem possuído.

Eu o senti me esticando ao máximo, o cheiro de látex se misturando com sexo.

Alguém tentou mexer na maçaneta pelo lado de fora. Meu coração deu um salto quando Zach bateu em mim, recuando e depois pressionando novamente.

Nas últimas duas semanas, gastamos dois pacotes grandes de preservativos. Eu deveria estar mais acostumada com o tamanho dele agora. Mas não estava.

Eu ofeguei, fingindo me importar com qualquer coisa além de ser fodida por ele enquanto passava meus braços em volta de seu pescoço. — Eles vão nos pegar.

Minhas unhas se arrastaram por seus bíceps, recusando-me a dar ouvidos ao meu próprio aviso. Apoiei meu queixo para baixo, observando seu pau desaparecer dentro de mim e reaparecer novamente, brilhando com meus sucos.

Através da fina camada de borracha, eu ainda conseguia distinguir a crista espessa e cheia de veias.

A maçaneta da porta parou de chacoalhar e o som foi substituído

por batidas fortes. — Oh, vamos lá. Eu tenho que fazer xixi.

A risada vazou da minha garganta.

— Shh. — Zach pressionou a palma da mão contra meus lábios, calando-me enquanto acelerava o ritmo, fodendo-me mais profundo e mais rápido. — Seja uma boa menina e pegue meu pau em silêncio. Sim. Bem desse jeito. Você está fazendo um trabalho tão bom.

Com a mão livre, ele tirou uma das alças dos meus ombros, liberando meu seio. Estava cheio e ingurgitado, implorando para ser tocado.

Ele abaixou a cabeça para pegar meu mamilo em sua boca. Cada terminação nervosa do meu corpo floresceu em arrepios.

Eu chorei em seu punho, agarrando-me a ele com mais força. Meu segundo clímax correu como uma corrente ao longo do meu corpo. Cada vez que ele entrava em mim, a ponta do seu pau atingia meu ponto G.

Estrelas encheram a parte de trás das minhas pálpebras.

As batidas na porta se intensificaram.

— Por favor, diga-me que você está perto. — Sua boca se moveu sobre meu mamilo, suas estocadas se tornando mais espasmódicas e menos controladas. — Eu não aguento mais, porra. Sua boceta está ordenhando meu esperma, uma gota de cada vez.

A porta sacudiu com força agora. — Ei.

Alguém bebeu seus doze copos de água hoje.

— Estou perto — eu choraminguei.

Ele tirou a mão dos meus lábios, engolindo meus gemidos enquanto nos beijávamos. Seu esperma quente encheu o preservativo quando ele gozou dentro de mim.

Ambos tremíamos nos braços um do outro, suados e destroçados pelos nossos orgasmos. Por um longo momento, apenas nos abraçamos, a testa dele apoiada em meu ombro.

Sua respiração difícil percorreu minha espinha.

Nenhum de nós queria se mover.

Para voltar ao mundo real.

— Vou entrar em combustão aqui. — Pee Lady bateu na porta novamente. — É isso. Se você não abrir agora, juro que vou ligar para o gerente.

Zach e eu nos entreolhamos. Ele se afastou de mim lentamente, com o pau meio mastro, deu um nó no preservativo usado e jogou-o na lata de lixo.

Agarrei a pia atrás de mim, lutando para recuperar o fôlego.

Ele deu um beijo suave em meus lábios antes que um sorriso educado e distante tomasse conta de seu rosto.

— Lembre-se, Octi. Você pode ter encontros com quem quiser e vender histórias sobre como me deixar, mas sempre serei eu quem vai foder você. Aquele que faz você gozar. Aquele que possui cada centímetro de você.

Ele fechou o zíper e foi até a porta, destrancando-a. A loira de vinte e poucos anos do outro lado recuou, nervosa em seu terno elegante.

— Suborno. — Zach tirou um maço de dinheiro do bolso, jogando-o na direção dela. — Abra sua boca e eu acabarei com sua vida.

Muito casualmente, ele voltou para seu encontro com Eileen.

Deixando-me completamente fodida, tanto física quanto mentalmente.



# CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

## *Zach*

Os olhos de Eileen se fixaram em mim quando parei na mesa de Farrow no caminho de volta para a minha.

O fato de que nossa união era uma farsa contínua das proporções de Monty Python estava se tornando cada vez mais aparente. Dor desnecessária devia ser evitada.

Na verdade, a única razão pela qual concordei com este jantar foi para cancelar o noivado e planejar o controle de danos.

O cara de polo Lacoste olhou para mim de seu prato de macarrão, sorrindo com os dentes manchados de tomate.

— Merda. É  *você*. — Seus olhos brilharam. — Cara, acompanho sua carreira há uma década. Tentei conseguir um estágio na sua empresa quando me formei. Sou um verdadeiro fã.

Eu me elevei acima dele, catalogando seu rosto e me assegurando de que Octi nunca poderia encontrar um homem como este verdadeiramente desejável. — Infelizmente, não posso dizer o mesmo.

O macarrão linguine caiu de seus lábios.

Abotoei meu blazer com uma mão. — Agora, deixe-me contar como será o resto da sua noite se você desejar conduzir negócios no estado de Nova York. Sua acompanhante retornará e você a levará para casa, dirigindo abaixo do limite máximo de velocidade. Você a acompanhará até a porta, mas não entrará. Você apertará a mão dela – *brevemente* – e dirá que ela é linda e o encontro mais fascinante que você já teve, mas devido ao fato de ela estar totalmente fora do seu alcance, você desistirá e abrirá caminho para alguém que realmente a merece. Então, você desaparecerá permanentemente da vida dela. Agora, você precisa que eu escreva isso para você?

O garfo caiu do punho no prato com estrondo.

Ele abriu os lábios, mas não conseguiu falar, confirmando minha suspeita de que não existia nada entre seus ouvidos além de esquemas de Bitcoin para enriquecimento rápido e pornografia fetichista.

Estalei meus dedos na frente de seus olhos, perdendo a paciência. Eileen estava olhando, e eu não queria prolongar isso mais do que o necessário.

Agora que descobri os prazeres do sexo, pensei que estaria prestando um péssimo serviço a ela se a prendesse num casamento sem sexo. Ela poderia encontrar seu próprio Octi para curá-la (boa sorte – a minha era única).

— Eu. Fui. Claro? — repeti.

Ele engoliu em seco. — S-sim.

— Bom. — Tirei fiapos do meu ombro, um sorriso frio brincando no meu rosto. — Lembre-se, Oatmeal: se você a machucar, se você a ofender, se você tentar dar em cima dela, eu saberei e retaliarei. — Ajustei a gola da camisa dele sem tocá-lo. — Aproveite seu prato de massa.

## CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

### *Farrow*

Decidi que ser servida era ainda pior do que ser a governanta de verdade.

Durante todo o fim de semana nos Hamptons, Zach enviou sua equipe para me mimar. Eu me vi sendo perseguida por pessoas implorando para me preparar outro smoothie, preparar um banho para mim, buscar algo na Starbucks e me levar para fazer compras.

— Eu tenho pernas, carteira de motorista e capacidade mental — eu rosnava para eles, acompanhada da risada divertida de Zach em algum lugar distante. — Por favor, pelo amor de Deus, faça uma pausa. Assista a um filme. Mime-se com algo da despensa. Deixe-me em paz.

Com a partida de Eileen, um peso foi tirado de cima de mim. Ela correu para um paciente de emergência no meio do jantar com Zach e não voltou.

Durante todo o fim de semana, Andras explodiu meu telefone com mensagens de texto, implorando-me para reconsiderar minha posição sobre Vera.

Liguei para ele uma vez, exigindo saber por que ele tinha tanta convicção sobre isso. Ele se esquivou da minha pergunta, insistindo que estava cuidando de mim e dos meus interesses.

Fiquei frustrada e confusa, mas principalmente desapontada.

Achava que Andras estava do meu lado.

Zach e eu agimos de forma imprudente, indo até o jardim de rosas para roubar beijos e orgasmos. A culpa sentou-se no meu estômago como um tijolo, afundando-me e, ainda assim, eu era uma participante voluntária.

À noite, ele rastejava para minha cama, arrancando de mim emoções e sensações que eu nem sabia que existiam.

Ele adorava cada parte do meu corpo e, pela primeira vez na vida, eu me senti como uma escolha de alguém, e não como uma falha. Na medida em que percebi que precisávamos de uma conversa franca sobre para onde estávamos indo.

Isso não parecia mais um projeto.

Parecia uma eternidade.

\* \* \*

Algumas horas antes do nosso voo para casa, Zach deixou um bilhete na minha mesa de cabeceira.

*Duas da tarde no roseiral.*

As asas de borboleta acariciando as paredes da minha barriga contavam uma história tão antiga quanto o tempo.

Zachary Sun não era meu chefe e minha aventura – ele era meu tudo.

Era hora de ter a conversa que adiei por meses.

Cheguei ao banco do jardim alguns minutos mais cedo. Exuberantes flores vermelhas e brancas e espinhos embalavam a pedra em forma de cisne, entrelaçando-se uns nos outros como espadas.

Ocupei-me com meu telefone, olhando e-mails dos meus advogados. Eu nunca fui covarde, mas contar a Zach meus sentimentos me fazia suar frio.

O farfalhar das folhas balançou nas minhas costas. Levantei os olhos do telefone e fiquei surpresa ao ver Eileen caminhando em minha direção.

Seus saltos cravaram-se no solo úmido. Um vestido longo marrom balançava enquanto ela caminhava, combinado com um cinto Hermès

fino.

Ela usava maquiagem mínima, uma expressão plácida e seu cabelo preso em um coque elaborado e impecável.

Eu enrijei, achando difícil encontrar seu olhar penetrante. Ela estava a par de minhas indiscrições com seu noivo.

Não importava que nós duas tivéssemos acordos com ele – e nenhum de nós os tivesse quebrado tecnicamente. Até este momento, tinha conseguido evitá-la na enorme mansão, graças ao seu desaparecimento.

Agora, ela era como um espelho, forçando-me a olhar meus pecados nos olhos.

Eu fiquei de pé.

— Oh, por favor, Srta. Ballantine. — Eileen acenou com a mão.  
— Você não é minha funcionária. Você pode sentar-se novamente.

— Sou funcionária do seu *noivo*. — A palavra queimou minha garganta, queimando minha língua.

— Mesmo assim, venho até você hoje como uma mulher falando com outra mulher.

Meu coração desceu perigosamente rápido.

Eileen deslizou ao meu lado, forçando-me a correr para a beira do banco.

Ela apoiou a bolsa no colo. — Eu agradeço por você ter vindo aqui.

— Eu não gosto que você me fez pensar que foi Zach quem me convidou para vir aqui.

— Talvez você não aprecie isso, mas certamente pode entendê-lo.  
— Eileen assentiu. — É por isso que mantive isso vago. Eu não poderia arriscar que você recusasse meu pedido. O tempo não está do meu lado neste assunto.

Agarrei-me à minha máscara de indiferença, sentindo uma

catástrofe iminente atingindo minha vida. — Como posso ajudá-la?

— Acho que nós duas sabemos como você pode me ajudar. — Ela procurou algo em sua bolsa, os lábios apertados. — Pare de foder meu noivo.

Sua exigência cortou meu peito, alcançou profundamente meu coração e o agarrou. Não fazia sentido negar o óbvio, mesmo que fosse minha reação instintiva.

No mínimo, Eileen merecia a verdade.

Vesti minha jaqueta, forçando as palavras a saírem da minha boca. — Isso não é sério.

Não era mentira.

Para Zach, pelo menos.

Ele repetidamente me lembrava – e a si mesmo – que éramos apenas um acordo temporário.

Ainda assim, parecia sujo dizer isso. Como uma mentira branca.

Os olhos de Eileen exploraram meu rosto. Atrás deles, eu vi muitas das mesmas emoções nas quais estava me afogando. Agonia, ciúme e desespero. Autopiedade crua que tornava difícil respirar.

Seus olhos estavam cobertos de lágrimas, mas eu sabia que ela não iria deixá-las cair. Eileen, como eu, via a vulnerabilidade como fraqueza. Ela não se permitia quebrar.

— Pode não ser sério para você, mas é sério para mim. — Ela alisou o vestido, alisando uma ruga. — Meu sonho sempre foi me casar com ele.

Ergui minha cabeça, as sobrancelhas franzidas. — Achei que vocês nem se conhecessem até alguns meses atrás?

Ela esfregou o nariz vermelho, balançando a cabeça. — Meu Deus, você não é ingênua?

Enfiando a mão dentro da bolsa novamente, ela pegou um pequeno álbum de fotos antigo e me entregou. Eu o abri.

Meu coração afundou ainda mais quando meus olhos pousaram nas duas primeiras fotos. Dois bebês moles com coxas enroladas e mullets combinando sorriram para mim.

*Não.*

*Não, não, não.*

— Somos Zach e eu quando bebês. — Ela apontou para a segunda foto. — E aqui somos nós com dois anos de idade. Nossos pais eram bons amigos.

— Zach nunca mencionou isso.

— Ele não se lembra disso. Quando Constance nos reuniu, não quis envergonhá-lo trazendo o assunto à tona. Esperei por isso há muito tempo. Eu... — Ela fechou os olhos, suas bochechas ficando rosadas. Um instante depois, ela balançou a cabeça. — Ah, não importa.

— Diga-me — eu insisti, girando meu corpo para encarar o dela.

Eileen suportou silenciosamente minha presença na vida de Zach por meses. Ela realmente não se importava ou temia balançar o barco até garantir seu lugar?

O telefonema dela na outra noite passou pela minha mente. Zach via esse acordo apenas como um negócio.

Mas ela via assim?

— Eu o amei durante toda a minha vida.

*Oh, meu Deus.*

Nunca me ocorreu que ela o queria mais do que um símbolo de status. Ela me enganou com suas constantes sugestões para adicionar cláusulas de não toque e pró-namoro ao contrato.

Eileen abriu os olhos, o lábio inferior instável. — Passei trinta e três anos me projetando para ser o que Zachary Sun precisa em uma esposa. Eu me esculpi como uma boneca de acordo com seus desejos e vontades.

*Não é assim que se ama*, tive vontade de gritar.

Em vez disso, afundei ainda mais na minha jaqueta, ouvindo-a falar.

— Quando criança, ele costumava me proteger quando meus irmãos mais velhos me intimidavam. Ele era inteligente, selvagem e corajoso. Ele adorava esculpir lama, então eu esculpia lama. Ele adorava balançar nas cordas, então eu balançava nas cordas. Ele brincava no trepa-trepa, então eu também. Qualquer coisa para estar perto dele. E ele deixava... até minha família se mudar.

Eu queria chorar. Pelo jovem Zach, que deveria ter permanecido despreocupado e brincalhão. E pelo adulto Zach, que lutava para arcar com o peso de seu trauma.

E acima de tudo, invejei Eileen Yang por conhecer as duas versões dele.

De repente, não pude deixar de amaldiçoar a injustiça de tudo isso. Pessoas que conheciam sua alma gêmea jovens nunca tinham que sentir que haviam começado um livro no capítulo errado e precisavam ler o começo para apreciar o fim.

Eileen tocou uma das fotos, mordendo o lábio. — Um dia, papai nos contou que seu amigo da faculdade tinha morrido. Meus irmãos mal se lembravam dele, mas eu sim. Apareci no funeral e apresentei minhas condolências. Zach nem me reconheceu. Ele mal reconheceu seus amigos de escola.

*Ah, Zach.*

Meu coração se partiu por ele novamente.

Eileen continuou, sem perceber que pedaços de mim haviam se espalhado pelo jardim de rosas. — Decidi então que aproveitaria a oportunidade para me tornar tudo o que ele precisava e voltar para ele como a mulher perfeita. O diploma de medicina, os vestidos elegantes e as instituições de caridade. Tudo projetado para agradar Constance e atrair Zach. Adaptei minha personalidade para se adequar à dele: calma, serena, fria e elegante.



Uma parte desesperada, tortuosa e perturbada de mim se perguntou...

*É realmente disso que ele precisa? Ou ele precisa do seu oposto? Para tirá-lo da concha e dar-lhe uma dose da brincadeira que ele costumava ter.*

Os dentes de Eileen arranharam seu lábio inferior enquanto ela olhava para longe. — Enquanto isso, bebi cada boato que ouvi sobre ele dos meus pais, coletando todas as informações que pude sobre ele nas redes sociais – nos feeds de seus amigos, colegas de classe, sua tia.

Éramos realmente tão diferentes?

Eu fiz minha pesquisa sobre ele também, antes do encontro. Nós dois conhecemos Zach sob um disfarce, ambas firmamos contratos com ele e ambas caímos rápido, forte e profundamente.

Eileen folheou o álbum de fotos sem realmente olhar. — Quando encontrei Zach novamente, eu já havia me transformado na versão de mim mesma que ele precisava. Mostrei a ele tudo o que precisava mostrar. Uma mulher inteligente, fria e desinteressada em tocar nos homens. Alguém que lhe daria uma família sem arruinar seu estilo de vida atual. Eu sabia que nos daríamos bem, e foi o que aconteceu.

Um pequeno e triste sorriso apareceu em seus lábios.

Meu coração se partiu por ela – e por mim também. Porque finalmente entendi como é amar alguém que nunca poderia ser verdadeira e totalmente seu.

— Combinamos um noivado no mesmo dia em que nos conhecemos. Corri para casa satisfeita por poder ajudá-lo, sabendo o quão aliviado ele devia ter se sentido por encontrar alguém que pudesse lhe dar tudo o que ele precisava sem comprometer nenhuma parte de si mesmo.

Ela me destruiu uma palavra de cada vez. Senti náuseas de culpa, dor e horror.

Eu não conseguia nem falar.

— A mãe dele me ama. A tia dele me adora. Estou disposta a

cumprir suas regras. Se ele me quiser por perto, ficarei. Se ele quiser que eu fique longe, também posso fazer isso. Estarei lá para cada versão dele, independentemente de ele continuar assim ou mudar. Vou me moldar em tudo que ele precisar. Você pode dizer isso sobre você? Você pode desistir de todos os seus sonhos por ele?

Voltei ao escritório de Andras. Para mim, tremendo de raiva, incapaz de desistir de minha busca por vingança. E ele, ordenando-me que deixasse isso para trás para perseguir nosso sonho mútuo.

*Mas, percebi, a ideia de tirar tudo de Vera não me emocionava mais. Podia não ser capaz de desistir da vingança pela esgrima, mas podia desistir por Zach.*

Eileen interpretou meu silêncio como uma concordância, fechando o álbum de fotos em seu colo. — Minha vida é estável. Tenho um emprego de verdade, um horário adequado e a capacidade de criar uma família – emocional, física e financeiramente. E eu *nunca* roubei ou trapaceei em minha vida.

*Mas você mentiu para Zach, tive vontade de ressaltar, engolindo as palavras porque não tinha chão para me firmar. Você mentiu sobre quem você é, sobre conhecê-lo, sobre compartilhar fobias.*

— Farrow, estou contando isso porque acho que você é uma boa pessoa com uma mente clara. Você deve ver que sou mais adequada para ele. Que seus problemas serão apenas um fardo. Se você realmente se importa com ele – e realmente acho que você se importa – você o deixará ir.

— O que você está me pedindo para fazer?

Na periferia da minha mente, um sinal de alerta gigante disparou. Eu me forcei a afastar minhas emoções e pensar logicamente.

*Tudo sobre ela é mentira. E o telefonema. Ela riu sobre ter enganado Zach para um jantar. Não confie nela.*

Eileen juntou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Estou pedindo para você pegar um voo, sair da casa do meu noivo e nunca mais voltar. E se você fizer isso, eu assumirei os honorários

advocatícios do seu processo judicial...

Eu recuei, perguntando-me como ela sabia disso. — Eu não preciso da sua caridade.

Ela bisbilhotou? Zach contou a ela?

Mas eu sabia que ele não faria isso.

Ela brincou com o enorme anel de noivado em seu dedo. — Não é caridade. É um acordo. Não é diferente daquele que você compartilha com Zach.

Exceto que *era* diferente.

Eu queria ajudar Zach. Eileen apenas queria existir ao lado dele.

Como ela poderia amar alguém que não via desde a infância? Ela ao menos o conhecia?

Que ele odiava a chuva, mas amava o frio.

Que ele fingia estar enojado com Cheetos, mas os devorava às dúzias se um saco se aproximasse dele.

Que ele apenas parecia desapegado, mas possuía uma lealdade feroz quando se tratava de amigos e familiares.

Mantive minha voz nivelada, cuidadosamente transformando minha expressão em neutra. — Meu acordo com ele termina em breve.

— Seu acordo com ele termina *agora*. — Ela jogou o álbum na bolsa e ficou de pé. — Acho que fui paciente o suficiente.

— Não é comigo que você precisa falar. Na verdade, pelo que me lembro, foi você quem solicitou cláusulas mais rígidas de proibição de contato e sugeriu permitir relacionamentos externos.

Eu duvidava que ela se contentasse em mantê-las para sempre.

Na verdade, eu apostaria no fato de ela ter sugerido que eles baixassem a guarda proativamente.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, ela riu nas pontas dos dedos. — Você acha que ele teria concordado em se casar comigo se

eu não tivesse feito isso?

— Então, você o enganou?

— É apenas uma mentira branca.

— Uma mentira inocente é dizer a uma criança de cinco anos que seu hamster foi para a fazenda depois de morrer. *Não* inventar uma fobia inteira como premissa de um noivado.

Sempre me perguntei por que meus hamsters precisavam de ar fresco naquela fazenda sem endereço.

— Isso importa? Funcionou. Estou noiva dele. Você é apenas a governanta. Saiba seu lugar. — Ela girou o anel até que o diamante gigante me encarasse. — Seu acordo com meu noivo termina agora.

Levantei meu queixo. — Zach é um menino crescido. — *Não era essa a verdade?* — Ele pode decidir por si mesmo.

— Pedir para você sair não é mais do que uma cortesia. — Eileen se elevou sobre mim, tão perto que eu podia sentir o cheiro de menta em seu hálito. Nenhum músculo em seu rosto se contraiu. — Não se engane – vou me livrar de você de uma forma ou de outra. O que me falta em imaginação, compenso em ambição.

Estranhamente, relaxei com as palavras dela.

Essa era minha zona de conforto, graças à Vera.

Os cantos da minha boca se ergueram. — Você está me ameaçando?

— Não, Farrow, estou *dizendo* a você. — Ela tirou um espinho de rosa da minha manga. — Você não é digna do amor de Zachary Sun. Afaste-se por alguém que é. Ou eu vou fazer você se afastar.

Eu não sabia o que a vida reservava para mim e para Zach, mas sabia que não acreditava mais que ele algum dia seria capaz de experimentar a felicidade com essa mulher manipuladora.

— Estou feliz por termos tido essa conversa, Eileen. — Com um sorriso, levantei-me, sentindo-me mais leve do que há dias. — Boa sorte em convencer Zach a se apaixonar por você. Nunca se sabe... —

fiz uma pausa, lembrando-me das palavras dela na ligação e jogando-as de volta para ela. — Depois que você mostrar a ele o quão boa você é na cama, o jogo acaba para esse gênio.

Girei com agilidade no passo e voltei para o meu quarto.

— Você mexeu com a vadia errada. — Eileen agarrou meu braço, impedindo-me. — Estou prestes a liberar todos os círculos do inferno de Dante sobre você.

## CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

### *Zach*

Se Farrow gemesse a palavra *pornografia* mais uma vez, eu transaria com ela neste jato e criaria a nossa própria, público que se dane.

— Espere. — Sua língua saiu da boca enquanto ela lutava para apontar a câmera para seus chilaquiles sem que parecessem comida de bebê. — Dallas e Ari querem fotos pornográficas de comida.

Relaxe contra o couro, irritado com as constantes distrações. Os amigos de Octi da Coreia decidiram que hoje seria o dia perfeito para abordá-la e dizer-lhe para permanecer forte durante o banho de sangue da mídia.

Ela finalmente atendeu uma ligação, apenas para Dallas persegui-la sobre os lanches do voo em seu bate-papo em grupo.

— Sr. Sun? — Do sofá, Natalie ergueu o telefone. — Seus advogados estão na linha.

Ela passou o fim de semana em Manhattan para verificar minhas propriedades lá, pegando carona de volta para Maryland conosco.

Eileen, porém, permaneceu na cidade. Eu mal podia esperar para contar à mamãe que dei uma facada no meu noivado e acidentalmente acabei com todas as chances de ele formar um relacionamento.

Não havia nada de errado com Eileen.

Na verdade, ela só tinha uma falha: ela não era Farrow.

Mas isso era o suficiente para acabar com o negócio.

— Advogados? — Minhas sobrancelhas se uniram. — *Plural?*

Normalmente, eles me ligavam um de cada vez.

— Sim, senhor. Todos três. — Natalie se levantou do assento,

limpando as migalhas de biscoito do terno enquanto me entregava o telefone. — Tom também está na ligação. Acho que pode ser importante.

— Você acha, Einstein? Eu me pergunto o que denunciou isso.

A cabeça de Farrow voou do telefone. Ela me lançou um olhar preocupado.

Amaldiçoei interiormente, abominando a distração indesejável.

Para começar, planejei usar a viagem de avião para falar com Octi sobre nós. Mais especificamente, se *nós* podíamos existir além do escopo de arrancarmos a roupa um do outro e nos envolvermos em intermináveis preliminares verbais.

E em segundo lugar, na viagem de carro até aqui, Fae mencionou que tinha algo para me contar sobre Eileen.

Farrow prendeu o cabelo dourado em um coque alto, tirando as pernas debaixo da bunda. — O que estão dizendo?

Peguei o telefone da minha assistente, que continuou pairando. Ela saltou de um pé para o outro, apenas olhando para mim.

— Natalie?

— Sim, Sr. Sun?

— Por favor, saia daqui.

Ela assentiu, embora com visível descontentamento, enfiando o laptop debaixo da axila e indo para a cabine. Farrow agarrou minha manga.

Entrelacei nossos dedos, apertando. — Tudo vai ficar bem.

Seus olhos se agarraram aos meus. — Como você sabe?

— Porque... — Tracei a marca de beleza sob seu olho com minha mão livre. — Se você perder este caso, o que tenho reservado para Vera será infinitamente pior do que qualquer punição que a lei possa impor.

— É uma maravilha que você não tenha acabado na prisão.

— Apenas para aqueles ingênuos o suficiente para acreditar no sistema legal. — Encostei o telefone de Natalie na caixa de salgadinhos, mudando para videoconferência. — Falem conosco.

O rosto de Deanne apareceu primeiro. — Srta. Ballantine?

— Sim. — Fae levantou a mão como se estivéssemos na pré-escola. — Estou aqui.

— Você concorda que o Sr. Sun ouça esta conversa? Ele contém algumas informações confidenciais.

— Sim. — Farrow assentiu. — Vá em frente.

Uma pontada de orgulho me cutucou, confirmando o que eu já sabia.

Eu estava fodido com F maiúsculo.

— Talvez seja melhor termos essa conversa pessoalmente. — Tom pegou um bloco de notas. — Muitas evidências delicadas para examinar.

— Eu literalmente não tenho autocontrole para recusar sobremesas sem laticínios. — Fae sentou-se no meio do meu assento para conseguir um ângulo melhor. — O que faz você pensar que posso esperar a viagem inteira de avião para ouvir suas novidades?

Nossos cotovelos roçaram, e isso por si só acendeu algo possessivamente depravado dentro de mim.

Tom levou um lápis aos lábios. — Hum...

— Você a ouviu. — Esfreguei círculos em sua coxa com o polegar, relaxando no encosto. — Diga tudo antes que eu corte suas entranhas.

— Só estou tentando garantir que ninguém desmorone aqui.

— Já estou em pedaços. — Farrow acenou. — Por favor, continue.

— Descobrimos algo alarmante. — Tom fez uma pausa. — Tipo, criminalmente perturbador.

Farrow lambeu os lábios. — Vera cometeu um crime?



— Parece que sim. Um flagrante nisso. — Ele hesitou. — Srta. Ballantine...

— Sim?

— Você está sentada?

— Não. — Fae mostrou os dentes, arrancando-me um sorriso. — Estou de pé, dançando Copacabana. — Ela apontou o polegar para o estofamento de couro atrás de nós. — O que você acha?

Acho que ela não o perdoou por estragar seu disfarce e desencadear a tempestade na mídia.

Tom encolheu os ombros, indo para matar. — Vera contratou alguém para matar seu pai.

Silêncio.

Silêncio total.

Do tipo que penetrava pelos tímpanos.

— Sinto muito — acrescentou Tom, pensando melhor.

As palavras flutuaram no ar, sufocando-nos como gás nervoso. Procurei em Fae sinais de dor, reconhecimento, agonia.

Tudo que consegui encontrar foi amargura.

Tom coçou a têmpora. — Estamos bem para continuar?

Deanne parou de digitar. — Vamos dar a ela um minuto.

Mas Fae não precisou de um minuto. Ela se levantou, andando de um lado para o outro. — Isso é impossível. Papai morreu em um acidente. O manobrista...

— Sabia exatamente o que estava fazendo. — Tom pegou uma pasta e abriu-a. — Um homem chamado Eugene Thomas. Ele era o manobrista envolvido no suposto acidente, como tenho certeza que você sabe.

— Suposto? — Fae fechou os olhos. — Ele nem conhecia papai ou Vera. O pé dele ficou preso no acelerador.

Tom folheou as páginas, arrancando uma folha.

— Encontrei um telefone portátil que Vera comprou dois meses antes do incidente. — Ele ergueu o papel como se pudéssemos distinguir as letras minúsculas. — Estes são registros que tirei dele.

Fae parou de andar. — O que eles dizem?

— Vera sacou 200 mil de uma conta poupança secreta. Ela também compartilhou várias conversas breves com um número que remonta à esposa de Thomas.

Farrow apertou a ponta do nariz. — O que a esposa dele tem a ver com isso?

— Nada. Ela tinha câncer em estágio 4. Precisava de um medicamento experimental caro. — Ele largou o papel. — Gene fez isso pelo dinheiro rápido.

— Ele contava ser acusado de homicídio involuntário. — Farrow plantou os punhos na mesa, juntando as peças do resto. — Ele sabia que lhe dariam uma sentença leve em segurança mínima. Por que não? Ele tem um filho e uma esposa com câncer. Foi um ‘acidente’.

— Precisamente. — O rosto de Dan apareceu. — Os registros mostram que a Sra. Thomas se recuperou totalmente após o tratamento. Enquanto seu marido está preso, várias instituições de caridade a ajudam com contas, mantimentos e cuidados infantis. Ela até tem uma casa nova.

Tom assobiou. — Cinco anos é um pequeno preço a pagar por tudo isso.

Bryan ajustou sua câmera, finalmente nos mostrando seu rosto. — Temos todas as evidências. Os recibos. A comunicação escrita. Vera pensou que usar um telefone portátil e VPN cobriria seus rastros. Acontece que ela ainda errou alguns passos.

Nós seis fervilhamos com a informação.

Fae quebrou o silêncio com um sussurro. — Mas por quê?

— Dinheiro do seguro. — Tom acenou com sua pasta. — Eu

examinei as declarações fiscais conjuntas de Vera com seu pai, junto com suas demonstrações financeiras. Gastaram mais do que ganharam. — Ele fez uma pausa. — Vera gostava de comprar coisas bonitas.

Farrow sentou-se no assento à minha frente, olhando para o teto sem realmente olhar. — Ela ainda gosta.

— Isso pode ser verdade, mas no momento ela só pode comprá-las no Walmart. — Deanne produziu outro documento. — Vera gastou o dinheiro do seguro assim que chegou à sua conta bancária.

— Eugene Thomas. — Farrow esfregou a testa. — Você pode me contar um pouco sobre o passado dele? A família dele?

Tom folheou as páginas. — Claro.

Enquanto esperávamos que ele encontrasse o que procurava, o avião começou a descer.

Uma enxurrada de textos caiu do topo da tela de Natalie em rápida sucessão.

**Jilly Been:**

Seu chefe ainda está jogando duro para conseguir?

**Jilly Been:**

Ou ele está ficando muito duro...

[Emoji sorridente]

**Jilly Been:**

Você tem que descobrir o que a governanta fez para que ele transasse com ela.

**Jilly Been:**

Esta é a sua maneira de entrar.

**Jilly Been:**

Fique grávida e seremos ouro.

Podemos finalmente abrir a empresa.

Fiz uma nota mental para demitir Natalie – e não beber nada que ela me entregasse – enquanto Tom respondia a Octi.

— Eugene Thomas. Vinte e oito. Os pais nunca se casaram. Sua mãe o registrou com o sobrenome. Ele cresceu sem pai, pois viajava pelo mundo a trabalho. Eles se reconectaram durante seu processo judicial. Seus pais o visitam uma vez por semana na prisão.

Ela avançou, faminta por mais. — Quais são os nomes deles?

Ela tinha um ângulo.

Farrow sempre tinha um ângulo.

Eu gostei mais desse lado dela. Isso me lembrou do nosso primeiro encontro oficial.

Ela – sexy como o inferno em lingerie, colocando peças Go como uma sábia.

E eu – absorvendo a vista enquanto sua língua passava pelos lábios.

Qualquer outro momento, e eu estaria duro como uma rocha.

— A mãe é Paula Thomas. O pai é... espere, deixe-me encontrar.  
— Tom estalou a língua. — Ah, aqui está. O nome do pai é Andras Horvath.

Farrow fechou os olhos.

E tudo que vi foi vermelho.

*Andras.*

Tudo se encaixou.

Minha temperatura subiu para um nível mais adequado para um forno. As narinas de Farrow dilataram-se. Suspeitei que o mesmo pensamento passava por nossas mentes.

Como castigaríamos Andras e Vera.

Outra coisa que gostava em Farrow era que partilhávamos a mesma sede de vingança.

— Eu sei que isso é muito para absorver. — Deanne pegou seu telefone, segurando-o perto do rosto. — Mas *há* uma fresta de esperança em tudo isso.

Fae se jogou contra o encosto. — Devo ter perdido.

— Justiça, Srta. Ballantine. Esqueça o processo. Nosso próximo passo é levar isso às autoridades-

Farrow acenou para ela. — Faça o que precisar, mas vou confrontar Vera assim que pousarmos.

— Srta. Ballantine. — Bryan disparou para frente. — Isso é *altamente* desaconselhável. Qualquer coisa que você faça ou diga pode atrapalhar nossa...

— Aceite — Fae interrompeu, e eu poderia tê-la beijado então. Abaixo do olho. Em sua marca de beleza. Eu queria beijar ali já há algum tempo. — Vou caçar Vera.

— A melhor vingança é a justiça. — Deanne ergueu as duas mãos, como se estivesse encurralando um animal selvagem. — Confie em mim.

— Você é advogada. Eu nunca confiaria em você.

Desta vez, eu beije Farrow – em sua marca de beleza e depois em seu queixo.

— Mas-

— Ela se decidiu. — Eu finalmente intervi sobre isso. — Qualquer bagunça que isso criar é sua para limpar.

Dan desabou contra seu assento. — Eu não sou o Super-Homem.

— Pelo dinheiro que eu pago a você, você deveria ser.

Deanne suspirou. — Eu gostava mais de você quando não estava enrolado no dedo de uma mulher.

*Sim, mas eu gostava menos de mim.*

— Veja como você gosta do desemprego se continuar insistindo.

Ela sorriu. — Isso se chama aposentadoria-

Desliguei e joguei o telefone no assento, apoiando o queixo no ombro de Farrow. — Você está bem?

— Eu vou ficar. — Ela inclinou a cabeça para trás, apoiando-a no meu pescoço. — Eu acho.

A quantidade de força que esta mulher tinha apenas na unha poderia detonar uma bomba nuclear.

— Claro que você vai. Você é a pessoa mais forte que conheço.

— E pretendo desferir o golpe mais cruel. — Seu olhar encontrou o meu. — Mas primeiro, preciso fazer uma pausa.

— Pausa?

— Você sabe, desmoronar. Chorar como um bebê. Deixar me quebrar por todas as vezes que me recusei.

— Quebre. — Dei beijos em seu ombro, bochecha e têmpora. — Vou juntar todas as peças novamente.

*Mesmo que seja a última coisa que eu faça.*

# CAPÍTULO SESSENTA E SETE

## *Farrow*

Eu tinha uma mente focada e ela implorava por sangue.

Primeiro liguei para Andras, minhas mãos sufocando o volante do meu Prius enquanto ele deslizava pelas ruas conhecidas.

Ele atendeu no primeiro toque. — Vejo que você recuperou os sentidos.

*Sim, e todos os cinco querem festejar com o seu sangue.*

— Eu mandei uma mensagem para você com um endereço. Encontre-me lá.

— São dez...

Desliguei, sabendo que ele viria. Apenas a perspectiva de uma pena de prisão mais longa para o filho devia tê-lo feito tremer.

*Tão estúpida, Fae.*

*Você deveria saber que era bom demais para ser verdade quando Andras Horvath apareceu no dia em que você voltou de Seul e se ofereceu para colocá-la sob sua proteção.*

Deixei uma cobra entrar no meu jardim. Um espião.

Vez após vez, ele me convenceu a me concentrar na esgrima. Sessões de treinamento aleatórias que interferiram nas reuniões de advogados. Rasgos em meu equipamento de treinamento que exigiram dinheiro para serem substituídos.

Distração após distração.

*Estúpida, estúpida, estúpida.*

Vinte minutos depois, parei em frente à casa da minha infância. Fiquei no mesmo degrau onde fui abandonada quando criança.

De repente, eu não conseguia entender por que quis morar aqui.

Uma lasca de arrependimento colidiu em mim.

Talvez eu não devesse ter rejeitado o convite de Zach para se juntar a mim, mas precisava me defender. Se eu não aprendesse agora, confiaria nele para sempre.

Enfiei minha chave no buraco e balancei-a, apenas para descobrir que Vera havia trocado as fechaduras. Uma nuvem de condensação fria passou pelos meus lábios enquanto eu ria para mim mesmo.

— Claro. Não importa. — Joguei a chave no tapete, batendo com o punho na porta até que ela chacoalhasse. — É apenas sua casa no papel. Você nunca foi bem-vinda aqui.

O barulho dos chinelos se arrastava pela madeira.

— Alguém acordou hoje e escolheu a violência. — Tabby gemeu do outro lado da porta. — Olááá, diminua o tom. Estou a caminho.

— Você fez o DoorDash sem me perguntar o que eu quero? — A voz de Reggie veio de cima, provavelmente do quarto dela. — O que é todo esse barulho? Quem morreu? Ugh, por favor diga que foi Farrow.

Não que eu precisasse de mais motivos para ficar brava, mas simplesmente entendi.

Tabby abriu a porta, apenas para me encontrar na varanda, viva e bem, acenando para ela.

Seu nariz torceu, minha mera presença aparentemente deixando o lugar fedorento. — Falando no diabo.

— Prefiro ser um demônio em vez de uma vadia comum. — Passei por ela com os ombros retos e entrei na casa. — Onde está sua mãe?

O odor amargo de comida em decomposição penetrou em minhas narinas. Uma espessa camada de poeira cobria o banco da entrada.

Algo cheirava a pelo molhado, embora as mulheres Ballantine só gostassem de animais nos pratos e nos casacos.

Como esperado, ninguém se preocupou em limpar desde que saí.



Tabby me perseguiu até a sala, sem fôlego enquanto tentava acompanhar meu ritmo. — Mamãe trocou as fechaduras.

*Não me diga.*

Passos martelaram escada abaixo. Reggie dobrou o corredor segundos depois.

— Você não tem o direito de estar aqui. — Ela puxou a manga da minha jaqueta, mas eu a empurrei. — Você arruinou nossas vidas. Você saiu da empresa e agora somos pobres.

— *E* você está nos processando? — Tabby abriu os braços, tentando me impedir de atravessar. — Você deveria processar quem corta seu cabelo primeiro, sua bruxa horrível. Está mesmo reto?

Para começar, cortei meu próprio cabelo com uma daquelas presilhas que prometiam um corte reto. Supus que também tinha um caso contra elas.

Contornei o espaço gigante entre o braço estendido de Tabby e a televisão. — Você queria que eu fosse sua empregada.

— Isso se chama pagar suas dívidas.

— Dívidas? Não sou eu quem está pingando Prada. — Inclinei a cabeça, olhando para sua blusa. — Bem, suponho que agora seja Frada.

— Sim, dívidas. — Reggie ergueu as mãos. — Papai e mamãe pagaram a conta de sua pequena viagem à Coreia. Ele praticamente sangrou por você. Você sabe quanto dinheiro custou aquela escola? Não podíamos nem nos dar ao luxo de manter meus cavalos.

— Nada.

— Huh?

— Não custou nada, porque eu tinha bolsa integral. — Entrei na sala de jantar depois de encontrar a sala de estar vazia. — E os cavalos foram para um centro de equoterapia porque *você* nunca os alimentou.

— Eu tinha escola.

— Eu também. — Eu girei, ficando na cara de Tabby. — E só fui para a Coreia porque você passou todo o tempo me lembrando que não faço parte desta família.

Ela e Reggie me seguiram até a cozinha. Examinei o cômodo e descobri montanhas de caixas de papelão empilhadas na despensa.

Eu me virei para eles. — Você estão se mudando?

— Não podemos mais pagar por esta casa, não é? — Para provar seu ponto de vista, Reggie passou por mim e prendeu com fita adesiva uma caixa meio vazia com energia tóxica suficiente para iluminar Las Vegas. — Só a Associação de Moradores custa oitocentos dólares por mês.

Tabby se juntou a ela, fechando caixas com quase nada dentro delas. — Estamos alugando e mudando para um apartamento para podermos comprar mantimentos. Feliz agora?

*Na verdade, não.*

Não tive nenhum prazer com o infortúnio delas. Eu sempre quis que elas parassem de brincar com a minha vida. Vera, por outro lado...

Peguei uma caixa, enchendo-a com meus pertences. — Onde está sua mãe?

Embora eles não tivessem o direito de me expulsar de uma casa que eu possuía, não confiava que elas não jogariam fora minhas coisas.

— Ela não está em casa — mentiu Tabby exatamente ao mesmo tempo em que Vera irrompeu da garagem, suando em seu macacão colante com estampa de zebra.

Só a fumaça do spray de cabelo me deixou tonta.

— Meninas, vocês têm que me ajudar aqui com as caixas... — Suas palavras morreram em sua garganta no minuto em que ela me viu. — O que você está fazendo aqui, sua merdinha?

Acho que as luvas estavam oficialmente tiradas.

— Pegando minhas coisas. — Abri o armário acima da pia, pegando meu prato favorito do Mickey Mouse que papai guardava porque sabia que eu adorava comer queijo grelhado nele. — Ah, e entregando algumas novidades.

— Deixe-me adivinhar: devo esperar o xerife aqui em breve? — Vera cruzou os braços, olhando para mim como se estivesse engatilhando uma arma. — Porque obtive meu próprio aconselhamento jurídico-

— Eu sei que você o matou.

O silêncio que se seguiu penetrou nas paredes. Vera ficou no mesmo tom de seu macacão. Tabby e Reggie se entreolharam, sussurrando e gritando bobagens.

Tabby coçou a têmpora. A cabeça de Reggie recuou. Nenhuma das duas parecia particularmente informada. O pânico em seus rostos dizia tudo.

Elas não tinham ideia do que Vera havia feito.

— Do que você está falando? — Vera correu até a pia, mal conseguindo encher um copo com as mãos trêmulas. — Matou quem?

— Você é tão ruim nisso. Sempre foi. — Fui em direção às escadas com minha caixa. — Foi por isso que papai me mandou embora. Para me poupar da sua suposta maternidade.

As três me perseguiram escada acima.

— Seu pai foi morto por um manobrista. — Vera bateu os pés na madeira, sem dúvida deixando marcas. — Eu não tive nada a ver com isso.

— Além de pagar ao manobrista 200 mil por seus problemas, você quer dizer. — Eu girei, enviando-lhe um sorriso doce no corredor. — Sim, isso não vai dar certo em um tribunal.

— Você não tem como provar esse absurdo.

Corri pelo corredor até meu quarto, abrindo a porta, momentaneamente surpresa com o que vi.

— Onde está tudo? — Eu odiei que minha voz falhou.

Vera, Reggie e Tabby encheram a porta como seguranças.

Não me deixando um centímetro para escapar.

Um sorriso satisfeito apareceu nos lábios de Tabby. — Oh, pensamos que era tudo lixo, então jogamos fora.

— Desculpe, Fae. — Reggie examinou as unhas em forma de caixão. — Há uma diferença entre vintage e lixo.

— Suas coisas cheiravam mal. — Tabby apontou o polegar para trás dela. — Tipo, do outro lado do corredor. Água sanitária. — Ela estremeceu. — Isso me fez vomitar.

*Assassinato em primeiro grau é pena de prisão perpétua, lembrei a mim mesma, afastando-me delas para o caso de fazer algo estúpido. Reduza para dez anos e poderei pesar os prós e os contras.*

Esses abutres não deixaram nada.

Nem mesmo um grão de fiapo.

Todas as minhas memórias desapareceram. A exibição cheia de medalhas de esgrima. As espadas com as quais competi quando criança. A caixa de ingressos da Broadway que guardei das viagens a Nova York com meu pai.

Tudo se foi.

Em todas as versões de vingança que conjurei, sempre tive a intenção de pegar apenas o que papai queria que eu tivesse. Eu nunca faria algo assim com elas.

O calor invadiu meu rosto, tão quente que temi que minha cabeça entrasse em combustão aqui mesmo.

— Você não tem provas. — Vera passou pelo batente da porta, cercandome. — Para essas mentiras que você está vomitando sob meu próprio teto.

Eu a encontrei no meio, mantendo minha posição. — *Meu teto.*

*Sem luvas, de fato.*

Sem a ameaça de chantagem pairando sobre minha cabeça, eu não precisava mais rolar sempre que ela me intimidava. Eu tinha a verdade do meu lado. E uma coluna tão forte quanto a Torre Lotte.

Mesmo com os saltos altos, eu olhei para ela. — Eu possuo cinquenta por cento desta casa.

Papai transferiu sua parte na escritura para mim assim que completei dezoito anos. Sua maneira de me fazer sentir bem-vinda.

*Este lugar é seu, tanto quanto deles, menina.*

Vera diminuiu a distância entre nós, batendo em mim com o peito. Sua boca se abriu, mas a porta da frente bateu contra a parede, interrompendo-a.

— Vera? Você está aqui, drágám?

Andras.

Sua voz parecia cianeto correndo pela minha corrente sanguínea.

Então registrei o que ele disse.

Drágám.

*Querida.*

A palavra pintou uma realidade mais horrível.

Eu recuei, os lábios entreabertos. — Há quanto tempo você está tendo um caso com Andras?

Foi a última peça que encaixou tudo no lugar.

De que outra forma Vera, Andras e seu filho estariam conectados? Ele não a conheceu através de seu filho.

Seu filho a conheceu através *dele*.

— Isso não tem nada a ver com seu pai. — As bochechas de Vera ficaram vermelhas sob um quilo de maquiagem. — Andras e eu nos conhecemos depois da morte de seu pai. Eu estava uma bagunça.

*Ainda está.*

Andras passou por Tabby e Reggie, deixando-as tropeçando de

cara no tapete. O suor encharcava seu peito nu, grudando pelos grossos em sua pele.

Ele usava calças de pijama xadrez, chinelos de hotel e uma careta que tiraria Steve Carell do mercado.

*Não é a primeira vez dele aqui*, observei.

Ele subiu direto.

— Ah, ei, Andras. — Encostei-me na minha cômoda, apontando meu queixo para ele. — Que bom que você conseguiu.

Ele olhou entre mim e Vera. — Farrow-

Eu levantei a mão. — Vera estava me dizendo que essa coisa entre vocês é totalmente nova. O que é muito fascinante, considerando que ela de alguma forma conheceu seu filho *antes* de vocês dois se darem bem. Eu me pergunto como eles se conheceram. Não poderia ser por causa de um caso entre Vera e o pai dele, não é?

O rosto de Andras ficou branco como papel, suas mãos se fecharam em punhos. — Deixe Eugene fora disso.

— Você sabia que ela ajudou no tratamento médico da esposa dele? Há uma palavra para isso. — Fingi pensar, estalando os dedos. — Dinheiro sujo? Não. Conspiração para cometer assassinato? Definitivamente não. Parece tão sério. — Bati meu lábio com um dedo. — Hum...

Reggie ofegou.

Tabby se escondeu atrás da irmã.

E Vera?

Vera decidiu que agora seria um bom momento para se lançar sobre mim.

## CAPÍTULO SESSENTA E OITO

### *Farrow*

Ironicamente, foi o treinamento de Andras que me ajudou a evitar Vera.

Mergulhei, recuando em direção à parede, meu trabalho de pés olímpico. Sem espaço do meu lado, não importava. Eu tinha me encurralado.

Vera me agarrou pelo pescoço, cravando as unhas de acrílico na carne macia. Cambaleei para trás. Minhas omoplatas atingiram a janela com um *tapa*.

Eu levantei meus braços para afrouxar seu aperto, então girei, acertando um chute circular em seu estômago. Ela voou para trás com um grito e caiu direto nos braços de Andras.

*Obrigada, Ari, por me obrigar a ter aulas de autodefesa.*

— Uma coincidência tão estranha. — Apontei entre eles. — Que vocês dois ficaram juntos logo depois que Eugene foi encarcerado.

Tabby correu para sua mãe, dando tapinhas em sua barriga, fazendo-a estremecer. Ela apontou para mim. — Você não tem provas.

Enquanto isso, Reggie evitou Andras, correndo em minha direção, tentando me prender contra a parede. Um esforço inútil.

Ela não só estava fora de forma, como também nunca havia lutado por nada em sua vida.

Agarrei o braço dela, torci-o atrás das costas e dobrei-o pouco antes de quebrar, encostando-me em seu ouvido. — Sugiro que você pare de tentar me machucar se não quiser que mais acusações sejam feitas contra você.

Com Reggie como escudo humano, avancei.

Andras, Vera e Tabby deram passos coletivos para trás,

observando-me horrorizados.

Reggie se debateu e chutou, tentando se libertar. — Não deixe ela me machucar.

— Ela *realmente* não precisa das mãos, não é? — Usei minha mão livre para acariciar sua cabeça. — Não é como se ela fizesse alguma coisa com elas. E não, entregar cartões de crédito aos caixas e enviar mensagens de texto para amigos não conta.

Eu sabia que parecia uma vilã.

Eu também sabia que não dava a mínima.

Ainda no tapete, Vera balançou um dedo para mim, sustentando meu olhar. — Se você tocar em um fio de cabelo da cabeça dela.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que ela olhou para mim. *Realmente* olhou para mim.

Quando criança, eu sempre quis que ela fizesse isso. Eu gostaria de ter sabido então o que sabia agora. Que buscar o amor de pessoas incapazes de dá-lo só abriria um buraco em meu coração.

E não havia nenhum Band-Aid no universo que pudesse consertar isso.

Joguei minha cabeça para trás e ri, apertando Reggie com mais força. — Leia o ambiente, Vera. Você não está em condições de me ameaçar. Seu disfarce foi descoberto. Eugene está prestes a apodrecer na prisão por muito mais anos do que planejou, e você e Andras se juntarão a ele.

Finos rios de suor escorriam por sua têmpora. — Boa sorte em provar isso.

— Não preciso de sorte. Meu investigador particular fez todo o trabalho. — Ofereci-lhe um sorriso sereno. — Um conselho, Vera. Da próxima vez que você planejar um assassinato, não deixe rastros digitais. — Eu fiz uma careta. — Embora eu não tenha certeza de como é o acesso ao celular atrás das grades.

Estendi a mão para trás, tirei uma pasta enrolada da parte de trás



da minha calça jeans e joguei-a nos joelhos dela. Provas que imprimi no avião.

O conteúdo se espalhou ao seu redor, flashes de seus pecados cobrindo o tapete. Seus olhos ficaram encharcados nas provas de seus crimes, um por um.

Ela passou por todos os estágios do luto em menos de um minuto, depois voltou da aceitação para a raiva.

— Sua barata imunda. — As narinas de Vera dilataram-se. — É sua culpa. Você sabe disso? — Um sorriso cruel subiu por suas bochechas. — Seu pai morreu por sua causa.

Eu não pude evitar.

Encolhi-me atrás de Reggie, sabendo que ela podia sentir isso, mas incapaz de parar os pequenos tremores.

*Controle suas coisas, Fae.*

*Extraia dela a verdade agora.*

*Preocupe-se com o resto mais tarde.*

— Ele mudou seu testamento. — Vera agarrou a coxa de Andras, usando-a como alavanca para ficar de pé, quase derrubando a calça dele com o impulso. — Você deveria herdar a empresa inteira, o carro dele, a maioria de suas propriedades e todo o lixo velho e ruim que ele mantinha por perto.

— Ele tinha todo o direito. Era o testamento *dele*.

— Você esperava que eu apenas me sentasse e observasse você pegar tudo pelo que eu e minhas meninas trabalhamos?

Levei todo o meu autocontrole para não gritar.

Em vez disso, permaneci imóvel, agarrada a Reggie, minha voz estranhamente nivelada. — Esperava que você fosse uma pessoa razoável e não matasse seu marido por causa de besteiras.

— Besteiras? *Besteiras?* — ela zombou, arrancando um cílio falso da bochecha. — Você foi para Seul. E nós? Éramos nós que

tomávamos o café da manhã no DoorDash, deixávamos a roupa na lavanderia e supervisionávamos as empregadas enquanto elas limpavam a casa. Você estava vivendo um conto de fadas, enquanto nós investíamos sangue, suor e lágrimas para fingir que éramos uma família feliz.

Vera arrancou o outro par de cílios, puxando um pouco de pele com ele, acrescentando: — Como aquele bastardo nos agradeceu? — Ela apontou para o teto. — Com um testamento que mal nos dava um teto sobre nossas cabeças.

Eu balancei minha cabeça. — Já lhe ocorreu que ele deixou tudo o que podia legalmente para mim porque não se sentia valorizado por você? Ele teve que enviar sua filha através do oceano para poupá-la do abuso de sua esposa. Ele escolheu *você* enquanto estava vivo. Então, ele *me* escolheu na morte. É justo para você?

Não me incomodei em dizer a ela que trocaria de lugar a qualquer momento. Que eu desistiria de cada centavo se isso significasse que ele me escolheria enquanto ainda estava aqui.

*Por que ele não me escolheu?*

— Justo? Ficaríamos sem nada. — O peito de Vera subia e descia com seus gritos. — O que deveríamos fazer?

— *Trabalhar.*

— Eu trabalho. — Vera desabotoou um brinco de ouro. — Desde os cinco anos roubando carteiras em shoppings. Nunca mais.

— Porque você passou a assassinar homens por dinheiro.

— Você não pode ver além do seu privilégio. Você não se perdeu aos doze anos para ganhar dinheiro para sua mãe e seus irmãos. Você nunca teve que vender seu corpo por uma sacola de compras. Trabalhar? Eu fiz tudo. Meu *corpo* fez tudo. — Ela gesticulou para Reggie e Tabby. — Como você acha que acabei com elas?

Eu acreditava nela.

Eu acreditava nela, tinha pena dela e ainda assim – e *ainda* – eu a

odiava.

Ela não tinha o direito de matar meu pai.

— Mãe. — Reggie bateu o pé. — Você disse que meu pai morreu na guerra.

Tabby coçou a têmpora. — Você disse que meu pai se afogou ao salvar um golfinho ferido.

Vera as ignorou, desabotoando o outro brinco. — Antes de completar vinte e dois anos, tinha uma filha pequena e outro bebê a caminho. Fraldas, fórmula, contas hospitalares. Eu estava tão cansada de tudo isso. Então, seu pai foi morar ao lado do meu cafetão. Eu sabia que tinha tirado a sorte grande.

Ela enfiou os brincos de argola do tamanho de uma bola de beisebol na palma da mão de Tabby. — Eu tinha uma consulta obstétrica para Reggie, então pedi a ele para cuidar de Tabby. Tive uma febre que não passava. Seu pai me deixou ficar na casa dele. Ele passou a noite inteira acordado, cuidando de mim até a febre passar. Dois meses depois, mudei-me definitivamente.

Ao lado dela, os olhos de Andras não se desviavam de Vera, colados em seus lábios como se ouvisse seu passado pela primeira vez.

— Meu cafetão se mudou da casa ao lado depois que seu pai o pagou. — Vera deu um passo à frente. — Pela primeira vez na minha vida, eu tinha tudo. Duas crianças. Um lar. Um marido gostoso. Então *you* apareceu. Tão necessitada. Tão gananciosa por seu tempo. Sempre chorando por uma mamadeira ou por ser abraçada.

— Eu era um bebê. Eu fiz o que os bebês fazem.

— E quanto a Reggie? Ela também era apenas um bebê. Ele até se atreveu a me pedir meu leite materno para você também. Você nem é minha filha. — Ela continuou avançando em minha direção, com passos lentos e medidos. — No minuto em que ele viu você empacotada naquela caixa, eu sabia que você estragaria tudo. Porque a maneira como ele olhou para você... Tabby, Reggie e eu tínhamos a simpatia dele. Você tinha o amor dele.

Meu aperto em Reggie aumentou quando percebi o quão perto Vera havia chegado. Eu podia ver as manchas verdes nadando em seus olhos mortos.

— Besteira. — Balancei a cabeça, recusando-me a acreditar. — Papai escolheu você. Ele me mandou embora. Ele...

— Boohoo. Você estudou em uma escola internacional exclusiva com todos aqueles garotos ricos, enquanto ele não tinha dinheiro nem para comprar seu equipamento de esgrima. Você sabia que ele usou nossas economias? Ele vendeu nossas ações e investiu nossos fundos de previdência.

*Ah, pai.*

Não importava o quão errado ele estivesse nisso, ainda assim não dava a Vera o direito de nos prejudicar.

Eu queria que a terra me engolisse inteira. Para me enterrar embaixo da casa até que ela apodrecesse. — Isso não desculpa a forma como você me tratou.

Soltei Reggie, afastando-a. Ela caiu nos braços de Vera, soluçando em seu peito.

Observei as duas se abraçarem, balançando a cabeça. — Você nunca me deu uma chance. Você nunca me amou.

Isso irritou Vera.

Ela empurrou Reggie nos braços de Andras e diminuiu nossa distância, ficando cara a cara comigo.

— Amor? — ela zombou. — Pelo menos você tem alguém para cuidar de você. Você conquistou um bilionário. Não finja que você teria nos pegado sem a ajuda dele.

Talvez.

Mas isso não significava que eu não pudesse travar minhas próprias batalhas.

— Posso travar minhas próprias guerras. — Endireitei-me e fiquei olhando para Vera. — Considere este o seu lugar na primeira fila. Fim

de jogo, Vera. Para Eugene também.

Andras empurrou Reggie para cima de Tabby, afastando Vera com uma cotovelada. — Você deixa meu filho fora disso.

Ele agarrou meus braços, sacudindo todo o meu corpo. Ao contrário de Vera, ele me vencia em força.

Bati contra a parede, gritando. Uma dor aguda e intensa percorreu minha espinha.

Meu telefone caiu do bolso, caindo no tapete. O aplicativo de gravação brilhou na tela. Tentei agarrá-lo, com medo de que ele visse.

Mas Andras enfiou o rosto no meu, saliva pintando meu rosto a cada palavra que pronunciava. — Eu não vou deixar você arruinar a vida de Gene. Você me escutou? Eu estou farto da sua cruzada.

Suas mãos subiram até meus ombros e ele começou a me sacudir. Meus ossos se transformaram em gelatina.

Tentei lutar, fazendo uso dos meus pés rápidos.

Eu chutei.

Pisei.

Deslizei.

Nada funcionou.

Andras estava furioso. Completamente sem dor.

— Gene não fez nada de errado. — Andras me sacudiu com mais força. — Seu pai era um perdedor. Ele não merecia Vera. Ele não merecia as meninas dela. Tive que aguentar suas merdas por dois anos seguidos para impedir que você criasse problemas novamente. Vera está certa. Você é um rato. Mais cedo ou mais tarde, você chegará à destruição.

Minha cabeça começou a girar. Eu parei de registrar suas palavras por um tempo, entrando e saindo da consciência. A cada puxão, meus ossos batiam uns contra os outros.

De repente, parou.

Desabei no tapete, mal registrando a comoção.

*Concentre-se, Fae.*

Um barulho agudo.

Algo quebrou.

Tudo que eu sabia era que não me debatia mais como uma boneca de pano.

Então, a voz de Zach encheu o quarto como puro oxigênio.

— Você tocou na minha garota? Erro grave.

Pisquei para afastar a névoa, bem a tempo de ver Andras voar pelo quarto.

— Espero que você esteja bem com a cremação, porque não restará mais nada de você para enterrar.

Tabby gritou, encolhida no meu colchão vazio com Vera e Reggie. Andras bateu contra a parede oposta. Ele caiu no chão, cobrindo o rosto com os punhos.

Zach caminhou até ele, chutando-o no estômago enquanto ele estava deitado em posição fetal. As pontas pontiagudas dos mocassins de Zach quebraram os ossos de Andras, uma costela de cada vez. Eles estalaram como nós dos dedos, pontuados pelos gritos agonizantes de Andras.

— Você.

Zach pisou em seu peito.

— Não pode.

Uma costela desta vez.

— Tocar.

O tornozelo.

— Nela.

Sua garganta.

— Se.

Seu pulso.

— Você está.

E finalmente, seu rosto.

— Morto.

O sangue jorrou do nariz de Andras e escorreu pelo tapete. Seu peito nu apresentava manchas correspondentes e o início de hematomas desagradáveis.

Oliver invadiu a sala, tirando seu melhor amigo de cima do meu ex-treinador de esgrima. — *Zach*.

Rom se juntou a ele, agarrando seu ombro oposto. — Jesus Cristo.

Andras havia parado de falar. Possivelmente até parou de respirar. Era difícil dizer. Ele parecia um saco de feijão vermelho. Um caroço que costumava ser uma pessoa.

*Baque.*

*Baque, baque.*

*Baque.*

Estremeci antes de perceber que o som vinha do meu peito. Meu coração batendo contra sua gaiola.

Zach ignorou seus amigos, espantando-os como moscas.

Ele correu até mim, pegando-me em seus braços. — Onde dói?

*Em todos os lugares.*

Mas não achei que Andras conseguiria sobreviver a mais uma rodada de socos e chutes de Zach. Não que eu me importasse. Ele simplesmente não valia a pena de prisão.

Zach me segurou perto de seu peito. Eu gostaria de poder me fundir com ele.

Enterrei meu nariz em sua pele, inalando, sem me importar que minhas palavras saíssem distorcidas contra ele. — Você veio.

— Eu não escuto bem. — Ele acariciou meu cabelo, deslizando os dedos por todos os lugares que Andras havia tocado, substituindo-os por *ele*. — Oliver e Romeo me acompanharam porque tinham medo que eu matasse alguém.

Oliver deu um tapinha nas costas de Zach. — Vários alguéns.

Ele ergueu o mocassim e estremeceu ao perceber que o sangue de Andras havia endurecido a sola.

Encostei-me no peito de Zach, acariciando seu pescoço com minha bochecha. — Conte-me sobre o polvo.

— Os braços do polvo têm vontade própria. A maioria dos neurônios de um polvo está em seus braços. Eles podem realizar tarefas sem a mente de seu dono. Eles podem até se mover quando o braço é decepado.

Eu torci meu nariz. — Isso é mórbido.

Já tive morbidade suficiente por hoje, muito obrigada.

Zach começou a me carregar escada abaixo até a sala. Luzes azuis e vermelhas giravam no vidro da janela, lançando diferentes tonalidades em seu lindo rosto.

— Eu gravei tudo. — Puxei minha cabeça para trás, olhando para ele. — Lá em cima.

Oliver entrou na sala, segurando meu telefone. — Já tenho isso.

Rom o guiou para fora pelo colarinho para cumprimentar os policiais, dando-nos algum tempo a sós.

Zach se sentou no sofá, mantendo-me em seus braços. — Temos sorte de você ser o polvo e não eu.

— Por quê?

— Se eu tivesse oito membros, Andras já estaria morto.

Eu ri, finalmente me deixando relaxar.

Meu sorriso desapareceu ao ver um policial conduzindo Vera algemada para fora. — Realmente acabou. Por que não me sinto



melhor?

Quatro paramédicos carregaram Andras em uma maca.

Zach passou o polegar sob meu olho. — Porque nada disso traz seu pai de volta.

— Sinto falta dele.

— Eu sei, baby.

— Obrigada por ter vindo.

— Sempre. Você está segura agora, Farrow. — Zach beijou minha têmpora. — Você está segura *para sempre*.

Mas meu coração não estava.

Porque finalmente percebeu algo perigoso.

## CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

### *Zach*

Eu desenvolvi um sexto sentido depois do acidente de carro.

A capacidade de reconhecer a catástrofe antes que ela acontecesse.

Senti isso no confronto familiar de Farrow. E senti isso agora, enquanto a levava para casa enquanto ela olhava pelo para-brisa, perdida em seus próprios pensamentos.

O cheiro da despedida pairava no ar como perfume barato. De acordo com os termos do nosso acordo, isso estava acabado. Feito e finalizado.

Eu podia tocar carne humana.

Farrow resolveu seus problemas familiares.

Os advogados encerrariam o resto com uma bela reverência.

E ainda assim, nenhum de nós ousou abordar o assunto.

*Foda-se.*

Eu desviei, parando pouco antes de chegarmos à Dark Prince Road. Ela não reagiu, ainda estudando a linha das árvores em silêncio.

— Farrow.

Nada ainda.

Desafivelei o cinto de segurança, saltei do carro e virei para o lado dela, abrindo a porta. Ela olhou para meu ombro, sem realmente se concentrar em nada, causando-me meu segundo ataque cardíaco da noite.

O primeiro aconteceu ao ver Andras maltratando-a. Se Ollie e Rom não tivessem me tirado de cima dele, eu estaria em uma cela agora, e ele estaria em um necrotério.

Finalmente, *finalmente*, ela olhou para mim quando eu a peguei em meus braços e nos levei para o porta-malas espaçoso, baixando o banco traseiro até que ele se transformasse em uma cabine plana.

— O que está acontecendo nessa sua cabeça, Octi?

— Nada bom.

— Impossível. — Eu a coloquei no chão, acendendo a luz do teto.  
— Onde dói?

— Em todos os lugares.

Pairando sobre ela, toquei seu ombro, bem de leve, bem onde vi Andras agarrá-la. — Aqui?

Uma pequena e relutante lágrima vazou, escorrendo por sua bochecha. Ela não soluçou. Não fez nenhum som. Apenas assentiu.

Inclinei-me, beijando o local exato. Ela fechou os olhos enquanto eu passava a língua sobre ele, limpando qualquer vestígio daquele bastardo.

Tracei a nuca dela, onde ela bateu contra a parede. — E aqui?

— Meu cotovelo também.

Ela olhou para o teto enquanto eu afastava o toque de Andras de seu pescoço, de seu quadril, de suas costas, da dobra de seu cotovelo.

Durante todo o tempo, ela não disse outra palavra.

— Linda. — Quando terminei, afastei-me e simplesmente olhei para ela enquanto ela se esparramava em mim, seu cabelo rebelde e ensolarado espalhado em todas as direções. — Tão linda *pra* caralho.

Os dedos de Farrow marcaram um caminho no forro de náilon. — O que você acha do Monowi?

— Nunca ouvi falar disso.

— É em Nebraska.

— Parece correto.

— População de um.

— Aonde você quer chegar com isso?

*Por favor, não diga Monowi.*

— Só estou pensando em Monowi.

Eu queria rir. Talvez até gritar. Definitivamente ir para a segunda rodada contra Andras.

Farrow e eu tínhamos muito o que conversar e decidimos por Monowi.

Ela ainda nunca me contou o que precisava sobre Eileen. Eu ainda não tinha perguntado sobre o nosso futuro.

Só que o instinto – junto com as células restantes do meu cérebro que não foram fritas pela raiva induzida por Andras – dizia-me que desta vez a conversa seria diferente do que se a tivéssemos tido no avião *antes* de concluirmos nosso acordo.

Farrow pousou a mão nas costelas. — Eu não poderia ter vencido Andras e Vera sem você.

Caí de bunda e estiquei as pernas o máximo que pude, apoiando as coxas de Farrow sobre elas. — Você teria.

— Não, eu não teria. Vera apontou isso. Na época, disse a ela que poderia travar minhas próprias guerras. Mas eu estava errada.

— Você estava certa. Você foi uma lutadora durante toda a sua vida.

— Talvez. Mas também confiei no meu pai sem perceber. — Seus olhos encontraram os meus. — Ele sacou suas economias para financiar minha carreira de esgrima. Uma carreira de esgrima que não existe mais.

— A opinião pública mudou para o seu lado. Seus amigos da academia falaram à mídia sobre as circunstâncias. Assim que surgirem notícias sobre Vera e Andras, ninguém irá responsabilizá-la por ter jogado uma partida sem importância.

— Eles deveriam, no entanto. Eu estava errada por isso.

— Se você quiser desistir, desista. Às vezes, desistir é mais corajoso do que persistir. — Levantei seu queixo, forçando-a a olhar para mim. — Mas se você está desistindo porque tem medo do que os outros pensam, isso é besteira, e você é mais forte do que isso, Farrow Ballantine.

— Eu não vou desistir. Bem, ainda não sei. — Ela suspirou, puxando os fios de náilon do piso do porta-malas. — Acho que o que quero dizer é que pensei que era independente, vivendo sozinha, lutando contra Vera do meu jeito. Na verdade, tive a ajuda do meu pai, mais do que pensei, e a sua.

*Peça-me ajuda, Farrow.*

*Você não está sozinha.*

*Eu sou seu exército de um homem só.*

Antes que eu pudesse responder, ela se sentou, tirando a poeira das mãos. — Podemos ir para casa?

Estudei seu rosto, incapaz de lê-la e odiando isso. — Claro.

— Acho que é hora de terminar nosso jogo Go.

## CAPÍTULO SETENTA

### *Farrow*

Decidi que sentiria mais falta da pintura da francesa nua se preparando para o banho. Quase o suficiente para pedi-la como lembrança, mas imaginei que isso iria contra o propósito dos meus planos.

Memorizei a fileira de pinturas no escritório de Zach enquanto um médico cuidava dos meus ferimentos inexistentes. As feridas reais não podiam ser curadas com estetoscópio e kit de primeiros socorros.

Eu precisava de tempo, mas me curaria.

Eu sabia que faria isso.

Zach orbitava ao nosso redor, cuidando de cada hematoma crescente como se eu tivesse brigado com um texugo de mel.

— Ela está bem. Um pouco arranhada. — O Dr. Sullivan largou o cotonete. — Nada grave. — Ele fez uma pausa. — Não é tão sério quanto um dedo cortado.

*Ah.*

Eu sabia que o reconhecia. Médico da família de Oliver. Aquele que cuidou de Brett Junior depois do incidente na cozinha.

Quando terminou de me examinar, Zach o conduziu porta afora, retornando alguns minutos depois.

Acenei com a cabeça para a mesa Go. — Devemos continuar nosso jogo agora.

Não adiantava adiar.

— Correndo para algum lugar?

— E se eu disser sim? — Levantei uma sobrancelha, mergulhando um dedo do pé na água, sentindo o nó no estômago apertar.

— Depende. Onde? — Ele fez uma pausa. — E pelo amor de Deus, não diga Monowi.

— Você não acredita em Deus.

— Não, mas *acredito* que alguém no universo está mexendo comigo. — Ele reivindicou seu lugar habitual à mesa. — Sério, no entanto. Se você disser Monowi, posso destruir a cidade.

Deslizei para o estofamento macio, levantando a tampa da minha tigela de pedras. — Como?

Não passou despercebido o quão leve nossa conversa ficou. Como se nós dois quiséssemos fugir do problema óbvio que se aproximava.

Como sempre, ele pegou uma pedra com etiqueta perfeita. — Você esqueceu que nosso vizinho é traficante de armas?

Eu rebati seu movimento com o mais cruel que pude imaginar. — Certo. Bem, acho melhor poupar o único residente de Monowi.

Ele franziu a testa para o quadro. — Isso pode durar a noite toda.

— Eu tenho boa resistência.

— Pode ser, mas pretendo desgastar você muito bem.

— Ainda estamos falando sobre o jogo, é claro.

— Claro.

Quatro horas depois, ele ganhou o controle do tabuleiro. Nenhum de nós disse uma palavra durante todo o tempo, concentrando-nos nas pedras.

Ele parecia imerso em pensamentos quando finalmente reuni coragem para abordar o assunto.

Reclinei-me no assento, entrelaçando os dedos no colo. — Eu desisto.

Seus olhos dispararam das pedras. — Com licença?

— Não tenho mais movimentos. — Desvinculei meus dedos, apontando para o tabuleiro. — Parabéns. Você venceu.

— Eu venci?

— Sim. — Balancei a cabeça, fazendo o meu melhor para não cair no esquecimento. — Você ganhou o pingente. Justo e honesto.

*Desculpa, pai. Você está decepcionado comigo?*

Em algum momento, Zach e eu concordamos em usar o pingente como prêmio. Com o tempo, o jogo tornou-se preliminares e não competição.

Achei que nenhum de nós realmente percebeu o que havíamos feito. A julgar pelos ombros tensos de Zach, ele devia ter esquecido o que estávamos jogando.

— Farrow.

Balancei a cabeça, disparando. Querendo me despedir do pingente pela última vez.

Mas depois de alguns passos, percebi que apenas um dos pingentes estava na caixa de vidro. *Não* o meu.

Minha leve reação me assustou. Pensei em desabar, girar e exigir uma explicação. Mas o confronto com Vera me deu um soco no crânio, religando meu cérebro.

Vera, Reggie e Tabby passaram a vida acumulando itens materiais, incapazes de saciar a sede. Elas cometeram crimes, arruinaram vidas e nunca compreenderam o dano que causaram.

Eu não queria me transformar nelas.

Eu adorava tudo o que Vera penhorou? Com cada fibra do meu ser.

Mas me recusei a permitir que a ausência deles ditasse minhas emoções.

Se eu me concentrasse no que não tinha, nunca apreciaria o que tinha.

— Fale comigo, Farrow.

— Bebida? — Desviei até o carrinho de uísque, servi dois copos e



me sentei em cima da mesa de Zach, balançando as pernas. — Acho que precisaremos delas.

Ele caminhou até mim, ignorou a bebida oferecida e ficou entre minhas pernas, apoiando o queixo em meu ombro. Há alguns meses, ele não conseguia nem encostar o dedo mindinho em mim. — O que está acontecendo nessa sua cabeça caótica?

*Tudo o que pensei que sabia sobre o meu passado está errado.*

*Eu não sei quem eu sou. Nem quais são meus objetivos agora que a busca acabou e a justiça será feita.*

*Tenho medo de me transformar na Vera, priorizando todas as coisas erradas.*

*Acredito, com cada grama da minha alma, que sou melhor para você do que Eileen. Mas não quero mergulhar em um relacionamento sem primeiro saber quem sou.*

Em vez disso, optei por um simples: — Receio que o que estou prestes a pedir a você seja egoísta.

— Eu quero que você seja egoísta. — Ele circulou meu pulso com os dedos e levou a bebida aos lábios, tomando um gole exatamente onde eu havia deixado a marca do protetor labial. — Considere-me seu gênio pessoal. Seu desejo é uma ordem.

— Conte-me algo sobre polvos — eu deixei escapar, ficando com medo de última hora.

*Faça isso já, sua covarde.*

— Hmm... — Zach enterrou o nariz no meu cabelo, inalando meu xampu – que, na verdade, era dele. — Se essa é a sua ideia de pedido egoísta, teremos que visitar o dicionário.

— Por favor.

Ele fechou os olhos, ficando sóbrio, e me perguntei se ele achava que esta seria a última vez que me contaria uma curiosidade sobre o polvo.

Seus olhos se abriram. — Os polvos têm oito tentáculos.

— Uau. Quem teria pensado? — Bati um dedo em sua testa. — Não admira que você seja famoso por seu QI de duzentos e poucos.

— Eu não terminei, pirralha. — Ele bateu na ponta do meu nariz. — Estou surpreso que você tenha conseguido sobreviver vinte e três anos com toda essa paciência.

— Desculpe. — Com a mão livre, zombei com um suposto zíper, deslizando-o pelos lábios e jogando a chave.

— Com licença, senhorita, mas absolutamente não. — Ele pegou a chave imaginária do chão e usou-a para destrancar minha boca. — Tenho muitos planos para essa sua boca e ela precisa estar aberta para todos eles.

Esfreguei os nós dos dedos na bochecha, lutando contra o calor. — Continue.

— Em mandarim, a palavra *quatro* soa como a palavra *morte*, e é por isso que quatro é o número mais azarado na cultura chinesa. Nasci no quarto dia do quarto mês do ano. Oito, por outro lado? É o número mais sortudo. — Ele se afastou até ficarmos frente a frente, nariz com nariz, a poucos centímetros de distância. — Você é meu amuleto da sorte, Farrow Ballantine. Até o universo sabe que preciso de você.

Foi o mais perto que ele chegou de dizer que me amava.

Meu coração se rebelou contra meu cérebro, ameaçando sair de suas artérias e pular sobre ele.

*Não faça isso*, implorava a cada batida. *Pare com isso*.

— Quero um prêmio de consolação. — Apontei meu polegar para o tabuleiro Go. — Por perder o jogo.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Este é o pedido egoísta?

Eu balancei a cabeça, mergulhando. — Prometa-me-

— Eu prometo.

— Eu nem falei qual é a promessa.

— Tudo o que você quiser de mim, é seu.

Suspirei, dando uma olhada no recipiente de vidro vazio onde meu pingente deveria estar ao lado do dele.

*O que é destinado a você não pode ser tirado.*

Abaixei meu queixo, olhando para o chão, apressando meu pedido de uma só vez. — Prometa-me que não entrará em contato comigo por um mês inteiro.

— Com licença? — Ele ficou estranhamente imóvel. — E se eu não conseguir viver sem você?

— Você fez isso por trinta e três anos.

— Isso foi antes. E dificilmente estava vivo.

— Nós nem estamos namorando.

— Então, vamos começar.

— Você está noivo.

— Estou terminando com-

Eu levantei a mão, parando-o. — Posso explicar?

— Sim. — Sua relutância rivalizava com a de uma criança diante de couves de Bruxelas.

— Essas mãos costumavam segurar espadas e destruir sonhos. — Olhei para minhas palmas abertas. — Agora elas estão apenas... *vazias*.

— Posso conseguir para você uma vaga olímpica.

— Mesmo se você pudesse, não sei se quero. Em geral, não sei o que quero, agora que Vera e Andras estão presos, minha reputação está arruinada e descobri que papai desistiu de tudo por mim.

Zach puxou a ponta da minha manga. — A morte dele não é culpa sua.

— Eu sei disso logicamente, mas preciso de tempo para aceitar. Tempo, Zach. É o que estou pedindo. Para curar, descobrir quem eu sou e me conhecer bem o suficiente para saber o que quero. Estou com tanto medo de me transformar em Vera, perseguindo todas as coisas

erradas.

— Você não se parece em nada com Vera.

— E ainda assim, cada grama de mim teme me tornar ela.

Pressionei a mão em seu peito, estudando-o. Ele parecia tão frustrado, irritado e confuso que tive vontade de abortar a missão, dar meia-volta e pular em seus braços.

Mas não consegui.

— Eu amo você, Zachary Sun.

*Meu primeiro. Meu único. Meu sempre.*

Eu sabia, mesmo antes de dizer isso, que era verdade. Eu me apaixonei por ele como a neve. Quanto mais eu caía, mais frio ficava.

— Farrow-

Levantei a mão novamente, querendo abaixá-la quando pareceu que ele iria entrar em combustão aqui mesmo.

— Eu não espero que você diga isso de volta. Na verdade, eu não *quero* que você faça isso. Não agora, pelo menos. Eu só quero que você saiba que eu amo você.

— Por quê?

— Não sei. — O calor subiu pelas minhas bochechas, subindo até as pontas das minhas orelhas. — Não quero dizer que é porque você me ajuda, porque me faz sentir bem, ou mesmo porque você é tudo em que penso atualmente. Essas razões parecem tão superficiais. — Balancei a cabeça, agarrando minha nuca. — Se você me perguntasse agora, eu não poderia dar uma resposta real. Só que... amo você porque amo. Nada mais. Nada menos.

— Eu vou aceitar isso.

— Mas *não* vou. Não me conheço bem o suficiente para explicar o que amo em você. Eu simplesmente sei que sim. Mais do que já amei qualquer coisa em minha vida. Eu não deveria pelo menos descobrir isso?

Tudo o que me lembrava da minha vida era lutar – lutar contra Vera, lutar contra Tabby e Reggie, lutar na esgrima, lutar contra *Zach*.

Eu não sabia quem eu era sem isso.

Olhei para meus tênis Prada – um dos presentes de aniversário dele. Ele rangeu contra a mesa de madeira enquanto eu chutava para frente e para trás.

Eu precisava fazer um exame de consciência, colocar-me em primeiro lugar antes de poder amar outra pessoa. E ele tinha uma grande bagunça que precisava ser limpa.

Inicialmente, eu tinha planejado contar a ele sobre Eileen, mas ele precisava ouvir isso dela. E se ele não o fizesse, se ele ficasse com ela, então nunca estaríamos destinados a existir.

— Vamos nos separar por um mês. Para lidar com as coisas com as quais precisamos lidar. — Inclinei-me sobre sua mesa, peguei uma caneta vermelha e peguei o pequeno calendário que ele nunca usava, circulando a data de um mês a partir de hoje. — Se você me ama tanto quanto eu amo você, você voltará para mim, Zachary Sun. Estarei esperando.

Ele parecia pronto para me entregar ao Dr. Sullivan para verificar meu cérebro.

Finalmente, ele conseguiu resmungar: — Se é isso que você quer.

Eu reuni um sorriso. — Mal pode esperar para se livrar de mim, hein?

Por dentro, meu coração desmoronou como um biscoito velho.

Depois de um momento de silêncio, pulei da mesa, enfiando as mãos nos bolsos, sem saber como sair. — Eu acho que é isso.

Ele não disse nada.

Esperei mais alguns segundos.

*Diga algo. Qualquer coisa.*

Ele não fez isso.

Com um suspiro, saí do escritório e desci as escadas. Só quando minha mão bateu na porta da frente é que o ouvi se aproximar por trás.

— Espere.

Fiz uma pausa, mas não me virei, prendendo a respiração e ficando tensa quando algo escorregou em minha mão.

Uma chave eletrônica.

Eu a virei na palma da minha mão. — O que é isso?

— Para a garagem.

Eu ainda não me virei para ele. — Por quê?

— Eu mudei suas coisas para lá mais cedo.

*Oh, Deus.*

Eu me senti uma idiota total.

Aqui estava eu, dizendo a ele que o amava e ele havia levado minhas coisas para sua garagem?

Só ficamos separados por uma hora desde que pousamos – o tempo que levei para ir do aeroporto até a casa da minha infância e confrontar Vera e Andras.

Tentei não jogar a chave para ele, estudando a maçaneta sem realmente ver nada. — Oh.

— Mande uma mensagem quando você planejar dar uma olhada e eu saio.

— Obrigada.

Eu precisava sair daqui antes de chorar.

Sem outra palavra, abri a porta da frente e corri para a noite gelada de inverno, sem saber para onde iria a partir daqui.

Cheguei na metade da entrada – indo em direção à casa de Dallas – quando girei, corri de volta para a porta da frente de Zach e dei um beijo na janela fosca ao lado dela.

Eu poderia jurar que, quando me endireitei, uma sombra recuou do outro lado.

— Tchau, Zachary Sun. Espero ver você daqui a um mês.

# CAPÍTULO SETENTA E UM

*Zach*

## T-MENOS 30 DIAS.

Nada dizia mais sobre o fundo do poço do que chorar por uma garota menos de oito horas depois de ela ter partido.

Ok. Não houve lágrimas envolvidas. Mas mal consegui me arrastar para fora da cama a tempo de reclamar com Natalie por ter chegado ao trabalho um minuto mais cedo.

— Mas você sempre espera que eu chegue cedo. — Ela fez beicinho, saltando de um pé para o outro. — Da última vez que cheguei na hora certa, você descontou meu bônus.

Arqueei uma sobrancelha, abrindo minha conta de e-mail. — Você está usando sapatos na minha casa?

— Você sempre deixa as pessoas usarem sapatos na sua ala comercial.

Comecei a digitar um rascunho, solicitando a presença de Eileen para um almoço no The Grand Regent, durante o qual eu pretendia cancelar nosso casamento. Falando de...

Virei-me para Natalie. — Onde está meu almoço?

Lágrimas não derramadas rodearam seus olhos. — Mas ainda não são dez.

Ela examinou a sala, como se esperasse encontrar câmeras escondidas.

*Eu também, Natalie. Eu também.*

*Talvez tudo isso seja uma pegadinha elaborada e Octi valsará pelas portas duplas, desfilará até o tabuleiro Go e fará um movimento.*



Pressionei enviar no e-mail.

Agora tudo que eu precisava era informar a mamãe que eu:

Um – tinha ido para os Hamptons como desejava.

Dois – estraguei qualquer possibilidade de futuro com sua candidata a noiva ao *literalmente* foder Farrow durante o jantar com Eileen.

E três – esperava que ela honrasse o acordo de cancelar o noivado.

Fechei os olhos, girando a cadeira, para não precisar olhar para o tabuleiro Go.

*Acalme-se, Zach.*

*São apenas trinta dias.*

*Você sobreviveu trinta e três anos sem Farrow.*

Mas eu fiz?

# CAPÍTULO SETENTA E DOIS

*Farrow*

**T-MENOS 28 DIAS.**

**Ari:**

Com licença???

**Ari:**

Por que estou ouvindo de @DallasCosta que Vera está presa sob fiança de 900 mil que não pode pagar e Reggie e Tabby estão morando em um Motel 6?!

**Ari:**

VOCÊ FEZ ISSO. VOCÊ GANHOU.

**Ari:**

A CASA É SUA. A EMPRESA É SUA.

**Ari:**

COMEMORANDO.

**Dallas:**

Amiga, você é analfabeta?

**Ari:**

Não, por quê?

**Dallas:**

Porque você não consegue ler o ambiente.

**Dallas:**

Fae está com o coração partido.

**Dallas:**

Ela acabou de sair da casa de Zach.

Ela não se importa com essas abelhas.

**Ari:**

O quê?

**Ari:**

Eu não estou por dentro do assunto.

**Ari:**

Por quê???

**Farrow:**

Nós tínhamos um acordo.

**Farrow:**

Nós dois conseguimos o que queríamos com isso.

**Ari:**

Espere, o que ELE ganhou com o acordo?

**Dallas:**

[Emojis de pêssego 3x]

**Dallas:**

[Emoji de Berinjela, Emoji de Cachorro-Quente, Emoji de Gatinho e Emoji de Donuts]

**Dallas:**

Sutil, mas pensei que isso poderia explicar.

**Farrow:**

Você é literalmente a versão feminina de Oliver.

**Dallas:**

São os hormônios da gravidez.

Eu penso em sexo o tempo todo.

**Ari:**

E Zach simplesmente deixou você ir embora?

**Ari:**

(Desculpe mudar de assunto, Dal.)

**Farrow:**

Vocês nunca me deixaram terminar antes de me bombardearem com emojis sexuais. Pervertidas.

**Farrow:**

[Emoji revirando os olhos]

**Farrow:**

Pedi um tempo separados (TEMPORARIAMENTE!!!).

**Farrow:**

Ele queria que eu ficasse por perto. O que é ainda pior.

**Ari:**

Onde você mora agora?

**Dallas:**

Casa dos Costa. Uau, uau.

Dallas enviou um anexo.

**Ari:**

Tudo que vejo é comida...?

**Dallas:**

Meu erro.

**Dallas:**

Ela está atrás do estoque de salgadinhos que acabou de ser entregue. Vê a orelha dela no lado esquerdo?

**Ari:**

Uma orelha linda. O suficiente para fazer Van Gogh chorar.

**Farrow:**

Ah. Ah.

Muito engraçada.

**Ari:**

Amo você.

**Ari:**

Você sabe que estou sempre a um telefonema de distância – e a um voo, caso alguém precise de um incentivo.

**Farrow:**

Aprecio isso. <3

# CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

*Zach*

**T-MENOS 27 DIAS.**

**Ollie vB:**

Zach está vivo?

**Ollie vB:**

Não vejo ou tenho notícias dele há três dias.

**Romeo Costa:**

Oliver... é preocupação o que detecto em sua alma completamente corrompida?

**Romeo Costa:**

Posso sugerir verificar sua temperatura?

**Ollie vB:**

Não preocupação com Zach, mas com o futuro deste bairro exclusivo.

Ollie vB:

Os preços das moradias cairão se as pessoas descobrirem que é o local de uma cena de crime sangrenta.

**Ollie vB:**

Deveríamos verificar se ele não está apodrecendo em algum lugar da casa com um objeto pontiagudo enfiado na cabeça?

**Ollie vB:**

Vamos admitir, ninguém ficará surpreso se descobrirmos que ele finalmente irritou alguém até a morte.

**Ollie vB:**

A ideia de sedução do homem é chamar a mulher de polvo.

**Romeo Costa:**

Zach está vivo.

**Romeo Costa:**

No sentido técnico da palavra, pelo menos.

**Romeo Costa:**

Ele só está chateado porque Farrow veio morar comigo e com Dallas e terminou com ele.

**Ollie vB:**

Ah. Dor na bunda não é divertida.

**Ollie vB:**

Se ao menos ele tivesse perguntado... eu teria indicado a ele a direção de um ótimo lubrificante orgânico.

**Romeo Costa:**

Você é uma fonte de conhecimento, Von Bismarck.

**Romeo Costa:**

Um verdadeiro homem renascentista.

**Ollie vB:**

Então, ela finalmente se mudou.

**Ollie vB:**

O que aconteceu? Ela descobriu que ele é um psicopata?

**Romeo Costa:**

Não, ela aceitou essa parte.

**Romeo Costa:**

Ela se recusou a ser a peça secundária.

**Ollie vB:**

Erro de novata.

**Ollie vB:**

A peça secundária recebe todas as vantagens e nenhum drama e obrigações familiares.

**Romeo Costa:**

Obrigado pela clareza moral.

**Romeo Costa:**

Além disso, algo sobre a necessidade de se descobrir.

**Ollie vB:**

Suspiro. São sempre os jovens de 20 e 50 anos. Nada intermediário.

**Romeo Costa:**

Constance está pressionando-o e Eileen para escolherem uma data.

**Ollie vB:**

Teria sido bom se eles tivessem uma antes de ficarem noivos.

**Romeo Costa:**

Você não está errado.

**Romeo Costa:**

De qualquer forma, Eileen está desaparecida.

**Romeo Costa:**

Provavelmente desapareceu para evitar o rompimento.



**Ollie vB:**

Devemos ver como ele está?

**Romeo Costa:**

Acho que é isso que bons amigos fazem.

Então não?

**Ollie vB:**

Rindo muito.

**Ollie vB:**

Zach, estamos a caminho. Abra desta vez.

**Zach Sun:**

Estou ocupado.

**Zach Sun:**

Além disso, Farrow não terminou comigo.

**Romeo Costa:**

Certo. Isso exigiria que vocês estivessem juntos.

**Zach Sun:**

Vai se foder, Costa.

**Ollie vB:**

O que há com a atitude?

**Ollie vB:**

Quem cagou na sua chaminé?

**Zach Sun:**

Você.

**Zach Sun:**

Quase quebrei seu nariz por isso.

**Ollie vB:**

Ok, tínhamos dezessete anos na época, e foi uma brincadeira muito sofisticada, veja bem.

**Zach Sun:**

Não venham para minha casa.

**Ollie vB:**

Vamos arrombar a porta.

**Zach Sun:**

Vocês não passarão pela segurança.

**Romeo Costa:**

Marcarei um encontro para Farrow se você não abrir.

**Zach Sun:**

A única coisa que estará aberta, se você marcar um encontro para ela, é seu corpo enquanto eu extraio seus órgãos internos com uma serra elétrica. Um por vez.

**Romeo Costa:**

...

**Zach Sun:**

Tudo bem. Eu vou abrir.

**Ollie vB:**

Um menino tão bom.

**Zach Sun:**

Cale-se.

**Ollie vB:**

Só com mordaca de bola de silicone, amor.

# CAPÍTULO SETENTA E QUATRO

*Zach*

## T-MENOS 26 DIAS.

O som de uma orquestra de mais de cinquenta pessoas me acordou da décima sexta hora consecutiva de sono.

Eu não poderia nem ser infeliz em paz.

Coloquei um travesseiro sobre minha cabeça. Um saxofone passou pelas penas de pelúcia, seguido pelo instrumento mais inútil da Terra. O triângulo.

— Droga.

Saí da cama e desci as escadas, sem me preocupar em vestir uma camisa.

— Oh, querido, você está acordado. — Mamãe se iluminou ao me ver, sentada em uma banqueta em uma de minhas ilhas. — Ajude-me a escolher a música para o casamento.

Dezenas de músicos lotaram a cozinha aberta. Eles abaixaram seus instrumentos enormes, acenando para mim.

Eu os ignorei, olhando para mamãe. — Esta se tornou sua segunda casa?

— Você está reclamando que estou aqui com muita frequência?

— Parece um pedido de ajuda. — Celeste Ayi entrou segurando uma mimosa e apertou minha bochecha. — Oh, Zachy, com certeza viremos todos os dias, já que você pediu tão gentilmente.

— Não há mais casamento, mãe. Eu disse isso a você. — Fiquei olhando para a orquestra até que eles começaram a fazer as malas. — Fui para os Hamptons e estraguei o noivado.

— Ah, bobagem. — Mamãe acenou com a mão. — Eileen confirmou o encontro comigo pessoalmente ontem.

Que conveniente, considerando que Eileen não retornou nenhuma das minhas milhares de mensagens de texto, e-mails ou mensagens de voz. Ela obviamente queria que essa farsa de noivado permanecesse intacta.

Nunca imaginei que suas habilidades de esquiva rivalizassem com as de White Goodman. Na verdade, era a única coisa interessante sobre ela.

— Agora que você está aqui, adoraria sua opinião sobre o bolo. — Mamãe tirou um catálogo de quinhentas páginas da bolsa e jogou-o no balcão. — Estou pensando em um bolo de limão marfim do chão ao teto. Não muito doce, é claro.

— Vou encomendar um para você no seu aniversário. — Esperei até que todos os músicos saíssem, de cabeça baixa, antes de me voltar para mamãe. — Porque não vou me casar.

No meu bolso, a última mensagem de Tom me provocou. Eu deixaria isso sem resposta.

**Tom:**

Você quer que eu a siga ou não? Porque você não é gostoso o suficiente para eu aguentar seus sinais confusos, cara.

Minhas narinas dilataram-se.

Eu tinha prometido a mim mesmo respeitar a privacidade de Farrow, e não caçá-la.

*Seja bom, Sun.*

*São apenas 30 dias.*

*Farrow estará de volta ao lugar ao qual pertence em pouco tempo.*

O problema era que ser bom não era *bom*.

Na verdade, parecia o oposto.

Celeste Ayi folheou o catálogo, franzindo a testa. — Tem certeza de que queremos um casamento na primavera? Não acho que meu cabelo aguarde o calor. — Ela estalou os dedos. — Suponho que poderia contratar um cabeleireiro pessoal para me acompanhar durante a recepção. Que investimento fenomenal.

— Xiao Ting, nossos vestidos serão ajustados em uma semana. — Mamãe fez uma careta ao ver sua irmã engolindo sua bebida de uma só vez. — Precisamos manter um peso estável. Pelo menos até depois do casamento.

Suspirei, caminhando de volta para minha cama.

Não importava o que eu dissesse. Mamãe não queria ouvir.

Eu precisava rastrear Eileen.

# CAPÍTULO SETENTA E CINCO

*Zach*

**T-MENOS 26 DIAS.**

**Zach Sun:**

18h00 Lobby do Grande Regente.

\* \* \*

**Zach Sun:**

Existe uma razão para você me dar um bolo, Srta. Yang?

\* \* \*

**Zach Sun:**

Eu sei que você está em Potomac, Eileen. Minha mãe me informou.

# CAPÍTULO SETENTA E SEIS

*Farrow*

## T-MENOS 25 DIAS.

No quinto dia da minha libertação de Zachary Sun, Dallas chamou reforços.

Eu gemi para o cabide que ela jogou para mim, sentada na beira do edredom. — Pela última vez, não estou deprimida.

Na verdade, eu não estava.

Desde que saí da casa de Zach, prometi me concentrar em mim mesma. Para usar esses trinta dias para organizar minha mente e endireitar minha cabeça.

Aos trinta e três anos, ele teve mais dez anos nesta terra para descobrir quem ele era e o que queria da vida. Eu merecia trinta dias.

Além disso, agora que eu sabia que Eileen amava Zach – muito, *muito* mais do que ela deixava transparecer – meu antigo acordo com ele parecia nojento. (Embora eu tivesse achado suas manipulações tão charmosas quanto papel higiênico de uma folha.)

Dallas empurrou um cabide para Frankie dessa vez. — Isso é o que todas as pessoas deprimidas dizem.

*Justo.*

— Por que precisamos de reforços? — Eu deslizei na saia fofa de tule. — Não somos os Vingadores.

— Fale por você mesma. Eu me sinto como Tony Stark. — Hettie – a chefe de cozinha da Costa Estate e a pessoa mais legal que agraciou este planeta abandonado – franziu a testa para o tutu quadrado vermelho e dourado no qual Dallas a enfiou. — Estamos indo para o clube, não para um recital de balé.

— Minha irmã nunca teve uma despedida de solteira. — Frankie passou um braço em volta do ombro de Dallas. — Se ela quiser que usemos isso, nós usaremos isso.

— Obrigado, Frankie. — Dallas vestiu um vestido branco que mal cabia em sua barriga. — Nada cura a depressão como uma ida ao clube.

Desabei em seu colchão, cobrindo meu rosto com as duas mãos. — Não. Estou. Depressiva.

Mas ela já havia passado para as nossas camisas, atribuindo-nos camisas idênticas para vestir. Ela passou batom vermelho cereja, seguro para gravidez, girando para nos encarar. — Bem? Como estou?

*Honestamente, como uma noiva em fuga abandonada.*

Mas também... — Adorável.

Depois que nós quatro terminamos de nos vestir, descemos as escadas de dois em dois, com os braços presos na altura dos cotovelos.

Da ilha da cozinha, Oliver deixou cair a colher ao nos ver. Ele jogou a cabeça para trás e uivou, sem se preocupar em comentar.

Romeo franziu a testa, puxando a ponta do vestido de Dallas. — Aonde você está indo?

Ela ficou na ponta dos pés para um beijo na testa. — Para o clube.

— Nisso?

Enquanto Dallas usava um minivestido de noiva e véu, Hettie, Frankie e eu vestimos tutus brilhantes com tops rosa choque que diziam:

*ESTOU COM A NOIVA.*

Dallas alisou sua camisa. — O que há de errado com nossas roupas?

— Não parecem apropriadas.

— É apenas Costco. Espere. — Ela inclinou a cabeça. — Você



achou que eu quis dizer uma boate?

— Ninguém se refere à Costco quando diz clube.

Ela sacou seu cartão executivo e mostrou-o como prova. — Eu sou membro, portanto é um clube.

Como sempre, Romeo sucumbiu às travessuras de sua esposa, fazendo com que seu motorista nos levasse. Uma pontada de inveja tomou conta de mim. Eu queria o que Dallas e Romeo compartilhavam.

Eu conseguiria meus felizes para sempre? A possibilidade de que os trinta dias terminariam e Zach me deixaria de pé lambeu as bordas do meu cérebro durante toda a viagem de carro.

Essa era a questão de dar seu coração a alguém. Sempre havia uma chance de você nunca mais estar inteira.

Na Costco, testamos cada carrinho e depois andamos em segundos, terceiros e quartos até que a segurança nos expulsou.

Dallas estava certa.

Nada curava a depressão como uma ida ao clube.

Talvez eu *estivesse* um pouco deprimida.

Afinal, eu carregava a chave dentro do sutiã, bem acima do coração.

O órgão que quebraria no segundo que eu a usasse.

# CAPÍTULO SETENTA E SETE

*Zach*

## T-MENOS 23 DIAS.

Para: dreileenyang@sapphireclinic.com

De: zacharysun@suninternational.com

Assunto: Quebra de Contrato

Senhorita Yang,

Você não respondeu a inúmeras tentativas de contato, o que resultou em uma violação grave do Artigo XVII, seção 8, subseção m, parágrafo 2 do contrato.

Anexei uma cópia anotada do nosso contrato abaixo com a parte relevante destacada.

Para evitar uma penalidade severa, sugiro que você entre em contato comigo para uma discussão mais aprofundada. Futuras violações de contrato resultarão em ação legal imediata.

Cumprimentos,

Zachary Sun.

CEO, Sun International Inc.

# CAPÍTULO SETENTA E OITO

*Farrow*

## T-MENOS 22 DIAS.

Sobrevivi à minha primeira semana sem Zach.

Durante a semana, eu me reuni com policiais e advogados para discutir o caso, andei pela casa dos Costa com Dallas e ocasionalmente com Frankie (para desgosto de Romeo) e evitei olhar para a chave, que finalmente enfiei fundo em um dos sapatos de aniversário que Zach me deu.

Hoje, Dallas conseguiu me convencer a assistir a um torneio local de esgrima juvenil. A paranoia formigou pelos meus membros enquanto eu caminhava rapidamente até as arquibancadas, com o queixo abaixado.

— Desacelere. Minha barriga balança contra minhas coxas cada vez que dou um passo. — Dallas agarrou meu braço. — Sabe, todo mundo está olhando para você *por causa* do que você está vestindo.

Eu usava minhas ondas enfiadas em um boné de beisebol, óculos escuros bloqueando meus olhos, e o uniforme listrado de uma pista de boliche onde eu recentemente havia conseguido um turno, apenas por um pequeno pagamento até a casa ser vendida.

Vera concordou em colocá-la à venda, pois precisava de dinheiro para pagar os crescentes honorários advocatícios.

Dallas e eu nos acomodamos por dois segundos antes que ela levantasse o nariz, fungando. — Que cheiro é esse?

— Vômito. — Eu gemi, sacudindo meu uniforme. — A fraude do sufrágio feminino. Nós, meninas, tivemos as meninas mandonas muito perto do sol e agora estamos passando os fins de semana limpando

vômito em vez de ler livros na banheira de hidromassagem.

— Fale por você mesma. — Ela torceu o nariz. — Eu assisti todas as temporadas de *One Tree Hill* esta semana enquanto você trabalhava.

O cheiro de ácido exalava da minha camisa. Eu me levantei, jogando minha bolsa por cima do ombro. — Vou me lavar e me trocar.

Dallas me dispensou, já perdida na competição.

A sinfonia familiar de espadas se chocando fez cócegas em meus ouvidos. Queria ficar perto da pista, perto da ação, mas não senti vontade de me vestir.

*Curioso.*

No caminho de volta do banheiro, encontrei uma esgrimista praticando investidas no corredor. Eu a vi se aquecendo mais cedo com as outras meninas menores de 14 anos.

Hesitei perto da entrada do ginásio, ainda de óculos e boné. — Você é uma esgrimista, certo?

Ela assentiu, seu rosto gritando *perigo, estranha*. — Eu sou a próxima.

— Eu notei você praticando. — Eu saltei de um pé para o outro, perguntando-me se estava ultrapassando. — Você está se concentrando demais em movimentos sofisticados em vez de distância e tempo. Concentre-se no seu trabalho básico de pés e você terminará segundos à frente do seu oponente.

— Sério?

Dei de ombros, percebendo que só havia ensinado Zach, que era natural. — Apenas algo para reflexão.

E ainda assim, eu me inclinei para frente quando o locutor chamou o nome dela e a partida começou.

Anna perdeu os dois primeiros toques, decidida demais a fazer movimentos rápidos.

*Trabalho de pés, garota. Concentre-se em seus avanços e recuos.*

— Ai. — Dallas puxou o braço sob meu aperto. Opa. — Você precisa de um comprimido para relaxar. Você nem a conhece.

— Eu sei, mas...

Mas o quê?

*Mas você ainda ama o esporte. Você adora analisar esgrimistas. Você adora a emoção do jogo. Você simplesmente... não quer mais competir.*

Eu recuei ao perceber, perdida em meus pensamentos.

Não por muito tempo.

Anna perdeu mais um ponto, um passo atrás do adversário.

Levantei-me e coloquei as mãos em concha na boca. — Concentre-se no seu trabalho de pés.

— Oh, meu Deus. — Dallas encolheu-se no assento o máximo que pôde com sua barriga de grávida. — É assim que Romeo se sente quando debato queijo versus não queijo nas vitrines dos drive-thru de fast food e há carros atrás de nós?

Mas eu não me importei.

Funcionou.

Anna conquistou três pontos consecutivos, recuperando o atraso no placar. E quando ela terminou a luta em 15-11, eu pulei no ar, torcendo como se eu mesma a tivesse treinado.

Os óculos escuros pretos caíram do meu rosto com o movimento. Eu congelei, percebendo que meu boné havia caído do meu rosto em algum momento durante a luta.

Sussurros fluíam pelos bancos. Algumas pessoas apontaram para mim, obviamente me reconhecendo. Esperei que alguém se levantasse e gritasse comigo. Para me chamar de fraude.

Em vez disso, eles principalmente me ignoraram.

Alguns sorriram.

Alguém até pediu uma selfie.

No final do torneio, Dallas e eu descemos as arquibancadas.

— Ei.

Dallas apontou para mim. — Ela está falando com você?

Eu me virei, avistando uma mulher vestida da cabeça aos pés em Lululemon.

Ela começou a marchar até nós do outro lado do ginásio. — Você falou alguma coisa para minha filha antes da partida?

— Ah, merda. — Dallas me cutucou. — Ela parece louca. Ela parece louca?

Recuei um passo, arrastando-a comigo. — Talvez devêssemos sair daqui.

Nós giramos para fugir, mas Anna correu até mim, apertando minha barriga em um abraço.

— Isso foi incrível. Eu fiz exatamente como você disse. Você pode me treinar? Por favor? — Ela juntou as palmas das mãos, esperando o momento até a senhora nos alcançar para dizer: — Minha mãe está me treinando agora e ela não tem ideia do que está fazendo.

A mãe de Anna assentiu, esfregando a nuca. — É verdade. Acabamos de nos mudar para cá. Não tive a chance de encontrar um treinador para ela. Você está aberta a novos alunos?

— Ah, hum. — Fiz um círculo no chão do ginásio. — Eu...

— Ela está disponível. — Dallas sorriu, entrelaçando seus dedos com os meus. — Ela está totalmente livre.

Eu balancei para frente e para trás, sem saber como dizer isso. — Você me conhece...

— Sim. Você é Farrow Ballantine. Nós reconhecemos você. — A mãe de Anna ofereceu um sorriso suave. — Todo mundo no mundo da esgrima sabe da partida na Coreia.

— Oh. — Eu queria fazer como Homer Simpson e desaparecer nas

sebes.

— A propósito, todos nós apoiamos você. — Ela ofereceu um sinal de positivo. — Mesmo antes de as notícias sobre suas coisas de família serem divulgadas.

Olhei para Anna, envergonhada, lisonjeada e um pouco esquisita por ter estranhos discutindo minha vida como se fosse algum documentário sobre crimes reais da Netflix.

*Quero dizer, você nunca sabe. Tabby sempre quis uma chance em Hollywood.*

Anna assentiu, sorrindo. — Se eu soubesse que era Farrow Ballantine sob os óculos e o boné estranhos, teria ouvido seu conselho antes. — Ela se virou para Dallas. — Você deixou sua amiga sair de casa assim?

Só assim, em uma noite sonolenta de um dia de semana, acabei me tornando a treinadora de uma atrevida garota de treze anos.

# CAPÍTULO SETENTA E NOVE

*Zach*

## T-MENOS 20 DIAS.

A dose letal de tristeza de hoje veio das suspeitas de sempre: Celeste Ayi, mamãe e suas ilusões de que o casamento continuaria como planejado.

(Mamãe ainda se recusava a aceitar a derrota. Celeste Ayi considerava a perspectiva de devolver seu vestido feito sob medida uma farsa nacional.)

Mamãe estava sentada na ilha, diante de uma pasta enorme que continha os nomes de todos os membros da nossa família – do passado e do presente. — Zachary, você não está preocupado em finalizar a lista de convidados?

— Alguém vai se casar? — Espetei uma gema de ovo, só para vê-la espalhar, e passei para a manga. — Certamente não eu. Meu noivado foi cancelado.

Bebi meu café expresso, perguntando-me o que Farrow estava fazendo nesse momento. Trabalhando? Praticando na pista? Causando problemas com Dallas?

O fato de ela morar do outro lado da rua e ainda assim conseguir me evitar poderia ser usado como um estudo de caso da CIA. Mesmo enquanto canalizava meu Joe Goldberg interior. Trabalhando na frente da janela. Fodendo todos os meus cálculos. Olhando para cima a cada dez segundos para ver se ela havia passado.

Não era meu melhor momento.

— Não seja bobo. — Mamãe virou uma página do fichário, carimbando uma aba na margem externa. — Eileen me encaminhou



sua lista de convidados.

— Falando em Eileen, abri um caso de desaparecimento dela esta manhã.

Bem, tentei.

Aparentemente, não se poderia abrir um caso de pessoa desaparecida pela única razão de que ela respondia a todos, menos a você.

Mamãe olhou para mim como se eu tivesse entrado para os Moonies e quisesse desembolsar meu patrimônio líquido. — Ela está ocupada trabalhando duro na criação do casamento dos nossos sonhos. É melhor não incomodá-la nos próximos meses.

— Eu adoraria não incomodá-la nas próximas *vidas*.

— *Oh*. — Celeste Ayi mergulhou para frente, apontando um nome com o dedo. — Vamos convidar Xiao Bai para a cerimônia do chá. Talvez ela finalmente dê a receita de seu macarrão dan dan.

— Não se preocupe. Você obterá os ingredientes, mas não as medidas. — Mamãe afastou a mão, parando em um nome. — Que tal Olívia? Ela é querida.

— Uma querida vadia. — Ayi pegou a página com uma faca de manteiga e a riscou dos registros da família Zhao. — Tão condescendente só porque ela falava inglês melhor do que eu. E daí se eu não conhecia gírias quando cheguei? *Foda-se* foi fácil de aprender.

Fragmentos da conversa delas cortaram minha consciência. Algo quente e violento agitou-se dentro de mim.

Bebi o café expresso como uma dose, descartando-o na ilha antes de tirar meu telefone do bolso. Meus dedos roçaram meu pau ao longo do caminho.

Isso foi o suficiente para provocar um silvo em meus lábios.

Ninguém me disse que eu ficaria reduzido a necessidades animais depois de perder a virgindade. Com Octi longe, eu tinha passado de três a quatro vezes por dia para zero.

De repente, toda a existência de Oliver von Bismarck fazia infinitamente mais sentido.

Eu nem tinha me masturbado desde que ela saiu da minha vida, deixando-me no caos. Não por falta de esforço.

Ontem à noite, quando abri pornografia aleatória, não consegui nem ficar duro.

*Tudo bem.* Sentia falta de Farrow.

Processe-me.

Farrow Ballantine e seu cabelo esvoaçante, comprimento perfeito para o punho. E suas coxas magras, tão habilidosas em montar meu pau. E a sua boceta apertada, tão doce e macia como a manga no meu prato.

— *Saiam.*

Demorou um pouco para nós três percebermos que o rosnado áspero veio de mim.

Mamãe franziu a testa, caminhando até mim.

Ela colocou a mão na minha testa e recuou antes de fazer contato, lembrando que eu odiava tocar. — Você está bem?

— Por favor. *Saiam.*

Cortei a manga ao meio, pouco antes do caroço, forçando-me a parecer um tanto normal. Percebendo meu humor, Ayi escolheu a autopreservação, tirando minha mãe da minha mansão à força.

Assim que a porta se fechou, agarrei a borda da bancada com a mão livre, apertando com força. Meus olhos se fecharam.

Eu conjurei Farrow em minha mente, nua e espalhada pela ilha. Com seus mamilos rosados e sua boceta brilhante, esperando só por mim.

— Octi — eu engasguei, endurecendo em minha calça.

Na minha imaginação, ela me convidou para mais perto, contorcendo-se no balcão enquanto passava a mão entre as pernas,

girando o dedo em torno do clitóris inchado.

Meu pau esticou contra minhas calças enquanto minha boca salivava. Imaginei-me inclinado para baixo, provando a sua deliciosa boceta encharcada.

Dei uma mordida gananciosa na manga. Sucos escorreram pelo meu queixo. O aroma frutado enchendo minhas narinas enquanto eu a saboreava. Açucarado e terroso.

Perfeito, perfeito, perfeito.

Um grunhido saiu da minha garganta enquanto eu me deliciava com a manga, mais rápido e mais forte agora, imaginando-me comendo-a.

Fiquei de pé, empurrando meu pau contra o armário, acolhendo a fricção, transando em minha própria cozinha como um cachorro enquanto comia.

Sem ela, eu perdi a cabeça, a dignidade, o controle da realidade.

— *Octi.*

Acabei a manga, gozando na minha própria calça. O esperma leitoso e quente atingiu o tecido, recusando-se a acabar.

Joguei o caroço da manga na pia e deixei cair a cabeça entre os ombros, frustrado. Todo o meu corpo convulsionou, estremecendo como se estivesse passando por abstinências intensas.

Eu não aguentaria mais um minuto sem ela.

*Foda-se.*

Peguei meu telefone e pressionei ligar na primeira discagem rápida.

Então desliguei imediatamente antes mesmo de tocar, porque eu estava oficialmente, completa e totalmente chicoteado.

Patético e condenado, repeti o processo repetidas vezes.

Ligar.

Finalizar.

Verde.

Vermelho.

Um glutão de punição.

Eu queria o toque dela.

*Eu. Queria. Tocá-la.*

Porra manchava minha calça Kiton, formando crostas na minha pele. Fios indomáveis de cabelo grudados em minhas têmporas. Eu não fazia nenhuma limpeza há dias.

Olhei para cima, olhando para meu reflexo na pia brilhante, sem me reconhecer.

O suor escorria pelo meu rosto. Um rubor vermelho se estendia da testa ao queixo, de orelha a orelha.

Abri a torneira e abaixei meu rosto sob a corrente, soltando um rugido angustiado.

Quando levantei a cabeça, mamãe olhou para mim do outro lado da ilha, pegando sua bolsa esquecida.

Ela apertou-a contra o peito, com a voz baixa. — Você está doente, Zachary?

*Não estou doente, pensei miseravelmente. Apenas apaixonado.*

## CAPÍTULO OITENTA

*Zach*

### T-MENOS 17 DIAS.

— Olá, você ligou para Eileen Yang. Estou de plantão ou fora da minha mesa. Por favor, deixe seu nome, número e uma breve mensagem, e entrarei em contato com você o mais breve possível. Obrigado.

— Este é o seu ex-noivo ligando pela milésima vez. Você saberia que progredimos para o território do *ex* se você – não sei – pegasse o maldito telefone, respondesse seus e-mails e mensagens de texto, ou talvez até – e sei que esta é uma sugestão maluca – *não* me deixasse por cinco malditas horas no saguão do The Grand Regent. Como você pode ver, é de extrema importância que falemos cara a cara para confirmar que você entende que nosso envolvimento terminou oficialmente. Se você quiser me descomprimir em breve, estarei esperando, fazendo o meu melhor para não destruir cada pedaço da sua vida superprivilegiada no processo. Fale logo.

# CAPÍTULO OITENTA E UM

*Zach*

## T-MENOS 13 DIAS.

Quando se tratava da minha futura morte, sempre me perguntei quando isso aconteceria.

Não se.

Não como.

Mas *quando*.

Parecia inevitável.

Em abril, eu completaria trinta e quatro anos, a idade que meu pai tinha quando faleceu. Como ele – maior que a vida, um pilar da comunidade, meu ídolo – poderia ser superado por mim?

A resposta – impossível.

E assim, não me preocupei mais em tentar fingir ser um cidadão íntegro da sociedade. Ou mesmo um *participante* da civilização.

Sucumbi à minha morte, pulando de restaurante em restaurante, de hotel em hotel, caçando a ruína da minha existência – Eileen Yang.

O problema era que eu não sabia nada sobre ela. Não sabia o que ela gostava e o que ela não gostava. Onde ela tomava seu café e passava o tempo.

Tudo que eu sabia era que ela realmente tirou aquele ano sabático e foi embora rumo ao desconhecido.

Eu hackeei tudo que pude.

Seus cartões de crédito – não utilizados.

Contas de mídia social – silenciadas.

E-mails – todos respondidos, exceto o meu.

Tom reclinou-se no meu sofá, apoiando os pés no braço. — Ela está fora da rede.

— Divertindo-se?

Ele jogou uma bola anti-stress e a pegou. — Você é mesmo Zachary Sun?

Meus dedos roçaram meu queixo, onde um sólido centímetro de barba me cumprimentou. — Estou entre fazer a barba.

— O que você está no meio é uma crise de meia-idade. — Ele deixou a bola rolar no tapete. — Que porra é essa, cara?

Que merda, de fato.

Seis dias atrás, desisti da normalidade, cancelando todos os planos, reuniões e compromissos. Sem mencionar Oliver e Romeo, que evitava como uma praga.

Passei meus dias olhando pela janela, na esperança de ver Farrow em seu Prius. (Aconteceu uma vez. Não vi o rosto dela, mas eu conhecia aquela bunda como a palma da minha mão.)

À noite, eu vagava pelos corredores da minha mansão, desesperado por um sopro do perfume dela que ainda pairava no ar.

E nesse meio tempo, perseguia minha futura ex-noiva como um homem desequilibrado, desesperado para acabar com essa loucura.

*Suficiente.*

Eu disparei.

Tom levantou-se e sentou-se direito. — Aonde você está indo?

— O apartamento dela. — Entrei no corredor, subindo dois degraus de cada vez.

— Em Nova York? — Ele correu para me alcançar, puxando a calça. — Ela não estará lá. Eu pedi um amigo para checar.

Ainda assim, eu tinha que fazer alguma coisa.

Qualquer coisa para consertar essa bagunça que eu deveria ter resolvido há muito tempo.

Tom desistiu de me perseguir quando virei o corredor, escapando para minha segunda garagem. Devia ter dado um susto no pobre Ian com meu rosto com a barba por fazer, porque ele brandiu as chaves diante dele como uma arma.

Meu motorista levou um momento para reconhecer seu próprio chefe, vinte segundos se passaram antes que ele abaixasse as chaves.  
— Sr. Sun?

— O aeroporto. — Entrei no carro e peguei um copo do frigobar.  
— O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL.

Planejei me afogar em minha própria miséria e beber uísque suficiente para encher uma piscina olímpica. Através da divisória, o relógio olhou para mim.

Disse a mim mesmo que beber antes das nove da manhã me tornava um pirata, não um alcoólatra, e que a sobriedade duvidosa era uma característica, não um problema, quando você era um bilionário quase aposentado.

Quando cheguei a Nova York e apareci no prédio de Eileen, eu não conseguia ficar em pé.

A trinta centímetros de distância, um garoto apertava a coleira de um cachorro.

Ele lutou para manter o labradoodle imóvel enquanto ele latia para mim. — Mamãe, Smithy não vai parar.

Sua mãe se inclinou e silenciou o filhote, balançando a cabeça. — Ele sempre faz isso perto de homens estranhos.

*Rock, conheça Bottom.*

E ainda...

De alguma forma, eu sabia que tinha um longo caminho a percorrer antes de chegar ao fundo do poço.

13 dias, para ser exato.



Eu deveria ter feito um trabalho melhor imaginando minha futura morte.

Porque, de fato, não se manifestou em um estrondo violento.

Manifestou-se em um coração batendo.

Nas patéticas tentativas de um homem perturbado de reconstruir tudo.

# CAPÍTULO OITENTA E DOIS

*Farrow*

## T-MENOS 10 DIAS.

*Mudança.*

A palavra ficou na ponta da minha língua como um peso, esperando para cair.

Eu poderia contar todos os acontecimentos importantes da minha vida em uma mão. Mudança para Seul. A morte do meu pai. Participando da competição. Mandando Vera e Andras para a prisão.

E apaixonando-me por Zachary Sun.

Quando pensei em cada momento, percebi que nunca tinha feito nada por mim mesma. Não intencionalmente.

Talvez mudar para Seul pudesse ser considerado um ato de amor-próprio, mas tomei a decisão depois de anos implorando por Vera, Reggie e Tabby.

O que me trouxe ao meu novo apartamento.

Um pequeno estúdio em Gaithersburg. Seguro e pitoresco, com vasos repletos de peônias, dalias e margaridas. Elas se espalhavam pelo telhado da padaria italiana embaixo.

O prédio de tijolos vermelhos me trouxe um pouco de calma no caos da minha vida. Era aconchegante. Nostálgico. E meu primeiro presente real para mim mesma.

Eu sentia falta de Zach.

Todo santo dia.

Às vezes, eu até entrava no YouTube para assistir suas entrevistas antigas, agarrando-me à rouquidão de sua voz. A maneira como seu

queixo quadrado se contraía quando recebia uma pergunta difícil. E o sorriso torto e desdenhoso que ele oferecia quando as pessoas esperavam sorrisos de verdade.

Mesmo assim, eu me sentia feliz em minha nova casa.

Da mesma forma que me apaixonei por um homem, eu me apaixonei pela vida que percebi que poderia construir para mim mesma.

*A única coisa que faltava agora era ele*, o diabo no meu ombro me lembrou.

— Bem, garota. — Dallas deu um tapinha em uma caixa de papelão na mesinha de centro. Um sorriso satisfeito iluminou seu rosto. — Esta é a última.

Oliver se sentou no sofá, franzindo a testa. — Você age como se carregasse alguma coisa.

— Eu *carrego*. — Ela acariciou sua barriga. — Meu filho.

Eu tinha trazido a maior parte das minhas coisas para o estúdio há uma semana, entre os treinos com Anna, enquanto Dallas e os meninos me ajudaram com o resto hoje.

Eu recusei suas roupas de segunda mão, embora as achasse caras e bonitas. Eu só queria tornar este lugar meu. Uma mesa de jantar antiga para dois. Uma cortina de segunda mão feita em Paris. Meu primeiro colchão novo. Desde sempre.

Naturalmente, o lugar parecia que a IKEA e a Goodwill vomitaram nele.

Eu adorei.

A excitação elétrica subiu e desceu pela minha espinha. Agora entendia por que as pessoas queriam ter coisas completamente próprias.

Era emocionante.

Do lado de fora da porta da frente, passos soaram na escada estreita. — Você esqueceu mais uma coisa.

Romeo.

Peguei meu telefone enquanto Dallas se levantava para deixar seu marido entrar, atendendo uma ligação de Ari com a testa franzida. — Está tudo bem? Não é muito tarde aí?

— Diga-me que você está indo para casa.

— Eu já estou aqui. — Mordi o lábio, lutando contra uma nova onda de pânico. *Uma emergência, talvez?* — Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Nada mal. — Na verdade, ela parecia animada. — Mas preciso que você assine uma entrega.

— Uma entrega? — Eu gemi. — Cara, por favor, chega de velas. Dallas e Frankie me deram velas perfumadas suficientes para uma vigília de Páscoa.

A risada de Ari encheu a outra linha – e meu peito. — Não são velas.

— Bem, o que é...

Dallas abriu a porta, interrompendo-me com a visão de Romeo carregando algo atrás dele. Ele estava com uma carranca enorme, insatisfeito por ter sido relegado a entregador.

— Você ainda está aí? — Ari choramingou. — Quero que você abra antes de eu dormir.

Romeo colocou a caixa gigante no centro do estúdio. Pequenos buracos salpicavam a maior parte da superfície. Avancei em direção a ela, puxando a fita.

— Estou abrindo — declarei, justamente quando meu presente decidiu se apresentar a mim com um *latido estridente*.

Oh. Meu. Deus.

Rasguei a tampa, gritando enquanto Ari ria ao fundo. Mais latidos saltaram para mim. Peguei uma caixa da caixa e a abri.

Um par de enormes olhos negros me encarava, rodeados por uma

bola de cachos pretos. Se não fosse pela língua rosa brilhante pendurada para fora da boca, eu teria pensado que ela tinha me presenteado com uma bola de pelo gigante.

— Isso é... — Apertei os olhos, puxando o cachorrinho para fora da caixa.

— Um Cockapoo. Parte cocker spaniel, parte poodle. Um bebê de abrigo. Você acredita que ele não encontra uma casa há quase um mês?

— O quê? — Pressionei seu nariz molhado contra o meu e dei-lhe um beijo de esquimó. — Pessoas tolas. Ele é perfeito.

— Achei que você diria isso. — Eu podia ouvir o sorriso no rosto de Ari. — Agora que Vera não está aí para reclamar da bagunça e do pelo, o cachorro dos seus sonhos é seu.

— Não acredito que você se lembrou.

— Claro, eu me lembrei. Você é minha melhor amiga.

Dallas se inclinou, deixando o filhote morder seu dedo. — Bem-vindo à família.

— Zach vai cagar nas calças. O cara detesta bagunça. — Oliver pulou do sofá. — Você deveria chamá-lo de Dogstoevsky. Acalmando a queimadura quando você correr de volta para os braços dele.

— Ela não está chamando isso de Dogstoevsky. — Ela deu uma cotovelada em Ollie para tirá-lo do caminho. — Que tal Mary Puppins?

Genuinamente, eu temia por seus futuros filhos.

Dei um beijo no topo da cabeça do cachorrinho. — Permita-me apresentar Vezzali. O maior esgrimista de todos os tempos.

Como se fosse uma deixa, ele colocou a cabeça sob meu queixo, olhando para mim com adoração, confirmando que seríamos a companhia um do outro ou morreríamos para sempre.

Eu não ia chorar.

Eu não ia.

Mas então Vezzali começou a lambar meu rosto, abanando o rabo em meus braços com tanta força que me golpeou como se fosse um taco de beisebol. Todo o seu corpo balançava de um lado para o outro.

Ele era tão leve, tão pequeno e incrivelmente peludo. O companheiro de cama perfeito.

— Não, uh. O que é esse rosto? — Dallas esticou o lábio inferior. — Como se você estivesse prestes a chorar. Você não está prestes a chorar, está? Porque sou muito hormonal para não chorar junto com você.

— Eu não estou prestes a chorar. — Lágrimas pendiam como se para salvar minha vida em meus cílios inferiores.

*Droga.*

Mas estas eram lágrimas boas e purificadoras. De alguém que finalmente tinha um lar.

Meus olhos saltaram de Dallas para Vezzali, para Oliver e até mesmo para Romeo. Depois de vinte e três anos, finalmente aprendi que um lar não precisava ser um lugar. Poderia ser uma pessoa.

— Oh, não. — Dallas segurou a boca, lágrimas escorrendo de seus olhos também.

Ao contrário de mim, ela começou a chorar e a afogar as bochechas sem sequer tentar impedir a inundação. Ela jogou os braços sobre meus ombros, envolvendo-me em um abraço.

— Por que estamos chorando? — Ela pulou para cima e para baixo, batendo em Vezzali com a barriga. — Eu tenho que matar Zach? Ouvi dizer que a comida da prisão é tão ruim. Mas amo você demais para não fazer isso.

Eu me desembaracei dela, enxugando nossos olhos com as mangas. — Estas são lágrimas de felicidade.

Vezzali latiu em concordância.

E eu estava feliz.

Tão, tão feliz.

A única peça que faltava estava na Dark Prince Road, provavelmente pensativo como sempre, contando os dias até o nosso reencontro.

— Ah, Fae. — Uma nova onda de lágrimas escorreu pelo rosto de Dallas.

Eu temia que ela entrasse em trabalho de parto prematuro. Romeo já parecia pronto para me enforcar no telhado. Ele a pegou em seus braços, esfregando suas costas.

— Graças a Deus você não está chorando de tristeza. — Ela se desconectou de Romeo, pegou a bolsa da minha ilha da cozinha – só de pensar me fez querer começar a dançar, *minha* ilha da cozinha – e pegou um pacote fechado de panos de prato, secando os olhos. — O food truck lá embaixo fecha em menos de uma hora. Achei que não conseguiria. Você sabia que eles vendem fettuccine fresco cozido em uma roda de queijo parmesão? Há mais alguma coisa que você precisa de nós?

Eu ri, balançando a cabeça, perguntando-me se ela havia chorado por causa das minhas lágrimas ou pela ideia de perder a comida. — Aproveite a tigela de fettuccine, querida.

— Uma tigela? — Ela revirou os olhos. — Pretendo comprar a travessa inteira. Tenho desejado tanto carboidratos neste trimestre.

Então, ela e os meninos partiram em uma enxurrada de beijos no ar, resmungos e piadas sujas.

Dallas Costa, senhoras e senhores.

A resposta humana para o mais doce dia de verão.

Com um suspiro, tranquei a porta, fui até minha nova geladeira e abri uma lata de refrigerante, sentando-me em meu horrível, mas adorável, sofá xadrez amarelo e roxo. Meu achado econômico favorito.

Rolei meu laptop antigo, verificando e-mails.

Primeiro, Reggie e Tabby me imploraram para aceitar uma oferta

baixa pela casa. Elas haviam se mudado do motel para a casa de uma tia distante na Virgínia Ocidental e queriam sair o mais rápido possível.

Em seguida, aceitei um trabalho fácil com um antigo cliente da Maid in Maryland. Os dois funcionários que Vera não havia demitido precisavam de trabalho estável, então mantive a empresa enquanto descobria o que queria fazer com ela.

E, finalmente, abri um e-mail de um estranho, pesquisando o nome do remetente no Google. Um esgrimista não classificado, que queria competir nacionalmente.

Ele ouviu boatos de que Anna havia superado sua classificação em sua última competição e percebeu que não faria mal nenhum pedir ajuda.

Eu sorri, lisonjeada, digitando minha resposta.

*SIM* grande, grosso, em negrito e itálico.

Eu estava começando uma nova vida.

Uma que eu comecei sozinha do zero.

Uma que eu amava.

Mesmo assim, a caixa de sapatos empilhada no canto me assombrava. Semanas atrás, Romeo e Oliver recolheram minhas coisas na casa de Zach, notando que ele as guardava no meu quarto. O que significava que ele não quis dizer o que eu pensei que ele quis dizer quando disse que havia deixado minhas coisas na garagem.

E ainda assim... eu temia quais segredos a chave guardava.

Porque eu também dei uma chave para Zach.

Aquela que abria meu coração.



# CAPÍTULO OITENTA E TRÊS

*Zach*

## T-MENOS 5 DIAS.

A contagem regressiva pairava sobre mim como uma guilhotina.

Cada dia que não conseguia encontrar Eileen me afastava mais do homem calmo, sereno e implacável que antes me orgulhava de ser.

Eu tinha esgotado todas as minhas opções. Os quatro investigadores particulares que contratei não conseguiram. Todos os parentes de Eileen se recusaram a revelar sua localização (apesar das inúmeras ameaças).

E mamãe? Guantánamo não teria chance de arrancar informações de seus lábios.

No vigésimo quinto dia sem Farrow, decidi que já estava farto de me sentir infeliz no conforto da minha casa controlada por termostato e arrastei o meu eu patético para a câmara criostática, onde poderia sentir-me confortável com bolas meio congeladas.

*Farrow ao menos curou você? Comecei a raciocinar comigo mesmo. Certamente ela não era Santo Antônio, capaz de milagres. Nem Bian Que. Ou mesmo Fu Xing.*

Não. Uma sessão na sala de gelo proporcionaria clareza cognitiva. E provaria que eu não tinha mudado. Que ainda não sentia absolutamente nada. Nem mesmo o frio.

Eu não entrava na câmara há quase quatro semanas, mas ainda assim a temperatura estava avançada.

Entrei com meu roupão e imediatamente fui atingido pela picada afiada do gelo que correu em minha pele.

*Bem, merda.*

— Que diabos... — eu sibilei, fechando a porta atrás de mim enquanto uma fumaça branca enrolava em meus membros, subindo pelo meu corpo como hera.

Minha visão ficou embaçada. Virei-me para o relógio digital suspenso para ver quanto tempo havia passado.

*Um segundo.*

Um maldito segundo.

Isso era uma piada?

Estremeci, percebendo, para minha consternação, que estava sentindo frio. Que eu *estava sentindo*, ponto final.

Meu nariz ficou dormente, congelado demais para inalar adequadamente. Tive que segurá-lo com as palmas das mãos, tremendo violentamente enquanto me arrastava de uma perna para outra.

Eu sentia frio.

Dor.

Vivo.

Os segundos passaram em um ritmo insuportável. Comecei a pular para cima e para baixo, fazendo alguns agachamentos para combater o congelamento.

Finalmente entendi por que Romeo e Oliver ficavam inquietos assim que entravam.

Finalmente, quando a campainha tocou depois de três minutos, cambaleei até a porta e empurrei.

Não abriu.

Dei-lhe um bom empurrão com o ombro, usando um impulso que normalmente a faria arremessar-se, derrubando a parede. Não se mexeu.

Um pânico forte e quente me atingiu.

O corpo humano não foi projetado para suportar essa temperatura por mais de nove – talvez dez – minutos.

Eu já tinha chegado a quatro.

Andei para trás, ganhando impulso, corri em direção à porta e dei um chute circular. Nada ainda.

Terror e alarme giraram dentro de mim.

*Você iria morrer sem nunca mais ver Octi. Muito bem, idiota.*

— Pense. — Andei de um lado para o outro, tentando me aquecer. — Pense, pense, pense.

A porta não tinha fechadura – propositalmente. Para garantir que nenhum acidente acontecesse.

Isso significava...

Bati meu punho na porta. — Quem está aí?

Quem quer que fosse, sabia de cor meu covil. Tinha acesso aberto à minha casa.

Eu bati meu punho, tentando abrir caminho através dele. — Deixe-me sair.

Eu mataria qualquer psicopata robusto que estivesse do outro lado desta coisa. Na verdade, vasculhei meu cérebro em busca de qualquer suspeito, na esperança de pelo menos testemunhar sua morte em minha cabeça antes de lamentar.

Infelizmente, não tive tempo suficiente para selecionar os vinte primeiros.

Meu desespero cresceu, arranhando meu peito.

*Cinco minutos e contando.*

Eu soquei a porta. — Deixe — *chute* — me — *empurrão* — sair!

O gelo cobriu todo o meu corpo. Uma penugem branco-acinzentada turvou minha visão. Comecei a perder a clareza quando a porta finalmente se abriu.

Duas mãos de fogo me agarraram com força, arrastando-me para fora da câmara. Meus olhos rolaram nas órbitas. A escuridão cobriu minha visão enquanto as mãos me puxavam para o chuveiro horizontal da academia da minha casa.

Água quente espirrou sobre minha pele quando ele ligou todos os seis chuveiros, jogando água nas minhas costas a todo vapor. Tive um espasmo, meu corpo tentando se aclimatar à temperatura normal novamente.

Pouco a pouco, minha visão voltou, como uma câmera ajustando o foco.

Oliver estava sentado na espreguiçadeira aquecida, vestindo um roupão de cetim cor de vinho e dourado brilhante combinado com um sorriso de merda. Lancei-me sobre ele num ritmo lento, mas ele apenas bocejou, pulou da cadeira do spa e me empurrou para trás com um empurrão descuidado.

Não pude revidar, meu corpo estava muito fraco por estar preso em temperaturas subantárticas. Ele balançou os dedos para mim.

Dei um soco no ladrilho de mármore, arrependendo-me imediatamente da decisão idiota. — Seu psicopata. — Aos poucos, meus nervos começaram a descongelar. Bem a tempo de a dor passar pelos nós dos dedos. — Eu poderia ter morrido.

— Você poderia ter feito isso. — Oliver se inclinou para verificar a temperatura da água. — E a julgar pelas últimas três semanas, você também queria. Você perdeu completamente o desejo de viver, garoto Zachary. Tive que lembrar a você que a vida é um presente precioso. É meu dever moral como seu amigo.

— Vou matar você — eu cuspi, meu corpo ainda descongelando sob uma torrente de água, lentamente ganhando vida.

Não me lembrava dele me despindo antes de me jogar sob o chuveiro, e mesmo assim eu estava completamente nu.

Oliver bocejou, visivelmente impressionado com a minha ameaça. — Eu ouço isso de hora em hora. Você me ama e sabe disso.

— Eu não-

— O problema é que você também a ama e não está disposto a tirar a cabeça da bunda e fazer o que precisa ser feito.

— O quê? — Estreitei os olhos, agarrando as bordas do chuveiro.

Oliver cruzou uma perna sobre a outra, segurando o joelho. — Cancele esse casamento falso, para começar. Você sabe que odeio investimentos ruins. Não vou enviar um cheque ou comprar um presente listado apenas para ver você se divorciar mais rápido do que Britney Spears e Jason Alexander.

— O cara do *Seinfeld*?

— Alguém poderia pensar, mas não. Um diferente. — Ollie se levantou, caminhando em direção ao meu roupão.

Ele o pegou do chão e jogou em minha direção.

Desabei no assento do chuveiro, cansado de resistir. — Eu cancelei o casamento.

— E ainda assim, recebi o Save the Date ontem.

— E estou caçando Eileen.

— Nós dois sabemos quem é sua melhor aposta para encontrá-la.

— Mamãe nunca iria contar tudo.

— Hmm... eu me pergunto que *outra* mulher praticamente vive ao seu lado. — Ele recuperou seu assento na espreguiçadeira aquecida, chutando uma perna sobre a outra. — Alguns a chamariam de segunda mãe.

— Celeste Ayi... — Fiz uma pausa, perguntando-me como não tinha pensado nisso.

Durante anos, fiquei tão acostumado a presumir que ela não sabia nada sobre nada importante que nem me ocorreu que ela tinha olhos, ouvidos e a incapacidade de guardar um segredo quando pressionada.

Oliver fez uma careta ao me ver saindo do chuveiro e vestindo o roupão. — Eileen nunca deveria ter acontecido. Ter tudo com alguém

que não significa nada para você tira o peso da realização. Se ao menos você...

Ele teria que terminar seu monólogo diante de sua audiência de submissas.

Eu tinha uma tia caótica para rastrear.

# CAPÍTULO OITENTA E QUATRO

*Farrow*

## T-MENOS 4 DIAS.

— Vocês acham que ele virá em quatro dias, pessoal?

Sentei-me diante dos homens da minha vida, empoleirada na grama ao lado do túmulo do meu pai. Vezzali se esparramou ao meu lado, a cabeça apoiada em meu joelho, ao mesmo tempo em que levantava metade de seu corpinho no ar.

— Quero dizer, realisticamente, são apenas trinta dias. Já bebi vinho barato que demorou mais para ser feito.

Abri uma caixa de flashcards no colo, procurando uma caneta na mochila.

— Opa. Não quero lhe dar uma má impressão dele, pai. Zack é ótimo. Áspero nas bordas, um pouco *estranho*, mas é isso que eu mais gosto nele.

*Pare de adiar isso, Farrow.*

Suspirei.

Claro, eu queria falar com papai sobre Zach, mas principalmente, era uma desculpa para evitar a conversa real que precisávamos ter.

— Acho que é hora de levar a sério.

Levei os joelhos até o queixo, colocando Vezzali sobre minha jaqueta descartada.

— Desculpe-me por não ter visitado você. Tenho muito a dizer e cada palavra me assusta.

A brisa aumentou, ainda mais fria na manhã de inverno.

— Lamento que você tenha feito todos esses sacrifícios que eu nunca soube. Lamento que você tenha desistido de tanto para que eu me tornasse esgrimista. E sinto muito por ter arruinado a carreira de esgrima de forma espetacular. Você tem vergonha de mim?

Uma rajada de vento me atingiu, fazendo minha caneta ficar a meio metro de distância.

— Está bem, está bem. Chega de chafurdar na autopiedade. Entendo.

Eu não sabia se sorria ou chorava, então limpei a garganta.

— Desculpe-me por não ter visto você antes de você morrer. Lamento não ter chegado a tempo de impedir que você fosse enterrado. Eu sei que você sempre quis ser cremado e ter suas cinzas espalhadas na sorveteria onde escolhemos o nome da nossa empresa. Sinto muito, não quero mais dirigir a Maid in Maryland. E acima de tudo, sinto muito pelo quanto estou ressentida com você agora.

Trabalhei minha mandíbula com o polegar, ganhando tempo, perguntando-me como dizer a próxima parte. Foi estranho como papai escolheu esse exato momento para falar na minha cabeça.

*Depois que finalmente percebi o quanto estava brava com ele.*

*Tudo bem, Fae. Ficar com raiva não é uma coisa ruim. Significa que você aceitou que merece mais.*

Eu suspirei, enterrando os dedos nas têmporas.

— Estou brava com você. Ok, pai?

*Então, tão brava, às vezes é difícil respirar.*

Levantei-me, começando a andar.

— Estou brava porque você sabia desde o início que Vera não me queria, e você ficou com ela de qualquer maneira. Estou brava porque você não me protegeu quando elas abusaram de mim, mesmo quando você sabia o quão ruim isso havia ficado.

Um aglomerado de neve caiu de uma árvore nua, enviando Vezzali para meus braços.



— *Rude.*

Acaricieei sua cabeça e carreguei-o enquanto marchava de um lado para outro, como se tivesse sido papai quem quase o encharcou de neve.

— Tenho todo o direito de ficar brava com essas coisas. Você deveria ter me protegido. Não importava o quanto você quisesse aquela família, eu também era sua família. Eu também amei você. Eu merecia ser protegida.

Eu queria chorar.

Rir.

*Gritar.*

Mas principalmente, minha energia despencou.

Afundi no chão, cansada de ficar com raiva, querendo tirar tudo do meu peito para poder enterrar minha raiva com ele.

— Estou furiosa porque sua ideia de me manter segura foi me enviando para o outro lado do mundo. É por isso que culpo você pelo fato de não poder ver você antes de morrer. Estou furiosa porque você quebrou sua promessa e perdeu minha última partida. E que o casamento arruinou minha vida, e isso nunca teria acontecido se você deixasse Vera em primeiro lugar.

Minha mão se fechou em punho ao meu lado. Vezzali latiu, sentindo meu humor, lambendo minha bochecha com a língua.

— Fico tão insanamente louca. Sempre que penso nisso. Por que você não me colocou em primeiro lugar quando estava vivo? Por que você esperou até morrer? Agora tudo que me resta são as memórias, e elas se *foram*. Seus pertences? Penhorados. O que eu lembro na minha cabeça? Isso vai desaparecer com o tempo e estou com muito medo.

*Quando minhas lembranças de você desaparecerem, será que vou me lembrar de como é ser amada incondicionalmente?*

Esse era o problema de dar a alguém um pedaço de si mesma. Depois que eles saíssem, você nunca mais conseguiria recuperá-lo.

Engasguei com as lágrimas, percebendo algo que nunca tinha notado antes.

— E acima de tudo, sinto muito que você tenha se sentido tão sozinho. Com uma esposa que odiava você, enteadas que só queriam usar você e a única pessoa que amou você do outro lado do mundo.

A primeira neve do dia atingiu minha bochecha. Ela derreteu contra o calor das minhas emoções, caindo no meu queixo como uma lágrima.

Limpei-a, peguei os flashcards e a mochila e corri para o carro com Vezzali antes que ele congelasse.

No meu Prius, fui direto para Happy Swirls, colocando Vezzali em cima de uma mesa ao ar livre. Sentei-me no banco. O mesmo em que papai e eu nos sentamos há mais de uma década, elaborando uma lista de nomes em potencial para a empresa de limpeza.

*Dusty Divas e Minty Fresh (eu).*

*Crystal Clear e New Beginnings (ele).*

Eram apenas cinco da manhã, a loja ainda não havia aberto. Alguns carros passaram zunindo, mas no geral, Vezzali e eu desfrutamos de paz, sossego e do início do sol nascendo no horizonte.

Peguei os cartões e uma caixa de fósforos, olhando para as palavras que escrevi neles no túmulo do meu pai.

*Nossa primeira competição de esgrima juntos. Você estava tão orgulhoso que quase começou uma briga com outro pai esgrimista. Ele se ofendeu com o quanto você torceu pela perda da filha dele.*

*Quando a Sra. Drake chamou você para uma reunião de pais porque eu disse a ela que você estava sempre muito alto, mas queria dizer que você era mais alto que eu. Depois você me levou ao cinema e comemos dois potes grandes de pipoca.*

*Naquela vez que perguntei se os bebês vêm da barriga. Você disse que sim e me deixou presumir que saí da sua barriga durante anos porque não queria que eu soubesse que minha mãe biológica me abandonou.*

Memória após memória, eu as gravei em meu cérebro.

Uma por uma.

Todas as minhas peças favoritas do papai.

E então coloquei-os na lata que trouxe, acendi um fósforo e os queimei até virar cinzas. Eles voaram com o vento, pedaços de papai espalhados por Happy Swirls – suas cinzas espalhadas exatamente onde ele queria.

Despejei a pequena colher de chá de cinzas que restava na lata no medalhão de uma pulseira que comprei com meus primeiros ganhos como treinadora, mantendo um pedaço do meu pai comigo para sempre.

— Se houver vida após a morte e tivermos outra chance de fazer tudo de novo, eu ainda quero você como meu pai.

# CAPÍTULO OITENTA E CINCO

*Zach*

## T-MENOS 4 DIAS.

O tempo deslizava como um monstro de esgoto.

Um dia parecia três invernos.

Tudo o que eu queria fazer era arranhar as paredes que constantemente pareciam estar se aproximando de mim. Mesmo com a súbita epifania de arrancar as informações de Celeste Ayi.

(Além disso, quem diria que as emoções poderiam obscurecer a lógica ao ponto da estupidez? Não era minha descoberta científica favorita – também não importava se eu não conseguisse encontrar a maldita mulher.)

Eu passei todo o dia de ontem e esta manhã rastreando-a, apenas para Natalie, entre todas as pessoas, ser quem encontrou o ouro.

— ELA ESTÁ ONDE? — gritei no meu telefone, em parte para ser ouvido por cima do chiclete de Natalie e também porque Celeste Ayi *escolheu* o único momento em que eu precisava dela perto de mim para fugir para um spa no lugar mais distante possível.

— Celeste está em Chiang Mai com Constance. — Natalie tinha a voz enlatada de uma Kardashian, e eu realmente esperava que ela se tornasse a trilionésima irmã, para que pudesse ir se foder em Los Angeles e ficar longe de mim. — É uma cidade na Tailândia.

— Eu sei onde é. — Arranquei meu casaco dos ombros, fechando a porta da frente com um chute como um bebê do tamanho de um trator. Parecia suspeitamente conveniente para Ayi e mamãe estarem em outro lugar enquanto eu intensificava minha busca por Eileen. — O que ela está fazendo lá?

— Ela disse que está meditando. — Algo estalou entre seus dentes. Tanto para manter o profissionalismo.

— Ela não medita. — Na verdade, minhas únicas lembranças do templo eram dos dias em que nossa cozinheira estava de folga e mamãe queria que eu comesse lá.

— Ela disse que você diria isso... e para dizer a você que ela decidiu tentar. Que não adiantava ficar em casa, de qualquer maneira, já que ela não comemora o Natal.

Tirei meus sapatos. — Quando você falou com ela?

— Hum. — Eu praticamente podia imaginar Natalie enrolando um fio telefônico invisível no dedo enquanto ponderava sobre minha pergunta. — Logo antes de eu terminar. Talvez, tipo, doze horas atrás?

*Logo depois de encurralar um dos primos atletas de Eileen, ameaçando infligir-lhe danos na perna que arruinariam o seu futuro na Premier League.*

*Mamãe deve saber que estou a segundos de perder a cabeça.*

Subi as escadas para o meu quarto. — E você não me contou?

— Estou contando agora.

Apertei a ponta do meu nariz. — Em que hotel ela está hospedada?

— Eu não-

— Sim, você sabe. Chega de besteira. Eu sei que ela paga a mais para você reservar seus planos de viagem pessoais.

Natalie gemeu. A mulher era tão cativante quanto uma hemorroida do tamanho de uma cabeça. — Tudo bem. Vou enviar a você o link do hotel.

— Prepare meu avião. Eu estou indo para lá.

Levaria cerca de 36 horas de ida e volta em meu jato particular, o que me deixaria cerca de dois dias para negociar com ela e depois retornar a Farrow na hora certa.

Exigiria força, mas tinha que acontecer.

Eu comecei a juntar a bagagem e o essencial para uma viagem rápida quando me deparei com um silêncio indesejável. Meu som favorito, normalmente.

A menos que fosse acompanhado pela sensação de derrota prematura.

Parei na frente do meu cabideiro. — Natalie?

— Uh...

— Desembucha.

— Elas pegaram seu avião.

— ELAS LEVARAM MEU AVIÃO?

— Sim. — Pelo menos ela teve a educação de parecer envergonhada com isso. — Elas disseram que você não ia precisar disso.

— Corajoso da parte delas em fazer essa suposição.

Percebi o plano da mãe. Ela queria garantir que eu não tivesse como alcançá-la, presumindo que eu estivesse acima dos voos comerciais.

Abaixei meu telefone, enviando uma mensagem.

**Zach Sun:**

Preciso de um avião. O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL.

**Romeo Costa:**

Dallas pegou o meu.

**Romeo Costa:**

Ela e Frankie estão em um tour de degustação de queijos na Itália, cortesia de Constance.

**Ollie vB:**

Alguém está se sentindo caridoso neste Natal...

**Ollie vB:**

Constance me deu ingressos para um show de sexo exclusivo em Berlim.

**Ollie vB:**

Claro, eu tive que vir.

Como era esperado que minha mãe fosse minuciosa.

Um voo comercial acrescentaria mais duas horas em cada sentido. Quatro, se incluísse uma escala curta.

Levantei meu telefone de volta ao ouvido. — Natalie.

— Sim?

— Reserve-me um voo para Chiang Mai. O mais rápido disponível.

— *No dia de Natal?* Isso vai ser uma missão. — Ela já estava clicando em seu computador. — O primeiro não tem mais assentos executivos. Apenas econômica.

— Reserve.

Um suspiro audível penetrou em meu ouvido vindo da outra linha. Eu estava realmente tão distante da sociedade em geral?

— Tem certeza?

— Tenho certeza — respondi exatamente no mesmo tom.

— OK. Reservo agora mesmo.

— Obrigado. Ah, e Natalie?

— Sim, Sr. Sun?

— Este é o seu aviso de que você foi demitida. Suas duas semanas começam agora.

— Você não pode fazer isso comigo — ela gritou, nem mesmo

perguntando por quê. Felizmente sem saber por que ela havia passado tranquilamente as últimas semanas, sorte sua que eu estava fodido demais para lembrar de demiti-la.

— Eu posso. Você tentou roubar meu esperma.

— Sem sucesso... — Mas ela não conseguiu terminar a frase.

— Feliz Natal, porra. Não volte ao trabalho.



# CAPÍTULO OITENTA E SEIS

*Zach*

**T-MENOS 3 DIAS.**

**Ollie vB:**

Eu tenho chá.

**Romeo Costa:**

Não, obrigado.

**Romeo Costa:**

Recuso qualquer tipo de líquido que você possa me oferecer, alegando que provavelmente é nojento.

**Ollie vB:**

Chá como fofoca.

**Ollie vB:**

Sua esposa sulista ficaria com tanta vergonha de você agora.

**Romeo Costa:**

Qual é a novidade?

**Ollie vB:**

Nosso bom amigo Zachary foi avistado por uma socialite de grau B navegando pelo BWI empurrando um carrinho como um plebeu sem seu avião particular.

**Romeo Costa:**

Tem certeza de que era Zach?

**Romeo Costa:**

Porque ele é tão pé no chão quanto Netuno.

**Ollie vB:**

Ela tirou fotos.

**Zach Sun:**

Isso não é nada assustador.

**Romeo Costa:**

@ZachSun, você confirma este relatório do Sr. von Buttered Bun?

**Zach Sun:**

Minha mãe roubou meu avião.

**Ollie vB:**

*[OK Hand Emoji]* Essa é na verdade a melhor desculpa de dever de casa que já ouvi.

**Romeo Costa:**

Você está atualmente DENTRO de um avião comercial?

**Zach Sun:**

Infelizmente.

**Ollie vB:**

Quando foi a última vez que isso aconteceu?

**Zach Sun:**

Primeira série.

**Ollie vB:**

Meu Deus, como é?

**Ollie vB:**

Conte-nos tudo.

**Ollie vB:**

Já vi alguns em filmes, mas nunca estive em nenhum.

**Zach Sun:**

Cheio. Barulhento.

**Zach Sun:**

A comida cheira como se tivesse sido digerida anteriormente por um cão idoso da família e vomitada no seu prato.

**Ollie vB:**

Acho que morri um pouco por dentro só de ler isso.

**Ollie vB:**

Como é a classe executiva?

**Ollie vB:**

É como glamping?

**Zach Sun:**

Não havia mais passagens na classe executiva.

**Zach Sun:**

Estou voando na econômica.

**Ollie vB:**

Você está fodendo com a gente.

**Romeo Costa:**

Por favor, Ollie. Ninguém vai chegar perto do seu pau sem um traje anti-risco.

*Zach Sun enviou um anexo.*

**Ollie vB:**

Doce Jesus. Ele realmente é um treinador de voo.

**Zach Sun:**

É um voo de conexão também.

**Romeo Costa:**

@ZachSun, gostaria de nos dizer o que e onde era tão urgente?

**Romeo Costa:**

Estamos em alfinetes e agulhas.

**Zach Sun:**

Tailândia, para arrancar da minha mãe e da minha tia a localização de Eileen.

**Romeo Costa:**

Ambas vão matar você.

**Zach Sun:**

Estou bem ciente.

**Ollie vB:**

Se o fizerem, posso ficar com a câmara criostática?

**Ollie vB:**

Este modelo específico está esgotado.

**Romeo Costa:**

Já que você esteve desaparecido o mês todo, estou me perguntando aqui...

**Romeo Costa:**

O que fez você perceber que não pode prosseguir com o casamento?

**Zach Sun:**

Farrow.

**Ollie vB:**

E a câmara criostática? Isso é um não?

**Romeo Costa:**

Lute por ela, irmão. Ela vale a pena.

**Zach Sun:**

Eu vou.

**Zach Sun:**

E eu sei.

**Ollie vB:**

Acho que terei que arrastá-lo para casa depois que sua mãe jogar você no rio Mekong, sem boia.

**Romeo Costa:**

É bom saber que algo conseguiu entrar em seu coração.

**Zach Sun:**

Ela não está apenas no meu coração.

**Zach Sun:**

Ela está na porra das minhas veias.

# CAPÍTULO OITENTA E SETE

*Zach*

## T-MENOS 3 DIAS.

Nunca esperei que as pessoas se curvassem à minha vontade.

Durante toda a minha vida, meus colegas fizeram isso naturalmente, como se eu tivesse emitido uma ordem inquebrável pelo simples fato de existir.

Depois do acidente, quando mamãe mudou, considerei sua mudança a forma que o universo encontrou para contrabalançar uma vida abençoada.

Até agora.

Como tudo foi uma merda.

E *ninguém* parecia se importar com nada do que eu dissesse.

Entrei na grande vila de quatro quartos com piscina, afastando a assistente residencial que mamãe havia contratado durante sua estadia no Four Seasons Chiang Mai. — Onde elas estão?

Ela se debateu, dividida entre me perseguir e correr atrás de ajuda. — Não sei o que você quer dizer.

— Sim, você sabe. Sun Yu Wen e Zhao Yu Ting. Onde?

Meus mocassins batiam na madeira escura. Direto para a porta aberta da varanda com vista para o terraço privado.

Uma parede de lótus e árvores tropicais exuberantes obscurecia a vista da piscina retangular. Celeste Ayi estava esparramada em uma enorme cama de dossel.

Um chapéu de sol com aba larga o suficiente para cobrir um prédio inteiro escondia seu rosto. Ela tomou um gole de coquetel

tropical, virando uma página da *Vogue* no colo.

Desci uma das escadas duplas da varanda, parando a um passo dela. A assistente correu atrás de mim, mas eu era mais alto, mais rápido e movido por uma fúria suficiente para durar a vida toda.

— Zhao Yu Ting.

Ela ergueu os olhos da revista, nem remotamente surpresa ao me ver. — Zachary. Meu sobrinho favorito.

— Seu *único* sobrinho.

Ela acenou com a mão, virando uma página. — Não me lembre. Você sabe que adoro a variedade. Como foi o voo para cá?

Ela nem perguntou como eu sabia que elas estavam aqui. Essas mulheres sabiam que eu iria caçá-las para conseguir a informação que queria.

Pensei em perseguir Ayi por causa disso, mas agora que cheguei, minha sede de sangue queria isso direto da boca do cavalo.

Meu queixo tremeu. — Onde está a mãe?

Eu estava cansado, com jet lag e não falava com Farrow há quase um mês.

Com um suspiro, Celeste Ayi desatou o nó de cetim que prendia seu chapéu, depositando-o ao seu lado.

Ela inclinou os óculos escuros para baixo, captando meu olhar. — Você não quer falar com sua mãe agora.

— Por que não?

— Por quê? — Ela bufou, batendo a mão na garganta. — Bem, a resposta não é óbvia? Ela acha que você está prestes a cometer o pior erro da sua vida.

— Isso é sobre envergonhar a família? Porque toda a minha família é composta por três pessoas. Eu incluído.

— Absurdo. Temos uma família extensa. Há pelo menos duzentos de nós. — Ela se levantou, olhando de soslaio para a pobre assistente

atrás de mim, como se esperasse que ela lutasse comigo com os punhos. — E não. Ela acha que você terá uma morte horrível se não se casar com alguém disposto a ouvir todas as instruções de segurança que ela fornece. Lembra quando o cérebro de Natalie entrou em curto-circuito e ela comprou seu Stefano Riccis no shopping, em vez de direto na loja principal? Sua mãe colocou ginseng vermelho no seu chá por uma semana. Ela temia que você morresse de complicações causadas por doenças das mãos, pés e boca.

Eu a segui para dentro da cozinha. — Você está me zoando.

Na maioria das vezes, sempre imaginei que a ansiedade dela derivava da morte repentina e violenta de seu marido..., mas mamãe realmente pensava que eu iria morrer se usasse os sapatos errados?

— Eu mentiria para você?

— Sim. O tempo todo.

Passei todos os anos da pré-escola acreditando que todas as lojas de brinquedos em Potomac haviam pegado fogo, só porque minha tia preferia passar o tempo no shopping a ser babá para mim.

— Talvez. — Ayi encolheu os ombros. Ela realmente não se importava. — Mas não estou mentindo sobre isso, Zachary. Apaixonar-se é como nadar muito longe da costa. Quando você percebe o perigo e corre, é tarde demais. É mais seguro não nadar.

— Mamãe acha isso?

— Pergunte a ela você mesmo. Você nunca se incomodou.

Eu congelei, percebendo que ela tinha razão. A ideia de discutir qualquer coisa séria com mamãe me fazia querer mudar meu nome e me mudar para o Alasca.

Não como se eu sentisse frio de qualquer maneira.

Bem, pelo menos o eu pré-Farrow.

— Forçar-me a um casamento sem amor não tem a ver com o nosso legado?

— Legado? Reputação? — Ayi acenou com a mão, ligando a



máquina de café expresso. — Sou impressionante o suficiente para dar continuidade ao legado de todas as famílias de Chiang Mai. Não precisamos de um CEO da Fortune 100 para fazer isso. Alguém já disse que você é um pouco chato? Na verdade, isso está prejudicando nossa reputação.

— Você está enrolando. — Peguei a xícara dela, espalhando um líquido marrom por todo o balcão enquanto a colocava na mesa. — E eu não vou embora. É melhor me dizer onde mamãe está.

— *Ugh*. — Ela revirou os olhos, debatendo entre jaca, longan e lichia no balcão. — Fazendo um tratamento facial no quarto. Não diga a ela que indiquei a direção dela.

— Obrigado, Ayi.

— De nada, shǎ háizi.

Caminhei pelo vasto corredor, batendo na porta do quarto principal.

Nenhuma resposta.

Eu bati mais alto desta vez. Um suspiro veio do outro lado.

— Se for meu filho, não estou aqui. Se for serviço de quarto, deixe na porta.

Ela estava prestes a ser servida, tudo bem. Uma boa dose de realidade.

Empurrei a porta pesada e fiquei cara a cara com minha mãe. Ela deitava-se de bruços em uma mesa de massagem enquanto duas jovens massagistas a serviam.

Uma toalha a protegia – felizmente – enquanto ela digitava no laptop à sua frente.

*Meditação, minha bunda.*

Essa mulher buscava a paz assim como eu procurava mais amigos viciados em sexo (desculpe, Ollie).

Ao ver seu único filho, mamãe fechou o laptop com uma

carranca.

— Oh. — Ela levantou-se e sentou-se, afastando as mulheres. — É você.

— Mãe. — Abri os braços, fingindo um sorriso. Enquanto isso, minha raiva aumentou com sua viagem improvisada enquanto minha vida se desintegrava em cinzas. — Tão feliz de vê-la.

Ela cruzou as pernas, levou o copo aos lábios e bebeu através de um canudo. — Magoa-me profundamente que você não esteja feliz em ver sua mãe.

Circulei a mesa de massagem, concentrando-me em seu rosto. — Magoa-me profundamente que você tenha escolhido arruinar qualquer chance de felicidade em minha vida.

Ela se engasgou com a água, tossindo enquanto seus olhos se erguiam para encontrar os meus. Eu nunca a confrontei antes. Sempre fui cordial, compreensivo e obediente.

Minha maneira de me desculpar por matar seu marido.

Mamãe largou o copo. — Desculpe?

— Você, de fato, não está desculpada. — Sentei-me em um banco sob a janela com vista para a piscina. Esta seria uma longa conversa. — Desde que meu pai morreu, tenho tentado ser o filho perfeito para compensar por matá-lo.

— Você não o matou-

— Eu fiz, e nós sabemos disso. A lateral do carro permaneceu praticamente intacta após o acidente. Se ele ficasse lá, estaria vivo. Esse galho deveria ter perfurado meu peito, não o dele.

Ela engoliu em seco, virando-se. Nada que ela pudesse dizer diante da horrível verdade.

— Depois que você saiu da sua dor-

— Eu não saí. — Ela vestiu o roupão, olhando para a parede. — Eu não saí da minha dor.

— Justo. — Acreditei, porque eu também não. — Depois que você voltou a funcionar — corrigi — Ayi e eu concordamos em não balançar o barco. Não queríamos provocar uma recaída.

— Eu não estou quebrada. — Ela cruzou os braços, ainda teimosa demais para admitir o que havia acontecido. — Não há nada de errado comigo.

Eu a ignorei, avançando em direção à mesa de cabeceira. — Na época, eu não sabia que assinar esse contrato não escrito me condenaria a uma vida de seguir demandas irracionais atrás de demandas irracionais. Não porque concordava com elas, mas porque precisava expiar meu pecado.

— Você não é um pecador. — Ela levou os dedos indicadores às têmporas, massageando. — Não há pecado para expiar.

— Existe, mas cansei de expiar isso. Não vou me casar com Eileen.

Mamãe pulou da mesa de massagem. — Eileen é segura.

— Eileen não é para mim.

*Na verdade, Eileen é mais adequada para uma carreira em Proteção a Testemunhas.*

— E *aquela* mulher é? — Mamãe se virou para mim e deu uma topada no peito com o polegar. — Desde o acidente, reorganizei toda a minha vida para ter certeza de que você está seguro. Que nada como o acidente aconteça novamente. Que você comeu a comida mais segura, passou tempo com as pessoas mais seguras, dirigiu os carros mais seguros. E olhe para você agora. Você está vivo.

— Sim, estou vivo. Mas também estou infeliz.

*Bem, antes de Farrow...*

— De onde vem isso? — Mamãe torceu o nariz como se eu fosse um prestador de serviços com quem ela não queria mais lidar. Mas vi através dela. Eu acertei um ponto nevrálgico. — Isso é apenas nervosismo pré-casamento. Isso vai diminuir depois do casamento.

Levantei a palma da mão para detê-la, balançando a cabeça. Ficamos cara a cara. Tão perto que pude sentir o leve perfume que sempre grudava em sua pele. De óleo de coco e flor de cerejeira.

— Estou rompendo o noivado. Fim de discussão. Não foi por isso que fiz este pequeno discurso. Eu só não queria que você se sentisse pega de surpresa.

Ela apertou os lábios em uma linha dura. — Surpresa pelo quê?

Eu nunca a tinha visto assim. Tão completamente vermelha, a pele do pescoço dela estava irregular, como se ela estivesse tendo uma reação alérgica à nossa conversa.

— Pelo fato de eu estar cortando relações com você, caso você se recuse a aceitar o fim do meu noivado.

— *O quê?* — Os olhos dela saltaram das órbitas. — Você não pode fazer isso. Eu sou sua mãe.

Ela colocou a mão no meu ombro. Eu arranquei isso de mim. Eu realmente esperava que ela recuperasse o juízo. Não me trazia nenhum prazer romper nosso relacionamento.

No final das contas, ela fez o que fez porque seu marido morreu, assim como eu evitei a pele, a chuva e os carros depois de perder meu pai.

— Você perdeu o direito de se identificar como tal quando me chantageou emocionalmente para me casar com alguém que você sabia que eu não amava. Aceito minha responsabilidade em deixar você fazer isso, mas não se engane: nunca mais deixarei seus medos ditarem minha felicidade.

Ou meu próprio trauma, aliás.

Mamãe se atrapalhou, procurando palavras para dizer e não conseguiu.

Peguei o telefone dela na mesa de cabeceira e acenei, certo de que a localização de Eileen residia ali dentro. — Ah, e o nome *daquela mulher* é Farrow. E pretendo torná-la minha esposa.

Desde que eu disse o que vim dizer, girei e fui até a porta. O baque dos meus mocassins ecoou no silêncio misterioso.

De repente, um par de pés se juntou a eles.

— Você não pode cortar relações comigo. — Mamãe tentou agarrar a manga da minha camisa. O suor escorria pelo tecido. — E você certamente não pode se casar com aquela mulher.

Girei no corredor, mostrando os dentes para ela. — Eu tomei minha decisão.

Desta vez, acelerei o ritmo.

Ela gritou, correndo atrás de mim. Passamos por Celeste Ayi na sala, que inclinou a cabeça, curiosa. Abri a saída e comecei a descer as escadas quando ouvi minha mãe gritar atrás de mim.

— Espere.

Nada em mim queria virar e dar-lhe atenção, especialmente considerando o prazo iminente. Mesmo assim, eu me virei, observando-a no topo da escada.

Ela agarrou as lapelas do roupão, a outra mão apoiada no batente da porta. Como se ela não conseguisse se manter de pé.

Apertei meu controle sobre seu telefone roubado. — O quê?

— Eu não posso... — Ela fechou os olhos. Então, silêncio.

Olhei para o meu relógio. — Não pode o quê?

Eu precisava terminar o noivado com Eileen o mais rápido possível.

— Não posso... — Os olhos da mãe se abriram. Largos e protuberantes.

Ela pareceu surpresa por um segundo, como se tivesse visto algo que não esperava ver.

— Deixe isso, mãe.

Mas em vez de me responder, ela caiu sobre as pernas, como um

cervo tentando dar o primeiro passo, caiu no chão e morreu.

# CAPÍTULO OITENTA E OITO

*Zach*

## T-MENOS 3 DIAS.

Havia boas e más notícias.

A boa notícia era que minha mãe não morreu. Bom para minha consciência, bom para a saúde dela, positivo em todos os aspectos.

A má notícia era que eu estava atualmente sentado em um hospital de Chiang Mai com uma passagem cancelada de volta aos Estados Unidos, esperando mamãe acordar depois de um ataque cardíaco que ela sofreu, cortesia minha.

— Eu disse a você para não confrontá-la sobre Eileen. Você quase a matou. — Celeste Ayi andava de um lado para o outro pelo pequeno quarto, vestindo Chanel da cabeça aos pés, com compras online pelo telefone na mão. — Ah, acho que acabei de encontrar um par de Louboutins Moda Operandi. Ninguém saberá que são de segunda mão, certo?

Sentei-me ao lado da cama da minha mãe, olhando para a tela do meu telefone. — Os médicos disseram que foi um pequeno ataque cardíaco.

Encontrei a localização de Eileen no telefone da minha mãe algumas horas atrás e reservei um assento em todos os voos de volta para a próxima semana, só para garantir. Apenas no caso de mamãe demorar para acordar. E caso eu não conseguisse encontrar um voo privado.

Não havia nenhuma maneira de eu passar novamente pela experiência única da classe econômica.

— Bem, sim, mas quem vai ficar com ela até que ela receba alta?

— Celeste Ayi parou em frente à janela, ainda em busca de peças de grife. — *Eu*. E tenho uma temporada de Natal movimentada. Fui convidada para muitos eventos.

— Não, você não foi.

— Tudo bem, eu não fui. Mas fui convidada como acompanhante do povo.

Coloquei meu telefone no suporte ao lado da cama do hospital, batendo nele com o dedo. Dizer que eu não me importava com os compromissos sociais da minha tia era dizer o mínimo.

Quanto mais eu pensava sobre isso, mais difícil era me arrepender de ter confrontado minha mãe sobre o casamento. Claro, eu não a queria aqui. E claro, era fácil pensar isso quando eu sabia que a vida dela não estava em perigo real.

Mas finalmente encerrei o ciclo.

Poderíamos seguir em frente a partir daqui. Talvez até voltarmos ao nosso antigo relacionamento.

Antes de papai morrer.

Celeste Ayi parou de andar e se virou para mim. — Zachary?

— Sim?

— Você acha que eu deveria preparar uma bolsa? Afinal, ficarei aqui por muito tempo.

— Essa é uma boa ideia. Espero sair daqui nas próximas cinco horas.

Na verdade, eu precisava disso se quisesse pegar Farrow.

— Você quer alguma coisa do hotel? — Celeste colocou o telefone na Birkin. — Lanches? Artigos de higiene pessoal? Boas maneiras?

— Sou bom em todas as frentes. — Acenei para ela, olhando para minha tela, esperando uma ligação da empresa privada de fretamento. — Além de boas maneiras. Mas, francamente, simplesmente não consigo me importar.



Celeste Ayi torceu um canto da boca, parando na porta antes de sair.

Ela me lançou um olhar longo e duro. — Você mudou.

— Como assim?

— Você se tornou... — Ela contemplou a palavra certa. — *Humano.*

— OK.

Ela encolheu os ombros. — Eu não odeio isso, você sabe.

— Eu não ligo.

# CAPÍTULO OITENTA E NOVE

*Zach*

## T-MENOS 2 DIAS.

Duas horas.

Meu voo decolaria em duas horas. Direto para a Itália, onde Eileen vivia em uma luxuosa propriedade do segundo ex-marido de Celeste Ayi.

Eu pretendia romper o noivado com ela, demorando no máximo sete minutos e depois embarcando no jato de volta para Potomac faltando pouco menos de vinte e quatro horas para o fim do prazo.

Olhei para a visão imóvel de mamãe, os olhos fechados, a pele pálida e sem brilho. Ela parecia ter envelhecido alguns séculos.

E, no entanto, ela também parecia em paz.

Finalmente relaxada, aliviada pelo peso da nossa perda.

Os olhos da minha mãe moveram-se para a esquerda e para a direita sob as pálpebras. Inclinei-me para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto a observava.

As enfermeiras a encheram de remédios, cheia até a borda de analgésicos para combater a costela quebrada que o paramédico local lhe dera. Ela provavelmente estava acima da inflação.

Seus olhos se abriram no quarto escuro. A máquina ligada a ela continuou com batidas constantes.

Eu não sabia o que um bom filho faria neste momento. Eu não tinha muita experiência nesse departamento.

Se os papéis fossem invertidos e Farrow pairasse sobre minha cama de hospital, eu gostaria que ela segurasse minha mão.

Ainda assim, manteve a minha ao meu lado.

Afinal, eu *tinha acabado* de ameaçar cortar o contato com mamãe, caso ela contestasse meu relacionamento com Octi.

— Você está no hospital. — Recostei-me, percebendo que realmente sentia um alívio substancial ao vê-la acordar. — Como você está se sentindo?

Mamãe lançou a língua para lambar os lábios. Em vez disso, um grunhido escapou, o movimento era muito complicado para seu estado atual.

Ela fechou os olhos com força. — Estive melhor.

Eu não disse nada.

Mamãe respirou fundo, como se estivesse tentando ter certeza de que conseguiria. — O que aconteceu comigo?

— Um miniataque cardíaco. — Enfiei as mãos nos bolsos. — Muito leve, segundo os médicos. Atualmente você está na melhor instituição de saúde privada de Chiang Mai, com supervisão 24 horas por dia. Celeste Ayi está no hotel preparando uma bolsa. Eles querem que você fique por cinco dias para monitorar sua frequência cardíaca e fazer alguns exames gerais.

— Então por que me sinto tão... *tonta*? — Ela engoliu em seco e estremeceu, como se o mero movimento provocasse uma dor insuportável. — E com uma dor terrível?

— Os médicos realizaram RCP na villa. As compressões torácicas quebraram uma costela. É mais doloroso do que perigoso. Na verdade, não é nada perigoso. Apenas um desconforto. Você pode bombear mais analgésicos com este botão, se quiser. — Peguei a mão dela e a guiei até um controle remoto branco escondido no canto da cama.

Mamãe se engasgou um pouco. Sua boca se abriu.

Ela quase gritou quando a toquei.

— Desculpe. — Eu recuei. — Machucou?

— Não. — Ela balançou a cabeça, olhando para mim,

hipnotizada. — Eu só... você me tocou, Zach. Você nunca toca em ninguém. Não desde que seu pai faleceu.

— Farrow me ajudou com o toque. — Eu sorri, algo entre amargo e nostálgico. — Houve muita tentativa e erro.

Momentos embaraçosos.

Momentos alegres.

E apreciei cada um deles.

Lágrimas pendiam das pontas dos cílios inferiores.

— Posso... — Suas mãos tremiam. — Posso segurar sua mão? Eu sempre quis.

Mas ela não esperou por permissão. Ela apertou minha palma e entrelaçou nossos dedos. A pele seca e fria encontrou a minha.

Permaneci completamente imóvel enquanto ela levava as costas da minha mão aos lábios gelados e rachados, dando um beijo nos nós dos meus dedos.

Um tremor desagradável percorreu meu corpo, mas não me encolhi nem recuei. Não queria me jogar no chuveiro e aumentar a temperatura até a de uma chaleira fervendo.

Achava que estava curado.

Engraçado como sempre imaginei que todos os meus problemas desapareceriam se eu aprendesse a tocar. Nunca me ocorreu que o toque andava de mãos dadas com os sentimentos.

E a única pessoa cujo toque eu ansiava estava a milhares de quilômetros de distância, em um continente diferente, provavelmente brigando com um crocodilo só para mostrar a si mesma que conseguia.

Mamãe começou a chorar.

— Ela fez isso? — Eu mal conseguia entender seu sussurro rouco.  
— Ela fez você tocar de novo?

— Sim.

*Você não tem ideia. Ela me ensinou mais do que eu jamais poderia esperar aprender.*

— Mas como?

A notícia deve ter quebrado um pedaço do seu cérebro.

Ela investiu toda a entrada de uma megamansão em psicólogos, terapeutas, médicos e até hipnotizadores. Especialistas de todo o mundo. Os melhores em suas áreas.

Nenhum deles jamais conseguiu me ajudar.

Nem um pouco.

— Simples. — Tirei minha mão de seu aperto. — Ela tornou tocá-la totalmente irresistível. Ela me mostrou calor, coragem e uma paixão pela vida que nunca vi antes. Ela me fez esquecer do trabalho. Sobre conquistas vazias. Ela me fez... — Lembrei-me do meu tempo com Farrow. Um pequeno sorriso se formou em meus lábios. — Ela me fez comer junk food. E beber cerveja de merda.

— Ah, Zachary. — Mamãe parecia igualmente chocada e divertida. — Isso é extremamente desagradável. — Ela fez uma pausa, e um sorriso começou a se espalhar. — Mas isso deixou você feliz?

— Isso me deixou emocionado. Antes de Farrow, eu tinha esquecido como ser feliz. Eu daria qualquer coisa para trazê-la de volta.

Mamãe olhou para suas pernas cobertas. Uma ruga apareceu no espaço entre suas sobrancelhas. A mulher que usava máscaras faciais de mil dólares envelheceu uma década em poucas horas.

Ela parecia indefesa contra o mundo.

— Preciso contar uma coisa, Zachary.

Eu olhei para ela em silêncio.

Eu não menti quando disse a Farrow que achava que alguém no universo estava brincando comigo. Meu voo partiria em noventa e sete minutos.

A contagem regressiva passava a cada segundo.

Enquanto isso, sentava-me no meio de uma confissão no leito de morte, sem o leito de morte. Um truque tão cruel do destino que, apesar das infinitas oportunidades de ter essa discussão em casa, optamos por debater o clima e as ações em vez de almoços insossos.

— O que é?

— Eu... — Mamãe levou o punho aos lábios para suprimir a tosse. Veias azuis e roxas corriam nas costas de sua mão como um mapa familiar. — Eu respeito Farrow por lidar bem com a maneira como a tratei.

— Além da tentativa de suborno?

Sim, eu testemunhei isso. Pelas janelas salientes no primeiro dia de Farrow.

A visão dela recusando o cheque despertou curiosidade em mim.

— Sim. Alguns truques mesquinhos para tirá-la do seu pé. — Mamãe olhou para seus pés cobertos. — Ela se defendeu bem.

— Ela é forte assim.

Talvez eu devesse estar com raiva.

Eu não estava.

Para começar, esperava por isso. Na verdade, eu esperava pior.

Em segundo lugar, Farrow Ballantine conseguia aguentar-se. Ela prosperou com pequenas vitórias. Seria inútil travar todas as batalhas por ela quando tudo o que fez de Octi a mulher que eu amava poderia ser resumido em seu coração.

Forte, vibrante, revestido de aço e quente.

Mamãe fez uma pausa. — A propósito, ela recusou o dinheiro.

— Eu sei.

— O acordo dela com você foi provavelmente mais lucrativo do que o que eu ofereci.

— Eu também sei disso.

— E você não acha que ela é uma garimpeira?

— Não. — Não deixei espaço para dúvidas em minha voz.

Pergunta respondida.

Caso encerrado.

Se ela pressionasse, eu cumpriria minha ameaça e iria embora. Permanentemente.

— Eu também não acho que ela seja uma garimpeira. — Mamãe tocou a cânula em sua mão, sem olhar nos meus olhos. — Mas esse não é o meu ponto.

Olhei meu relógio, perturbado pela perspectiva de perder meu voo e arruinar qualquer chance com minha pequena e *não* garimpeira mal-humorada. — Aonde *você* quer chegar?

— Que você poderia fazer pior. — Ela não se atreveu a olhar para mim. — Acho que Eileen está mentindo para você.

— Sobre?

— Sua personalidade, sua aversão ao toque, pedaços de sua história. Faça sua escolha.

Não foi um choque. Principalmente porque eu já a tinha no topo da minha lista de merda pelo crime de recusar a terminar quando nunca tivemos um relacionamento real.

Qualquer característica negativa extra só poderia ser considerada um bônus.

— Isso não faz diferença. O noivado sempre foi uma farsa. Não tenho intenção de me casar com ela. A melhor pergunta é por que você deixaria seu filho se casar com uma mentirosa.

— Porque ela moldou a vida dela em torno da sua. Alguém disposto a fazer isso é alguém disposto a mantê-lo seguro.

— Eu não preciso estar seguro.

Eu finalmente estava percebendo isso. A cada toque. Cada chuva. Cada impulso horrível naquele Prius mortal.

Cada vez que me contive, tornei-me menor como pessoa. Havia tanto risco em dar saltos quanto em não saltar.

— Você precisa. — Ela disparou para frente, sem conseguir gritar ou se mover para onde queria, mas eu sabia que ela o faria se pudesse. — Você é a única coisa que resta no meu mundo. Não amo ninguém mais do que amo você. Você não percebe isso?

— Não brinca, eu sei.

Ela nem sequer me repreendeu pela minha linguagem, muito ocupada me incutindo seu ponto de vista. — Você precisa estar seguro. Seu pai iria querer você vivo e feliz.

— Eu *serei* feliz. Contanto que eu tenha Farrow. Quanto a estar vivo... — Fiz uma pausa, mergulhando os dedos no cabelo. — Não posso prometer ser perfeito em todos os momentos, mas certamente aprendi que a vida é valiosa. — *E não através da chamada lição de Oliver.* — Não vou correr riscos desnecessários. Mas não se engane: também não vou me encolher de medo.

O *som* dos meus sapatos contra os azulejos me assustou. Eu não tinha percebido o quanto a perspectiva de interromper mamãe me deixava chateado.

Na verdade, antes do acidente, tínhamos um vínculo incrível.

Cada vez que eu via mamãe se comportar como uma estranha, lembranças latentes da infância invadiam minha mente, destruindo minha raiva. Filmes noturnos. Dias de fliperama surpresa. Fazendo suas próprias noites de bolinho de massa. Até Romeo queria se mudar para nossa casa.

Era verdade que ele tinha outros motivos.

Esperei ansiosamente pela resposta da minha mãe.

*Deixe-me viver minha vida do jeito que eu quiser. Fique feliz por mim.*

Ela baixou o queixo até o pescoço. — O que será necessário para



você não me excluir?

Na hora certa, os bipes do monitor de frequência cardíaca tocaram mais rápido, ganhando velocidade.

Eu respondi imediatamente. — Aceite o fim do meu noivado.

— Feito.

— Aceite Farrow. — Desta vez, peguei a mão dela na minha, colocando-a na palma da minha mão. — E, eventualmente, ame-a como sua própria filha. Ela nunca teve família, mãe. — Enrolei meus dedos nos dela. — Ela nunca segurou a mão de uma mãe. Eu prometo que quando você a conhecer, *realmente* a conhecer, você a amará tanto quanto eu.

Com a mão livre, mamãe traçou a costura onde nossas palmas se tocavam, quase paralisadas. — Você realmente a ama?

— Sim. — Sem hesitação. Apenas a verdade fácil. — Fico totalmente perturbado quando ela não está comigo.

Mamãe apertou minha mão depois de um momento, arrastando os olhos até os meus. — Combinado.

— Também...

Ela recostou a cabeça no travesseiro, os lábios formando um gemido. — Tem mais?

— Última coisa. Promessa. — *E aquilo a que você mais pode resistir.* — Eu quero que você procure ajuda. Para sua ansiedade.

— Eu não tenho ansiedade.

— Você tem.

— Eu me recuso a tomar comprimidos.

— Existem outros métodos, mas se um médico recomendar e os comprimidos forem a melhor opção, preciso saber que você fará de tudo para melhorar. No mínimo, quero que você fale com alguém qualificado para ajudá-la.

O monitor de frequência cardíaca enlouqueceu.

Ela balançou a cabeça. — Mas-

— Eu preciso de tudo ou nada, mãe.

— Tudo bem. — Ela soltou um suspiro, olhando para o lado por um momento. Finalmente, ela voltou seu olhar para mim. — Vejo você olhando para o relógio a cada dez segundos. Pegue o jato. Vá buscar sua esposa, Zachary.

# CAPÍTULO NOVENTA

*Farrow*

## T-MENOS 1 DIA.

*Será aqui que eu morrerei.*

Na galeria de arte sagrada e nunca antes vista, onde ninguém era autorizado a entrar. Espalhada no chão de epóxi sem vida. Cercada por arte de valor inestimável. Respingos de sangue camuflados pelo assustador Jackson Pollock preto e vermelho.

No mínimo, não conseguia encontrar uma única explicação alternativa para o motivo pelo qual Zachary Sun tinha me mandado para sua assustadora garagem subterrânea.

Ao longo das semanas, cataloguei todos os itens que Romeo e Oliver levaram para meu estúdio. Nada desapareceu e eu não possuía mais nada.

De jeito nenhum ele só me queria aqui para me mostrar todas as coisas que eu nunca possuiria.

Saí do elevador, meio que esperando que algo saltasse em mim. A chave eletrônica cuspiu de uma fenda do outro lado, provocando em mim um grito assustado.

— Bem-vinda, Srta. Ballantine.

E outro grito, cortesia da voz robótica da IA na entrada.

Duas portas duplas de vidro se abriram, convidando-me para o espaço principal. Se esta fosse a noite de sua caça às noivas, de jeito nenhum eu poderia ter invadido esta fortaleza.

Projetores iluminaram setas brancas no chão. Elas levaram até o final da galeria. Tão profundo que não consegui distinguir nada além de um borrão.

— Por favor, siga o caminho guiado.

Pisei numa flecha, mantendo os pés diretamente na coluna, como se ela fosse uma tábua de madeira numa ponte de corda. Um passo errado e *vamoosh*.

A ideia de sair da linha e quebrar uma obra-prima de cinco milhões de dólares picou minha mente enquanto eu passava por estátuas, pinturas, torrões e corredores, concentrada demais em meus passos para absorver tudo.

Assim que cheguei à última flecha, ousei olhar para cima. Dezenas de caixas, tubos e prateleiras espalhadas pela seção vazia da galeria.

— Por favor, recolha seus pertences, Srta. Ballantine.

Apontei para mim mesma, sentindo-me cinquenta tons de ridículo. — Eu?

— Sim.

— Oh.

Eu não esperava uma resposta. Nem tinha planejado isso, aliás. Na verdade, eu precisaria de um caminhão de mudança e de uma equipe para tirar tudo isso.

Ainda assim, a curiosidade levou a melhor sobre mim. Passei o dedo em uma caixa de camurça aleatória, puxando a tampa.

Meus joelhos cederam um pouco.

Algo dourado nadava num mar de cetim vermelho.

*Sem chance.*

Peguei-o num instante, aproximando-o para admirar. — O anel mindinho do papai.

Um gigante de ouro puro.

Naturalmente, Vera o leiloou com o primeiro lote de seus objetos de valor há dois anos.

Coloquei-o no meu polegar. Ainda solto, mas resolvi usar a todo custo.

A voz robótica interrompeu o momento. — Sr. Sun repatriou os pertences do Sr. Ballantine.

Isso me estimulou a agir.

Corri para a estante de arte. As réplicas de pinturas do meu pai ocupavam cerca de trinta fileiras, ordenadas em ordem alfabética. Até mesmo *Salvator Mundi* de Da Vinci. Colocada em uma prateleira de classificação de galeria, como se a réplica merecesse tanto cuidado quanto a coleção de bilhões de dólares de Zach.

Zachary Sun conseguiu coletar todos os itens que Vera vendeu. O Rolex, as pedras preciosas, a porcelana antiga.

Oh, meu Deus.

*Oh, meu Deus.*

Devia ter levado muito tempo e esforço.

Quando ele começou a planejar isso?

*Por que* ele começou a planejar isso?

Eu não conseguiria tirar o sorriso bobo dos meus lábios, mesmo que tentasse. Eu não *queria*. E pensar que passei os últimos trinta dias com tanto medo daquela maldita chave.

*Que covarde, Fae. Você deveria saber melhor. Os melhores presentes são embrulhados da maneira que você menos espera.*

Inclinei a cabeça para trás, examinando os cantos da sala até avistar uma câmera.

Uma luz vermelha piscando para mim.

Eu acenei de volta. — Obrigada, Zach. Verdadeiramente.

Então corri para outra caixa, abrindo a tampa com um salto vertiginoso.

A escultura em mosaico de dois pombinhos que ocupava a

mesinha de cabeceira ao lado da cama do papai e da Vera. Ele ficou obcecado por esta peça durante a quarta lua de mel em Veneza.

Esta veio com uma carta do revendedor. Tirei a cartolina pesada do envelope.

*Senhor Sun,*

*Não gosto de ser ameaçado de desembolsar o que equivale a um centavo em sua riqueza artística.*

*No futuro, caso você queira roubar minha coleção muito mais modesta, sugiro uma troca educada.*

*Cumprimentos,*

*William St.*

*PS: Você ganhou uma coleção tão extensa ao ameaçar todos os colecionadores do mundo?*

*Kamran Izadi me informou recentemente que você também confiscou uma réplica do Lobster Telephone da casa dele.*

Eu gritei, os pés soando pela garagem enquanto eu corria de caixa em caixa, tentando encontrá-lo.

Quando finalmente desenterrei a lagosta, levei-a até o peito, girando em círculos. — Sempre quis isso para o meu próprio quarto.

— Você disse alguma coisa, Srta. Ballantine?

Ignorei a voz do robô, uma peça solitária chamando minha atenção. Uma caixa esculpida à mão que não reconheci estava em cima dela. Com o coração na garganta, tirei a tampa, ofegando com seu conteúdo.

O pingente.

Ali, em toda a sua glória.

Com sua exuberante borla verde e leão esculpido à mão.

Afastei meu cabelo do rosto, apertando os olhos para ter certeza de que via direito. Realmente estava aqui. Até a borla aparada torta, cortesia minha.

Levei o pingente aos lábios, selando-o com um beijo. Meus olhos se depararam com um bilhete escrito à mão, preso no topo da caixa.

*Sou um bastardo ganancioso, Farrow Ballantine.*

*Que você é o suficiente para mim diz tudo.*

Z

# CAPÍTULO NOVENTA E UM

*Zach*

## T-MENOS 1 DIA.

Sempre tão caridosa, a chuva aumentou minha miséria quando desembarquei na Itália.

Desci a escada sem casaco, com muita pressa para pegar um.

Um motorista estava parado diante da porta traseira aberta de um Rolls Royce Droptail. Eu não sabia nada sobre ele. Não me aprofundei em uma verificação de antecedentes.

E logo, eu deixaria esse estranho me levar na chuva.

Por Farrow, oficialmente quebrei todas as minhas regras.

Eu acenei para ele se afastar, deslizando para dentro e fechando a porta sozinho. — Casa al Mare. 10 mil se você conseguir me levar lá na metade do tempo.

Quatro minutos.

A conversa precisava ser concluída em quatro minutos. Isso me daria tempo suficiente para voar de volta para Maryland, trocar-me, tomar banho e depois localizar Farrow.

Passamos por fileiras e mais fileiras de vilas exuberantes. Ignorei todas elas, verificando um alerta do meu sistema de segurança.

*Farrow.*

Na galeria. Girando com esculturas aleatórias como uma estudante.

Ela finalmente pegou o pingente. Ela só levou trinta malditos dias. Mas não seria Octi se ela não me empurrasse para além da minha zona de conforto.



O Rolls Royce chegou a uma mansão de calcário, com vista para uma faixa particular do golfo. Abri a porta e subi os degraus de paralelepípedos antes mesmo de o carro parar.

“Canon in D” de Pachelbel tocava em algum lugar nos fundos. Segui as notas pesadas até o terraço enorme, esperando arrancar os alto-falantes.

Em vez disso, fiquei cara a cara com um violoncelista.

Ele fez uma pausa, inclinando a cabeça para mim, os lábios curvados ao ver meu cabelo rebelde e minha roupa de dois dias atrás. — Posso ajudar?

— Se você quiser continuar sua carreira musical, sugiro que largue seu arco e cale a boca.

— Zee Zee. — Eileen se esticou em um tapete de ioga, passando da pose do bastão para a pose da montanha. — Que bom ver você.

*Zee Zee?*

De todos os piores apelidos pelos quais já fui chamado, esse estava no topo da lista. Acima de Rumbleforeskin de Oliver e Zachy Poo Poo de Ayi.

Ignorei sua saudação, fui até a mesa ao lado dela e larguei meu telefone, iniciando o cronômetro.

Ela fez uma pausa, apontando para ele. — O que é isso?

— Esta conversa precisa ser concluída em quatro minutos.

— Mas-

— Eu diria que terminamos, Srta. Yang, mas nunca começamos realmente. — Peguei meu telefone, olhando para o cronômetro. *Faltam 3 minutos e 56 segundos.* — Isso demorou menos do que eu esperava.

Deixei para trás uma rajada de vento enquanto redirecionava para a saída.

O lugar era tudo que eu esperava do segundo ex-marido de Celeste Ayi. Chamativo, exagerado e cheio de ouro. Sofá dourado.

Mesas douradas. Máquina de café expresso dourada.

Eileen me perseguiu. — Espere. É isso?

Continuei andando. — O que mais há a dizer?

— Não sei? — Ela acenou com as mãos, correndo agora. — Qualquer coisa.

— Infelizmente, seu desespero me deixou sem palavras. — Entrei no carro, poupando-lhe um último pensamento antes de me despedir dela para sempre. — Fique com a porra do anel. Adeus, Eileen.

# CAPÍTULO NOVENTA E DOIS

*Zach*

**DIA D.**

*Chega de riscos desnecessários.*

Uma violenta tempestade me saudou perto do final do meu voo para casa. Sentei-me a uma mesa esboçando o que planejava dizer a Octi.

A cabine balançou para frente e para trás, derrubando minha bebida no bloco de notas. Chá gelado, não uísque. Eu precisava estar sóbrio para isso.

As palavras na página cresceram antes de se confundirem.

*Amável.*

Não que isso importasse.

Eu tinha escrito aproximadamente três palavras, sem saber como convencer Farrow a passar o resto da vida comigo.

— Sr. Sun? — A comissária se aproximou, agarrando-se à beirada da mesa para se apoiar. — Estamos voando em meio a uma forte turbulência. O capitão aconselhou você a colocar o cinto de segurança.

— É seguro voar?

— Tenho certeza que é.

— Somente respostas sim ou não.

Ela mexeu na saia lápis, olhando para a cabine. — Vou trazer de volta o copiloto. Um momento.

Enquanto ela saía correndo, voltei ao problema maior em

questão. Eu não tinha experiência com pessoas, muito menos com relacionamentos.

O casamento forçado de Romeo com Dallas dificilmente poderia ser considerado o auge do romance.

Quanto a Ollie, seu único compromisso até o momento era com a mão direita. (E mesmo isso podia ser considerado duvidoso, dada a ala inteira de sua mansão dedicada a brinquedos sexuais.)

— Sr. Sun? — O copiloto ocupou o assento à minha frente, apoiando o tablet no suporte. — Uma tempestade repentina atingiu nosso caminho. Estamos acima de Delaware agora. — Ele apontou para um ponto no mapa. — Podemos ter que contornar a tempestade e circular no ar até que seja seguro pousar.

Verifiquei meu relógio. — Isso aumentará o tempo do voo?

— Talvez uma hora para contornar a tempestade. Não há ETA sobre quanto tempo estaremos circulando até que os limites de visibilidade sejam atingidos e possamos pousar. — Ele diminuiu o zoom no mapa. — Como está, faltam pouco mais de trinta minutos para o pouso. Temos combustível suficiente para durar dez horas, se necessário.

Eu não podia nem um minuto.

De acordo com Romeo, Farrow estaria em uma competição de esgrima dentro de algumas horas. Planejava assistir tudo com ela depois de convencê-la a se casar comigo.

Eu segurei seu olhar, jogando meu bloco de notas arruinado para o lado. — Continuaremos neste caminho.

— Não podemos. O Aeródromo de Potomac nos contatou. Não é seguro pousar lá. Ou em qualquer lugar da região de DC, aliás.

— Eu preciso estar em Potomac. *Agora.*

— Nossa alternativa é pousar agora em Delaware. São cerca de quatro horas de carro até Potomac, mas há uma tempestade aqui também. A visibilidade é melhor, mas não ótima.

— É seguro pousar?

— Seguro? Sim. — Ele inclinou a cabeça, balançando um pouco.  
— Confortável? Não.

— Vamos fazê-lo.

Pelo menos dirigir garantiria que eu chegaria antes do final do evento. Eu não poderia correr o risco de não conseguir.

O copiloto ainda estava me olhando.

— Por que você ainda está aqui? — Arqueei uma sobrancelha. — Você tem um avião para pilotar.

*Não estava bem*, porque minutos depois, caiu de cabeça.

Balancei-me para frente, grunhindo enquanto meu estômago afundava na mesa.

A comissária de bordo correu para o meu lado e verificou novamente meu cinto de segurança, puxando com força a alça. Outra sacudida violenta a fez voar para o assento à minha frente.

Ela se arrastou até ficar sentada, lutando contra cada solavanco cruel.

— Mantenha o cinto de segurança, Sr. Sun.

*Não me diga.*

Levantei a janela, olhando para o abismo. Confetes brancos varriam em uma nevasca de alabastro e cinza.

No meio da descida, a neve se transformou em chuva. Gotas pesadas bateram no vidro.

— É sempre assim? — A aeromoça apertou o braço do assento, deixando cair a cabeça para trás. — Estou há apenas três meses neste trabalho. Esta é minha primeira tempestade.

Eu a ignorei, lutando para me manter firme enquanto o avião nos jogava girando e girando como um liquidificador. O tablet do copiloto caiu da mesa no tapete, acionando sua playlist. “I Want to Hold Your Hand” dos Beatles.

Uma guinada violenta bateu minha cabeça na parede. A música mudou. “Bookends” de Simon & Garfunkel.

A mesma música tocando quando papai morreu.

De repente, não consegui ouvir meus próprios pensamentos.

*Carros buzinando.*

*Chuva torrencial.*

*A espada e o polvo na janela.*

Outro salto brusco.

*O pingente.*

Eu voei no meu assento, caindo de volta com um baque.

*As almas não têm preço, Zach. Tente proteger a sua da maneira que puder.*

Encostei o queixo no peito, lutando contra a turbulência. — Estou tentando, pai.

*Um dia você aprenderá a apreciar coisas bonitas.*

— Aprendi, pai. O nome dela é Farrow.

*Mais barulhos.*

*Amantes desafortunados.*

*Uma buzina.*

Eu finalmente aprendi a apreciar coisas bonitas e morreria no ar antes de poder vê-la novamente.

*Os olhos arregalados do papai.*

*Seu torso colidindo com o meu.*

*Gotejamento, gotejamento, gotejamento.*

O avião caiu rapidamente, atravessando a chuva.

*Você está bem, Zachary. Você está bem.*

— Não estou, pai. — Enfie os dedos nas alças, quase arrancando-

as com as unhas. — Estamos caindo muito rápido.

*O galho.*

*O sangue.*

*A faca.*

Eu não queria me lembrar de nada disso.

*Os lábios do papai se movendo.*

*Sua única lágrima.*

*Suas últimas palavras.*

Nós batemos na pista com um *baque enorme*. Minha mão voou do resto, batendo na janela.

A chuva caía do céu como balas. O avião diminuiu a velocidade, mas abaixei a cabeça até os joelhos, as sobrancelhas franzidas.

*Suas últimas palavras, suas últimas palavras, suas últimas palavras.*

— O que você está dizendo, *caramba*?

A comissária desafivelou o cinto e correu em minha direção. Ela descansou a mão nas minhas costas. — Você está bem, Sr. Sun?

— *Não.*

Finalmente me lembrei das últimas palavras de papai.

# CAPÍTULO NOVENTA E TRÊS

*Zach*

**DIA D.**

*Natureza: 3.*

*Zach Sun: 0.*

Demorou cinco horas para chegar à arena esportiva. Cinco horas em um carro alugado de merda, sustentado por Gorilla Glue<sup>20</sup> e orações.

Eu não tomava banho nem me trocava há três dias, tendo esquecido minha bagagem em Chiang Mai. Parecia particularmente cruel que, para alguém que proibia os funcionários de usar produtos perfumados, eu tivesse que sofrer cinco malditas horas com meu próprio fedor.

No último trecho de trinta minutos, o aquecedor teve uma morte cruel. A temperatura caiu para quatro graus em poucos minutos. Eu ainda não tinha encontrado um maldito casaco.

Eu lutei na chuva, com os nós dos dedos cor de leite, torcendo para conseguir sobreviver antes do fim da competição.

A placa da arena brilhava na chuva como um farol. Milhares de carros lotaram o estacionamento de ponta a ponta.

Sem chance de encontrar uma vaga, estacionei em uma zona de reboque bem na frente, batendo a porta atrás de mim.

— É melhor que ela esteja aqui.

Seria apenas uma sorte minha ser mal orientado por um horrível jogo de telefone. Eu consegui a localização de Fae através de Romeo, que obtive sua localização através de Dallas, que obtive sua localização através de Hettie, que obtive sua localização através de



Frankie, que eu considerava tão confiável quanto o método de retirada.

Enfieí minha carteira inteira na bilheteria e passei pela barreira sem esperar. O conteúdo do bolso interno do meu terno batia no meu peito a cada passo.

Meu mocassim direito caiu enquanto eu corria pelos corredores como um touro. Não tive tempo de pegá-lo.

Uma criança saiu correndo do meu caminho. Ele deixou cair o algodão doce, chorando ao me ver.

Eu só podia presumir minha aparência. As bochechas ficaram rosadas por ficarem geladas, pouco antes do congelamento. Lábios definidos em uma linha firme. Cabelo dançando com o vento.

Na verdade, Farrow escolheu a pior estação para me curar.

*Tão frio.*

O corredor sangrou na arena, onde milhares de pessoas aplaudiram nos assentos do estádio. Eu nunca a encontraria nesta multidão.

— Atenção: a partida final começa em três minutos.

As palavras ecoaram nos alto-falantes em todos os cantos. Veio de uma cabine na beira da arquibancada.

Marchei até lá, peguei o microfone do locutor horrorizado e desfilei até o centro da pista, determinado demais para processar qualquer constrangimento.

Toquei no microfone. — Farrow Ballantine?

O burburinho da multidão acalmou antes de aumentar novamente.

Uma fileira de esgrimistas uniformizados parou a poucos metros de distância, olhando para mim através das máscaras. Um deles cutucou o outro e apontou para mim com a ponta de uma espada.

— Farrow. — Girei cento e oitenta, tentando localizá-la no mar

de rostos. — Você está aqui?

— Que porra você está fazendo?

Veio de um cara aleatório no estádio.

Passei o polegar pelo queixo, falando no microfone com os dentes cerrados. — A merda que estou fazendo é tentando recuperar minha garota.

A multidão explodiu em pandemônio.

A maioria gritou.

Alguns zombaram.

E eu oficialmente estava sem interesse para dar.

— Meu Deus, esse homem está bem. — Uma mulher assobiou. — Vista-me como uma casquinha de sorvete e deixe-me lambê-lo.

Eu me tornaria motivo de chacota em um minuto, e *foda-se*. Eu não queria estender um ramo de oliveira. Eu queria dar a Farrow Ballantine toda a maldita árvore.

— Farrow... — Puxei meus ombros para trás, olhando para a multidão de pessoas sem rosto. — Todo o nosso relacionamento tem sido um segredo. Escondido nos becos escuros de nossas vidas. Não mais. Quer você me aceite ou me rejeite, cansei de fingir que não sou seu.

— E aí, cara. — Outro maldito questionador. — Onde está seu sapato?

Todo o público riu.

Continuei, ignorando-os. — Passei toda a minha vida adulta vivendo sem realmente viver. Você brilhou em minha vida de forma tão inesperada. Um pouco de ar fresco. Você me ensinou como seguir em frente, como superar meu passado e como *viver*. Posso *tocar* novamente.

Alguém assobiou.

Mais risadinhas.

Talvez eu devesse ter me importado em revelar meu segredo para o mundo, mas não o fiz. Trazer Farrow de volta era mais importante.

— Agora mesmo, dirigi cinco horas na chuva em um carro alugado de merda e não pulei fora, não vomitei, não parei. Isso é tudo você, Octi. — Girei, encarando a outra metade da multidão, cobrindo minhas bases. — Lamento não ter visto isso antes. Que não fiz de você minha prioridade no minuto em que conheci você. Você merece muito mais.

Agarrei o microfone com mais força. Minha visão ficou turva. Eu tinha dormido aproximadamente seis horas, distribuídas por quatro dias. — Lembra quando você me contou sobre o *Telefone Lobster*? Você estava certa. Todo mundo tem uma obra de arte favorita. Você é a minha.

Silêncio.

Todas as pessoas em toda a arena ficaram completamente em silêncio.

Onde diabos estava Farrow?

*Droga. Vou queimar todos os seus cartões de crédito, Frankie.*

— Com licença? — Uma oficial bateu em meu ombro, arrastando os pés de um pé para o outro. Ela brincou com a ponta do rabo de cavalo. — Temos uma partida agora.

— Adie isso.

— Mas-

Eu olhei para ela até que ela saiu correndo.

Sozinho novamente, fui para a outra metade do estádio, ajustando meu controle sobre o microfone. — Farrow, tentei lutar contra o feitiço em que você me colocou. Eu menti para mim mesmo. Eu menti para você. A vida é uma bagunça. O amor é arriscado. E eu estava perfeitamente seguro na minha bolha estéril.

Eu não me importava de ter um público sem rosto. Não me importava que eu estivesse abrindo meu coração.

Pela primeira vez, eu precisava ser corajoso com meu coração.

Eu respirei fundo.

— Eu não queria admitir que não tinha controle total sobre mim mesmo. Mas é verdade. Não tenho. — Fiz um gesto para meu estado desleixado como prova. — Estou tão incontrolavelmente louco por você. Desde que conheci você, não houve um único dia em que cada segundo não fosse consumido por pensamentos sobre você.

Ao ouvir minhas palavras, um único esgrimista entre a fileira de competidores recuou.

*Farrow.*

Seus ombros começaram a tremer, sacudindo todo o seu corpo. Ela parecia muito mais magra em seu uniforme, tão franzina que mal a reconheci.

Nunca me ocorreu que seu mês de exame de consciência seria tão difícil para ela. Dallas me garantiu, repetidas vezes, que ela estava prosperando.

Meu coração afundou na boca do estômago. A visão dela chorando desencadeou o caos em mim.

Fui até ela, pegando sua mão enluvada. — Não tive oportunidade de pegar o anel de noivado em casa, mas trouxe isto.

Quando me afastei, seus braços estavam cruzados sobre a barriga, os ombros ainda tremendo.

Enfiei a mão no bolso interno do terno e tirei um tênis surrado e rasgado. Aquele que ela deixou para trás meses atrás.

A multidão começou a clamar novamente, sussurros serpenteando até nós.

— *Isso é um sapato?*

— *Talvez ele devesse encontrar seu próprio sapato primeiro.*

— *Ai, credo. Essa coisa pertence à contenção de materiais perigosos.*

Ignorando o barulho, ajoelhei-me e peguei a mão de Fae

novamente, falando ao microfone para silenciar o estádio.

— Eu sei que o mundo é horrível, feio e cansativo. Eu sei que isso machucou você, traiu e destruiu sua alma. Mas se ainda resta um pingo de amor em você, seria egoísmo da minha parte pedi-lo? Eu prometo que vou protegê-la. Eu prometo que vou proteger você. — Apertei a mão dela através da luva fortemente acolchoada. — Eu amo você, Farrow Ballantine. Você quer se casar comigo?

Dos assentos, um cachorrinho preto correu até nós e arrancou o sapato da minha mão, correndo em círculos com ele preso entre os molaes.

*Merda.*

— Você disse amor?

Levantei a cabeça ao ouvir a voz, girando quando percebi que ela vinha de trás de mim.

Farrow Ballantine estava diante de mim em toda a sua glória.

Linda, de tirar o fôlego, e brilhante, e *minha*.

Ela tinha bochechas coradas, um sorriso tímido e um uniforme de treinador coberto por um cordão de identificação.

Pela primeira vez em um mês, eu me senti vivo novamente.

— *Farrow.*

A esgrimista que eu confundi com Farrow arrancou a máscara, revelando uma pré-adolescente magra com o rosto pintado numa careta.

— Desculpe, cara. Um segundo, eu estava rindo. E no próximo, você invadiu aqui. — Ela encolheu os ombros, recuando. — Você apenas agarrou minha mão, cara. Eu não sabia o que fazer.

Ao longe, a risada distinta de Oliver perfurou o momento. A multidão permaneceu em silêncio, ansiosa para acompanhar nossa conversa, agora que eu havia abandonado o microfone.

Farrow pegou minha mão, entrelaçando nossos dedos. — Você

disse amor?

Apesar do quase congelamento, tudo que pude sentir foi calor.

Segurei suas bochechas, juntando nossas testas, respirando-a.

— Estou loucamente apaixonado por você, Farrow. Você me consumiu completamente. Coração, corpo e alma. Não há mais ninguém. Nunca houve. Nunca haverá.

— Zach... — Ela olhou para a pista e depois olhou para mim sob uma cortina de cílios incrivelmente longos. — O que é isso?

Esfreguei minha nuca. — Uma declaração de amor. Um esquema rastejante. E... uma proposta de casamento?

Pela primeira vez desde o acidente, abri mão do controle.

Eu estava voando para o desconhecido sem um plano, completamente sob os caprichos do destino, e assustado. Com apenas as últimas palavras do meu pai e a mulher dos meus sonhos para me acompanhar.

Eu nunca me senti tão vivo.

— Você percebe que isso é tão diferente de você.

— Eu sei.

— E que todos no estado saberão disso em uma hora.

— Eu não ligo.

— Incluindo sua mãe.

— Ela aprova nosso relacionamento.

Os lábios de Farrow se separaram. — Ela aprova?

— Eu juro.

Ao ouvir minhas palavras, ela assentiu, processando a notícia.

Finalmente, ela apertou minha mão, olhando para onde nos juntamos. — Conte-me algo sobre o polvo.

Eu respondi sem perder o ritmo: — O polvo ocupa o primeiro

lugar no reino animal em camuflagem. Ele pode mudar de cor em um instante, contorcer o próprio corpo e reorganizar os braços. Isso é o que você fez. Você entrou na minha vida fingindo ser um problema e acabou sendo minha solução. Minha salvação.

Na hora certa, o cachorro correu até nós, deixando cair o sapato de Fae na pista com um latido. Eu mataria o dono do merdinha se não estivesse tão ansioso para pedir Octi em casamento neste exato momento.

Caindo de joelhos, peguei seu tornozelo, tirei seu tênis e o substituí pelo sapato velho que ela havia deixado para trás. Um pequeno suspiro passou por seus lábios.

— Ajuste perfeito. Assim como você. — Olhei para ela, fazendo um círculo em seu tornozelo. — Diga sim, Farrow.

Ela afundou os dentes no lábio inferior, fingindo hesitação, mas eu sabia que ela escondia um sorriso por baixo daquela mordida. — Chegamos ao fim do jogo agora?

— Baby, não somos apenas o fim do jogo. Estamos em nossa própria liga. Por favor, acabe com meu sofrimento e diga sim.

Nossos amigos – correção: nossa *família* – materializaram-se na beira da pista, emitindo suas opiniões não solicitadas em rápida sucessão.

Romeo tirou algo de seu terno. — Estou envergonhado por você, Zachary.

Dallas deu um tapa em seu ombro. — Por que você não confessou seu amor por mim em público?

— Levei um *tiro* por você em público. — Ele se virou para Fae, balançando a cabeça em minha direção. — A única maneira de ele poder mostrar sua cara nesta cidade novamente é se você disser sim.

Farrow bufou, seu tornozelo balançando em minhas mãos com o movimento.

Frankie empurrou Romeo para fora do caminho, lutando para se

aproximar de nós. — Todos nós sabemos sua resposta, Fae. Você pode se apressar? Ele tem sido um idiota miserável desde que você saiu.

— Diga sim, garota. — Dallas pulou para cima e para baixo, mantendo a barriga imóvel. — Além disso, você sabia que os cérebros dos polvos têm o formato de donuts? Épico.

Fae começou a rir. Ela apertou a barriga, lutando para ficar de pé com um pé em minhas mãos.

*Você não teria que lutar tanto se apenas dissesse sim, caramba.*

— Isso é bom demais. — Oliver bateu palmas lentamente. — Eu sou o último solteiro de pé. Isso significa que ganhei a aposta?

Hettie ficou de lado, carregando um pote de alguma coisa na frente dela. — Ainda bem que comprei pipoca.

Os dedos de Farrow enrolaram-se em torno de sua garganta. Um *barulho audível* passou por seus lábios.

Ela admirou nossos amigos por mais um momento antes de voltar seu olhar para o meu. — Você me deu uma família.

— Eu não tive nada a ver com isso. — Balancei minha cabeça. — Você ganhou uma família sozinha. Eles amam você.

Seus dedos caíram.

Ela puxou os ombros para trás, toda profissional agora. — Se nos casarmos, espero manter minha independência.

— Feito.

— Vou continuar trabalhando em tempo integral. Como treinadora.

— Claro.

Eu sabia, em primeira mão, que ela seria a melhor nisso.

— E... e... e... — Ela levou a ponta do dedo aos lábios, pensando muito. — Eu ainda discutirei com você constantemente. Você não será capaz de voltar às minhas boas graças com bolsas de grife.



— Isso é bom. Vou me enterrar em suas boas graças com suas coisas favoritas.

— E o que são essas?

— Fatos e orgasmos.

Farrow respirou fundo. Meus batimentos cardíacos se intensificaram. A euforia decantou sobre mim como água de nascente.

Meu estúpido coração inchou a um tamanho impossível, um balão prestes a estourar.

*Diga sim, menina. Vamos.*

Um sorriso surgiu em suas bochechas. O riso dançou em seus lábios. Ela engoliu.

Finalmente – *finalmente* – ela me deu sua resposta.

— *Sim.*

Levantei-me, peguei-a em meus braços e dei-lhe o beijo mais profundo, mais faminto e mais real que já havíamos compartilhado.

Nossos amigos explodiram em aplausos, levando a multidão ao caos também. Todos ao nosso redor aplaudiram, assobiaram e gritaram.

Até o cachorro idiota começou a correr em círculos ao nosso redor, latindo.

— Oh. — Fae riu durante nosso beijo, estalando os dedos ao se lembrar de algo. — Eu tenho um cachorro agora.

— *Nós* temos um cachorro agora — falei contra seus lábios, recusando-me a me separar. E caramba, agora tínhamos um cachorro.

— Oliver diz que você odeia bagunça.

— Só quando essa bagunça é o próprio Oliver.

Ela se afastou um pouco. Seu polegar viajou até meu pescoço, roçando logo abaixo da minha orelha. — Eu descobri por que amo você.

Nossos narizes se tocaram.

Eu aninhei o meu contra o dela enquanto tentávamos acalmar a respiração. — Por quê?

— Você é minha casa.

— Eu descobri por que amo você — retruquei.

— E por quê?

— Você faz minha alma cuspir fogo, meu lindo desejo sombrio.

# EPÍLOGO

*Zach*

## UM MÊS DEPOIS.

Acordei com uma cotovelada nas costelas.

Em vez de responder, segurei Farrow por trás, afastando seu cabelo dos meus olhos.

— Baby, você está acordado?

Com um suspiro, olhei para o relógio na mesa de cabeceira. Cinco e quinze da manhã.

*Estou acordado?*

Depende.

Estava acordado para ouvir Octi me dizer que mamãe implorou a ela – *de novo* – para considerar um casamento em Nova York, embora Fae claramente queira ficar em Potomac?

Não. Isso podia esperar até de manhã.

Mas estava acordado para uma terceira rodada de levar minha noiva contra a parede do chuveiro?

Estava.

Afinal, higiene é minha paixão.

Farrow estendeu a mão para a mesa de cabeceira e pegou seu telefone vibrando. Suas sobranceiras franzindo para a tela.

— Zach. — Ela me deu uma cotovelada com mais força, provocando um pequeno grunhido. — Diga-me que você está acordado.

Fechei os olhos, apertando-a mais perto do meu peito. Tinha um

bom palpite sobre o que ela estava prestes a dizer e não queria sair da cama por causa disso.

Na verdade, eu ficaria feliz em continuar fazendo o que tínhamos feito no mês passado. Não sair de casa.

Toda vez que Dallas vinha arrastar Farrow para uma noite de garotas, eu lutava contra a vontade de prender uma rosquinha em uma vara de pescar e conduzi-la de volta para a rua como uma ovelha.

— Zach. — Octi girou em meus braços, passando a ponta do dedo pelo meu nariz. — Acorde.

Eu mantive minhas pálpebras coladas.

— Isso não é engraçado.

Nenhuma resposta.

— Vamos fazer sexo.

Meus olhos se abriram. Eu me atirei sobre ela, cobrindo cada centímetro de seu rosto com beijos.

— Seu cachorro com chifres. — Ela riu, desvencilhando-se do meu abraço. — Dallas vai ter o bebê. Precisamos chegar ao hospital agora.

— Por quê? Não fomos nós que a engravidamos.

Beijei seu pescoço, segurando seu seio e trazendo o mamilo à minha boca.

Dormíamos nus por razões óbvias. Não houve uma única noite em que não tivéssemos acordado – suados e necessitados – para fazer sexo, apenas para lembrar um ao outro que podíamos.

Agora que não tinha mais medo de tocar, era meu dever social recuperar o tempo perdido.

Fae rolou e ficou de pé. — É uma reunião de emergência.

Apoiei a cabeça no punho, observando-a da nossa cama.

Ela pegou a calcinha e o sutiã do chão, parando para acrescentar:

— Dallas disse que quer que todos estejam lá, para que possamos escolher o nome.

— Eu não poderia me importar menos se ela quisesse dar ao bebê o nome de seu restaurante favorito. — Farrow me lançou um olhar de advertência. Meu sorriso desapareceu. — Não, ela não quer.

— Ela quer. — Ela estremeceu, caminhando até o closet, apenas para voltar com um moletom cinza enorme e uma calça jeans que de alguma forma ainda a fazia parecer uma modelo. — Em sua defesa, o nome do restaurante é Antonio's.

Eu olhei para ela, sorrindo. Apenas observá-la existir era o suficiente para me tirar do sério.

Ela abotoou a calça jeans e inclinou a cabeça para o lado. — Zachary.

— Senhora?

— Coloque suas roupas. Vamos para o hospital.

— Eu nem gosto de Dallas — menti.

Ela era ok, eu achava.

Para um humano.

Farrow pegou sua bolsa e a jogou por cima do ombro. — Mas você gosta de mim.

— Eu *não* gosto de você, Farrow Ballantine. Sou totalmente obcecado por você.

\* \* \*

O *bip, bip, bip constante* das máquinas do hospital ecoava pelo corredor da ala maternidade.

Os tênis de Fae rangeram no chão de linóleo. Ela apertou a caixa de donuts com mais força contra o peito, correndo mais rápido do que

a situação exigia.

Pontuei cada um de seus passos com um suspiro óbvio, embora nunca tivesse estado tão feliz em toda a minha maldita vida.

Farrow já tinha batido na suíte de Dallas quando deslizei ao lado dela. Como de costume, a saudação de Dallas e Romeo me deu vontade de lavar os ouvidos.

Octi passou pela porta antes mesmo de Romeo conseguir falar: — Está aberta.

— Assim como minha vagina, aparentemente. — Dallas levantou o cobertor como se precisássemos de confirmação visual. — Ei, lágrimas de terceiro grau.

*Mate-me agora.*

Por que esse casal tão desagradavelmente compartilhava tanta informação?

Não conseguia imaginar deixar alguém se aproximar de Farrow tão pouco depois de dar à luz o meu filho.

Mas *podia* imaginar vividamente uma situação em que ela daria à luz o nosso bebê.

— Aqui. — Minha noiva depositou a caixa da Gwenie's Pastries nos braços ansiosos de Dallas. — Duas dúzias de donuts shakoy, exatamente como você pediu. Você parece incrível.

Ela não parecia incrível. Parecia que ela tinha acabado de voltar de uma luta com um urso. E perdido.

Mas apreciava como Farrow sempre tinha uma palavra gentil de sobra quando se tratava das pessoas que ela amava.

Eu abracei Romeo, um desenvolvimento recente, mas não indesejável. — Parabéns.

— Obrigado, cara. — Sem brincadeira, as pontas das orelhas dele ficaram vermelhas.

Olhei ao redor do quarto espaçoso. — Falando nisso, onde está o

bebê?

— As enfermeiras o levaram para me dar uma folga. — Dallas enfiou um doce na garganta. — Ele já estará de volta, para que todos possamos vê-lo e escolher um nome. — Ela se levantou como um bumerangue, jogando o donut no peito de Romeo para bater palmas. — Eu reduzi a lista para trinta.

*Sim, yay.*

Este seria um longo dia.

Romeo ficou rígido, a palma da mão parando no meio da camisa esfarrapada. — *Todos?*

No momento perfeito, Oliver e Frankie irromperam pela porta sem bater. Eles usavam estados de desalento correspondentes. Cabelos bagunçados. Roupas amassadas. Uma mancha de batom vermelho descendo até o queixo de Frankie.

Minha primeira suposição, claro, foi o tango horizontal.

Minha segunda opção foi a mais desequilibrada – e, portanto, provavelmente correta.

E com certeza, um chilrear explodiu no ar.

*Não, eles não.*

Dallas colocava donuts na boca, ocupada demais para notar o estado de seus dois visitantes. — Ei, pessoal. Obrigada por ter vindo.

Ollie enfiou a camisa na calça, limpando a garganta. — O prazer é meu.

Ninguém além de Dallas perdeu a insinuação.

Farrow me lançou um olhar horrorizado de WTF<sup>21</sup>. Por uma boa razão.

Oliver e Frankie eram uma má ideia. Ela não só era escandalosamente mais jovem que ele, mas ambos também não tinham moral ou princípios.

Esses dois demônios colocariam fogo no mundo inteiro se

quisessem fritar um bife.

Felizmente, era como eu esperava, e Frankie pegou um pote cheio de buracos em cima, colocando-o em uma mesa de centro do outro lado do quarto. — Desculpe, estamos atrasados. Nós pegamos isso sozinhos.

Oliver tirou grama do ombro. — Quase morri lutando contra um deles.

Frankie caiu no sofá, com a mão na testa. — Zach nos disse que os grilos são um símbolo de sorte e um bom presságio para muitas, muitas crianças.

— Eu não disse para pegá-los. — Empurrei Ollie para longe com um único dedo indicador quando sua bunda coberta de lama passou um pouco perto demais para me sentir confortável.

Viu? Apaixonado por higiene.

Oliver espiou embaixo da cama do hospital. — Onde está o pequeno acréscimo à família?

Romeo tirou as migalhas de sua camisa com uma das mãos e acariciou a cabeça de Dallas com a outra. — A caminho.

Frankie correu até o frigobar no canto, pegando duas garrafas de água de dentro.

Ela acenou para o rosto. — Meu Deus. Eu sou a única que está quente?

Ollie levantou a cabeça debaixo da cama como uma marmota. — Até um ponto nuclear, baby.

Ela entregou a ele uma Voss e eles engoliram.

— Está muito frio. — Dallas torceu o nariz. — Então, talvez seja porque rasguei a pele entre a vagina e o reto, basicamente, eu me sinto como um peru de Ação de Graças prestes a ser recheado com cebola, batata doce e ervas. — Ela franziu a testa. — Deus, isso parece delicioso.

Assim que Oliver caiu no sofá, a sala inteira virou um caos.



Sentei-me no canto, olhando meu telefone enquanto todo mundo falava e argumentava, pairando sobre Dallas como se ela tivesse acabado de voltar de uma viagem de quatorze meses a Marte.

— *Mais analgésicos?*

— *Você já bebeu água? Você precisa de água, Dal.*

— *Você está desejando um banquete de Ação de Graças? Tenho certeza de que fevereiro também é época de abóboras.*

Uma batida interrompeu a loucura.

Desviei do meu telefone a tempo de ver uma enfermeira entrando com uma escotilha transparente. Oliver, Frankie e Farrow se aglomeraram em volta, prendendo a respiração.

Eu me arrastei, imaginando que veria o motivo de toda essa agitação.

Não era fã de bebês. Eles eram barulhentos e totalmente inúteis, mesmo para os padrões humanos.

Devia, no entanto, admitir que o bebê produzido por Dallas e Romeo era bonito. Ao contrário da maioria dos recém-nascidos, ele não se parecia com um político amargo repreendendo um funcionário humilde.

Ele virou a cabeça um pouco, oferecendo-me uma visão melhor. As melhores características de Dallas e Romeo mostravam a disputa em seu rosto.

De Dallas – nariz de botão e lábios vermelhos proeminentes em formato de morango.

E de Romeo – uma mecha de cabelo preto emaranhando sua cabecinha e cílios suficientes para aquecer um rebanho de lhamas.

— Meu Deus. — Frankie bateu com a mão no peito, enfiando todo o corpo na escotilha. — Dallas, ele é lindo!

— Eu sei. — Dallas saiu da cama com um sorriso e empurrou a escotilha para o lado de Romeo. — Ele vai partir muitos corações.

O bebê estava dormindo profundamente, assim como eu deveria estar a esta hora.

— E tacos de beisebol. — Oliver zombou com um golpe. — Esses pais não saberão como lidar com o bebê Costa.

Romeo e Dallas sorriram para o filho. Um desejo súbito e selvagem de produzir um herdeiro com Farrow me atingiu.

Não queria esperar até amanhã.

Eu queria fazer isso hoje.

— Vamos examinar os trinta nomes. — Dallas limpou a garganta, desvendando uma lista que obviamente tinha mais de trinta.

Farrow balançou a cabeça, os olhos fixos na criança. — Luca.

— Huh? — A cabeça de Dallas se levantou, a boca entreaberta. — Não, isso... isso nem está na minha lista. — Ela balançou o rolo de anotações em sua mão, o papel balançando ao vento.

— Pense nisso. — Farrow encontrou o olhar dela, um pequeno sorriso nos lábios. — Luca.

— Luca. — Romeo brincou com o nome, repetindo-o algumas vezes. Ele acariciou o dedo na bochecha do filho. — Eu gosto do som disso. Forte. Italiano.

— Significa portador de luz. — Dallas segurava sua pesquisa no Google. — Ele trouxe muita luz para minha vida, mesmo antes de nascer.

E assim, Luca Salvatore Costa foi apresentado ao mundo, rodeado da família.

Mais tarde, consegui chegar ao estacionamento antes de não poder mais me conter. — Eu quero um também.

— O quê? Um Toyota Camry? — Farrow olhou para o carro mais próximo, que por acaso era um veículo enferrujado que já tinha visto dias melhores. Nos anos oitenta. — Tenho certeza de que podemos pagar.

— Um bebê.

Eu parei no Prius dela. Porque, sim, Farrow ainda dirigia seu estúpido Prius, que ela amava demais e também chamava de Priscilla.

Outro resquício irritante de sua vida pré-noiva: o apartamento. Assim que voltou, ela transformou o estúdio em um escritório para reuniões de negócios.

*Tudo bem.* Eu amava sua independência feroz.

— Você quer um bebê? — Ela cambaleou contra o carro. — Zach, é ilegal apenas pegar um-

— Não da maternidade. *Cristo.* — Eu ri, adorando que ela mexesse comigo. — Um nosso.

— Ainda nem somos casados. — Ela franziu as sobrancelhas. — Na verdade, não conseguimos nem definir uma data ou um *estado* para o casamento.

Coisas verdadeiras.

Um problema, cortesia da minha mãe excessivamente entusiasmada.

Conseguimos consertar as coisas rapidamente após o confronto na Tailândia. Principalmente porque ela apareceu na minha porta no primeiro dia de volta, prometeu processar sua dor com um terapeuta e até me ajudou a encontrar a aliança de casamento.

Uma esmeralda deslumbrante cercada por rubis cintilantes.

Pertencia à família da mamãe por gerações.

Cru. Assim como Octi.

Arranquei as chaves das mãos de Farrow. — Podemos ter um filho sem sermos casados.

Ela escondeu uma risadinha com as pontas dos dedos. — Sua mãe teria outro ataque cardíaco se tivéssemos um filho fora do casamento.

— Verdade. — Acariciei meu queixo. Agora vivia a vida nos meus próprios termos, mas isso não significava que irritaria os desejos da

minha mãe se eles não interferissem na minha felicidade.

— Que tal Las Vegas?

— Vegas? — Os olhos de Farrow brilharam. — Tipo, fugir?

Eu concordei. — Sem catering, sem discussões sobre o local, sem arranjos florais que você precisa reservar com três anos de antecedência. Você pode usar seus tênis e equipamento de esgrima favoritos e ninguém vacilará.

Mentiras.

Mamãe faria isso.

Mas eu não me importava. Um pequeno preço a se pagar. Além disso, ainda realizaríamos a tradicional cerimônia do chá.

Farrow mordeu o lábio inferior. — E quanto a Ari? Eu era solteira quando ela começou a planejar seu casamento.

Dei de ombros. — Você dorme, você perde.

*Além disso, ela provavelmente seria a primeira a aparecer – e com um caminhão cheio de champanhe.*

— Você realmente quer tanto se casar, hein? — Farrow torceu o nariz. — Parece um pouco desesperado para mim.

— Baby. — Enganchei um dedo na gola de seu moletom, puxando-a para mim para um beijo. — Sou desesperado quando se trata de você.

\* \* \*

***Farrow***

**TRÊS SEMANAS DEPOIS.**

— E você, Farrow Talia Ballantine, aceita este homem como seu legítimo marido?

O imitador de Elvis se virou para mim, segurando um livro que tinha noventa por cento de certeza de ser um romance alienígena que uma vez peguei Dallas lendo.

Manchas misteriosas espalhavam-se pelo tapete vermelho da capela. Flores de plástico brotavam de vasos empoeirados da Dollar Tree. Um teto rosa flamingo elevava-se acima de nossas cabeças, supervisionando toda a cerimônia.

Elegante? Não.

Perfeito? Absolutamente.

Eu sorri para Zach. — Eu aceito.

Ele não podia me ver com minha máscara de esgrima. Na verdade, nós dois estávamos vestidos com equipamento de esgrima da cabeça aos pés.

Na verdade, queríamos, no mínimo, escolher um vestido e um terno adequados, mas acabamos passando as últimas três semanas na cama, distraídos por algo muito, *muito* maior.

Nenhum de nós se importava.

Eu queria que todos os meus queridos amigos nos vissem fazendo papel de idiotas, e Zach realizou esse desejo.

Elvis se virou para Zach, olhando para ele por trás de óculos escuros enormes. — E você, Zachary Yibo Sun, aceita esta mulher como sua legítima esposa?

— Eu aceito.

— Você pode beijar a noiva.

Nós dois tiramos as máscaras, suados e sorrindo.

Ele tirou uma luva, jogou-a para trás e mergulhou os dedos em meu cabelo, beijando-me ao som das vaias e gritos de nossa família.

Constance jogou flores em nós.

Celeste girou em seu elegante vestido de baile de dezessete mil dólares.

Dallas e Frankie jogaram doces em mim.

Ari e seu noivo sorriram um para o outro.

Quando finalmente interrompemos o beijo – principalmente para não envergonhar nossa família – ainda estava sem fôlego.

Meu coração batia muito rápido, muito alto. Sentia-me como uma geleia, quente demais para aguentar. Zach segurou meu cotovelo quando meus joelhos tremeram.

Esperava que ele me pegasse no estilo nupcial.

Em vez disso, ele passou um braço em volta da minha cintura e me bateu contra seu peito, carregando-me com as pernas enroladas em seu torso. Vantagens do uniforme de esgrima.

Joguei minha cabeça para trás, quente e confusa, percebendo estar verdadeiramente, descaradamente, totalmente feliz.

Ele deu um beijo na minha testa, caminhando pelo corredor com facilidade. Eu relaxei nos braços do meu marido. O único lar verdadeiro que já conheci.

— Zach?

— Sim, esposa?

— Conte-me algo sobre o polvo.

— Vou dar a você algo melhor.

— Oh? O que é isso?

— As últimas palavras do meu pai.

Eu congelei.

Ele deu um beijo na minha têmpora antes de se inclinar em meu ouvido, sussurrando para que só eu ouvisse:

— *Os pingentes unem duas almas. O destino sabe o que não sabemos.*

***Fim***

## Notas

[←1]





[←2]

Filho da puta.

[←3]

Brilho das mechas loiras.

[←4]

O grau *Magna Cum Laude* é concedido aos alunos com coeficiente de rendimento acumulado igual ou superior a 9,0 (nove) e o grau *Cum Laude*, aos alunos com CRA igual ou superior a 8,0 (oito).

[←5]

District of Columbia, Maryland, Northern Virginia.

[←6]

Sinto muito, otário.

[←7]

Go é um jogo de estratégia abstrato para dois jogadores em que o objetivo é capturar mais território que o oponente, cercando espaços vazios. O jogo foi inventado na China há mais de 2.500 anos e é considerado um dos jogos de tabuleiro mais antigos jogados continuamente até os dias atuais.

[←8]

*Cai Fora e Ovo Estúpido.*

[←9]

Tia.



[←10]

Em guarda.

[←11]

Frango Laranja.

Farinha Despropositada.

“Encontro de Amor”, filme de 2002.

[←14]

Uma pessoa ou animal que é muito bom em escapar.

[←15]

Uma das maiores cadeias de supermercados do mundo, fundada em 1913 na Alemanha.

[←16]

A pavlova é uma sobremesa em forma de bolo e à base de merengue, cujo nome é uma homenagem à bailarina russa Anna Pavlova. É crocante por fora e macio por dentro, sendo por vezes decorado com frutas em cima.

[←17]

“Feitos um para o Outro”, filme de 1989.



[←18]

Um chaebol é um grande conglomerado industrial que é administrado e controlado por uma família na Coreia do Sul.

[←19]

Que Deus o vença.

Cola americana multiuso ideal para reparos fortes em superfícies irregulares e uso em ambientes internos e externos. Cola facilmente plástico, metal, pedra, vidro, espuma, tijolo, cerâmica, madeira.

[←21]

What The Fuck – Que Porra é Essa?